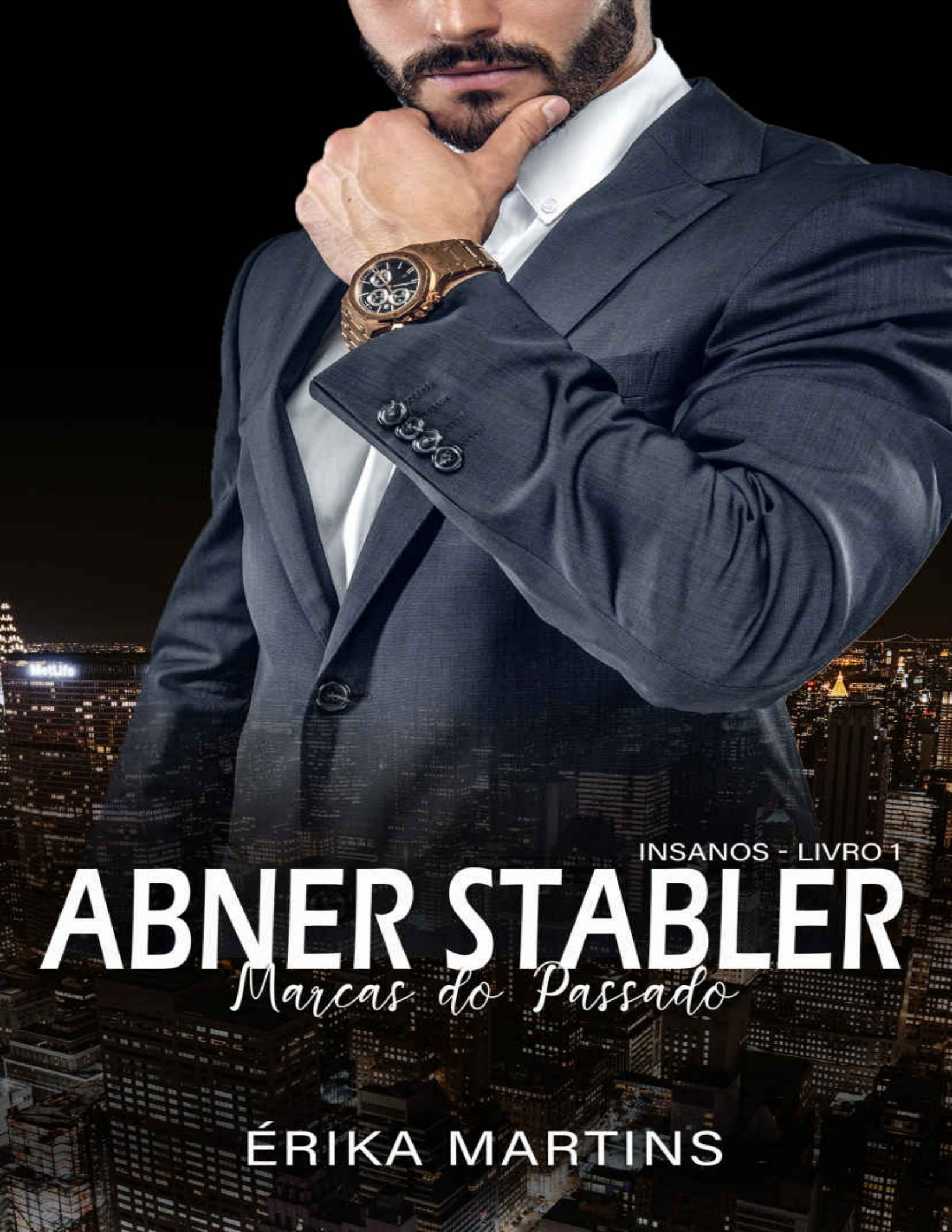




INSANOS - LIVRO 1

ABNER STABLER

Marcas do Passado

ÉRIKA MARTINS



PERIGOSAS NACIONAIS

INSANOS - LIVRO 1

ABNER STABLER

Marcas do Passado

ÉRIKA MARTINS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 ÉRIKA MARTINS

Capa: Mari Sales

Revisão: Morgana Brunner

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ABNER STABLER – MARCAS DO PASSADO

Insanos 1

1ª Edição

2019

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Querido leitor,](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

[Capítulo Quarenta e Seis](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo Quarenta e Sete](#)

[Capítulo Quarenta e Oito](#)

[Capítulo Quarenta e Nove](#)

[Capítulo Cinquenta](#)

[Capítulo Cinquenta e Um](#)

[Capítulo Cinquenta e Dois](#)

[Capítulo Cinquenta e Três](#)

[Capítulo Cinquenta e Quatro](#)

[Capítulo Cinquenta e Cinco](#)

[Capítulo Cinquenta e Seis](#)

[Capítulo Cinquenta e Sete](#)

[Capítulo Cinquenta e Oito](#)

[Capítulo Cinquenta e Nove](#)

[Capítulo Sessenta](#)

[Capítulo Sessenta e Um](#)

[Capítulo Sessenta e Dois](#)

[Capítulo Sessenta e Três](#)

[Capítulo Sessenta e Quatro](#)

[Capítulo Sessenta e Cinco](#)

[Capítulo Sessenta e Seis](#)

[Capítulo Sessenta e Sete](#)

[Capítulo Sessenta e Oito](#)

[Capítulo Sessenta e Nove](#)

[Capítulo Setenta](#)

[Capítulo Setenta e Um](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo Setenta e Dois](#)

[Capítulo Setenta e Três](#)

[Capítulo Setenta e Quatro](#)

[Capítulo Setenta e Cinco](#)

[Capítulo Setenta e Seis](#)

[Capítulo Setenta e Sete](#)

[Capítulo Setenta e Oito](#)

[Capítulo Setenta e Nove](#)

[Capítulo Oitenta](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo Bônus](#)

PERIGOSAS ACHERON

Querido leitor,

Em primeiro lugar gostaria de agradecer por ter dado uma oportunidade para conhecer a história de Abner e Carolina. No entanto, também gostaria de citar alguns pontos antes de mergulhar neste romance incrível.

Em *Abner – Marcas do Passado*, não é citado um lugar específico, além da cidade, onde desenrola a história. Deixe sua imaginação livre para encontrar o lugar perfeito, qualquer semelhança a realidade é mera coincidência.

Peço que deixe sua mente aberta, aproveite o livro e se apaixone por mais esse casal incrível.

PERIGOSAS NACIONAIS

Boa leitura!

Com carinho, Erika Martins.

PERIGOSAS ACHERON

Não ser amado é falta de sorte, mas não
amar é a própria infelicidade.

([Albert Camus](#))

Para Raquel, por nossa amizade

Por todo apoio

Por todas as ideias

Obrigada!

Capítulo Um

Abner Stabler

Quando saí da minha cama no mesmo horário de sempre, não pude evitar de sentir o meu mau humor. Não que isto fosse algo incomum, mas era algo que me incomodava. Ser o mal-humorado da família era o meu título oficial e eu desejava um dia perder o posto para alguém. *Mas quem?* Não desejava que nenhum dos meus irmãos carregasse nos ombros o mesmo peso do que eu.

Sem tentar pensar muito sobre o passado sombrio que já enfrentei, me joguei em um banho gelado mesmo sobre o frio que fazia em Nova

York. Precisava daquele gelo para me manter de pé, a frieza daquela água se equiparava a que espreitava em meu peito.

Depois de me enfiar em um terno, dirigi até a casa dos meus pais para nosso costumeiro café da manhã em família. Isto era algo que eu não poderia fugir. Eles jamais permitiram minha falta. Sei que essa coisa de ir lá todas as manhãs foi criada para que não me deixassem sozinho.

Se eu gosto desses cafés? Não, eu não gosto.

Preferiria o silêncio de todas as manhãs que meu apartamento me oferecia, porém, mesmo assim, enfrento o barulhento café da manhã dos Stabler.

Mas então, por que eu continuo indo encontrar com eles? A resposta para essa pergunta é muito fácil.

Primeiro, se eu não aparecer na casa dos meus pais no mesmo horário de sempre, eles mandariam nossa equipe de segurança para arrastarem o meu traseiro até lá sem o direito de reclamar.

E segundo, apesar de tudo o que já tinha me acontecido, eu amo demais minha família. Não poderia fazer nada para magoá-los, mesmo que eu não tenha manhãs silenciosas, não poderia ficar longe deles. Amava minha família.

Estacionei meu carro na garagem da casa dos meus pais e os seguranças de escolta seguiram para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o estacionamento. Desci do carro e fui direto para a cozinha onde encontraria todos, ou melhor, encontraria meus pais, já que tenho a certeza de que meus irmãos estavam atrasados. Como todos os dias.

— Bom dia, meu filho. — Minha mãe disse assim que me viu entrando.

— Bom dia, mãe — murmuro e lhe dou um beijo na testa.

Meu pai sorriu para mim, também lhe dei um beijo no rosto, e depois acenou para que me sentasse. Antes, dei um beijo em nossa empregada Rose, que na verdade fazia parte da nossa família desde que me entendo por gente.

PERIGOSAS ACHERON

Sentei-me e meu pai me passou um jornal. Era automático, praticamos a mesma coisa há anos e não queríamos mudar. Permanecemos em silêncio. Eles sabiam que eu precisava daquela calma, claro que não iria durar muito tempo, mas eu sempre aproveitava até o último segundo.

Servi uma xícara de café puro e abri o jornal.

— Bom dia! — Elliot grita antes mesmo de passar pela porta.

Nunca seria capaz de entender como ele conseguia ser tão animado e sorridente as sete horas da manhã. A única certeza que tinha era que aqueles preciosos segundos de silêncio, e calma, chegavam ao seu fim no exato instante que ele

PERIGOSAS ACHERON

gritou.

Nem mesmo deu tempo de apreciar o silêncio e já havia acabado.

— Bom dia. — Meus pais o respondem juntos.

Eu somente murmuro e o ignoro, havia praticado muito e ficado bom em fingir que ele não estava sorrindo.

Elliot beija meus pais carinhosamente, sempre fomos ensinados a demonstrar afeto entre nós.

Depois, ele me olhou sorrindo.

Levanto o jornal um pouco mais impedindo que ele continuasse a me encarar. Tentei ler alguma coisa, mas claro que Elliot não estava tão disposto a

desistir. Ele nunca desistia com facilidade.

O que me fez segurar um suspiro.

— Quer um beijinho também, Abner? — Me provocou.

— Vá se ferrar, Elliot — murmuro e tomo um gole do meu café.

— Você é uma mocinha mal-humorada. — Se sentou próximo de mim com a intenção de continuar me irritando.

— Bastardo! — digo e tentando ignorá-lo.

— Somos — afirmou e eu sabia que ele estava sorrindo. — Da mesma fornada ainda por cima.

Ignorei.

Eu era o irmão que nasceu primeiro, automaticamente o mais velho por minutos, mas no mesmo dia também nasceu Elliot e Ethan. Apesar dos longos vinte e oito anos que se tenham passado, nós somos e sempre fomos muito unidos. Talvez seja a coisa de trigêmeos, ou como Elliot gostava de dizer, nosso cordão umbilical ainda era bem forte.

— Deixe seu irmão em paz. — Meu pai murmurou sem levantar o rosto de seu jornal.

— Sempre soube que Abner era seu filho preferido. — Elliot protestou.

Tinha vontade de socar a cara dele quando falava essas besteiras, mas preferi continuar o

PERIGOSAS ACHERON

ignorando.

— Eu sou seu preferido, neh, mãe?

— Sempre. — Ela nem pensou duas vezes antes de concordar.

Era mais fácil concordar com ele, do que entrar em uma discussão boba de que eles amavam todos seus filhos por iguais.

Elliot sendo Elliot.

Satisfeito em ouvir a resposta dela, ele a beijou novamente e depois foi até Rose. Levantei o jornal para me impedir de assistir a mesma cena de todas as manhãs. Ele a agarraria e ela ficaria brava, por sorte, ou falha do destino, Ethan chegaria e os dois

iriam competir por ela.

— Bom dia, Rose, está linda essa manhã.

Rose riu alto.

— Pare com isso, menino, me respeita! — Ela o repreende e ele gargalha.

Agora é o momento em que Elliot começa a babar no rosto dela, em outras palavras, enche o rosto de Rose de beijos e a segura firme.

— Para, Rose, eu sei que é louca por mim. — Elliot protesta.

— Deixa de ser idiota, ela é louca por mim! — Ethan entra na cozinha.

Ele se apressa para agarrar Rose pelo outro lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como eu disse antes, por sorte, ou falha do destino, Ethan sempre chega na hora certa. Acredito mais na segunda opção, apesar de que às vezes cogito a ideia de que eles combinam fazer isto. Não duvidaria de que possam fazer algo assim.

Abaixo meu jornal e os vejo competir por ela.

— A deixem em paz, meninos! — Mamãe os repreende e meu pai continua a ler seu jornal sabendo que não adiantaria tentar intervir.

Eu também fazia parte daquela cena, não era como se eu pudesse fugir. Crescemos fazendo a mesma coisa com Rose, não mudaríamos agora. Tomei o resto do meu café e me levantei. Caminhei até eles e puxei Rose das mãos dos meus irmãos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gêmeos, a resgatando de toda aquela melação.

— Parem com isto, Rose é minha! — afirmo.

O barulho de saltos anuncia a chegada de Alice, atrasada.

Como sempre.

— Ela não é de vocês e sim minha! — Alice diz reivindicando seu lugar.

A bastarda caçula da família, alguém que eu nunca poderia viver sem, ela sorriu para mim antes de puxar Rose. A abraçou com enorme carinho. Com Alice não havia como competir, ela nos tinha amarrados em seu dedo mindinho.

...

PERIGOSAS ACHERON

Sair da casa dos meus pais era muito mais difícil do que ir para lá. Apesar de gostar de ficar sozinho, eu também gostava de estar com eles. Contraditório, eu sei. Mesmo que já sendo um homem de vinte e oito anos, sair da proteção da casa deles trazia a costumeira frieza em meu peito novamente.

Ouvir as risadas e comentários bobos dos meus irmãos aquecia-me um pouco, mesmo ainda gostando do silêncio, estar em família com a paz instalada entre todos fazia-me bem.

Porém, sair dali trazia o homem frio que me tornei. Sem ter tempo para muita coisa, me despedi de todos e fui para o meu carro. A escolta da frente

passou e eu fiquei no meio, como sempre, enquanto os veículos de escolta cobriram a traseira do meu carro.

Dirigi para a sede dos Stabler. Construímos o prédio depois que meu pai resolveu se aposentar. Ethan ficava com a cobertura, se formou em Administração e Economia, era o responsável por coordenar todo o nosso patrimônio. Fazia as empresas da família funcionarem em perfeita harmonia e nos deixava mais ricos a cada dia que passava.

O meu andar era logo abaixo do dele, sou advogado especialista em direito penal e criminal, no entanto, controlava os contratos das empresas

PERIGOSAS NACIONAIS

Stabler. Não que eu gostasse, mas Ethan precisava de alguém para dividir o trabalho burocrático. Minha equipe garantia que todos nossos acordos e contratações estivessem em perfeita ordem.

Já Elliot, ficava no andar abaixo do meu. Fato que deixava minha vida bem difícil, já que ele vivia em minha sala me perturbando. Apesar de ser tão inconveniente, trabalhava muito. Pelo menos era o que eu tentava acreditar. Formou-se em direito e batalhou por anos para conseguir se tornar o juiz famoso que era hoje. Lutou para reivindicar seu lugar e se orgulhava do trabalho que fazia nos crimes graves. O palhaço da família tinha um lado justiceiro que era de se admirar.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar de cada um escolher individualmente suas carreiras, sempre estávamos dispostos a ajudar uns aos outros. Principalmente Ethan, ele tinha mais trabalho do que eu e Elliot juntos. Não gostávamos muito daquela burocracia, mas não medíamos esforços para ajudá-lo. Nosso pai era e ainda é um bom investidor. Durante seus anos no comando, ele colecionou investimentos que ninguém queria e deu um jeito para erguê-los. Agora era o nosso trabalho mantê-los de pé, quero dizer, era o trabalho de Ethan. O que o deixava bastante sobrecarregado.

Saindo do padrão de protocolo que seguimos, estacionei na porta de nosso prédio e desci. Joguei

a chave do carro para Marcelo, o chefe da minha segurança que me olhava feio, e caminhei para dentro. No caminho, não cumprimentei ninguém, nem mesmo um simples bom dia. Esse era um efeito que meu mau humor causava, não tenho costume de ser gentil e também não pretendo ser educado com ninguém.

Meu celular vibrou no bolso, peguei para olhar e era uma mensagem boba de Elliot no grupo, que ele mesmo criou para os irmãos Stabler. Eu admirava a forma de que meu irmão levava a vida, mesmo que isto fosse irritante na maioria das vezes, mas Elliot encarava tudo com bom humor e leveza.

Coloquei o celular no bolso e no segundo em

PERIGOSAS ACHERON

que me distraí, senti um pequeno corpo bater no meu. Por puro impulso, segurei os braços finos em minhas grandes mãos. Impedindo sua queda.

Ouvi um suspiro e então percebi o cabelo cor de mel, no mesmo nível que meu peito.

— *Perdón! Yo* estava distraída... Mil *perdón!*

Era uma voz doce e carregada por um sotaque espanhol. Seu rosto levantou e me prendeu com a beleza dos seus olhos, tão verdes quanto belas esmeraldas. Linda. *Muito linda*. Traços tão delicados que quase me deixaram de quatro.

Meu estado de choque saiu no exato instante em que senti meu corpo reagir a sua presença. Seu

cheiro trouxe um desejo estranho de querer tê-la somente para mim. O incômodo em minha calça me fez voltar na defensiva e ser o mesmo Abner grosso e mal-educado de sempre.

Soltei seus braços imediatamente como se me queimasse tocá-la.

— Olhe por onde anda! — rosnei a exclamação.

Caminhei para longe dela o mais rápido que consegui. Aliviado pela distância, entrei no elevador e olhei para o volume em minha virilha.

Que porra é essa?

Quando o elevador parou no meu andar, já tinha tomado o controle do meu corpo de volta. Sentia-

PERIGOSAS NACIONAIS

me um pouco descrente com a reação rápida que tive somente em ver o seu rosto. Aquilo me trouxe uma raiva incompreensiva, pois eu queria olhar para seu lindo rosto por horas.

Passei direto pela minha secretária, ela nunca esperava um gesto gentil meu e nem se afetava facilmente com meu humor ruim. O que me deixava muito grato e garantia o emprego dela.

Sentei em minha cadeira, a girei para a parede de vidro e respirei fundo observando a vista.

— Vai ser um longo dia — murmurei.

Fechei meus olhos e os dela brilharam em minha mente, como lindas joias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dois

Carolina Callejas

Sentia-me aliviada em saber que sexta-feira chegou tão rápido. Minha semana tinha sido tão ocupada que mal vi o tempo passar. Apesar do cansaço evidente, eu estava feliz por completar mais uma semana com tanto sucesso em meu estúdio de fotografia.

Meu humor mudou um pouco quando estive logo pela manhã na empresa dos Stabler, onde tinha uma reunião com Ethan Stabler, mas que desmarcou em cima da hora. Sua secretária me informou com muita gentileza que marcaria outro

horário e me informaria com antecedência.

Agradei a ela e caminhei de volta para o elevador. Enquanto descia para o térreo, peguei meu celular e comecei a ler alguns e-mails que precisavam mais de minha atenção. Tentei não me irritar com a perda de tempo em ter vindo à empresa à toa, afinal, seria um ótimo contrato para meu estúdio.

As portas se abriram e ainda distraída com o celular, caminhei para fora. Só não esperava que fosse esbarrar em algo, ou melhor, em alguém.

Uma montanha de músculos e de mãos fortes me agarraram, impedindo-me de cair no chão pela falta de equilíbrio que meus saltos sofreram. Arfei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o susto e tremi com o contato inesperado.

Olhei para cima onde o rosto da montanha musculosa estava e fiquei surpresa com a beleza estampada em seu rosto frio. O homem que me segurava ostentava os mais intensos e gélidos olhos azuis que eu já tinha visto na vida.

Ojos del lobo. Pensei quase que encantada com aquele azul de águas cristalinas congeladas.
Idéntivos.

Senti um arrepio subir por minha espinha quando presenciei seu rosto endurecer ainda mais, se é que fosse possível. Era de dar medo o seu olhar, mas impressionante para admirar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um músculo saltou de seu queixo quadrado e totalmente másculo. Sua beleza era encantadora mesmo com seus traços tão endurecidos. O cabelo e a barba negra só faziam com que ele parecesse ainda mais perigoso.

Mas estranhamente não consegui desviar o olhar.

— *Perdón! Yo* estava distraída, ... mil *perdón!*
— digo assim que o choque inicial passou.

Ele me olhou por um instante, ainda com sua frieza quase que assustadora, inabalável.

— Olhe por onde anda. — Seu tom era um rosnado rude que me surpreendeu.

PERIGOSAS ACHERON

Soltou-me tão rápido que cheguei a cambalear nos saltos. Em seguida, saiu tão apressado que acredito que não viu o choque em meu rosto com sua atitude grosseira e inesperada.

Olhei para suas costas enquanto ele caminhava para dentro do elevador e a raiva ferveu dentro de mim.

...

Voltei para o escritório do meu estúdio ainda sentindo o sangue quente em minhas veias. Não havia necessidade daquele homem ter sido tão mal-educado comigo. Também não poderia esperar nada diferente dele, a frieza em seu rosto dizia muito sobre ele, não era um homem gentil e muito

PERIGOSAS ACHERON

menos educado. Esse pensamento fez minha raiva esfriar junto com a conclusão de que nunca mais o veria novamente.

Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, não é mesmo?

— Carol!

Mal tinha sentado em minha cadeira quando Katia entrou quase que desesperada.

— Olá, Katia, como foi a *sesión*?

Ela revirou os olhos e se sentou na minha frente de forma despreocupada.

— Chata, não entendo porque essas modelos são tão chatas — disse e estremeceu dramaticamente

me fazendo rir.

— Boba, ninguém mandou escolher ser fotógrafa.

Ela fez um gesto desdenhoso com as mãos.

— E como foi sua reunião? — desvia do assunto sem esconder sua curiosidade.

— *No* teve *reunión* — abro minha agenda. — Ethan Stable *no* estava na empresa.

— Carol? — Jaqueline, minha secretária e amiga, chega na porta aberta.

— *Sí*.

— A secretária do senhor Stabler está na linha — informou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Transfira, por favor!

Ela vai embora e logo o telefone em minha mesa toca.

— Callejas — atendo.

— Senhorita Callejas, sou a secretária do senhor Stabler.

— *Si?*

— Peço desculpas novamente pelo contratempo desta manhã.

— *No* se preocupe — tranquilizo-a.

— Como desmarcamos a reunião pela manhã por causa de um imprevisto, gostaria de saber se ainda está disposta a voltar para outra reunião —

PERIGOSAS ACHERON

fez uma pequena pausa. — Queremos resolver esse contrato com certa urgência.

Senti-me animada com a possibilidade de um contrato grande de publicidade.

— *Sí*, claro.

— Como ainda o senhor Ethan está preso a sua agenda, teria algum problema de ser atendida pelo senhor Abner Stabler?

— *No*.

— Ótimo, ele estará te aguardando às três da tarde, tudo bem para você?

— Estarei aí.

— O andar dele é o vigésimo primeiro, o

segurança na entrada irá lhe acompanhar da mesma forma que foi pela manhã.

— Tudo bem, *gracias*.

Ela encerrou a chamada e eu me deparei com o olhar curioso de Katia. Acabei rindo, ela era impossível.

— Você é muito curiosa — digo já sabendo que ela queria um relatório da minha conversa ao telefone. — Remarcaram a *reunión* para às 15h.

Ela bateu as palmas várias vezes como se não pudesse conter a emoção.

— Então você vai se encontrar com o bonitão do Ethan Stabler.

Sua animação me fez revirar os olhos. Era somente um homem, seu dinheiro, fama ou beleza não me atraía. Depois de algumas experiências ruins, decidi que ficar longe de qualquer relação amorosa era o melhor para mim.

Isto me fez lembrar do homem de mais cedo, o reconhecia de algum lugar, mas não me lembrava de onde.

— *No* será com *elle* e *sí* com Abner Stabler.

Pensei que seus olhos fossem saltar de seu rosto. Surpreendeu-me quando pulou da cadeira animada demais para ficar quieta.

Balancei a cabeça em completa negação com

PERIGOSAS NACIONAIS

toda aquela euforia.

— Não me olhe assim, puta merda, aquele homem é um perigo para as calcinhas alheias! — Ela exclamou.

— *No* sei de quem se trata e também não me importo.

Apesar de trabalhar com campanhas publicitárias e ter grande acesso as notícias, eu evitava tabloides de fofoca. Até onde sabia, os irmãos Stabler não são muito fãs de aparecer em revistas e jornais. Isto já bastava para mim.

— Merda, aquele homem na cama deve ser um absurdo. — Ela diz me ignorando.

PERIGOSAS ACHERON

— *No* quero saber da vida sexual dele, Katia —
repreendi. — *Yo só preciso* do meu contrato —
acenei para que me deixasse trabalhar. — Nada
mais do que meu contrato.

— Droga, não posso continuar essa nossa
conversa agora, tenho outra sessão de fotos.

— *Entonces*, vá logo e ganhe muito dinheiro
para mim.

Ela bufou, mas saiu sem dizer nada. O que foi
um grande alívio, assim pude trabalhar e tentar
esquecer aqueles olhos gélidos.

Capítulo Três

Carolina Callejas

No horário combinado, dirijo para a empresa da família Stabler novamente. Agora me sentia mais esperançosa em que conseguiria resolver todos os detalhes do contrato, para então começar a fotografar os hotéis e as outras empresas deles que constavam no nosso acordo. Seria um bom dinheiro no meu caixa e daria um empurrão na imagem do meu estúdio.

Na frente do imenso prédio tinha um rapaz que me direcionou onde deveria estacionar meu carro desta vez. Com meu nome autorizado e depois de

PERIGOSAS NACIONAIS

uma rápida revista, algo que considerei ultrajante, pude dirigir para dentro da enorme garagem onde já havia um segurança me aguardando.

Saí do carro e ele pediu educadamente que o acompanhasse até o elevador. Entramos juntos e ele apertou o andar em que iria sem que precisasse dizer. Estava admirada com a eficiência deles. Mesmo que pela manhã tinha passado pelo processo, não podia deixar de admirar a eficácia da segurança e dos funcionários local.

Saímos no andar que seria minha reunião e ele ficou ao lado da porta do elevador aguardando. Uma mulher bem vestida correu em minha direção e pegou meu casaco junto com as luvas e o gorro.

PERIGOSAS ACHERON

Agradei a ela e caminhei até a secretária que parecia alheia a minha presença.

— *Buenas* tardes.

A secretária desviou seu olhar da tela e me encarou com ar de superioridade que me irritou. Endureci, sentindo que mais uma pessoa iria me tratar mal naquele dia. Sem contar que o preconceito com os latinos era algo muito comum e desagradável.

Sou uma mulher paciente, mas hoje não era um bom dia.

— Tenho uma *reunión* com o senhor Stabler — digo em um tom baixo tentando deixar meu sotaque

longe de minha voz.

A forma que me olhou irritou-me um pouco mais.

— Sou Carolina Callejas — digo firme acentuando o sotaque.

Apesar de anos em terras americanas, eu nunca perdi o meu sotaque. Vazia questão de mantê-lo firme para não esquecer minhas origens. O único problema era que quando me irritava, acabava perto o rumo e falando mais em espanhol. Ou somente em espanhol. O que deixava algumas pessoas bem irritadas por não compreenderem minha língua nativa.

— Pode aguardar ali — apontou para a sala de espera. — O senhor Stabler está atrasado, mas logo chegará.

A considerei por um tempo e ela me enfrentou de volta, com o mesmo ar de superioridade. Acenei com a cabeça concordando de que era melhor ir me sentar. Antes que perdesse o que restava da minha paciência e exigisse que ela fosse mais gentil.

Sentei-me no sofá de couro branco e fiquei ali aguardando. Incomodada com a espera peguei uma revista e comecei a folheá-la tentando passar o tempo. Minha paciência evaporou. Quando deu meia hora que estava sentada ali esperando e o homem não tinha aparecido ainda me senti

completamente irritada.

Um sentimento que não durou muito.

Quando olhei para fora em uma das janelas de vidro do local e vi um temporal se formando lá fora. A irritação se tornou temor. Com o passar dos minutos lentamente, não soube quanto tempo poderia continuar ali. Mas com uma ingenuidade inesperada, acreditei que a chuva não iria cair e continuei aguardando.

Não sei explicar, mas exatamente duas horas depois continuava sentada naquela sala de espera olhando a janela. Meu peito estava uma confusão de emoções. Raios e trovões cortavam o céu. As nuvens ficavam cada vez mais carregadas me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apavorando um pouco mais.

Chega! Exclamei em pensamentos.

Levantei disposta a ir embora, era uma completa falta de respeito deixar uma pessoa esperando por duas horas e meia. Ainda mais quando uma chuva forte se formava lá fora. *Não esperaria nem mais um minuto, que se dane o contrato.* Não ficaria ali enquanto poderia estar na segurança da minha casa. O estrondo de um grande trovão fez com que tudo parecesse tremer ao meu redor. Talvez fosse somente meu corpo tremendo, mas ainda assim era assustador.

Odiava tempestade.

PERIGOSAS ACHERON

E não via a hora de estar debaixo de minhas cobertas sentindo-me protegida.

Antes que pudesse dar um passo para frente, um homem grande e robusto atravessou o local sem nem ao menos olhar para o lado. Meus olhos se arregalaram ao constatar que era o mesmo homem que esbarrei no salão térreo pela manhã. Queria me bater por não reconhecer um Stabler quando via um. Mas em minha defesa, foi tão rápido que eu mal pude respirar.

Ele caminhou em passos firmes e duros, passando por sua secretária sem olhá-la e entrou em sua sala. A mulher perdeu o ar de superioridade quando respirou fundo, como se buscasse coragem,

PERIGOSAS NACIONAIS

levantou-se e entrou na sala.

Decido esperar mais alguns minutos para que eu pudesse pelo menos brigar com aquele homem que me fez esperar por tanto tempo. Outro trovão atravessou o lugar e minha coragem estava no final.

Tinha que ir embora.

Não tinha mais coragem para ficar ali. Precisava sair daquele local quase que imediatamente. Dei alguns passos à frente, para ir embora. Já com todo plano em mente, correr até o carro. Passar pelas avenidas menos movimentadas, o que era raro, mas dava para cortar caminho. E por fim me esconder em casa enquanto a chuva passava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Embora, para minha falta de sorte a secretária voltou antes que eu alcançasse o elevador. Praguejei mentalmente.

— Ele irá recebê-la — disse sem esconder a irritação de seus olhos.

Puxei ar com força e me esforcei ao máximo para não tremer quando estourou outro trovão. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram em quase que desespero.

— *Gracias* — digo o mais firme que consigo e volto caminhando em direção a sala que o homem entrou.

Bato na porta de leve e escuto um “entre”.

PERIGOSAS ACHERON

Abri a porta e meus olhos logo encontraram a figura imponente de costas para mim. Seus ombros estavam tensos enquanto levava um copo a boca. Ele observava a vista da cidade pela grande parede de vidro em sua sala e logo o meu medo de tempestade veio mais forte.

Da sala de espera, eu não tinha uma visão completa do temporal que armava lá fora. No entanto, sua parede de vidro não escondia nada dos meus olhos desesperados. Antes que pudesse respirar de novo, Abner Stabler se virou e me encarou com seus olhos intensamente gélidos.

Encarou-me pelo que pareceu uma eternidade, antes de apontar para a poltrona na frente de sua

PERIGOSAS ACHERON

mesa.

— Sente-se, senhorita Callejas.

Sua voz rouca me atravessou causando arrepios incomprensivos. Acenei concordando e caminhei até sua mesa tentando passar uma falsa calma. Ele desabotoou seu terno e se sentou na minha frente.

— Desculpe a demora em vim atendê-la — começou sem desviar seus olhos. — Ethan me pediu com urgência para finalizar o processo de contrato com seu estúdio e eu acabei preso tempo demais no fórum.

Acenei concordando, não confiava que minha voz sairia firme o bastante. Desviei meu olhar para

PERIGOSAS NACIONAIS

a parede de vidro no exato momento em que um raio cortou o céu, clareando tudo em volta. O estrondo do trovão veio segundos depois e eu estava a um passo do ataque de pânico.

— Dei uma lida no contrato no caminho de volta e está tudo na mais perfeita ordem — continuou ele conseguindo um pouco da minha atenção. — Preciso que leia com atenção cada linha e caso encontre algo que não te agrada, diga-me para que possamos discutir ou negociar o assunto.

Molhei os lábios de forma inconsciente, estavam secos demais. Novamente acenei concordando, apesar de que desviei meu olhar novamente para a imagem perturbadora das nuvens carregadas e

PERIGOSAS ACHERON

clarões.

Abner Stabler ergueu a pasta com o contrato chamando minha atenção. Seus olhos gelados me encaravam de forma inteligente. Ele me mostrou que minhas emoções estavam mais na borda do que imaginava. Estendi minha mão para pegar a pasta com a intenção de acabar logo com aquela tortura, porém, minha mão tremia.

Não tinha como esconder, mas peguei rapidamente a pasta.

— Está tudo bem? — perguntou levemente confuso.

— *Sí, estoy bien* — acabo respondendo em

espanhol.

Era o resultado do meu nervosismo. Um forte clarão iluminou o elegante escritório. Depois o estouro do trovão explodiu perturbadoramente alto, fazendo-me saltar na cadeira assustada.

Deixei o contrato na mesa, segurei minha bolsa com força e levantei.

— Podemos marcar para *otro día? Necesito* ir para casa, *no* me importo *de esperar*.

Minhas palavras saíram uma confusão em espanhol e vi a confusão no rosto dele por não entender muito do que disse. Toda vez que ficava nervosa acabava falando em espanhol, não

PERIGOSAS NACIONAIS

importava quanto tempo morava em Nova York e falasse inglês fluentemente. Se estivesse alterada fazia a maior bagunça com as palavras e poucos poderiam me entender.

Respirei fundo e tentei achar as palavras no idioma certo.

— Preciso ir embora... Agora... eu posso esperar. — As palavras saíram bagunçadas, mas não tinha tempo para explicar.

— Qual é o problema, Srta. Callejas? — questionou novamente.

— *Yo* preciso ir embora — afirmei já caminhando em direção da porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estendi minha mão trêmula para pegar a grande e elegante maçaneta, no entanto, algo me segurou. Firme e cuidadoso ao mesmo tempo. Virou-me e me chocou com a intensidade de seus olhos impressionantes.

— Você não vai sair daqui até que me conte o que está acontecendo — exigiu.

Era óbvio que eu deveria ficar com raiva. Brigar e gritar no rosto dele por ser tão idiota. No entanto, tudo o que consegui fazer foi encará-lo, paralisada. Olhar para ele, só me mostrou a tempestade desabando em suas costas.

Era tarde demais para sair dali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O pânico tinha me tomado por completo.

Minha voz sumiu, deixando minha garganta seca. Não consegui respirar direito. E tudo o que eu podia fazer era piscar, enquanto as imagens daquela noite brilhavam em minha mente. Como se estivesse acontecendo no exato momento.

O barulho.

Os relâmpagos.

A lama.

O cheiro de sangue.

Eu estava perdida.

— Carolina, diga-me o que você tem!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quatro

Abner Stabler

O dia tinha sido uma loucura completa e sem fim. Entrei na minha sala como um foguete apressado, estive preso por tanto tempo no fórum, em um julgamento, que minha agenda ficou uma bagunça. Minha secretária mandou algumas mensagens lembrando-me que meu compromisso das 15h ainda estava me aguardando.

Ah inferno, deixei uma pessoa me esperando por tanto tempo que me surpreendi que ela ainda me aguardasse. Fiquei aliviado por ainda estar me esperando, Ethan iria me irritar caso não

conseguisse resolver o contrato com a dona do estúdio que ele contratou para fazer as imagens de alguns dos investimentos. Como Elliot estava mais preso do que eu e ele também sabe escapar quando é preciso, sobrou para mim atender a moça que levou um chá de cadeira por mais de duas horas.

Uma dose de conhaque para relaxar e quando me virei, ela estava lá. Tão bonita e encantadora como pela manhã.

Os mais belos olhos verdes que eu já tinha visto na vida, insisti em pensamentos.

Juro que tentei ser educado e gentil enquanto a recebia, mas ainda sim via medo cru em seus olhos.

Não entendia do que tanto ela tinha medo. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia ser medo de mim, ou não?

Sei que fui rude com ela quando nos esbarramos e piorei tudo ao deixá-la esperando por tanto tempo. Admirei sua paciência em aguardar. Eu não teria ficado mais do que cinco minutos em uma sala de espera, no entanto, Carolina Callejas aguentou por mais de duas horas.

Merecia meu respeito por aquilo. Mas então, por que tanto temor em suas esmeraldas magníficas? Suas mãos estavam trêmulas e ela parecia genuinamente apavorada.

Será que ela estava passando mal? Ou se sentia coagida com a minha presença? Alguém a machucou? Foi ameaçada?

PERIGOSAS ACHERON

Havia infinitas possibilidades.

A confusão que sentia ficou bem pior quando ela se levantou pronta para ir embora. Mas eu não permitiria que ela se fosse até que me dissesse o que estava acontecendo. Não entendia o porquê que ela estava praticamente correndo para fora sem concluir o que veio fazer.

Segurei seu braço, virei-a para mim e fiquei horrorizado com o medo que brilhava em seus olhos. Logo lágrimas começaram a encher suas pálpebras e escorreram por seu rosto. Afastei minha mão, acreditando que tinha a machucado com a força do meu aperto.

— Carolina — chamo seu nome. — Diga-me
PERIGOSAS ACHERON

qual é o problema! — exclamei nervoso e preocupado.

Tinha que ser algo muito grave para uma reação tão forte. Seu rosto estava tomado por completo pânico. Fiquei chocado quando seu corpo esguio tremeu tão forte que seus joelhos cederam na minha frente. Ela caiu mais rápido do que fui capaz de me mover para pegá-la. O soluço forte atravessou seus lábios e ela cobriu seu rosto com as mãos. Seu choro se tornou forte e compulsivo.

Abaixei-me preocupado e confuso em sua frente. Abri a boca para falar, mas o trovão que se estourou no céu foi tão forte que cheguei a me assustar. Carolina se encolheu e choramingou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Outro clarão veio seguido de um barulho ensurdecedor.

Foi então que entendi o que estava acontecendo.

— Você tem medo de tempestade — afirmo tentando não arregalar os olhos com a constatação do problema.

— Faz... parar. — Mal pude ouvir seu choramingo.

Em um impulso, meus braços estavam ao redor dela, abraçando-a e confortando-a. Ver alguém tão quebrado daquela forma, mexeu comigo, era como se visse a mim mesmo no passado sofrendo.

Foi quase que no automático, quando levei

PERIGOSAS ACHERON

minha boca ao ouvido dela e sussurrei:

— Fique calma, já vai passar, é só mais uma tempestade.

Não surtiu muito efeito com todo o barulho que a chuva fazia. Um forte desejo de protegê-la do seu próprio medo encheu meu peito. Firmo meu braço em suas costas e passo o outro por seus joelhos, empurrando-a levemente contra mim e a erguendo. Coloquei ela no sofá e a encarei por um segundo sem saber o que fazer.

Toda aquela raiva que sempre estava viva em meu peito parecia não existir mais. Naquele instante, eu só queria que aquela bela mulher parasse de chorar. Queria ajudá-la.

Me sento ao seu lado e com cuidado tiro suas mãos que cobriam seu rosto.

— Carolina, olhe pra mim — digo baixo.

Seus olhos encontraram os meus novamente e o medo, quase que terror, brilhavam em seus olhos verdes. Lágrimas grossas desciam por seu rosto descontroladamente e seu corpo inteiro tremia.

Carolina mordia os lábios tão fortemente, que parecia que iria cortá-los com os dentes a qualquer momento, na tentativa de não deixá-los tremer também.

— Se concentre em mim, olhe em meus olhos — insisti. — São somente lembranças ruins, logo a

PERIGOSAS NACIONAIS

tempestade vai passar e você vai ficar bem. — Meu tom de voz era bastante suave, não queria assustá-la ainda mais.

Seu aceno de cabeça foi quase que imperceptível, mas eu vi. Ela me deixou alcançá-la onde havia se perdido. Uma mulher tão bonita como Carolina, não deveria experimentar esse tipo de medo. Nunca. Seus olhos deveriam sempre brilhar, mas não com o terror que tinham agora.

— Se acalme — pedindo em um tom tão suave que não me reconhecia.

No entanto, esforçava-me para que ela confiasse em mim e se acalmasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus lindos olhos verdes me tiraram um pouco da determinação de ajudar, e trouxe uma grande vontade de beijá-la. Era uma ideia tentadora, porém, absurda.

Acabei me afastando dela, nunca fui um aproveitador de mulher e não começaria agora. Então, tentei pensar em como ajudá-la a controlar o medo. Seus olhos estavam bem abertos, mas não me encarava. Parecia congelada olhando a parede de vidro da sala.

Quis me bater por ser tão idiota. Corri até minha mesa e peguei o controle das cortinas. Logo elas se fecharam, bloqueando qualquer espaço da vista da tempestade. Ajustei as luzes e coloquei uma música

PERIGOSAS ACHERON

ambiente, acreditando que a ajudaria. Voltei para ela no exato momento em que soluçou alto. Tinha coberto o rosto novamente com as mãos e tremia.

— Nada vai te acontecer aqui, são somente lembranças ruins — digo experiente no assunto.

As lembranças sempre são muito cruéis. Segurei suas mãos, forçando que ela se controlasse, que abrisse seus olhos e encarasse os meus. Esperei pacientemente que Carolina se acalmasse, mesmo que chorasse em silêncio.

Era visível seu esforço.

Sua força.

Não desviei meus olhos dos delas em nenhum

momento, esfreguei meus polegares em seus pulsos gelados, ergui suas mãos até meus lábios e beijei cada uma com certo carinho. Carinho que eu nem mesmo sabia ainda que era capaz de dar a alguém.

Então, aguardei com ela por um longo tempo. Até que não fizesse mais tanto barulho lá fora. Até que seu medo se acalmasse. Seus demônios a deixassem. Até que as lembranças fossem embora. Que suas lágrimas secassem.

Um longo tempo se passou até que ela abaixou o olhar e respirou fundo. Quando voltou a me olhar parecia constrangida, suas bochechas e nariz estavam vermelhos assim como seus olhos.

— *Señor Stable, perdón... Yo estou mui*

PERIGOSAS NACIONAIS

envergonhada... *Perdón... Yo* nem sei o que hablar

...

Parecia bem nervosa e isto fazia com que suas palavras saíssem entrecortadas e a maioria em espanhol. Cheguei a cogitar se ela entendia o idioma local, mas duvidei que uma empresária não soubesse o inglês. Era o básico para sobreviver em New York.

Não tenho certeza de que entendi muita coisa, mas sabia que se desculpava.

— Tudo bem — digo e lhe ofereço uma caixa de lenço que ficava no armário ao lado.

Agradeceu tão baixo que mal pude ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Limpou seu rosto e nariz com as mãos trêmulas. Respirou profundamente diversas vezes atraindo meus olhos para o bonito decote em seu suéter preto. Levantei meus olhos rapidamente, recriminando-me, apesar de ter gostado da visão.

— Não precisa se desculpar e nem mesmo ficar com vergonha — digo com o tom um pouco duro.
— Afinal, você estaria em casa se eu não tivesse me atrasado tanto.

Vou ao meu frigobar e pego uma garrafa de água. Coloco em um copo o líquido fresco e levo até ela.

— Beba um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gr...acias.

Ela toma um gole e quase engasga quando outro trovão estoura no céu.

— *Yo* necessito ir embora — diz com os olhos arregalados.

Aceno concordando, era melhor que tivesse em casa. Onde se sentiria protegida.

— Tudo bem, veio de carro?

— *Sí*.

Hesitei um pouco, eu não sabia muito sobre espanhol, mas conhecia algumas palavras básicas.

— Venha, vou te levar em casa — ofereci. — Está tremendo muito para dirigir nessa chuva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *No* precisa, *yo* pego um *taxi*.

Franzo a testa.

— Não entendi o que disse.

— Eu pego um táxi. — Ela diz em um perfeito inglês.

Suas bochechas ficam ainda mais vermelhas. Ela estava pronta para rejeitar minha ajuda, então, fui mais rápido.

— Vamos — peguei meu casaco. — Não está em discussão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinco

Carolina Callejas

Não havia uma expressão certa que dissesse o quanto eu estava envergonhada com aquela situação. Não tinha como voltar atrás. Ainda estava com medo. Muito medo. Até mesmo de piscar. Não queria que as lembranças voltassem com força total. Sabia que aconteceria.

E a culpa daquela situação toda era de Abner Stabler, apesar da sua gentileza em me ajudar, nada daquilo estaria acontecendo se ele tivesse chegado no horário combinado.

Eu estaria em pânico, mas em pânico em casa!

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu realmente havia me quebrado na frente dele. Minhas bochechas ainda estavam quentes, com a vergonha que sentia, e meu corpo tremia levemente, com o que restava do medo em minhas veias.

Levanto meu olhar e o vejo se movimentando em seu escritório. Pegou algumas coisas na gaveta da mesa e voltou a me olhar.

— Vamos.

Seu tom sério e quase duro me deixou tensa. Aceno com a cabeça aceitando sua ajuda, sabia que não tinha a menor condição de dirigir. Minhas mãos tremiam, as pernas estavam bambas e meus sentidos abalados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deveria negar sua carona, ser teimosa e chamar um táxi, mas eu me sentia tão exausta que não fiz nada. De alguma forma sabia que para brigar com Abner Stabler teria que ter muita força. E eu não tinha.

Minhas pernas mal me sustentam quando levanto, travo os joelhos e obrigo a permanecer na vertical. Puxei o ar com força antes de sairmos de sua sala juntos. Abner parou na frente de sua secretária, mas mal a encarou nos olhos.

— Não voltarei mais hoje — disse em um tom neutro. — Mande o que ficou pendente no meu e-mail e depois disso você está liberada.

Sua arrogância não era disfarçada.

PERIGOSAS ACHERON

Era um idiota, pensei segurando um suspiro. A mulher não tinha a mesma postura de que me recebeu, porém, seus olhos se arregalaram levemente.

— Senhor Stabler, tem uma reunião muito importante com ...

— Cancele — disse rude e começou a se afastar.

— Mas...

Ele girou em seus pés e olhou sua secretária.

— Está contestando uma ordem minha? — Seu tom frio era de gelar o sangue.

Seguro minha língua para dizer a ele que não precisava tratar sua funcionária daquela forma,

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo que ela parecesse uma vadia que se acha melhor do que os outros.

— Não, senhor. — Ela respondeu quase que no automático.

Abner me encarou e acenou para o elevador.

— Vamos, Carolina. — Sua mão pousou em minha cintura.

Duas mulheres surgiram no caminho, trazendo meu casaco, luvas e gorro. Agradei e o homem ao meu lado nem se quer acenou para elas. Era como se ele não se importasse em ser gentil ou educado com as pessoas ao seu redor. Algo que eu já havia constatado desde aquela manhã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando as portas do elevador se fecharam, respirei fundo buscando coragem para *tentar* argumentar. Não queria que ele cancelasse seus compromissos por minha causa.

— *No* quero incomodar, *no* precisava cancelar sua *reunión* para me acompanhar — digo o mais firme que consigo enquanto fecho minhas mãos em punhos apertados.

Elas tremiam demais.

— Não se preocupe com isso — disse sem me encarar. — Vou te levar em casa e isso não está em discussão. — Seu tom era baixo e rouco.

Aquilo me irritou.

PERIGOSAS ACHERON

Afinal, qual era o problema dele?

Respirei fundo novamente e encostei na parede do elevador. Não iria brigar com ele. Não tinha um bom estado emocional para isto, minhas mãos tremiam e minhas pernas estavam bambas.

Não era o momento para uma discussão.

Abner tirou o celular do bolso, discou algum número e o levou ao ouvido.

— Marcelo. — Sua voz era sem emoção, mas autoritária. — Estou saindo, peça para alguém nos acompanhar com o carro da senhorita Callejas. Estarei dirigindo, vou levá-la em sua casa — instruiu. — Tem dois minutos — ordenou e

desligou a chamada.

Ogro, o repreendi em pensamentos.

Ele se virou para mim no mesmo instante, como se tivesse me ouvido.

— Preciso da chave do seu carro.

Depois de um segundo para entender o que estava dizendo, abri minha bolsa e tirei a chave. Coloquei em sua mão, mas nossas peles se tocaram. O leve roçar me fez prender a respiração. Ele já havia me tocado antes, mas o pânico não me permitiu sentir.

Seus olhos tão azuis quanto o mar me encaram com intensidade. O ar preso em meus pulmões se

soltou quando as portas se abriram em um estacionamento diferente do que eu havia deixado meu carro.

Abner acenou para que saísse primeiro, passei por ele e parei ao ver uma grande quantidade de homens parados perto de carros. *Seus seguranças*, conclui. Abner parou ao meu lado por um segundo e me indicou o caminho. Jogou minha chave para um dos homens mais perto e depois me guiou para a Ferrari preta. O carro gritava RICO em letras garrafais.

Ele não pareceu se importar com minha cara de choque e abriu a porta para mim. Logo depois estava se sentando ao meu lado e colocando em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

movimento. Ficamos atrás de dois carros e seguimos para a saída. Não demorou muito para meus ouvidos reconhecerem o barulho da chuva. O subsolo havia escondido a presença da tempestade lá fora.

Aos poucos fui tendo a visão das gotas grossas e forte. A chuva cobria as ruas como uma manta pesada e resistente. Meus olhos estavam arregalados. Minha pele arrepiada. Meu coração trovejava no peito.

O tremor em mim foi tão forte que me sacudiu no banco. Puxei o ar com tanta força que pensei que iria engasgar.

Um raio brilhou no céu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Brigo com as memórias.

É só mais uma tempestade! — repito como um mantra na minha cabeça.

— Respire fundo e se concentre em mim. —
Abner disse firme e alto. — É somente mais uma tempestade, Carolina. — Somente aceno concordando. — Agora diga-me seu endereço.

Demorei um tempo para conseguir fazer minha mente funcionar para dizer a ele.

— Não olhe para a chuva — disse ele.

Encarei minhas mãos trêmulas e murmurei meu endereço com o que restava da minha sanidade. Apoio os braços nos joelhos e escondo meu rosto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em minhas mãos. *As lembranças estavam tão vivas.*
Respiro fundo e devagar tentando impedir que as lágrimas saíssem, mas elas descem por meu rosto sem que eu possa controlar. Um nó se formou em minha garganta enquanto segurava o choro com toda força que tinha.

Distraí das lembranças no exato instante que senti uma grande mão afagando minhas costas. Aquela distração ajudou-me a acalmar, fazendo-me concentrar no calor que emanava causando alguns arrepios em meu corpo.

Seu toque era como um fio suave de eletricidade, mantendo-me consciente de cada parte do meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não me movi, não ergui o olhar. Somente permiti. De uma forma muito estranha e perturbadora, Abner Stabler tinha o poder de me acalmar. Os pensamentos sobre ele mantinham todas as memórias longe.

Pensava somente nele. Na forma que sua mão deslizava para cima e para baixo em minhas costas. Fazia-me sentir seu perfume. Recordava-me de seus olhos azuis, tão pálidos, tão frios, tão cansados. Tão lindos.

Levantei meu olhar quando percebei que ele parara o carro. Estava na porta de minha casa, a chuva parecia mais fina. Um pouco mais suave. Mas eu não me enganava, sabia que logo cairia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais água. Faria mais barulho. E eu estaria sozinha para lidar com meus medos. Não me importava. Só queria minha cama e minha coberta, logo estaria tudo bem novamente.

— Espere um pouco antes de sair. — Sua voz tinha uma clara ordem.

Se minha voz ainda não estivesse travada na garganta, mandaria ele a merda.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Seis

Abner Stabler

Meu dia tinha passado de ruim para muito estranho. Poderia estar ficando louco, como Elliot gostava de afirmar. No entanto, por todo o caminho até a casa de Carolina fui afagando suas costas.

Fiquei em silêncio admirado em como ela era forte. Esforçava para se concentrar em qualquer outra coisa além da tempestade. Mesmo com a respiração falha e o corpo trêmulo, não se quebrou novamente. Era só uma questão de tempo até que o pânico a dominasse novamente.

Tentei não pensar em minhas atitudes nas

últimas horas. Eu estava consolando e ajudando uma mulher desconhecida com medo de tempestade.

A mulher mais linda que tinha visto.

Seus olhos esmeraldas e cabelos cor de mel, eram de tirar o fôlego. Sentia-me ansioso para tocá-la, desvendar cada centímetro de seu corpo curvilíneo.

Mesmo com a ansiedade insana, ignorei todos meus hormônios masculinos e afaguei suas costas na tentativa de acalmá-la. Desejava poder ver o mesmo brilho que me deixou duro a ponto de doer, quando nos esbarramos pela manhã no saguão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua casa era a típica casa americana de dois andares com jardim e sem muros. Nada segura. O que não era muito atraente para mim, já que colocava minha segurança em risco. Porém, não me importei.

Desci do carro quando Marcelo apareceu com um guarda-chuva, peguei de sua mão e dei a volta. Abri a porta dela e seus olhos marejados encontraram os meus. Esperei por ela. Dei o tempo que precisava para sair. Cambaleou para fora, parecia com medo das gotas de chuva. Segurei sua cintura, firmando seu corpo e a guiei até a porta.

Suspirei alto quando ela não conseguiu colocar a chave na fechadura de tanto que suas mãos

PERIGOSAS ACHERON

tremiam.

— Eu faço isso — digo o mais suave que posso apesar da minha impaciência.

Pego a chave e abro a porta. Ela praticamente correu para dentro. Acendeu a luz e nós dois congelamos ao ver um homem parado na escada.

— Carol — disse ele.

Meu corpo estava tenso, não conhecia aquele homem e muito menos entendia o motivo dele estar dentro da casa dela.

Afinal, que diabos aquele homem fazia dentro da casa dela? Será que era um namorado ou talvez marido.

Esperava que não.

Segurei para não desviar o olhar e procurar uma aliança em seu dedo. Senti-me totalmente furioso com a presença daquele indivíduo. Ele desceu as escadas e ela pareceu tensa ao meu lado.

Assim que olhei seu rosto mais de perto, vi o mesmo par de olhos que encontrei no rosto de Carolina. O rapaz era visivelmente magro, talvez doente, um soco meu o levaria para o chão em segundos. Quem sabe até quebrasse alguns de seus ossos com o impacto de tão frágil que ele parecia.

O que me deixou curioso além de confuso.

— O que *hace* aqui, Xavier? — Carol

questionou.

Ele não respondeu de imediato, somente me encarou.

— *Quién es esse hombre?*

Deus, estava odiando aquele idioma.

Não sei o que ela respondeu, na verdade, não entendi. Fiquei completamente perdido naquela discussão que começou entre os dois. Era totalmente incompreensível aos meus ouvidos, o que aumentou muito minha frustração. Me amaldiçoei por não ter feito aquelas aulas de espanhol que minha mãe tanto queria.

Seria algo útil agora.

Muito útil!

Desviei meu olhar do homem para Carolina e percebi o desgaste em seu rosto. Parecia pronta para cair no chão e ficar lá até que a terra se abrisse e a engolissem. Seu tom de voz era tenso e seus ombros endurecidos, como se quisesse proteger a si mesma das palavras que ouvia. Parecia tentar ser forte e enfrentava a discussão com garra, mas cada vez que a sala era clareada por um e outro relâmpago, ela ficava mais tensa. Seu rosto ficava mais pálido. Sua voz mais fraca. Sua postura mais derrotada.

— *Ahora!* — gritou. — *Fuera, Xavier!*

Desta vez não foi tão difícil entender,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente quando ela apontou para a porta. Queria que ele fosse embora.

Ele não deu nenhum passo em que indicava que iria sair, então, resolvi intervi. Mais uma vez me via envolvido em um assunto que não me pertencia. Era mais forte do que eu. Não iria ficar mais quieto ouvindo aquela confusão que nem mesmo entendia e permitir aquela loucura.

— Ela pediu para sair — interrompo a discussão. — Vá ou eu mesmo irei colocá-lo para fora. — Meu tom de ameaça não deixava dúvidas.

— *No* tenho medo de *usted*!

— É melhor ter — dou dois passos na direção

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele.

Ele percebeu que eu não estava brincando, nos encarou por um minuto antes de sair rápido resmungando alguma coisa que eu não entendi. Algo que já tinha se tornado normal no meu dia. Ele bateu a porta com tanta força que Carolina pulou.

Ela esfregou o rosto, limpando algumas lágrimas. Tentou se recompor antes de me encarar.

— Mais uma vez... *perdón...* y... *gracias* por me trazer em casa...

— Quem era aquele idiota?

Ela respirou profundamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu irmão — resmungou.

Com os ombros caídos, ela se sentou no sofá.

— Não entendi nada do que discutiram —
admiti franzindo a testa.

— Nada que tenha que se preocupar — afirmou.

Quando ia contestar e obrigá-la a me dizer o que estavam discutindo, um trovão estourou no céu e a luz acabou. Não fiquei surpreso por isto acontecer, mas o grito estridente de Carolina me assustou, não estava esperando.

— Puta merda! — exclamei percebendo que a escuridão tinha piorado tudo.

O soluço dela chegou aos meus ouvidos fazendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com que a sensação de acalmá-la voltasse. Não queria estar ali. Estava em uma situação que nunca imaginei antes, precisava ir embora. No entanto, não me movi para a porta. O clarão do relâmpago me mostrou uma mulher pálida, com olhos arregalados e congelada no sofá.

Agi quase que inconsciente de meus atos, mas no minuto seguinte, Carolina estava no meu colo. A embalei nos meus braços.

— Respire! — ordenei duramente.

Ela iria desmaiar se não respirasse, o medo não a deixava mover ou fazer a coisa mais básica da vida como respirar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— RESPIRE! — gritei sacudindo-a.

Ela puxou o ar com força e o soltou rapidamente.

Abracei aquela mulher aterrorizada pelo seu passado e deixei que chorasse ali, em meus braços. Desejando que pudesse encontrar a paz que precisava. Seus braços me rodearam e ela se aninhou a mim enquanto escondia seu rosto em meu peito.

— Se acalme, logo passa — murmurei e por impulso cheirei seus cabelos.

O choro dela era silencioso e seu corpo tremia insistentemente, não sabia o porquê, mas eu me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importava com ela. Era como se não pudesse ficar tranquilo caso ela não estivesse bem, para que eu fosse embora.

Perdi a noção do tempo, quando percebi, já tinha se passado mais de duas horas que estava ali, naquele sofá, abraçando Carolina. Ela acabou adormecendo, acalmando-se junto com a tempestade.

A luz também tinha sido restabelecida. Suspirei ao ver que ela estava em sono profundo e agarrada a mim como se fosse seu porto seguro. Sua tábua de salvação. Ajeitei meus braços ao seu redor e me levantei, subi as escadas devagar levando-a comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No corredor de cima, abri uma porta que imaginei que fosse seu quarto, por estar um pouco bagunçado. Coloquei-a sobre a cama e depois retirei seus sapatos. A cobri com o cobertor e ela nem mesmo se moveu.

Uma vontade de ficar com ela até que acordasse, acendeu dentro de mim. Mas não aceitei tal coisa, estava sendo irracional e não poderia mais continuar com aquela história.

Esfreguei o rosto aflito em como ela era ingênua e frágil, aceitou minha ajuda sem nem mesmo me conhecer. Eu já havia visto cada barbaridade no mundo que se contasse as pessoas não acreditariam, ou se horrorizariam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para ela pela última vez antes de ir conferir o aquecedor da casa, para ter certeza de que ela não iria congelar durante a noite. Também dei uma olhada em todas as janelas e portas, querendo ter certeza de que Carolina ficaria segura.

Tranquei sua porta e passei a chave por baixo. Fui embora sem olhar para trás desejando que esse dia fosse apagado da minha mente. Implorando para que a beleza e fragilidade daquela mulher fossem esquecidas de minha memória.

No caminho para casa convenci a mim mesmo de que nunca mais a veria.

Pelo menos era o que eu queria acreditar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sete

Carolina Callejas

Sinto um calor insuportável junto com uma forte dor de cabeça. Abro meus olhos devagar. Um gemido de dor escapa dos meus lábios quando minha cabeça dilata e fecho os olhos de novo.

As lembranças do dia anterior logo vêm em minha mente e outro gemido sai da minha garganta. Não era possível que eu tinha passado, por mais uma tempestade, com ajuda de um desconhecido.

Um estranho.

Um homem estranho! Não tinha como ficar pior.

Sentia-me completamente constrangida e sem

saber o que fazer.

Ao perceber que estou em minha cama e usando as mesmas roupas de ontem, outro gemido inconformado sai de mim. Além de me ajudar, também havia me colocado na cama.

Dios mio!

As coisas não poderiam ser piores, pelo menos, não teve a ousadia de tirar minhas roupas. Penso na tentativa de me confortar com aquela situação.

Sabendo que estava atrasada, levei meu traseiro para o banheiro e tomei um banho quente. Sem muita vontade para me arrumar, vesti jeans, camisa e jaqueta. Parei na frente da minha penteadeira e

PERIGOSAS NACIONAIS

escovei meu cabelo rapidamente, finalizei com uma maquiagem rápida e calcei uma bota de salto e cano curto.

Olhei no espelho e achei que estava bom para um dia de trabalho. Pegando um par de luvas e um gorro vermelho, desço as escadas e uma saudade do calor mexicano me aperta. Amava morar em Nova York, mas nada se comparava com o calor tropical que eu tanto sentia muita falta.

Sem tempo para um café, corri para o meu carro e dirigi rápido para meu trabalho.

...

— Buen día! — digo a minha recepcionista,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Jina, enquanto passo rápido por ela.

— Bom dia! — Ela responde quando já estou na metade das escadas.

Assim que minha secretária me vê, ela respira aliviada, lembrando-me do quanto atrasada estou.

— Buen día, Jaque.

— Bom dia, Carol, tem...

Passo por ela.

— *Ahora no*, Jaque, *yo* estou atrasada e preciso resolver algumas coisas urgentes. — A interrompo.

— Mas...

— *Ahora no*, Jaque — repito e entro na minha sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho a porta e tomo um susto ao ver um homem sentado em minha cadeira. Vestindo um terno Armani e com os cabelos molhados, era a perfeição em pessoa. Solto um palavrão em espanhol.

— Bom dia, Carolina — diz me olhando como se fosse dono do lugar.

Senti-me irritada com sua invasão.

— Buen día, senhor Stabler — tiro minhas luvas. — *No* lembro de ter alguma *reunión* com o senhor hoje.

Coloco minha bolsa em cima da mesa. Seus olhos acompanham meus movimentos, como se

PERIGOSAS ACHERON

estivesse pronto para um ataque. Retiro minha jaqueta e a penduro no armário, esperando que ele dê início ao que veio fazer aqui sem ser convidado ou ter uma hora marcada.

Apesar de que acredito que ele não se importe em ser convidado, mas ignorei esse pensamento e voltei a caminhar na direção de minha mesa.

— Diga-me — insisti. — Qual o motivo de sua visita?

Sento-me na sua frente e cruzo minhas pernas depois de retirar o gorro da minha cabeça. Ajeito o cabelo que tinha ficado um pouco bagunçado. Vejo-o travar o maxilar e um músculo saltar, como se não esperasse essa reação de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisei vim pessoalmente resolver o assunto do contrato com sua empresa. — Seu tom frio não me abalou.

Somente me mostrou que o homem grosseiro que esbarrei ontem de manhã estava de volta.

— *Yo* poderia ter voltado a seu escritório.

— Não queria correr o risco de enfrentarmos outra tempestade. — Seu tom de voz traz certo deboche.

Sinto minhas bochechas aquecerem, mas logo a vergonha vira raiva ao perceber que ele estava debochando do meu medo.

— Poderia ter esperado do lado de fora — mudo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o assunto.

— Quanta cortesia — ironizou. — Pelo menos não está chovendo. — Um leve sorriso maldoso apareceu em seu rosto.

Ele estava me irritando de propósito.

— *No* pedi sua *ayuda* — respondo baixo e furiosa.

— Não foi preciso pedir.

— *Entonces...* pare de tratar o que aconteceu ontem com ironias e deboches.

Seu rosto se transformou em uma máscara fria.

— Meus medos e traumas não são motivos para piadas e ironias — continuei sentindo o sangue

PERIGOSAS ACHERON

quente em minhas veias.

Ficamos em silêncio nos encarando. Ele se moveu primeiro, deslizou o contrato e sua elegante caneta em minha direção.

— Vamos ao que realmente interessa, eu já assinei e agora você precisa ler e assinar para finalizarmos.

Seu tom frio não me abalou. Não me rebaixaria ou permitiria que alguém zombasse de mim por ter medo de tempestade. Afinal, não pedi sua ajuda, mas também não o desmereço, sua ajuda foi essencial para mim. Ou no máximo que teria acontecido, era que me enfiaria dentro do meu carro e ficaria lá até que a chuva passasse, ou

PERIGOSAS ACHERON

pegaria um táxi em completo pânico.

Aceno concordando e pego sua caneta, leio rapidamente, assino e rubrico todas as páginas. Quando volto a olhar para ele, seu rosto estava gelado, sem expressão nenhuma.

Abner se levantou, guardou a caneta dentro do terno e pegou o contrato. Seus olhos gélidos e pálidos não desviaram dos meus em nenhum momento. Também me levantei. Caminhei até a porta sabendo que ele me seguia. Parou na minha frente e surpreendeu-me quando beijou meu rosto.

— Ainda vamos nos esbarrar muito, senhorita Callejas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi embora sem olhar para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Oito

Carolina Callejas

Jaqueline me olhava com um sorrisinho bem irritante. Bufeí irritada.

— Tentei avisar — disse rindo.

Respirei fundo e fechei a porta. Caminhei de volta para minha mesa e decidi que a melhor coisa que poderia fazer era trabalhar bastante. No entanto, soube que não seria um dia tranquilo quando a porta foi aberta e um furacão conhecido entrou com um ar abafado.

— Santo Cristo, diga-me que é verdade! — exclamou Katia.

— Sobre? — questionei sem tirar os olhos do computador.

Eu sabia do que ela estava falando, mas me negava a responder.

— Carol! — exigiu minha atenção.

— O que foi, Katia?

— O fodido Abner Gostoso Stabler esteve aqui!

Ergui uma sobrancelha para sua figura exaltada e depois revirei os olhos com impaciência. Se ela o conhecesse iria saber que não passava de um homem frio e grosso.

— *Sí*, esteve — aceno concordando.

— E você diz isto assim? — arregalou os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele saiu de sua fortaleza somente para vim até aqui — fala como se fosse à visita do presidente.

— Era somente *trabajo*! — aponto para a porta.

— Coisa que você deveria estar fazendo.

Ela bufou irritada e bateu o pé como uma criança birrenta.

— Como você é chata! — reclama antes de sair.

Acabo rindo, Katia era impossível.

Meu dia passou tão devagar quanto poderia, tinha trabalho acumulado e uma dor de cabeça terrível. Tentei ao máximo me concentrar, mas nada cooperava muito com a minha situação.

Sentindo-me impaciente decidi finalizar meu dia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais cedo, tomaria um chocolate quente no café perto daqui, iria para casa tomar banho e dormiria por incontáveis horas. Era um bom plano, apesar de que quando acordasse, iria ter que trabalhar um pouco para resolver algumas pendências por lá mesmo.

Jaqueline me vê e franze a testa confusa por me ver pronta para sair.

— *Yo no* vou voltar mais hoje — expliquei. — Qualquer coisa, ligue no meu celular ou me mande um e-mail.

— Tudo bem.

— *Adiós* e bom final de semana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Do lado de fora fui envolvida pelo ar frio. A tempestade tinha ido embora e não voltaria tão cedo, mas deixou a neve em seu lugar. Tinha começado a cair cobrindo de leve toda a cidade. Entrei no meu carro e dirigi com cuidado até o café que costumo frequentar. Estaciono na porta e quando saio do carro estremeço de frio. Corro para dentro e respiro aliviada ao sentir o calor de dentro.

Ryan, o atendente, sorri ao me ver.

— Frio veio sem brincadeira esse ano.

— Pensei que fosse congelar — brinco.

— Sente-se, o de sempre? — perguntou solícito.

— Por favor — sento em uma das mesas do

PERIGOSAS ACHERON

fundo.

Tiro as luvas e massagueio minhas têmporas, a dor não cessava. O barulho do pequeno sino na porta chamou minha atenção, ergui meu olhar e o vi. Ele bate as mãos sobre o casaco tirando a neve e depois levanta seu olhar, encontrando os meus como se fossem imãs.

Abner Stabler.

Ficamos presos no olhar um do outro por alguns segundos, que mais pareceram uma eternidade.

Um sorriso ameaçou surgir no canto dos seus lábios, mas ele não sorriu. Caminhou em minha direção fazendo-me prender o ar, não tinha

disposição para enfrentá-lo. Abner era sempre muito intenso e chegava a ser desgastante.

— Será que posso me juntar a você? — perguntou baixo.

Seu tom rouco e o olhar gélido levaram arrepios por minha pele mais uma vez no dia.

— Por favor — aceno para que se sentasse na minha frente.

— Que coincidência, não? — disse despreocupado. — Encontrarmo-nos aqui.

Ergui uma sobrancelha mostrando que não acreditava naquela conversa.

— *Sí*, muita coincidência — afirmei sem render

o assunto.

Para ser sincera, eu queria era que ele fosse embora e me deixasse em paz. Eu queria um pouco de tranquilidade e parecia impossível.

Aquela coisa de que nada está tão ruim que não possa piorar, era uma merda, sempre piora. Este homem sentado na minha frente provava isto. Seu tom de voz duro e expressão fria fazia-me desejar ir embora para casa, pois a atração por seu jeito me constrangia e, além do mais, não poderia esquecer o dia anterior.

Ryan se aproximou com um sorriso gentil.

— Um chocolate duplo com canela para a

princesa — disse colocando a bonita caneca na minha frente.

— Gracias — acenei com um sorriso.

Ele girou seu olhar para Abner.

— E o senhor? — perguntou com cortesia. — O que vai querer?

Os olhos de Abner se tornaram mais gélidos do que antes, parecia tenso... com raiva. Sua reação me deixou confusa, o homem era um poço de emoções conturbadas e trocava de humor tão fácil que mal dava para acompanhar.

— Café puro.

Ryan anotou e saiu sem se importar com sua voz

fria.

— Dia difícil? — questiona sério.

E por um segundo me vi desejando ver ele sorrindo de verdade, um sorriso sincero e leve. Algo que parecia algo impossível.

— Somente uma dor de cabeça persistente — digo esfregando o foco da dor.

— De onde é? — pergunta e o Ryan coloca o café na frente dele.

— Cidade del México.

— E como uma latina está suportando o frio de Nova York? — pergunta com um olhar levemente curioso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tive a sensação de que ele estava buscando informações sobre mim.

— Já me acostumei — dou um sorriso sincero.

— Há muito tempo aqui?

— Doze longos anos — respondo nostálgica.

Tomo meu chocolate quente sob seu olhar atento.

— Por que veio para cá?

A pergunta me pegou de surpresa. Meu corpo ficou rígido, não querendo me lembrar dos motivos.

— Por que *queres* saber? — devolvo a pergunta.

— Simplesmente porque quero — deu de ombros levemente.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, *no* respondo porque quero — digo o desafiando a continuar com aquela conversa estranha e invasiva.

Ignorei seu olhar duro, tomei mais um pouco de minha bebida.

Ele se levantou calado, jogou uma nota sobre a mesa que pagaria vinte cafés do que pediu e nem tomou. Se virou e foi embora, novamente, sem olhar para trás.

A grosseria nele superava qualquer coisa ao seu redor. Seu ar de superioridade e arrogância me irritava, mas decide não me abalar com aquilo.

— Ogro — murmurei e continuei apreciando

PERIGOSAS NACIONAIS

meu chocolate.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Nove

Carolina Callejas

Assim que saí do café, passei em um chaveiro e pedi para que trocassem todas as fechaduras da minha casa. Depois da discussão com Xavier, não estava disposta a ser surpreendida novamente por ele novamente.

O fato de não permitir que ele fique comigo quebra meu coração, mas não poderia ceder. Infelizmente, Xavier se envolveu com drogas e pequenos roubos desde muito jovem. E eu fiquei cansada de resolver os problemas que ele arrumava nas ruas. Já cheguei a pagar dívidas de drogas e

descobrir que ele também traficava às vezes.

Ele é meu irmão casula e eu deveria protegê-lo. Fiz isto muito tempo, o protegi enquanto crescia e, mesmo sem os nossos pais, fiz de tudo para que ele crescesse sendo um homem honrado. Para que estudasse e trabalhasse, mas sua mente não era tão forte e determinada. Lutei para que não se viciasse e até o internei duas vezes em uma clínica de reabilitação.

Entretanto, nada disto teve efeito, a dor no coração do meu irmão em ser órfão é muito maior do que qualquer outra coisa. Então, decidi que agora ele iria resolver seus problemas, sozinho, de alguma forma teria que aprender a se virar antes

que fosse morto por alguém.

Se isto não me dói?

Dói até a alma, mas infelizmente não podemos obrigar que as pessoas sigam o caminho certo. Somos os únicos responsáveis por nossos atos e devemos arcar com as consequências. E é isto que estou fazendo com meu irmão, deixando que ele arque com as coisas erradas que tem feito por aí.

Não posso passar minha mão na cabeça dele para sempre. Ele tem que aprender. Crescer. Superar seus traumas e arrumar a própria vida. Eu não poderia fazer isto por ele.

Sigo para casa desanimada ao pensar tanto em

Xavier, compro comida em um restaurante e me enfió o resto do dia no escritório. Por mais que eu quisesse dormir, não foi possível devido à quantidade de trabalho acumulado.

O sábado foi à mesma coisa, não fui para o estúdio, mas fiquei presa trabalhando o dia inteiro. Parei somente para comer e descansar alguns minutos antes de voltar ao trabalho. Esse era o maior problema em ser dona do próprio negócio, nunca se descansa. As tarefas nunca acabam. A responsabilidade é infinita. Mas eu estava feliz com isto, o trabalho estava ocupando minha mente e fazendo o tempo passar rápido.

No fim do dia meu celular tocou e era Katia,
PERIGOSAS ACHERON

atendi já sabendo o que ela queria.

— *Holá.*

— Levanta seu traseiro do sofá e vamos para uma boate — ordenou em um tom muito animado.

— Você é a sutileza em pessoa — resmungo.

— Eu sei, querida.

— *No* vou. — Me adianto.

— Carol — gemeu frustrada me fazendo rir.

— Já disse que *no, entonces...* nem mesmo insista.

— Tira esse pijama ridículo e vamos logo — disse ela.

Revirei os olhos, sabendo que ela falava do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pijama de coala, um macacão aveludado com capuz que tem orelhas e que eu amo. Podia ser ridículo para as outras pessoas, mas acho a coisa mais fofa do mundo, assim como o de unicórnio que eu tenho.

— *No* é ridículo — protesto.

— É e você sabe — afirmou rindo. — Agora vamos logo, amiga, ninguém merece ficar presa dentro de casa numa noite de sábado.

— *No*.

Bufou alto.

— Chata.

— No próximo *yo* prometo, preciso descansar

PERIGOSAS ACHERON

um pouco...

— Tudo bem.

Desligou na minha cara sem nem ao menos se despedir. Acabo rindo da sua birra e sei que na próxima semana ela não vai me dar paz até que eu saia com ela. O som da minha campainha tocando me faz suspirar já sabendo que poderia ser Xavier.

Conferi no olho mágico antes de abrir.

— O que *queres*, Xavier? — digo já aborrecida.

Cruzo os braços.

— Somente queria me desculpar por ter gritado com você ontem — diz baixo. — Estava nervoso e não me lembrei de seu medo de tempestade — via

que era sincero.

— Tudo bem, Xavier, já passou — aceno, mas não permito que entre.

— Me deixa dormir aqui hoje?

A esperança em seus olhos me machucam, pois eu sabia que teria que negar.

— *No*.

— Mas, por quê? — insistiu. — Por favor, Carol.

Dios mio, quando ele implorava me matava por dentro.

— *Yo* disse *no*, Xavier — digo firme. — Você tem seu apartamento e, além do mais, continua se

PERIGOSAS NACIONAIS

metendo em encrencas.

— Você é minha irmã e tem que me ajudar —
grita perdendo a paciência.

— *Yo no* tenho obrigação nenhuma, você já é
bem grandinho. — O repreendo.

— Você é a irmã mais velha e deveria cuidar de
mim, porra. — Tinha um desespero em sua voz. —
Ajuda-me!

Meu coração se quebra em mil pedaços ao ver a
aflição no rosto dele me pedindo ajuda. Penso em
ceder, quero muito o ajudar, mas sei que ele nunca
vai aprender se eu ficar o acobertando sempre.

— Posso saber o que está acontecendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

Desvio meu olhar de Xavier e encontro os olhos dele, Abner Stabler, parado a um metro de distância atrás do meu irmão. Sua expressão dura e olhar gélido quase me deixam congelada.

— O que *haces* aqui novamente? — Xavier perguntou irritado.

— Essa não foi a pergunta que fiz. — Abner retrucou.

Seu tom de voz baixo não o deixou menos ameaçador.

— O que esse homem *hacer* aqui novamente?
— Meu irmão perguntou.

Desvio meu olhar de volta para Xavier e suspiro

PERIGOSAS NACIONAIS

cansada.

— Xavier, já disse, vá embora — peço — *Yo no* vou deixar você dormir aqui e muito menos te dar dinheiro — afirmo firme

— *Quieres verme muerto?* — grita com os olhos arregalados.

— *No, no te quiero muerto* — suspiro cansada.
— Você nunca aprende. Vá embora, *no* vou pedir novamente.

A firmeza de minha voz não condiz com a vontade do meu coração. Pois eu queria colocá-lo para dentro, lhe dar uma boa refeição e todo conforto que pudesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você não sair, eu vou te colocar pra fora.

— Abner ameaçou.

Xavier chegou a se encolher quando Abner deu um passo em sua direção. Meu coração se apertou ao ver a diferença de tamanho dos dois. Xavier é um homem alto, mas o uso contínuo de drogas acabou com seu físico.

Quanto mais eu o olhava, maior ficava minha vontade de pegá-lo nos braços e cuidar dele. Assim como fiz quando ele era um garotinho e tinha pesadelos sobre a morte de nossos pais.

— *Yo no* tenho medo de você. — Xavier disse o mais firme que conseguiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Xavier, por favor — implorei cansada.

Abner me ignorou e deu mais um passo para perto do meu irmão.

— Já te disse que era melhor ter — lembrou.

— Eu não sou homem de dar avisos e com você eu já dei dois. — Seu tom ficou mais frio. — Por muito menos já deixei idiotas como você todo quebrado.

Fecho minhas mãos em punhos para não ceder, meu irmão suspira derrotado. Encarou meus olhos aflitos e marejados, acabou cedendo.

— *Yo...* volto depois, Carol. — Xavier disse.

Acenei concordando e ele foi embora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo o ar com força tentando manter o controle e a calma antes de encarar meu outro problema. Abner Stabler, o ogro de olhos azuis tão frios como os de um lobo.

— O que queres, Abner? — pergunto tentando não soar impaciente.

— Esse é o momento que você me agradece por ter colocado aquele idiota pra correr — cruza os braços.

A raiva ferve dentro de mim em segundos.

— *Esse idiota es mi hermano y yo puedo resolver mi problema com él. No necesito tu ayuda.*

Frustração se mostrou no rosto dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Traduz, Carolina, traduz — franziu a testa emburrado. — Não entendi nada.

A culpa era dele por ser tão irritante e bonito, toda vez que estou nervosa demais misturo as línguas ou só falo em espanhol. Foi uma maneira de não deixar minhas origens morrerem depois de tantos anos em solo americano. E descobrir que o irritava não saber o que eu estava falando.

Respirei fundo.

— Disse que aquele idiota é meu irmão e eu consigo resolver meu problema com ele — repito pausadamente. — *No* preciso de sua *ayuda*.

— Não era o que parecia — ergue suas perfeitas

PERIGOSAS ACHERON

sobrancelhas.

Bufei irritada. Viro meus pés e entro em casa, cansada demais para enfrentar uma briga de pé, ainda mais com alguém tão arrogante como Abner.

Não me preocupei em fechar a porta, sabia que ele não iria desistir tão fácil. Ouvi a porta se fechar assim que sentei no sofá e comecei a mudar os canais da TV em busca de algo que prendesse minha atenção. O aquecedor estava ligado assim como a lareira deixando um calor agradável dentro de casa. Minha taça de vinho continuava intocável ao lado onde coloquei para poder atender Katia. Aquela noite de paz e descanso que planejava mais cedo, simplesmente não existia mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que ainda quer, Abner? — perguntei sem encará-lo.

Vejo-o pelo canto dos olhos se sentar ao meu lado com os pés descalços, tirou seus sapatos italianos na porta. Não estava manchando o meu chão e nem sujando o tapete felpudo da sala. Seu casaco, luvas e toca também ficaram na porta, e isto me fez gostar um pouquinho dele. Estava zelando pela limpeza da minha casa.

— Primeiro, o que é isso que está usando?

O encarei para ver seu discreto sorriso.

— Um pijama.

— Que horror — diz parecendo horrorizado e

PERIGOSAS ACHERON

depois dá uma gargalhada.

O som da sua risada me fez encará-lo quase que encantada em como ele parecia ainda mais bonito. Era algo que ainda não tinha sido capaz de ver desde que nos conhecemos, no dia anterior. O sorriso tirava aquela frieza de seus olhos o deixando mais atraente.

— *No* é horrível — protestei. — É fofo e quentinho — ajeito o capuz na minha cabeça.

Ele me olha por um instante com a testa franzida e depois sorri ao ver as pequenas orelhas no capuz.

— Esqueceu-se de dizer que é broxante — afirma parecendo muito divertido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Reviro os olhos.

— *Yo* gosto dele, isto é o que importa — dou de ombros.

— Ainda assim é ridículo — afirma com um sorriso.

O que me atrai a curiosidade.

— Por que não sorri mais vezes? — questiono.

Seu semblante se fechou automaticamente.

— Como?

Pareceu confuso.

— Por que você quase nunca sorri? — pergunto novamente. — Fica tão bonito sorrindo.

Seus olhos ficaram frios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei do que está falando — encerrou o assunto.

Não desvio meu olhar do seu e quase me perco na força da intensidade que agora eles transmitiam.

— O que veio *hacer* aqui, Abner? — pergunto voltando ao assunto principal.

Coçou levemente a barba.

— Eu não sei.

— *No* entendo.

Sua mão segura minha nuca, tirando o capuz da minha cabeça, e nos deixando perto, muito perto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dez

Carolina Callejas

Sua respiração bateu levemente contra o meu rosto, arrastando arrepios por minha pele, seus olhos não se afastam dos meus e me tiram todo o fôlego.

— Desde que te conheci — disse baixo. — Não penso em outra coisa a não ser isto...

Ele não concluiu o que estava dizendo, somente atacou minha boca sem cerimônia. Sem perguntar ou pedir licença. Assaltou meus lábios e roubou meu beijo.

Apesar da surpresa inicial, o respondi no

mesmo nível.

Seus dedos se fecharam em meus cabelos da nuca, fazendo um calafrio passar por minha espinha. E o coque mal feito que tinha no topo de minha cabeça desenrolou, o dando mais liberdade em me dominar com sua mão e boca.

Uma eletricidade corria em minhas veias furiosamente enlouquecendo-me por causa de um beijo.

Sua outra mão agarrou minha cintura puxando-me para seu colo, fui sem pensar duas vezes. Não tinha uma explicação, mas precisava daquele contato. Passei minhas pernas por sua cintura, ele juntou meu corpo ao seu, mostrando-me o quão

PERIGOSAS ACHERON

excitado estava.

Não me reconheci quando movi meu quadril contra o seu, buscando pela satisfação que o atrito causava em mim. Não costumo fazer sexo com homens que não esteja apaixonada, mas no momento, só queria tirá-lo de seu terno caro e me entregar completamente a ele.

Quando sua boca se afastou da minha, ofeguei por ar, completamente sem fôlego. Beijos molharam meu pescoço e o barulho do zíper do meu pijama foi extremamente alto na sala. Sua boca encontrou os meus seios nus e abocanhou um. Suas chupadas fortes me faziam tremer, perdida com o prazer indo direto para o meio de minhas

pernas.

Sem perceber, ele já tinha tirado o macacão dos meus braços e agora estava preso em minha cintura.

Levei minhas mãos ao seu peito, afoita para tocar sua pele nua. Tirei sua gravata enquanto ele continuava a atacar meus seios. Só se afastou quando puxei seu terno pelos ombros e me foquei em abrir a camisa. Voltou a beijar minha boca, esforcei-me para desabotoar o mais rápido que conseguia.

Pareceu uma eternidade, mas consegui tirar a incômoda camisa por seus braços. Suspirei alto em sua boca ao sentir o calor de sua pele contra a minha. Meus dedos testaram os músculos rígidos

PERIGOSAS ACHERON

de seu corpo. Parecia ter sido esculpido para ostentar tanta perfeição. Era quase um deus fugido do Olímpio, feito em beleza e sensualidade.

Se ajoelhou no tapete e logo depois me deitou sobre o local macio no chão. Seus olhos encontraram os meus, prendendo-me a ele, hipnotizando-me com a paixão que brilhava em suas piscinas azuis.

— Você é incrivelmente linda — murmurou.

Fiquei em silêncio incapaz de desviar o olhar ou projetar palavras.

Meus pensamentos estavam bagunçados pela forma que estava me entregando a ele e também a

todos os desejos enlouquecedores que Abner despertava em mim. Havia dois meses que não me envolvia com ninguém, desde que terminei um namoro desgastante. Não era o tipo de mulher que pulava de cama em cama, mas com Abner era impossível resistir. Me tornava uma mulher diferente.

Seu olhar desviou do meu, se inclinou sobre mim levando sua boca a minha orelha. Deu uma leve mordida e depois lambeu causando sensações maravilhosas de prazer em mim.

— Não pense tanto — sussurrou.

Voltou a provar minha pele em cada centímetro que encontrava. Os meus gemidos de satisfação não

PERIGOSAS ACHERON

podiam mais ser controlados. Saíam de minha boca sem que percebesse. Enlouquecida, permitindo e querendo mais a cada toque.

Ele se livrou do resto de minhas roupas, incluindo minha calcinha. Seus lábios encontraram o ponto mais sensível do meu corpo. Sua boca era bruta, sugando-me com força e fome, levando-me a insanidade em segundos. Nunca tinha experimentado um prazer tão forte como aquele.

E não poderia segurar por mais tempo.

O prazer me tomou por completo, jogando-me da borda de um precipício de puro prazer quando um orgasmo explodiu de mim. Com a cabeça inclinada para trás e os lábios apertos em busca de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ar, sentia-me quase que em outro mundo. Perdi-me no tempo apreciando cada leve espasmo de prazer.

Minha atenção se voltou para ele quando o senti de volta por cima de mim, cobrindo-me com seu corpo agora nu e com uma camisinha o envolvendo. Se não estivesse tão lenta por causa do prazer que experimentei, poderia arregalar os olhos com o seu tamanho.

Totalmente rijo e orgulhoso.

Tudo nele era proporcional, pelo visto. Engoli em seco acreditando que aquilo nunca caberia em mim confortavelmente, no entanto, estava pronta para arriscar um pouco de dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Colocando minhas pernas apoiadas em seu peitoral, Abner deslizou para dentro do meu corpo até o eixo. Ficou parado por um segundo tanto para que eu pudesse me acostumar com sua invasão quanto para ele suportar a forma que o envolvia.

Estávamos ofegantes.

Ele estava me estirando e esticando quase que ao ponto de dor, quando enfim ele conseguiu se concentrar, começou a balançar contra mim. No início foi devagar, porém, logo pegou um ritmo rápido e duro. Não tinha nenhuma gentileza em seus movimentos e, mesmo assim, estava me enlouquecendo. Aquela posição o fazia ir tão fundo em mim que pensei que iria morrer com o prazer. A

PERIGOSAS ACHERON

sensibilidade aumentava os efeitos em meu corpo, levando-me a borda daquele precipício novamente.

Podia vê-lo com o maxilar trincado, tomando-me de forma quase que selvagem, o suor se espalhava por sua pele levemente bronzeada, deixava-o ainda mais sensual.

Cravei minhas mãos no tapete e agarrei com força, um gemido alto saiu de meus lábios. Era impossível me segurar, o nome dele saiu de minha boca mais de uma vez, enquanto me perdia no segundo orgasmo daquela noite. Fui tomada por uma enorme onda de prazer e esqueci-me de respirar por alguns segundos.

O gemido rouco dele avisou que também tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrado o prazer. Quando o olhei, vi-o estremecer ofegando por ar. Deslizei minhas pernas para fora e ele caiu por cima de mim. Mesmo ofegante, tomou meus lábios em um beijo duro. Correspondi feliz por ele não ser frio depois do que fizemos. Somente então rolou para o lado.

Ficamos em silêncio apreciando o momento pós-gozo.

Levantei minhas mãos para ajeitar meus cabelos que estavam selvagens, minha tatuagem no pulso chamou sua atenção.

— Uma bússola? — questionou me puxando para seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Sí.*

— Qual o significado pra você?

Quis bufar, Abner sempre parecia querer informações. As respostas simples nunca o satisfazia.

— Meu pai era da marinha antes de ingressar em uma carreira como delegado no México — murmurei desenhando círculos em seu peito distraidamente. — Ele tinha uma tatuagem igual a esta que cobria todo seu ombro — deslizei meus dedos por seu ombro esquerdo. — Dizia-me que, para os marinheiros, a bússola era uma forma de lembrá-los o caminho de casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Fez em homenagem a ele, imagino —
concluiu.

— Também, mas principalmente pelo
significado — digo baixo. — Posso voar e fugir,
pero o caminho de casa sempre estará comigo —
sussurro. — Ela me faz lembrar de quem realmente
sou e *no* deixa que *yo* me perca — empurrei a
nostalgia para longe. — Que perca meu sorriso,
minha essência de mexicana mesmo estando em
Nova York há tantos anos.

— Interessante — disse como se tivesse
ganhado o seu respeito.

Dei de ombros e ele sorriu de leve, encantando-
me com seu sorriso. Seus lábios selaram nos meus
PERIGOSAS ACHERON

e colocou-me de volta no tapete. Tirou a camisinha e amarrou a ponta, jogou no chão e se virou para pegar a cartela que estava no chão.

Duas coisas chamaram minha atenção, sua bunda redonda, cheia e visivelmente malhada. E suas costas, leves cicatrizes marcando sua pele e o seu sobrenome estava tatuado em letras gritantes. STABLER. Mostrava com orgulho sua família.

Ele voltou a me olhar, atento ao ver meu rosto pensativo. Pensar em família me lembrava de Xavier e me entristecia, mas não queria falar e muito menos pensar sobre isto.

Observei Abner deslizar o látex por sua carne novamente dura e sorrir malicioso, seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prometia que nossa noite só estava começando.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Onze

Abner Stabler

Puxei o terno sobre meus ombros enquanto me sento no sofá de Carol observando-a dormir. Ainda não acreditava que tive a ousadia de vim até a sua casa, mas não me arrependo.

Foi melhor do que esperava.

Ela estava nua sobre o grosso tapete e seu bonito corpo tinha várias marcas dos meus beijos, manchando sensualmente sua pele. O sexo foi tão intenso que ainda estou um pouco bambo com as sensações dos orgasmos. As taças de vinho no chão ao lado da garrafa lembrou-me de quando derramei

em sua pele e a lambi sem perder uma única gota.

As chamas da lareira, ainda acesa, davam a ela uma sensualidade que nunca vi em outra mulher antes. Deixava sua pele bronzeada e suas curvas tentadores, irresistíveis. Sentia-me indeciso sobre o que fazer, tivemos muito sexo e ambos aproveitaram. Agora tinha que ir embora com a esperança de esquecer tudo o que ela me fez sentir nas intensas horas que passamos juntos.

Quando percebi estava duro de novo, meu corpo me lembrava de que jamais poderia esquecer. Sempre a desejaria. Era uma afirmação que eu negava a mim mesmo.

Respirei fundo e me abaixei para pegá-la no

PERIGOSAS ACHERON

colo, não poderia deixá-la passar o resto da noite na sala. Subi os degraus com ela em meus braços, ainda completamente adormecida. Embora seu corpo se aconchegou automaticamente ao meu, como se o pertencesse, e isto fez um arrepio passar por minha coluna com aquela linha de pensamentos.

Coloquei-a sobre a cama e a enrolei com seu edredom. Saí de seu quarto sem olhar para trás com medo de que meus pensamentos me levassem a deitar com ela e ficar ali pelo que restava da noite.

Confiro o aquecedor e desligo a lareira, coloco meu casaco e luvas. Só então minha touca e saio, depois de trancar sua porta e passar a chave por

PERIGOSAS ACHERON

baixo dela.

Meus seguranças estavam espalhados pela rua, entro no meu carro e o arranco em toda velocidade, com os pensamentos completamente presos na bela mulher que deixei para trás. Sorrio ao lembrar de seu pijama broxante, mas que mesmo assim não perdeu seu encanto vestida de coala.

Isto me fez lembrar do irmão idiota dela, eu vi a dor em seus olhos todas as vezes que o encarou e aquilo me preocupou.

Por que ela não o queria mais em sua casa?

Era óbvio a resposta para minha pergunta idiota, Xavier estava envolvido com drogas e era fácil

perceber isto somente em olhar para o homem. Seu rosto magro e corpo fraco diziam por si só. Mas ele estava aprontando mais do que queria dizer, eu tinha certeza disto. Iria descobrir o que era.

Tentei me recriminar, dizendo a mim mesmo que era só mais uma noite de sexo sem compromisso, e que talvez nunca mais fosse vê-la ou tocá-la. Mesmo sabendo que tudo o que eu mais queria no momento era tomá-la de novo.

Tê-la em meus braços.

Ligo o rádio na intenção de distrair minha mente.

E para minha falta de sorte está tocando uma

música em espanhol, que eu não sei o nome e muito menos quem canta, ou o que se dizia. Mas a trazia em minha mente novamente, não permitindo que eu esquecesse sua voz.

... desde cuando te estaré esperando. Desde cuand estoy buscando. Tu mirada em el firmamento, estás templando. Te He buscado em un millón de auroras. Y ninguna me enamora como tu sabes...

Sorri ao lembrar que toda vez que ficava irritada falava em espanhol. Não entendia muita coisa, mas achava gracioso seu sotaque. Era a forma dela não perder suas origens mexicanas.

Lembrar-me de sua voz trouxe um desconforto

PERIGOSAS ACHERON

em meu colo e isto me irritou. Desliguei o rádio e preferi o silêncio que tentava impor aos meus próprios pensamentos.

Estacionei meu carro na garagem do meu prédio já sentindo meu mau humor voltar. Os seguranças dos meus irmãos estavam espalhados pelo amplo local.

Não perdem o hábito de invadir minha casa.

Assim que passo pela porta, vejo os dois no *meu* sofá tomando o *meu* uísque. Elliot era folgado por a família toda, mas quando se juntava com Ethan se tornava impossível.

— Acho que erraram de casa. — Me sento na

frente deles.

— Aonde estava, Abner? — Elliot perguntou curioso.

Ele nunca escondia sua curiosidade.

— Esqueceu que marcamos de sair juntos? — Ethan questiona me olhando atentamente.

Ahh, então esse era o motivo da invasão.

— Estava resolvendo um problema — digo sério para não demonstrar nada a eles.

Os dois juntos eram impossíveis, como disse antes, conseguiam farejar qualquer coisa que escondemos uns dos outros, acho que isto deve ser uma coisa de irmão. Ser trigêmeo só deixa essa

PERIGOSAS NACIONAIS

conexão que temos mais forte.

Maldito cordão umbilical imaginário!

— Esse problema tem cheiro de mulher. —

Elliot supôs com um sorriso idiota no rosto.

Não disse que farejam qualquer coisa?

— Já disse que fui resolver um problema —
digo começando a perder a paciência.

— Calma aí, Abner. — Ethan pediu com um
sorriso zombeteiro.

— Eu nasci sem — respondo e me levanto.

Vou ao meu bar e me sirvo uma bebida.

— É um bastardo. — Elliot diz para me
provocar.

PERIGOSAS ACHERON

Aponto para os dois.

— Somos — afirmo com arrogância e eles não negam.

Mas Elliot não se dava por vencido facilmente.

— Abner, conta logo com quem você estava — insistiu me observando atentamente. — Sua cara nunca mostra nada, mas esse cheiro que vem de você é de mulher — sorriu. — Disto eu tenho certeza.

Bastardo.

— Não te interessa, Elliot — respondo e volto a me sentar na frente deles.

— É mulher. — Ethan afirmou

presunçosamente.

— Está com medo de perdê-la para o seu irmão charmoso? — Elliot me provoca.

Olho para eles sem esboçar nenhuma reação. Não pretendo demonstrar nenhum dos meus sentimentos confusos, apesar de que pensar em Carol com outro homem me trouxe um sentimento novo, possessivo, *insano*.

— Não seja idiota, Elliot — respondo totalmente neutro.

— Então não se importa de dividir ela conosco, não é mesmo? — Ethan perguntou. — Afinal, não vai ser a primeira vez que dividimos uma mulher.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sorriu sabendo que tinha me fisgado naquela.

Nunca iria dividi-la com eles.

— Já disse que esse assunto não interessa a vocês — encerrei o assunto.

Meus irmãos me encaram e depois se encaram com um sorriso cúmplice.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Doze

Carolina Callejas

Rolei em minha cama puxando o edredom, apertando mais em meu corpo e desejando mais calor. Meu celular vibrou ao receber uma mensagem e eu sou obrigada a esticar a mão para fora e pegá-lo. Era Katia, não respondi e voltei a rolar na minha cama tentando dormir mais um pouco.

Porém, uma leve ardência entre minhas pernas me paralisou. Respirei devagar e minha mente saiu do seu estado de sonolência, trazendo as lembranças de uma boca quente e um corpo

musculoso explorando o meu.

Brilhava como um alerta vermelho.

Sentei-me no mesmo instante ao perceber que estava sozinha na cama. Mordi o lábio inferior um pouco ansiosa imaginando que ele deveria estar em algum lugar da casa. Saí da cama e gemi ao perceber meu estado nu. Novamente respirei devagar, buscando por calma. Peguei meu hobby de lã e saí do quarto procurando pelo homem que me levou a beira da insanidade na noite anterior.

Sabia que não o encontraria, mas isto não me deixou livre da decepção.

Voltei para meu quarto, um pouco desanimada

comecei a me sentir mal pela situação. Nunca tinha passado por algo assim. Sexo casual. E descobri que estava certa em não fazê-lo antes. Saber que ele foi embora em algum momento da noite me fez sentir usada.

A sensação parecia pior, pois Abner fazia-me sentir algo profundo por ele. Desde o primeiro momento em que olhei em seus olhos.

A decepção era maior, mais intensa. Mesmo sabendo que nunca deveria ter esperado mais nada dele, além daquilo.

— *Él me dejó sola, imbécil.*

Não podia negar que Abner Stabler era um

bastardo idiota. Mas estava me sentindo tão idiota quanto ele, por ter cedido. Não que eu desejasse um pedido de casamento, mas sair assim, sem nem ao menos se despedir me fez sentir como uma mulher qualquer. E isto também trouxe uma sensação de sujeira em mim, mesmo que tenha amado cada segundo que passamos juntos.

Depois de um longo banho e de derramar algumas lágrimas frustradas, fui almoçar com minha tia Solange e seu marido Carlos. Almoçávamos juntos todos os domingos e era um momento muito bom, até que Xavier parou de aparecer e começou a se envolver com drogas.

As horas do meu domingo passaram tão devagar

PERIGOSAS ACHERON

quanto poderia, deixando-me impaciente e mal-humorada. Quando voltei para casa ao anoitecer, o primeiro lugar que olhei foi minha sala. Era como se as lembranças ainda estivessem vivas demais em minha mente para ignorar. Suspirei e fui me trancar em meu quarto.

...

Quando quinta-feira chegou, meu humor não tinha melhorado nada. Era como se Abner ainda estivesse impregnado em mim e me passou um pouco do seu estado de humor.

Jaqueline estava sentada na minha frente revisando a agenda e aparenta estar um pouco tensa também. Ela tem sofrido essa semana em minhas

PERIGOSAS ACHERON

mãos e isto me fez um pouco culpada.

— O que ainda tempo para *hoy*? — perguntei em um tom baixo e leve.

— Uma reunião para escolha de modelos para nova campanha de lingerie — informou. — Na verdade, já estão te aguardando para começar — hesitou despertando minha curiosidade.

— Quem?

Jaqueline mordeu o lábio inferior de leve antes de suspirar.

— Thiago Collins.

— Ah *no*! — protesto. — Era tudo que precisava para estragar o resto que sobrou do meu

humor.

— Sinto muito, Carol, mas é ele o responsável pela campanha — informou com um olhar aflito.

Gemi frustrada sabendo que não conseguiria me livrar dele, precisava manter o contrato e teria que engolir aquele homem. Thiago Collins. Meu ex-namorado. Ficamos juntos por um longo tempo, até que acabei descobrindo que ele andava enfeitando minha cabeça com alguns pares de chifre.

— Tudo bem — suspirei.

— Depois disso não tem mais nada, a não ser o coquetel à noite — disse ela.

Franzi a testa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho mesmo que ir?

— Seria bom para o estúdio — acenou. — Já mandei entregarem seu vestido assim que você chegar em casa.

— Bom, *gracias*.

Sem ter para onde correr, permiti que ele entrasse assim que Jaqueline saiu. Assim que passou pela porta e me viu, abriu um sorriso grande e safado que eu tão acostumei em ver.

Acenei para que se sentasse, mas claro que ele não faria isto sem antes arrumar uma forma de me tocar. Beijou minha bochecha e olhou em meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol, continua linda como sempre.

— *Gracias*.

— Estava com saudades de você.

— *No* posso dizer o mesmo.

Ele sorriu de forma dissimulada, sabendo que eu não aceitaria fácil sua presença se não fosse por um contrato. Sentou na minha frente e cruzou as pernas.

— Continua um doce de pessoa.

— Vamos direto ao ponto? — insisti.

— Por que tanta pressa para se livrar de mim?

— Sempre quero me livrar de você — retruco impaciente.

PERIGOSAS ACHERON

— Ainda com raiva por causa daquele caso que tive?

— Daqueles casos, mas *no* importa. — O lembro. — Você veio aqui para trabalhar e *no* para falarmos de um passado que não existe mais.

— Eu ainda quero você, Carol...

— Vai continuar querendo — interrompo grosseira. — Qual o tema da campanha? Vamos logo, Thiago, *no* tenho o dia todo.

Ele gemeu frustrado e aceitou que eu não iria ceder a sua conversa mole.

...

Quando enfim cheguei em casa no início

daquela noite, estava atrasada para o coquetel. Realmente não queria ir, mas faria bem para o nome da minha empresa.

Teria que valer a pena ir.

Parei na frente do espelho do meu closet e gostei do que vi. Estava realmente deslumbrante. O vestido longo na cor branca contrastava com o bronzeado de minha pele. Sem um decote na frente alongava minha silhueta e marcava bem a curva dos meus seios e quadril. As coxas estavam bem contornadas e o tecido se abria de um jeito delicado até o chão em uma pequena calda.

Virei-me de lado observando o decote totalmente aberto em minhas costas e sorri em

PERIGOSAS ACHERON

aprovação. Peguei o laquê e o joguei para cima, criando uma pequena nuvem que caía devagar sobre o meu cabelo, agora mais claro depois de ter passado no salão e feito luzes. Prendi o cabelo em um coque lateral em um estilo um pouco bagunçado.

Respirei fundo e devagar antes de aplicar o batom vermelho vivo nos lábios. Coloquei as luvas de seda branca e a echarpe de pele, em um tom de gelo, coloquei sobre os ombros.

Dirigi até o local com calma, estar com um vestido longo e que tem uma calda não era prudente ficar atrás de um volante. Principalmente por estar nevando, mas eu não tinha pensado sobre isto

antes. Agora era tarde demais para voltar atrás e pedir um táxi.

Um rapaz bem vestido, abriu a porta para mim assim que estacionei na frente do tapete azul. Estendeu a mão para me ajudar a sair e depois o manobrista veio levar o carro. Agradei e caminhei para dentro ignorando todos os flashes em minha direção. Assim que entrei, um homem apareceu e depois de me dar um olhar indecente pegou minha echarpe e as luvas.

Mesmo não querendo agradecê-lo por causa da forma que me olhava, fui educada e cheguei ao topo da escada. Como imaginei, o lugar iria estar cheio de gente rica. Me arrependi de ter ido no

exato instante que todos voltaram seus olhares para mim como se fosse algo do outro mundo.

Tentei não me constranger, mas foi impossível.

Minhas bochechas coraram. Mas ergui o queixo e desci as escadas devagar. Quase no final havia mais um homem me aguardando. Ofereceu-me sua mão e me ajudou a descer os últimos degraus.

— *Gracias!*

Sorriu para mim em resposta e se afastou. Quando me virei dei de cara com uma pessoa que não esperava.

Abner Stabler.

Encaramo-nos por alguns instantes que

PERIGOSAS NACIONAIS

pareceram uma eternidade para mim. Apesar do rosto frio e sem emoção, seus bonitos olhos azuis gélidos como o de um lobo, brilhavam com a intensidade que conheci quando ele estava dentro de mim.

Seus olhos brilhavam em desejo.

Essa afirmação me deixou com raiva, já que ele me tratou como uma qualquer. Sumiu depois de conseguir o que queria. Agora não adiantava mais me olhar desta forma.

— Está incrivelmente bonita esta noite, Carolina.

— *Gracias.*

PERIGOSAS ACHERON

Minha voz saiu ríspida e impaciente. Mas não me arrependi. Se ele pensava que iria me derreter em sua presença e me jogar em seus braços, estava muito enganado. Não iria me rebaixar ou me humilhar para um homem.

Ele pareceu confuso por um momento e franziu a testa.

Porém, eu não estava com paciência para lidar com ele, ali e agora. Virei-me e dei dois passos para longe dele, mas sua grande e quente mão agarrou meu braço na altura do cotovelo. Voltei a olhar para ele e não escondi a raiva em minhas feições.

Imbecil.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Solte o meu braço — digo baixo e pausadamente.

— Não. — O vinco em sua testa se aprofundou.
— Qual é o problema?

— O que *queres*?

— Te acompanhar essa noite — diz como se fosse algo óbvio.

— *No acerque, Abner* — digo em espanhol sem perceber.

Estava começando a ficar muito irritada.

— O que disse? — pareceu impaciente. —
Traduza, Carol, traduza.

— Disse para *no* se aproximar de mim —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rosnou literalmente. — *No* o quero próximo a mim.

Digo baixo sem esconder a minha raiva dele, puxei meu braço do seu aperto e lhe dei as costas novamente. Desta vez, ele não me seguiu ou insistiu. Fiquei aliviada por isto. Não queria me envolver mais com ele e acabar perdendo meu coração para alguém que não o merece ter.

Cumprimentei algumas pessoas no caminho até o bar. Encostei-me a bancada e pedi uma bebida leve, estava dirigindo e não poderia fazer isto alcoolizada.

— O que uma bela dama como você faz desacompanhada em um bar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouçõ uma voz masculina ao meu lado. Olho em sua direção e um bonito homem loiro sorria para mim.

— Somente procurando por um pouco de descanso — respondo.

— Sou Paul Hyde — estendeu a mão.

— Carolina Callejas.

Ele pegou minha mão e levou aos lábios, beijando suavemente.

Galanteador barato. Penso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Treze

Abner Stabler

Estava parado na frente da parede de vidro da sala do meu apartamento, o tempo estava fechado e leves camadas de neve caíam sobre os grandes prédios ao redor. Coloquei as mãos nos bolsos do meu smoking sentindo-me ainda mais mal-humorado do que de costume.

Sempre que fechava meus olhos à imagem dela ainda estava lá, me perseguindo, me atormentando. Cheguei a cogitar se foi uma decisão sábia ir até a casa dela naquele sábado. Mesmo sem querer, Carolina deixou mais marcas em mim do que

estava disposto a aceitar.

O desejo de tomá-la novamente fazia-me sentir como um viciado louco por mais um pouco de sua droga. Era como se ainda pudesse sentir a suavidade de sua pele. O cheiro de seus cabelos. A sua voz doce e cheia de sotaque enquanto gemia debaixo de mim. Podia até mesmo sentir o seu calor.

E aquilo me irritava.

Muito, para ser sincero.

Não queria dar o braço a torcer.

Mas eu não podia fugir do grande e dolorido incômodo em minha calça desde que a deixei em

sua cama.

Eu a queria.

A queria da pior forma possível.

Era como se eu não tivesse mais o controle do meu próprio corpo. E essa constatação me enfurecia. Levava-me ao extremo de uma raiva desconhecida. Para piorar a situação, eu vinha recebendo fotos dela todos os dias, segui todos os seus passos e não a procurei. Não me aproximei. Não voltei e tomei o que tanto queria.

Mas a seguia.

O vibrar do meu celular me salva de explodir de raiva. Era uma mensagem de Marcelo, meu

principal segurança, avisando que estava tudo pronto para irmos ao coquetel. A lembrança de onde eu estava indo também ajudou a aumentar meu mau humor. Não tinha paciência para lidar com aquelas pessoas. Não queria. Mas meu pai não me deixaria fora de algo assim *nunca*. Como seus herdeiros, eu e meus irmãos, deveríamos sempre participar de alguns eventos e não havia outra opção a não ser ir.

Depois de algumas ameaças a Marcelo, entrei no meu carro e dirigi com a escolta me seguindo até o local. Assim que estacionei, vi as Ferrari dos meus irmãos aguardando minha chegada. Marcelo pegou minha chave e os meus irmãos também deslizaram

para fora de seus carros.

Caminhamos pelo tapete azul sabendo que os seguranças iriam cuidar de todo o resto. Como de costume, nunca vamos acompanhados. No máximo levamos Alice, mas ela chegaria um pouco mais tarde, estava presa resolvendo alguns de seus problemas em sua loja.

Elliot como sempre era um idiota, nos fez parar para fotos e mesmo protestando acabamos cedendo. Ele era o tipo de pessoa que às vezes era melhor ceder e satisfazê-lo rápido, do que enfrentar sua insistência descabida.

Aceitamos whisky assim que entramos. Elliot não perdeu tempo em olhar em volta em busca de

PERIGOSAS ACHERON

uma companhia para quando sair daqui.

— O cardápio está maravilhoso — brincou.

Não dei importância, peguei meu celular que vibrava com atualizações de Marcelo.

— Wow! — Ethan exclamou.

— Estou duro, ai cacete. — Elliot murmurou.

— Olhe, Abner, já escolhi a vítima da noite. —
Ethan disse olhando por cima do meu ombro.

Curioso, acabei me virando para ver o que tanto impressionou os dois.

Sem perceber, prendi a respiração.

No topo da escada estava ela, *Carolina Callejas*,
mais linda do que um dia imaginei que fosse

possível. Meus olhos ficaram vidrados em sua beleza e em cada movimento seu. Depois de entregar a echarpe para o rapaz ao seu lado, ela começou a descer as escadas de queixo erguido como se não se importasse com todos olhando em sua direção.

— Ela tem que ser nossa. — Elliot murmurou encantado.

— Imagine só o que tem por debaixo daquele vestido, estou duro, porra. — Ethan murmurou na borda do seu copo.

Eu sabia muito bem o que tinha por baixo daquele vestido que se encaixava tão bem nela. Em suas curvas. Curvas que eu passei horas venerando

PERIGOSAS ACHERON

até a exaustão.

Eu também estava duro, *como nunca estive antes*.

Precisava tê-la novamente, eu iria.

Ignorando os comentários dos meus irmãos, comecei a andar na direção dela. Nem mesmo percebia o que estava fazendo até que parei na escada no exato momento em que ela agradeceu o garçom que a ajudou descer os últimos degraus.

Ela se virou para mim e ficou congelada no lugar, de início seu rosto mostrou surpresa com minha presença. Mas um segundo depois uma frieza, desconhecida por mim, marcou suas feições.

PERIGOSAS NACIONAIS

Porém, eu não estava me importando com suas reações. Seus olhos esmeraldas e seus lábios vermelhos vivos tinham toda minha atenção.

O cheiro de seu perfume chegou aos meus sentidos e uma enorme vontade de investigar seu corpo, em busca de mais daquele perfume, encheu dentro de mim.

— Está incrivelmente bonita essa noite, Carolina.

Ela me olhou por um instante antes de responder.

— *Gracias.*

A rispidez em seu tom de voz me deixou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confuso, franzi a testa e antes que pudesse perguntar alguma coisa, ela se virou e tentou se afastar de mim. Agi antes mesmo de perceber e segurei seu braço. Falamos brevemente e ela se mostrou ressentida, até mesmo furiosa quando arrancou seu braço para longe do meu aperto.

Fiquei completamente confuso.

Observei ela se afastando cada vez mais e me senti frustrado. Logo a raiva voltou com força, se não queria minha companhia, tudo bem, eu não iria me humilhar em insistir. Caminhei de volta para os meus irmãos que me olhavam com diversão. A vontade de bater a merda fora deles inflou dentro de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Bastardos.

Quando cheguei ao lado deles, gargalharam sem esconder o quanto gostaram de assistir aquela cena toda em que eu fui esnobado por Carolina.

Isso não iria ficar assim, mas não ia mesmo!

— Estou chocado, ela te dispensou. — Elliot riu alto.

— Está perdendo a prática, Abner. — Ethan me provocou e olhou para Elliot. — Será que vamos ter que ensinar a ele?

— Calem a boca, porra!

— Vou lá te mostrar como se faz, Abner. — Elliot disse sorrindo e com aquele ar de

determinação que só ele tinha.

O segurei pelo cotovelo e ele me olhou um pouco confuso.

— Não se aproxime dela. — Minha voz saiu baixa e ameaçadora.

Elliot pareceu levemente confuso, mas não durou muito. Logo abriu seu grande sorriso irritante.

— Tem algo errado aqui. — Ethan disse sem esconder sua curiosidade.

— Não se aproximem dela — ordenei baixo.

— Então é ela? — Ethan questionou.

De nós três, Ethan era o mais observador, nada

PERIGOSAS NACIONAIS

passava batido sem que ele percebesse. E eu já tinha caído na sua armadilha.

— Ela o quê? — resmunguei. — Porra.

— Que te deixou de mau humor a semana inteira. — Elliot completou.

— Estou sempre de mau humor — afirmei.

Eles não discordaram, só ficaram mais curiosos.

— Desta vez é diferente, você anda rosnando para qualquer um ao seu redor. — Ethan disse.

— Sem contar que está mais calado do que o normal. — Elliot deu de ombros.

Respirei fundo para não bater nos dois ali mesmo, não estava aguentando aqueles sorrisinhos

PERIGOSAS ACHERON

convencidos.

— Não interessa, porra — acenei irritado. — Os dois longe dela e pronto.

— Só se você nos contar o que está acontecendo. — Elliot disse sorrindo.

— Ou vamos *os dois* atrás dela e insistir que passe a noite conosco como sempre fazemos. — Ethan afirmou sua provocação.

Sabia que eles fariam exatamente isto somente para me irritar. Gelou meu sangue. Pensar em outro homem tocando Carolina, mesmo que fosse meus irmãos, deixou-me quase que em pânico quando um ciúmes desconhecido e possessivo atravessou

meu corpo.

Mesmo contragosto resolvi contar logo antes que os dois me deixassem ainda mais louco.

— Eu a conheci há uma semana atrás, ela é Carolina Callejas...

— A empresária que pedi pra você atender pra mim? — Ethan pergunta curioso, agora mais divertido do que antes.

— Sim, antes de me pedir, eu já tinha esbarrado com ela mais cedo, no saguão do prédio — contei baixo. — Depois foi coincidência encontrá-la, não imaginava que era a empresária que pediu para atender.

Fiquei calado por um tempo e busquei Carol com os olhos. Ela estava sentada no bar e Paul tinha acabado de se aproximar dela. O gelo de antes em meu sangue derreteu e ferveu em raiva. Meus irmãos acompanharam meu olhar e sorriram novamente.

Eu vou bater neles. Decidi.

— Fale mais, Abner, ainda não nos convenceu.

— Elliot disse.

Idiota.

— Demorei muito no fórum e quando voltei, ela ainda estava me aguardando. Aconteceu um monte de coisas que não vem ao caso agora — encurtei a

história. — Levei-a para casa depois de descobrir que tinha fobia de tempestade e voltei algumas vezes com a intenção de encontrá-la — resumi mais um pouco. — Até que consegui acabar em sua cama no último sábado.

— Eu sabia que você estava com cheiro de mulher. — Elliot riu.

— Sem contar que ele esqueceu que marcamos para sair, ele nunca se esquece de nada. — Ethan acrescentou.

Elliot concordou.

— Encontrou com ela depois? — questionou curioso. — Brigaram? Você fez alguma besteira?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que eu faria alguma besteira? —
perguntei impaciente.

— Porque você é um bastardo — disse como se
fosse óbvio.

Apontei para eles antes de dizer:

— Somos.

— Ela te dispensou agora? — Ethan questionou
sabendo a resposta.

— Sim, não procurei por ela desde de sábado e
agora ordenou que não me aproximasse dela.

— Ela não quer repetir a noite? — Elliot
perguntou surpreso.

Não era nenhuma novidade de que nós três

PERIGOSAS ACHERON

sempre dividíamos mulheres e éramos bons de cama. Cansamos de negar pedidos para repetir a noite, nunca repetíamos a mesma mulher.

Carolina tinha me esnobado e isto era novidade para nós três.

— Você fez algo errado. — Ethan disse pensativo.

— Eu não fiz nada de errado — protestei. — Já disse que não me encontrei com ela depois que saí da sua casa.

— Acalme-se, Abner. — Elliot pediu rindo.

Ethan revirou os olhos.

— Esse bastardo nasceu sem calma, seu idiota, é

inútil pedir isto a ele.

— Concordamos em algo — digo a Ethan.

Era inútil me pedir calma.

Vi Elliot hesitar um segundo antes de endurecer as feições.

— Acho bom ter um pouco de calma — murmurou.

— Por quê? — perguntei confuso.

— Porque o babaca do Paul tirou a sua deusa pra dançar. — Ethan respondeu

Se eu estava um pouco tenso antes, agora me sentia completamente tenso.

Devagar voltei a procurar Carolina com os

olhos, desta vez ela estava de braços dados com Paul caminhando até o centro da pista de dança. Ela riu de algo que ele disse e pararam de frente um para o outro. Paul segurou a mão dela e depois sua cintura quando começaram a dançar.

Observando o rosto dela, vi que não tinha mais a frieza com o qual me recebeu na escada. Parecia um pouco mais relaxada.

Eu estava fervendo. Podia sentir meu sangue borbulhando em minhas veias. Sentia um ciúmes que não queria assumir. Embora, de qualquer modo, não queria que ninguém, além de mim, a tocasse.

Quando eles se viraram, ela ficou de costas para

PERIGOSAS ACHERON

mim, *eu me perdi*. A mão do imbecil estava direto na pele de Carolina, na merda do decote que tinha nas costas dela.

A porcaria do vestido faltava pano e mostrava toda a extensão de suas costas. A lembrança dela arqueada de quatro para mim, queimou em minha mente. Lembro-me de como não pude resistir e deslizei minhas mãos por sua pele, dos quadris até os ombros e depois desci pelo mesmo caminho. Apreciando e sentindo a pele macia e quente de seu corpo.

Ninguém mais deveria tocá-la.

— Vou cortar as mãos daquele idiota.

Dei um passo à frente e duas mãos pesadas pousaram em meus ombros. Freando-me.

— Soltem-me — ordenei baixo e furioso.

— Se acalme, porra. — Ethan pediu tenso.

— Eu não nasci com isso, porra.

— Abner, se controle e pense antes de agir. — Elliot disse baixo próximo ao meu ouvido. — Está parecendo um maldito namorado ciumento.

Ciúmes? Sim, claro que eu estava com ciúmes.

Quase que um ciúmes enlouquecedor. Não tinha mais volta para aquele sentimento em mim. Respirei fundo e devagar sabendo que eles iriam me soltar quando percebessem que estava mais

calmo.

Assim que me soltaram, Alice apareceu na minha frente, estava visivelmente preocupada quando olhou em meus olhos.

— O que está acontecendo? — Alice perguntou com um olhar astuto.

— Nada — respondi.

— Como se eu fosse alguma idiota, Abner — colocou as mãos na cintura. — Você está vermelho e suas veias jugulares estão inchadas, está com raiva de alguma coisa.

Não prestei mais atenção nela, sabia que iria impor sua vontade e me fazer falar. Meus olhos

ainda estavam em Carolina e Paul dançando. Quando vejo a mão dele deslizar devagar na pele dela, para cima e para baixo, explorando algo que era meu.

Enlouqueci.

Estava sendo irracional, sabia disto e não me importava.

Ela não era minha, mas foi por uma noite e eu não permitiria mais aquela merda. Antes que Ethan e Elliot pudessem me parar, já estava caminhando na direção do casal no meio da pista. Iria fazer uma cena. *Não ligava.* No entanto, com toda certeza tiraria Carol dali, nem que fosse por cima dos meus ombros como um maldito homem das cavernas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ou eu não me chamava Abner Stabler.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quatorze

Abner Stabler

As pessoas no meu caminho iam se afastando automaticamente, como se soubesse que eu passaria por cima caso não me dessem espaço. A maioria delas me conhecia, sabia que não tinha bom humor e não se arriscavam a me deixar ainda mais furioso.

Meus passos eram duros, meus dentes trincados e meu corpo rígido mais do que antes. Parei na frente do casal na pista de dança e o idiota que a tocava, foi o primeiro a perceber minha presença. Ele parou e se afastou um pouco de Carol, sorriu para mim de forma descarada e provocativa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quanto tempo, Abner. — Paul disse calmo.

— Quanto mais tempo sem ter que te encontrar melhor. — Não escondo meu desgosto em vê-lo.

— Um poço de gentileza, como sempre. — Não se abalou. — Deveria melhorar seu humor.

Dei um passo à frente e falei para que os dois escutassem, mas minha atenção estava toda no idiota que continuava sorrindo para mim.

— Se eu fosse você tirasse esse seu sorriso do rosto, pois eu estou louco para fazer isso há longo tempo — ameaço. — E como você deve imaginar, não seria nada legal acabarmos com a festa — ironizo. — Então cale a merda da sua boca que meu

PERIGOSAS ACHERON

assunto aqui não é com você — fiquei satisfeito com a raiva em seu olhar. — Se dê por agradecido em receber um aviso, já que não é de meu feitio oferecer tamanha gentileza antes de chutar traseiros idiotas como o seu.

Dei um sorriso arrogante deixando-o com mais raiva. Esperei que ele continuasse me provocando, louco para bater a merda fora dele. Aquele era um desejo que eu tinha há muito tempo.

— Abner, pare com isso! — A repreensão de Carol me fez desviar o olhar para ela, que também estava com raiva.

Faria a questão de acalmá-la.

— Já parei — aceno levemente. — Meu assunto agora é com você, Srta. Callejas — informei. — Acompanhe-me, por gentileza. — Nem mesmo escondi a ironia de minha voz.

Eu estava muito irritado, era como se limites não existissem mais para mim. Iria fazer uma loucura se ela teimasse comigo ou coisa pior. Seria capaz de arrancar as roupas dela aqui mesmo e tomá-la, somente para mostrar aos homens ao redor que ela me pertencia.

Ninguém mais podia tocá-la.

Ninguém!

— *Yo no* vou a lugar nenhum contigo, Abner —

negou teimosa.

Senti meu corpo tremer com a confusão de emoções que estava experimentando.

— Carol, eu não estou brincando — respirei fundo. — Vou te jogar no meu ombro e te levar nem que seja arrastada.

— Abner! — exclamou chocada.

— Vamos conversar em um lugar mais privado, ou que Deus me ajude, Carol, porque vou fazer uma loucura.

Ela me olhou por um instante como se considerasse o que acabei de dizer e por fim tomou a decisão mais sábia, se despediu do idiota que vai

acabar sem dentes se continuasse a tocá-la. Segurei seu cotovelo dizendo a mim mesmo que nunca mais ela falaria com Paul, não permitiria tal coisa.

Irracional, eu sei, mas também não ligo.

Encontrei os olhos dos meus irmãos e eles sorriram orgulhosos de mim, fazendo-me querer revirar os meus olhos. Alice tinha um olhar confuso, mas eu sabia que ela faria os dois bobões lhe dizerem o que estava acontecendo com o meu recente comportamento de louco.

Guiei Carolina pelo local rapidamente encontrando o caminho em que queria.

— Abner, devagar — reclamou ofegante. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou de saltos, *no* consigo correr, *Dios mio!*

Freei meus passos fazendo-a tropeçar de leve em seus saltos e vestido, deixando-me um pouco mais impaciente. Segurei sua cintura e voltei a andar, desta vez mais devagar, não queria que ela se machucasse por minha causa. Respirei fundo e caminhei procurando por um toailete feminino que eu tinha quase a certeza de que não estava liberado para uso.

Quase sorri triunfante quando o achei, empurrei a porta e tranquei, depois que Carol passou. Ela olhou para mim e parecia tão brava que eu sabia que iria enfrentar uma tempestade das grandes agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não importava, eu iria me molhar nela *se possível*.

Sabia que ela estava irritada, mas não chegava nem aos pés de como eu me sentia naquele momento.

— O que *queres*, Abner?

Seu tom ríspido não me afetou.

— Primeiro, o que tanto fazia ao lado daquele idiota?

— Isso *no* te interessa, Abner.

O controle escorregou por meus dedos quando o ciúme foi maior do que minha capacidade de pensar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me interessa sim, porra! — esbravejei.

Ela estremeceu um pouco e me olhou de forma desafiadora. Aquilo acabou com o resto de bom senso que eu tinha, estava enlouquecendo.

— *Yo no* tenho medo de *usted*, *entonces...* é melhor guarda sua fúria para outro.

— Você estava se esfregando como uma vadia naquele desgraçado, deixando que ele te tocasse...

Antes que eu terminasse de derramar as loucuras da minha cabeça, sua mão estava no meu rosto. Estalou alto, empurrando minha cabeça um pouco para o lado. Foi tão forte que senti a pele arder no mesmo instante.

PERIGOSAS ACHERON

— Idiota! — gritou.

Fiquei congelado no lugar, somente me movi involuntariamente ao estremecer algumas vezes quando a raiva foi demais para suportar ficar quieto. Ninguém nunca tinha batido em meu rosto antes, na verdade, quem um dia bateu em meu rosto hoje não respirava mais. Outro tremor passou por mim ao me lembrar do passado.

Ela gritou alguma coisa em espanhol. A voz dela me faz sair do choque inicial, podia sentir cada músculo do meu corpo ficar tenso. Peguei as mãos de Carolina e a preendi na parede mais próxima. Ela arregalou os olhos surpresa e pareceu temer um pouco a fúria em meus olhos.

— Nunca mais se atreva a me bater — digo baixo. — Não provoque em mim o inferno que não conseguiria controlar.

Respiro fundo para tentar recuperar o controle que nem sabia mais se era possível ter. Ela ficou calada, não disse mais nada e aquilo ajudou com que eu me acalmasse um pouco. Carol soltou o ar que parecia prender e seu hálito me fez lembrar o quando era bom beijá-la.

— O que você disse? — pergunto empurrando meu corpo contra o seu. — Se acalme e fale em um idioma que eu entenda.

Sentia-me um pouco mais calmo. Eu já estava excitado antes com a raiva e agora sentia que

PERIGOSAS ACHERON

minhas bolas poderiam explodir por estar tão perto dela.

— Disse que te bati por ter me tratado como uma *cualquier* — responde com petulância.

Não digo nada, somente a observo bem de perto para ver até onde ela continuaria a me desafiar. Até que a vi hesitar e, então, parecer cansada daquela discussão.

— O que queres de mim? — questionou. — *No* já teve o que queria? — suspirou alto. — Usou-me e *despues* me *juegou* fora como uma mulher qualquer. *Ahora* me *dejas* em paz, Abner. Paz.

Ainda parecia nervosa, suas palavras eram

confusas, mas eu compreendi o que dizia. Seus olhos brilharam com mágoa, surpreendendo-me. Se fosse qualquer outra pessoa eu não me importaria, mas com Carolina era diferente.

Me importava com ela.

— *Me usó y se fue. Qué más quieres de mi, Abner?*

Ela tentou me afastar e não conseguiu.

O choque veio no exato momento em que lágrimas desceram pelas bonitas bochechas dela. *Por que estava chorando?* Eu não entendia o motivo. Franzi a testa preocupado. Aliviei o aperto em seu punho. Não estava a machucando, tinha

certeza disto.

— Carolina, se acalme e não fale em espanhol comigo — pedi. — Não entendo nada o que fala, se continuar assim não vamos conseguir nos entender — digo baixo mostrando a ela que havia me acalmado, apesar do meu rosto ainda arder com o tapa que me deu.

Solto seus pulsos e limpo seu rosto com as pontas de meus dedos.

— Me usou *y fue* embora, o que mais *quieres* de *mi*, Abner? — diz ainda misturando um pouco os idiomas.

Havia sofrimento em sua voz.

— Eu não te usei, Carol — afirmou ainda mais surpreso com o rumo daquela conversa.

— *No?* — ironizou. — Esperou-me dormir *y se fue*. *No* queria um pedido de casamento, *pero* ao menos *no* me fizesse sentir usada, suja, *una mujer fácil*.

Como? *Suja?*

Não pude evitar arregalar meus olhos. *Santo Deus, ela se sentiu suja e usada somente por que eu a deixei?*

Aquilo me fez hesitar. Será que quando acordou e não me achou, ela também chorou? Eu não gosto quando ela chora, quero que sempre sorria. Ou será

que se lavou e esfregou a pele com força para apagar os rastros de minhas mãos sobre ela? Eu também não queria isto, com ela era diferente. Desejava que sentisse meu toque e quisesse mais, que ter ficado comigo tivesse afastado todos os homens ao redor.

Suspirei também cansado com a loucura daquelas emoções.

Suja?

Não, não é possível.

Quero que ela deseje mais de mim sempre. Que veja o quanto eu a desejo.

Respirei fundo e segurei o rosto dela, obrigando-

a a me encarar.

— Em nenhum momento te considerei uma mulher fácil e muito menos queria que se sentisse suja — hesitei — Só não sabia o que fazer, então, te coloquei em sua cama e fui embora — inclinei meu rosto mais perto do dela e sussurrei: — Você não saiu da minha mente todos esses dias. Senti-me como um maldito viciado que precisava da sua maldita droga preferida, eu preciso de você, querida.

Estava tão perto de beijá-la, muito perto. E desejava isto mais do que qualquer outra coisa na minha vida.

— Abner, por favor, não brinque comigo —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurrou. — Me *dejar* ir embora.

— Jamais brincaria com você, e não, não vou te deixar ir — garanti. — Eu preciso de você, Carol.

Antes que ela negasse novamente, eu a beijei. Roubei mais vezes seus beijos, incapaz de me segurar e louco por mais.

Sentir seus lábios novamente foi como ser levado as nuvens em poucos segundos. Ela resistiu e não me deu passagem, mas eu estava determinado. Segurei seu rosto mais firme e ela arfou dando-me passagem para sua boca, queria sorrir, porém, não perdi tempo. Tracei minha língua entre seus lábios vermelhos e explorei sua boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A raiva em meu corpo se esvaziou e se transformou em uma necessidade sufocante em tomar Carolina da pior forma possível. Era primitivo, perigoso e nunca experimentado antes.

Não corri daquilo.

Eu a queria e a teria.

Sentia saudades...

Saudades? Sim, saudades de cada detalhe que eu sabia que somente ela podia ter.

Segurei sua nuca com uma mão para que não fugisse e descii a outra por seu corpo até chegar em sua cintura. Apertei meu quadril contra o dela para que sentisse o quanto a desejava.

PERIGOSAS ACHERON

— Abner, *no...*

— Não pense, baby, eu quero tanto você que chego a estar com dor.

Deslizei minha mão encontrando o pequeno zíper lateral e o abri. Não desviamos o olhar um do outro, nos encaramos com intensidade sabendo que não tinha mais volta para o desejo insano em nossas veias.

— Eu quero você — confessou em um sussurro.

— Estou bem aqui, Carol — sussurro rouco.

Dei um passo atrás e empurrei as alças de seu vestido para baixo em seus braços. Com pura fascinação assisti o tecido branco deslizar por seu

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo. Ofereci uma mão para que saísse de dentro do vestido e não se desequilibrasse. Ela aceitou e eu me abaixei para pegá-lo do chão. Virei as costas para ela e caminhei até o sofá no canto do local. Coloquei o vestido com cuidado para não amassar e comecei a tirar minhas próprias roupas. Colocando peça por peça do smoking também com cuidado sobre o sofá, me voltei para ela vestindo somente calça, que estava sem o cinto e já aberta, e sapatos.

Primeiro encontrei os olhos dela, brilhavam em uma paixão que parecia queimá-la por dentro, assim como era comigo. Meus olhos desceram para sua boca manchada de batom e sabia que a minha estava da mesma forma ou pior.

PERIGOSAS ACHERON

Quando encontrei seus seios percebi que ela os escondia com as mãos, balancei a cabeça de leve mostrando que não deveria escondê-los de mim. Hesitante, Carolina abaixou as mãos e me deu uma visão dos deuses.

Seu corpo parecia ter sido feito por um arquiteto renomado, que teve o cuidado de desenhar a delicadeza e sensualidade que uma mulher deveria ter. Somente com uma calcinha pequena de seda, também branca, e sobre sandálias de saltos douradas ela esperava por mim.

Era uma imagem que nunca poderia esquecer. Hipnotizado por sua beleza natural, fui até ela com passos lentos e ameaçadores. Eu não tinha mais

PERIGOSAS NACIONAIS

controle das minhas ações, precisava estar dentro dela quase que imediatamente.

Estava à beira da insanidade.

Eu era um insano.

Seus braços rodearam meu pescoço e seus seios roçaram meu peito. Escorreguei minhas mãos de seus ombros por suas costas, algo que somente eu deveria poder tocar, encontrei sua bunda e apertei, puxando-a mais para mim.

Ela gemeu de leve e antes de atacar sua boca com a minha, segurei suas coxas e as puxei para abraçarem minha cintura. Seus saltos cravaram em minha pele causando uma leve dor, excitando-me

PERIGOSAS ACHERON

mais. Não tinha forças mais para levá-la em outro lugar. Presei seu corpo contra a parede gelada enquanto nos beijávamos de forma desesperada. Movia contra ela ainda com o resto de roupa que tínhamos apreciando a fricção, até que foi demais para aguentar. Rasguei sua calcinha e me enterrei dentro dela.

Enlouquecedor.

Era a palavra certa que definia o que senti tomando Carol. Seu interior molhado e quente era convidativo demais para resistir. Sua pele ardente e suave implorava por meu toque, por minha boca.

Insano.

Foi assim que me senti ao ouvir seus gemidos e o aperto dos seus músculos internos ao meu redor.

Era demais.

A única coisa que podia fazer era deixar o prazer nos consumir.

Capítulo Quinze

Carolina Callejas

Louca.

Isto é o que devo ser. *Completamente louca!*
Ceder a Abner mais uma vez foi insanidade completa. De alguma forma, sabia que ele iria me magoar novamente. Porém, não havia como me arrepender.

Dios Santo.

O que foi aquilo tudo? Quanta intensidade.
Quanto desejo. Quanto prazer... *Quanta loucura.*

Estávamos ofegantes com a testa encostada uma na outra, ainda nos recuperando. Seus olhos não

PERIGOSAS NACIONAIS

mudaram a intensidade de antes, brilhavam em seu azul gélido uma paixão inesgotável.

Deslizou para fora de mim devagar e me segurou, até que minhas pernas estavam firmes suficientes para manter o meu peso. Então, se inclinou e me beijou novamente, desta vez devagar e lento como se quisesse marcar em sua memória cada movimento. Quando se afastou, eu não podia esconder a surpresa do seu suave e carinhoso beijo.

Ele sorriu de leve e piscou para mim.

— Precisamos sair daqui.

— Sim — murmurei ainda encantada com seu beijo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se arrume, querida — acariciou meu rosto.
— Vamos lá fora, dançar um pouco e depois ir para meu apartamento.

Acenei incapaz de formar palavras, ainda surpresa com seu comportamento. Limpei-me e com sua ajuda coloquei o vestido. Ele deslizou o zíper o fechando e depois suas mãos tocaram minhas costas explorando minha pele. Causando arrepios.

— Fiquei louco quando vi aquele imbecil te tocar aqui — sussurrou. — Ninguém, além de mim, deve te tocar, Carol.

— Percebi que você estava louco mesmo — respondi e não consegui evitar sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

Encaramo-nos no espelho e depois ele se abaixou atrás de mim, fiquei confusa e antes que conseguisse perguntar o que ele estava fazendo, senti sua boca em minha pele. Ele distribuiu beijos molhados por toda a extensão de minhas costas até que chegou ao meu pescoço.

— Somente eu devo tocá-la — murmurou em meu ouvido.

Acenei concordando incapaz de estragar o momento. Não estava disposta a enfrentar mais uma discussão acalorada, como a de quando entramos nesse toalete.

Ajeitei o meu cabelo, arrumando alguns fios que estavam fora do lugar, enquanto Abner lavava o

PERIGOSAS ACHERON

rosto tirando o meu batom que manchava sua pele. Sorri de leve e procurei por minha bolsa, tinha caído no chão quando ele me prendeu na parede. Retoquei o batom e esperei, observando cada movimento em que ele fazia para se vestir.

Era tão confiante em cada movimento que parecia ser alguém que não tinha problemas ou dava importância para pequenas coisas. Seu rosto fechado trazia uma maturidade que era difícil encontrar nos homens ultimamente. Era o tipo de pessoa que sabia seu lugar no mundo.

Quando percebeu que era observado somente me olhou de relance, sorriu e voltou a ajeitar a gravata borboleta que parecia lhe incomodar um pouco,

mas não reclamou.

Ele sorriu. Tinha um sorriso tão bonito, com traços marcantes que me fazia questionar o porquê ele não sorria mais vezes. Ou o porquê ser tão mal-humorado. Havia muitas questões, porém, mais uma vez eu não iria perguntar. Não queria estragar o momento de paz que estava instalado entre nós dois.

Quando estava pronto, segurou minha mão e saímos do banheiro. Do lado de fora tinha dois seguranças aguardando.

Olhei confusa para Abner.

— Me seguem para todos os lados — disse

como se lesse minha mente.

O sangue drenou no meu rosto, sentia-me completamente envergonhada. Aqueles homens sabiam o que estávamos fazendo e aquilo me constrangia.

— Não pense muito sobre isto.

Somente acenei incapaz de formar palavras agora que sentia minhas bochechas queimarem. Atravessamos os corredores até que encontramos o salão principal onde o evento acontecia. Antes que pudéssemos dar dois passos para dentro do local, três pares de olhos idênticos aos de Abner apareceram em nossa frente.

Dois homens altos que na verdade eram cópias de Abner em uma versão um pouco menor, mais não muito. E uma mulher linda que perto dos dois não era tão grande, mas tinha as mesmas características dos Stabler, olhos azuis e cabelos negros.

Ela foi a primeira a protestar, sorriu abertamente e seus olhos brilharam em diversão.

— Abner! — exclamou e bateu as palmas tão animada como uma criança que acabou de ganhar um doce.

— Agora não, Alice — repreendeu mal-humorado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora sim, que mulher linda! — exclamou e me abraçou apertado. — Sou Alice, irmã desses paspalhos.

— Não sou um paspalho.

Os três protestaram juntos, fiquei surpresa por falarem a mesma coisa ao mesmo tempo. Quase como se tivessem combinado.

— Se acostume, eles falam junto o tempo todo.
— Alice disse com um sorriso zombeteiro. — Acho que é porque são trigêmeos e ainda existe um cordão umbilical os ligando.

— Não existe nada me ligando a eles.

Um deles afirmou e se aproximou de mim com

PERIGOSAS ACHERON

um enorme sorriso travesso nos lábios. Sorri de volta achando toda aquela cena engraçada demais. Ele tentou me abraçar como a irmã fez, mas Abner entrou na frente.

— Guarde suas mãos para si, Elliot. — Abner falou sério.

— Como você é sem graça, Abner. — Elliot protestou. — Bastardo.

Abner apontou para eles antes de responder.

— Somos.

— Sou Ethan, o irmão mais esperto da ninhada.

Sorri divertida com a afirmação dele.

— *Mucho gusto* — digo aceitando a mão que

estendeu para mim.

A testa franzida foi à primeira coisa que percebi, então sorri me dando conta que falei em outro idioma.

— Muito prazer, Ethan — repeti e ele sorriu agora entendendo. — Sou Carolina, mas pode me chamar de Carol.

— Carol, eu não faço parte de uma ninhada, não sou um cachorro. — Elliot protestou.

— Você é! — Abner e Ethan afirmaram.

Alice riu alto.

— Com toda certeza você é um cachorro, Elliot, só que com pedigree. — Alice brincou e todos

riram.

Conversamos por um tempo e depois eles se espalharam, me deixando sozinha com Abner. Ele sorriu de um jeito cafajeste e depois me levou para o centro da pista. Não sei se ele sentiu, mas para mim foi um momento quase mágico. Enquanto uma canção suave tocava, nós dois nos olhávamos, cada um perdido no brilho que encontramos. Seu olhar não parecia mais tão gelado quanto antes e aquilo me deixou sem fôlego, ver como eles brilhavam em uma paixão desconhecida por nós dois.

O momento foi quebrado quando o celular dele vibrou no bolso, sua expressão se fechou e eu não estava pronta para a tempestade que provavelmente

estava em nosso caminho.

Ele levantou o olhar e eu acompanhei, estava procurando pelos irmãos. Achei incrível a forma como ele logo os achou no meio de tantas pessoas. Eles pareciam ter recebido a mesma mensagem e acabaram procurando uns aos outros com o olhar.

Aquela conexão de irmãos gêmeos não poderia ser negada, realmente pareciam ligados a um cordão umbilical imaginário.

— Precisamos ir.

— O que aconteceu? — perguntei curiosa.

Mas claro que ele não respondeu, já estava me guiando para a saída.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me dê sua chave — ordenou.

— O quê?

— Vou pedir para um dos meus homens levarem seu carro, vamos para meu apartamento continuar nossa noite de lá.

— Mas...

— Carol, a chave — insistiu impaciente.

— Você é tão mandão que me irrita.

Ele não disse nada, somente ficou me encarando com a mesma expressão fechada, mostrando que não adiantaria nada tentar teimar.

Respirando fundo, lhe entreguei o papel do manobrista. Caminhamos para fora onde pegamos

PERIGOSAS ACHERON

nossos casacos e seguimos para a Ferrari dele, que já o aguardava. Atrás tinha mais dois carros, para total coincidência, também era Ferrari, uma vermelha e outra branca.

Abner abriu a porta da sua Ferrari preta, mas antes de entrar vi os irmãos dele indo para os carros de trás. Claro, *não era uma coincidência*, até mesmo no gosto para carros, eles tinham iguais. Ethan levava Alice para o seu e eles acenaram para mim antes de irem.

Entrei no carro e Abner logo estava dirigindo a toda velocidade pelas ruas. Queria perguntar o que estava acontecendo, no entanto, aquela velocidade me deixava tensa. Não tinha traumas de carros, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda assim não perdia a prudência quando dirigia um.

Mesmo com minha curiosidade acabei calada, não queria provocar *a fera* enquanto ele dirigia como um louco. Em um cruzamento, Abner freou e seus irmãos pararam do nosso lado. Eles aceleraram os carros com os pés no freio, cantando os pneus e fazendo os motores roncarem alto.

Puro exibicionismo, revirei os olhos.

Então foram em direções opostas, franzi a testa confusa e um olhar para Abner, sabia que não adiantaria perguntar.

Olhei no retrovisor e vi algumas motos nos

PERIGOSAS ACHERON

seguindo, me senti um pouco preocupada, mas Abner não parecia se importar. Logo imaginei que fosse seus seguranças, o que não estava errada desde que eles piscaram o farol mandando uma mensagem que eu não fazia ideia do que se tratava.

Voltei meu olhar para Abner e ele parecia relaxado, o que me fez parar de me preocupar à toa.

Estacionou na enorme garagem subterrânea de seu prédio e em silêncio seguimos para o seu andar. O elevador tinha código e parou no hall de entrada do seu apartamento. Ele segurava minha cintura quando me guiou para dentro e paramos na frente de uma grande parede de vidro. Isto me fez lembrar do dia em seu escritório e de leve estremeci. Era

PERIGOSAS ACHERON

muito fácil ver uma tempestade com tanto vidro daquela forma.

Voltei meu olhar para ele que me encarava em silêncio.

— O que aconteceu, Abner?

Acho que esse foi o meu erro da noite, ser curiosa. Sua expressão se fechou mais e eu soube que a tempestade não iria cair lá fora, e sim dentro daquela sala.

Capítulo Dezesseis

Carolina Callejas

Sabendo que não adiantaria voltar atrás, resolvi enfrentar a briga de uma vez.

— Por que saímos do coquetel? — perguntei mais uma vez.

— Você queria continuar lá? — questionou rudemente. — Talvez tivesse a esperança de mais uma dança com Paul.

Franzi a testa confusa sem me lembrar de quem se tratava. Mas rapidamente entendi de quem ele estava falando, desde que Abner me arrastou para longe do homem aconteceu tantas coisas que nem

PERIGOSAS NACIONAIS

me lembrava de Paul.

— Sabe que não é isto que perguntei — digo.

— E por que você quer saber?

Bufei, ele não iria me dizer nada.

— Abner, você está me irritando.

— Que bom, porque você faz isto comigo o tempo todo — retrucou.

— Você nasceu irritado, não ponha a culpa em mim — repreendo impaciente.

Ficamos em silêncio nos encarando. Eu desejei que pudéssemos voltar ao clima do banheiro depois que nos entregamos ao prazer tão intenso como aquele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que estamos aqui? Pretende continuar brigando comigo?

— Porque eu quero.

Sua resposta fez meu sangue ferver, estava agora à beira da fúria. Isto não era algo que se faz com alguém. Se quisesse continuar o que começamos no banheiro tudo bem, mas me trazer aqui por seu puro capricho foi o meu limite.

Virei-me em meus saltos e caminhei na mesma direção que entrei. Sua mão agarrou meu braço em um aperto grosseiro e ele o soltou no momento em que voltei a encará-lo.

— Aonde pensa que vai?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Embora.

— Você...

— Yo não vou? — interrompi. — Tente me parar pra ver! — exclamei. — Você precisa aprender, Abner, que yo não sou seu brinquedo e que nem sempre pode ter algo só *porque quer!*

— E vai fazer o quê? — questionou bravo. — Voltar para o coquetel e acabar na cama de Paul?

— Pare de me ofender! — esbravejei.

— Então pare de me dar motivos!

Queria tanto estapear a cara dele até que minha mão cansasse. Sabia de que alguma forma não seria a noite perfeita depois de encontrá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um idiota, custava responder a uma simples pergunta?

— Sim, afinal, isto não é da sua conta — disse alterado.

— Abaixa a voz para falar comigo, Abner — ameacei irritada.

— Falo com você do jeito que eu quiser.

— Talvez yo devesse mesmo ter escolhido ficar com Paul em vez de você! — esbravejei para feri-lo.

— E o que ainda está fazendo aqui? — rosnou.
— Deveria estar indo atrás dele e ver se ainda tem chance.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele era o meu limite.

Não ficaria mais um minuto ali. Como um perfeito idiota, ele conseguiu estragar o resto da noite. Voltei a caminhar em direção ao elevador ainda mais furiosa desta vez e desejando nunca mais ter que vê-lo em minha vida ou seria capaz de enlouquecer.

Antes que alcançasse o meu destino, mãos fortes me agarraram e meu corpo foi empurrado na direção da parede mais próxima. Arfei surpresa com a atitude de Abner.

Sentia-me ofegante, como se tivesse corrido uma maratona ao encarar seus olhos duros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que quer agora?

— Você!

Sua resposta também veio ofegante, no próximo segundo sua boca estava sobre a minha, exigente e possessiva como nunca antes.

O homem era completamente louco! Insano!

Queria ter força suficiente para afastá-lo e não permitir que me conquiste novamente, mas não tinha. Não era possível afastá-lo. Meu corpo era tão traidor quanto poderia ser. Respondia aos seus toques como se ele fosse meu dono e pudesse fazer o que quisesse comigo.

Que no final ele sempre me teria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo sem ar continuamos a nos beijar até que ele me pegou no colo e caminhou em direção ao seu quarto. Nossas roupas caíram no chão sem que percebêssemos. Beijos e carícias se tornaram mais urgentes do que antes. Nossas mãos exploravam um o corpo do outro. Os beijos dele viraram mordidas a cada lugar que alcançava, fazendo choques me percorrerem.

Estávamos completamente perdidos com a paixão que nos queimávamos. O suor de nossas peles se misturavam e também se tornavam um só, enquanto ele me tomava durante longas horas.

E o pior de tudo isto era que o meu coração ia se entregando a ele junto com o meu corpo. Sabia que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esses nossos encontros estavam destinados ao fracasso. A prova disto era nossas constantes brigas e discussões. Era como se desafiássemos a nós mesmos todas as vezes que deixávamos nossas diferenças de lado e nos entregávamos ao prazer.

Não poderia me deixar levar.

Abner era tudo o que eu não queria em um homem. Mandão, ofensivo, mal-humorado, presunçoso e muitas outras coisas.

No entanto, era tarde demais para voltar atrás. Já tinha me deixado levar e não conseguia ver o caminho de volta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezesete

Carolina Callejas

Sentindo-me sonolenta, passei a mão pelo lençol de seda negra a procura do responsável por me deixar tão cansada e dolorida. Doíam músculos em meu corpo que nem sabia que existiam. Depois de algumas horas com Abner acabei cochilando, o que não era nenhuma surpresa, estava exausta.

Meus seios dilatavam onde ele deixou chupões. Minhas pernas estavam bambas e quase dormentes. E minha mente havia derretido depois do primeiro orgasmo.

Quando percebi que ele não estava deitado

comigo, levantei minha cabeça devagar, o procurando. Meus olhos sonolentos deslizaram pelo quarto até que o encontrei sentado em uma poltrona de frente para cama. Foi fácil perceber que havia tomado banho, seus cabelos molhados denunciavam isto.

Dormi tanto assim?

Ele vestia somente uma calça de moletom e parecia ainda mais atraente de quando estava em seus ternos caros. Sorri de leve com a minha linha de pensamentos e encontrei o olhar dele.

Meu sorriso se desfez e me preocupei.

— O que aconteceu? — perguntei baixo.

Ele continuou me encarando por um tempo.
Parecia um pouco perdido em seus pensamentos.

— Abner? — chamei sua atenção.

— Ricardo está esperando para te levar embora.

Seu tom de voz frio fez um arrepio passar por minha coluna. Parecia que estava ouvindo coisas.

Era isto mesmo? Ele estava me mandando embora?

— O quê? — pergunto ainda confusa.

Imaginando que o sono e o cansaço estavam me afetando mais do que pensei.

— Arrume-se que ele está te esperando no hall.

— Sua voz continuou fria e sem emoção.

O observei se levantar e caminhar em direção da

porta. Eu realmente não estava ouvindo coisas demais. Era só o Abner sendo um idiota novamente. Uma nova fúria subiu em meu sangue, também me levantei esquecendo todo desconforto e cansaço. Não me importei com minha nudez e desta vez foi eu quem segurou seu braço.

— Está realmente me mandando embora? — perguntei entre dentes.

Ele me encarou por um segundo antes de responder.

— Entendeu muito bem, parabéns.

A ironia em seu tom de voz frio fez meu sangue borbulhar em raiva. O soltei como se tivesse nojo

de ter encostado nele mais uma vez. Não deixei que visse a mágoa quando ela brilhou em meus olhos.

Não tinha mais voz ou forças para brigar com Abner. Deixei a raiva contida dentro de mim e peguei o meu vestido. O vesti sem pensar no que aconteceu com minha calcinha. Um travesseiro apareceu no meu campo de visão, o peguei com ódio e arremessei em Abner.

Ele ficou surpreso e conseguiu segurar antes que atingisse seu rosto. Aquilo me deixou ainda com mais raiva. Joguei todas as almofadas e travesseiros que encontrei na minha frente. Ele desviou de todas. E eu estava ofegante.

Quando encontrei seus olhos novamente, minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mágoa brilhou em meus olhos e lágrimas ameaçaram cair. *Como uma pessoa poderia me magoar tanto assim?* Não tinha resposta para isto e também não queria saber.

Desviei meu olhar e peguei minha sandália no chão do seu quarto. Dei a volta nele e alcancei a porta, voltei meu olhar e ele ainda estava de costas segurando dois travesseiros. Saí e bati a porta com força.

Não queria pensar nas coisas que aconteceram essa noite. Somente queria sair dali e não olhar para trás nunca mais. Acabaria surtando se olhasse para Abner mais uma vez. No hall de entrada, um segurança me aguardava, Ricardo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhorita Callejas. — Seu cumprimento foi sério.

Tentei não bufar de raiva.

— Ricardo?

Acenou concordando um pouco hesitante ao ouvir a raiva em minha voz.

— Está com a chave do meu carro?

— Sim, estou, senhorita.

— *Entonces...* me entregue, *no* precisa me levar.

O homem hesitou novamente antes de fechar a expressão.

— Senhorita, eu não posso, estou somente cumprindo ordens.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *No* me importo com as ordens que está seguindo — retruquei. — Quero as chaves do meu carro e quero imediatamente, ou que Dios me ajude, porque vou fazer um inferno nesse lugar e nem você vai escapar da raiva que estou sentindo.

Minha voz saiu tão ameaçadora quanto imaginei, dei dois passos na direção do segurança que recuou um passo atrás.

— Senhorita...

— Senhorita uma porra — esbravejei. — Entregue minhas chaves agora!

Percebendo que não ia adiantar discutir comigo, ele retirou a chave do bolso e me entregou. Peguei

PERIGOSAS ACHERON

minhas coisas que estavam no chão da sala e caminhei descalça em direção ao elevador. Ricardo me seguiu até o estacionamento onde encontrei meu carro e não pude esconder o alívio que senti ao ver que, enfim, poderia finalizar esse dia na minha casa.

Abri minha porta e senti a presença do segurança nas minhas costas.

— Ricardo?

— Sim, senhorita.

— Entende espanhol?

— Perfeitamente, senhorita.

— Ótimo, gostaria que desse um recado ao seu

chefe — dou um sorriso maléfico.

Lembrei que Abner não entende praticamente nada de espanhol e aquilo me agradou. Ricardo hesitou um pouco, mas acenou concordando em levar o recado.

Assim que fecho a boca a segurança arregala os olhos como se não tivesse ouvido direito o que eu disse.

— Senhorita, não é uma boa ideia...

Jogo minhas sandálias dentro do carro e olho para ele furiosa.

— *Eres* uma ótima ideia, Ricardo, pois eu farei isso mesmo caso ele apareça na minha frente —

PERIGOSAS NACIONAIS

apontei um dedo. — Libere minha saída e se tiver algum segurança me seguindo terá o mesmo fim que o idiota do teu chefe — entro no carro.

Bato a porta sem esperar sua resposta e dou partida. Para meu alívio, ninguém me seguiu para fora do prédio. Antes que alcançasse a rua às lágrimas já desciam por meu rosto como uma grande enxurrada em dia de tempestade.

Abner era o responsável por mais uma tempestade em minha vida. A mágoa quase me sufocava, e eu tinha a certeza de que era a única culpada. Não deveria ter permitido que ele tivesse mais uma chance de me magoar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezoito

Abner Stabler

Eu tinha ferrado com tudo mais uma vez, *era uma certeza irrevogável.*

Trazer Carolina para minha casa foi uma ótima decisão, apesar da briga quando chegamos, não mudaria nada.

Nada que me impedisse de tê-la como tive esta noite. Estava memorizado cada detalhe de seu corpo bronzeado em minhas lembranças. Nunca esqueceria a forma que sua pele contrastava com seu vestido branco. Ou a forma que seus olhos brilhavam quando estava com raiva. Foi uma

PERIGOSAS NACIONAIS

discussão idiota, sabia disto, mas também não me arrependia de ser um idiota.

A raiva entre nós dois deixava tudo ainda mais intenso, mais memorável e enlouquecedor.

Entretanto, acordar ao lado dela, depois de um breve cochilo, me fez sentir coisas estranhas. Não queria sentir. Não queria sentir NADA! Tentei esfriar meus pensamentos com um banho, porém, quando voltei para o quarto e a encontrei envolvida em meus lençóis, ainda adormecida algo fez meu estômago revirar.

Não podia aceitar a facilidade em que ela mexia comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Não queria aquilo, de novo.

Não queria me envolver.

Tinha me sentado sobre a poltrona e depois de mandar uma mensagem para Ricardo, fiquei ali, paralisado com o rumo dos meus pensamentos. Quando Carol acordou, ela estava realmente confusa com o que estava acontecendo. No entanto, não demorou muito para entender que eu a queria fora da minha cama, da minha casa. E até mesmo fora da minha vida. Podia estar sendo um bastardo, mas não poderia deixar que o que estivesse acontecendo conosco progredisse.

Queria ter saído do quarto mais rápido para me impedir de ver novamente seu corpo nu e desejá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

E desejar não ter pedido que ela se fosse. Eu era um idiota, não havia volta, soube disto ao ver a fúria brilhar em seus lindos olhos verdes esmeralda. Eles diziam muito, podia ver que ela não tinha palavras, ou talvez forças para enfrentar mais uma discussão comigo.

O primeiro travesseiro que me acertou foi uma surpresa, por pouco não acertava meu rosto. Os outros vieram com a mesma força e raiva do primeiro. Quando viu que não tinha mais nada para jogar em mim, pensei que me acertaria com suas sandálias. Mas ela só me olhou em silêncio e o brilho de seus olhos mudou de raiva e fúria, para mágoa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Soltei os travesseiros que ainda segurava deixando-os caírem no chão, à porta bateu com tanta força que pensei que poderia ter atravessado o marco. Respirei fundo tentando esquecer a forma que seus olhos se encheram de lágrimas por minha causa.

Mais uma vez na mesma noite, eu a tinha feito chorar.

Passando por cima das almofadas do chão, caminhei até a varanda do meu quarto. Abri as portas deslizantes e senti o choque térmico, o calor do meu quarto foi logo coberto pelo frio que vinha do lado de fora.

Estremeci com o frio e cruzei meus braços

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto olhava a grande cidade de luzes a minha frente. Sabia que deveria ir atrás de Carolina e pedir desculpas por tudo que a fiz passar nas últimas horas. Mas não me movi. Continuei ali observando a fina neve cair sobre os prédios.

Então me dei conta de que era igual àquela neve que caía do céu. Apesar de bonita, ela poderia ser instável e imprevisível.

Eu era assim.

Frio. Instável. Imprevisível.

Meu coração se encheu de pesar sabendo que nunca poderia ser feliz. Minha felicidade havia sido arrancada de mim por causa da maldade e ambição

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de pessoas que tanto confiava. Senti meu corpo ficar rígido com algumas lembranças e trinquei os dentes.

Minha atenção foi desviada para a entrada de veículos do condomínio, o carro de Carol saía sozinho, sem nenhuma escolta.

Aquilo me deixou furioso. Ordenei que ela fosse escoltada até em casa e os idiotas deixam-na sair sozinha.

Fechei a varanda e caminhei em direção a minha sala sabendo que Ricardo estaria lá me esperando. Ele não deixaria de me avisar caso algo mudasse minhas ordens e eu tinha a certeza de que ele também estava pronto para levar uns esporros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus passos duros ecoavam entre as paredes e quando cheguei à sala, lá estava ele me esperando. Apesar da expressão fechada em seu rosto, seus olhos estavam hesitantes em me enfrentar.

Todos sabiam que minhas ordens tinham que ser seguidas à risca, se mandasse que pulassem tinham que pular na merda do buraco. Eu dava as ordens e tinha que ser cumpridas.

— Pode me dizer o porquê dela sair sem escolta? — grito furioso sem conseguir conter minha raiva.

— Senhor... Ela não permitiu nossa companhia e estava tão furiosa quanto o senhor agora — diz nervoso e coça a nuca.

PERIGOSAS ACHERON

Ela não permitiu? A mulher não tinha nem um metro e sessenta direito, e deu ordens para os meus homens. Aquilo me deixou ainda mais bravo.

— Eu mandei levá-la em segurança pra casa, porra — vocífero.

Ricardo dá um passo atrás colando mais espaço entre nós dois. *Pelo menos parecia esperto*, porque se colocasse minhas mãos sobre ele ia fazer um estrago por não cumprir minhas ordens.

— Eu tentei, senhor, juro que tentei. E ela... Ela...

— Ela o quê, caralho?

— Mandou um recado para o senhor e não tenho

certeza se devo falar — responde nervoso.

A forma que ele hesitou já me dizia tudo, com toda certeza não iria gostar do que ela tinha dito. Estava com tanta raiva que minhas mãos começaram a tremer com o excesso de adrenalina.

— Diga logo, porra!

— Ela disse...

Agora eu estava completamente puto. Claro que não entendi nada do que Ricardo disse em espanhol, de forma polida e perfeita. Como se não bastasse Carol ficar falando em espanhol o tempo todo, descubro que meu segurança entende o idioma melhor do que eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Idioma do caralho.

— E o que essa porra significa? — pergunto irado.

— Tem certeza que quer saber?

Ele estava hesitando de novo. Deus, se ele não falar vou jogá-lo para fora desse prédio pela janela.

— Ou você traduz essa merda ou vou te arremessar para fora — grito.

Ele respira fundo como se tomasse coragem para me dizer o que significava aquelas palavras.

— Ela disse: *Abner, espero que não tenha a coragem de aparecer na minha frente. Ou eu vou cortar suas preciosas bolas e jogar para os cães,*

PERIGOSAS ACHERON

seu idiota.

— Me chamou de idiota?

Tremi de raiva, ela me chamou de idiota para o meu segurança.

— Chamou, senhor — acenou sério.

— Inferno! — resmunguei. — Mande alguém até a casa dela ver se está bem, porra — ordeno. — Na verdade, eu deveria ir lá e mostrar a ela quem é o idiota.

— Farei isso.

— E na próxima faça o que eu pedir, porra!

— Desculpe, senhor.

— Vá logo, caralho.

Em dois segundos ele já tinha sumido da minha frente, eu estava realmente pronto para bater em Ricardo. Caminhei até a parede de vidro e encostei minha testa sobre ela. Estava cansado. Exausto para ser mais exato. Eu sou tão idiota e bastardo, mas Carolina era tão petulante e teimosa.

Não teria mais paz depois de ter colocado meus olhos sobre ela no saguão. Meu inferno só estava começando, ou *recomeçando*.

Só não sabia se estava preparado para enfrentar tudo de novo.

Capítulo Dezenove

Carolina Callejas

Quando caí na minha cama foi um alívio, enfim, estava terminando aquele dia interminável. Dormir não foi tão fácil como imaginava. Um mundo de lágrimas ainda saía dos meus olhos sem o menor controle.

Estava cansada e muito magoada.

Era como se Abner tivesse jogado água gelada sobre mim quando me sentia tão bem aquecida. Ele chegava a ser cruel com suas atitudes e aquilo partia meu coração bobo que sempre se rendia a ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Revirei na cama de um lado para o outro tentando dormir um pouco, foi impossível. Cochilei por alguns minutos e logo estava na hora de levantar para mais um dia de trabalho. Meu humor não estava um dos melhores, até parecia que tinha pegado o mau humor de Abner novamente.

Suspirei quando seu nome veio em minha mente, tomei um longo banho sabendo que ia me atrasar e não me importei. Quando cheguei ao meu estúdio, Jaque foi a primeira a me encarar, mesmo vendo que não era um bom dia para mim.

— Você está bem, Carol?

— *Sí*, desmarque tudo da agenda de hoje.

PERIGOSAS ACHERON

Ela arregalou os olhos como se aquilo fosse algo impossível.

— Mas, Carol...

— *No*, Jaque.

— Está muito cheia, tem...

— Desmarque, *no* quero ser incomodada *hoj* — murmurei e entrei para minha sala deixando-a parada ainda com a agenda nas mãos.

Não podia enfrentar clientes hoje ou acabaria espantando a metade deles com meu novo humor. Ou a falta dele. Sentei em minha cadeira e suspirei, seria um longo dia. Meu coração estava pesado com a mágoa e decepção. Fechei meus olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

quando a tristeza me encheu. Sabia que ele não era uma pessoa fácil, mas a facilidade em que me machucava com suas atitudes era perturbadora.

Não deveria me importar com as coisas que ele fazia, porém, mesmo assim me importava. Machucava-me. Entristecia. Enchia-me de dor e mágoa. O conhecia há tão pouco tempo e ele tinha tanto poder sobre mim.

Abri meus olhos, decidida não pensar mais naquele assunto.

Trabajo. Pensei.

Trabalhar ajudaria a não pensar tanto nele. Levantei e peguei tudo que estava atrasado. Iria

PERIGOSAS ACHERON

passar meu dia enfiada naquele escritório e resolveria tudo o que estivesse em meu alcance.

Ocuparia minha mente.

...

Abner Stabler

Quando minha raiva se acalmou, voltei para o meu quarto e só de olhar para a cama as imagens dos melhores momentos da noite vieram em minha mente.

Assim como também a mágoa que vi nos olhos tão bonitos que Carolina tem. Fechei meus olhos e respirei fundo, sabia que tinha errado muito com ela, mas era melhor assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisava nos afastar.

Manter-me longe dela.

Voltei para sala e me sentei no grande sofá enquanto olhava para a cidade através da parede de vidro.

— A semana mais longa dos últimos tempos —
digo para o nada.

Fiquei ali, acordado, perdido em meus devaneios e bebi duas doses de uísque. Sabia que não podia exagerar e acabei bebendo uma terceira dose por pura teimosia.

Assisti o amanhecer e me senti pior do que antes, o cansaço só ajudava para que minha culpa

PERIGOSAS ACHERON

aumentasse.

Sabendo que não ia adiantar nada ficar ali naquela festa de piedade de mim mesmo, levantei e fui para um longo banho enquanto tentava relaxar os músculos. A lembrança de estar com ela estava tão viva em minha mente que não conseguia ignorar. Mesmo assim fiz o possível para desviar meus pensamentos dos momentos tão intensos que passei com Carol.

Enrolei uma toalha em minha cintura e fui para minha cozinha. Precisava medir o nível da minha glicose e fazer o mesmo ritual de todas as manhãs. Era o único Stabler que nasceu com diabetes na família. Às vezes penso que o destino está se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

divertindo as minhas custas. Porém, não tinha nada a fazer para mudar aquela realidade, meu corpo não produzia a quantidade necessária de insulina e eu tinha que cuidar da minha saúde diariamente.

Era um pesadelo aquilo, às vezes, mas era.

Lidar com uma doença que não existe cura nunca é fácil. Não era o fim do mundo, já que é possível tratar e manter o equilíbrio, mas isto não facilitava as coisas. O que ajudava para aumentar meu costumeiro mau humor.

No armário alto ao lado da geladeira tinha meu quite de primeiros socorros. Peguei o medidor de pressão e glicose. Sentei-me e respirei fundo algumas vezes antes de fazer os testes.

PERIGOSAS ACHERON

Preparei a caneta com a agulha para furar meu dedo e as outras coisas para completar o teste. A fisgada do furo nunca era agradável, assim que o sangue brotou manchei a fita e esperei que o medidor me dissesse o número do dia.

Um gemido frustrado saiu de mim quando vi que estava mais alto do que o costume. Joguei a fita e a agulha fora. Voltei a me sentar e esperei por alguns minutos enquanto tentava relaxar. Não tinha pressão alta, mas minha mãe nunca me deixou passar um dia sem medir. Era como se ela quisesse garantir que nada iria acontecer comigo.

Quando senti que estava pronto, apoiei meu braço na mesa e coloquei o aparelho digital em meu

pulso esquerdo. Apertei o botão para medir e aguardei. Respirei devagar algumas vezes até que o aparelho apitou informando que já havia concluído. Olhei e não achei que estava ruim, talvez à noite em claro deixasse a pressão um pouco baixa e isto não era de se preocupar.

Sabia que tinha que tomar a insulina, mas não queria. Eu realmente não queria. Contudo, compreendia que não existia essa opção. Voltei a me levantar e peguei o frasco de insulina na geladeira, que ficava guardado ali para conservação do medicamento.

Sentei na cadeira e preparei uma seringa com a quantidade certa para tomar pelas manhãs. Apliquei

em meu braço esquerdo e fiz uma careta pela fisgada no músculo. Quando se toma a mesma coisa por tantos anos, parece ficar mais dolorido. É como se o músculo endurecesse e tornasse mais difícil a aplicação.

Ouvi meu celular tocando na sala e sabia que estava atrasado. Joguei a seringa fora e guardei todas as coisas que usei. Peguei meu celular e vi que era Elliot, não atendi. Não tinha humor para lidar com as gracinhas dele naquele momento. Parei em meu closet e escolhi um terno para enfrentar mais um dia.

Quando cheguei ao prédio, minha secretária já tinha um café puro e sem açúcar nas mãos me

PERIGOSAS NACIONAIS

aguardando. Ela indicou a sala de reuniões do meu andar e eu segui para lá sabendo do que se tratava. Abri a porta e lá estavam eles me aguardando.

Fechei quando passei e sentei em minha cadeira colocando a pasta e o café em cima da mesa.

— Bom dia para você também, Abner. — Elliot provocou. — Estamos ótimos, obrigado por perguntar!

Olhei para Marcelo, nosso chefe de segurança e ele não desviou o olhar.

— Explique-se — ordeno.

— Alguém teve problemas no paraíso. — Ethan disse despreocupado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que fez desta vez, Abner? — Elliot perguntou curioso.

Eles não me deixariam em paz.

— Nada, vamos ao que interessa?

— Não — responderam juntos.

Eu sabia a resposta.

Que merda.

— Marcelo, prossiga se ainda quiser um emprego no final do dia — ameacei tentando tirar o foco de mim.

Elliot se inclinou mais sobre a mesa, curioso.

— Abner, conta logo, não aguento ficar curioso por tanto tempo — protestou.

PERIGOSAS ACHERON

— Sua cara de cansado diz que não dormiu essa noite, imagino que tenha estragado tudo depois de aproveitar bastante. — Ethan falou me observando.

Percebi Marcelo sorrir de leve, ele sabia que eu não iria me livrar tão cedo daqueles dois. E o que mais me irritava era a percepção do Ethan, *maldito bruxo do caralho*, ele percebia tudo. Aquela diaba latina me causava problemas até quando está longe. Respirei fundo e devagar para não explodir na primeira reunião do dia.

— Elliot, guarde sua curiosidade para si mesmo — aponte. — Ethan, pare de me encarar e, Marcelo, não se atreva a rir — vociferei. — Eu vou quebrar a cara dos três se continuarem com esse

interrogatório, então, vamos ao que interessa ou vocês querem redecorar a sala quando eu estragá-la com a cara de vocês?

Meu tom de voz firme e baixo foi suficiente para Marcelo não rir, mas meus irmãos sorriram abertamente testando minha paciência.

— Como você é sem graça. — Ethan brincou.

— Abner nem sabe brincar. — Elliot disse e riu alto.

Seria uma longa reunião, mais longa do que imaginei.

Quando, enfim, eles começaram a falar do que realmente interessava, minha atenção já tinha se

PERIGOSAS NACIONAIS

voltado para a linda mulher que magoei na noite anterior. O remorso estava realmente me corroendo e a visão de seu olhar magoado me deixava aflito.

Tomei o café enquanto escutava o relatório da noite anterior. Eu e Elliot trazíamos mais inimigos do que queríamos para a família com nossas profissões. Era frustrante ter que se proteger o tempo todo e para piorar, eu tinha um número maior de seguranças do que os outros. O que volta para o assunto anterior, além de ser advogado criminalista, ser diabético faz com que eu tenha um processo de cicatrização lento.

Então, ninguém quer que eu acabe tomando um tiro ou uma facada por aí, causaria muitos

PERIGOSAS ACHERON

transtornos indesejáveis. Às vezes cogito a ideia de que deveria ter escolhido outra profissão, uma mais calma, que não envolvesse inimigos e trouxessem muita merda para a minha família. Era um peso a mais em meus ombros, mas algo que não voltaria atrás, nasci para ser advogado e não seria nada menos do que isto.

Meus irmãos estavam discutindo sobre como melhorar a segurança e eu já tinha me esquecido que queria arrancar as bolas de Marcelo. Naquele instante só queria sair dali. Estava cansado. Frustrado. E para piorar, cheio de culpa pelo que fiz com Carolina.

— Porra, Abner!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan praticamente gritou chamando minha atenção.

— Em que mundo do caralho você está? — questionou.

Não respondo.

— Eu sei muito bem em que ele está pensando.

— Elliot brincou e ele tinha razão.

Levantei-me e abotoei meu terno.

— Aonde vai, cacete? — Ethan perguntou quase que impaciente.

— Preciso resolver uma coisa.

— O deixe, Ethan. — Elliot interrompeu rindo.

Abro a porta e saio dali sem olhar para trás,

PERIGOSAS ACHERON

mesmo ouvindo os protestos de Ethan. Iria até Carolina e ignorei todos meus pensamentos dizendo que não deveria procurá-la novamente. Mas que se foda a razão ou os motivos que me fizeram ser um idiota. Ela não tinha nada a ver com meu passado e não merecia sofrer as consequências dele.

Praticamente corro para o meu carro e tento acelerar pelas ruas, mas o trânsito não ajudava. Queria passar por cima de todos para chegar mais rápido até ela. Estava ainda mais frustrado do que antes.

Demorei quase uma hora para alcançar o quarteirão do estúdio dela. Olhei no retrovisor mais

uma vez para garantir que minha escolta conseguia me acompanhar.

Estacionei na frente do pequeno prédio dela, me senti ansioso. Observei o prédio de dois andares em um local muito bem frequentado. Ela era uma boa profissional, não tinha como negar. A prova disto era o imóvel perfeitamente conservado na minha frente. Um segurança na porta liberou minha entrada sem que precisasse me apresentar. A recepcionista deu um pulo em sua cadeira quando me viu e tive que me segurar para não fazer igual o Elliot e revirar os olhos para ela.

— Senhor Stabler...

— Vim ver, Carolina — afirmei já indo em

PERIGOSAS NACIONAIS

direção à escada lateral da sala de entrada.

— Eu o acompanho.

— Conheço o caminho — sigo sem olhar para trás.

Não estava com paciência para formalidades. Subi os degraus de dois em dois mostrando minha impaciência e logo encontrei a secretária dela ao telefone. Arregalou os olhos surpresa. Desligou sua chamada e se levantou.

— Senhor Stabler, não sabia que tinha um horário.

— E não tenho — neguei rapidamente. — Carolina está? — aponto para a porta dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas...

— Vou falar com ela.

Dei um passo à frente e a mulher entrou na minha frente.

— Desculpe, senhor — disse firme. — Carol não quer receber ninguém hoje e eu não vou descumprir uma ordem dela, permitindo que entre.

Pressionei os lábios em uma linha fina em desgosto pela coragem da secretária.

— Não perguntei se iria permitir, estou entrando e acho bom sair da minha frente.

— Senhor... ela não está de bom humor hoje...

A forma hesitante dela em dizer me deixou

PERIGOSAS ACHERON

ainda mais impaciente, estava me atrasando de alcançar meu objetivo.

— Meu humor é muito pior do que o dela — garanti.

Seguro os braços da mulher. Afastei-a da minha frente e ignorei os protestos dela quando abri a porta. Encontrei Carol em cima de uma escada resmungando algumas coisas em espanhol. Fechei a porta e parei para observá-la.

— Jaque! — exclamou. — *No* quero ser incomodada — afirmou bem irritada. — Quem tiver lá fora, mande ir embora.

Ela subiu mais um degrau e deixou minha

imaginação fodida passear por suas pernas. Estava usando um vestido preto justo, com uma pequena fenda atrás. Se ela levantasse mais um pouquinho, eu poderia dizer se está de cinta-liga. Eu estava duro somente de admirá-la. Seus sapatos de salto faziam tudo ficar melhor alongando suas lindas pernas que estavam cobertas por uma fina meia-calça preta.

— Onde está aquele documento? Estou ficando louca — resmungou. — Tudo culpa daquele idiota do Abner — bufou irritada. — Jaque, nunca caía na lábia de um Stabler. *Dios Santo*. Como fui *tonta*. Que vontade de bater no Abner até a morte.

Me diverti com suas palavras e me aproximei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

devagar, quanto mais perto, melhor a visão. Ela bateu a porta do armário com força e raiva. Eu realmente havia a irritado muito. Mesmo sabendo que fui um idiota, não pude evitar sorrir. Um segundo depois vi quando que se desequilibrou, ergui meus braços e agarrei seu corpo ao cair para trás.

Ela deu um gritinho assustada e arfou quando percebeu que não caiu no chão. Levantou seu olhar e encontrou o meu. Prendendo-me na beleza daquelas esmeraldas.

— Falando mal de mim, querida?

Apertei meus braços em sua volta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner — sussurrou, ainda surpresa.

— Estou aqui, querida — respondo sem desviar do seu olhar.

E como num passe de mágica, seu rosto e seu olhar perdeu a suavidade da surpresa e brilhou com uma raiva incrível.

— Coloque-me no chão, seu imbecil — ordenou. — Agora!

Assim que seus pés tocaram o chão, ela me encarou furiosa. Suas mãos foram para a cintura e parecia que iria arrancar minha cabeça com uma faca cega.

— O que faz aqui? — vociferou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Toda diversão tinha acabado e minha expressão se fechou. Seu tom de voz alto só me irritou.

E lá íamos nós para mais uma briga.

— Não grite comigo, porra! — murmurei.

Ela respira fundo como se buscasse por sua calma, fechou os olhos devagar e quando os abriu. A fúria continuava lá.

— Vou perguntar mais uma vez, Abner, o que *queres* aqui?

Porra de mulher petulante.

— Vim me desculpar por ontem — digo sério.

Ela sorri sem humor.

— Não desculpo, agora vá embora.

PERIGOSAS ACHERON

— Porra, Carolina.

Ela me ignorou e caminhou em direção à porta, como se não fosse permitir que eu ficasse ali nem mais um minuto. Quando abriu a porta deu de cara com um homem. Ele olhou surpreso para ela e depois sorriu abertamente.

Quem era aquele idiota?

— *Dios mio*, você também não — diz mal-humorada.

Aquilo me deixou ainda mais tenso do que antes. *Quem era aquele homem?* Por que ele continuava a sorrir para ela como se não se importasse com o humor dela?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sentiu minha falta, querida? — Ele diz sorrindo.

— Como é? — questionei em voz alta.

Ele deu um passo para dentro. Porém, Carol não permitiu que passasse.

— Nenhuma — afirmou. — Agora quero que você e o senhor Stabler se retirem. E me deixem em paz! — Carol disse gesticulando com as mãos, completamente irritada.

Sento na poltrona.

— Eu não estou de saída, então acredito que ele terá que voltar outra hora — digo sem controlar a frieza em minha voz.

PERIGOSAS ACHERON

— Carol...

— Pra você é senhorita Callejas, *no* insista, Thiago, e vá embora.

Gostei de sua resposta, cruzei as pernas de forma despreocupada sabendo que a atenção da fera logo voltaria para mim.

— Jaqueline ligou para desmarcar nossa reunião, vim porque fiquei preocupado — explicou ele.

— *No* preciso de sua preocupação.

— Você anda tão mal-humorada ultimamente — reclamou.

— Ela marcara a *reunión* quando tiver um

horário liberado na próxima semana.

— Carol...

— Último aviso, se *no* sair vou chamar o segurança — ameaçou. — Estou sem paciência para lidar com você e pare de achar que ainda tem alguma liberdade comigo — apontou um dedo em seu rosto. — Seja profissional porque essa vai ser a única forma que vou te tratar.

Eu era um bastardo total. Estava duro em vê-la colocar aquele homem em seu lugar. Muito duro para ser mais exato. Parecia feroz e inabalável. *Que mulher incrível.* A confiança em que falava me deixou fascinado. Claro que eu sabia que assim que ela expulsasse o homem de sua sala logo seria

PERIGOSAS ACHERON

minha vez, mas ainda assim ela era fascinante.

— Calma, Carol, eu s...

— Saia. — A ordem em sua voz o fez fechar o semblante.

Ele também sabia que não adiantaria insistir. A mulher estava com um humor do cão, assim como eu. Na verdade, eu tenho esse humor do cão todos os dias, então, às pessoas a minha volta já não se abalavam tanto com isto.

Ele pareceu aborrecido quando virou em seus pés e saiu sem olhar para trás. Ela respirou fundo e parecia um pouco aliviada, fechou a porta e se virou para mim. Tinha uma expressão cansada que

logo ficou aborrecida quando me viu e percebeu que ainda tinha que me enfrentar.

Suas mãos subiram para a cintura atraindo toda minha atenção.

— Saia — ordenou.

— Carolina, eu...

— Saia.

Toda minha excitação se esfriou e uma raiva me aqueceu. Estava tentando me desculpar, mas ela não permitia. Aquilo me enfurecia. Levantei devagar, nos encaramos em silêncio.

— Estou tentando pedir desculpas por ontem e é assim que você me trata? — questionei já puto de

raiva.

Não era novidade que eu não era uma pessoa que tinha controle da raiva. Estava furioso com seu desprezo. Carolina deu um passo à frente e ficou mais perto de mim, me encarou nos olhos.

Desafiando-me.

— E você queria que *yo* fizesse exatamente o quê?

Tentei responder, abri a boca para falar, mas ela levantou a mão me impedindo de prosseguir.

— Você merece somente o meu desprezo, Abner — disse firme. — Pensou que vindo aqui *yo* iria te desculpar e esquecer o que aconteceu? —

PERIGOSAS NACIONAIS

questionou com fúria. — Que a mágoa que me causou iria desaparecer? *No, no* é assim que as coisas acontecem — franziu as sobrancelhas. — Poderia desculpar se soubesse que nunca faria isto de novo, *pero* as coisas com você *no* funcionam assim.

— Não fale como se me conhecesse.

— *Yo no* preciso de muito para dizer isto — respondeu rapidamente. — Você — acusou baixo. — Desde o início me usou e brincou o quanto quis, *no* perdeu a oportunidades de me magoar e machucar. Como se os meus sentimentos *no* importassem para você, a única coisa que sempre te interessou foi o meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela estava certa em alguns pontos. Eu a machuquei, muitas vezes pelo que parece, no entanto, feri-la nunca foi minha intenção.

Só queria afastá-la.

— Você fala como se não tivesse aproveitado também — digo na inútil tentativa de mudar de assunto.

— *Pero* em nenhum momento eu te magoei. *No* te usei. *No* te expulsei da minha casa no meio da madrugada. *No* brinquei com você — pontuou. — O sexo foi consensual e casual, mas isto não significa que você pode agir como um babaca o tempo todo.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ela terminou já estava gritando descontrolada, seu rosto estava vermelho e suas mãos fechadas em punhos.

— Realmente, fui um babaca — assumi. — Me desculpe.

— Finalmente concordamos em algo, senhor Stabler — ironizou. — Agora, por favor, saia e *no* volte mais.

— Farei isto. — Minha voz saiu em tom de promessa.

Não voltaria mais até ela.

Capítulo Vinte

Carolina Callejas

A porta bateu atrás de mim deixando-me respirar aliviada. Ele tinha ido embora. Senti-me tão mal, como se tivesse enfrentado um batalhão de pessoas. Ele poderia ter vindo se desculpar, o que não significara que não faria novamente. Abner não perdia a oportunidade de me ofender e machucar com suas palavras sem limites.

Esperava que ele não voltasse ou ia acabar me matando com tantos sentimentos dolorosos. Contudo, ainda desejava o calor de seus beijos e carinhos. Com tão pouco tempo, ele conseguiu se

PERIGOSAS NACIONAIS

fixar em minha pele. Mas *yo no* me renderia assim tão fácil.

Lágrimas de decepção encheram meus olhos. Algumas caíram em minhas bochechas. Prendi a respiração tentando no chorar mais.

Ouvi a porta se abrir devagar e implorei aos céus para que ele não tivesse voltado. Não sabia se aguentaria mais uma briga. Estava pronta para desmoronar.

— Carol?

Soltei o ar aliviada e continuei parada no mesmo lugar.

— *Si?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem?

— *No*.

— Sinto muito, Carol, não consegui pará-lo ...

— Tudo bem, Jaque. — A interrompi.

— Desculpe-me.

Suspirei alto.

— *No* precisa se desculpar, Jaque, *yo* e Abner nos acertamos — digo baixo. — *No* é culpa sua se ele é um idiota.

— Precisa de alguma coisa?

— *No* — disse em quase um sussurro.

— Vou para casa, qualquer emergência é só me ligar — digo secando o rosto e indo em direção a

PERIGOSAS ACHERON

minha mesa.

— Tudo bem. — Jaque respondeu antes de sair.

Soltei o ar com força e comecei a organizar a mesa. Quando tudo estava no lugar, peguei minhas coisas e saí. Entrei em meu carro e dirigi devagar pelas ruas até o café de sempre.

Estacionei e coloquei minhas luvas antes de sair do carro. Abri a porta do local e o pequeno sino em cima avisou minha chegada. Estava um pouco cheio, mas havia um lugar para mim no canto. Suspirei e me sentei.

— Oi, linda.

— Olá, Ryan, como vai?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, mas não posso dizer o mesmo de você, não é mesmo? — perguntou gentilmente. — Dia ruim?

— Semana ruim.

— Então merece o melhor atendimento hoje — sorriu.

— Você sempre me atende bem.

— O de sempre?

— Hoje *no*.

— Então, o que vai ser, princesa? — pegou seu bloco.

— Um grande chocolate quente com chantili.

— Algo mais?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Sí*, leve sabor de café.

— Mais alguma coisa?

— *No, gracias.*

— Fique aí e descanse a mente um pouco. —

Ele sorriu e piscou para mim antes de se afastar.

Queria que fosse fácil assim descansar a mente e relaxar, mas tentaria. Precisava esquecer os meus problemas um pouco e cuidar de mim mesma por um tempo. Era tudo o que eu precisava. Fechei meus olhos devagar e os abri quando percebi alguém se sentar na minha frente.

Xavier.

Suspirei cansada, era impossível ter paz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol...

— Se veio me irritar pode ir embora, já tive a cota do dia preenchida — interrompi séria.

A irritação não se afastou da minha voz. Ele me olhou por um instante, como se tentasse raciocinar o que foi que *yo* disse. Então começamos a conversar em espanhol como de costume, para manter viva nossa origem.

— *No* vim provocá-la.

— Bom.

— Sei que tenho te magoado muito — falou baixo conseguindo minha atenção.

— Mais do que imagina — murmurei cansada.

PERIGOSAS ACHERON

Ryan voltou com meu pedido. Olhou para Xavier com reprovação e *yo* o pedi para servir o mesmo para meu irmão junto com uma torta de chocolate. Sabia que ele gostava, mas não tinha dinheiro para pagar.

Olhando bem para Xavier, fiquei preocupada com sua saúde. Parecia mais magro do que de costume e seus olhos tinham grandes olheiras escuras. *No* precisava ser um gênio para saber que ele continuava usando drogas, mas *no* poderia deixá-lo com fome.

Ainda mais quando parece *no* querer começar uma briga. Apesar de *no* merecer minha preocupação, *yo* ainda me preocupava. Ele era meu

PERIGOSAS NACIONAIS

irmão. O garotinho que peguei no colo tantas vezes.
Que cuidei e que amei, ainda amo.

Ryan acenou concordando parecendo que leu
minha mente para entender meus motivos.

— Diga-me, Xavier, por que está aqui? —
perguntei baixo mostrando o quanto estava
cansada.

Ele me olhou por um instante como se decidisse
se deveria ou não falar. Suspirei achando que ele
queria dinheiro ou qualquer coisa do tipo.

— Me desculpar.

Olhei para ele surpresa.

— Como?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho feito de sua vida um inferno ultimamente — confessou. — Sinto muito, Carol — murmurou com honestidade. — Você não merece as coisas que tenho feito com você.

— Xavier...

— Deixa-me terminar — insistiu.

Acenei concordando.

— *Yo* entrei em um mundo que *no* consigo sair — murmurou. — Deixei-me levar por pessoas e acabei estragando o meu próprio destino.

Ele se calou quando Ryan colocou a torta e o chocolate na frente dele. Depois nos olhou como se tentasse descobrir se estava tudo bem. Só então se

PERIGOSAS ACHERON

afastou para nos dar a privacidade que precisávamos.

— *Yo* no mereço seu cuidado e carinho, Carol — disse baixo. — Reconheço que todas as vezes que me nega ajuda é para que me vire sozinho com meus problemas. Você está certa — acenou. — Devo dar conta das coisas que provoco e não posso te envolver nisto. Sei que alguém poderia querer te machucar por minha causa ou algo do tipo. E *yo no* quero isto — disse determinado. — Nunca.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas e com muito custo consegui impedi-las de cair. Mas meu irmão não se importou com as suas, lágrimas molhavam seu rosto sem a menor vergonha de

PERIGOSAS ACHERON

demonstrar o que sentia.

— Sinto muito por te decepcionar tanto.

— *Oh*, Xavier — murmurei.

— Mesmo sendo um idiota drogado, *yo* ainda te amo muito.

— Também te amo muito, Xavier, sempre vou amar.

Peguei sua mão magra e fria, segurei com força.

— Está na hora de você aprender a arrumar seu próprio caminho — digo gentilmente. — *No* posso consertar todos seus erros, ou lhe dar apoio sempre que precisar se esconder de alguém — suspirei baixinho. — Estou tão cansada de não ter uma

noite de paz, Xavier. Não quero ter que enterrá-lo também.

Aquela conversa estava dolorosa demais.

— *No* posso perdê-lo também, Xavier —
sussurrei dolorosamente.

Ele acenou concordando.

Apesar de a nossa tia ter nos criado depois da morte de nossos pais. Era somente eu e ele. Não tínhamos mais ninguém. Se algum de nós morresse o outro não suportaria.

— Vou mudar, Carol — jurou. — Prometo que vou.

Yo no sabia se acreditava, mas o amor de irmã

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro de mim queria muito lhe dar um voto de confiança.

Cheguei em casa duas horas depois, tinha ficado um bom tempo com Xavier e depois que ele comeu a torta lhe paguei outra. Assim como mais um chocolate quente para mantê-lo aquecido. Os dias têm sido tão frios que não quero nem pensar no que poderia acontecer com ele caso não se aquecesse corretamente.

Passei o dia enfiada em minha cama, vendo filmes e comendo besteiras. Aproveitei para dormir e descansar, ficando longe do celular e notebook. Nada de trabalho ou mais problemas. Já tive o suficiente por um mês inteiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando anoiteceu a campainha me tirou da cama. A pessoa do outro lado da porta não parecia nenhum pouco paciente. Já que tocou inúmeras vezes deixando-me irritada com sua insistência. Uma vez era suficiente, mas a pessoa na minha porta tocou e tocou até que abri.

Dei de cara com Katia e Max.

Logo minha raiva foi transformada em felicidade em ver Max ali parado na minha frente com um grande sorriso.

— Seus idiotas, isso é jeito de chamar alguém
— repreendo já indo abraçá-lo.

— Também senti sua falta, Carol.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me apertou em seus braços. Quando me afastei, ele gemeu frustrado.

— Ainda tem esse pijama de unicórneio cor-de-rosa — franziu o nariz.

— Claro que sim.

— Precisa jogar fora — afirmou.

Virei de costas para eles e entrei. Eles me seguiram e fecharam a porta.

— *No* vou jogar fora.

— É ridículo, Carol. — Katia protestou e acendeu a lareira.

— *No*, é lindo.

— Feio. — Max falou quando voltou da minha

PERIGOSAS NACIONAIS

cozinha já com uma garrafa de vinho e algumas taças nas mãos.

Revirei os olhos e aceitei a taça que ele me ofereceu.

— Por que *no* me falou que estava voltando?

— Queríamos fazer surpresa. — Katia respondeu.

Sentamo-nos no tapete perto da lareira e algumas lembranças brilharam em minha mente. Minha primeira noite com Abner, era algo que nunca poderia ser esquecido. A forma como sua pele brilhava sob a luz das chamas. Seu olhar intenso e cheio de promessas. Sua boca quente e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perigosamente enlouquecedora.

— Conte logo.

Olhei para Max um pouco confusa.

— Desembucha, Carol. — Katia falou.

— Te conhecemos mais do que imagina. —
Max falou.

— E tem algo acontecendo que você ainda não
nos contou. — Katia afirmou.

Bebi um pouco mais do vinho e os encarei.

— Seus olhos estão tristonhos, flor, diga-nos.

Suspirei sabendo que não conseguiria fugir do
interrogatório dos dois. Encostei-me ao sofá e
comecei a narrar minha história com Abner Stabler.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde o início. Eles me ouviram em silêncio e sem nenhuma interrupção, por entenderem o quanto aquele assunto era sério.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte e Um

Abner Stabler

Quando saí do escritório de Carolina, estava bufando furioso com o rumo em que as coisas tomaram. Dirigir naquele trânsito infernal piorou meu humor, mas depois acalmou o meu temperamento. Tive tempo para pensar nas palavras dela e em tudo o que falamos.

Agora, por favor, saia e no volte mais.

Ela não queria que eu voltasse. Suspirei cansado. Mesmo sabendo que Carol tinha razão em não querer mais me ver, algo revirou meu estômago.

Queria afastá-la e consegui.

Ponto.

Mas por que não me sentia satisfeito com isto?

Por que eu ainda a desejava tanto? Duas noites juntos e não foi o bastante para me cansar dela. *Eu a queria.* Queria tanto que me enlouquecia. A imagem de suas pernas bonitas sobre aquela escada estava tão viva em minha mente que senti que poderia tocá-la.

Era insano o que estava sentindo.

Não tinha mais controle do meu corpo e mente. Seu jeito orgulhoso em não aceitar minhas desculpas me irritou na hora, porém, agora me

sentia encantado com sua determinação. Lembrar-me disto trouxe outra realidade.

A mágoa.

Eu tinha magoado aquela mulher tantas vezes em tão pouco tempo que me sentia envergonhado. A magoei profundamente. Se minha mãe descobrisse algo do tipo, era capaz dela me castrar por ser tão bastardo.

Mesmo sabendo que prometi não voltar a procurá-la, porque queria tanto voltar lá e tomá-la para mim?

Eram muitas perguntas sem respostas. Ou talvez havia uma resposta, que eu fazia questão de

ignorar.

Permaneci tanto tempo perdido em meus pensamentos que nem percebi que tinha chegado ao prédio dos Stabler. Desviei meu olhar para o relógio no painel do carro e percebi que passei uma hora e meia, preso no trânsito. Apesar de estar mais calmo, ainda sentia-me mal-humorado.

Estacionei meu carro e caminhei para o elevador ainda preso em meus pensamentos. Alguns andares acima um advogado que trabalhava para mim entrou e falou sobre alguns casos. Ouvi calado, estava perdido demais em meus pensamentos para dar atenção a aquele homem.

Ele saiu dois andares depois ainda falando e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pareceu nem perceber que eu não o dei atenção em nenhum momento. Não me importei. Depois marcaria uma reunião com ele e ficaria a par da situação. Agora só precisava ficar em algum lugar sozinho.

Passei por minha secretária sem dizer nada e entrei na minha sala. Se eu queria um lugar para ficar sozinho, aquele não era o lugar certo. Ethan e Elliot estavam sentados no meu sofá fazendo cara de paisagem para mim.

Queria pegar os dois e jogá-los para fora, mas seria pior. Isto aumentaria ainda mais a curiosidade dos dois e o que eu menos desejava eram perguntas demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês não trabalham? — perguntei indo me sentar na frente deles.

Sabia que não adiantaria fugir.

— Não — responderam juntos.

Peguei a garrafa de água que Elliot tinha acabado de colocar na mesa de centro e bebi o que restava direto da garrafa.

— Prefiro saber da sua vida a ir trabalhar. — Elliot brincou.

— Sua vida é bem mais interessante. — Ethan concordou.

— E hoje é sexta-feira, dê uma folga para esses pobres homens. — Elliot dramatizou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem nada para saberem.

— Para de ser chato, Abner. — Elliot protestou.

— Nos conte de uma vez como foi com a deusa Callejas.

Estreitei meus olhos para ele que sorriu abertamente em ver que não gostei da forma que chamou Carolina.

— Está mais para diaba latina, olha como ela deixa o Abner. — Ethan brincou e eles sorriram concordando.

— Vocês são uns bastardos.

Apontaram para mim.

— Somos irmãos, somos — falaram juntos me

PERIGOSAS ACHERON

irritando e gargalharam.

— Tenho mais o que fazer — digo me levantando.

Os dois pararam de rir e suas expressões se fecharam.

— Abner, diga-nos qual é o problema. — Ethan pediu.

— O que aconteceu? — Elliot perguntou um pouco preocupado, mas sem esconder sua curiosidade.

Os encarei por alguns segundos, sabia que eles não queriam invadir muito meu espaço. Mas pareciam preocupados com o rumo que as coisas

estavam tomando.

Devia minha vida a eles e nunca seria ingrato, porém, quando se tratava de Carolina era diferente. Não queria falar sobre ela com ninguém, sentia que era íntimo demais para compartilhar o que estava sentindo.

— Tenho tudo sobre controle — afirmei sentindo-me por dentro um pouco desanimado em saber que não a procuraria mais.

Eles me encaram por um momento como se me avaliassem e, por fim, se deram por vencidos. Sabendo que eu não me renderia tão fácil. Elliot descansou os pés na minha mesinha de centro e eu o encarei feio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos a um bar hoje? — perguntou.

— O que em mente? — Ethan perguntou, interessado no que poderia ser o nosso final de semana.

Elliot deu de ombros

— O de sempre, beber, dançar com algumas gatas e depois fazer uma festinha particular. — Ele respondeu.

— Estou dentro. — Ethan aceitou sem pensar duas vezes.

Sair com Elliot sempre era muito mais divertido do que tentar encontrar uma distração sozinho.

— E você, Abner? — Elliot me questionou e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriu como se soubesse que não estava tão certo se deveria ir.

Carolina era passado, não era?

Eu tinha duas respostas e gostava mais de uma do que da outra. Porém, ainda não queria aceitar tão fácil que ela tinha conseguido mais de mim do que estava disposto a oferecer.

— Sim, estou dentro — respondi e virei às costas para eles.

Não queria que visse que eu estava em dúvidas se era a melhor coisa a se fazer. Meia hora depois consegui me livrar dos dois e, só então, pude trabalhar. Minha agenda estava tão cheia para uma

PERIGOSAS ACHERON

sexta-feira que não tive muito tempo para pensar em Carolina. *O que foi bom.*

Trabalhei além do horário para cumprir tudo que estava marcado como urgente e ainda levei alguns processos para casa com a intenção de estudá-los no final de semana.

Elliot me ligou inúmeras vezes para gritar comigo por estar atrasado. Ele poderia ter um bom humor para tudo, menos para esperar, depois ainda tem a ousadia de afirmar que eu sou o único a nascer sem calma.

Claro que estava atrasado. Depois de ter perdido tanto tempo pela manhã era praticamente impossível que conseguisse chegar ao bar na hora

PERIGOSAS ACHERON

combinada. Mas Elliot foi tão insistente que acabou com o resto de calma que ainda tinha. Acelerei pelas ruas enquanto minhas escoltas tentavam me seguir.

O celular tocou mais uma vez e a voz do computador de bordo do carro me informou que era ele *de novo*.

— Atender Elliot — digo para o computador.

Um segundo depois a voz impaciente do meu irmão encheu o meu carro.

— Porra, Abner!

— Estou chegando, caralho.

— Você estava chegando há quinze minutos.

Com toda certeza eu iria bater em Elliot na primeira oportunidade que tivesse.

— Está querendo o quê? Nem adianta que eu não vou foder você — afirmei para irritá-lo.

— Bastardo.

— Somos, Elliot, somos.

Ele gargalhou e gritou para Ethan que eu estava *querendo o corpo nu dele*.

Realmente iria bater nele no próximo treino.

— Desligar chamada — anunciei para o computador.

Elliot ouviu e tentou falar algo, mas era tarde demais. A chamada foi encerrada calando a boca

grande do meu irmão. Estacionei o carro na porta do bar e joguei a chave para Ricardo que apareceu em seguida. Encontrei meus irmãos gêmeos bebendo e conversando com duas morenas.

Assim que me viram sorriram animados e a festa estava pronta para começar.

Logo tinha uma cerveja nas mãos e duas mulheres muito interessadas em terminar a noite conosco. Era algo comum entre nós três, dividirmos mulheres por uma noite. Depois de algumas garrafas consumidas, fomos os cinco para o hotel mais próximo dali, pertencia a família.

A noite foi longa e nos divertimos muito, quando estava quase amanhecendo fomos os três

PERIGOSAS ACHERON

embora juntos. Sentia-me cansado e para minha surpresa, frustrado. Foi como se tivesse passado a noite toda procurando a mesma satisfação que encontrei em Carolina quando a toquei por somente alguns minutos.

Diaba latina.

Ela tinha conseguido acabar com o resto do meu final de semana.

Quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi abrir o relatório que tinha recebido de Ricardo. Era sobre o dia de Carolina. Fiquei por algum tempo olhando suas fotos. Ela tinha uma beleza encantadora. Que me hipnotizava cada vez que a olhava. Além de olhos lindos. Lindas

PERIGOSAS ACHERON

esmeraldas. Apesar de que pareciam tristes. Sempre tristes na verdade. Ela escondia um sofrimento que eu não fazia nem ideia do que poderia ser. Será que ela também escondia um passado dolorido como eu? Não sabia, mas queria muito ter respostas para esta pergunta.

Cheguei a cogitar investigar seu passado, excluí essa ideia totalmente. Não gostaria que alguém fizesse isto comigo, então, não faria com ela.

Meus olhos pararam em uma foto em que ela estava no mesmo café do outro dia. Sozinha aguardando seu pedido. Parecia tão acostumada com a solidão, que fez meu coração inflar de vontade de estar com ela novamente. Mas não só

PERIGOSAS NACIONAIS

para ter sexo e sim para estar sempre ao seu lado.

Para lhe fazer companhia.

Não.

Eu não queria aquilo.

Não podia desejar aquilo.

Era dolorido demais para suportar passar de novo por aqueles mesmos sentimentos.

Levantei e fui tomar uma ducha rápida. Com uma toalha na cintura voltei para minha cozinha e medi minha glicose sabendo que não teria um bom resultado. Tinha bebido demais na noite anterior. Deixei para tomar a insulina mais tarde quando não tivesse tanto álcool no sangue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentei dormir até tarde, mas tendo Ethan e Elliot como irmãos era algo impossível. Me tiraram da cama cedo para uma corrida. Tomamos café juntos na casa de nossos pais e depois consegui um tempo para trabalhar. Não muito. Já que Elliot me arrastou junto com o resto da família para uma estação de Ski.

Mesmo contragosto, já que tinha trabalho a fazer, gostei de ter ido. Eu e meus irmãos somos apaixonados por adrenalina.

Sem contar que ganhar do Elliot não tinha preço.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte e Dois

Carolina Callejas

Passar o fim de semana com meus amigos foi melhor do que imaginei. Katia e Max não permitiram que eu caísse na fossa com a confusão de sentimentos que tinha dentro de mim.

Ainda na sexta-feira, bebemos mais vinho do que deveríamos e no final dormimos os três juntos na frente da lareira de minha sala. Nenhum de nós tinha condições de ficar em pé. Claro que no sábado de manhã a ressaca estava lá, orgulhosa e zombeteira, dos três, por serem tão idiotas e beberem mais do que aguentavam.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de um dia regado à aspirina e comidas nada saudáveis, saímos de casa rumo a uma balada latina que era nova na cidade. Dizer que foi bom era puro eufemismo, nossa noite foi incrível e por mim jamais sairia de lá. Desta vez trocamos o vinho por cerveja e o resultado não foi diferente.

A ressaca nos esperava novamente, mas desta vez em dose dupla, já que o corpo mal tinha se recuperado da noite anterior. Dançar a noite toda com meus amigos, foi libertador.

Não havia lugar para preocupações e nem decepções. Era somente *eu* relembrando os velhos tempos, onde minha mãe me ensinava a dançar. Ela era professora de dança no México e fez questão de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dançar comigo sempre que podia. Sua paixão. Que se tornou minha.

Apesar de tudo, aproveitei a noite o máximo que pude. Chegamos a minha casa ao amanhecer com um sorriso no rosto, o corpo cansado e com os pés cambaleantes. No entanto, o importante era que conseguimos chegar em segurança depois de pegarmos um táxi.

O almoço de domingo foi na casa de tia Solange. Todos nós batemos lá para encarar uma refeição caseira com um tempero latino inesquecível. Xavier também apareceu para o almoço e me encheu de esperanças ao ver que ele estava tentando tomar as rédeas de sua própria vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava tudo perfeito demais para ser verdade. Apesar de ter me distraído e divertido muito, quando voltei para minha casa sozinha, à realidade continuava a mesma.

Abner Stabler.

Ele estava na minha mente, na minha pele, no... meu coração.

Meu corpo pedia e implorava pelo dele. Somente ele. *Como era possível tal coisa?*

Devia repeli-lo de todas as formas possíveis. Não poderia aceitar e nem gostar do seu jeito arrogante e prepotente. *Por que ele sempre me magoava?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Havia tantos porquês na minha mente que me deixou pior do que antes. Era frustrante a confusão do resultado de somente duas noites no braço daquele homem.

Tomei um banho, fui na minha cozinha e me servi uma taça de vinho. Apesar de todo o álcool que consumi nos últimos dias, desejava degustar somente uma taça. Acendi minha lareira e fui até a janela do meu quarto. A escuridão da noite trazia o lento cair da neve sobre as casas. Olhar aquele fenômeno natural me fez pensar que Abner, era como aquela neve. Linda e suave a se ver de longe. Mas quando se toca é fria e poderia levar uma pessoa à morte por sua temperatura.

PERIGOSAS ACHERON

Tantas contradições em uma única coisa.

Instável e imprevisível.

Mas o que aconteceu com ele? Por que era daquela forma? Por que afastar as pessoas? Por que não se permitir? Por que não se entregar? O que havia ferido sua alma?

O que havia ferido sua alma?

Essa pergunta martelou em minha mente por muito tempo durante aquela fria noite de domingo. O que eu mais queria saber era o que tinha por baixo daquela postura intimidadora. Queria conhecer o verdadeiro Abner. O homem machucado e ferido que era. Estava cansada do

homem arrogante e sem limites que me mostrou.

Fechei a cortina e deitei em minha cama pronta para dormir. O sono demorou mais do que imaginei, porém, não saí do conforto dos meus lençóis.

Amanheci atrasada alguns minutos para o trabalho. Brigando com o sono fui para o estúdio pensando em como precisava de um café bem forte para aguentar o dia.

Ou talvez a semana.

— Bom dia, Carol.

Jaqueline sorriu para mim e não escondeu o divertimento em ver como parecia cansada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Buen día.

— Pelo jeito o final de semana foi melhor do que você esperava — brincou me seguindo para dentro do escritório com sua agenda nas mãos.

— Desde sexta bebendo com Max e Katia — murmurei e me sentei.

Ela sorriu abertamente ao ouvir o nome do meu amigo.

— Então, ele já voltou causando.

— Muito.

— Precisa de uma aspirina?

— *No*, de um café bem grande — bocejei.

— Vou providenciar um para você

PERIGOSAS ACHERON

— *Gracias.*

— Vamos ver a agenda? — perguntou.

Suspirei cansada.

Não tinha outra opção. Em meia hora ela me passou todos os compromissos do dia. Conversamos sobre algumas reuniões da semana e programamos algumas sessões de fotos para campanhas publicitárias.

Quando terminamos, pedi que chamasse Max para mim. Se não disse antes, Max trabalha de fotógrafo para mim e ele esteve em um grande projeto para meu estúdio. Viajou para diversos países fazendo um lindo trabalho de diversidades

culturais.

A porta abriu e ele apareceu sorrindo. Claro que entraria sem bater, era algo que ele realmente faria e eu nunca reclamaria.

— Bom dia, me chamou, lindeza?

— *Buen día, sí*, chamei.

— O que posso fazer por você, pessoa mais linda do meu mundo? — perguntou me fazendo rir.

— Está querendo alguma coisa para tanta bajulação assim — brinquei e ele fez cara de ofendido.

— Não elogio mais.

— Vamos lá, sente-se.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele desfilou até minha mesa e se sentou glamoroso. Pelo jeito tinha acordado com a corda toda. Era muito bom ter alguém como Max ao lado, principalmente nos dias ruins.

— Primeiro — comecei sorrindo. — Quero te parabenizar pelo trabalho que fez. Foi incrível. Você se superou.

Ele sorriu orgulhoso.

— Amo o que faço, Carol, estou sempre à disposição — sorriu como se o meu elogio não o afetasse.

— Segundo — acenei. — Este é o seu bônus pelo trabalho que fez nos últimos três meses.

PERIGOSAS ACHERON

Entreguei-lhe o cheque. Ele arregalou os olhos surpreso com o valor.

— O que — engasgou. — É muito...

— Isto é o mínimo que merece, Max — afirmei.

— Você é meu amigo, mas é um profissional incrível — fui bem sincera. — Suas fotos fizeram e farão grandes sucessos, trazendo muitos benefícios para o meu estúdio e *yo* jamais poderia ser injusta com você — sorri. — E além do mais, não quero correr o risco de você aceitar a proposta de uma concorrente.

— Me pagando esse valor, sou seu pelo resto da vida — brincou.

— Bobo.

— Obrigado, jamais vou para o concorrente — disse e beijou os dedos em sinal de promessa me fazendo rir.

Aquele sim era um momento. Ter amigos tão fiéis e companheiros como os que eu tinha fazia toda a diferença em minha vida. O bom humor de Max e as ideias malucas de Katia eram o que me trazia um grande desejo de viver intensamente cada dia.

Conversei mais um pouco com Max e depois o expulsei do meu escritório para que pudesse trabalhar. Quando uma saudade apertou de leve meu peito, a ignorei e me foquei no que era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importante naquele momento.

Trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte e Três

Carolina Callejas.

De uma coisa eu tinha certeza.

O tempo não curava as feridas e nem matava a saudade. A prova disto era que tinha se passado quinze dias desde que tinha visto Abner, a última vez que brigamos, e ainda sentia falta dele. Mesmo quando a mágoa por suas atitudes me lembravam o porquê não o via mais.

Depois de mais um longo dia de trabalho, tive mais uma prova de que o tempo não curava nada. Assim que passei pela porta da frente de minha casa um estrondo atravessou o céu. Uma

PERIGOSAS NACIONAIS

tempestade estava a caminho e não demoraria a chegar.

Meu corpo inteiro travou e se arrepiou.

Quando pude respirar de novo, corri para trancar a porta e depois tomar um banho rápido. O mais rápido que me lembrava. Sabia que não faltava muito para a chuva cair. Enfiei-me debaixo das cobertas e fiquei quieta como uma criança assustada.

Como previsto, não demorou a parecer que o céu iria cair sobre a cidade com a força da tempestade. Mesmo fechando bem as cortinas, podia ver o clarão dos relâmpagos iluminando meu quarto. Chegou um momento que eu estava sem ar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não suportava ouvir o barulho da chuva e muito menos os estrondos dos trovões.

Tentava dizer a mim mesma que era somente mais uma tempestade. Que eram só lembranças ruins. Que nada daquilo era real.

Parecia tão real.

A chuva.

Fechei meus olhos e lembrei do exato momento em que capotamos. Podia sentir o desespero.

O medo.

Meu coração estava tão acelerado com o pavor que senti naquela noite.

A dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu corpo doía, o cinto tinha me segurado tão forte que machucou minha pele. Respirei fundo tentando dizer a mim mesma que era somente mais uma lembrança. No entanto, quando puxei o ar foi como se tivesse sentido o cheiro da lama em que caímos, tinha cheiro de sangue e... terra.

Eu estava em pânico.

Em completo pânico.

Não havia mais volta.

Só tinha que atravessar mais uma tempestade.

...

Abner Stabler

Iria chover.

PERIGOSAS ACHERON

Essa constatação me trouxe uma nova preocupação.

Carolina.

Ela tinha tanto medo de tempestades e agora uma iria cair. Lembrava-me com clareza do pânico no rosto dela, quando tentou fugir do meu escritório. Seus grandes olhos verdes estavam tão arregalados que não sei como não pulou para fora do seu rosto.

Respiro fundo sentindo-me frustrado. Passo as mãos pelo cabelo nervoso. Havia quinze dias que *não a via, não a tocava, não a beijava, não a tinha.*

Sentei na varanda da casa dos meus pais sem me

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupar com o frio que estava fazendo do lado de fora. Outro relâmpago cortou o céu e em seguida um estrondo encheu meus ouvidos, quando um trovão explodiu aos quatro cantos.

Onde ela estava? Estava bem? Ou estava chorando? Alguém iria ajudá-la?

Carol. Chamei seu nome em pensamentos como uma súplica.

O que eu deveria fazer?

Por que sentia tanta falta dela? Por que eu a queria ao meu lado para sempre? Por que sentia tanta falta da sua voz?

Tantos porquês que me enfureciam por não ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respostas. Eu recebia relatórios diários sobre ela e não era suficiente. *Por que ela me atraía tanto?*

Não conseguia desviar meus olhos do céu, observava cada relâmpago com o coração apertado. *Ela estava precisando de mim?* Uma mão pousou em meu ombro fazendo-me sair de meus devaneios. Elliot me olhava quase que de forma preocupada, mas ele disfarçava bem.

— Deveria entrar, está muito frio aqui.

Acenei concordando, iria entrar daqui a pouco e ele pareceu entender. Ele me olhou por um instante antes de se sentar ao meu lado. Acompanhou meu olhar para o céu e nós dois ficamos em silêncio observando a tempestade se formar.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que não vai atrás dela?

Precisei de um minuto para compreender de quem ele estava falando. De novo aquela coisa do *cordão umbilical invisível* que nos ligava. Conhecíamos tão bem um ao outro que era difícil esconder o que sentíamos.

— Ela mexeu com você, deveria ir. — Ethan falou ao se aproximar.

Parecia que eles surgiam do nada, quando eu menos esperava. Ethan se sentou do lado de Elliot e ficou calado, também olhando para o céu.

— Acho que não deveria — cruzo os braços.

— Eu não penso assim. — Elliot disse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também não. — Ethan se pronunciou.

— Vocês não entenderiam — murmuro não gostando do rumo daquela conversa.

— Que você é fodido demais para encontrar um novo amor. — Elliot disse.

— E que não quer correr o risco de passar pelas mesmas coisas. — Ethan completou.

— Ou que sempre tenta afastar as pessoas que gostam de você.

A voz de Alice se fez presente naquela reunião de irmãos bastardos e intrometidos de última hora. Olhei para ela que sorriu e caminhou até mim, se sentou no meu colo e colocou as pernas sobre as de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Elliot.

— Você é folgada. — Elliot protestou antes de segurá-la sobre ele.

Ela piscou para ele antes de abraçar meu pescoço e me olhar nos olhos.

— Abner.

— Diga.

— Você é um bastardo que eu amo muito, sabe disto, neh? — perguntou.

Sorri de leve.

— Somos — afirmei erguendo as sobrancelhas.

— Não estamos dizendo que tem que se casar com Carolina. — Alice disse com delicadeza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos mesmo que falar sobre isto? —
perguntei já sabendo da resposta.

Ela revirou os olhos antes de voltar a me encarar.

— Todo mundo já viu e percebeu que você não é mais o mesmo depois que se encontrou com ela.

— Alice afirmou. — Sabemos que ela é diferente.

— Eu a magoei muitas vezes — admiti.

Alice bufou dramaticamente.

— Claro que você a magoou, é um bastardo —
brincou.

— Ele realmente é um bastardo. — Elliot concordou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você também é Elliot. — Ethan provocou.

— Vocês são um bando de bastardos feitos em uma fornada só. — Alice gargalhou.

Ela pulou do meu colo para o do Elliot e colocou as pernas sobre Ethan.

— Está esperando o quê? — Ela me perguntou.
— Vá logo atrás dela e se apaixone de vez —
enxotou-me.

Não pude controlar, meus olhos se arregalaram.

Apaixonar?

Não, apaixonar não.

Mas eu precisava dela.

— Nossa, como o Abner está ficando lento. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Elliot provocou.

— O amor faz isto com as pessoas. — Ethan disse.

— Nada de amor — resmunguei levantando.

O que eu tinha a perder?

A merda do meu coração quebrado?

Não sei, mas Carol precisava de mim naquele momento.

Apressei meus passos e corri para dentro de casa ouvindo meus irmãos gritar qualquer bobagem que não dei ouvidos. No meio do caminho encontrei minha mãe que fechou a expressão quando me viu correndo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner, não corra dentro de casa! — Ela gritou me repreendendo como se eu tivesse cinco anos de idade quando passei por ela.

— Desculpe! — grito de volta quando já estou a caminho da saída para a garagem.

Ela resmungou algo como “os filhos não parecem crescer nunca” e eu não dou importância. Abro a caixa de chaves e procuro por um carro que aguente tempestades. Não poderia jogar minha Ferrari nas ruas e querer chegar rápido com a chuva que estava prestes a cair.

Quando estava dentro da caminhonete, liguei para Marcelo mandar a escolta me seguir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte e Quatro

Abner Stabler

Eu queria dirigir como um louco até Carolina e não podia. A prudência em mim não permitia. Uma chuva forte batia com força no meu carro e mesmo com os limpadores de para-brisa ligado no máximo, mal conseguia ver a estrada.

Cheguei a cogitar se realmente teria sido uma boa ideia ter saído de casa. Quando me lembrei de que Carol estaria em pânico neste momento, nenhum arrependimento veio. A preocupação com ela fez com que eu soubesse que era a decisão certa ir até ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com a velocidade reduzida e a atenção redobrada, demorei muito mais do que imaginava para chegar até a casa dela. Estacionei e mal consegui abrir a porta por causa do vento e da força da chuva. Pensei abrir o guarda-chuva, mas seria inútil. Em um minuto o vento o levaria e me deixaria irritado. Travei o carro e tomei o choque do frio sobre meu corpo.

Corri pelo caminho de pedras até a porta dela e pensei em como entraria. Ela com toda certeza não iria vim abrir a porta para mim. Dei a volta na casa e me abriguei no deque do fundo.

Passei as mãos pelo cabelo molhado e segurei para não tremer de frio. Estava quase congelando.

PERIGOSAS ACHERON

Com certo esforço arrombei a porta da cozinha e entrei. Suspirei aliviado em sentir o calor que tinha dentro da casa. Comecei a puxar as minhas roupas molhadas e lembrei-me de travar a porta com uma cadeira.

— Depois mando alguém arrumar — murmurei tentando tirar meus sapatos encharcados.

Comecei a tremer de frio ao ficar só de cueca boxer e não me importei. Joguei todas as minhas coisas no chão da cozinha e subi a procura de Carol.

Na porta do quarto ouvi os soluços dela. Entrei rápido e a encontrei no escuro do quarto escondida debaixo de cobertas. Seu soluço alto foi como um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tiro em mim. Deixou-me aflito.

— Carolina — chamei seu nome e ela não respondeu.

Puxei um pouco seu edredom e encontrei seu rosto.

— Carol.

Ela abriu os olhos e o terror estampado neles me assustou.

— Está tudo bem, Carol.

— Abner — sussurrou aflita.

— Sou eu, está tudo bem — sussurrei de volta.

— São somente lembranças ruins.

Deitei do seu lado e me cobri com suas cobertas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quentes.

— Olhe nos meus olhos.

Ela levantou o olhar mais uma vez e me encarou com seu rosto molhado de lágrimas que desciam pelo seu rosto angustiado.

— Abner, faz... parar...

— Estou aqui. — A segurei contra meu corpo.

— É só mais uma tempestade, tudo bem? Se acalme.

Meu pedido teve efeito contrário. Ela começou a chorar mais do que antes. Somente a abracei enquanto murmurava palavras de conforto em seu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei quanto tempo passou, mas fiquei ali abraçando e confortando Carolina até que seus medos se acalmassem. Ela chorou e tremeu em meus braços. Soluçou e buscou por amparo agarrada em mim, como se fosse a última pessoa da terra. O calor do seu corpo aqueceu o meu frio de chuva e assim ficamos até que seu choro cessou dando lugar ao sono devido ao cansaço.

— Durma um pouco, linda — murmuro.

— Quando *yo...* acordar você ainda vai estar aqui? — sussurrou sonolenta.

— Sim, vou estar aqui com você quando acordar — afirmei

PERIGOSAS ACHERON

Só assim ela se rendeu ao sono.

Segurei-a por um tempo, gostando de ter seu corpo tão próximo ao meu novamente. Mesmo não querendo assumir, estava com saudades dela. Saudades até mesmo do cheiro de baunilha dos seus cabelos.

Não queria pensar sobre o rumo das coisas ou faria besteira. Respirei devagar antes de me levantar. Peguei um roupão de banho no armário dela e desci para fazer algumas ligações.

Iria passar a noite ali e precisava ter certeza da segurança no local. Não podia arriscar minha vida e muito menos a de Carolina por ser imprudente.

Sentindo que a chuva que tomei poderia me trazer

PERIGOSAS NACIONAIS

um resfriado, fiz um chá e tomei uma aspirina que encontrei na caixa de primeiros socorros dela.

Coloquei minhas roupas na máquina de lavar, mesmo sabendo que quando amanhecesse, Ricardo me traria um terno limpo.

Com tudo no lugar, subi as escadas de volta para o quarto. No meio do caminho ouvi o soluço dela e congelei. Quando seu soluço veio mais alto corri em sua direção. Abri a porta com força e vi ela me olhar assustada.

— Abner — murmurou. — *No se fue* — sussurrou.

Caminhei até ela tirando o roupão e me deitei ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu lado, segurando-a apertado em meus braços novamente. Mas agora sem entender o motivo do choro. Ela soluçou alto e se agarrou ao meu corpo.

— Não entendi, querida, você falou em espanhol.

— Você *no* foi embora — sussurrou baixinho.

— Claro que não, só fui fazer umas ligações, querida.

— Achei que tinha me deixado novamente — soluçou.

— Não vou a lugar nenhum.

Meus olhos encontram os seus para que ela visse que eu não estava mentindo. Não iria a nenhum

PERIGOSAS ACHERON

lugar. Queria estar ali, ao lado dela e não sairia. Fiz um carinho em sua bochecha e limpei as lágrimas que manchavam seu rosto.

Queria muito beijá-la.

Era exatamente isto que ia fazer.

Aproximei meu rosto do seu e para minha surpresa, ela me beijou primeiro. Sentir a maciez dos seus lábios foi como ser levado ao paraíso em um segundo. Sua mão passou do meu ombro para o meu pescoço enquanto nos beijávamos. Era diferente de tudo o que já tinha experimentado antes. Parecia tão certo. Tão meu. Beijava-a de forma delicada e carinhosa lhe dando todas as garantias possíveis e afastando seus medos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Somente parei para recuperar o fôlego, os olhos dela brilharam em minha direção e mostrando-me que não tinha mais volta.

— Descanse, Carol, não vou sair daqui — prometi mexendo em seus cabelos.

— Quero que me beije, Abner... e que não pare.

Encarando seus olhos, sabia que não existia mais medo ou pânico por causa da tempestade. Seu olhar implorava pelo meu toque. Queria que fizesse amor com ela. E eu estava disposto a dar tudo que precisasse, até mesmo o meu amor naquele momento.

Deixei minha mente em branco, não pensei em

PERIGOSAS ACHERON

nada. Não me lembrei de nada que envolvesse meu passado. A única coisa que conseguia pensar, era em como a desejava.

Voltei a beijar sua boca, desta vez mais feroz e não parei.

Fiz exatamente o que ela queria.

Amor.

Fiz amor com ela até que nós dois dormimos, um nos braços do outro.

Capítulo Vinte e Cinco

Carolina Callejas

Sentindo minha cabeça doer e um grande peso sobre meu corpo, acabei me rendendo e acordando. Abri de leve os olhos e senti a fígada em minhas têmporas, estava deitada de bruços na minha cama. Respirando devagar, aos poucos comecei a raciocinar sobre o que estava acontecendo.

A primeira coisa que percebi foi que o peso sobre mim era o corpo de alguém. Pernas pesadas enroscadas nas minhas, me travando na cama. Remexi devagar tentando me soltar e não consegui.

— Fique quieta, Carol.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao ouvir aquela voz sonolenta, memórias da dura noite vieram em minha mente rápido, fazendo com que minha dor de cabeça piorasse.

— Abner?

— Quem pensou que seria? — murmurou ainda sonolento.

— Você está me esmagando... O que está fazendo aqui? Por que...

— Sério que quer conversar agora? — perguntou levemente mal-humorado.

— Abner, estou ficando sem ar — reclamei novamente. — *Dios* mio.

Ouvi uma risadinha baixa dele antes de aliviar o

PERIGOSAS ACHERON

peso do seu corpo.

— Você acabou de rir? — perguntei surpresa.

— Vamos dormir, Carol. — Ele se calou quando meu celular disparou o despertador.

— Tenho que *trabajar* — digo.

Seus braços se fecharem em minha cintura.

— Hoje é sábado, ninguém trabalha aos sábados — afirmou.

— Você quis dizer, você nunca trabalha aos sábados — retruco desligando o despertador.

— Pode ser — murmurou sonolento.

A pergunta era: *o que estava acontecendo com ele?*

Porém, tinha outras também como: *Por que ele estava ali? Por que ele veio me ajudar no meio de uma tempestade? Como ele entrou na minha casa?*

— Abner?

— Hm.

— Por que você está aqui?

— Porque você pediu para que eu não fosse embora — murmurou.

— E por que você apareceu na minha casa no meio de uma tempestade?

— Você não vai me deixar dormir, não é?

— Algo do tipo.

O ouvi suspirar e senti sua respiração na minha

PERIGOSAS NACIONAIS

nuca comprovando que ainda estava nua. Sua mão espalmada em meu estômago se moveu em um carinho, surpreendendo-me. Parou em meu quadril e logo em seguida se moveu até minha coxa com um toque delicado e atencioso, voltou pelo mesmo caminho e parando em minha cintura.

— Estava chovendo e você tem medo de tempestades — disse como se explicasse tudo.

— Hm.

— Fiquei preocupado com você — disse enquanto sua mão continuava a me cariciar. — Então, vim até aqui.

— Devo perguntar como entrou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hm... não, talvez mais tarde — respondeu se aconchegando mais ao meu corpo. — Agora podemos voltar a dormir?

— *No*, tenho que *trabajar*.

— Você está brincando, neh? — Seu tom de voz estava começando mostrar mau humor.

— *No*, *no* estou. Tenho uma *reunión*...

— Desmarque — interrompeu-me.

— Abner, *no* posso...

Ele me virou em seus braços calando-me. Apoiando-se nos cotovelos se inclinou sobre mim e me encarou. Algo nele tinha mudado e eu não sabia dizer o que era.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pode.

— *No*, diferente de você, *yo* tenho muito *trabajo* que *no* pode ser deixado para depois.

Sua mão fez um carinho em meu rosto e depois subiu para os meus cabelos o tirando de meus olhos. Havia algo muito diferente nele, deixando-me muito intrigada.

— Você está bem? — Abner perguntou.

Sua preocupação também me pegou de surpresa, não que o achasse um homem incessível. Já que no dia em que nos conhecemos, ele me ajudou e me amparou quando entrei em pânico por causa da tempestade. Algo que poucas pessoas fariam. Mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o fato de que ainda estava na minha cama, nu e preocupado com o meu bem-estar, isto sim, era uma surpresa e tanto.

— Minha cabeça está doendo um pouco, mas vou sobreviver.

— Talvez não seja o momento, mas por que tem tanto medo de tempestade?

Meu corpo ficou rígido, não queria falar sobre o assunto e acredito que nunca seria um bom momento para falar sobre isto.

— Tudo bem, vamos deixar para depois essa conversa — afirmou.

Relaxei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado por vim — murmuro encarando seus lindos olhos.

— Não conseguiria ficar longe sabendo que você estaria com medo.

— *Gracias...*

Sua boca se juntou na minha, calando-me. Retribui seu beijo sem que pedisse duas vezes. Abracei seu pescoço e passei uma de minhas mãos por seu corpo.

— Não vá, fique mais. — Ele pediu em um murmuro rouco.

— *No* posso — sussurrei e ele voltou a me beijar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando percebeu que não cederia a suas vontades, por mais tentadoras que fossem, ele se afastou e aconchegou seu rosto na curva do meu pescoço. Um momento depois, levantou parecendo mal-humorado.

E ali estava o Abner que eu conhecia. Suspirei desejando que não começássemos a discutir. Estava cansada de tantas brigas e ao olhar em seus olhos frios percebi que também estava cansado de tantas discussões.

— Tudo bem — acenou. — Vou te deixar no trabalho e depois te buscar.

— Abner, n...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isto não está em discussão, Carolina — interrompeu-me.

— Você tem que parar de falar comigo nesse tom de ordem! — protestei.

Ele respirou fundo como se buscasse por calma.

— Quero que passe o dia comigo — disse baixo.

— Também quero saber um pouco do seu passado.

— *No* quero falar sobre isto.

— Carol, em algum momento, vamos ter que falar sobre isto.

— O que aconteceu com você? — mudei o assunto. — Parece outra pessoa desde a última vez que nos encontramos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou o mesmo, mas cansei de tentar te afastar.

— Cansou?

— Sim — acenou. — Você grudou em minha pele e não consigo tirá-la, não posso ficar longe.

Nos encaramos intensamente e voltamos a nos beijar.

Consegui fazer com que ele se levantasse, fomos para o banho juntos e aproveitamos o momento. O que acabou me deixando ainda mais atrasada, porém, satisfeita e feliz. Todas as vezes que me entregava a ele, sempre era diferente e mais intenso do que a última vez. Fazendo-me ainda mais apaixonada por aquele homem, grosso,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impertinente e mal-humorado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte e Seis

Carolina Callejas

Olhando no espelho do meu closet, tento colocar meus pensamentos no lugar. Era como se minha vida estivesse virando de cabeça para baixo e não pudesse fazer nada para frear aquela situação.

Enquanto passava o brilho labial, lembrei-me de quando Abner me tomou de madrugada. Eu não o reconheci. Não sabia o que mudou nele. Estava diferente, tinha certeza disto. Foi intenso como sempre, mas não foi um sexo vazio e baseado em uma necessidade louca de saciar os próprios desejos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda me lembro de seus beijos cheios de sentimentos. Seus toques repletos de zelo. Seu corpo venerava o meu, como nunca tinha feito antes. Durante a madrugada, Abner amou meu corpo. Ligou-nos fortemente. Levou-nos em um caminho sem volta.

Passo as mãos pelo vestido vinho que coloquei e dou uma última olhada no espelho antes de me virar e sair dali. Ficar perdida em meus pensamentos daquela forma não me levaria a lugar nenhum. Peguei um gorro preto e já o coloquei na cabeça sabendo que não teria tempo para tomar um café da manhã com calma. O sobretudo e as luvas eram pretos combinando com o gorro de lã. Vesti o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casaco e peguei minha bolsa antes de descer.

Fui para cozinha e encontrei Abner fazendo omeletes e bacon.

— Que demora — resmungou como sempre mal-humorado.

Não dei importância.

— Já estou pronta — informo e ele se vira para me olhar.

Seus olhos me analisaram por um longo minuto, descendo sobre meu corpo sem a menor vergonha de mostrar que estava me despindo com o olhar.

— Está linda.

— *Gracias.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sente-se e tome café — ordenou e eu faço uma careta. — O que foi?

— Ovos e bacon?

— Sim, não gosta?

— Na verdade, *no* — balanço a cabeça. — Prefiro um pedaço de bolo com café e uma fruta.

Vou até a geladeira e pego um bolo de chocolate com calda, de dar água na boca. Ligo a cafeteira.

— Não deveria comer tanto doce assim pela manhã.

O ignoro e me sento, partindo um pedaço para mim. Coloco no prato e pego uma colher. Saboreio o bolo e faço uma cara de prazer em sentir o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chocolate derreter na minha boca.

— Está uma delícia, aceita? — ofereço.

— Não como doces.

Franzo a testa.

— Não come?

— Não, sou diabético.

Precisei de alguns segundos para processar a informação.

— Sério?

Ele me ignorou e se serviu uma xícara de café puro.

— Claro que é sério, acha que eu brincaria com algo assim? — perguntou mal-humorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, sinto muito.

— Não sinta. — Seu semblante estava sério. — Sou diabético e não como doce, fim de papo.

— Esqueceu-se de dizer que é um poço de bom humor — digo comendo mais um pedaço. — *No* perca o sarcasmo.

— Carol.

O tom de aviso dele me fez revirar os olhos com impaciência. Aquele era o Abner que eu teria que aprender a lidar, se quisesse manter essa coisa que tínhamos. O homem tinha um mar de mau humor terrível e eu acreditava que não seria algo fácil de mudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

...

— Carol. — Abner gemeu irritado. — Você me fez levantar cedo em pleno sábado e não sai de casa nunca.

— Abner, calma.

— O que tanto procura? — questionou impaciente. — Santo Cristo.

— *No* acho minha chave do carro, Abner — resmungo completamente estressada.

Era um inferno estar atrasada, a chave do carro some e para piorar, ter alguém tão impaciente como Abner me apressando.

— Está comigo — responde calmamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paro e o olho perplexa. Abner teve a ousadia de fazer cara de paisagem, como se não tivesse feito nada demais.

— Por que *no* disse antes? — coloquei as mãos na cintura. — Deixou-me ficar procurando como uma *tonta*.

— Porque não perguntou — deu de ombros.

— Por que. Esta. Com. A. Chave. Do. Meu. Carro? — pergunto pausadamente antes que sofresse um ataque de raiva e começasse a gritar um monte de insultos em espanhol para ele, principalmente porque ele não entenderia.

Respiro devagar tentando não ceder à tentação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de irritá-lo por falar um idioma que ele não entende.

— Não entendo porque parece tão brava, disse que iria te deixar no seu estúdio e depois te buscaria — falou calmamente. — Não precisa da chave.

— Abner...

— Vamos logo, não estava reclamando de estar atrasada? — questionou.

Era um fato, o mataria antes de conseguir chegar ao meu escritório.

— *Dios me ayude, o voy a matarlo.*

— O que disse?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada, vamos logo!

Passo irritada por ele em direção a minha garagem.

— Vamos no meu carro — informou.

— O quê? Você pegou a chave... Esquece, não tenho disposição para continuar esta conversa.

Seu sorriso me pegou de surpresa, Abner estava se divertindo em fazer da minha manhã um inferno. Antes que pudesse brigar com ele, sua boca desceu sobre a minha e ele me beijou delicadamente como se quisesse me acalmar com seus lábios.

Algo que realmente aconteceu.

...

PERIGOSAS ACHERON

Corri para dentro do estúdio, Jaqueline já tinha me ligado duas vezes durante o caminho avisando que meu primeiro cliente me aguardava.

— Graças a Deus você chegou. — Ela exclamou aliviada assim que me viu.

— Buen día.

— Corra, porque o homem está ficando mal-humorado...

Ela parou de falar assim que dois furacões vieram em nossa direção. Max e Katia estavam ofegantes, mostrando que subiram a escada correndo.

— Que beijo foi aquele? — Max praticamente

PERIGOSAS NACIONAIS

grita.

Fecho meus olhos e respiro fundo. Tinha certeza de que ele estava se referindo ao beijo quente e possessivo que Abner me deu antes que me soltasse para trabalhar.

— Puta merda, que homem. — Katia pareceu eufórica. — Não me diga que vocês se entenderam?

— Beijo? — Jaque questiona fazendo-me abrir os olhos.

— Diga que vocês fizeram sexo quente e selvagem a noite inteira. — Max implora.

— Pelo amor de Deus fala alguma coisa, mulher. — Katia diz nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

Acabo rindo deles.

— Ela está rindo, isso é um bom sinal. — Katia constata pensativa.

— Estou me corroendo todinho aqui e ela não diz nada! — Max exclama nervoso.

— Passamos a noite juntos — assumo.

— Conta tudo. — Os dois falam juntos me fazendo rir ainda mais.

— Quem sabe depois — dou de ombros.

— *Oh* não. — Max para na minha frente.

— Diga detalhes quentes e explique porque desta vez ele ficou. — Katia implora.

— Como disse, quem sabe depois, já que estou

PERIGOSAS NACIONAIS

atrasada para atender um cliente muito importante — ignoro suas expressões frustradas. — Porque tinha um homem muito quente na minha cama esta manhã... *Entonces*, até depois.

Viro e saio correndo em direção à sala de reunião onde meu cliente aguardava.

...

Quando saí da sala de reuniões e voltei para o meu escritório, encontrei os dois sentados no meu sofá me esperando.

Reviro os olhos. Eles tinham pacotes de pipocas de diferentes sabores, alguns chocolates e refrigerantes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabem que *yo* ainda sou a chefe aqui, neh?

— Claro que sabemos. — Max respondeu e jogou um monte de pipoca na boca.

— Mas não sairemos daqui até sabermos de tudo. — Katia disse e colocou os pés sobre a mesa de centro.

Os encarei por um momento para tentar mostrar que não cederia tão facilmente. Mas sabia que não resistiria, eles eram bons amigos, sempre me apoiavam em tudo.

— Tudo bem, façam suas perguntas — digo me sentando na frente deles que ficaram eufóricos. — Tenho meia hora antes do próximo cliente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o tamanho do instrumento? — Max perguntou primeiro.

— Como se encontraram? — Katia completou.

— O que rolou? — Max perguntou.

— Vocês brigaram antes e tiveram um sexo de reconciliação? — Katia perguntou se inclinando para frente curiosa.

— O que se esconde debaixo daquele terno? — Max questionou e se abanou.

— Vocês *no* me deixam responder — protestei.

Eles respiram fundo tentando acalmar a própria ansiedade.

— Foi por causa da tempestade? — Katia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou agora mais calma.

— *Sí*.

— Onde vocês estavam? — Max perguntou enquanto comia mais pipoca.

— *Yo* estava em casa.

— Então ele foi te ver. — Katia concluiu.

— *Sí* — digo um pouco hesitante. — Ele invadiu minha casa durante a tempestade.

— O quê! — gritaram juntos.

— Isto mesmo que ouviam. *Yo* estava tendo mais... Um ataque de pânico... Por causa da tempestade... Ele apareceu no meu quarto e me fez concentrar até que o pânico passasse. Lembro-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de acabar dormindo e quando acordei um tempo depois, ele não estava mais lá.

— O que mais? Conte, não esconda nada. —
Max implorou.

— Ele voltou para o meu quarto quando estava chorando novamente, chateada por ter sido deixada sozinha novamente...

— Vocês tiveram um sexo quente e enlouquecedor. — Katia afirmou sorrindo.

— Ai minha nossa senhora dos viados desesperados. — Max dramatizou.

Gargalhei.

— *No* foi quente e enlouquecedor — digo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não? — questionaram juntos e surpresos.

Estava me irritando a forma que falavam juntos.

— *No* — acenei. — Abner estava diferente, o sexo foi o melhor que já tinha experimentado antes. Ele foi cuidadoso, carinhoso.

— Ele fez amor com você. — Max afirmou me olhando carinhosamente.

— *Sí* — acenei pensativa. — Nunca foi assim com ele.

Abro um chocolate e começo a comer, mas paro na metade ao lembrar que Abner é diabético.

— E quando você acordou de manhã ele ainda está lá. — Katia disse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Sí*, mal-humorado e sonolento — sorrio. —
Porém, ainda *sí* estava lá.

Eles suspiram.

— Você está laçando o boy magia. — Max afirmou.

— *Yo no* sei. — Me sinto insegura.

— Por que não tem certeza? — Max questionou.

— É o Abner, entende? — questiono. — Ele sempre tenta me afastar e acaba me magoando com palavras — suspiro. — Não sei até onde isto vai, mas tenho quase certeza de que vou sair machucada desta história.

Eles me encararam pensativos como se

PERIGOSAS ACHERON

considerassem a situação e depois voltaram a falar das vantagens de estar na cama com um Stabler. Principalmente, queriam saber tudo o que Abner escondia debaixo de seus ternos caros. Não contei todos os detalhes, afinal, por enquanto aquele homem era somente meu.

Só não sabia por quanto tempo.

Capítulo Vinte e Sete

Carolina Callejas

Assim que meus amigos me deixaram sozinha, não tive muito tempo para pensar. O trabalho estava se acumulando e os clientes chegando. As horas correram e mal tive tempo para um café.

Um toque na porta me fez erguer a cabeça, Jaqueline estava lá com uma cara não muito boa.

— *Si?*

— O senhor Collins já está te aguardando.

Suspirei sabendo que teria que enfrentá-lo mais uma vez. Era cansativo todas nossas reuniões e se não fosse pelo contrato, exigiria outro

representante. Olhei as horas sabendo que faltava pouco para Abner aparecer, já que Thiago estava atrasado.

— Mande-o entrar — instruí.

Ela acenou e se afastou já deixando a porta aberta. Quando ele chegou à porta e sorriu para mim, me fez sentir ainda mais cansada do que antes.

— Carol.

— Collins.

— Oh, por favor, sem tantas formalidades — desdenhou. — Afinal, já fomos íntimos.

Ele me deu um sorriso cafajeste antes de fechar

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta. Caminhou com seu jeito elegante e despreocupado até a cadeira na minha frente, e se sentou.

— Ainda bem que usou o passado em sua *afirmación* — digo séria. — *No* somos mais íntimos e nossa relação é estritamente profissional. *No* misture as coisas.

Vi sua expressão se fechar e seus olhos ficarem duros, parecia com raiva e eu não me importei.

— Ainda com isto, Carol?

— Isto o quê? — retruquei irritada.

— Quando vai perdoar o que fiz? — questionou.

— Esquecer aquela merda?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca.

— Carol...

O interrompo.

— *No* estamos aqui para falar do nosso passado.

— Que merda! — exclamou. — Por que é tão teimosa?

Ele se levantou visivelmente irritado.

— Já disse que me arrependi de te trair, estou sendo sincero! — afirmou.

— *No* disse que *no* era sincero — respondi tentando manter a calma. — *Yo* só *no* sou obrigada a te perdoar, além do mais que nosso caso ficou no passado e n...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sempre vai ser minha — afirmou com tanta convicção que me fez perder o resto da minha paciência.

Levantei e saí de trás da mesa, comecei a caminhar até a porta. Iria mandá-lo sair imediatamente. Não tenho que ouvir essas coisas, o contrato era importante, mas não tudo.

Antes que alcançasse a porta, ele me segurou.

— Não tivemos um caso — rosnou.

— Solte-me — exigi.

— Ficamos juntos por um ano e você diz que tivemos um caso? — Sua expressão estava endurecida. — Só pode estar de brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Solte-me — exigi em um tom mais alto.

— Levei muito a sério nosso relacionamento.

— *No* foi o que me pareceu quando você estava se enfiando entre as pernas de outra mulher!

Ele soltou meu braço e segurou meu rosto com suas mãos, obrigando-me a encará-lo nos olhos.

— Aquilo foi um erro, eu não deveria ter te traído.

— Mas traiu, quebrou a confiança que existia entre nós — acusei.

— Você tem que me perdoar — ordenou.

— *Yo no* tenho que perdoá-lo.

— Você é minha, Carol! — bradou alto me

PERIGOSAS ACHERON

assustando, mas não me acovardei.

— *Yo no* sou sua! — gritei de volta.

Para meu completo choque, Thiago puxou meu rosto contra o seu tentando me beijar. Virei o rosto para escapar. Bati minhas mãos em punhos contra seu peito para afastá-lo. Gritei horrorizada por ele me forçar a aceitar seu beijo e comecei a ficar em pânico enquanto me debatia para fugir de suas mãos firmes.

Ouvi a porta abrir e não vi quem era até que fui puxada com força e Abner entrou no meu campo de visão. Ofeguei sem ar e vi Abner acertá-lo no rosto. De início Thiago parecia surpreso, mas depois seu rosto se transformou e ficou visivelmente com

PERIGOSAS ACHERON

raiva.

— Nunca toque no que é meu, porra! — Abner rosnou furioso.

Ficou na minha frente como se quisesse impedir que Thiago me olhasse.

— Ela não é sua. — Thiago disse em um tom ameaçador. — Ela é minha.

Aquilo foi o que faltava para Abner explodir, antes que eu pudesse puxar a próxima respiração. Abner e Thiago fizeram da minha sala um ringue de luta.

Os dois se socavam e se jogavam contra os móveis do meu escritório quebrando tudo ao redor.

Apesar de Thiago não ter a menor chance contra Abner, ainda assim, estavam brigando como dois animais selvagens.

Estava chocada com o tamanho da brutalidade que presenciava, quando vi sangue pingando do rosto de Thiago, saí do meu estado de estupor.

— Abner, pare! — gritei e ele não me deu atenção.

Olhei para trás e reconheci Ricardo na porta junto com outro segurança.

— Ricardo, o pare, *Dios mio*, ele vai matá-lo.

— Desculpe, senhorita, não posso pará-lo a menos que algum Stabler exija ou ele esteja

colocando sua vida em risco. — Ricardo respondeu um pouco hesitante.

O olhei perplexa com aquela afirmação e vi que era verdade. Ele não os separaria. Voltei a encarar os dois que se socavam em minha sala, sabia que não deveria me aproximar muito, porque poderia me machucar, mas alguém tinha que pará-los.

— Abner, pare! — gritei.

Ele não parou, dei dois passos para mais perto deles sentindo a raiva borbulhar em meu sangue.

— Abner, pare, ficou *loco*? — esbravejei. — Vai matá-lo!

Ele parou por um minuto e eu dei mais dois

passos para frente. O homem bufava ofegante, seus olhos estavam frios e seu rosto endurecido em uma raiva brutal.

— Pare, por favor — pedi em um sussurro.

Ele hesitou por um segundo e Thiago aproveitou a oportunidade de distração de Abner para socá-lo mais uma vez. Só que Abner percebeu e desviou um segundo antes. O punho de Thiago veio direto em meu ombro, me fazendo gritar com a dor do choque e tropeçar para trás. Meus saltos perderam o equilíbrio e minha bunda acertou o chão.

Gemi com a dor atravessando meus músculos e encarei os dois homens que brigavam como dois selvagens a um segundo atrás. Thiago parecia

chocado e surpreso por ter me acertado. E Abner ficou surpreso por um segundo antes de seu rosto voltar a endurecer em raiva. Ele virou para Thiago e o acertou muitas vezes no rosto.

— Abner, pare, por favor — soluzei quando vi o corpo de Thiago cair para trás.

Parecia ter desmaiado ou algo do tipo, implorei aos céus para que Abner não tenha matado o rapaz. Eu não gostava de Thiago, mas não queria uma brutalidade daquela para nenhum dos dois.

O choro veio alto e forte em mim. Levei minhas mãos ao rosto e soluzei tentando parar as lágrimas. Senti uma mão me tocar e me encolhi, destampeei o rosto e vi Abner me encarando de perto. Tinha se

PERIGOSAS ACHERON

agachado perto de mim e parecia preocupado. Quando ele tentou me tocar novamente, acabei me afastando de sua mão.

— Carol. — O tom baixo e cuidadoso dele me fez tremer.

Levantei o olhar e vi Ricardo levando Thiago para fora da minha sala.

— Carol.

Olhei para Abner e pisquei as lágrimas que estavam quase me cegando naquele momento.

— *No* me toque agora — sussurrei ainda em choque depois de tudo que tinha acontecido.

Ele arregalou os olhos de leve, parecia um

pouco assustado em que eu tenha o impedido de me tocar. Jaque apareceu ao meu lado e me olhou com pesar.

— Venha, Carol, vou te ajudar a levantar.

Acenei concordando e Abner se afastou um pouco. Jaqueline enlaçou minha cintura com seu braço fino e me ajudou a ficar de pé. Caminhei até minha cadeira, a única coisa inteira na sala e me sentei devagar. Gemi quando meu ombro dilatou em dor.

— Vou buscar uma água com açúcar para você.

— Ela disse.

— *Gracias* — murmurei ainda pasma com os

últimos quinze minutos.

Olhei para minha mesa rachada e suspirei. *Como aquilo tudo foi acontecer?* Meu notebook estava caído no chão com a tela torcida e quebrada. Alguns documentos espalhados pelo chão, amassados. Algumas lentes de câmeras que estavam em cima do armário do canto, tinham caído e quebrado em vários pedaços.

— Carolina?

Olhei para Abner e ele ainda mantinha uma distância segura de mim.

— Desculpe ter destruído seu escritório — murmurou.

Jaqueline voltou a aparecer na porta, agora segurando um grande copo de vidro com água.

— Carol? Tome um pouco desta água, você ainda está pálida igual um fantasma — disse preocupada.

Acenei incapaz de formar palavras. Ergui o braço esquerdo e gemi alto quando meu ombro protestou.

— Você se machucou? — Abner se aproximou alarmado.

— *Estoy bien* — murmurei em espanhol.

Ele não se importou, nem mesmo sei se ele entendeu o que *yo* disse. Pegou o copo que Jaque

PERIGOSAS NACIONAIS

segurava e colocou de lado em cima do armário que não tinha caído no chão.

— Nos deixe a sós, Jaque.

Ele disse em um tom de ordem a ela que estreitou os olhos o desafiando. Mas eu acenei a cabeça mostrando que estava tudo bem me deixar sozinha com ele.

Ela virou as costas e fechou a porta.

Olhei o rosto endurecido do homem que tem feito da minha vida uma loucura completa nos últimos dias e vi seu queixo avermelhado. Parecia ser seu único machucado. Ele veio rápido em minha direção e parou na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou te machucar, está bem? — quis garantir. — Nunca faria isto — disse baixo.

Sinceridade brilhava em seus olhos azuis gélidos como os de um lobo.

O olhei ainda em silêncio deixando-o nervoso.

— Não me impeça de tocá-la, iria me matar — resmungou. — Preciso saber que está bem.

Suspirei de leve e desviei o olhar.

— Somente me deixe ver o seu ombro.

Acenei ainda incapaz de falar com ele. Abner segurou meu ombro direito e me fez desencostar da cadeira. Sua mão deslizou em minhas costas e encontrou o zíper do meu vestido. Devagar ele

PERIGOSAS ACHERON

abriu e depois desceu a alça do ombro esquerdo onde Thiago havia me acertado sem querer.

— Preciso te levar ao hospital.

O tom baixo e rosnado dele me fez olhar para o meu ombro. Já estava inchado e o vermelho começava a ficar roxo.

— Diga alguma coisa — insistiu.

— *Estoy bien.*

— Não é o que parece.

— Você me assustou — sussurrei e ele me olhou nos olhos. — Nunca presenciei tanta brutalidade assim.

— Desculpe — disse hesitando. — Cheguei

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui e ouvi você gritar, acabei surtando...

— Pensei que fosse matá-lo — murmurei.

Desviei o olhar para uma pequena mancha de sangue em meu carpete.

— Também pensei que fosse fazer isto quando ele disse que você o pertencia.

— *Yo no* sou de ninguém.

— Você é minha — afirmou.

Fechei meus olhos sentindo-me cansada. Não tinha disposição para mais uma discussão como aquela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte e Oito

Carolina Callejas

Ouvi a porta ser aberta com brutalidade novamente e abri meus olhos. Abner se virou pronto para bater em quem tinha entrado daquela forma. Eram dois furacões conhecidos e correram para dentro.

Katia e Max.

— Eu vou matar aquele idiota! — Katia bradou assim que me viu.

— Ele te bateu? — Max perguntou preocupado.

— *No*.

— Então, o que é isto em seu ombro?

Olhei de novo para o meu ombro e percebi que Abner tinha descido demais meu vestido. Meu sutiã estava aparecendo muito e eu não me senti envergonhada, mas ele era mais possessivo do que imaginava. Antes que Max chegasse mais perto, Abner voltou a me encarar e subiu o vestido tampando meu seio e deixando somente o ombro exposto.

Vi Max revirar os olhos com impaciência e ficar do meu lado junto com Katia.

— Um acidente — digo. — *No* quero falar sobre isto.

— Parece que passou um furacão aqui dentro.
— Katia disse ainda preocupada.

— Ou dois. — Max completou e sorriu de leve tentando descontrair. — Você está mesmo bem, florzinha?

— *Sí.*

— Está tão branca quanto um papel. — Katia falou.

— Tome um pouco desta água que sua secretária trouxe. — Abner voltou a me oferecer a água.

Aceitei e desta vez tomei o cuidado de levantar o braço direito. Bebi um pouco da água e suspirei.

— Você precisa ir ao hospital. — Katia disse.

Ia protestar, mas ela levantou a mão me impedindo de tentar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai e não tem discussão sobre isto, depois vai nos contar tudo o que aconteceu nesta sala. — Katia disse em tom de ordem.

— E eu vou levar pipoca. — Max falou me fazendo sorrir de leve.

— Eu vou levá-la. — Abner afirmou.

Katia virou para encará-lo e eu suspirei sabendo o que vinha a seguir.

— Olha aqui, bonitão, você não tem feito muitas coisas boas ultimamente — apontou um dedo para ele. — Então, acho bom ficar longe da minha amiga.

— Você não me diga o que fazer. — Abner

PERIGOSAS ACHERON

disse a ela e não parecia nenhum pouco abalado.

— Não me importo com o que pensa, primeiro maltrata o coração dela, a deixa por um tempo e depois volta se achando no direito de fazer o que quer — colocou as mãos na cintura. — Agora isto, essa selvageria toda! Olha o estado desta sala. Olha a Carol machucada. Só não digo mais porque foi bom alguém acertar aquele idiota do James, mas...

— Já acabou esse seu discurso? — Ele a interrompeu. — Se não se importa, eu preciso pegar a sua amiga e levá-la ao hospital para ver aquele ombro ferido. Ou podemos continuar aqui te ouvindo falar sem parar.

O tom impaciente de Abner fez Katia ficar ainda

PERIGOSAS ACHERON

mais brava.

— Parem os dois — pedi baixo. — Não aguento mais tantas brigas e discussões. Chega!

...

Por todo o caminho até o hospital fui calada, não tinha nada a dizer. Somente fiquei presa em meus próprios pensamentos. Quando saímos do meu escritório, Katia e Max ficaram para trás, porque ainda tinham trabalho a cumprir. Claro que houve algumas ameaças e xingamentos antes de me deixarem ir com Abner.

Ele não parecia nenhum pouco incomodado, apesar de olhar Max com mais cautela do que

deveria. Acho que ele não sabia o que pensar sobre meu amigo, ou então, tentava não ter uma crise de ciúmes. Também não me importei. Não tinha forças para brigar com nenhum deles.

Do lado de fora Ricardo me olhou com pesar ao ouvir de Abner que deveríamos seguir para um hospital, porque eu havia me machucado. Acredito que seu olhar me dizia estar arrependido de não ter parado Abner quando o pedi. Somente lhe ofereci um sorriso cansado e entrei no carro.

Diferente dos outros dias, Abner não quis dirigir, mandou que levassem sua Ferrari embora, e nós entramos atrás de uma SUV com Ricardo dirigindo. Ele também estava perdido em seus

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos e às vezes eu via as suas veias da testa incharem. Não sei o que pensava, mas era algo que o deixava muito irritado. Não forcei a situação. Somente o segui para dentro do hospital.

Um médico, já com uma idade avançada, me atendeu. Foi muito gentil, tirou um Raio-X para ver se tinha fraturado alguma coisa. Apesar de ter sido um único soco, meu corpo é mais frágil do que o de um homem, sem contar à força que Thiago usou.

Eu sabia que ele não me acertou por maldade, foi um acidente, que infelizmente acabou me machucando. O exame mostrou uma pequena lesão no osso, não era nada assustador, mas algo que precisaria de cuidado por um tempo. Depois de

colocar uma tipoia e tomar um medicamento para dor, fui liberada. No caminho para o apartamento de Abner, paramos em uma farmácia e Ricardo desceu para comprar os remédios que foram receitados para tomar em casa.

Assim que sentei no sofá da sala de Abner, ele parou na minha frente.

— Quem era aquele idiota? — perguntou em um tom baixo e ameaçador.

Franzi a testa sem entender direito a quem ele estava se referindo.

— Aquele imbecil que estava tentando te agarrar à força! — explicou irritado.

PERIGOSAS NACIONAIS

O olhei por um instante e quase suspirei sabendo que agora teríamos aquela mesma briga de sempre. Parecia que sempre brigávamos quando estivéssemos juntos.

— Thiago Collins.

— E o que ele é para você?

— Cliente do meu estúdio.

Abner bufou e começou a andar de um lado para o outro.

— Você está mentindo para mim.

— *No* estou — afirmei no mesmo tom irritado dele.

— Vou perguntar de novo, Carolina, o que ele é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para você?

— Cliente do meu estúdio.

— Não é verdade.

— *No* estou mentindo.

— Carolina, ele afirmou que você era dele —
puxou os cabelos. — Vou reformular minha
pergunta. O que ele foi para você?

— Meu namorado por um ano — respondi
impaciente com todo aquele interrogatório.

— Namorado?

— Ex-namorado agora.

— Você disse namorado.

— *Dios mio*, Abner!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi o que você disse! — exclamou.

— E você está distorcendo minhas palavras!

— Carolina.

— Você perguntou o que ele foi para mim e eu respondi, não distorça minhas palavras!

— Você se importa com ele — gritou furioso.

— *No* diga besteiras.

— Besteiras? — questionou. — Você implorou que eu parasse de bater a merda fora daquele imbecil — acusou. — Meteu-se entre nós dois, se machucou, e o defendeu para seus amigos afirmando que foi um acidente.

— Porque foi um acidente — gritei

PERIGOSAS ACHERON

completamente irritada.

— Por que está tentando defendê-lo? Ficou com dó ou se arrependeu de não deixá-lo te beijar? — gritou.

Não podia mais aguentar aquilo, levantei em silêncio. Peguei minha bolsa e caminhei em direção à porta e mais uma vez naquele dia fui parada. A mão forte e grande de Abner se fechou em meu cotovelo como se tivesse dedos de ferro.

— Aonde pensa que vai?

— Ficar longe de você.

— Ou será que vai procurá-lo para ver se ainda tem todos os dentes na boca?

O tom irônico dele me fez estremecer de raiva.

— Me. Solte — pedi pausadamente e ele não me soltou.

Virou-me e prensou meu corpo ao seu.

— Ainda não acabamos de conversar.

— Você não quer conversar! — exclamei. —
Você grita e rosna sem dar a outra pessoa o direito da dúvida.

— Carolina.

— Carolina, o quê? — questioneei irritada. —
Acha que vou me curvar na sua frente e ser totalmente submissa? Acha que vou permitir que continue gritando ofensas para mim como se

tivesse com a razão? — tive o cuidado de dizer cada palavra no idioma que ele entendia. — Ou acredita que vou esquecer que tenho voz e permitir que você controle cada passo e palavra minha?

Ele pareceu surpreso com minhas palavras.

— O que você quer, Carolina?

— Eu quero que o inferno desse dia acabe logo!

— bradei. — Quero poder deitar minha cabeça no meu travesseiro e esquecer que desde que amanheceu, venho tendo problemas — afirmei. — Que passei mais de meia hora me desculpando com um cliente pelo atraso em atendê-lo. Ou que depois me entupi de chocolate em minha sala tentando acalmar meus nervos — contei. — Esquecer-me do

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo de trabalho que se acumulou hoje porque não dei conta de fazer tudo sozinha — pontuei cansada. — Esquecer que Thiago esteve na minha sala. Que tentou me agarrar a força. Que vi tanta brutalidade quando vocês dois brigavam como dois selvagens — bufei de raiva. — Que o meu local de trabalho foi destruído e que nem minha mesa ficou inteira, depois de toda aquela confusão. Esquecer que você sempre me ofende como se gostasse de me machucar com suas palavras. A única coisa que não posso esquecer é meu ombro machucado! E ainda sim quero ESQUECÊ-LO!

Quando gritei minha última palavra, sentia-me sem fôlego e totalmente exausta. Desta vez tive a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza de que ele entendesse cada palavra que eu tenha dito, sem misturá-las com outro idioma. Abner me olhava nos olhos o tempo todo e ficou tenso por um momento.

— Não tenho prazer em te machucar com palavras. — Ele murmurou com sinceridade.

— Então, por que continua fazendo? — sussurrei e lágrimas surgiram em meus olhos sem que pudesse impedi-las.

Ele não me respondeu.

Somente me segurou pela nuca e me beijou como se também estivesse se cansando de toda aquela conversa, ou melhor, briga. Seu beijo calmo

PERIGOSAS ACHERON

e carinhoso fez com que minhas lágrimas escapassem de minhas pálpebras e caíssem em minhas bochechas.

Ele não se afastou, continuou me beijando da mesma forma.

Devagar. Delicado. Meigo.

Parecia que estava se desculpando ao me tocar com tanta delicadeza. Quando se afastou, me olhou nos olhos e limpou minhas bochechas com as pontas de seus dedos.

— Desculpe por tudo que fiz hoje. —
Honestidade brilhava em seus olhos. — Fui um babaca o tempo todo.

Não tive tempo de responder, ele voltou a me beijar, acredito que talvez não quisesse ouvir uma resposta negativa minha. Aos poucos aprofundou o beijo, me pegou em seus braços e me levou para o quarto.

...

Abner Stabler

Observo Carolina dormir ao meu lado em minha cama, ainda não tinha dado nem cinco da tarde, mas ela parecia cansada. Muito cansada. Boa parte da sua exaustão era minha culpa.

Sentia-me envergonhado por minhas atitudes.

Fui um cretino com ela durante todo o dia, sem

PERIGOSAS NACIONAIS

aliviar nenhuma vez. Sabia que ela estava ficando cansada de nossas discussões e eu não poderia culpá-la. Afinal, aquilo também estava me desgastando. Porém, por mais que eu tentasse evitar, sempre acabávamos brigando.

Ainda me lembro de como perdi o controle quando a ouvi gritar em pânico em sua sala. Meu sangue tinha gelado pensando que algo terrível estava acontecendo com ela. Alguém estava a atacando. Mas quando vi aquele homem agarrá-la e ela lutando para se afastar, foi como se jogasse gasolina em mim e colocasse fogo.

Bater em Collins me fez extravasar a raiva, *mas a que preço?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Expus Carolina a uma violência desnecessária. Poderia ter socado ele e o colocado para fora, mas eu não parei. Juntos, destruímos todo o escritório dela e não podia negar o que ela disse, *pareciam dois selvagens*.

Eu estava mais brutal do que Collins. Minha falta de controle me envergonhou. Quando ele a acertou, mesmo que sem querer, me enfureceu de vez. Ele a machucou, ninguém deveria fazer isto. Nem mesmo eu. Nunca a tocaria para machucar.

Sabia que era um cretino e sempre estragava tudo com meu temperamento terrível. Não gostava de machucá-la nem mesmo com palavras como ela afirmou mais cedo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando fecho meus olhos ainda posso ver seu rosto angustiado e suas palavras duras, mas muito sinceras. Podia lembrar-me facilmente do cansaço evidente em suas expressões. Do olhar perplexo quando viu sua sala destruída. De como se retraiu quando tentei tocá-la. Parecia ter medo de mim. Essa constatação me fez estremecer de leve.

Pensar que ela poderia não desejar mais meu toque me deixou gelado até a alma. *Como poderia suportar não senti-la mais?*

Meus pensamentos foram cortados quando meu celular vibrou em cima da mesa de cabeceira.

Alice.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o problema? — digo ao colocar o aparelho em meu ouvido.

— O que você aprontou? — Ela questionou impaciente.

— Nada.

— Nada? — bufou alto. — Então posso mandar Elliot e Ethan aí para ver se continua enfurecido como um maldito touro?

— Não se atreva.

— Que merda você tem na cabeça, Abner! — gritou.

— Não grite em meu ouvido, pelo amor de Deus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É o que merece — pareceu bem brava. —
Saiu da casa de mamãe ontem, com a intenção de
fazer as pazes com ela e não de se meter em uma
briga na primeira oportunidade.

Suspirei sabendo que todos já tinham descoberto
o que aconteceu na hora do almoço.

— Agora não, Alice.

— Pelo menos consertou as merdas que fez?

— Sim... Eu acho...

— Acha?

— É complicado, Alice.

— Descomplique.

— Fácil falar, preciso de sua ajuda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouvi que ela suspirou do outro lado, parecia totalmente impaciente.

— O que quer? — perguntou com má vontade.

— Na minha briga com Collins acabei destruindo o escritório dela — comecei, mas ela me interrompeu.

— Vou fazer isto, mas não se acostume, não sou sua empregada para ficar consertando as merdas que faz!

— Seu humor está tão bom quanto o meu.

— Que bom que parecemos em algo, cretino — xingou.

— Também te amo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só quero que seja feliz, Abner.

— O sentimento é recíproco.

— Mais alguma coisa *Rocky Balboa*?

— Você é tão bastarda quanto Elliot e Ethan.

Ela riu alto.

— Somos.

— Mande uma roupa para Carol aqui para o meu apartamento.

— Tudo bem, só não reclame depois, foi você quem pediu.

Antes que eu perguntasse o que ela queria dizer com aquilo, a caçula já tinha desligado, me deixando intrigado.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para Carol ainda dormindo e suspirei. Deixei o celular de lado e me aproximei da mulher que virou meu mundo de cabeça para baixo. Puxei seu corpo contra o meu tomando o cuidado de não encostar-me ao ombro machucado, sabia que ela sentia dor só de encostar. Apesar de afirmar que estava bem. Abracei-a e fiquei quieto tentando acalmar meus pensamentos e dormir.

Capítulo Vinte e Nove

Carolina Callejas

Acordo sentindo leves beijos molhados em meu rosto, abro meus olhos um pouco confusos e sonolentos. O remédio para dor tinha abaixado minha pressão e me deixado com mais sono do que de costume.

— Acorda, preguiçosa.

A voz de Abner me faz concentrar nele.

— Ainda estou com sono — resmungo.

— Eu sei, mas vamos levantar e comer alguma coisa. — Sua voz estava calma. — Não me esqueci que não almoçamos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só mais meia hora, Abner.

— Não.

— Hm.

— Levante essa bunda bonita da minha cama e vamos para a cozinha.

Gemi frustrada.

— Está tentando descontar por eu ter acordado você cedo demais hoje?

— Jamais faria algo assim — disse e o olhei com mais atenção. — Talvez.

— Abner! — O repreendi.

Ele me surpreendendo sorrindo. Amava quando sorria. Era tão poucos momentos que sua guarda

PERIGOSAS ACHERON

estava baixa, que aprendi apreciar o seu sorriso.

— Estou brincando, você precisa se alimentar, já que está tomando remédios.

Ele segurou meu ombro direito e seu outro braço pelas minhas costas, me obrigando a sentar. Passou uma camisa de botão azul clara em meu braço bom e deixou o outro preso por baixo junto com a tipoia, abotoou três botões na frente.

— Amo te ver nua, mas não quero que resfrie — murmurou.

Foi cuidadoso em dobrar a manga da camisa até meu pulso e depois me puxou para fora da cama.

— Se espera que *yo* cozinhe algo pode desistir,

no tenho condições de pensar nem em quanto são dois mais dois — murmurei enquanto ele me arrastava até a cozinha.

— Não quero que cozinhe para mim — disse com certa impaciência.

Sentei na bancada e o observei se mover na cozinha. Tirou alguns potes da geladeira e destampou, olhei e era de saladas prontas. Depois pegou uma frigideira e colocou no fogão. Fiquei encantada ao vê-lo cozinhar. Não era nada demais, eu sabia. Ele estava fritando bifês de carne de boi para acompanhar a salada e parecia tão à vontade que me deixou hipnotizada.

— Sabe que poderíamos pedir comida pronta em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algum restaurante — murmurei ainda sonolenta.

Olhei o relógio digital que tinha na parede da elegante cozinha e ainda não tinha dado nove da noite. Suspirei querendo voltar para a cama.

— Eu sei que sim — acenou levemente. — Mas ainda não faria, a não ser um caso de emergência.

— Poderia perguntar o porquê?

— Simples — respondeu. — Desde o dia em que nasci minha mãe me ensinou que deveria saber o que estava comendo — contou. — E quando eu compro algo pronto não posso dizer o que colocaram lá, não que eu não compre, mas sempre evito.

PERIGOSAS ACHERON

Parou na minha frente com dois pratos, o cheiro do bife acebolado fez meu estômago roncar de fome.

— Meus irmãos têm os mesmos hábitos — disse suavemente. — Cresceram sendo regrados por minha causa. Quando minha mãe nos dava chocolate, era um único quadradinho de uma barra inteira. Um para cada um. Todos sabiam que eu não poderia comer muito doce, então, eles também não comiam — sorriu de leve. — Não queriam que eu me sentisse mal por não poder.

— São bons irmãos.

— Sim, os melhores — concordou. — Mas voltando ao assunto, evito comida de restaurante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também por causa de temperos. Preciso manter minha alimentação completamente saudável.

— E nada melhor do que comida caseira — completo.

— Sim.

— *Yo* sou um desastre, *no* tenho hábitos saudáveis.

— Deveria ter.

Sorri de leve ao vê-lo cortar o bife em pequenos pedaços para mim.

— Apreendi a me virar sozinha muito nova, acabei adquirindo hábitos rápidos e fáceis — contei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que teve que aprender sozinha? —
perguntou curioso.

Comi um pouco da comida que ele tinha me
servido e saboreei o bife. O sabor estava
incrivelmente delicioso.

— Muito bom — fiz questão de elogiar.

— Obrigado.

Ele comeu um pouco e ficou me encarando.

— Não respondeu minha pergunta — lembrou-
me.

— Meus pais morreram muito cedo —
murmurei.

— É por isto que tem medo de tempestades?

PERIGOSAS ACHERON

Acenei com a cabeça sem o olhar nos olhos.

— Quer falar sobre isto?

— Talvez depois — murmurei e ele acenou concordando.

Comemos em silêncio, Abner me serviu suco de manga natural e também tomou um grande copo, claro que sem o acréscimo de açúcar.

...

— Tinha doze anos quando morreram — murmurei sabendo que conseguiria toda a atenção de Abner.

Estávamos deitados no imenso sofá da sala enquanto ele procurava algum filme para

assistirmos. Ele ficou levemente rígido por um segundo e depois desviou seu olhar para encontrar o meu.

— Morávamos no México, em *Cidade del México*.

Abner largou o controle e levou sua mão em minha bochecha. Fechei meus olhos apreciando seu carinho e respirei fundo e devagar, tomando coragem para continuar a contar. Não tinha obrigação nenhuma de falar sobre meu passado ou meus medos. Mas Abner se mostrou muito atencioso a isto. Quando nos encontramos em seu escritório e ele cuidou de mim. E também na noite anterior, quando invadiu minha casa e expulsou

todos os meus demônios com o seu carinho.

— Sou filha de uma professora de dança e um delegado de polícia — engoli em seco. — Sempre viajamos para Nova York para visitar minha tia Solange, irmã do meu pai. *Entonces...* meu pai decidiu tirar férias, viemos de avião e ele alugou um carro no aeroporto — suspirei. — Iríamos encontrar meus tios em uma casa de campo fora da cidade, como chegamos em cima da hora, fomos direto para lá. Mas não alcançamos nosso objetivo — calei sentindo um nó se formar em minha garganta.

A dor e a saudade junto se apertavam em meu estômago fazendo lágrimas teimosas inundarem

meus olhos. Abner me olhava com tanto carinho que acabei fechando os olhos, não podendo encará-lo.

— *Llovía mucho* — sussurrei em espanhol.

— Não entendi, querida. — Ele sussurrou de volta.

Abri meus olhos e o encarei.

— Chovia muito — repeti. — Minha mãe insistiu para que esperássemos a chuva abrandar, mas meu pai foi muito teimoso. Estava cansado e queria chegar logo. A... Tempestade *no* se acalmou... Ficou mais forte e violenta... Quando ele enfim decidiu que era hora de parar e aguardar...

A mão de Abner passou por minha bochecha limpando as lágrimas que escorriam e depois seus dedos entraram no meu cabelo. Seu carinho me acalmou, fazendo-me ter mais forças para dizer o que tinha acontecido.

— Um animal atravessou na frente do carro assustando meu pai... Ele acabou desviando e perdendo o controle do carro... Capotamos e caímos de um barranco de mais de seis metros — choraminguei. — Quando começa a chover, *yo* sempre relembro os momentos de pânico dentro daquele carro... Sinto o cheiro do sangue da minha família... Escuto os gritos de Xavier que ainda era *así*... Tão pequeno... Meus próprios gritos... O olhar

de preocupação que meu pai me deu quando me tirou do carro... Ele me abraçou devagar e com carinho e sussurrou em meu ouvido “*Necesita ser fuerte, mi princesa, va a estar bien.*” ...

Solucei alto e Abner me abraçou carinhosamente.

— “*Precisa ser forte, minha princesa, vai ficar tudo bem.*” — traduzo para Abner em um sussurro dolorido.

— Ele conseguiu nos tirar lá de dentro, assim que nos viu em segurança — continuei. — Acabou desmaiando por causa de seus ferimentos... E faleceu a caminho do hospital... Minha mãe ficou em coma por duas semanas, mas acabou não

PERIGOSAS NACIONAIS

resistindo também.

— Não diga mais nada, querida — murmurou parecendo aflito com minha dor.

— Só sobrou *yo* e Xavier.

— Você tem a mim agora.

Ele me fez encará-lo e seu olhar estava determinado.

— Não vou permitir que a tempestade te perturbe outra vez — jurou. — Vou sempre estar com você quando cair água dos céus. Prometo afastar todas as más lembranças. Só vai sentir o meu cheiro — assegurou. — Ouvir minha voz e nossos gemidos. Vou te aquecer com meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só verá meus olhos te venerando. Mais nada —
prometeu. — Sem medo. Sem dor. Sem angústias.
Somente nós dois.

A promessa em sua voz e seu olhar me fez
acreditar.

Meu coração inchou de amor por aquele homem
que me olhava com tanta determinação. Sabia que
atrás daquela postura firme e aparentemente cruel,
existia uma pessoa sensível.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Trinta

Carolina Callejas

Deitada no tapete da sala aconchegada ao peito de Abner, sentia minha mente calma. Ele se mantinha em silêncio enquanto recuperamos o fôlego. Seu corpo nu grudando ao meu por causa da leve camada de suor que emanava de nossas peles quentes.

Respiro devagar sentindo meu coração desacelerar. Levanto um pouco e apoio meu peso em meu cotovelo bom para que pudesse olhá-lo melhor. Ele encarava o teto e parecia perdido em seus próprios pensamentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levei minha mão em seu rosto e retirei umas mechas de cabelos negros que estavam grudados em sua testa. Ele desviou o olhar para me encarar. Não sabia decifrar o que escondia naqueles olhos azuis tão gélidos. Desejava poder.

— Sabe qual foi a primeira coisa que pensei quando encarei seus *ojos*? — perguntei baixinho.

— Meus o quê? — questionou franzindo a testa.

— *Ojos*, significa olhos.

Ele pareceu pensar um pouco no que ouviu e sorriu de leve.

— O que pensou quando encarou meus olhos?
— perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que eram os *ojos* mais belos que já tinha visto, tão gélidos como os de um lobo — conto.

— Gélidos como os de um lobo?

— *Sí*.

— Hm.

— Por que tem *ojos* tão frios, Abner?

Seu corpo ficou visivelmente tenso e seu maxilar travou.

— Não tenho olhos frios — afirmou em um tom seco e quase ríspido.

— Nós dois sabemos que isto é uma mentira.

Sentindo o braço doer, voltei a deitar sobre o peito dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que está sempre mal-humorado e quase nunca tem um sorriso sincero? — Sabia que estava fazendo muitas perguntas.

— Não se meta nos meus assuntos, Carolina. — Sua voz baixa saiu quase como uma ameaça.

— Só lhe fiz uma pergunta, Abner.

— Entenda uma coisa, Carolina.

Olhei para cima e voltei a encarar seus olhos que estavam tão frios como no dia em que o conheci. Segurei para não estremecer sobre a frieza neles.

— Não tente ler minhas emoções ou reações — disse duramente. — Não tente desvendar meu passado. O que há nele pertence somente a mim e a

PERIGOSAS ACHERON

mais ninguém.

E lá estava de volta o homem grosseiro e mal-educado de antes.

Abner Stabler.

— Não é porque estamos nos envolvendo que eu vou te contar sobre minha vida.

O encarei por um instante antes de sair dos seus braços. Com certa dificuldade consegui ficar de pé.

— Meu passado fica no passado e nós nunca vamos falar sobre ele — soou ríspido. — E nem tende dizer que você me contou sobre o seu passado que eu deveria fazer o mesmo, porque não vou.

Peguei a camisa que estava usando e comecei a caminhar em direção ao quarto dele.

— Onde vai? — questionou. — Detesto quando dão as costas para mim.

— Vou tomar um banho — murmurei sem parar de andar.

— Carolina? Volte aqui, estamos conversando.

— Não estávamos conversando, Abner, você estava falando sozinho, dando ordens e fazendo exigências — digo e subo as escadas rapidamente.

Entro no quarto dele e sigo direto para o banheiro, regulo a temperatura do seu chuveiro moderno. Onde tem um painel na porta de vidro

PERIGOSAS NACIONAIS

para poder controlar a quantidade de jatos, litros de água e temperatura desejada.

Coloquei em água quente sabendo que iria ajudar ou piorar a dor em meu ombro machucado. Ouvi Abner me chamando de dentro do quarto e não respondi. Ele me irritava demais para que merecesse alguma educação de minha parte.

Destravei a tipoia no exato momento em que ele entrou. Acabei fazendo uma careta quando uma físgada de dor atravessou meu braço.

— Por que está tirando a tipoia? — questionou.
— Lembra que tem que ficar com ela o tempo todo se quer se recuperar rápido?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque vou tomar banho — respondi o óbvio.

Gemi tentando não mover o braço, o que era quase impossível.

— Deixa que eu te ajudo. — Se ofereceu.

— *No* quero sua *ayuda* — murmurei mal-humorada.

— Vamos brigar de novo?

— *No* estou brigando com você — digo seca. —
Fique do lado de fora e me deixe tomar banho tranquilamente.

Abri a porta de vidro e entrei, logo fechei deixando Abner do lado de fora me encarando um pouco irritado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol.

— Só preciso de um banho quente e um pouco de paz.

Tentei segurar o gemido de dor quando a água bateu em meu ombro. Mas foi impossível. *Como um soco poderia causar tantos danos assim?* Ouvi a porta deslizar e me virei brava por ele não me dar o espaço que precisava.

— Pedi para que ficasse fora...

Sua mão segurou meu rosto de um jeito firme e a outra apertou minha cintura.

— Não me dê ordens em minha própria casa — rosnou irritado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não te dei uma ordem, simplesmente pedi.

— Minha casa, minhas regras.

— Você é um idiota.

— Carolina, não me teste.

— Testar você, *no*, claro que *no* — ironizei. —

Yo agora só quero distância.

— Está irritada pelo que disse na sala — afirmou.

— Você não disse, você exigiu.

— E custa deixar isto pra lá? Eu não falo sobre o meu passado.

— *No* pedi para falar! — vociferei. — Te fiz uma maldita pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fale baixo comigo — pediu.

— Falar baixo? — ri sem esconder a ironia. —
Só você que pode gritar e esbravejar aos quatro
cantos do mundo.

— Carolina.

— O quê? — questionei impaciente.

— Por que estamos brigando de novo? —
perguntou frustrado.

— Porque você é um idiota.

— Não me chame de idiota.

— Pode ser então, babaca? Ou bastardo?
Imbecil? Maldito... Se quiser posso pensar em
insultos em espanhol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está me tirando do sério.

— *No* me importo, é pouco para o que merece.

Ele me encarou e parecia tão furioso que me fez estremecer.

— Sua *diaba latina* do caralho.

Antes que pudesse me defender, a boca dele já tinha colado na minha exigindo que o beijasse de volta. Tentei resistir, porque o que ele merecia era uns bons tapas para deixar de ser tão irritante, mas ele pressionou seu corpo ao meu e me distraiu com sua mão. Seus dedos apertaram minha bunda, não me deixando afastar e pude senti-lo ficar cada segundo mais duro. Totalmente recuperado de tudo

PERIGOSAS ACHERON

o que fizemos em sua sala.

Acabei abrindo minha boca e deixando que ele me tomasse como sua ali mesmo. Sem me importar com as consequências ou com o que viria depois.

Algo nele me atraía tão fortemente que se tornava cada vez mais impossível dizer não a ele.

Capítulo Trinta e Um

Abner Stabler

Mais uma vez naquele dia eu a observava dormir.

Era madrugada e não tinha conseguido fechar os meus olhos, diferente de Carol, que dormia como uma pedra apesar de parecer desconfortável. Já que só podia ficar de barriga para cima na cama por causa do ombro machucado.

Cada vez que olho para seu braço imobilizado e o roxo em sua pele sinto uma raiva assassina borbulhar em meu sangue. Aquele idiota a machucou, acidente ou não, ele a feriu. E isto me

enfurecia.

Puxei o ar devagar tentando me acalmar. Levantei e caminhei pelo meu quarto escuro. Desde que entramos no banho juntos não saímos mais do quarto. Parei na frente da porta de vidro da varanda e fiquei ali por um tempo perdido em meus próprios devaneios.

A cidade se iluminava e brilhava através dos vidros. Tão imponente e desperta. Alheia a toda a confusão de pensamentos em minha mente. Encarei o céu e por um momento implorei para que não tivesse outra tempestade.

Ainda podia me lembrar do medo e a dor nos olhos dela quando me revelou o motivo do pânico

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que sentia cada vez que uma tempestade caía. Realmente era um trauma e tanto para uma criança. Ela tinha presenciado a morte dos próprios pais. Aquela verdade fez um arrepio atravessar minha coluna.

Eu tinha meu passado conturbado e que desejava tanto esquecer. Mas naquele momento pareceu tão pequeno ao comparar com o que ela viu em uma noite tão trágica quando ainda não passava de uma pequena menina.

Travei minha mente quando fantasmas do meu passado resolveram voltar para me atormentar. Olhei para trás e ela continuava da mesma forma que tinha deixado alguns minutos atrás. Voltei para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cama e me deitei ao lado dela. Nos enrolei com o edredom e obriguei meu corpo a relaxar em busca de algumas horas de sono.

...

Acordei ouvindo meu celular vibrar em cima da mesa de canto ao lado da cama. Minha cabeça estava pesada por causa do sono. Olhei para o lado e Carol continuava lá, deitada de forma que colocava mais peso sobre o ombro machucado. Arrumei o corpo dela que nem mesmo acordou, somente resmungou e virou o rosto para o outro lado.

Peguei o celular e vi que era Elliot.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bastardo — murmurei assim que atendi, ele somente riu alto do outro lado da linha.

— Somos — afirmou despreocupado. — Está atrasado para o café da manhã em família.

— Passo aí mais tarde.

— Ainda dormindo? Estou chocado — dramatizou. — A noite com aquela deusa latina deve ter sido boa.

— Ela está mais pra diaba do que para deusa — resmunguei.

— Levanta seu traseiro da cama e traga ela também.

— Não — respondi imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mamãe quer mandar os seguranças para te arrastarem até aqui.

— Não se atreva.

— Não estrague minha diversão...

Ele se calou e parece brigar com alguém, escuto a voz de Ethan e suspiro pesadamente. Levanto ainda com o celular no ouvido e vou ao banheiro escovar os dentes.

— Abner, vai vim ou não? — Ethan perguntou.

— Saí, Elliot.

— É o meu celular. — Elliot protestou.

— Vá se ferrar, seu cretino. — Ethan o xinga me deixando impaciente. — Mamãe está reclamando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por você estar atrasado.

— Diga a ela que apareço aí mais tarde.

— Tudo bem. — Ele fala e fica em silêncio por uns segundos.

— Pergunte, Ethan, só pergunte — digo impaciente.

— Ela está bem? Ficamos sabendo o que aconteceu e que acabou se machucando.

— Sim, ela está bem — respondo evasivo e ele suspirou.

— Tudo bem, então. Nos vemos mais tarde — diz antes de desligar.

Era bom falar com Ethan, sempre discreto e

PERIGOSAS ACHERON

direto, ao contrário de Elliot que não media esforços para se intrometer em assuntos que não era dele.

Tomo um banho rápido e vou para minha cozinha enrolado em uma toalha, seguir a regra de todas as manhãs. Tomo um pouco de água e pego meu quite de primeiros socorros. Deixo na bancada da cozinha e pego o frasco de insulina na geladeira.

Sento-me e espero um pouco antes de medir a pressão. Sinto-me completamente mal-humorado enquanto fico ali sentado olhando para o nada. Meus pensamentos e sentimentos estão tão bagunçados que me irritam.

Ouvi os passos leves dela descendo a escada,
PERIGOSAS ACHERON

mas não me mexi para encará-la. Senti sua presença e um leve beijo ser deixado em minhas costas em cima da minha tatuagem.

— *Buen día.* — Ela murmurou ainda nas minhas costas.

Deitou sua cabeça de leve em mim antes de suspirar e se afastar. Eu havia gostado demais da sensação.

— Bom dia. — Me esforçando a ser educado.

Ela passou por mim, deixou o celular na bancada e foi até a geladeira. Serviu um copo grande de água e tomou junto com um remédio. Usando somente minha camisa e com o braço

machucado preso por baixo em sua tipoia, ela parecia a mulher mais sexy que já tinha conhecido.

— Está com dor? — questionei.

— *Sí* — respondeu baixo. — Dormi muito, mas foi tão desconfortável ficar na mesma posição a noite toda — parecia mal-humorada.

Aquilo me fez querer sorrir, não porque ela estava com dor, mas por causa do seu humor. Eu não era o único mal-humorado naquela manhã.

— Preciso de café — disse em um suspiro. — Onde fica as cápsulas da máquina de café?

— No armário em que está encostada.

Ela se afastou e abriu a porta do armário

planejado. Viu as gavetas e abriu a primeira.

— Você quer algum?

— Sim, café puro pra mim.

Ela gemeu frustrada e me olhou um pouco brava.

— Só tem cápsulas de café puro, nenhuma de cappuccino ou achocolatado.

Ergui uma sobrancelha para ela de forma cínica e ela bufou.

— Cafeína precisa ser acompanhada de açúcar
— protestou enquanto arrumava a máquina de expresso.

— Sem açúcar nesta casa — murmurei e voltei

minha atenção ao que eu deveria estar fazendo.

Sabia que Elliot deveria ter tomado as últimas cápsulas de cappuccino e achocolatado. Eu nunca as comprava, mas ele fazia questão de comprar e deixar aqui para quando invadissem minha casa.

Coloquei o aparelho de medir a pressão sobre o pulso esquerdo e respirei devagar antes de ligar. Apertei o botão e aguardei. O aparelho inchou apertando meu pulso e depois desinflou devagar aferindo minha pressão. Estava um pouco acima do que considero normal para mim, mas não era nada assustador.

— Você mede a pressão todos os dias?

A voz dela me fez levantar o olhar.

— Sim — murmurei sentindo como se estivesse revelando demais da minha vida para ela.

Guardei o aparelho e peguei o outro de glicose, medi e aliviado vi que mantinha o controle de sempre. Peguei uma seringa e agulha em meu quite. Ela se manteve em silêncio e eu fiquei grato por isto. Não tinha humor para conversas naquele momento. Coloquei a dosagem certa de insulina e deixei a agulha em cima da bancada. Subi a toalha que usava liberando minha coxa. Peguei a agulha e apliquei rápido no músculo da perna.

Organizei meu kit, guardando tudo e percebi que ela me encarava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso fazer uma pergunta ou vai brigar comigo por isto?

Levantei e guardei o kit.

— Isto já foi uma pergunta.

— Abner — gemeu frustrada.

— Sim, pode perguntar.

— Por que aplicou a insulina na perna?

— Quando se toma uma agulhada todos os dias no mesmo lugar, acaba ficando muito dolorido a aplicação — murmurei e peguei a primeira xícara de café.

— Você realmente precisa tomar todos os dias?

— Era somente uma pergunta — resmunguei

PERIGOSAS ACHERON

mal-humorado e ela suspirou.

— Esse seu humor matutino é uma merda.

Tomei um gole do café e parei na sua frente. Seus olhos encontraram os meus e eu me vi momentaneamente perdido no brilho das esmeraldas que ela ostentava.

— Querida, sou diabético, tomo insulina todos os dias, geralmente pela manhã, e não como doce — digo o mais gentil que posso. — Então, pare de tentar procurar açúcar aqui, o máximo que vai encontrar é adoçante.

Ela faz uma careta ao ouvir que só tenho adoçante e amaldiçoou algo em espanhol. Tomo o

resto do café em minha xícara e a coloco dentro da pia sem me afastar de Carolina. Pego sua cintura e coloco ela sentada em cima da bancada.

— O que está *haciendo*?

— Adoro seu sotaque — murmuro subindo minhas mãos por suas coxas e levantando a camisa que usava.

— Mesmo que as vezes *no* entenda nada? — Ela brincou e eu acabei sorrindo.

Meu mau humor tinha sumido, dando lugar somente ao desejo incessável de tocá-la.

— Talvez.

Ela sorri de forma tão doce que sinto meus

joelhos bambearem. Sua mão livre desce por minhas costelas e depois puxa a toalha que envolvia minha cintura.

— Mostre-me o que tem escondido aí — brinca e morde o canto de seu lábio inferior me provocando.

Não respondi a sua provocação. Somente a beijei. Tentei não me importar com a forma que ela dominava todas as reações do meu corpo.

Um segundo mais tarde estávamos perdidos em meio desespero de tocar um ao outro. Retirei sua camisa e me esforcei ao máximo para não apertá-la em meus braços. Ela ainda sentia dor em seu ombro e eu tinha que ser cuidadoso. Mas o que faria com a

PERIGOSAS ACHERON

paixão enlouquecedora que me queimava por dentro?

Precisava dela. E estava claro o quanto ela precisava de mim.

Carolina me seduzia com a facilidade que se entregava a mim. Um único toque e ela derretia em meus braços. E, então, eu não poderia mais parar de tocá-la. Não pararia até que minha boca estivesse satisfeita de provar de sua pele. Que minhas mãos doessem por tanto tocá-la. E até que meu corpo não tivesse mais forças depois de nos fazer alcançar o prazer máximo.

E foi o que fiz.

Coloquei uma camisinha e tomei aquela linda diaba latina na minha cozinha. Sentada na minha bancada. E quando não foi suficiente a deitei sobre a mesa e a possuí da forma mais crua que existia dentro de mim.

No final, estava sentado na poltrona da mesa e ela em meu colo. Ambos estávamos sem fôlego. O suor fazia sua pele grudar na minha. Meu corpo estava bambo pelo prazer e ela ainda parecia estar em outro mundo.

Sua pele suada tinha um tom bonito de dourado, agora estava avermelhado em muitos pontos. Onde minhas mãos e boca a encontraram. Seus olhos brilhavam ainda em meio a névoa do prazer. Suas

PERIGOSAS NACIONAIS

bochechas e o colo estavam corados destacando algumas pintinhas em seu pescoço. E os cabelos...

Deus, os cabelos.

Tão selvagens e fodidamente sexys.

— Se continuarmos nesse nível, não vou conseguir andar mais.

— Eu te carrego.

Ela sorriu de forma encantadora e abraçou meu pescoço com seu braço bom sem se importar de que eu ainda estava enterrado dentro dela.

— *No* sei porque, mas acredito que se beneficiaria com isto.

— Claro, estaria te tocando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Safado — riu.

— Só estou aproveitando as oportunidades da vida.

— Gosto quando *no* estamos brigando — disse em um suspiro deitando a cabeça na curva do meu pescoço.

Fiquei calado, mas assumi que também gostava quando não estávamos brigando. Deslizei minhas mãos por suas costas de forma carinhosa e provocativa. Vi seus pelos finos se arrepiarem ao meu toque. Sempre apreciaria a forma como respondia aos meus toques.

Seu celular começou a tocar em cima da

PERIGOSAS ACHERON

bancada e ela se levantou do meu colo. Aproveito o momento para retirar a camisinha. Assim que dei o nó a ouvi atender.

— *Hola*, lindo... *Estoy bien*... Meu ombro está machucado com a pancada, *pero* vou ficar bem dentro de algumas semanas... Nos encontramos lá?... Ok, te espero em minha casa. Beijos.

Respirei fundo sentindo todo meu corpo tenso. Por acaso ela acabou de chamar outro homem de lindo e ainda por cima marcou um encontro com ele em sua casa, ou eu estou ficando louco?

Quando ela me olhou novamente, foi rápida em perceber a mudança na minha expressão. Franziu a testa confusa e me deixou ainda mais irritado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem era? — questiono sem me importar com meu tom ríspido.

— Max — respondeu. — Qual é o problema?

— Você tem muita intimidade com esse homem — afirmei irritado.

Ela sorriu de leve.

— Você está com ciúmes do Max? — perguntou parecendo chocada.

— Não estou com ciúmes.

— *Entonces...* por que está cara fechada?

— Quem é esse idiota para você?

Seu rosto perdeu o leve humor de antes e me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhou um pouco brava.

— Vamos brigar agora? — questionou.

— Não estou brigando com você.

— Está me questionando.

— Você não respondeu minha pergunta —
afirmei ainda mais irritado.

— *Dios mio*, Max é meu amigo.

— Amigo? — franzi a testa. — Nunca vi tanta
intimidade para falar com um amigo.

— Pare de besteiras, Abner.

— Eu vi a forma em que ele te olhava em seu
estúdio — cruzei os braços. — E agora o jeito
carinhoso em que falou com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner, *no*.

— Não o quê?

— *No* vou discutir com você — afirmou dando a volta na bancada.

— Carolina, volte aqui.

— Brigue sozinho.

— Porra de mulher.

Ela me deu as costas e foi para o quarto.

Fui atrás dela me sentindo ainda mais bravo do que antes. Ela não queria discutir sobre seu amigo e aquilo me deixou com mais ciúmes.

Pelo amor de Deus!

É claro que eu estava com ciúmes.

PERIGOSAS ACHERON

Quase roxo de ciúmes.

Encontrei ela se limpando no banheiro.

— E por que não quer discutir comigo? —
perguntei. — Não tem argumentos para defender
seu amigo?

— *No* quero brigar com você, mal acordamos —
suspirou. — *Santo dios.*

— Carolina, nós vamos brigar se não me
explicar que porra de intimidade tem com aquele
idiota do seu fotógrafo.

— Ele é meu amigo! — exclamou.

Ela abotoou com dificuldade o sutiã que Alice
tinha mandado ontem à noite, já tinha colocado a

PERIGOSAS NACIONAIS

calcinha que combinava e estava completamente linda. Vasculhou a sacola de roupas e puxou uma calça jeans pelas pernas.

Apesar de ver como estava sendo difícil para ela se vestir, não ajudei. Assim, teria mais tempo para continuarmos aquela conversa.

Mas o jeans chamou minha atenção. Era a calça mais justa que eu já tinha visto na vida.

— Que porra!

— O que foi agora, Abner! — exclamou irritada.

— Por que está se vestindo? — perguntei tentando evitar que meu temperamento estragasse o resto do dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque vou embora.

— Porra nenhuma.

— Abner, *yo* estou indo embora.

— Para encontrar com seu amiguinho do caralho.

Ela me olhou com impaciência e vestiu a blusa que tinha um enorme decote sobre seus seios.

Vou te matar, Alice! Gritei em pensamentos.

— *Sí* e vamos almoçar na casa da minha tia, como fazemos todos os domingos — disse de forma petulante.

Desafiando-me a dizer algo contra.

— Você vai levá-lo para almoçar com sua

PERIGOSAS ACHERON

família?

— É meu amigo!

— É a porra de um homem — gritei deixando meu temperamento explodir.

— ELE É GAY! — Ela gritou de volta e passou por mim tão furiosa que não tive coragem de pará-la.

Gay?

Passei as mãos pelo rosto sentindo-me totalmente estressado. Fui para o quarto atrás dela e a encontrei calçando seus sapatos de salto.

— Vou te levar — digo ainda irritado.

— *No* — pegou sua bolsa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não? — questioneei surpreso.

— *No, no* o quero por perto por agora — disse séria. — Você vai acabar me deixando de cabelo branco antes dos trinta.

— Carol.

— *No* quero que me leve! — exclamou irritada.

Me dei por vencido, ela estava muito teimosa naquela manhã.

— Vou chamar Ricardo.

— Bom.

Fui ao closet e peguei uma boxer, passei por minhas pernas enquanto segurava o celular no ouvido com o ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhor.

— Leve Carolina para casa — ordenei.

Não esperei sua resposta e desliguei. Saí do quarto e não a encontrei.

— Mulher maldita, vai me enlouquecer.

Caminhei de volta para a sala e a encontrei sentada me esperando.

— Carol.

— *No* quero falar contigo agora.

— Que merda, mulher.

—Você precisa aprender a controlar esse seu temperamento — afirmou sem me olhar.

Olhava seu celular e parecia ler algum e-mail me

PERIGOSAS ACHERON

deixando bravo por ser ignorado.

Ricardo aparece no hall de entrada e seu olhar me repreende ao ver Carol tão brava. Ele sabia que eu tinha feito merda. Era óbvio. Carol vestida e emburrada, eu somente de boxer, não escondia o fato. Em minha expressão era fácil ler a raiva e irritação que estava sentindo.

E ficou ainda pior quando ela se levantou, o cumprimentou educadamente e saiu o acompanhando sem nem ao menos olhar para trás.

Capítulo Trinta e Dois

Abner Stabler

Estava sentado no meu sofá sentindo que a qualquer momento iria explodir de raiva. Detestava brigar com Carol, mas meu temperamento sempre detonava a cada vez que sentia que ela me desafiava.

Irritado.

Furioso.

Bravo.

Babaca.

Idiota.

Sentimentos tão crus me definiam naquele

momento. E, por fim, eu estava cansado. Sentia que minha vida tinha se tornado uma grande montanha-russa de emoções desenfreadas de que não tinha o menor controle.

Controle.

Algo que sempre tive e que se perdeu facilmente ao colocar meus olhos sobre aquela linda diaba latina.

Fechei meus olhos ao deitar no sofá e deixei meus pensamentos vagarem. Logo me senti arrependido por ser tão idiota e estragar o dia mais uma vez.

— Caralho — resmungo.

— Falando sozinho, Abner? — A voz de Elliot ecoou pela minha sala.

Ah não.

Apertei os olhos tentando acreditar que só podia ser minha mente me pregando uma peça. Não tinha humor para lidar com Elliot, e se ele estava ali, com toda certeza os outros estavam também.

Amava meus irmãos, mas isto não significa que poderia lidar com eles a todo momento.

— Não adianta tentar nos ignorar. — Ethan disse.

Abro meus olhos e os três já estavam sentados no meu sofá e me encaravam com um sorriso de

PERIGOSAS NACIONAIS

quem sabiam que eu tinha brigado com Carol novamente.

Inferno.

— Erraram de casa, *de novo* — digo e me sento.

— Por que vocês nunca batem?

— E qual seria a graça disto? — Alice perguntou.

Ela sorriu docemente para mim.

— Você me paga — ameacei.

Ela fez cara de paisagem.

— O que você fez, Alice? — Ethan pergunta.

— Nada — sorriu inocente.

— Conta logo, sua peste. — Elliot disse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

visivelmente interessado na conversa.

— Não fiz nada — afirmou.

— Nada? — ergui as sobrancelhas. — E aquela porra de roupa que mandou para Carolina?

— O que tem ela? — questionou.

— O que tem? — retruquei. — Uma calça super justa e uma blusa sem pano.

Acusei sentindo o sangue quente, só em imaginar a quantidade de olhares que ela conseguiu por estar vestida daquela forma.

— Eu disse para você não reclamar. — Ela protestou sorrindo.

— Eu vou te matar, Alice! — exclamei irritado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela fez cara de paisagem.

— Ainda não entendi o motivo. — Ela disse e olhou as unhas despreocupada. — Afinal, garanto que ela ficou linda.

— Odeio você.

— Você me ama — afirmou sorrindo.

Amava mais do que minha própria vida, era minha irmãzinha. Tão terrível quanto eu, Elliot e Ethan.

— Agora entendi. — Elliot disse pensativo.

— Entendeu o quê? — perguntei.

— O porquê dessa sua cara de assassino arrependido — brincou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela vestiu a roupa que Alice mandou e você ficou bravo. — Ethan disse sorrindo.

— Então, foi um idiota e brigou com ela. — Alice completou.

— E foi embora. — Elliot afirmou. — Você ficou puto, te encontramos falando sozinho, só de boxer e com um humor do cão.

— Bastardos.

Entreolharam-se.

— Somos — afirmaram juntos.

— O que fazem aqui? — mudei de assunto.

— Mamãe ficou preocupada por você não aparecer para o café. — Alice contou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Disse que iria mais tarde, qual o problema?

— Nenhum. — Elliot disse e deu de ombros.

Ethan suspirou antes de falar.

— Sabe que ela fica preocupada quando você não aparece, quis vim pessoalmente, mas imaginamos que você não iria querer expor Carol ainda.

— Ethan a convenceu que iríamos te ver. — Alice completou.

— Você é o bebezinho favorito dela. — Elliot disse fazendo drama.

— Você é ridículo — afirmei.

Meus irmãos riram concordando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fomos informados quando Carolina saiu e viemos. — Ethan concluiu.

— E?

— E vá se arrumar ou vamos te levar desde jeito para congelar seu traseiro lá fora. — Elliot completou. — Porque se a nossa mãe pediu para levarmos você, é o que vamos fazer.

— Ele é tão bonitinho com ciúmes. — Alice o provocou.

— Vou me arrumar. — Me levanto.

— Seja rápido, estou com fome. — Elliot protestou.

— E quando é que não está com fome? — Ethan

PERIGOSAS ACHERON

o questionou.

Não parei para continuar ouvindo a discussão que sabia que teriam.

Entrei no meu quarto e fui logo para o meu chuveiro frio. Minha cabeça estava tão quente e meus ombros tensos que me sentia cada vez mais estressado. Como se não bastasse a briga com Carol, ainda teria que lidar com minha mãe preocupada.

Isto fazia meu coração pesar, não gostava de preocupá-la. Mas mesmo assim o fiz. Sabia que ela não deixaria para depois o fato de que não apareci para o café da manhã em família. Porém, eu queria ficar mais com Carol. Passar mais tempo com ela.

E tudo isto não valeu em nada.

Já que Carolina, muito provavelmente, não vai querer me ver tão cedo. E minha mãe faria um longo interrogatório sem disfarçar sua preocupação.

Sim, eu sou um homem grande e crescido que ainda passo pelas incansáveis perguntas da minha mãe.

O que aconteceu anos atrás ainda a atormentava e eu nunca poderia feri-la por não deixá-la fazer o que considera *seu papel de mãe* em uma preocupação exacerbada.

Capítulo Trinta e Três

Carolina Callejas

Assim que coloquei meus pés dentro de casa, bufei de raiva. *Abner iria me enlouquecer!* Era a única certeza que tinha desse nosso relacionamento maluco e problemático.

— Me enlouquecer e machucar meu coração — murmurei para mim mesma tentando não me abalar com aquela afirmação.

O maior problema que existia entre nós dois era o temperamento louco e descontrolado dele. Isto sim, iria causar mais danos do que previsto. No entanto, meu coração não estava nem um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

afim de ouvir a razão. Iria mergulhar nesse relacionamento conturbado sem me importar com as consequências, mesmo que me destruíssem.

Ignorei todos os meus devaneios perturbados e fui tomar um banho. Logo Max e Katia chegariam.

...

Chegamos na casa de minha tia Solange antes do almoço e me surpreendi em ver Xavier. Ele estava sentado assistindo um jogo com nosso tio e parecia tranquilo. Aquela cena aqueceu meu coração, fazendo-me esquecer todos meus problemas pessoais e me focar em meu irmão. Ele estava tentando mudar e eu me sentia orgulhosa disto.

PERIGOSAS ACHERON

— O que aconteceu com seu braço?

Foi a primeira coisa que ele me perguntou quando me viu, conseguindo fazer com que todos me olhassem esperando por uma resposta. Diferente de Max e Katia, ele e meus tios não sabiam o que havia acontecido no dia anterior.

— Um acidente — respondi.

— Acidente nada! — Max exclamou irritado.

Sem que eu pudesse impedir, eles contaram para minha família o que tinha acontecido. Xavier primeiro perdeu a cor, em choque que eu tivesse sido acertada em meio a briga de dois homens, e depois ficou vermelho de raiva novamente me

surpreendendo. Tio Carlos também ficou furioso e depois virou fã número um de Abner por me defender.

Era algo louco tentar entender em que tipo de mundo os homens viviam. Já que sempre queriam resolver as coisas na base da brutalidade. Apreciei o dia de paz e em família.

Voltei para casa bem tarde. Meus amigos foram embora e eu entrei para a solidão da minha residência. Não queria admitir, mas sentia a falta dele. Apesar de ser um idiota e não me dar um minuto de tranquilidade, sua presença dominava meus sentidos. Entrei no meu banheiro soltando um suspiro, tomei um longo e demorado banho quente

enquanto ouvia uma música de fundo.

Deslizei para fora do box enrolando uma toalha ao meu redor da melhor forma que consegui. Voltei a travar o braço na tipoia, sentindo o ombro doer. Descalça, caminhei para o meu quarto. Gritei assustada ao vê-lo sentado em minha cama. Meu coração bateu tão forte e rápido que pensei que fosse possível rasgar em meu peito.

— Quase me matou de susto — acuso.

Um leve sorriso se formou no canto dos lábios dele, mas logo se fechou.

— Senti sua falta — disse baixo, firme e *quase que ameaçador*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isto não colaborava para acalmar meu coração, pelo contrário, o agitava ainda mais.

— Como entrou? — perguntei.

— Peguei sua chave reserva da última vez que estive aqui — contou despreocupado.

— Você pelo menos uma vez na vida chegou a conhecer o significado da palavra limite? — questionei séria.

— Não. — Nem mesmo piscou ao me responder.

O olhar cínico dele me irritou.

Virei e voltei em direção ao closet ou seria capaz de bater nele algumas vezes, aderindo a

PERIGOSAS ACHERON

forma ridícula que os homens têm de acertar suas diferenças com agressão.

Era o que ele merecia.

— Não vamos brigar, Carol, por favor — disse me seguindo.

— *No* estamos brigando.

— Sabe que detesto quando me dá as costas?

— Engraçado, lembro que disse que gostava em me manter de costas.

Não consegui evitar a provocação.

— Sabe do que estou falando — retrucou.

O ignorei e abri uma gaveta em meu closet. Peguei uma lingerie e tentei fechar a gaveta, mas

ela não se moveu. Algo estava travando-a e aquilo só serviu para me irritar.

— Deixa que eu faço isto — disse ele.

Abner se agachou e puxou a gaveta devagar.

— Não gosto quando brigamos — murmurou.

— Então, deveria controlar o seu temperamento — acusei.

— A culpa sempre cai sobre mim — reclamou.

— Está querendo dizer que *yo* sou a culpada de brigarmos tanto?

— Não — respondeu rapidamente. — Sei que sou um bastardo cretino e que meu temperamento é uma merda, mas não estou sozinho nisto — puxou

a gaveta para fora. — Você é teimosa demais! — exclamou por fim.

— *No* sou teimosa.

— Claro que você é — afirmou sem me encarar.

— A gaveta acabou estragando a tampa desta caixa.

Olhei para o que ele dizia e meu coração voltou a acelerar. Ele pegou a caixa nas mãos e tentou ajeitar a tampa da melhor forma que podia. Mal tive tempo de piscar e ele já tinha visto o que tinha dentro. Franziu a testa de leve e pegou a fotografia antiga.

— É você — afirmou em um murmuro.

Não respondi e ele continuou olhando com

curiosidade para a foto. Aproximei e agachei ao seu lado. Olhei para aquela velha fotografia desgastada e a saudade apertou meu peito.

— Você está bem? — perguntou parecendo preocupado. — Não queria mexer nas suas coisas, só tentei ajeitar a tampa...

— *Sí, estoy bien.*

— Carol...

— Há tanto tempo *no* via está foto — murmurei.

— Seus pais.

— *Sí*, ainda estávamos no México quando tiramos está foto.

— Você parece com sua mãe — disse baixo.

Acabei sorrindo com sua afirmação.

— Dói muito deixar essa foto em um porta-retrato? — questionou em um tom leve.

— *No* sei, antes era, *pero...* Agora... sinto somente uma grande saudade ao olhar para eles.

— Deveria colocar ao lado de sua cama em um porta-retrato.

— Acha?

— Sim, minha mãe sempre diz que as fotografias surgiram para eternizar os melhores momentos — deu de ombros.

Acabei sorrindo. Eu como fotógrafa entendia o que aquilo queria dizer. Amava registrar momentos

de grandes e boas emoções.

— Sua mãe está certa, vou arrumar um lugar para essa foto — digo.

Ele me entregou a foto e me presenteou com um sorriso sincero que tão poucas vezes fui capaz de ver. Seu olhar não estava congelado naquela frieza de sempre e seu rosto não tinha a mesma dureza. Sua expressão estava suavizada como se apreciasse aquele instante de tanta intimidade entre nós.

Diferente de Abner, eu sempre acabava me abrindo e contando a ele coisas que nunca disse a ninguém. Não sabia se um dia ele me deixaria ver o verdadeiro Abner, mas esperaria ansiosa por esse momento.

— O que é isto?

Voltei de meus devaneios quando ele puxou de dentro daquela caixa uma roupa de dança do ventre que era da minha mãe. Tecidos finos e suaves em um tom de azul claro. Pedrarias o enfeitava dando elegância e charme ao modelo discreto em que ela tanto amava.

— Era dela — sussurrei.

— Bonito — murmurei. — Você sabe dançar?

— Hm?

— Você sabe dançar? — repetiu.

— *Sí.*

— Dance para mim.

Seus olhos brilharam em expectativa e os meus se arregalaram com o seu pedido.

— *No* é uma boa ideia — apressei em negar.

— Acha que poderia trazer lembranças doloridas — afirmou.

— *Sí*.

— Dance para mim — pediu novamente.

Abri a boca para protestar e ele se ajoelhou na minha frente. Minhas pernas estavam se cansando de ficar agachada, mas permaneci quieta para saber o que ele iria dizer. Seus olhos encararam os meus com tanta intensidade que me prenderam.

Ergueu a mão, segurou minha nuca e forçou-me

a não desviar a atenção de seus olhos.

— Quero que dance para mim, Carolina — disse firme. — Que se liberte das lembranças que tanto lhe causa dor. Que aprenda que saudade é só para quem ama, essa dor pelas lembranças boas não deveria existir... Por favor, dance para mim. Se for demais, então eu vou te beijar e te fazer consciente do quanto a desejo. *Prometo afastar todas as más lembranças, lembra?*

Sorri de leve concordando. Lembrava quando ele prometeu no dia anterior que sempre afastaria as más lembranças. Não imaginava que Abner poderia ser assim, tão doce, forte e acima de tudo, companheiro. Imagino que deve ser um irmão

incrível, apesar de seu costumeiro mau humor.

— Em outro momento — digo.

Ele ia insistir, mas fui rápida em interrompê-lo.

— Preciso dos dois braços e ombros funcionando perfeitamente para dançar — expliquei. — É uma dança de movimento.

— Entendo — murmurou.

Sentei no chão cansada de ficar agachada. Peguei a roupa com cuidado, quase como se tivesse medo de estragar o tecido fino e suave. Abner se sentou ao meu lado calado, permitindo que eu me perdesse nas memórias.

Minha mãe ficava tão linda naquela roupa, tão

PERIGOSAS NACIONAIS

encantadora. Não precisei de muito tempo para entender o porquê meu pai a encarava tão intensamente enquanto ela dançava. Ele a amava e nunca escondeu isto.

Fechei meus olhos em um breve momento e a voz dela veio em minha mente.

“Isto, filha, está linda.”

Sua imagem ficou tão clara em meus pensamentos que pensei que fosse real. Ela sorria balançando seus quadris para que eu a imitasse. Ensinava-me com grande paciência. Eu amava aqueles momentos ao seu lado, era a melhor mãe que uma pessoa poderia desejar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abri meus olhos e algumas lágrimas escaparam. Abner se apressou para me pegar em seus braços, nos ergueu e me levou para a cama.

— Somente eu e você — sussurrou comprovando que estava prestando mais atenção em mim do que imaginei. — Somente eu e você — repetiu antes de me beijar.

Ele sabia que as lembranças me levariam ao pânico e fez o possível para que me esquecesse de tudo, que focasse somente em nós dois. Como prometido, afastou as recordações e me fez consciente do enorme prazer que sempre nos envolvia quando estávamos perdidos um nos braços do outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Trinta e Quatro

Carolina Callejas

O barulho do despertador me faz esconder a cabeça debaixo do travesseiro. Nossa, como eu queria que ele se calasse e me deixasse dormir mais, *muito mais*. Passar a noite com Abner era muito bom, porém, ele nunca me deixava dormir mais do que algumas horas e isto acabava comigo no dia seguinte. Principalmente se fosse um dia de trabalho.

— Acho bom levantar.

A voz dele encheu meu quarto quando o despertador, enfim, se calou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não o respondi e apertei meus olhos com mais força, tentando me obrigar a não se importar e dormir novamente. Mas meu celular não ia me dar trégua, o despertador voltou a tocar me fazendo gemer frustrada. O peguei na mesa de cabeceira e desliguei. Rolei sobre a cama com cuidado por causa do meu ombro e o encontrei na minha poltrona como se fosse o dono do lugar.

Seus cabelos molhados denunciavam seu recente banho. O terno slim feito sob medida em tom de gravite o envolvia com perfeição. A falta da gravata me surpreendeu, mas não o deixou menos bonito. Os dois primeiros botões de sua camisa estavam abertos, davam muito para imaginação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me olhe assim. — Sua voz grossa e baixa tirou-me dos devaneios. — Você está atrasada — afirmou.

Levantei rápido me sentando e gemi em protesto quando uma dor afiada atravessou meu ombro e se espalhou pelo meu corpo. Parecia pior do que antes e quase me trouxe lágrimas nos olhos.

— Cuidado. — Abner disse e se levantou vindo até mim.

— *Dolor, mucho dolor* — murmurei em espanhol e ele franziu a testa.

Sentou na minha frente.

— Não entendi, querida, traduz.

PERIGOSAS ACHERON

— Dor — murmurei.

A expressão de Abner se fechou, sabia que ele estava com raiva de Thiago. Até mesmo eu fiquei com raiva quando senti a dor dilatar em meu ombro como um pulso firme.

— Vou matar aquele idiota.

Por pouco não o incentivei a fazer isto.

— Só me dê um analgésico, por favor — murmurei incapaz de discutir sobre aquele assunto.

Ele me encarou como se decidisse o que era prioridade, e para meu alívio, acenou concordando e se levantou.

Voltou dois minutos depois com meus remédios

e um copo de água. Tomei sem reclamar e precisei de um segundo para me levantar. Desta vez fui cuidadosa e Abner me ajudou. Ficamos parados de frente um para o outro, até que ele diminuiu a distância entre nós.

— *Buen día* — sussurrei hipnotizada pela intensidade de seus olhos gélidos.

— *Buen día* — respondeu sério e depois sorriu.
— Estou aprendendo.

Concordei sorrindo e ele me beijou de leve antes de se afastar.

— Tenho que estar no Fórum em meia hora — olhou o relógio em seu pulso. — E você está

PERIGOSAS NACIONAIS

atrasada para sua primeira reunião.

— Como sabe da minha *reunión*? — estreitei os olhos.

— Peguei sua agenda com Jaqueline — diz e dá de ombros como se não tivesse feito nada demais.

— Abner — digo em repreensão.

Ele nem mesmo se mostrou abalado.

— Não vamos brigar agora, talvez mais tarde quando eu realmente tiver tempo para sexo de reconciliação.

— Abner! — exclamei.

— Atrasada, Carol — lembrou-me. — Você está atrasada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Argh.

— Banho, tem dez minutos para isto — informou.

Bufei brava.

— Pare de mandar em mim.

Fui para o meu banheiro sentindo meu temperamento ferver. Ele queria me controlar e eu não permitiria tal abuso.

Aquilo já era demais.

— Dez minutos. — O ouvi gritar do quarto e gemi frustrada.

Respirei devagar tentando me acalmar, eu não era uma pessoa que explodisse com facilidade, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abner testava até mesmo meu temperamento. Me sentia estressada e o fato de que ainda estava com sono, só piorou meu humor.

Tomar banho não foi uma tarefa fácil. Nada fácil. Não podia mexer o braço, o que tornava a tarefa quase que impossível. Para piorar tudo, eu não tinha tempo para me arrumar direito. Tive que me contentar com jeans, camiseta e sapatilhas. Não conseguia prender o meu cabelo sozinha e tive que escová-lo rapidamente com uma única mão. Finalizei com perfume e gloss labial.

Desci e encontrei Abner na minha sala terminando uma xícara de café que com toda certeza era puro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos.

— Estou faminta — protesto.

Ainda tinha tempo para um lanche.

— Mando Ricardo entregar um café para você, assim que sua reunião acabar.

— *Dios mio.*

A minha irritação era palpável e ele parecia não se importar. Talvez, seja porque seu humor também não era um dos melhores, principalmente pelas manhãs. Abner colocou a xícara na mesa de centro e se levantou, me deu um beijo e me puxou para fora onde Ricardo e o batalhão de homens que o seguiam já nos aguardava.

PERIGOSAS ACHERON

— Carol, eu realmente tenho uma audiência agora ou ficaria para acalmar essa sua irritação.

— Vá se foder.

— Eu vou só se isto for um convite.

Não respondi.

Não podia.

Ou acabaríamos brigando como todas as outras vezes.

Capítulo Trinta e Cinco

Carolina Callejas

Quinze dias depois

Os dias estavam se passando tão rápido que mal podia acompanhar. Meu ombro já não doía tanto e já não precisava da tipoia. Minha vida não era mais monótona como antes. Eu e Abner continuávamos nos encontrando sem rotular aquele relacionamento maluco. Não me importei com isto por um tempo, mas sabia que não podia ignorar para sempre. Porém, nunca comentei com ele nada sobre isto. Pelo menos, ainda não comentei.

Tinha sido dias bons, muito bons.

Claro que ainda brigávamos por coisas idiotas e depois arrumávamos uma forma de nos entender. Ele já não me feria tanto mais com suas palavras. Abner estava mais prudente com o que dizia, pensando um pouco antes de se expressar. O que não significava que ainda não era o mesmo Abner idiota de sempre. Isto não mudaria. Ele continuaria a ser o idiota, bastardo e cretino de sempre.

No entanto, algo havia mudado nos últimos três dias e eu não sabia o que era. Tínhamos passado uma noite incrível em seu apartamento e quando amanheceu há três dias me encontrei sozinha na cama dele.

Não foi difícil encontrá-lo. Abner tinha o hábito

de se perder em sua mente enquanto observava a vista de seu apartamento.

Ele estava na sala, vestindo somente uma calça de moletom. Olhava para a parede de vidro, distraído com a vista daquela manhã.

— Abner?

Ele não se virou para me olhar, então me aproximei um pouco mais. Tentei tocar as costas dele como fazia todas as manhãs em que deixava um beijo ali, bem em cima de sua tatuagem.

— Não me toque — exigiu dando um passo para longe de mim.

O tom seco e gélido dele me congelou no lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o problema? — perguntei baixo. —
Abner?

— Nada que você tenha que se preocupar.

Quando ele virou para me encarar, perdi o ar. Seus olhos voltaram a me lembrar do nosso primeiro encontro no saguão do seu prédio. Gélidos como o de um lobo. Cheios de emoções furiosas.

Pareciam domados por ódio.

E aquilo me fez sentir medo dele pela primeira vez. Por extinto de proteção, acabei dando dois passos para trás.

— Fiz algo que *no* o agradou? — questionei em um tom baixo e mediador.

PERIGOSAS ACHERON

— Não.

— Abn...

— Não se meta nos meus assuntos — cortou-me imediatamente.

Tentei abrir a boca para dizer alguma coisa, mas ele continuou a falar.

— Deixe-me sozinho — insistiu. — Não quero ver ninguém — olhei confusa para ele. — Não me questione — ordenou. — Não tente me ler, Carolina, só me deixe sozinho.

Já tinha percebido na noite anterior que tinha algo estranho com ele, a forma como fizemos sexo dizia tudo. Ele estava mais intenso e selvagem do

que de costume, mas não me importei.

Só agora via que havia coisas que ele não estava me dizendo.

— Saia daqui — bradou me fazendo pular de susto.

— Você é um idiota.

Vesti minhas roupas e fui embora o mais rápido possível, sem olhar para trás. Se ele queria ficar sozinho, que ficasse, eu não insistiria. Se ele não confiava em mim suficiente para desabafar e tentar se livrar de seus demônios, eu não iria implorar.

Desde então, não o vi mais. Tinha se passado três longos dias e Abner não apareceu. Ricardo

PERIGOSAS NACIONAIS

vinha de manhã para me deixar no estúdio e depois voltava no fim da tarde. Ainda não podia dirigir e Abner continuou mandando seu segurança. Isto me deu esperança de que ele se importava. Mas não sabia até quando.

Um toque leve na porta me faz acordar de meus pensamentos.

— Entre.

— Carol. — Jaque me chamou da porta.

— *Sí.*

— Você está bem? Seu telefone estava tocando e você não o atendeu.

— Só estava distraída, *perdón.*

PERIGOSAS ACHERON

— O senhor Dimas está aguardando para fazer a entrevista.

— Nossa! — esfreguei o rosto. — Me esqueci completamente, nem se quer analisei o currículo.

— Você não parece muito bem. — Jaque disse preocupada. — Quer alguma coisa?

— Só estou cansada — sorri de leve. — O mande entrar, por favor.

Ela acena concordando com certa relutância e se retira. Um minuto depois um rapaz bonito e alto entra em minha sala conseguindo toda minha atenção. Franzi a testa um pouco confusa e li o nome no currículo que agora tinha em mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fabricio? — questiono.

— Em carne e osso — sorriu jovial. — Quanto tempo, Carol.

— Não acredito que voltou — dou uma risada.

— Katia e Max vão enlouquecer.

Arregalou os olhos de forma encenada.

— Não deixe que aqueles loucos me vejam.

— Bobo.

Me levanto e o abraço com carinho.

— Pelo jeito você não cresceu nada.

— Claro que cresci — respondo fingindo ultraje e ele ri. — Venha, vamos nos sentar.

Nos sentamos no canto da minha sala nova.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de Abner e Thiago destruírem tudo, pensei somente no prejuízo e no trabalho que teria no dia seguinte. Mas quando cheguei no meu estúdio, a sala estava impecável na segunda-feira, depois de Abner ter me irritado tanto naquela manhã. A decoração era algo que nunca pensaria ser possível fazer. Tudo incrivelmente lindo, em tons de creme.

Em cima de minha mesa tinha uma rosa lilás com um pedido de desculpas assinado por Abner Stabler. Era mais do que esperava dele. Aquilo bagunçou ainda mais minhas emoções e sentimentos.

— Seu escritório está mais bonito do que me lembro — observou Fabricio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Sí* — foi tudo que consegui responder.

— Dez anos longe e parece que foi ontem que fui embora.

— *No* deveria ter ficado tanto tempo sem aparecer — repreendo.

— Prometo corrigir isto.

— Está de volta e se candidata a uma vaga no meu estúdio — digo.

— Estou esperançoso para ter essa oportunidade.

Sorrio concordando e olho seu currículo.

— *No* sabia que era você — conto. — Estive tão ocupada nos últimos dias que não avaliei seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

currículo. Jaqueline foi quem o selecionou para mim, sinto muito por isto, deveria ter reconhecido seu nome.

— Não vejo nenhum problema com isto — deu de ombros despreocupado.

— Que bom, já que vai ter muito trabalho por aqui.

— Sêrio?

— Claro que *sí* — sorrio. — Crescemos juntos, nós quatro. *Yo*, você, Katia e Max sonhando em ser fotógrafos — relembro um pouco da nossa amizade. — Todos com a mesma paixão.

Ele riu.

PERIGOSAS ACHERON

— Quatro adolescentes loucos para eternizar os melhores momentos da vida em fotografias.

— *Sí* — aceno. — E todos nós alcançamos nossos objetivos, apesar de que às vezes me arrependo de ter dado tanto liberdade para Max e Katia.

— Seu maior erro — brincou e juntos rimos.

Tive um bom tempo com Fabricio. Conversamos bastante e pude esquecer um pouco do meu trabalho e de Abner.

O dia já estava mesmo no fim quando Fabricio entrou em minha sala. Depois me acompanhou até do lado de fora, onde Ricardo já me aguardava.

Despedi de meu amigo com um abraço e ele beijou minha testa.

— *No* esqueça de deixar seus documentos com Jaque — informo. — Ela irá enviar para o meu contador e faremos sua contratação na semana que vem.

— Não vou me esquecer.

Ricardo me levou para minha casa em silêncio como tem feito todos os dias. *Yo* não via a hora em que tomaria um banho quente e faria uma grande refeição.

Sentia-me faminta.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Trinta e Seis

Abner Stabler

Ela tinha razão em me chamar de idiota. Pensei quando enfim me sentei em meu escritório. Havia se passado três dias desde a última vez que eu a vi.

Três longos dias.

Suspirei passando as mãos pelo cabelo sentindo-me mais cansado que o normal. Tinha enfrentado uma audiência que já durava tempo demais para suportar.

Meu humor não melhorou desde o dia em que mandei que ela fosse embora da minha casa. Não era nada pessoal. Mas eu só precisava ficar...

sozinho.

Sim, sozinho.

Era isto que precisava. Até mesmo dos meus irmãos. Eles me deram o espaço que necessitava. Fiquei imensamente grato por isto. Não tinha capacidades para lidar com tantas coisas ao mesmo tempo. Minha mente estava em uma briga constante com o meu passado há três dias atrás. E os outros dias... só precisava respirar. Devagar e com calma. Sem ninguém por perto. Sem pessoas me fazendo perguntas. Me sufocando com curiosidade ou preocupações exageradas.

Eu só precisava respirar.

Mas agora sinto que talvez não tenha sido a decisão mais sábia afastar Carolina. Sinto sua falta como se estivesse viciado.

Até mesmo o seu cheiro me faz falta.

Sua pele.

Seu sotaque.

Tudo.

Meu celular apitou informando que recebi uma nova mensagem. Era de Luiz, o segurança que seguia cada passo que ela dava. Ele me mandava fotos diariamente.

Observei cada foto com bastante atenção. Hoje, diferente dos outros dias, ela parecia mais cansada

do que o normal. Apesar de sua expressão séria, que não dava muito espaço para ler suas emoções, podia ver que estava cansada.

Era impressionante como a convivência nos fazia conhecer as pessoas que nos rodeiam. Eu a conhecia muito bem. Cada uma de suas reações e emoções. Ela não era uma pessoa fácil de desvendar, isto era o que mais me atraía. Sempre quero saber tudo sobre ela. Cada pensamento, dúvida ou até mesmo medo.

Paralisei quando deslizei para a próxima foto. Ela saía de seu estúdio acompanhado de um homem, até então, desconhecido por mim.

Carol sorria para ele, seu sorriso era tão sincero

PERIGOSAS ACHERON

que fiquei com inveja e ciúmes por não ser a pessoa que o recebeu. Na foto seguinte, eles tinham parado próximo ao carro de Ricardo e ele beijava a testa dela.

Aquilo me tirou o ar.

— Que porra é essa?

O ciúmes começou a me corroer de forma tão vil, que quando percebi estava dentro do elevador. Pronto para ir tirar satisfações com ela sobre quem era o homem que a beijou na testa com tanta intimidade.

Entrei em meu carro com Marcelo me observando do outro lado, pronto para me seguir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirei fundo e tentei ser racional. *Porra*. Como era difícil agir de forma racional e sensata. Estava com tanto ciúmes, que me senti chocado com sua intensidade.

Coloquei o celular no ouvido e chamei por Ricardo.

— Senhor.

— Quem era o idiota com ela na saída do prédio? — rosnei.

— Pelo que entendi eram amigos de infância e se chama Fabricio.

— Ele a beijou, porra.

— Foi na testa, senhor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que se foda — vociferei. — Onde ela está agora?

— Acabei de deixá-la em casa, compramos comida no caminho e ela entrou — explicou.

— Como ela parecia estar?

— Cansada.

— Ele a seguiu? — perguntei me referindo ao amigo.

— Não.

— Bom, me mantenha informado caso ele voltar a aparecer.

Não esperei que ele respondesse e desliguei.

Respirei devagar acalmando-me e liguei meu

PERIGOSAS ACHERON

carro.

Tinha um lugar para ir.

Dirigir me fez relaxar um pouco e isto foi bom. Assim que estacionei na porta, ela veio ver de qual de seus filhos se tratava, já que os seus trigêmeos tinham o mesmo carro que se diferenciavam somente pela cor.

Ainda de dentro do carro pude ver o olhar preocupado em seu rosto. Puxei o freio de mão e saí do carro.

— Oi, querido — disse com genuíno carinho.

— Oi, mãe.

Beijei sua testa e ela me abraçou aliviada.

— Que bom que veio — sorriu. — Um café?

— Por favor — murmurei.

Ela sorriu e segurou minha mão enquanto íamos para a cozinha.

...

Por mais que tentasse me aquietar, não conseguia. Queria ir até Carolina, mas meu temperamento ainda não tinha esfriado. Eu não poderia feri-la com palavras, porém, se fosse atrás dela agora, com toda certeza, faria uma bobagem muito grande.

Era madrugada e eu mal tinha pregado os olhos. Não conseguia relaxar e dormir. A imagem dela

sendo abraçada e beijada, mesmo que fosse na testa por um “*amigo*”, me irritava.

Ela era minha, caramba!

Rolei de um lado para o outro durante toda a noite sem conseguir realmente dormir bem. O sol mal tinha se levantado e eu já tinha pulado para fora da minha cama. Coloquei uma roupa de treino e fui para a academia do meu apartamento. Sim, eu tinha uma, não era por presunção, mas era mais seguro e íntimo, malhar em um lugar onde não tenho que me preocupar com a segurança local.

Uma hora depois, de banho tomado, pressão e glicose sobre controle, e só faltava tomar uma xícara de café para tentar, mesmo que muito vago,

PERIGOSAS ACHERON

melhorar meu humor.

Sentei em minha cozinha para apreciar meu café quando o celular tocou. A primeira coisa que pensei foi “*Que não seja o Elliot com seu terrível bom humor matinal.*”. Para minha sorte, ou falta dela, era Ricardo informando que Carol estava atrasada para o trabalho.

Sabia que ela andava dormindo demais, porém, ela nunca perdia um dia de trabalho. Tomei o resto do meu café tranquilo, sentindo que tinha o controle sobre o meu temperamento. Cinco minutos depois, Ricardo ligou de novo avisando que ela pediu que ele fosse embora porque ela não iria trabalhar.

Aquilo me alarmou. Algo estava muito errado.

Será que estava doente?

Preocupado, mandei que Luiz ficasse de guarda enquanto eu ia até ela. Desci para o estacionamento e fiquei preso no trânsito. Algo realmente normal, mas que me irritou. Não sabia o que estava acontecendo com ela e queria alcançá-la o mais rápido possível.

No meio do caminho recebi uma mensagem de Luiz, informando que Carolina saiu de casa e entrou em um táxi. Aquilo gelou meu sangue.

— Onde ela está indo? — perguntei para o nada.
— Porra.

Insegurança encheu meu peito quando percebi que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo.

Que não seja na casa de um homem, ou eu vou matá-la. Pensei paranoico.

Alguns minutos depois sou pego de surpresa ao saber onde ela parou. Uma floricultura. *Aquilo não poderia ficar ainda mais confuso, poderia?* Foi quando recebi a última mensagem do meu segurança que percebi que eu era mais idiota do que imaginava. Suspirei preocupado.

Vinte minutos depois, consegui chegar ao destino onde ela estava. Estacionei o carro com o coração pesado. Caminhei devagar pela calçada e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fiz sinal para meus seguranças não se aproximarem.

Na porta senti um arrepio atravessar minha coluna quando olhei para dentro do cemitério. Aquele lugar frio e coberto por um gramado que era para transmitir paz, inúmeras placas no chão mostrando a quantidade de pessoas que foram enterradas ali, transmitia tudo, menos paz. Pelo menos para mim.

Mesmo sem querer, comecei a caminhar para dentro procurando a pessoa de cabelos cor de mel e olhos de esmeraldas que tanto mexia comigo.

Meus olhos logo encontraram o que procuravam. Sentada em um banco, com os ombros caídos, ela olhava para duas placas a sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei quieto e deixei que tivesse seu momento de dor sem que a perturbasse.

Fiquei um pouco mais para trás e me escorei em uma árvore próxima. Me assustei ao ouvir o soluço dela. Seus ombros tremiam, parecia se segurar. Era como se não quisesse mais chorar, porém, a dor era mais forte.

Uma fina neve começou a cair trazendo ainda mais tristezas para aquele momento. Sem poder, e nem querer, ficar somente a observando caminhei em sua direção. Sentei-me ao lado dela que pareceu nem perceber minha presença.

Seus olhos estavam fechados.

PERIGOSAS ACHERON

— Carol.

O tom de minha voz saiu suave e fez com que ela abrisse seus lindos olhos cheios de lágrimas e dor.

— *Dejame*. — Ela sussurrou dolorosamente e eu não entendi o que disse.

— Carolina.

— *Dejame*.

Não sabia o que significava, mas tinha a sensação de que me mandava embora. Suspirei e a puxei para o meu colo mesmo sobre seus protestos em espanhol. Abraço seu corpo esguio tendo o cuidado de não apertar seu ombro e a aconchego

em meu peito.

Não dissemos nada um ao outro, somente ficamos ali sentados e abraçados enquanto a neve caía sobre nossas cabeças. Ela ainda chorava em silêncio. Tentava inutilmente segurar, mas acabava soluçando cada vez mais alto e as lágrimas molhavam seu rosto.

Seu corpo tremia em meus braços. Ao ver sua dor e saudade tão crua, me senti pior do que estava nos últimos três dias. Aqueles dias em que quase me sufoquei em dor e ódio, pareciam tão banal agora. Minha dor se tornou tão pequena perto da dela, que me senti envergonhado por tê-la afastado.

Enquanto ela não se importava em esconder o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que sentia e buscar o conforto em meus braços. Eu escondia meu passado trancado a sete chaves em uma caixa de ferro no mais profundo de minha alma.

A abracei mais forte querendo confortá-la.

Perdi a noção do tempo que ficamos ali, eu a confortando em silêncio e preso nos meus próprios devaneios. Mas fui obrigado a agir quando o frio se tornou demais para suportar. A neve molhava meu casaco e eu percebi que Carol, imprudentemente, só vestia um conjunto de moletom. Tirei minha touca e coloquei sobre a cabeça dela tentando mantê-la mais aquecida.

— Precisamos ir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *No.*

— Carolina.

— *Dejame.*

— Não vou a lugar nenhum sem você —
afirmei. — Vamos para casa, tomar um banho
quente e prometo que fico com você no colo o resto
do dia — jurou. — Mas vamos congelar aqui —
digo baixo. — E você nem está vestida de forma
correta para aguentar a neve.

— Abner.

Estava me coçando para falar com ela em tom
de ordem como sempre fazia. Mas a dor em seus
olhos me impedia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero que adoeça, por favor, Carolina.

— Quanta honra, pedindo ‘por favor’ para mim

— ironizou baixinho.

— Carolina, não force.

Ela suspirou e voltou a olhar para as lápides de seus pais. Demorou alguns minutos antes dela fazer um movimento para se levantar do meu colo.

Me levantei, segurei sua cintura e nos guiava para fora. Abri a porta para ela e dei a volta. Liguei o carro enquanto puxava o cinto de segurança. Carol encostou a cabeça no vidro da janela perdida em seus pensamentos.

Sua tristeza estava começando a me deixar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

angustiado. Não que eu fosse egoísta. Mas eu gosto dela. Não queria, nunca, que ficasse tão triste assim. Queria o brilho de seus olhos de volta. E o sorriso lindo que tinha.

Puxei o carro para fora do estacionamento e observei pelo retrovisor minha equipe tomando forma para me seguir. Liguei o aquecedor e suspirei com o silêncio dela.

Segurei o volante com uma mão e estiquei a outra para alcançar a de Carol. Ela se assustou de leve e me olhou. Esfreguei sua mão gelada tentando aquecê-la e depois a levei em meus lábios. Depositei um beijo suave, dividindo minha atenção entre ela e o trânsito.

PERIGOSAS ACHERON

— Você vai ficar bem, Carol — murmurei.

Beijei sua mão de novo.

— Vai ficar bem — prometi e ela acenou concordando.

Não soltei sua mão, a segurei firme enquanto dirigiria pelas ruas cheias de Nova York. Somente a soltei quando meu celular tocou. Vi que era um dos meus homens. Poderia atendê-lo através do computador de bordo do carro, mas preferi evitar que Carolina ouvisse, prevendo que algo estava acontecendo.

Puxei o celular para o ouvido e parei no sinal.

— Diga.

Escutei tudo em silêncio. Havia alguém na porta da casa de Carolina, dizendo que era seu primo e estava armado. Pensei que poderia desviar o caminho. Mas estávamos muito próximo à casa dela. Antes que eu desse uma ordem, ela já tinha se erguido no banco e arregalado os olhos quando avistou a frente de sua casa. Meus homens seguravam um rapaz, era fácil visualizá-los mesmo estando a três casas de distância.

Desliguei o celular ainda sem dizer nada até que a voz dela encheu meu carro.

— Que porra é essa?

Olhei para ela surpreso pelo palavrão. Estacionei o carro e ela mal me esperou, pulou para fora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

totalmente estressada com o que via.

— Soltem ele agora — ordenou.

— Senhorita...

— Soltem ele, caramba! — exclamou.

Acenei para fazerem o que pediu e o rapaz estava com o rosto vermelho, parecendo furioso.

— Que merda, Carol, quem são esses idiotas?
— questionou irritado. — Eu vou matá-los.

— Você não vai fazer nada. — Ela disse firme.

Eu ainda estava surpreso em ver como ela tinha mudado nos últimos minutos.

— Quem é ele, Carolina? — perguntei ganhando a atenção dos dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gregori, meu primo — respondeu colocando as mãos na cintura. — Por que seus seguranças o estavam imobilizando?

— Só estavam fazendo o trabalho deles em cuidar do perímetro.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Trinta e Sete

Abner Stabler

Bravo?

Não.

Oh não mesmo, não passava nem perto do que eu estava sentindo.

Furioso?

Sim, completamente.

Não havia uma célula dentro do meu corpo que não estive tomada por minha fúria. Depois que Carolina afirmou na frente de sua casa que aquele delinquente era seu primo e o convidou para entrar, eu estava a ponto de explodir. E não sobraria nada e

ninguém ao redor quando soltasse toda a raiva reprimida.

E pior, quando entramos para a privacidade de sua casa, ela o abraçou com tanta intimidade que o ciúmes em mim foi esmagador. Olhar aquela cena deixou um gosto muito amargo na minha boca, me senti em desvantagem, mesmo para um garoto.

— Sinto muito pelos seus pais. — Ele murmurou para ela.

— *Gracias.*

— Passei lá mais cedo e deixei lírios, sei que são as preferidas dela. — Ele disse e beijou a testa da minha Carol.

Por mais ciúmes e raiva que eu estava sentindo, não me senti no direito de interferir naquela conversar.

— *Gracias...* tenho certeza de que ela amou.

Eles se afastaram e ele voltou a me olhar antes de se sentar no sofá dela despretensiosamente.

Deus, como eu queria socá-lo. Pensei mal-humorado.

— O que um Stabler faz na sua casa, Carol? — Ele perguntou.

Continuou me olhando de forma desafiadora e eu queria tanto que ele me provocasse mais um pouco. Mas logo desisti da ideia de bater nele,

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele momento, ao me lembrar que Carolina se machucou da última vez que perdi o controle. Sabia que seu braço ainda estava sensível, mesmo que ela não reclamasse. Carol não merecia presenciar tanta brutalidade novamente.

Ela somente suspirou e se sentou na frente dele. Me posicionei atrás dela, mantendo certa distância daquele convidado indesejável, por mim.

— Ele é meu convidado, não seja rude. — Ela respondeu.

Aquilo era o fim para mim. *Convidado?* Respirei devagar ou ia fazer merda, uma muito grande.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já sei, vocês tem um caso. — Ele afirmou.

Ela ficou tensa.

— Diga logo o que veio fazer aqui ou eu vou te jogar para fora — ameacei.

— Acha que só porque é um Stabler eu teria medo de você, mano?

— Eu vou te jogar para fora — respondi baixo e calmo como nunca antes, tão ameaçador como soou.

— Tente a sorte, idiota.

— Se me conhece sabe que não mando recados.

— Não, você não manda recados — zombou. —
Manda seus cães de guardas primeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eles só me poupam de encontrar com pessoas como você que deveria estar com a cara quebrada atrás das grades — retruquei.

Eu não sabia quem ele era, mas tinha a exata sensação que era alguém para se colocar algemas. Não costumo falhar em minhas apostas e aquela era uma, sorri presunçoso quando o vi ficar vermelho de raiva e se levantar para me enfrentar.

Ele tinha coragem, isto eu teria que respeitar.

— Parem os dois, agora!

A voz exaltada de Carol me fez tenso e o idiota do primo dela voltou a sentar.

— *Yo* estou cansada e querendo paz — disse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

séria.

— Desculpe. — Greg murmurou.

Ela acenou concordando e suspirou alto.

— Diga-me o porquê de sua visita, Gregory.

— Porra, Carol, só Greg.

— Ok, Greg — resmungou. — Você nunca me faz visitas, diga qual é o motivo antes que o selvagem ali te jogue para os leões antes que *yo* possa impedir.

O idiota teve a coragem de rir de forma desafiadora.

Santa merda, ela me chamou de selvagem. Bufei ultrajado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Se antes eu achava que não tinha como piorar meu humor, estava completamente enganado. Passei de convidado para selvagem em questão de minutos. *Qual será a próxima?* Realmente não queria saber.

Minha atenção mudou o foco quando percebi a hesitação dele em dizer o motivo de sua visita. Era um claro sinal de mais problemas.

— Diga logo, porra — resmunguei.

— Ele é um selvagem de boca suja. — Carol disse.

— Não é uma boa notícia. — Ele hesitou.

Carol ficou mais tensa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aconteceu algo com tia Solange ou tio Carlos?

— Não, meus pais estão bem, na verdade não aconteceu nada, ainda...

— Xavier. — Ela afirmou e suspirou pesadamente.

Aquilo sim era um problema. Respirei fundo antes de me sentar ao lado dela. Peguei sua mão gelada e voltei a encarar Greg.

— Diga — ordenei e ele bufou.

— Você não me dá ordens.

— Diga, o que ainda não aconteceu, Greg. — Carol pediu em um tom doloroso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele acabou se metendo em uma encrenca pesada — contou.

— *Dios mio.*

— Sinto muito, Carol, eu sei que ele estava tentando ajeitar suas próprias merdas — deu de ombros. — Mas ele acabou se enrolando em uma pior.

— *Dios...*

— Tentei ajudá-lo, mas não pude fazer muito — disse baixo. — Sabe que não sou a melhor pessoa do mundo, mas respeito a família acima de tudo.

— Diga logo. — Ela ordenou tentando ter forças para receber mais aquela rasteira do dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tenho controle de tudo, mas tentei cobrar alguns favores. Ainda assim não adiantou muito — contou. — Ele acabou se envolvendo em uma gangue da pesada. Eles só deixam entrar quem faz um bom trabalho.

Suspirei quando ele hesitou.

— Tráfico de drogas — digo sem cortar voltas. — Era isto que Xavier estava fazendo — afirmei e ele me olhou feio.

— Não precisava ser tão direto, *mano*.

— Sou sincero — retruquei. — Ela precisa saber da verdade completa e não meias verdades.

Olhei confuso para ela quando Carol murmurou

PERIGOSAS ACHERON

algumas palavras em espanhol.

— Diga-me toda a verdade — repetiu ela.

— Conversei com ele, Xavier me disse que não queria mais participar da gangue. Porém, também não podia sair.

— Por que *no*? — Ela perguntou um pouco confusa.

Eu sabia a resposta, mas não disse. Greg me olhou por um instante e eu não expressei nada.

— Só sai morto. — Ele a respondeu baixo.

— *Dios mio*.

— Tentei ajudá-lo, mas não consegui. — Tinha honestidade em sua voz. — Também tenho que

PERIGOSAS NACIONAIS

manter seguro os homens que me seguem, não poderia iniciar uma guerra entre nossas gangues.

Ergui uma sobrancelha, sabia que ele era alguém que se levava para dentro de uma cela. No entanto, eu o entendia. Era um homem prudente. Iniciar uma guerra entre gangues poderia trazer mais desastres do que previsto. As famílias inocentes eram sempre os primeiros alvos. E ele mesmo tinha dito que prezava pela segurança da família. Os tios da Carol seriam alvos óbvios. Acredito que isto também seria demais para ela suportar.

Sem mais perdas. Pensei ponderando.

O sofrimento que presenciei hoje naquele cemitério era algo que não queria ver nunca mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em que gangue ele se envolveu? —
perguntei.

— De um japa louco... porra, o cara não tem limites.

— Richard Matsueda — afirmei e ele me olhou surpreso. — Sou advogado, conheço a maioria dos bandidos desta cidade — dei de ombros. — Consegui ganhar uma audiência contra o irmão dele, sobre a acusação de estupro e assassinato.

— Sim, é ele.

— Abner?

Olhei para Carolina e seus olhos estavam transbordando de lágrimas contidas.

PERIGOSAS ACHERON

— Você poderia ajudá-lo? — sussurrou sua pergunta.

O bom de ter uma expressão fechada, era que se tornava difícil as pessoas verem sua hesitação em responder. Não tinha uma resposta fácil para ela. Tinha que ser sincero, *nada de meias verdades*, quando o assunto era tão grave como aquele.

— Não muito.

— *Dios...*

— O que você poderia fazer? — Greg perguntou curioso.

— Tentar desmanchar a gangue dele — disse pensativo. — Acabar com a estrutura que ele tem

PERIGOSAS NACIONAIS

hoje, assim a maioria dos membros iriam se espalhar. Mas ainda assim, poderia acontecer o oposto.

Minha cabeça estava quente em busca de algumas respostas. Aquela veia de advogado astuto pulsava firme dentro de mim. Deveria ter alguma coisa que ajudasse Xavier, não por ele, mas pela Carol.

— Santa merda, mano.

Ergui minha sobrancelha o questionando e ele pareceu tenso.

— Se fizer isto, vai trazer o inferno para esta cidade — disse um pouco assustado.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não tinha medo de enfrentar uma guerra, tinha meu próprio exército e não hesitaria em usá-lo.

— Eu sei — dei de ombros. — Mas você tem alguma ideia do que fazer para salvar o pescoço daquele idiota? — perguntei sem medir minhas palavras.

Carol estremeceu ao meu lado.

— Sinto muito, querida — digo a puxando para os meus braços.

— Tirá-lo do país? — questionou Greg.

— Acha mesmo que funcionaria? — perguntei impaciente. — Ele estaria longe, com novas

identidades e o japa esqueceria? Simples assim.

— Não.

— Claro que não — afirmei. — Ele vai atacar a família — aponte o óbvio. — É assim que aquele imbecil age.

Agora minha fúria tinha voltado em níveis muito mais altos do que antes.

— Ele vai para a única família que Xavier ainda tem e isto eu não vou permitir! — exclamei muito puto.

Capítulo Trinta e Oito

Abner Stabler

Depois que Gregory saiu, Carolina não disse uma única palavra. Parecia chocada demais para reagir. Eu sabia que não seria fácil para ela aceitar que não tinha alternativas fáceis a seguir. Nenhuma delas eram boas. Todas trariam consequências drásticas demais para que suportasse.

E a tendência era sempre piorar.

Nada estava tão ruim que não pudesse piorar, não é mesmo?

A segurei no colo por um longo tempo ainda em seu sofá. Ela não derramou mais nenhuma lágrima

PERIGOSAS NACIONAIS

e aquilo me alarmou. Sabia que em algum momento Carolina se quebraria e eu deveria estar por perto para confortá-la.

Um tempo depois ela somente sussurrou que precisa de um banho. Concordei. Um banho iria ajudar a relaxar, pelo menos era o que acreditava. A carreguei para seu quarto e a deixei em pé no banheiro. Lhe dei um beijo leve em seus lábios e fui até sua cozinha.

Tinha a sensação de que ela ainda não tinha comido nada. Preparei uma bandeja e voltei para o quarto. Coloquei sobre a cama e fui ver como ela estava.

Suspirei ao ouvir seu soluço.

PERIGOSAS ACHERON

Ela não tinha resistido mais e se quebrou ainda no banho.

A encontrei sentada no chão do chuveiro chorando. Meu coração se partiu em vê-la daquela forma. Fechei a água e peguei uma toalha limpa. A ergui em meus braços e ela se encolheu. Voltei para o seu quarto e me sentei na beirada da cama com ela em meu colo.

— Vai ficar tudo bem, Carol — tentei confortá-la.

Ela não disse nada, somente soluçou.

— Você vai ficar bem — murmurei.

— Não posso... perder... Xavier *también* —

PERIGOSAS NACIONAIS

soluçou.

— Você não vai perdê-lo, vamos dar um jeito nisso.

Ela pareceu não acreditar e se manteve em silêncio.

— Comeu alguma coisa hoje?

— *No*.

Estiquei o braço e alcancei a xícara de cappuccino.

— Tome um pouco.

— *No* estou com fome — resmungou.

— Carolina — repreendi.

— *No*, Abner...

PERIGOSAS ACHERON

Ela se calou, prendeu a respiração e pareceu ainda mais pálida do que antes. Levou uma mão a boca e pulou para fora do meu colo. Não entendi o que estava acontecendo até que a ouvi vomitar no banheiro.

Aquele dia parecia que nunca ia acabar.

Coloquei a xícara de volta na bandeja e fui atrás dela. Estava de joelhos na frente da privada com o rosto inclinado para dentro. Segurei seu cabelo sem conseguir evitar a preocupação com seu bem-estar. Parecia estar sendo demais para ela suportar.

Minutos depois sua ânsia de vômito tinha passado. Contudo, ela não parecia melhor. Seu rosto estava suado, pálido e seu olhar cansado. A

PERIGOSAS ACHERON

ajudei se levantar e escovar os dentes e depois a carreguei de volta para cama.

Tentei fazer com que comesse, mas não consegui. Ela somente se enrolou em seu edredom sem dizer uma única palavra. Rendido, acabei me deitando ao lado dela e aguardando o momento em que dormiria. Não demorou muito e sua respiração já tinha mudado mostrando que estava em sono pesado.

Levantei meia hora depois com meu celular vibrando. O trabalho me aguardava, mas eu não deixaria Carol naquele dia terrível. Tirei as camadas de roupas que usava e fiquei só de boxer enquanto trabalhava em meu notebook no canto do

quarto.

Na hora do almoço, Ricardo trouxe nossa refeição. Eu comi sozinho já que Carol ainda não havia acordado. Acreditei que precisava de mais alguns momentos para descansar. Mas não foi isto que aconteceu. Ela dormiu por horas a fio.

Nem mesmo mudou de posição em sua cama e aquilo começou a me preocupar. A cada meia hora eu conferia sua temperatura e respiração para ter certeza de que estava bem.

Em algum momento acabei perdendo a noção do tempo lendo e avaliando um caso. Quando percebi já eram quase oito da noite. Voltei a olhar para cama e a encontrei do mesmo jeito. Liguei para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ricardo e pedi que conseguisse sopa para ela. Passou o dia todo dormindo e não tinha ingerido nenhum alimento.

Aquilo era realmente preocupante.

Quando Ricardo chegou, arrumei outra bandeja e levei para o quarto.

Inclinei-me sobre ela na cama e tirei um mecha de cabelo persistente de seu rosto.

— Carol.

Ela nem mesmo se mexeu.

— Carolina, vamos lá, doçura, acorde.

Devagar, suas pálpebras pesadas se abriram e seus olhos estavam nublados de sono. Ela tornou a

PERIGOSAS ACHERON

fechar os olhos um segundo depois.

— Não, senhora, abra esses lindos olhos, chega de dormir por hoje, *Bela Adormecida*.

Ela resmungou e com muito custo abriu os olhos novamente.

— Que horas são? — murmurou.

— Já passou das oito da noite.

Bocejou alto.

— *Dios mio*, nunca senti tanto sono.

— Percebi — sorri. — Agora levante e coma algo.

— *No...*

— Nem tente negar — interrompi. — Ou eu vou

PERIGOSAS NACIONAIS

te levar arrastada direto para um hospital.

Ela acenou concordando. Depois de usar o banheiro, se sentou ainda sonolenta na cama e comeu a sopa sem reclamar ou vomitar.

O que foi um alívio.

Conversamos um pouco enquanto comíamos e depois eu a levei para um banho quente. Lavei seu corpo e apreciei seus lábios. Aproveitei o momento para distraí-la de qualquer uma de suas lembranças com meus beijos e toque.

Depois de cairmos suados em sua cama não demorou muito para que ela adormecesse novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De onde veio tanto sono?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Trinta e Nove

Carolina Callejas

Eu estava sentindo-me sufocada com um sobrepeso em minhas costas. Tentei me mexer e braços fortes se fecharam ao meu redor. Sentia-me levemente enjoada e só piorou com o calor do corpo que me pressionava contra a cama.

Abner. Pensei. *Ele ainda está aqui.*

Dios mio, como ele conseguia me fazer de travesseiro daquela forma? Qualquer dia me esmagaria com seu peso. *Dios*, mal conseguia respirar.

— Fique quieta — murmurou sonolento.

— Está me sufocando... *Dios mio*.

Sua leve risada em minha nuca causou arrepios e, então, ele se afastou um pouco, deixando-me virar. Antes que pudesse me situar que horas eram, meu celular despertou, informando que já estava na hora de levantar. Abner gemeu frustrado e eu sorri sabendo do seu mau humor matinal.

— Desligue isto — murmurou e enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

Desliguei e tentei levantar, mas ele agarrou meu braço e me prendeu de volta na cama.

— Abner, *yo* preciso levantar.

Ele se ergueu sobre mim e me olhou nos olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem?

Sua preocupação era genuína, aqueceu meu coração. Porém, ao mesmo tempo me trouxe lembranças do dia anterior. Dia da morte dos meus pais. E para piorar fiquei sabendo sobre a sentença sob a cabeça do meu irmão.

— *Estoy bien* — murmurei em espanhol.

— Está mesmo?

Sorri de leve ao perceber que ele estava começando a entender o que eu falava.

— *Sí*, porém, ainda preocupada com Xavier.

— Vamos dar um jeito nisto — prometeu e me beijou.

PERIGOSAS ACHERON

Eu queria acreditar que tinha uma solução para o problema em que Xavier se meteu. Mas minhas esperanças já estavam frustradas ao saber da gravidade da situação.

Somente *Dios* poderia ajudá-lo.

Tristeza me encheu com culpa. Deveria ter feito mais por ele. Cuidado mais. Dado mais atenção. Ou até mesmo, umas chineladas quando ele começou a aprontar. Tinha falhado em algo, só não sabia onde. Me esforcei tanto para trabalhar e educá-lo. Mesmo com a enorme ajuda de nossos tios, eu lidei com tantas coisas para que sobrevivêssemos aquela nova realidade.

— Não faça isto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — sussurrei.

— Não se culpe.

— *Yo* deveria tê-lo educado melhor — murmurei sentindo um enorme peso sobre meus ombros.

— Não é sua culpa — afirmou. — Nós devemos pagar somente por aquilo que somos responsáveis.

— *Yo* era responsável por ele, sua *hermana* mais velha!

— Você era uma criança que perdeu os pais como ele e nem por isto se envolveu com o tráfico, como rota de fuga para seus medos e problemas — disse com a inteligência do advogado que era.

PERIGOSAS ACHERON

O encarei com os olhos cheios de lágrimas não derramadas. Pisquei não permitindo que elas caíssem. Estava farta de tantos choros e lamentações. Precisava ser forte.

— Somente pagamos pelos próprios pecados — murmurou.

Pareceu tão convicto que me fez imaginar que sabia do que estava falando. Ele tinha pago por suas próprias atitudes no passado. Era fácil ver isto em suas palavras, mesmo que não mostrasse tanto em seus olhos.

Sabia que Abner não me contaria o que aconteceu, então, somente o abracei para confortá-lo e ficamos ali em silêncio. Alguns minutos depois

PERIGOSAS ACHERON

sua boca encontrou a minha e nos perdemos na intensidade um do outro.

...

Abner me deixou na porta do estúdio e ficou esperando até que me viu entrar. Teria um longo dia pela frente. Depois de cumprimentar Jaque, entrei para minha sala. Sentei e tentei relaxar um pouco antes de começar o dia.

Estava cansada.

Muito cansada. Não somente fisicamente, mas principalmente mentalmente.

Suspirei e liguei meu notebook, logo Jaque estaria ali para passarmos a agenda do dia. A porta

PERIGOSAS NACIONAIS

se abriu fortemente me assustando e dois furacões conhecidos passaram por ela. Eles quase brigaram ao tentarem passar ao mesmo tempo.

Era algo para rir. Mas meu humor e preocupação não permitiam tal coisa. Os dois começaram a discutir sobre quem tinha prioridade em passar primeiro. Katia afirmou que deveria ser respeitada por ser mulher e que Max deveria ser um cavalheiro.

— Cavalheiro uma ova, eu sou a princesa nesse caso e tenho prioridades por meu título real. — Ele respondeu e se sentou na minha frente.

Eu tive que rir. Katia parecia completamente ultrajada, mas acabou se sentando ao lado dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tu não é princesa, nunca! — Ela afirmou convicta.

— Claro que sou, quer que eu me corte para te mostrar meu sangue azul? — questionou Max.

— Deixa de ser iludido, bicha.

— Iludido não, sou realista. — Ele a corrigiu.

— Você está precisando de ajuda psiquiátrica, perdeu a noção da realidade. — O provocou.

— Olha aqui, sua vaca de saltos...

— Parem os dois — interrompi.

Eles me encararam ultrajados, como se ainda tivessem muito o que dizer, brigar ou xingar.

— Posso saber o motivo da visita? — cruzei os

PERIGOSAS ACHERON

braços. — Ou o porquê do humor ácido dos dois?

— Ela me irrita. — Max disse calmamente.

— Ele me enlouquece. — Katia protestou.

— *Dios mio* — murmurei pensando que os dois me deixariam maluca.

Eles me encaram por um tempo e depois suas expressões ficaram preocupadas.

— O que aconteceu, florzinha? — Max perguntou primeiro.

— Não me diga que aquele idiota do Stabler te magoou de novo, eu vou castrá-lo. — Katia disse brava.

— Ele não fez nada — respondi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? — Katia perguntou preocupada.

— Xavier.

— O que ele fez agora? — Max perguntou.

— Fiquei sabendo que a gangue em que ele estava envolvido não o deixaria sair... vivo.

— Como assim? — Katia indagou com os olhos arregalados.

— Ele está tentando procurar uma solução para sair, mas desta gangue só sai... morto.

— MORTO! — gritaram completamente chocados com o que acabaram de ouvir.

— *Sí.* — Minha voz saiu com certo esforço.

Eles me olharam ainda chocados demais para

PERIGOSAS ACHERON

falarem algo.

— *No sei o *hacer*.*

Passei as mãos sobre o rosto e me levantei devagar ignorando a leve tontura. Iria pegar um pouco de água e logo passaria. Antes que conseguisse sair de trás da minha mesa senti meu corpo fraquejar e a escuridão tomar meus olhos.

Ouvi meus amigos gritando, mas era tarde demais para responder.

...

Sabia que precisava acordar e me situar do que estava acontecendo. Minha cabeça parecia pesada e minha testa latejava. Abri minhas pálpebras

devagar e encontrei um par de olhos cor de mel me encarando bem de perto.

Pelo jaleco branco sobre a camisa social logo percebi que era um médico. Suspirei e levei a mão a testa onde doía.

— Que bom que acordou — disse com gentileza. — Sou Dr. Madson e a atendi quando deu entrada no hospital — informou. — Diga-me como se sente, senhorita Callejas.

Queria xingar em espanhol, mas me esforcei para fazer as palavras saírem em um idioma que o médico me entendesse.

— Com uma puta dor de cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sorriu concordando.

— Foi o que eu pensei.

Me ajudou a sentar e eu suspirei sentindo a cabeça dilatar. O médico me ofereceu água, aceitei aliviada.

Meu alívio não durou muito.

Em segundos aquele médico bonito com olhos cor de mel disse três palavras que me tiraram o ar. Agradei por ainda estar sentada ou poderia ter caído no chão novamente quando senti minhas pernas tremerem.

Meu mundo tinha virado de cabeça para baixo.

O que faltava agora para me surpreender?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha medo da resposta.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quarenta

Abner Stabler

Depois de deixar Carolina em seu estúdio, dirigi rumo ao meu escritório. Minha mente estava fervendo em busca de opções para ajudar Xavier, não por ele, mas por ela. Carolina não merecia tanto sofrimento.

O trânsito me deu bastante tempo para pensar, no meio do caminho minha mãe me ligou brava. Que mais uma vez eu não tinha ido tomar o desjejum em família. Tive que prometer inúmeras vezes que estava bem antes dela desligar. Mas não tinha certeza se ela se convenceu com minhas

afirmações.

Entreguei meu carro para o manobrista do meu prédio, ignorando o protocolo de segurança, e subi para minha sala, ainda preso em meus pensamentos em busca de alternativas. Ignorei minha secretária como sempre fazia, entrei e tentei fazer o mesmo com os invasores no meu sofá.

Precisava de opções para ajudar o irmão de Carolina, mas como faria isto sem começar uma guerra ou colocá-la em perigo. Pior, sem colocar *minha família* em perigo.

— Não adianta tentar nos ignorar. — Alice disse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não respondi. Abri o armário e peguei o processo em que teria audiência em meia hora no fórum. Folheei algumas páginas para me atualizar do caso, mesmo que tendo lido todo aquele arquivo diversas vezes.

— Como vai a deusa gostosa? — Elliot perguntou.

Levantei minha cabeça e o olhei bravo.

— Não dê uma de namorado ciumento, por favor, nos poupe disto. — Ethan me provocou.

— Não tenho namorada — afirmei e voltei minha atenção para o arquivo.

— Como você é chato, Abner. — Alice

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

protestou.

— Vão trabalhar e parem de invadir meu escritório — digo sem olhar para eles.

— Não apareceu para o café da manhã de novo.

— Ethan disse e eu não perdi a cautela na voz dele.

— Estava com Carolina, como vocês sabem.

Juntei algumas coisas que iria precisar e coloquei dentro de uma mochila. Não gostava de usar pastas ou maletas.

Segurei um suspiro sabendo que não teria como ignorá-los por muito tempo. Fui até Alice e beijei sua testa com carinho como sempre fazia, e me sentei ao lado dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também quero beijinho. — Elliot brincou.

— Vai se foder — digo a ele que sorri abertamente mostrando que não estava nenhum pouco afetado.

— Como você está? — Alice perguntou.

Eu sabia sobre o que ela estava se referindo. Eles tinham me dado o espaço que precisava, mas isto não significava que ficariam longe para sempre. A preocupação não diminuiria, mesmo que tentassem não invadir minha privacidade.

— Bem — respondi sem demonstrar nada como sempre fazia.

Eles me encararam procurando por sinais de que

PERIGOSAS ACHERON

estava mentindo. Logo se deram por vencidos e aquela era minha deixa para ir embora.

— Adoraria continuar com esta conversa tão agradável em família, mas preciso ir.

Levantei e os ignorei. Claro que iriam protestar, queriam mais informações sobre como andava as coisas com Carolina. Mas eu não diria. Esses três amavam uma fofoca e principalmente se meter na vida dos outros. Não daria tanta ousadia.

Por causa do trânsito iria me atrasar. Peguei minha mochila e saí da sala sem olhar para trás.

Fiquei preso no fórum o dia todo. Os julgamentos eram sempre longos e cansativos, mas

eu amava o que fazia. Mal tive tempo para comer durante o recesso e quando a juíza bateu o martelo encerrando aquela audiência e remarcando a continuação para daqui alguns dias, me senti aliviado em poder ir para casa.

Precisava de um banho quente e depois iria até Carolina.

No entanto, nem mesmo tinha colocado meus pés do lado de fora e um batalhão de repórteres me rodearam. Ricardo logo apareceu com a minha equipe e afastou todos. Meus seguranças me guiaram até o carro e eu entrei no banco de trás de um dos Jeeps.

— Senhor?

PERIGOSAS NACIONAIS

A voz de Ricardo me dizia que eu tinha problemas para enfrentar. Ele deu partida no carro e o colocou em movimento enquanto esperava por minha resposta.

— Qual o problema, Ricardo?

— Fui atualizado sobre a senhorita Callejas.

Ele conseguiu toda minha atenção no instante em que disse o nome dela.

— O que aconteceu?

— Luiz informou que a senhorita Callejas passou mal pela manhã em seu estúdio e foi hospitalizada.

PERIGOSAS ACHERON

Senti o sangue fugir do meu rosto quando a preocupação me encheu.

— O que ela tem?

— Não sei, senhor — informou. — Seus amigos a levaram correndo para o hospital mais próximo e a menos de uma hora eles a levaram para casa.

— Vamos até ela — ordenei.

...

Estava apreensivo com a preocupação. Carolina realmente não estava muito bem. Esperava que não tivesse acontecido nada grave, uma notícia ruim, que a levasse passar mal como foi ontem.

Desejava que ela já estivesse bem. Também

pensava nas desculpas por não ter vindo até ela imediatamente. Gostaria, mas não pude, afinal, fiquei preso o dia todo no julgamento. Senti-me um pouco irritado, meu trabalho havia me privado de cuidar dela.

Respirei fundo e devagar acalmando meu temperamento. Se ela estava doente não precisava lidar com meu lado idiota. Ponderei sobre nosso relacionamento e descobri facilmente que não poderia mais ficar sem ela.

Como iria suportar? Não sei bem.

Mas isto me deixou tão apreensivo como se algo ruim estivesse vindo em meu caminho. Era ridículo não querer assumir algo mais sério com ela. Eu

PERIGOSAS ACHERON

sabia disto. Mas com o meu passado, precisava ir com mais calma. Um passo de cada vez. Sem pressa. Sem pressão.

A preocupação com ela somente me mostrou claramente meus sentimentos. Tinha me apaixonado perdidamente.

— Um caminho sem volta — murmurei e ignorei Ricardo, quando me olhou pelo retrovisor.

Só tinha um coração quebrado para oferecê-la, o que me encheu de insegurança.

Ricardo parou na porta dela e eu desci apressadamente. Fiz questão de ignorar meus pensamentos e sentimentos enquanto caminhava

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo caminho de pedra. Tirei do meu bolso a chave reserva de sua porta e abri. Entrei tirando os sapatos na porta, não queria fazer uma trilha de pegadas e dar a ela trabalho em limpar minha bagunça.

Subi as escadas indo para o seu quarto. Entrei e ouvi o barulho do chuveiro ligado. Parei meus passos perto de sua cama. Iria encontrá-la no banheiro, mas uma pasta de exames chamou minha atenção. Curioso e preocupado, acabei pegando a pasta.

Abri e folheei alguns exames que não entendia nada. Até que meus olhos encontraram letras gritantes e em negrito.

PERIGOSAS ACHERON

POSITIVO.

Um gelo subiu em minha espinha me fazendo estremecer. Respirei devagar e tentei dizer a mim mesmo que eu estava lendo coisas erradas. Que não estava entendendo o que estava escrito. Me enganei dizendo que deveria estar cansado.

Pisquei confuso e voltei a ler tudo de novo. Com calma para ter a certeza de que estava lendo certo o que estava escrito ali.

Teste de gravidez. Pensei tremendo.

Não, eu não estava vendo coisas.

POSITIVO.

Positivo. Ela estava grávida.

POSITIVO.

Um tremor passou por meu corpo novamente. Fechei meus olhos devagar e imagens do passado brilharam em minha mente. Dor. Muita dor. Não era só sentimental. Era dor física. Torturas e maldades. Ambição. Era como se estivesse vivendo tudo de novo.

Minhas pernas bambearam com o choque que estava sentindo. O ar estava me faltando. Percebi que prendia a respiração. Soltei o ar com força e abri novamente os olhos. Olhei novamente para o teste e encontrei o tempo. Quatro semanas.

Dor me cortou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um sentimento amargo de traição me encheu.

Um forte pânico começou a inflar em meu peito.
Sentia-me tonto. As paredes do quarto dela pareciam se fechar em mim.

Dor.

Muita dor.

Uma mistura de sentimentos me afogou. Era como se o meu passado estivesse no meu presente.

E dor.

Muita dor.

Larguei a pasta incapaz de segurá-la por mais algum tempo. Sentia como se estivesse em brasa e queimasse meus dedos. Dei um passo atrás em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

busca de equilíbrio para minhas próprias pernas. Sentia-me enjoado e tonto, com um terrível gosto amargo da traição em minha boca.

Estava me afogando em emoções desenfreadas.

Um movimento ao lado me fez olhar para ela. Seus olhos vermelhos diziam-me que esteve chorando, mas eu não consegui me mover.

— Abner — choramingou meu nome.

Ainda não podia dizer nada, era como se minhas palavras estivessem se perdendo na amargura da traição que sentia. Meus olhos estavam vidrados com lágrimas travadas. Sabia que estava ofegante. E talvez até pálido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava em completo pânico. Meu passado estava se repetindo diante dos meus olhos e eu não queria aceitar.

— Abner.

A voz chorosa dela me fez fechar os olhos.

Foi muito pior. A imagem retorcida de um passado dolorido me levou a loucura. O pânico tinha ficado de lado e uma fúria acendeu dentro de mim.

— Você me traiu — digo olhando para ela com raiva.

A surpresa foi fácil ver em seu rosto, mas eu não me importei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que porra você fez? — gritei.

Ela arregalou os olhos e grossas lágrimas desciam pelo rosto dela.

— Abner, *yo* n...

— Engole esse choro — rosnei furioso. — Como foi me fazer de bobo? Ou planeja dizer que esse bastardo é meu filho? Nem tente, usei camisinha todas as vezes que fizemos sexo.

Eu não tinha mais controle, todas aquelas palavras saíam gritadas.

— Quem é o pai desse bastardo? — gritei a pergunta e ela ficou pálida.

Parecia chocada demais para falar. Mas meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bom senso tinha ido embora deixando-me completamente louco e descontrolado.

— Quem é o desgraçado, Carolina?

Ela deu dois passos atrás e se encostou na parede.

— Pelo menos foi divertido me fazer de idiota? Sua maldita filha da puta achou que conseguiria meu dinheiro...

Eu não parei. Gritei ofensas e descarreguei nela toda a raiva que sentia naquele momento, toda a raiva do meu passado. Palavra por palavra. Cada uma mais ofensiva do que a outra. E ela somente ficou ali, encostada naquela parede sem me dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma única palavra. Ouviu tudo calada e nem mesmo se defendeu enquanto eu destilava todo o veneno que tinha em minhas veias.

Seus olhos ainda estavam arregalados, cheios de mágoa e lágrimas. Mas ela não derramou uma única lágrima. Fez o que mandei e não chorou.

Quando virei minhas costas para ela, tinha acabado de prometer que nunca mais ela me veria. Nunca mais. Ódio me queimava por dentro. Corri escada abaixo, mas não fui rápido suficiente para não ouvir o primeiro soluço que ela deu.

Não olhei para trás.

Corri para fora e entrei no carro do lado do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

motorista. Acelerei cantando pneu na estrada, deixando Ricardo parado na rua. Alguém daria a ele uma carona. Não era minha preocupação. Eu só queria esquecer o tamanho da traição de Carolina.

Pisei mais forte no acelerador e senti que tremia. Algo molhado caiu em minhas bochechas.

Lágrimas.

Estava chorando.

Eu a amava e ela me traiu, pensei enlouquecido. Não conseguia ver a razão.

Ela me traiu. Seu filho não era meu, não poderia ser. Sempre me cuidei para não repetir os erros do meu passado. *Ela me traiu*, era a única coisa que

PERIGOSAS ACHERON

conseguia pensar.

Aquela afirmação doeu ainda mais em meu peito.

Ela me traiu. Pensei novamente enquanto mordia o lábio inferior para me impedir de chorar mais forte.

Capítulo Quarenta e Um

Carolina Callejas

Escorreguei pela parede soluçando alto e dolorosamente. Tinha segurado o choro por todo o tempo enquanto ele me apunhalava com suas palavras venenosas. Cobri meu rosto com as mãos e chorei em completo desespero. Mal acreditava nos absurdos que tinha acabado de ouvir.

É claro que meu bebê era filho dele. De quem mais seria?

Uma confusão de sentimentos me encheu. Dor. Desespero. Medo. Choque. Tristeza. Raiva. Angústia. Decepção. Até mesmo descrença.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu bebê.

Somente meu.

Iria ter um filho sozinha.

Chorei mais alto.

Meus pais estavam mortos. Meu irmão tinha uma sentença sobre a cabeça. E o pai do meu filho acreditava que eu era uma vadia.

Eu estava completamente sozinha.

Talvez nem tão sozinha assim, já que agora teria um bebezinho para cuidar. Levantei devagar e com passos vacilantes cheguei até minha cama. Me deitei sobre ela com o pensamento de que nunca mais queria ver Abner. Ele também estava morto

PERIGOSAS ACHERON

para mim, assim como todos que eu amava. Morto.

Dios mio, ayúdame. Implorei em pensamentos.

Precisava ser forte para aguentar mais esta rasteira da vida. Precisava de forças para cuidar do meu bebê sozinha.

Uma solidão se alastrou por dentro de mim deixando-me ainda mais depressiva do que antes.

Sea fuerte, Carol, fuerte. Digo a mim mesma.

...

Abner Stabler

Tinha se passado vinte e quatro horas desde que descobri a traição de Carolina. Até pensar em seu nome doía. Não queria pensar. Em nada. Em

PERIGOSAS NACIONAIS

ninguém. Mas era tão difícil não pensar.

Ela estava lá o tempo todo em minha mente.

Eu a amava e ela me traiu.

Ela me traiu.

Deitado sobre o tapete de minha sala onde um dia a tomei sobre ele, eu me sentia pior do que imaginava. Eu me sentia um nada. Um ninguém. Somente mais um corpo morto no mundo. Levei o resto do uísque em minha boca quando finalizei a garrafa.

Deixei ela cair ao meu lado e fiquei ali preso em minha dor. O passado estava lá novamente, brilhando em minha mente, *tanta dor*.

PERIGOSAS ACHERON

Como poderia um ser humano estar destinado a tanta traição como eu? Como isto poderia ser possível? Por que logo eu?

Carolina. A chamei em meus pensamentos conturbados. Eu estava quebrado, mas me daria completamente a ela. Porém, ela me traiu.

— Ela me traiu — murmurei completamente bêbado.

Ouvi o elevador apitar mostrando que alguém com acesso direto ao meu apartamento estava ali. Mas eu não queria visitas. Não queria ver ninguém. Só queria ficar sozinho. Completamente sozinho. Tentei levantar para expulsar quem quer que seja, mas mal consegui levantar a cabeça e voltei a cair

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre o tapete.

Só vai embora. Pedi em pensamentos e coloquei o braço em cima dos olhos.

— O que será que aconteceu com ele?

— Não sei o que aquele bastardo aprontou.

— Ricardo disse que ele não sai de casa desde ontem.

Eu conhecia os donos daquelas vozes. Sabia muito bem de quem se tratava e quis gemer de frustração, mas fiquei quieto esperando que eles fossem embora logo.

— Eu vou te matar, Abner! — Alice gritou brava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu os ignorei.

— O que você pensa que está fazendo, seu idiota? — Ethan diz e parecia tão bravo quanto Alice.

— Eu vou bater nele. — Elliot prometeu.

Não me movi.

Continuei da mesma forma.

— Vãoembora.

Minhas palavras saíram todas juntas e emboladas.

— Não vamos a lugar nenhum. — Ethan falou se aproximando.

— Nãoquerooverninguem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner...

Elliot começou a falar.

— Vão embora. — O interrompi.

— O que aconteceu? — Elliot perguntou e sua voz não escondia a preocupação.

—

Ela é igual as outras... Igual a Callie... Todas iguais... Carc
E o filho não é meu... Feito de bobo mais uma vez...

— Grávida? — Os três perguntaram juntos.

— Sim aquela vagabunda... Agora vão embora...

— E ela disse que não é seu? — Elliot perguntou.

Destampeí meus olhos e o encontrei. Em meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estado embriagado acabei vendo dois Elliot.

— DeusdoisElliotédemaisprasuportar.

— Está vendo dois de mim? — Ele perguntou e riu alto. — Espere até eu quebrar sua cara por beber demais, seu imbecil.

— Váembora.

— Ela disse que o filho não é seu? — Ethan perguntou sério.

— Não — respondo o mais firme que consegui.

—

Elanãodissenada...Nãodeixeiquefalasse...Aquelamal

Eles olharam entre si e eu bufei irritado. Pensei em mandá-los embora novamente, mas antes que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguisse formar as palavras Ethan e Elliot me levantaram. Meus olhos encontraram os de Alice e ela parecia magoada, até mesmo triste.

Tentei perguntar o porquê estava assim, mas ela desviou o olhar como se não me conhecesse. Então, fui arrastado para o meu banheiro, Elliot abriu a água fria e Ethan me jogou lá dentro.

Apoiei as mãos na parede tentando me manter de pé enquanto ouvia o lamento dos dois. E também suas suposições de que eu estava errado em não escutar o que Carolina tinha a me dizer.

Eu não queria ouvi-la. Não queria ouvir meus irmãos. Só queria ficar afogado em meus próprios pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente sinto todo o meu corpo gelado e alguns calafrios me percorrerem. Fiquei com falta de ar. Dei um passo para fora da água e saí do boxe encharcando o banheiro. Elliot e Ethan tentaram me parar. Mas eu arfava em busca de ar. Quase não conseguia puxar a respiração. Era como se meu corpo não me obedecesse.

Não tive nem tempo de entrar em pânico.

Senti as mãos dos meus irmãos em mim e não lutei mais contra a escuridão em meus olhos.

....

A primeira coisa que senti foi um latejar forte em minhas têmporas.

PERIGOSAS ACHERON

Deus, que dor de cabeça. Pensei e abri os olhos.

Algo que realmente me arrependi, a claridade do quarto em que estava me fez gemer de dor. Uma longa nuvem de cabelos negros se jogou em cima de mim.

— Abner. — Ela choramingou e eu a abracei.

— Está tudo bem, Alice — murmurei.

— Você quase me matou de susto, não posso perdê-lo, Abner.

— Não vai me perder. O... que aconteceu?

— Você desmaiou depois de termos te encontrado bêbado no seu apartamento — contou.

— Teve problemas com a glicose, estava muito alta

e como seu corpo não produz insulina suficiente para controlá-la. — Ela se calou quando Ethan e Elliot entraram.

— Abner, seu desgraçado, como pôde nos assustar assim, seu porra. — Elliot foi o primeiro a protestar.

— Seu maldito bastardo! — Ethan exclamou.

Bastardo.

Aquela palavra me trouxe a dura realidade. Eu a amava e ela me traiu. Tudo o que tinha acontecido nos últimos dias veio em minha mente.

— Somos — sussurrei.

Eles percebem como aquilo me afetou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner, você tem que conversar com ela e descobrir a verdade. — Ethan falou com cautela, mas eu o interrompo.

— Não quero falar sobre isso, esse assunto morre aqui — digo e eles bufam juntos.

—Mas, Abner, e si...

Alice começou a dizer.

— Não tem ‘mas’, esse assunto está encerrado. Não quero nem se quer ouvir falar no nome daquela mulher — digo irritado.

Eles se entreolham antes de acenarem concordando. Pelo menos naquele momento não falariam mais sobre ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouvi com atenção a repreensão do médico e seus conselhos. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Já tinha bebido demais quando sabia que meu corpo não poderia lidar com a ingestão de tanto álcool, ainda mais com o estômago vazio.

Quando fui liberado. Voltei para minha casa, sozinho. Consegui fazer com que eles me deixassem por um tempo depois de prometer que não voltaria a beber.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quarenta e Dois

Carolina Callejas

Minha situação era deprimente.

Ainda submersa sobre um mar de emoções devastadoras liguei para Jaque e pedi que cancelasse toda a minha agenda até segunda ordem. Não tinha capacidade de sair do meu sofá.

Tinha se passado dois dias em que estava trancada dentro de casa. Não atendi chamadas no meu celular e nem na minha porta. Não podia. Não queria ver ninguém. Sentia-me afundada em uma fossa funda e escura. E precisava ficar sozinha.

Minhas lágrimas tinham secado. Não havia mais

como chorar. Eu só precisava ser resistente. *Mas como?* Não era tão forte assim.

A solidão dentro de mim era tão grande que me deixava cada vez mais deprimida. Tristeza e mágoa me entorpeciam. Não tinha fome. Tentei comer, *juro que tentei*, mas vomitei tudo o que tinha ingerido. Acabei ficando somente com algumas bolachas e água, mas não fazia diferença.

Não tinha apetite.

Sabia que estava sendo descuidada. Meu bebê precisava que meu corpo fosse forte por ele. Mas não tinha tanta força assim para lutar. O barulho da campainha me despertou de meus pensamentos.

Tentei ignorar, mas a voz irritada de Max gritou do

lado de fora.

— Sei que está aí dentro. Abra essa porta, docinho, ou que Deus me ajude, porque eu vou arrancar essa merda daqui e deixar que o frio congele seu traseiro assim como está fazendo com o meu.

Dei um sorriso triste. Sabia que ele faria isto por pura vingança por deixá-lo no frio. Sentei no sofá em que estava deitada a horas e devagar juntei o cabelo em um coque frouxo acima da cabeça. Ajeitei a blusa larga que usava e levantei devagar, sentindo-me tonta. Usava uma calça de moletom e meus pés estavam descalços.

Caminhei devagar até a porta, ouvindo o som

PERIGOSAS ACHERON

insistente da campainha. Destranquei e abri a porta um pouco. Seria bom ter o colo de um amigo naquele momento. Precisava de ajuda para sair daquele sofrimento.

Max ainda estava apertando o botão da campainha e depois que parou me olhou preocupado.

— O que aconteceu com você? — arregalou os olhos. — Está horrível.

Não respondi, meus olhos foram atraídos pelos três pares de olhos azuis como os dele. Olhos tão lindos. Fiquei surpresa em vê-los ali na minha porta. Franzi a testa e depois me preocupei. Não tinha condições de ouvir mais acusações e enfrentar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brigas naquele momento.

— Carolina. — Ethan chamou minha atenção.

— Se vieram brigar e xingar, podem ir embora
— sussurrei derrotada. — Não tenho condições
neste momento.

Sentia-me esgotada.

— Não viemos brigar. — Elliot garantiu.

— Podemos entrar? Acredito que precisamos
conversar. — Alice disse gentil e educada.

Max acenou para mim, como se acreditasse
neles.

Suspirei cansada e dei um passo atrás abrindo
mais a porta para que eles entrassem. Prendi a

PERIGOSAS ACHERON

respiração quando senti um forte enjoo subir e, então, uma tontura. Minhas pernas bambas falharam. Arfei acreditando que encontraria o chão mais uma vez, mas mãos fortes me agarraram.

— Peguei você. — Ethan disse.

Fechei meus olhos sentindo-me completamente mal. Ouvia as vozes preocupadas deles, mas não conseguia me concentrar. Seus braços me ergueram do chão e me aconchegaram em seu colo.

Entendi que Max pediu que ele me colocasse no sofá e logo senti o acolchoado macio em minhas costas.

Os ouvia conversar preocupados e não

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguia reagir, era como se meu corpo não quisesse obedecer. Um tempo depois, senti uma toalha molhada em minha testa e abri os olhos.

— Graças a Deus você abriu os olhos, estava ficando em pânico. — Max disse sem esconder sua preocupação.

— Max — sussurrei fraca.

— Estou aqui, florzinha.

— Ele me chamou de traidora — choramingou.

Vi os olhos de Max arregalarem e ele ficar levemente pálido. Me encolhi no sofá esquecendo dos outros.

— Não pode ser.

PERIGOSAS ACHERON

— *No* me deixou nem falar — solucei. —
Nunca ouvi tanta crueldade em palavras como ele
fez comigo... O que vai ser de mim, Max... Estou
sozinha...

— Você não está sozinha. — A voz firme de
Elliot me fez olhá-lo.

Seu rosto não tinha nenhum traço do bom humor
que conheci.

— Abner é um idiota, mas você não está sozinha
— reafirmou. — Está me ouvindo, Carolina?

Acenei que sim e lágrimas desceram por minhas
bochechas me surpreendendo. Acreditava que já
havam secado, mas lá estava eu, chorando

novamente.

— Não chore, por favor. — Alice pediu e se ajoelhou na minha frente.

— Elliot está certo, você não está sozinha, Carolina. — Ethan disse e hesitou um pouco ao se aproximar. — Não quero ofender, mas tenho que perguntar. Você está realmente grávida do Abner?

— É claro que está, que pergunta é esta! — Max disse bravo.

— Como disse, não quero ofender, mas temos que ser cautelosos.

Eu ergui minha mão pedindo que ele se calasse.

— *No* estou ofendida — afirmei. — Estou

grávida e o pai é o Abner. *No* estive com outro homem.

Me sentei no sofá e encarei aquelas pessoas que me olhavam com tanta preocupação.

— *No* quero o dinheiro de vocês, Abner é o pai, mas pelo que entendi só biológico... já que ele acredita que *yo* o trai — tentei manter a voz firme.
— *No* preciso de um pai, *yo* vou dar conta do meu filho sozinha — murmurei minha última frase com dor no coração.

Ethan se aproximou e se sentou ao meu lado. Ele sempre parecia o mediador entre os irmãos e o que ganhou meu respeito. Com delicadeza pegou minha mão e suspirou.

— Eu sinto muito que tenha ouvido palavras tão duras e cruas de Abner — disse gentilmente.

Arregalei meus olhos, surpresa com suas palavras.

— Nós não sabemos o que ele te disse, mas temos a certeza de que foram palavras duras demais para ouvi-las. — Ele continuou e Elliot suspirou resignado.

— Não queremos reparar os erros de Abner, mas... nós o conhecemos, entende? — Elliot perguntou.

Acenei concordando.

— Entre nós, ele foi o que mais sofreu com a

vida, digamos assim. — Elliot contou. — Não que isto justifique suas atitudes, porém, ele tem dificuldade de confiar em pessoas.

— Principalmente mulheres. — Alice completou.

Ela se sentou no sofá e deixou que os irmãos continuassem a falar.

— Sim, principalmente com mulheres. — Ethan concordou. — Mas o passado é somente dele para compartilhar, não temos o direito de falar sobre algo que não nos pertence.

Funguei.

— Carolina, não espere por ele. — Elliot disse

sério. — Não espere que ele vá bater na sua porta e pedir desculpas, porque não vai fazer isto. Este é o Abner, orgulhoso demais.

Abaixei a cabeça derrotada. Em que eu tinha me envolvido? Por que me apaixonar por um homem tão complicado? Que não pensou duas vezes em massacrar meu coração com tanta crueldade.

— Você vai superar isto, florzinha. — Max tentou me consolar.

— Você o ama? — Alice perguntou.

Não olhei para ninguém, somente acenei com a cabeça incapaz de formar palavras. Eu o amava, mas fazia o possível e impossível para arrancar

aquele sentimento do meu coração.

— Estamos lhe dando o direito da dúvida, Carolina. Confiando em sua palavra. Acredite, não é fácil para nós esta situação, mais difícil do que imagina. — Ethan falou sério. — Mas não vamos lhe deixar desamparada.

— *No* quero o seu dinheiro — reafirmei ainda sem olhá-los.

Ethan apertou minha mão fazendo-me encará-lo. Seus olhos azuis, tão lindos, me traziam lembranças dolorosas. Lembranças de lindos e frios olhos gélidos me encarando com tanto ódio.

Olhos tempestuosos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabemos que não — acenou. — Você tem o nosso apoio, Carolina, vamos estar aqui com você — prometeu. — Sempre que precisar.

— Te levar ao médico. — Alice completou.

— E pra comer, pode ter um desejo no meio da noite e me ligar, que vou buscar na hora. — Elliot falou em tom de promessa me fazendo rir.

— Por que estão fazendo isto? Indo contra seu irmão — perguntei aflita.

— Não é porque ele é um idiota, que vamos ser também. — Alice afirmou e parecia brava, não comigo, mas com o irmão.

— Alice. — Ethan a repreendeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas é verdade — afirmou com teimosia.

— Sim, ele é um idiota, mas nós conhecemos a história dele, ela não. — Ethan protestou.

— Não justifica! — exclamou irritada.

— Não justifica, Alice, mas não podemos crucificá-lo depois de vermos tudo o que ele enfrentou. Não é justo com ele e, além do mais, somos uma família. — Elliot falou sério. — Ele é um cretino, mas tenho esperança que consiga enxergar seus próprios erros. Abner não precisa que nós fiquemos contra ele, não precisa de mais problemas, além dos próprios que carrega há anos.

— Elliot está certo, Alice, não estamos aqui para

falar dele. Vamos nos focar no que importa. —
Ethan disse ao perceber como aquela conversa
estava me afetando.

Sabia que Abner tinha um passado dolorido,
mas ouvir seus irmãos falarem, foi como enfiar
uma faca mais fundo em meu estômago. Não
consegua imaginar o que aconteceu com ele. Mas
isto não justificava o que fez comigo.

Não iria perdoá-lo nunca.

Nunca.

Ele não merecia meu perdão, depois de me tratar
com tanta crueldade.

— Você está muito pálida, Carol. — Alice disse

preocupada.

Olhei para ela e suspirei.

— *Estoy bien* — garanti. — Só um pouco cansada.

— Você não parece bem. — Max afirmou. — Acho que deveríamos te levar ao hospital.

— *No*.

— Carolina, tem certeza? — Ethan perguntou.

— *Sí*.

— Tem se alimentado direito? — Max perguntou curioso.

Ele me conhecia bem. Sabia que quando ficava deprimida não comia direito. Abaixei meu olhar e

não respondi.

— Vamos fazer você comer. — Elliot afirmou ainda sério.

Ele estava sério demais. Nem parecia o rapaz sorridente que conheci no coquetel. Mas a falta do seu sorriso só me mostrou o quanto estava sendo difícil para todos.

Eles conheciam o passado do irmão e sofriam com isto. O que não significava que apoiariam suas loucuras. E isto acabava machucando todo mundo. Suspirei cansada e deitei minha cabeça no encosto. Ethan ainda segurava minha mão. O olhei e ele sorriu, como se quisesse me dizer que ia ficar tudo bem.

Sí, esperava que ficasse tudo bem.

Capítulo Quarenta e Três

Carolina Callejas

Max me ajudou a subir de volta para o meu quarto. Deixei ele no closet e fui tomar um longo banho quente. Minha cabeça estava cheia. Uma leve dor dilatava em minhas têmporas. Meus pensamentos e lembranças estavam me deixando cansada demais. Cansada física e mentalmente.

“Pelo menos foi divertido me fazer de idiota? Sua maldita filha da puta achou que conseguiria meu dinheiro?”

Ainda podia ouvi-lo gritando comigo. Sua voz alta e forte como um trovão. Me cortando sem o

menor remorso. *Nunca iria perdoá-lo.* Chamou nosso bebê de bastardo, o meu bebê. *Só meu.* Poderia não ter ninguém ao meu lado nesse momento tão delicado, apesar dos meus amigos, mas daqui nove meses não estaria mais sozinha. Uma linda criança nasceria para me trazer muitas alegrias, valeria a pena todo o esforço.

Todo o sofrimento.

No entanto, nem mesmo esse pensamento fez com que me sentisse melhor. Ainda estava submersa naquele mar de emoções doloridas.

Minha alma estava ferida.

Saí do banheiro enrolada em uma toalha e

encontrei Max ainda no meu closet, estava me aguardando. Ele desencostou do armário e caminhou em minha direção com um olhar determinado. Segurou meu queixo e o ergueu.

— Não abaixe a cabeça — ordenou firme. — Sei que está doendo muito essa rejeição, mas você é uma mulher forte e incrível. Não precisa de ninguém ao seu lado para conquistar o mundo.

Meus olhos se encheram de lágrimas teimosas.

— Você tem todo o direito de chorar, docinho — disse suavemente. — Mas de cabeça erguida. Não deixe que ele te destrua por ser um idiota — franziu a testa. — Você não precisa dele. Não precisa de ninguém. Sempre terá seus amigos ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu redor para quando for necessário.

— *Gracias.* — Minha voz saiu rouca por causa do choro entalado na garganta.

Ele sorriu de leve e me envolveu em seus braços.

— Eu amo você, florzinha, não me agradeça por ser seu amigo.

O choro foi mais teimoso e saiu novamente. Solucei alto nos braços do meu amigo e ele me consolou por todo o tempo. Não me deixou sozinha. E foi bom compartilhar aquela dor com mais alguém. O fardo parecia estar sendo grande demais para aguentar.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de um tempo, me recompus. Vesti jeans, camiseta e sapatilhas. Enrolei o cabelo em um coque frouxo novamente e coloquei uma jaqueta de couro. Max me aguardou no quarto e não falou nada sobre minha aparência.

Somente pegou minha mão e juntos descemos de volta para minha sala onde meus convidados me aguardavam. Ethan estava concentrado em seu celular, Elliot balançava a perna impacientemente e Alice me encarava com um olhar de compaixão.

Seus irmãos levantaram o olhar e mais uma vez perdi o ar ao ver as cópias perfeitas do homem que tinha me devastado. Suas expressões estavam fechadas, depois de encarar meus olhos vermelhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era fácil ver que eu não estava bem.

Desviei o olhar e continuei descendo a escada.

— Que bom que está pronta, estou faminto. —

Elliot protestou e sorriu.

— *Perdón.*

— Não se preocupe com isto, Elliot está sempre com fome. — Ethan afirmou e revirou os olhos.

— Preciso manter esse corpinho. — Elliot disse fingendo ultraje.

— E que corpo. — Max falou sem vergonha do meu lado.

— Porra. — Ele xingou e seus irmãos gargalharam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que genética maravilhosa. — Max afirmou sem esconder a malícia.

— *Tô* fora!

Os dois exclamaram juntos nos fazendo rir.

— Vamos logo, minha sobrinha deve estar com fome. — Alice falou.

Irmãos fecharam a cara.

— Não é menina — afirmaram juntos.

— É sim! — Alice e Max protestaram.

— Menino.

— Menina.

— Menino.

— Menina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Menino.

— Menina.

— Ainda estou com fome — murmurei e eles pararam a competição.

— Venha, princesa, deixamos na sua cozinha as entregas. — Elliot ofereceu o braço.

Franzi a testa quando ele me chamou de princesa.

— Elliot. — Alice o repreendeu.

— Quê? — pareceu confuso. — Ela é uma gata, se Abner não quer, eu quero. *Neh*, princesa?

— Elliot! — Ethan e Alice o repreenderam juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como vocês são chatos — protestou.

Ele pegou minha mão e começou a me guiar para minha cozinha.

— Vamos, princesa, deixa esses invejosos pra lá.

— Você é impossível — digo e ele sorri.

— Faz parte do meu espírito livre — brincou.

Aquele era o Elliot que conheci. Com um sorriso travesso no rosto e olhos espertos. Acabei sorrindo concordando. E fomos para a cozinha. Assustei com a quantidade de comida diferente que tinha sobre minha mesa de jantar. Havia comida para um pequeno batalhão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabíamos do que gostava, então, pedimos um pouco de cada coisa. — Ethan explicou.

— Eu optei por sopa, já que não tem se alimentado direito. Mas eles não me escutam. — Alice protestou me fazendo rir.

— Sopa é coisa de doente. — Elliot afirmou.

Ethan concordou.

— Ela está grávida e não doente — concluiu.

Nos sentamos e cada um pegou o que mais gostava.

A conversa foi tranquila e me distraiu da tristeza. O tempo passou rápido na companhia

PERIGOSAS ACHERON

deles, o que foi bom. Comi pouco, não conseguiria forçar tanta comida em meu estômago frágil naquele momento. E ninguém insistiu. Sabiam que eu precisava de um tempo para me recuperar.

Os Stabler foram embora e Max ficou comigo. Logo depois Katia chegou, estava em um evento, ficou possessa quando soube da rejeição que sofri de Abner. Mas logo depois se acalmou ao perceber que não me fazia nada bem ficar revivendo e falando sobre ele.

Nos esprememos em minha cama e dormimos juntos.

Quando amanheceu, tive que passar por cima de Katia e correr para o banheiro. O enjoo matinal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava lá, lembrando-me de que agora gerava uma vida dentro de mim. Meus hormônios loucos me fizeram chorar mais uma vez quando pensei no bebê que eu e Abner fizemos juntos. Era dolorido demais e difícil esquecer.

Iria superar.

Meus amigos correram para me amparar e depois, me obrigaram a comer um café da manhã bem saudável. Fomos trabalhar juntos e a cada hora um deles aparecia com algo para que eu comesse. Até mesmo Fabricio, entrou na onda junto com Max, Katia e Jaque.

Eles não me deixaram sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim seguiu os meus dias.

Meus amigos e os Stabler me mostraram que não estava tão sozinha, assim como pensava. Mesmo com a solidão presa dentro de mim, eles não permitiam que me abatesse novamente. Não deixavam que me descuidasse. Me rodeavam o tempo todo.

O carinho e cuidado daquelas pessoas me deu forças diariamente, forças que eu não tinha, mas eles estavam lá para me sustentar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quarenta e Quatro

Carolina Callejas

Olhei no espelho e alisei minha barriga em cima do vestido azul que usava.

Dois meses.

Tinha se passado dois longos meses que não o via. Não que ele merecesse meu perdão, mas o amor ainda estava instalado dentro de mim como uma erva daninha. Eu o amava. Sentia sua falta, mas não queria sua presença. Era contraditório. Tinha plena consciência disto. Mas Abner não merecia nada de mim. Acredito que depois de suas palavras cruéis, ele não era digno nem mesmo de

pena.

Nem mesmo de pena.

No entanto, eu não conseguia odiá-lo.

O ódio era um sentimento muito forte para se ter dentro de si e eu não precisava disto. Estava levando um dia de cada vez, com calma e prudência. Focando somente em mim e em meu bebê. Nada mais merecia minha atenção.

Nada.

A campainha tocou, suspirei.

Dei uma última olhada no espelho e me senti bem. Ainda não dava para ver minha barriga, estava só levemente arredondada. Peguei o casaco

e desci devagar na escada por causa da sandália de salto.

Abri a porta e aqueles três pares de olhos azuis, idênticos ao que tanto me assombrava, me olhavam animados.

— Pronta? — Elliot perguntou sem esconder a animação.

— *Sí.*

— Vamos logo, estou muito ansiosa. — Alice afirmou.

— Está de salto. — Ethan afirmou fazendo uma careta.

— Ela está grávida, não doente. — Alice o

lembrou.

— Nós sabemos que ela não pode ficar usando sapatos de salto. — Elliot disse firme e ela revirou os olhos.

— E lá vamos nós para mais uma discussão — falei e revirei os olhos com impaciência.

— Não podemos arriscar, ela está grávida do nosso sobrinho. — Ethan protestou convicto.

— É menina, seu bastardo. — Alice disse brava.

— Menino.

— Menina.

— Menino.

Aquela era a mesma discussão de sempre. Tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

cansado de me meter entre eles. Aprendi bem rápido que um Stabler era muito teimoso para tentar controlar, imagine só, três deles juntos com opiniões diferentes. *Então?* Não é um resultado muito bom.

Às vezes me divertiam com suas discussões bobas e outras me enlouqueciam.

Peguei minha bolsa e passei por eles indo em direção ao carro que nos aguardava. Olhei para trás, eles continuavam com a discussão e nem perceberem que eu tinha saído.

— Vocês vão ou *no*? — perguntei alto.

Eles me olharam surpresos e correram em minha

PERIGOSAS ACHERON

direção.

...

Nos esprememos no consultório da doutora Beatriz mais uma vez. Eles já tinham vindo antes comigo e lotado o local. Como já havia dito antes, não queria dinheiro deles, então, não permitia que arcassem com minhas consultas. Claro que isto não os impedia de encher minha casa de presentes. Estavam ficando loucos com tantas coisas amarelas e brancas que compravam por não saberem o sexo do bebê. *E me deixando louca, grande detalhe.* Eu estava amando toda aquela atenção.

Depois de me trocar, fiquei deitada na maca aguardando que ela iniciasse o exame. Os Stabler

PERIGOSAS ACHERON

encostaram atrás de mim, para que não me sentisse constrangida com o exame. De onde estavam avistavam perfeitamente a tela do computador. Alice ficou ao meu lado e segurou minha mão carinhosamente.

— Pronta para vermos essa linda menininha? —

Ela perguntou sorrindo.

— *Sí.*

— Não é menina! — Ethan e Elliot exclamaram irritados.

— *No* vamos começar com esta discussão novamente, *Dios mio.*

— Vai lá, doutora, prove que estamos certos. —

Elliot pediu e seu irmão concordou.

— Vamos lá? — Doutora Beatriz perguntou ao deslizar sua cadeira para mais perto de mim.

Acenei concordando.

Ela passou o gel gelado em minha barriga e começou o exame. Sentia-me ansiosa para saber se estava tudo bem com o meu bebê. De repente me senti levemente triste. Abner perdia aquele momento por puro orgulho. Tentei não me abater. Era escolha dele não se aproximar mais. Não conversar comigo como adulto. Não acreditar em mim, mesmo que não tenha me dado a chance de falar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei e ignorei o olhar preocupado de Alice. Ela tinha percebido. Apertou minha mão devagar como se quisesse me confortar. Sorri agradecida e voltei a encarar a tela.

Logo fui pega de surpresa quando um barulho forte encheu a sala.

— É o coração dele? — Elliot perguntou parecendo muito surpreso.

— Sim, um coração forte. — A médica confirmou sorrindo.

Todos ficamos emocionados ouvindo e vendo ela nos mostrar o pequeno ser que se formava em meu ventre.

PERIGOSAS ACHERON

Tão pequenino e frágil.

Meu bebê.

Ela acalmou meu novo coração de mãe. Estava tudo bem com meu filho. Crescia da forma esperada e se desenvolvia perfeitamente. Me deixou ciente que mesmo alcançando os três meses de gestação, ainda existia o risco de aborto. Passou todas as suas recomendações dos cuidados em que deveria ter.

Quando ela perguntou se realmente queria saber o sexo do bebê acabei hesitando. Claro que os tios babões que me acompanhavam, queriam saber na mesma hora se era menina ou menino, e acabarem com aquela competição boba que existia entre eles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas meu coração tolo e sensível me fez dizer que não queria saber naquele momento. Os Stabler surtaram um pouco. Tentaram me chantagear para que permitisse que a doutora Beatriz contasse qual era o sexo, mas não cedi.

Eles me encararam cheios de frustrações me fazendo rir, mas logo entenderam o porquê. Mesmo que Abner não merecesse nada, nem mesmo consideração, eu o queria ali perto de mim.

Desejava que ele se importasse pelo menos um pouquinho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quarenta e Cinco

Abner Stabler

Sentei em meu escritório e virei minha cadeira para a parede de vidro atrás de mim. Suspirei frustrado e cansado. Fazia dois meses que não a via. Evitei até mesmo ler os relatórios diários que Luiz continuava me mandando. Não abri nenhum. Não queria vê-la. Doía muito sua traição.

Mas eu ainda a amava.

Amava mais do que queria aceitar.

Hoje meu temperamento não era um dos melhores. Sabia que meus irmãos estavam dando a ela todo o apoio que esperavam que eu fizesse. Isto

PERIGOSAS NACIONAIS

me fez sentir duas vezes traído. Queria ceder e engolir meu orgulho. Mas não podia. Não podia. Ela me traiu.

Mais uma vez tinha sido enganado.

As lembranças do passado me diziam que seria um tolo se não tivesse aprendido com o erro. Eu aprendi. Não cometeria o mesmo erro. Não mesmo.

Tentava não me lembrar dela. Do seu cheiro. Do seu gosto. Mas minha mente me lembrava a cada segundo o quanto ela me fazia falta. O que me deixava irado. Como se não bastasse ter me afundado na própria frieza, eu ainda me lembrava dela diariamente. A desejava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não voltaria atrás.

— Senhor Stabler?

A voz da minha secretária me faz concentrar novamente.

— Diga.

— Seus irmãos ainda não chegaram.

— Pode sair.

Ouvi a porta bater, peguei meu celular. Liguei para Marcelo. Antes que ele tivesse a chance de dizer algo eu o interrompi.

— Diga onde eles estão.

— Abner...

— Somente diga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me ordenaram a não contar.

— Marcelo — digo seu nome em tom de aviso.

O ouvi suspirar.

— Eles foram acompanhar a senhorita Callejas em uma consulta.

Desliguei sem dizer nada.

Novamente ela.

Fechei meus olhos tentando me acalmar. Mas teve efeito contrário. A imagem de Callie rindo e zombando de mim por ter acreditado nela, brilhou em minha mente. Logo lembro do dia em que vi o exame de gravidez de Carolina.

Era demais para suportar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que me desse conta, em um acesso de raiva, tinha destruído todo o meu escritório. Não havia ficado nada inteiro. Nada de pé. Nada. Era assim que me sentia.

Ainda podia sentir o gosto da humilhação do passado. A dor das horas de tortura que sofri.

Sentia-me ofegante.

Encostei as mãos na parede ao lado do banheiro e ouvi a porta se abrir.

— Abner! — Alice exclamou.

— O que você pensa que está fazendo! — Ethan exclamou preocupado.

— Vão embora — murmurei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner. — Alice tentou argumentar.

— VÃO EMBORA! — gritei sentindo o corpo todo tremer.

Uma mão pesada caiu em meu ombro e me virou. Antes que pudesse me defender, o punho de Elliot acertou meu queixo.

— Não nos trate como as vadias que saímos. — Ele exclamou irritado.

— Saia daqui — rosnei puto da vida. — Continuem dando apoio para aquela aproveitadora e virando as costas para mim.

— Não viramos as costas para você, seu bastardo idiota. — Ele gritou.

PERIGOSAS ACHERON

Nessa hora minha raiva esfriou. Fiquei chocado em ver Elliot gritar, ele nunca gritava ou perdia o bom humor. Sua reação me afetou mais do que imaginava. Meus irmãos me olhavam como se não me conhecessem.

— Até parece que é um fodido certinho! — gritou novamente atraindo minha atenção.

Ele respirou fundo como se buscasse por calma.

— Como se não tivesse esquecido de usar a porra de uma camisinha nenhuma vez — acusou.

— Se não quer arcar com as consequências de seus atos, tudo bem. Mas não nos trate como traidores de merda, porque somos seus irmãos. Sua família — apontou um dedo em meu rosto. — E pelo

menos nos trate com respeito.

Me afastei de Elliot, ainda o olhando nos olhos. Ele podia ver o quanto eu estava transtornado. E nos olhos dele eu só podia ver mágoa. Aquilo me derrubou. Estava tudo desmoronando ao meu redor e minha mente insistia em dizer que era culpa de Carolina. Mas eu era o único culpado. Não deveria ter permitido que ela se aproximasse tanto.

Não deveria ter me permitido amar novamente.

Aquilo tudo era minha culpa.

Passei por ele ainda cambaleando em meus pés. Mesmo tentando não demonstrar, eu estava transtornado. As lembranças estavam me

destruindo por dentro e por fora.

— Abner. — Alice choramingou e eu não a olhei.

— Aonde vai? — Ethan perguntou sério.

— Embora — murmurei.

Saí dali sem olhar para trás e eles não me impediram.

Capítulo Quarenta e Seis

Carolina Callejas

Os dias se passaram, mas os enjoos e tonturas não.

Uma semana depois da consulta, decidi que deveria tirar férias. Algo que não faço há anos. Então trabalhei duro para sair tudo perfeito. Comecei a treinar Katia para me substituir e aproveitei a animação de Fabricio para desafogar a agenda. Ele cobriu uma parte dos compromissos de Katia enquanto ela treinava comigo e depois assumiu tudo. Mostrando que dava conta do trabalho. Max também deu um jeito de pegar mais

PERIGOSAS NACIONAIS

compromissos e contratou um amigo seu para treinar de ajudante em suas sessões. Aconselhei Fabricio a fazer a mesma coisa, assim diminuía o trabalho e dividia igualmente.

Logo estava tudo em seu devido lugar e eu só tinha que esperar fevereiro, para minha tão sonhada férias de descanso.

O natal chegou e todos passamos na casa de tia Solange. Para aumentar minha preocupação, Xavier tinha sumido novamente. Greg me disse que era melhor assim, que ele ficasse distante ou poderia acabar trazendo mais problemas. Claro que eu não concordava com isto, mas não havia nada que pudesse fazer. Agora tinha que me preocupar com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

criança que crescia a cada dia mais em meu ventre.

Abner continuou longe. Não entrou em contato nenhuma vez. Aos poucos foi acabando minha esperança de que ele deixasse seu orgulho de lado. Tentava não me lembrar dele, mas era impossível. Cada vez que deitava minha cabeça no travesseiro ainda podia ouvi-lo gritar comigo. Gritar palavras tão duras e vil. Em contraproposta, sempre me lembrava dos bons momentos ao lado dele. Da forma que cuidava de mim quando vinha uma tempestade. Ou de como me segurou no cemitério no dia de morte de meus pais. Ele era o homem mais contraditório que conhecia.

E isto me cobrou altos preços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus amigos e os Stabler continuavam a brigar pelo sexo do bebê, o que rendia longas e divertidas discussões.

— Ainda não nos disse para onde vai. — Ethan falou se sentando ao meu lado e tomando minha colher de sorvete.

— Não vou deixar você ir se não me contar. — Elliot protestou e enfiou uma colher no pote de sorvete que eu segurava.

— Já disse que *no* vou contar.

— Por que não? Carol, não nos mate de ansiedade assim. — Alice protestou e puxou o sorvete para longe da gente.

PERIGOSAS ACHERON

Protestamos juntos por ela roubar todo o pote.

— Anda, Carol, diga onde você vai. — Ethan insistiu quase que impaciente.

Reviro os olhos.

— Vou viajar e descansar — digo calmamente.
— Férias!

Estava com cinco meses de gestação, tinha que aproveitar agora. Ou mais para frente minha médica não iria me liberar para viajar. Não queria dizer a eles, porque tinha a certeza que iam me seguir, ou mandar seus seguranças.

Fariam de qualquer forma.

Queria respirar ar puro. Aquela discussão durou

mais do que tinha previsto e quase acabei cedendo em suas insistências. *Dios mio*, como eles eram insistentes.

Ethan levou minha mala para o táxi. Alice me abraçou se despedindo depois que prometi que iria ligar e mandar mensagens informando como estava indo meu descanso. Ou se estaria me cuidando direito. Elliot me abraçou, mas logo se afastou quando sentiu o leve movimento em minha barriga.

— Você sentiu isto? — questionou com os olhos arregalados.

Quase revirei meus olhos para ele, claro que senti. Era a minha barriga se movendo, se não estivesse tão emocionada. A primeira vez que

PERIGOSAS ACHERON

sentia o bebê se mover.

— *Sí!* — sussurro emocionada.

— Ela está se mexendo. — Alice grita animada.

— Ele está se mexendo. — Elliot a corrige.

— Deixa-me sentir também. — Ethan diz e os três colocam as mãos na minha barriga saliente.

Meu bebê se mexe muito com o toque dos tios.

— Estaremos de olho em você. — Ethan e Elliot dizem em tom de promessa.

Capítulo Quarenta e Sete

Abner Stabler

Entrei em minha Ferrari, coloquei a chave na ignição e acelerei para fora da garagem. Eram nove da noite e tinha sido um dia muito longo. Estava cansado e poderia ter deixado Ricardo dirigir, mas desde minha última discussão com Elliot em meu escritório, venho procurando ocupar mais minha mente.

Pela manhã sempre faço minha rotina normal, vou tomar café da manhã na casa dos meus pais. Agora mais calado do que antes, mais distante do que já era. Meus pais perceberam, tentaram me

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer falar, porém, não abri minha boca. Não precisava envolver mais ninguém naquela situação. Dali, ia para o trabalho e ficava o máximo de tempo que conseguia. Chegava em meu apartamento e me trancava no escritório, lia e relia processos até a exaustão, quando enfim caía em minha cama em busca de um pouco de descanso os pesadelos vinham com força total, assombrando-me. Desde meu último ataque de raiva os pesadelos viraram coisas frequentes. Era como se o passado não quisesse me deixar em paz.

Eu estava perturbado. Mais do que imaginava.

Tinha me tornado uma casca oca e vazia.

— *Chamada de Elliot.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A voz feminina do computador de bordo me desperta de meus devaneios.

— Atender Elliot.

Um toque depois a voz do meu irmão encheu meu carro.

— Onde está?

— Indo para casa.

— Vamos sair? — questionou. — Ir em algum bar?

— Não.

Ficou em silêncio por um momento.

— Abner, você não está bem, porra.

— Estou bem, Elliot.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, não faz isto, não se afaste, não nos afaste! — exclamou preocupado.

— Elliot...

— Não tente negar! — vociferou. — Você está fazendo isto — acusou-me. — Se afastando, há uma semana eu não escuto sua voz, caramba! — exclamou. — E olha que nos vemos todos os dias na casa da mãe.

Suspirei sabendo que ele não me deixaria em paz até que falasse tudo o que queria.

— Você está errado —murmurou.

Parei o carro no sinal vermelho e perguntei.

— Em quê? O que estou fazendo de errado

PERIGOSAS ACHERON

agora?

— Afastando ela.

— Não quero falar sobre isto.

— Mas vamos falar.

— Elliot...

— Eu sou seu irmão e tem que acreditar em meu julgamento — disse firme. — Ela não é uma cópia da Callie. Eu e Ethan vimos o quanto estava sofrendo dois dias depois que você a humilhou. Ethan a segurou antes que desmaiasse, pelo amor de Deus! — exclamou. — Carolina estava trancada em casa desde que você tinha saído de lá. Eu vi os olhos dela cheios de dor, angustiados... tristes!

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco.

Aquelas informações me fizeram tremer.

— Estava fraca e mal nos olhava nos olhos — contou baixo. — Não erguia a cabeça para nos encarar, envergonhada demais com as emoções cruas estampadas em seu rosto — suspirou. — Se ela fosse igual a Callie, não se importaria em fazer uma cena e drama. Em exigir dinheiro. Carolina não nos permitiu nem mesmo pagar as consultas. E no início desviava o olhar para que não a víssemos chorar por sua causa.

Alguém buzinou atrás de mim, acelerei o carro e tentei focar minha atenção enquanto Elliot falava.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei que está sendo demais para você, Abner — disse preocupado e compassivo. — Sei que o passado está mais presente em sua mente do que deseja — podia ouvir o quão chateado estava. — Mas você está errado em julgar Carolina, pense direito. Você não esqueceu da camisinha nenhuma vez? — questionou. — Se você me afirmar que nunca esqueceu, juro que peço para ela fazer o teste de DNA — prometeu. — Se você esqueceu, então, te digo que é um idiota e está perdendo uma fase muito importante da vida de seu filho. Não seja orgulhoso, Abner, não se destrua, não destrua Carolina.

— *Chamada encerrada.*

PERIGOSAS NACIONAIS

O computador de bordo avisou. Ele havia desligado sem esperar por minha resposta. Sabia que suas palavras estavam me afetando demais para que pudesse dizer algo. De onde eu estava, até a garagem do meu prédio, fui no automático. Mal sabia o que estava fazendo. Minha mente tão cansada e perturbada.

As palavras de Elliot rondavam meus pensamentos, me perseguiam. Ele, por ser juiz, sempre tinha a tendência de avaliar as pessoas muito bem. Ethan era o que mais prestava atenção, mas nunca foi bom em julgamentos. Já Elliot, ele nasceu para analisar e julgar pessoas.

Sempre muito astuto e difícil de enganar.

PERIGOSAS ACHERON

“Eu sou seu irmão e tem que acreditar em meu julgamento.”

Estacionei o carro e saí dele levando minha mochila. Ricardo acenou para mim, mas não fui capaz de retribuir. Caminhei para o elevador e logo estava entrando na minha sala. Subi para o meu quarto e tirei minhas roupas no caminho para o chuveiro. Liguei a água morna e fiquei debaixo do jato por um longo tempo. Remoendo todas as palavras de Elliot. Um medo se instalou em meu peito. Medo de ter sido injusto e destruído Carolina como Callie fez comigo.

“... pense direito. Você não esqueceu da camisinha nenhuma vez?”

Naquele momento, eu não podia fazer tal afirmação. Suspirei e tentei recordar todas as vezes que estive com ela. Foram tantas. Eu tinha usado camisinha, *não tinha?* Estava frustrado por não ter a resposta.

Tentei me acalmar. Puxei longas respirações tentando limpar minha mente. Estava tão cansado, mas mesmo assim me esforcei. A primeira vez que estive com ela, em sua casa, tenho plena certeza de que usei caminha.

Quando voltei a encontrá-la?

Não me lembrava de início. Mas veio em minha mente a noite do coquetel. Estava incrivelmente linda, não conseguia levar meus olhos para longe

PERIGOSAS ACHERON

dela.

“Abner, devagar. Estou de saltos, no consigo correr, Dios mio!”

Ainda me lembrava perfeitamente de sua voz. Havia tanta elegância e sensualidade nela que me enlouqueceu. Sorri de leve ao levar a mão em minha bochecha. Aquele tapa tinha sido merecido e doeu, foi realmente forte.

Ela era uma mulher feroz, mas que sempre se enrolava com os idiomas quando ficava realmente furiosa. Aquela noite foi memorável, sem contar a parte em que eu fui um idiota inúmeras vezes, foi incrível tomá-la no banheiro e depois em minha casa. A raiva entre nós dois só deixava tudo mais

PERIGOSAS ACHERON

quente.

Arregalei meus olhos ao lembrar do nosso momento no banheiro. Ela tinha me deixado tão insano que eu me esqueci... esqueci... de usar camisinha.

POSITIVO. *Quatro semanas.* **POSITIVO.**
Quatro semanas. **POSITIVO.** **POSITIVO.**
POSITIVO. *Como foi me fazer de bobo? Ou planeja dizer que esse bastardo é meu filho?*

Ofegante e quase em pânico, sentia que desabaria no chão caso minha mente não me desse uma trégua.

“Nem tente, usei camisinha todas as vezes que

fizemos sexo.”

— Eu não usei camisinha, uma única vez —
murmurei sem ar.

Sentia-me sufocado. Fechei a água do chuveiro. Caminhei para o closet segurando as paredes, minhas pernas tremiam tanto que pensei que cairia sobre meu maldito traseiro. Coloquei uma cueca boxer e empurrei uma calça de moletom sobre minhas pernas trêmulas. Peguei a primeira blusa de mangas que encontrei e calcei chinelos enquanto saía do quarto. Precisava encontrar meu celular. Tinha o deixado na sala.

Assim que o peguei, respirava com dificuldade enquanto fazia a ligação.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aconteceu alguma coisa, Abner? — Elliot disse ao atender.

— Eu... Não usei camisinha... No banheiro... Do coquetel, Elliot...

— Você está bem? — perguntou preocupado. — Ainda dirigindo? Onde está? Abner?

— Não consigo... respirar...

— Onde você está? — quase gritou. — Porra, me diz logo.

Não respondi, desliguei o celular, e sem saber como, corri para o elevador. Ofegante e trêmulo. Alcancei meu carro e o fiz rugir pelas ruas. Não sei como consegui controlar aquela potente máquina,

PERIGOSAS ACHERON

mas por todo o caminho não vacilei. Precisava chegar até ela. Implorar seu perdão. Ou aceitar seu ódio, sua repulsa. Qualquer coisa.

Precisava chegar até ela.

Deus.

Foram quatro meses longe. Então ela estava grávida de cinco, ou pelo menos era o que achava. Não entendia direito. Não conseguia ter um pensamento coerente. Minha mente ficava me recordando de cada palavra dura e cruel que joguei sobre ela. Me lembrava de como ela me olhava em silêncio segurando o choro e suas emoções, porque eu tinha ordenado. Abro os lábios para deixar o ar entrar e acabei soluçando. Estava chorando. Mordi

os lábios com força e tentei me controlar.

“Não erguia a cabeça para nos encarar, envergonhada demais com as emoções cruas estampadas em seu rosto.”

A voz de Elliot encheu minha cabeça. Eu tinha a destruído da forma mais vil possível. Tinha feito muito pior do que me fizeram. Ela não merecia.

Pisei com força no freio e puxei o freio de mão. Esfreguei as mãos no rosto antes de saltar para fora. Ninguém da minha equipe tinha conseguido me acompanhar e eu não me importava. Corri até a porta dela e tomei fôlego. Antes que batesse a campainha, a porta se abriu me surpreendendo. Katia, amiga de Carolina, me olhava com fogo nos

PERIGOSAS ACHERON

olhos.

— O que faz aqui, seu idiota?

— Vim conversar com Carolina. — Meu tom saiu seco e ríspido.

Não queria dar satisfação para aquela mulher.

— Ela não está em casa.

— E aonde foi?

— Embora.

Ela trancou a porta e começou a caminhar para o seu carro.

— O quê? — perguntei com os olhos arregalados.

— Ela foi embora, você deveria fazer o mesmo e

não voltar nunca mais — disse irritada. — Você destrói todos que tem por perto, Stabler, fique longe da minha amiga. Bem longe.

Ela entrou em seu carro e me deixou ali chocado.

Embora? Ela tinha ido embora?

Novamente me senti em pânico enquanto caminhava para o meu carro.

Capítulo Quarenta e Oito

Abner Stabler

Apertei meus dedos sobre o volante com tanta força que ficaram brancos, mas não podia evitar. Estava tremendo. Nervoso. Em pânico. Respirava com força, parecia que tinha corrido uma maratona.

Ela tinha ido embora.

Eu a destruí. *Deus*. Eu a destruí.

Estava tão perdido em meus pensamentos que não percebi o caminho que fazia. Meu celular tocava incansavelmente e eu não atendi ninguém. Sabia que Elliot já tinha chamado Ethan e talvez até Alice, que eu tinha o preocupado. Mas naquele

PERIGOSAS NACIONAIS

momento não conseguia encará-los.

Pisei com força no freio do carro quando o estacionei de qualquer jeito. Saí arfando e pronto para desmoronar.

Entrei dentro da casa a procura dela.

— Abner, o que aconteceu? — perguntou meu pai. — Você está bem? Elliot estava te procurando preocupado.

Olhei para ele que arregalou os olhos.

— Santa merda, você está pálido.

— Minha mãe... Onde ela está?

Foi um esforço falar e não desmoronar ali na frente dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— No quarto.

Não esperei para ouvir o que mais tinha para dizer. Caminhei um pouco trôpego pelo caminho até o elevador, já que não conseguiria usar as escadas. Logo estava na porta do quarto deles. Abri e a encontrei sentada em sua poltrona lendo um livro.

Ela ergueu os olhos para mim e rapidamente viu que algo estava errado.

— Mãe — murmurei tentando chegar até ela.

No meio do caminho, senti minhas pernas tremerem e, então, caí de joelhos. Não conseguia mais segurar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner!

O tom assustado dela me deixou ainda mais aflito.

Ela se ajoelhou na minha frente e seus braços me rodearam.

— O que aconteceu, meu menino? — questionou preocupada. — O que aconteceu?

— Destruí alguém... que não merecia... fiz pior... do que fizeram... comigo.

Ela me abraçou forte e suspirou.

— Eu a destruí — murmurei.

— O que você fez, Abner? — questionou séria.

— Já passou da hora de cicatrizar suas feridas e

PERIGOSAS ACHERON

esquecer o passado, querido.

Suas palavras fizeram uma barreira de emoções dentro de mim se romper. Quando percebi, chorava forte em seus braços. Era como se as lágrimas que nunca derramei há anos estivessem saindo ali, agora.

Anos de dor reprimida.

Era tão forte o meu choro que me deixava ainda mais angustiado. Minha mãe me apertava e também chorava. Eu não aguentava mais. Não tinha mais forças para controlar minhas emoções. Não conseguia esconder minha dor. Sentia-me deprimido. E acreditava que todo aquele sentimento era pouco demais para mim. Merecia mais. Muito

mais. Por tudo o que fiz Carolina passar.

Sentia-me o pior homem de todos, cruel, um monstro.

Tinha feito tantas coisas graves desde que a conheci que vergonha não era suficiente para me expressar. Sentia-me completamente constrangido, indigno até mesmo do seu olhar.

Senti braços fortes ao meu redor, sabia que era o meu pai. Aquilo me fez sentir ainda pior, não pelo apoio deles, mas por mais uma vez trazer tantas preocupações. Quando não podia mais segurar minhas próprias merdas. Eles não mereciam que mais uma vez os decepcionassem. Não tinha mais volta. Não poderia voltar no tempo e consertar

PERIGOSAS ACHERON

meus erros. Já havia aprendido esta lição antes, porém, devo ter esquecido e acabei não pensando nas consequências de meus atos.

Quando consegui me acalmar já havia se passado muito tempo. Aos poucos fui juntando coragem para contar o que tinha feito. Meus pais me escutaram calados. Não conseguia olhá-los nos olhos. Não podia. Derramei sobre eles o mundo de coisas que sentia. Não escondi nenhum detalhe, nem mesmo as humilhações que fiz Carolina passar.

Para minha surpresa, acabei falando sobre o dia em que fui resgatado anos atrás. Nunca havíamos falado sobre aquele dia. Nunca. Mas eu não poderia

PERIGOSAS NACIONAIS

guardar. Tinha se passado tanto tempo, ainda me lembrava de cada detalhe daqueles terríveis dias. Meus pais não contiveram a emoção, mas não permiti que me consolassem. O meu passado me fez ser um homem desprezível e sem limites. Me moldou da forma mais dura possível e isto me transformou em um monstro sem coração.

Por causa do que me tornei, machuquei Carolina. Feri ela mais do que podia imaginar. A humilhei. Ofendi. Destruí. Insultei meu próprio filho. O reneguei. Desprezei os dois.

Não, eu não merecia nenhuma forma de consolo.

Meu pai não disse nenhuma palavra, eu sabia que ele estava decepcionado, mas que me entendia.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez até se culpava pelo passado. Minha mãe me surpreendeu com três tapas fortes em meu braço. Me xingou por ser irresponsável e esquecer de usar camisinha. Mas depois me abraçou com carinho, me disse que iria me apoiar e estar ao meu lado quando decidisse ir atrás de Carolina.

— Vem, levante-se, Abner, vamos tomar um café. — Ela disse e sorriu para mim gentilmente.

Acenei concordando e levantamos.

Ela abraçou minha cintura e eu passei meu braço por cima de seu ombro. Descemos assim. Não me sentia melhor. Pelo contrário, parecia que o peso em meus ombros aumentaram. Encontrei o olhar do meu pai e ele sorriu como se quisesse dizer que

ficaria tudo bem. Nada ficaria bem. Mas acabei acenando para ele, concordando.

Chegamos na cozinha e minha mãe me soltou quando viu Ethan e Elliot sentados lá junto com Alice. Ela se aproximou deles como quem não planejava nada e antes que pudessem protestar, já tinha agarrado a orelha dos dois.

— Porra.

Xingaram juntos.

Encostei no armário e fiquei observando.

— Ai, mãe. — Ethan resmungou.

— Não sei o que aconteceu, mas juro que não fui eu. — Elliot disse e fez uma careta quando ela

apertou mais sua orelha.

Alice riu alto achando graça de ver os dois se ferrando com aquele puxão de orelha.

— Quem vai ser o primeiro a apanhar? — Ela perguntou brava.

— Merda, mãe, isto dói. — Ethan protestou.

— Olha a boca, garoto. — O recriminou. — Qual dos três iam me contar que seu irmão estava sendo um idiota e que eu vou ganhar um netinho ou netinha?

Eles me olharam surpresos e eu dei de ombros. Não queria falar sobre o assunto. Ainda não.

— Respondam logo! — ordenou muito brava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe, nós não falamos nada porque tínhamos esperança de que ele mesmo falasse. — Ethan responde.

Ela não os soltou.

— É, mãe, nós a acompanhamos em tudo e não deixamos que corresse nenhum perigo. — Elliot diz. — Agora solta.

— Mãe. — Alice a chamou. — Só faltava Abner acreditar nela, Carol é uma boa pessoa e não merecia passar por tudo isto — disse me olhando.

Suspirei e desviei o olhar. Meu estômago revirou, enjoado com tudo o que eu tinha feito. Desencostei do armário e saí da cozinha enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvia Elliot implorar para que nosso pai convencesse a mamãe a soltá-los.

Precisava ficar um pouco sozinho.

Subi as escadas e entrei no meu antigo quarto. Suspirei sentindo-me cansado. Abri a varanda e me sentei do lado de fora. Estava frio, muito frio, mas não me importei. Cruzei os braços e fiquei encarando o nada, sentia-me vazio.

Completamente vazio.

Um tempo depois, ouvi a porta abrir e os passos deles.

Meus irmãos gêmeos.

Eles pararam atrás de mim como se não

PERIGOSAS ACHERON

soubessem o que falar.

— Desculpe-me por ter gritado com vocês no meu escritório — murmurei incapaz de falar mais alto.

— Abner, não temos o que desculpar. — Ethan disse e se sentou do meu lado seguido de Elliot.

— Somos uma família, não há o que desculpar.
— Elliot falou e se esticou sobre o banco.

Ficamos em silêncio, por mais que quisesse ficar sozinho, não me importava com a presença deles. Talvez seja como Alice sempre falava, que ainda existia um cordão umbilical imaginário nos ligando. Eu não era tão idiota sempre. Sabia que

PERIGOSAS NACIONAIS

eles estavam sofrendo comigo, sempre foi assim. Sempre compartilhamos a mesma dor, mesmo que um de nós seja um bastardo idiota, no caso eu.

— O que aconteceu, Abner? — Ethan perguntou. — Você deixou Elliot preocupado.

— Entrei em pânico — respondi sem encará-los.

— Você se lembrou. — Elliot afirmou.

— Sim.

— Não usou mesmo camisinha? — Ethan questionou.

— Não.

— Abner. — Ethan disse baixo, mas era uma repreensão.

PERIGOSAS ACHERON

Estava sendo evasivo e sabia disto.

— No coquetel — disse baixo. — Fomos para um toalete e tivemos uma briga feia. Acabamos fazendo sexo e eu não usei camisinha — contei. — Estava louco. Aquela mulher me tirava do sério e ela ainda havia me acertado um tapa na cara. Enfim... não usei — resmunguei. — Exatas quatro semanas depois encontrei o exame que ela tinha feito no hospital, grávida de quatro semanas.

— Seu filho. — Elliot afirmou.

Acenei com a cabeça e continuei olhando para o nada, perdido demais com aquela reviravolta.

— Você a machucou profundamente. — Ethan

disse.

Acenei concordando, eu tinha feito aquilo.

— Mas precisa conversar com ela, Abner, precisa se abrir, ser sincero. Talvez ela te escute...

— Ela foi embora, Elliot — informo.

— Embora? — Os dois perguntaram surpresos.

— Sim, fui na casa dela antes de vim aqui e a amiga dela me disse que ela tinha ido embora.

— Não é possível. — Ethan murmurou.

— Ela não foi embora. — Elliot afirmou convicto.

Olhei para ele e franzi a testa confuso.

— Ela viajou de férias, disse que queria viajar e

descansar um pouco, já que logo não poderia entrar em um avião por causa da gravidez avançada. — Ele explicou.

— Você a ama, Abner? — Ethan perguntou sério.

— Sim, desde o dia que coloquei meus olhos sobre ela no saguão do nosso prédio.

Passei as mãos pelo cabelo e soltei o ar com força.

— Não queria amá-la, lutei contra isto — confessei. — No dia em que soube de sua gravidez, estava indo vê-la porque soube que tinha passado mal e ido ao hospital. No caminho, eu estava tão

preocupado que percebi que não adiantava mais negar, tinha me apaixonado por ela... então...

— Descobriu a gravidez, lembrou do passado e surtou. — Elliot completou.

Acenei concordando.

— Acreditou que ela tinha te traído, já que sempre usou camisinha. E a única vez que não usou, não lembrava — disse Ethan.

Acenei concordando novamente.

Apoiei meus cotovelos sobre os joelhos e escondi meu rosto em minhas mãos. Estava perdido. Cheio de emoções e sentimentos enlouquecedores. Não sabia o que fazer. Como

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer. Ou o que dizer. Sentia um peso maior em meus ombros da culpa que carregava quando relembrei que ela estava grávida.

Um filho. *Deus*. Um filho.

— Vamos te ajudar a reconquistá-la. — Ethan prometeu e bateu a mão em minhas costas.

— Missão “*Carol volta para o Abner*” em ação.
— Elliot brincou.

Não me senti animado.

Carolina merecia alguém melhor do que eu. Não poderia pedir que me perdoasse. Não poderia pedir nada.

Talvez que me escutasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quarenta e Nove

Abner Stabler

Acabei ficando na casa dos meus pais. Minha mãe insistiu muito, me venceu pelo cansaço. Na hora do jantar estávamos todos juntos. Eles conversavam animados e contaram que ainda não sabiam o sexo do bebê. Que Carol não deixou que a médica contasse. Cada informação que davam sobre ela e *nosso filho*, me deixavam ainda pior.

Mas eles não pararam. Principalmente Alice, ela sempre falava me olhando. Como se quisesse esfregar na minha cara tudo o que eu havia perdido. Meus pais ouviam animados e meus irmãos me

encaravam preocupados. Sempre desviava o olhar e voltava a encarar o prato que não tinha tocado.

Não tinha apetite.

Alice não parou em nenhum momento. Também não pedi. Não tinha esse direito. Fiquei quieto, ouvia tudo calado. Sentia-me rígido sentado naquela cadeira, enquanto ouvia as histórias que ela contava.

— Carol é a mulher mais forte que conheço. — Ela disse me encarando, desviei o olhar mesmo sabendo que ela estava certa.

Carolina era a mulher mais forte que eu conhecia.

— Ainda é órfã. Deus, como ela consegue...

E assim foi durante toda a refeição. Eu não tinha apetite, mas fiquei na mesa até que todos tinham comido, como fomos criados. Ninguém saía até que todos tivessem terminado. Quando vi que estavam satisfeitos me levantei devagar, murmurei um pedido de licença e fui para o meu quarto.

Deitei sobre a cama ainda com as mesmas roupas que tinha vestido em meu apartamento. Um tempo depois Elliot apareceu para perguntar se eu estava bem, somente acenei que sim e ele me deixou sozinho.

Ethan apareceu cinco minutos depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fique chateado com Alice, ela só queria se vingar pelas coisas que fez — disse conciliador.

Acenei para ele ainda sem dizer nada.

— As mulheres tem tendência em se unir para...

Ele parou de falar quando percebeu que eu não estava chateado com a caçula, somente perturbado demais para respondê-lo ou formar palavras.

— As coisas vão se acertar, Abner — disse antes de sair do meu quarto.

Continuei ali por um longo tempo até a próxima visita. Minha mãe beijou minha testa e se retirou sem dizer nada, junto com o meu pai. Tentei dormir um pouco, mas não consegui. Deixei as cortinas

PERIGOSAS ACHERON

abertas e assim poderia ver o céu.

Pela madrugada, uma pessoa entrou devagar. Estava deitado de lado e ainda acordado quando ela se deitou atrás de mim e abraçou minhas costas.

— Me desculpe. — Alice murmurou.

Segurei sua mão em minha barriga e fiz um carinho em seus dedos.

— Não deveria ter feito aquilo — disse ela.

— Não fez nada de errado — sussurrei para ela.

— Abner...

— Não fez nada de errado — repeti em um sussurro.

Eu sabia que estava calado aquele tempo todo

para não me quebrar em lágrimas de novo. Parecia patético demais, um homem como eu chorando. Mas não conseguia evitar. As mãos de Alice me apertaram quando sentiu meu corpo tremer com o choro contido.

— Me perdoe, Abner, por favor, não tive a intenção de fazê-lo ficar assim.

Somente acenei com a cabeça, não podia abrir a boca. Mordi os lábios com força que cheguei a cortá-los com os dentes. Alice não tinha culpa de nada. Ela não fez nada de errado. Aquela aflição toda era o peso da minha culpa.

Quando ela soluçou, eu me virei na cama e a abracei. Não falamos mais nada, às vezes ela pedia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desculpas, mas para mim era um pedido sem razão. Meia hora depois Alice tinha adormecido aconchegada ao meu peito.

Beijeí seus cabelos e continuei ali acordado. Perturbado demais naquele turbilhão de pensamentos e lembranças para poder descansar.

Pela manhã, Ricardo me entregou um terno limpo e depois de me arrumar, fui de volta para cozinha. Elliot e Ethan estavam assediando Rose. Alice e mamãe conversavam. E meu pai lia seu jornal enquanto bebia um café.

Beijeí Alice e depois minha mãe. Fui até Rose e lhe dei um beijo na bochecha.

PERIGOSAS ACHERON

— Também quero beijinho, Abner. — Elliot me provocou.

Somente acenei para ele e fui me sentar. Todos me encaravam preocupados, mas não tinha o que falar para acalmá-los ou distraí-los de suas preocupações.

Meu pai me deu um jornal e eu aceitei de bom grado. Servi uma xícara de café puro e antes de olhar as folhas de jornais, meus olhos encontraram os de Alice. Ela estava visivelmente aflita e parecia ainda se culpar por ontem.

— Está tudo bem, Alice — murmurei para ela que suspirou preocupada.

Desviei meu olhar para o jornal e o café correu surpreendentemente tranquilo. Ethan atualizou o papai sobre os negócios e Elliot fez algumas gracinhas. Alice comentava sobre sua nova coleção para mamãe e Rose.

Aquilo me fez relaxar um pouco. Eles estavam se esforçando para que eu não me perdesse em pensamentos novamente como foi no jantar. Alice não me provocou em nenhum momento e também não falou sobre Carolina e o bebê, que ela jurava que seria menina.

Mas eu estava perdido desde ontem, quando atendi Elliot em meu carro. Quando deu hora de irmos para o trabalho todos se despediram. Parei na

frente do meu carro e Elliot apareceu do meu lado junto com Ethan.

— Vai dirigir? — Ethan perguntou.

— Sim.

— Vamos no meu carro. — Elliot pediu.

— Não estou indo para o prédio — murmurei.

Me olharam confusos.

— Aonde vai? — Ethan perguntou.

— Não prefere que Ricardo dirija? — Elliot perguntou preocupado.

Era fácil visualizar meu cansaço. Não tinha dormido nem meia hora durante a noite, mas dirigir sempre me ajudava a distrair a mente, não abriria

mão disto.

— Estou indo no escritório de um psicólogo —
contei. — Tenho um horário marcado.

Eles arregalaram os olhos surpresos, abri a porta
do meu carro e antes de entrar disseram juntos.

— Vamos com você.

Eu ia tentar negar, mas o olhar determinado
deles me parou. Seria perda de tempo insistir em
algo que eu sabia que me venceriam pelo cansaço.

...

Eu e Ethan subíamos no elevador em silêncio.
Depois da minha primeira sessão de terapia com o
doutor Green, eles participaram da sessão. Seria

ridículo impedi-los de tal coisa. Éramos trigêmeos e nos conhecíamos muito bem, não havia segredos. Eu só precisava de uma ajuda profissional para aprender a lidar com os meus problemas, meu passado, meus sentimentos, meus acessos de raiva.

Elliot foi para o fórum e eu vim junto com Ethan para o prédio.

— Você está muito calado, Abner. — Ele disse depois que as portas fecharam. — Você está sentindo alguma coisa?

— Eu não sei, Ethan, eu não sei.

Olhou-me nos olhos como se procurasse por alguma coisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está ficando pesado demais para suportar, não é mesmo?

— Sim.

— Alice não queria magoá-lo ontem.

— Eu sei.

— Mas tudo o que ela disse aumentou ainda mais o peso que carrega.

Não respondi, somente aguardei que continuasse a falar.

— Não vou passar a mão na sua cabeça, Abner, todos sabemos que o que fez foi muito grave — disse compassivo. — Mas ninguém tem o direito de crucificá-lo, ou ficar tocando em suas feridas como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alice fez ontem.

— Eu não me importo, Ethan.

Ele estreita os olhos para mim.

— Mas eu me importo — afirmou. — Não aceito que ninguém fique te provocando ou jogando na sua cara seus pecados. Cada um cuida da sua própria culpa. Repreendi Alice ontem por isto, seus problemas com Carolina, devem ser resolvidos somente com ela. Não devemos te julgar.

— Não se preocupe com isto, Ethan.

Ele ficou na minha frente e segurou meus ombros.

— Eu já o conhecia muito bem, sem saber o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passou naqueles dias, anos atrás. Hoje depois de ouvir tudo o que contou, eu não aceito que ninguém te julgue. — Determinação brilhava em seus olhos. — Não por pena ou qualquer coisa do tipo, mas porque percebi o tamanho da marca que o seu passado deixou em você.

Acenei com a cabeça.

— Vai ser difícil, mas acredito que consiga reconquistá-la — sorriu. — Afinal, quem resiste a um Stabler?

— Ninguém — respondi e sorrimos.

Sáímos do elevador e caminhamos juntos para minha sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos olhar sua agenda e depois vá para casa descansar um pouco.

Abri a porta do escritório e me senti tenso ao ver minha cadeira virada para a parede de vidro. Ethan não perdeu tempo em sacar sua arma, fiz o mesmo quando a cadeira girou e Gregory me encarou.

Não parecia nenhum pouco afetado com o fato de estarmos apontando para ele.

— Lugar bacana, *mano*. — Ele disse.

— Que porra é essa? — Ethan perguntou tenso.

— O que está fazendo aqui, Gregory? — perguntei e ele fez uma careta.

— Porra, só Greg.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me respondeu — digo.

— Conhece esse cara? — Ethan perguntou.

— Sim, primo de Carolina, Gregory.

— Só Greg, caramba! — exclamou.

— Vou dar um tiro nele se não falar como entrou aqui — digo firme.

Ethan concorda.

— Acho que também vou fazer um furo nele, só pela ousadia. — Ethan falou.

— Porra, não atirem em mim.

— O que está fazendo aqui? Se não me responder, vai respirar pela testa nos próximos cinco segundos — digo e dou dois passos para

PERIGOSAS ACHERON

dentro.

— Vim falar sobre a Carol.

O observei por um segundo antes de decidir.

— Ethan, o reviste que eu te dou cobertura.

Meu irmão acenou concordando. Guardou a arma na cintura e puxou Gregory da minha cadeira, fazendo-o se inclinar sobre a mesa. Greg era grande, mas não igual a Ethan. Ele resmungou alguns protestos sem esconder sua irritação. E depois meu irmão o jogou sobre a cadeira na frente da mesa. Me sentei em meu lugar e coloquei minha arma sobre a mesa apontando na direção dele.

— Eu venho ajudar e você faz está merda. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele reclamou.

— Deveria me ligar e não invadir meu prédio de segurança máxima — retruco.

— Como entrou? — Ethan perguntou e parecia muito puto.

— Foi difícil, vocês não brincam com essa coisa de segurança.

— Não me enrole, o que veio falar sobre Carolina? — perguntei direto ao ponto.

Ele coçou a cabeça e pareceu irritado, seus olhos brilharam em fúria e aquilo me deixou tenso.

— Xavier.

— O que esse imbecil fez? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi torturado e quase morreu.

— O quê? — Eu e Ethan perguntamos juntos.

Greg franziu a testa.

— Estranho, essa coisa de vocês falarem juntos.

— Seja direto — ordenei.

— Não me dê ordens.

Olhei com impaciência para ele.

— Tudo bem, o assunto é realmente sério —
acenou irritado. — Matsueda descobriu que ele
tinha uma irmã depois de dizer que queria sair da
gangue. Como sabe, ele não iria sair vivo —
afirmou. — Mas o japa começou a torturá-lo, o
idiota não aguentou e acabou falando que você,

PERIGOSAS NACIONAIS

Stabler, tinha um caso com a irmã dele. Que arrumaria um jeito de que ele se vingasse pela prisão do irmão.

— Porra. — Eu e Ethan falamos juntos.

Franziu a testa.

— Como disse, estranho essa coisa — riu. — Mas o japa deixou Xavier vivo, como pagamento ele quer sua cabeça. Então...

— Ele vai atrás de Carolina para me atingir — afirmei.

— Sim, mudou o foco por causa do seu nome.

— Eu vou matar o Xavier — bradei furioso.

— Entre na fila. Sei que ele estava sobre

PERIGOSAS ACHERON

pressão, mas devemos proteger a família primeiro, caramba. — Greg disse e se levantou. — Não posso ficar mais por aqui, vou atrás de Xavier e você protege Carol — ordenou. — Não seja um bastardo e conserte as coisas, ela não merece criar um filho sozinha porque você não sabe lidar com suas merdas.

O olhei surpreso.

— Não estou sempre com ela, mas Carol é da família — deu de ombros. — Minha irmã de coração, sei tudo o que acontece com a família, estou sempre de olho.

Dizendo isto, ele saiu pela porta da frente despreocupado. Encostei na cadeira e estremeci

PERIGOSAS ACHERON

quando a minha raiva se tornou medo.

Medo de que algo acontecesse a ela e ao nosso bebê.

— Precisamos encontrá-la — digo aflito.

Ethan acenou concordando.

— Vou ligar para Elliot, precisamos montar um esquema novo de segurança para protegê-los.

Olhei para minhas mãos que tremiam.

— Vamos buscá-la e proteger a sua nova família, Abner. — Ethan prometeu. — Vamos manter sua mulher e seu filho em segurança.

Ele disse tão firme que quase acreditei mesmo que eram minha nova família. Isto não durou

PERIGOSAS NACIONAIS

muito, logo os meus ombros pesaram com a culpa de tudo que causei a Carolina. Ela poderia até aceitar a nossa segurança e proteção por prudência, mas não me aceitaria.

Cobri o rosto com as mãos, minha cabeça dilatava de dor enquanto eu me sentia o maior perdedor do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta

Carolina Callejas

Respirei lentamente apreciando o cheiro do mar. Era sete da manhã e eu estava deitada em uma das espreguiçadeiras na Praia do Forte, no estado da Bahia, Brasil. Tinha assistido o amanhecer e me sentia renovada. Havia três dias que estava naquele paraíso e não queria ir embora nunca mais.

Por trás das lentes escuras de meus óculos, observava o horizonte. Aquele lindo mar se encontrava com o azul tão belo do céu. Sentia-me em completa paz. O vento trazia um frescor vindo do mar e os coqueiros ao meu redor faziam uma

sombra perfeita.

Sabia que logo o calor estaria insuportável, por isto sempre levantava cedo e apreciava o máximo a praia, antes de precisar me abrigar em um lugar mais fresco. Estava grávida de cinco meses e não poderia ser imprudente passando horas demais sobre os raios solares. Apesar de que estar amando toda aquela Vitamina D entrando em minha pele.

Aquele paraíso me fez esquecer todos os meus problemas e me fazia feliz.

O leve movimento em minha barriga me fez sorrir. Acredito que meu bebê também esteja feliz com aquelas férias. Alisei a barriga em um gesto carinhoso, hábito que tinha pegado desde que

PERIGOSAS ACHERON

descobri que não estaria mais tão sozinha no mundo.

Um funcionário do hotel se aproximou trazendo água de coco gelada e suco natural para mim. Agradei e ele me informou que mais tarde teria um trio elétrico passando ali por perto. Sorri agradecida pela informação e ele se retirou indo buscar as frutas que pedi.

Fechei meus olhos e me concentrei somente no barulho das ondas no mar. Somente as ondas. Completamente relaxada e tranquila.

Alguns minutos depois, o funcionário voltou e com um sorriso gentil deixou o meu pedido sobre a mesinha ao lado. As frutas estavam geladas e

PERIGOSAS ACHERON

docinhas, gemi de apreciação.

Sorri ao ver uma criança correndo pela praia, parecia ter uns três anos. O garotinho gargalhava animado quando sentia a água gelada em seus pequenos pés. Logo se aproximou uma moça rindo para ele, estava grávida e parecia no fim de sua gestação. Ela pegou nas mãos dele e o ajudou pular ondinhas. O garoto riu alto e gritou algo que fez meu coração parar.

— Papai.

Seu grito era tão contagiante e feliz, que me fez encolher. Um rapaz alto e moreno correu até eles e depois de beijar a mulher, começaram a brincar na água como uma família feliz faria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti meu estômago revirar quando desejei que Abner estivesse ao meu lado. Senti meu coração se afundar no meio de minhas decepções. Aquilo nunca seria possível. Ainda estava muito magoada com ele e além de tudo, Abner nunca deixaria seu orgulho de lado para ficar comigo. Ou até mesmo, nunca cederia cinco minutos do seu tempo para me escutar. Eu jamais o trai, nem em pensamentos. Me ofendeu muito que ele tivesse cogitado e afirmado tal coisa. Nosso filho(a), ou melhor, meu bebê, nunca teria a alegria que aquele garotinho irradiava. A de ter um pai ao seu lado.

Tomei um pouco da água de coco tentando desviar meus pensamentos do caminho que

PERIGOSAS ACHERON

seguiam. Olhei para o horizonte novamente, não queria pensar nele, não iria.

Não permitiria que ele estragasse minhas férias!

Depois de algumas horas, o sol tornou quente demais para que ficasse ali. Fiz um breve mergulho no mar e fui para o meu quarto. Tomei um banho gelado para refrescar e vesti um biquíni preto e um short jeans curto. Fiquei feliz por fechar o botão, era algo raro quando se tratava de jeans, comprei aquele short antes de viajar, mas minha cintura mudava constantemente fazendo ser mais fácil usar roupas de elásticos ou vestidos, o que era um pouco frustrante.

Peguei meus óculos escuros e deixei os cabelos

soltos.

No caminho para fora do hotel o funcionário que sempre me atendia acenou sorridente, retribui seu aceno e fui caminhar na calçada fora do hotel.

Sempre debaixo das árvores procurando por sombra, caminhei por alguns minutos até encontrar a fonte do barulho que dava para ouvir há quilômetros. Um trio elétrico puxava uma pequena multidão. Era época de carnaval no Brasil e as pessoas se divertiam fantasiadas ao som de Axé pela rua.

Sorri divertida ao ver um rapaz vestido de mulher, com maquiagem e peruca. De cima do trio pessoas jogavam confetes no grupo que o seguia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Crianças passavam com suas fantasias e corriam jogando serpentinas para cima. Levantei meu óculos para os cabelos e fiquei em um canto longe da confusão observando todos.

— Uma mulher tão bonita como você deveria estar lá no meio deles, dançando.

Olhei para o lado e um rapaz sorria para mim.

— Prefiro ficar fora — digo e estreito os olhos para o rapaz.

Era bonito. Não tinha como negar. Pele bronzeada e muitos músculos.

Ele olhou para minha barriga exposta e depois para minha mão, provavelmente procurando por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma aliança. Minhas bochechas esquentaram sobre seu olhar avaliador.

— Sem nenhuma aliança — disse em tom de brincadeira. — Sou Henrique.

— Carolina — ofereci meu nome ainda desconfiada de sua aproximação.

— Muito prazer, Carolina — disse e beijou minhas bochechas.

Não respondi e nem correspondi. Sabia que era um costume cumprimentar pessoas com beijos no rosto, mas não me sentia à vontade para tal coisa. Ele sorriu como se não se importasse e levou a lata de cerveja que segurava aos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Voltei minha atenção para as pessoas e o trio elétrico, acreditando que ele se cansaria e logo se afastaria. Era quase ridículo, se aproximar de uma mulher grávida acreditando que conseguiria alguma coisa.

— Posso perguntar por que uma mulher tão linda como você faz aqui sozinha? — questionou.

— Pelo sotaque sei que é de fora.

Suspirei.

Ele não me deixaria em paz.

— Férias.

— Sem marido ou namorado?

— Somente *yo* e meu bebê — respondi e ele

PERIGOSAS ACHERON

pareceu satisfeito.

— Então, Carolina, o que eu deveria fazer para conseguir beijar sua boca?

Arregalei meus olhos surpresa com sua pergunta direta. Seu olhar presunçoso me irritava um pouco. Antes que pudesse lhe dar uma resposta mal-educada e o despachasse, alguém respondeu por mim.

— A única coisa que vai beijar será meu punho se não se afastar da minha mulher!

Levantei o olhar e atrás do rapaz estava Abner se projetando nas costas dele, pronto para iniciar uma briga.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava chocada com sua presença que nem percebi a forma possessiva em que ele disse que eu o pertencia. Vestido com uma bermuda bege e uma camiseta preta, esbanjava perigo e sensualidade. Seus cabelos estavam bagunçados por causa do vento e seus olhos escondidos atrás de um óculos escuro. Mas continuava lindo, como sempre.

Porém, ao encará-lo ainda podia me lembrar de seus olhos tempestuosos enquanto gritava comigo e me humilhava. Vê-lo me causou dor. Ele não deveria aparecer quando o que eu mais queria, era esquecê-lo.

Mesmo que meu coração fraco e traidor dissesse o contrário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta e Um

Abner Stabler

Esfreguei as têmporas, o cansaço daquele dia parecia não terminar nunca. Tentei dormir um pouco, mas foi impossível. Ethan e Elliot estavam na minha frente com suas poltronas inclinadas e já dormiam há horas.

Perdi a noção do tempo em que permanecia dentro daquele avião. Estávamos indo ao Brasil, buscar Carolina, sentia-me ansioso e preocupado. Não sabia se alguém chegaria primeiro e lhe causaria algum dano. As ameaças contra ela eram mais sérias do que imaginava e aquilo me

enfurecia. Seu irmão deveria ter sido mais duro, suportado mais, e não colocado uma sentença de morte sobre a cabeça dela.

Nos assentos de trás estavam nossa equipe de segurança. Passamos horas traçando um bom esquema de segurança para viajarmos e trazermos ela de volta sem nenhum dano. Os meus irmãos iam juntos, porque Carol se tornou amiga dos três. Somente Alice que não veio, não queríamos colocá-la em perigo. Não havia necessidade de mais um Stabler fora de casa.

Quando pousamos já tinha amanhecido em Salvador. Um helicóptero aguardava, Marcelo nos acompanhou e os outros seguranças seguiram em

outras aeronaves.

A paisagem era linda, mas não me atraía. Encostei a cabeça no banco e fechei os olhos. Cansado e preocupado. Também me sentia ansioso para revê-la.

— Vamos dar um jeito nisto, Abner. — A voz de Ethan em meus fones me fez abrir os olhos.

O olhei nos olhos e vi a preocupação estampada em seu rosto assim como no de Elliot.

Acenei concordando e voltei meus olhos para o imenso mar. Os últimos três dias que planejávamos a viagem e em que eu descobri como fui um babaca cruel, tenho ficado mais calado do que antes. Meus

irmãos tentavam puxar conversa, mas não tenho o que dizer. Palavras pareciam não ser suficiente. Além de serem as responsáveis pelas feridas que causei em Carolina. Meu descontrole causou tudo aquilo e isto pesava demais em meus ombros.

Eles conversaram por todo o percurso tentando diminuir a minha tensão. Nada me faria sentir melhor. Sentimentos depressivos estavam me enchendo por dentro e eu não sabia como lidar. Era como se estivesse afundando em vazio sem explicação. Estava tendo sessões de terapia todos os dias, desde a primeira sessão. Nas duas últimas meus irmãos não foram, me dando a privacidade que precisava, mas quando eu saía da sala do

doutor Green, os encontrava na recepção me aguardando.

Não teria como agradecer o apoio que me davam, por tamanha lealdade e companheirismo. *Mas como eu sairia daquele vazio que me enchia e que parecia cada vez maior?*

Não tinha resposta.

A coisa mais sábia e correta que tinha que fazer era consertar as coisas. E era exatamente isto que pretendia fazer quando descii do helicóptero no hotel em que ela estava hospedada. Nossas reservas já tinham sido feitas, no saguão combinamos de nos trocar primeiro. Seria mais fácil se misturar sem o terno, sem contar o conforto, o calor naquele local

PERIGOSAS NACIONAIS

era algo que não estávamos acostumados e logo começamos a suar.

Depois de uma chuva para aliviar o calor e o cansaço. Desci para encontrar meus irmãos. Eles estavam como eu, camiseta, bermuda e chinelos. Além dos óculos escuros. Observei nossos seguranças também com roupas confortáveis que se misturavam com facilidade.

— Ela não está aqui. — Ethan disse assim que me aproximei.

— Como assim? — perguntei e franzi a testa.

— Alguns homens vasculharam a praia privada e as áreas de lazer do hotel, e não a encontraram. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Elliot explicou.

Passei as mãos sobre os cabelos sentindo-me nervoso.

— Ela continua hospedada aqui? — questionei.

— Sim. — Marcelo acenou. — Mas não está nas dependências do hotel.

Um funcionário passa por perto e eu o chamo.

— Em que posso ajudá-lo, senhor?

— Vim encontrar com minha mulher, mas não a encontrei por aqui — digo calmo. — Poderia me ajudar?

— Qual é o nome dela? — perguntou gentilmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carolina Callejas — informei.

— Desculpe, senhor, mas a senhorita Callejas informou ser solteira.

— Ela usa o nome de solteira quando está fora das vistas dos seguranças. — O interrompi. — Sou Abner Stabler, esses são meus irmãos Ethan e Elliot. Realmente precisamos encontrá-la, pois não deveria andar sem seguranças, nenhum Stabler.

— Ainda assim não posso divulgar informações sobre os hóspedes — resistiu.

Bom, ele não cederia fácil. Mostrava profissionalismo e resistência em passar informações sobre seus clientes. Acenei

PERIGOSAS ACHERON

concordando, o gerente do hotel se aproximou e disse que poderia me dizer onde ela foi. Sabia que eu não estava mentindo, talvez não muito, já que Carolina não era minha esposa. Mas o gerente conhecia nossos sobrenomes e entendia que não brincávamos com a segurança.

— A vi saindo do hotel a uns vinte minutos, estava indo em direção ao trio elétrico que está na rua — apontou a direção.

Agradei e quando olhei para os meus irmãos, eles me olhavam surpresos.

— O que foi? — perguntei.

— O mundo está acabando. — Elliot

PERIGOSAS NACIONAIS

dramatizou. — Abner Stabler sendo gentil e educado é uma coisa que não vemos todos os dias.

O olhei com impaciência e comecei a caminhar em direção a saída.

— Não vemos todos os dias. — Ethan concordou me seguindo.

Meus acessos de raiva e impaciência não me levavam a nada. Pelo contrário, somente me prejudicavam e machucavam as pessoas ao meu redor. Lidaria sozinho com minha raiva quando ninguém estivesse por perto.

Colocamos pontos eletrônicos para ficar fácil a comunicação quando nos separamos no meio da

PERIGOSAS ACHERON

multidão que seguia o trio elétrico. Era carnaval no Brasil, muitas cores misturadas e pessoas com pouca roupa. Mas nada daquilo atraía minha atenção. Eu só queria encontrar Carolina.

Tinha muita gente bebendo e dançando no meio. Fiquei um bom tempo procurando, mas percebi que ela não ficaria naquela confusão. Ainda mais com uma barriga de cinco meses, alguém poderia esbarrar nela e acabar a machucando, assim como o bebê.

Esgueirei entre as pessoas até encontrar a calçada.

Depois de meia hora, eu a encontrei debaixo da sombra de uma árvore. Fui me aproximando sem

PERIGOSAS ACHERON

tirar os olhos dela. Ela virou o rosto e disse algo para o rapaz que tinha se aproximado dela. Usando somente bermuda e chinelo, ele segurava uma cerveja e a olhava como se a desejasse.

Meu estômago se revirou.

Apertei o dedo sobre o ponto de ouvido.

— Eu a encontrei.

Digo antes de tirar o pequeno aparelho e colocar no bolso. Não estava afim de ouvir qualquer besteira que Elliot diria.

O rapaz sorria para ela de forma descontraída, como se não se importasse com nada. Ele a beijou no rosto e ela não retribuiu. Aquilo acalmou um

pouco a raiva que subia em minhas veias.

Mas não o ciúmes.

Eu estava com muito ciúmes de ver outro homem a tocando, perto dela. Sentia todo meu corpo tenso quando percebi que ainda não tinha todo o controle sobre meu temperamento. Aquela coisa de que lidaria com minha raiva quando estivesse sozinho estava pronto para se perder.

Desviei meu olhar para ela e encontrei um pouco de calma, quando observei sua beleza. Usava um biquíni preto e os seios estavam bem maiores do que me lembrava. O cabelo tinha um brilho natural bonito e a pele estava encantadoramente bronzeada. Meus olhos pararam sobre sua barriga saliente,

PERIGOSAS ACHERON

onde ela alisava devagar e aquele sentimento de pesar se reforçou sobre meus ombros.

Era o meu filho que eu tinha desprezado e a mãe dele, a mulher que me conquistou, mas que eu a humilhei.

Um pouco mais próximo pude ouvir quando ele falou algo a ela.

— Então, Carolina, o que eu deveria fazer para conseguir beijar sua boca?

Mesmo cheio de pesar e sentimento de culpa, não me segurei.

Aquele idiota queria beijá-la, pelo amor de Deus.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A única coisa que vai beijar será meu punho
se não se afastar da minha mulher!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta e Dois

Abner Stabler

O rosto dela foi tomado por surpresa e depois seu semblante fechou, se transformando em uma máscara fria. Eu tinha feito aquilo. Tinha a destruído com minhas palavras monstruosas.

O rapaz ao seu lado me encarou confuso e depois voltou seu olhar para ela.

— Desculpe, cara, se ela é sua garota — disse franzindo a testa. — Achei que estivesse sozinha.

Não o respondi.

Carolina virou as costas e começou a se afastar.

— Carol.

Ela não me respondeu, fui atrás dela. A vi descendo pela areia da praia e corri para alcançá-la.

— Carolina!

— Vá embora — ordenou. — *Dejame.*

Areia entrou no meu chinelo, fiz uma careta. Apressei o passo, até que consegui segurar o braço dela. Somente a segurei sem usar nenhuma força. Ela parou e puxou o braço. A soltei por não querer que se machuque. Ofegava e seus olhos oscilavam de raiva a mágoa.

— *Dejame.* — A voz baixa e exigente me fez estremecer por dentro.

Eu tinha aprendido algumas das palavras em

PERIGOSAS NACIONAIS

espanhol que ela mais usava e está era uma que não gostava. Sem contar que acabei estudando um pouco do idioma durante os últimos meses.

— Carol, por favor, só cinco minutos do seu tempo.

— Vá embora — ordenou. — O que fazem aqui? — perguntou olhando por cima do meu ombro.

Olhei para trás e avistei meus irmãos acompanhados de alguns seguranças. Elliot assoviou e sorriu animado.

— Se eu soubesse que usaria tão pouca roupa tinha vindo antes. — Ele disse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filho da puta — xinguei e ele sorriu mais abertamente.

— Gata. — Ethan concordou.

Fuzilei os dois com o olhar.

— Calem a boca — digo.

Eles sorriam.

— Já sabemos, Abner, ela é gostosa, mas não é para o nosso bico. — Elliot me provocou.

— O que fazem aqui? — Ela perguntou, agora mais brava do que antes.

— Abner irá te dizer. — Ethan deu de ombros.

— Vamos caminhar na frente, quero chegar no meu quarto rapidamente, estou derretendo. —

PERIGOSAS ACHERON

Elliot disse.

Os dois passaram por nós, mas ela os parou.

— Diga-me qual é o problema — ordenou.

— Abner irá.

— Não tenho nada para falar com ele. — Ela disse interrompendo o Ethan.

Suspirei.

Era direito dela não querer falar comigo. Não iria insistir. Ela não era obrigada a me escutar.

— Tudo bem — murmurei me afastando.

— Espere, Abner. — Elliot pediu.

Parei e olhei confuso para ele.

— Princesa, o Abner é um idiota, todos sabemos

PERIGOSAS NACIONAIS

disto. — Elliot disse e coçou a barba. — Mas o que ele tem para te dizer é realmente importante.

— Não iríamos vim até aqui se não fosse. —
Ethan garantiu.

Eles não esperaram que ela se decidisse, caminharam juntos para longe.

— Seja rápido — ordenou.

— Carol.

— Seja rápido — repetiu. — Poupe nós dois de gastar mais tempo que o necessário. O que te trouxe aqui?

Não podia culpá-la por sua pressa em se livrar de mim e muito menos pela raiva que flamejava em

PERIGOSAS ACHERON

seus olhos.

Seus olhos, os mais lindos que já tinha visto. Nunca poderia me cansar de encará-los. A falta que sentia deles tinha acabado de se tornar maior do que antes.

Acenei concordando e aponte para o caminho até o hotel, pouparia seu tempo enquanto caminhávamos de volta.

Abaixei meu olhar encarando sua barriga, onde ela abraçava de forma protetora. Desviei o olhar com pesar e comecei a caminhar primeiro.

Capítulo Cinquenta e Três

Carolina Callejas

Suspirei quando ele começou a caminhar devagar, esperando que me juntasse a ele. Vê-lo foi um completo choque, ainda me sentia surpresa com sua presença. Sempre esperei por aquele dia, em que viria atrás de mim. Mas não imaginei que nesse dia eu iria querer correr para longe dele.

Era isto que queria fazer.

Ir para longe dele.

Bem longe, onde ele não poderia me alcançar.

Olhei para suas costas e não perdi a tensão de seus ombros. Algo muito sério tinha acontecido e

eu teria que escutá-lo. Seus irmãos pareciam preocupados e percebi que seu tom de voz baixo e até mesmo calmo, algo não estava bem.

Aquilo me surpreendia.

Comecei a segui-lo, quando fiquei ao seu lado ele suspirou baixo.

— Não sei por onde começar — murmurou.

— Comece pelo motivo em que o fez vim atrás de mim. — Meu tom de voz era grosseiro e impaciente, não amaciaria as coisas para ele.

Abner merecia o pior de mim.

Ele parou e ficou na minha frente. Levantou seu óculos escuro para cima na cabeça, os prendendo

PERIGOSAS NACIONAIS

nos cabelos e me encarou. Prendi o ar ao ver aquele azul que tanto me fez falta, mas que também me devastou. Seu olhar estava cansado e avermelhado. Abaixo tinha grandes bolsas escuras, mostrando que não dormia bem há alguns dias.

Meu coração se apertou. Mas não fiz nada. Se ele estava mal pelas coisas que me fez, era mais do que merecido algum sofrimento. Afinal, eu não estava sorrindo quando ele me humilhou. Quando me deixou aos prantos, grávida e perdida.

— Me perdoe.

Sua voz saiu carregada de um pesar desconhecido por mim, agitou minha raiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Veio até aqui para isto? — questionei. —
Pois bem, *yo no* perdoo você. Nunca. Entendeu?
Nunca!

Ele se aproximou e segurou meus ombros como se estivesse esperando que fugisse. Era algo que realmente tinha cogitado, ganhar distância. Se acreditava que depois de tudo o que fez, o perdoaria assim facilmente, estava muito enganado.

— Esse não era o único motivo que me fez vir até aqui — disse baixo e sem desviar os olhos. —
Pedir o seu perdão, não significa que você me daria. Entendo isto.

— Que bom que concordamos em algo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele deu um pequeno sorriso de lado, um pouco triste demais. Comparado ao Abner que conhecia me surpreendeu por duas coisas. Primeiro, ele nunca sorria com facilidade. Segundo, não demonstrava o que sentia. *Nunca demonstrava*. E era evidente no seu sorriso o cansaço e a tristeza. Meu coração se apertou um pouco mais, contudo, não cedi.

— Não há nada que eu possa fazer para recolher todas as palavras cruéis que joguei sobre você — disse baixo. — Não posso voltar no tempo. Não posso desfazer todo o mal que lhe causei.

Engoli em seco e ele se aproximou mais. Suas mãos seguraram o meu rosto com carinho fazendo

PERIGOSAS ACHERON

minha respiração falhar por seu contato tão íntimo e cuidadoso. Ele me encarava ainda com o olhar cheio de pesar e arrependimentos.

Aquilo me fazia estremecer.

— Você não merecia tudo aquilo — disse calmo. — Não merecia meu desprezo. Eu deveria ter saído para me acalmar e voltado depois para conversarmos. Sei o quanto é grave o que fiz, aquele acesso de raiva não era somente pela sua gravidez... quando vi aquele teste acabei misturando o passado com o presente e descarreguei em você uma raiva que guardava há mais de dez anos.

Solucei incapaz de segurar. Meus hormônios

PERIGOSAS ACHERON

estavam uma bagunça e misturando com aquelas lembranças, não ajudavam em nada. Sabia que ele estava sendo sincero, e sua sinceridade me machucava ainda mais.

— Não chore, por favor — sussurrou parecendo aflito.

Desta vez não era uma ordem, ele pediu de forma tão delicada que trouxe mais lágrimas para fora de meus olhos. Seus dedos limpavam minhas bochechas e sua expressão era de pura dor.

— Perdoe-me por ter lhe causado tanto mal — pediu. — Por toda aquela covardia... Sei que essa criança que carrega é meu filho, mas que o insultei assim como fiz com você.

— É meu *hijo* — afirmei em um soluço.

Ele me encarou por um tempo e depois abaixou o olhar, como se não quisesse que eu visse suas emoções. Encostou sua testa na minha e suspirou.

— Sinto tanto, por tudo que é mais sagrado neste mundo, perdoe-me — sussurrou.

Não respondi.

Apesar da sinceridade em sua voz e por poder vê-lo sem as barreiras de gelo que existiam antes.

Não poderia perdoá-lo.

— Eu amo você, Carolina, amo mais do que gostaria de admitir. Naquele dia, estava indo para sua casa porque soube que não estava se sentindo

bem, tanto que tinha ido ao hospital — contou. — No caminho me sentia tão preocupado que acabei percebendo o quanto você tinha me alcançado.

Desencostou sua testa da minha e me encarou com olhos marejados. Estava tão surpresa por tudo o que estava vendo e ouvindo que não reagi.

— Me apaixonei por você à primeira vista — confessou. — Quando nos esbarramos no saguão do meu prédio. Eu não queria sentir, não queria amar, não queria o amor — sussurrou fraco. — Fugi e fiz as piores coisas que pude para te afastar, como na noite do coquetel em que não usei camisinha.

Prendi o ar quando ele me lembrou. Então, foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele dia em que fizemos o meu bebê.

— Te expulsei da minha cama naquela noite porque sabia que estava perdidamente apaixonado por você — contou. — Já experimentei o amor antes, Carol, mas me quebraram da forma mais vil possível. — Dor soou em sua voz. — Por isto sempre a afastava.

Me afastei, o calando.

— Você *no* pode vim até aqui me dizer estas coisas, como se tivesse algum direito... *no* pode... *no*.

— Eu sei que não.

Limpei o meu rosto com as mãos trêmulas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acenei que deveríamos continuar andando. Ele desviou o olhar do meu novamente, não me permitindo ver suas emoções descontroladas.

Não queria ouvir sua declaração, não queria ouvi-lo de forma alguma. Sua voz causava muita dor para que pudesse suportar. Então, me lembrei que ele disse que pedir perdão era um dos seus motivos, mas não o único.

— O que mais veio fazer aqui?

Ele não me respondeu de imediato. Continuamos andando em silêncio, aguardava pacientemente que ele começasse a dizer o seu outro motivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acredito que devemos falar sobre isto em um lugar mais privado.

— *No* me enrole.

— Não estou, acredite, precisamos sair desde sol e ter um lugar mais privado para conversarmos.

— Abner...

Ele parou e me encarou com determinação. Um brilho de fúria passou em seus olhos e eu o reconheci.

— É algo muito sério que não podemos falar aqui, poderia, por favor, não teimar sobre isto.

— Você vem aqui e se acha no direito de me dar ordens? — questioneei brava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou te dando uma ordem, pedi...

— *No* importa! — retruquei. — *No* deveria nem mesmo ter vindo!

Ele encarou a areia aos seus pés um minuto, desviando seus olhos novamente.

— É algo muito sério, Carolina, vamos conversar em seu quarto.

Aquele Abner calmo e no controle me surpreendia. Não o conhecia. Ele nunca foi daquela forma comigo antes e isto me deixava ainda mais aflita.

Acabei acenando concordando. Sabia somente de olhar em seus olhos que algo grave estava

PERIGOSAS ACHERON

acontecendo.

Dez minutos depois estávamos em meu quarto. Sentei na cama e ele trouxe uma cadeira para perto, sentou-se na minha frente e parecia indeciso sobre por onde começar.

— Diga logo antes que *yo* tenha um treco com tanta ansiedade.

— Você está bem? — arregalou os olhos. — Precisa que eu te leve há um hospital ou traga um médico?

Sua preocupação me pegou desprevenida.

— Estou bem, só comece logo.

Ele me encarou por um tempo como se não

acreditasse muito no que disse. Suas mãos pegam as minhas, tento afastar, mas me segurou firme.

— Tem visto ou falado com seu irmão?

Sua pergunta fez meu coração acelerar. O outro motivo que o trouxe até mim foi Xavier. Senti-me enjoada com a possibilidade de outra tragédia.

— Carol? — questionou. — Tem certeza que está bem? Você está pálida.

— *No, no* o vi e nem falei com ele — digo. — O que aconteceu? *Dios mio*.

— Se acalme, tudo bem?

— Abner...

— Não vou dizer nada até que perceba que está

realmente bem.

Respirei fundo e tentei acalmar as batidas frenéticas do meu coração. Abner não estava brincando quando disse que nãoalaria nada até que acreditasse que *me* acalmei. Ele se levantou e pegou uma garrafa de água no frigobar. Colocou o líquido gelado no copo e me entregou. Seu olhar tinha uma ordem clara “Beba”. Voltou a se sentar na minha frente e esfregou a barba antes de voltar a falar.

— Seu irmão está envolvido em uma confusão muito grande — contou.

— *Dios mio*, o que foi que ele fez agora?

PERIGOSAS NACIONAIS

O entreguei o copo vazio e ele o colocou no chão.

— Lembra quando seu primo Gregory nos disse que ele estava metido com uma gangue pesada?

— *Sí* — acenei ansiosa. — Mas *no* me lembro o nome.

— Na gangue de Matsueda.

— Isto.

— Lembra-se também que eu disse que tinha ganhado um julgamento contra o irmão de Matsueda?

Acenei concordando.

— Ele iria matar Xavier, pelo pouco que sei,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas seu irmão acabou dizendo a Matsueda que tinha uma irmã — hesitou. — E que essa irmã tem um caso comigo, seu inimigo declarado.

Senti o sangue fugir do meu rosto.

— *No* é possível, você está mentindo.

— Não estou mentindo — garantiu. — Seu primo foi me procurar e me contou essa merda, investiguei por meus próprios meios e descobri que é verdade o que Gregory disse. — Sua voz ficou mais dura. — Matsueda perdoou a vida de seu irmão, mas agora quer a *sua* como vingança pela perpétua que o irmão vai pagar em uma prisão de segurança máxima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que estava mais pálida do que um fantasma. E a raiva que brilhava nos olhos de Abner dizia-me que ele realmente não estava mentindo.

— Sinto muito, por tudo isto, Carolina.

— Ele *no* pode ter feito isto comigo — sussurrei em pânico.

— Sinto muito, querida, mas ele colocou uma sentença de morte sobre sua cabeça.

Preocupação e medo me encheram, agora eu carregava uma vida que também estava sendo ameaçada. Comecei a tremer e logo estava chorando. Abner se sentou ao meu lado e me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocou em seu colo. Não protestei, não conseguiria. Estava com tanto medo que mal sabia como reagir.

— Ninguém vai te machucar, Carolina, ninguém — jurou. — Eu vou proteger você e o nosso bebê, eu te prometo isto.

Seus braços me rodeavam protetoramente.

Não consegui protestar para afirmar que era somente o meu bebê, estava preocupada demais com o que aconteceria conosco caso aquele homem conseguisse se vingar. Tanto eu quanto meu filho precisávamos ser protegidos.

— Por favor, se acalme.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu pedido me fez ficar ainda pior. Senti minha cabeça pesar e meus olhos fecharem. Tentei impedir, mas não tinha forças para lutar contra a escuridão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta e Quatro

Abner Stabler

Seu corpo ficou mais pesado em meus braços e sua cabeça pendurou para trás. Assustado, arregalei meus olhos e a chamei várias vezes, mas não obtive nenhuma resposta. A deitei sobre a cama e tentei novamente acordá-la.

Chamei seu nome novamente, ela não me respondeu.

Em pânico corri para fora do quarto. Na porta estavam meus irmãos e o médico que combinamos de chamar para quando eu dissesse a ela o que seu irmão tinha feito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela desmaiou.

O médico correu para dentro e meus irmãos me olhavam com os olhos arregalados.

Encostei na parede e percebi que mal respirava.

— Como foi que isto aconteceu? — Ethan perguntou nervoso.

— Você jogou tudo de uma vez, porra, Abner.

— Elliot xingou.

Não respondi.

Não conseguia respirar. Eu não tinha ataques de pânico, mas ultimamente vinha tendo mais do que gostaria de aceitar. Apoie as mãos na parede, fechadas em punho e estremeci. Tentava segurar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

medo que remoía minhas entranhas. Estava com tanto medo de que tivesse feito mais um mal a ela que o pânico ficava cada vez maior.

— Abner?

Ethan me chamou e, novamente, não respondi.

— Abner?

Desta vez foi Elliot.

— Tentei... ser o mais delicado... possível...

Disse na tentativa de fazê-los acreditar em mim.

— Eu tentei... juro...

— Abner, o que está sentindo? — Ethan perguntou.

— Juro que... tentei.

PERIGOSAS ACHERON

Ofeguei sentindo que não conseguiria me controlar. O pânico estava se espalhando dentro de mim. Fechei os olhos e implorei aos céus para que nada tivesse acontecido a ela e ao nosso filho.

Uma mão pousou em meu ombro, mas não me virei para encarar quem quer que fosse.

— Abner? — Elliot me chamou. — Sua voz está preocupada e aquilo me deixou ainda pior. —
Acreditamos em você, Abner, não precisa jurar...

Ele se calou quando sentiu que estremeci, sentia como se tivesse uma bomba dentro de mim pronta para explodir. Mas eu a segurava com tanta força que mal conseguia conter. Seria um desastre. Um grande e humilhante desastre quando explodisse em

PERIGOSAS ACHERON

gritos e lágrimas por sentir um medo tão cru.

— Ela acordou.

A voz do médico chegou ao corredor, mas não me virei para encará-lo.

— Vou recomendar descanso e boas refeições. Nada de estresse, é essencial para a gestação — instruiu. — Apesar do susto, ela e o bebê estão bem pelo pouco que pude avaliar, mas recomendo que a levem até o médico ginecologista responsável por ela ou ao hospital para tranquilizar a todos. Principalmente se forem viajar de volta para Nova York...

Ele continuava falando suas recomendações e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditava que meus irmãos ouviam atentamente. Ainda prendia o ar com força para frear minhas emoções, mesmo aliviado, não me sentia melhor.

Quando o médico se afastou, meus irmãos pediram para que eu fosse vê-la.

— Vão primeiro. — Minha voz saiu rouca devido o esforço que fazia.

— Abner...

— Preciso de alguns minutos, Ethan. — O interrompi.

Eles acabaram concordando e entraram no quarto onde ela estava.

Encostei minha testa na parede gelada e percebi

PERIGOSAS ACHERON

o quanto estava suado. Aqueles minutos segurando o pânico me fizeram suar e tremer. Ofeguei em busca de ar, sentia os pulmões doerem. Meu coração estava tão acelerado que acreditava que pularia para fora do meu peito a qualquer momento.

Me afastei daquela parede e tomei longas respirações. Acabei fazendo uma careta quando me lembrei que teria que contar para o doutor Green sobre aqueles ataques de pânico. Não gostava de falar com o homem, preferia ficar em silêncio, mas reconhecia que precisava de ajuda.

Limpei o suor do rosto com a camiseta e entrei no quarto. Elliot estava sentado ao lado dela na cama e Ethan na cadeira onde eu estava alguns

minutos antes. Não tinha como brigar com Elliot por sua falta de limites e, naquele momento, nada mais me importava do que a mulher grávida e pálida deitada.

Ela me encarou por um momento e franziu a testa parecendo preocupada.

— Desculpe a demora, sente-se melhor? — perguntei.

Minha voz ainda estava rouca pelo esforço que falar estava causando.

— *Sí.*

— Bom.

Eu não sabia o que dizer, então, Ethan tomou

frente em dizer que deveríamos ir embora no dia seguinte. Claro que ela não gostou. Protestou e ficou brava com eles. Encostei na parede e cruzei os braços enquanto ouvia e via eles se desdobrarem para convencê-la que era a melhor opção para o momento.

Seria divertido assistir eles lidarem com a teimosia dela em outro momento. Mas naquele instante, eu só conseguia pensar em como precisava protegê-la. Não poderia falhar mais uma vez.

Depois de um tempo, eles também a convenceram de ir a um hospital fazer alguns exames. Ela concordou, mas só iria mais tarde. Não poderíamos culpá-la, precisava descansar um pouco

e isto foi fácil aceitar. Carolina também os questionou se era realmente verdade as coisas que eu disse sobre seu irmão. Eles afirmaram e ela chorou. Elliot a abraçou por um tempo e depois de beijar a testa dela, os dois saíram.

Os olhos dela encontraram os meus no momento que a porta se fechou.

— Você está realmente bem? — perguntei ainda preocupado.

— *Sí.*

Acenei concordando.

— Abner?

— Hm?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela hesitou antes de prosseguir.

— Você disse que esse Matsueda é um inimigo seu.

— Sim, eu disse isto.

— Isto significa que você está... em perigo também? — questionou com a voz falha.

Fui pego de surpresa com sua pergunta. Desencostei da parede e me sentei ao lado dela na cama.

— Abner, me responda.

— Sempre estou em perigo, querida, por isto ando com seguranças.

— Mas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O importante agora é a sua segurança —
afirmei e ela suspirou.

— E se acontecer alguma coisa com você? —
Ela perguntou e estremeceu.

— Não vai me acontecer nada, e se acontecer,
tenho certeza que meus irmãos a manteria segura
— garanti.

Ela arregalou os olhos e se sentou com certa
dificuldade, por causa da barriga.

— Abner, *no* diga isto — sussurrou assustada.

— O que eu disse? — perguntei confuso.

— Que se acontecesse... entendi como, se você
morresse... *Dios mio*... como se não se importasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorri de leve ao perceber o tamanho de sua preocupação, apesar de todo mal que lhe causei, ela ainda se preocupava comigo.

— Não vai me acontecer nada, Carol, não se preocupe com isto agora, tudo bem?

— O que aconteceu com você, Abner? — perguntou mudando de assunto.

Olhei para ela, confuso.

Realmente não entendia do que se referia.

— Você voltou para o quarto pálido e parece tão cansado.

— Você me assustou quando desmaiou... pensei que tinha lhe causado mais um mal...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi sua culpa, *yo* me assustei com o tamanho do risco em que Xavier me colocou.

— Deveria não ter falado tanto, sinto muito, não queria lhe causar mais nenhum mal.

Ela me olhou nos olhos, analisando-me, como se procurasse pela verdade. Não hesitei em encará-la e isto pareceu lhe dar a certeza de que estava sendo sincero.

— Por que veio? — questionou. — Poderia ter mandado alguém, ou só Ethan ou Elliot.

— Porque precisava te ver — respondi e ela prendeu a respiração.

— Não faça isto, Abner.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isto o quê?

— Acreditar que ainda existe alguma chance para nós dois.

Aquilo realmente doeu.

— Eu não acredito — respondi e ela abaixou o olhar.

Segurei seu rosto e lhe fiz me encarar. As duas lindas esmeraldas de seus olhos me encaravam com dor.

— Não acredito porque sei o tamanho do mal que lhe causei, mas isto não significa que não estou disposto a mudar as coisas.

— Abner...

PERIGOSAS ACHERON

— Amo você, Carolina, amo muito mesmo — confessei. — Esses meses que se passaram, eu me afundei em dor por acreditar que tinha me traído. Não teria me afetado tanto se não tivesse sentimentos por você.

Lágrimas escorreram de seus olhos me fazendo suspirar.

— Não chore — sussurrei. — Não se passou um dia que eu não sentisse sua falta, mesmo consumido por uma dor enlouquecedora, ainda a queria — contei. — Desejava que tudo não passasse de um pesadelo, porque eu te amava, porque eu te amo, e queria muito estar contigo independente de qualquer coisa. Mas eu me sentia traído, já tinha

experimento a traição antes e não foi fácil enfrentá-la.

— O que aconteceu no seu passado, Abner?

— Algo muito trágico — murmurei.

— Me contará um dia?

— Sim, não hoje, não agora — acenei. — Já passou por muita coisa hoje e não quero ser o responsável por lhe causar outro mal-estar.

Ela acenou concordando e sem poder me conter beijei seus lábios. Ela ficou surpresa e não correspondeu. Me afastei um segundo depois sentindo o peso em meus ombros aumentarem. Não podia culpá-la por não me corresponder. Era

PERIGOSAS NACIONAIS

merecido, porém, ainda doía saber que eu tinha estragado tudo.

— *No* me beije novamente sem minha permissão. — Sua voz saiu baixa e firme, seus olhos brilhavam em dor.

Aquela dor onde eu era o único responsável. Senti meus olhos marejarem e segurei a emoção. Acenei com a cabeça concordando e me afastei mais um pouco.

— Sinto muito.

— Me deixe sozinha, por favor.

— Você está realmente bem? — questionei. — Não sente nenhuma tontura ou enjoo?

PERIGOSAS ACHERON

— *Estoy bien.*

Acenei concordando e me levantei.

Ela também se levantou e me acompanhou até a porta. Parei em sua frente e com um suspiro cansado, me olhou nos olhos.

— Não vou permitir que ninguém te machuque, ou machuque nosso filho...

— Meu *hijo* e *no* seu — corrigiu-me novamente.

— Sinto muito, Carol, mais do que poderia imaginar.

Segurei seu rosto novamente, não permitindo que desviasse o olhar.

— Não sei se algum dia vai me perdoar, mas eu

PERIGOSAS NACIONAIS

vou lutar pelo seu perdão — afirmei. — Vou lutar por você, *por nosso filho* — digo firme. — Não vou desistir tão fácil assim de reconquistá-los. E vou protegê-los com a minha vida, se for possível — jurei. — Carol, ninguém irá lhe machucar, nem mesmo eu, nunca mais.

Beijei sua testa antes de atravessar a porta para deixá-la sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta e Cinco

Carolina Callejas

Não era o mesmo.

Foi a primeira coisa que pensei quando fechei a porta depois que Abner saiu. Não era a mesma pessoa. Apesar de ter conversado com ele somente por alguns momentos, momentos muito intensos e *tensos*, podia ver com clareza que não era o mesmo.

Parecia abalado. Cansado.

Não cederia facilmente a ele, mas sabia que algo estava acontecendo. Todo sofrimento era merecido, mas eu realmente queria vê-lo daquela forma?

A verdade era que não, eu não queria vê-lo

daquele jeito.

Sem o brilho de sempre.

Seu rosto estava pálido. Seus olhos avermelhados e cansados. Sua voz baixa e calma, disto eu não tinha o que reclamar.

Mas quem era aquele Abner?

O que tanto ele guardava debaixo daquela pose de homem forte? Por que ele estava tão abalado?

Abner nunca se abalava com facilidade. Nunca. E hoje me permitiu ver o quão cru estava por dentro.

Quem era aquele homem?

Fui para o banheiro ainda me recordando de

cada palavra que me disse. Tomei banho devagar e apreciei a água morna. Fechei meus olhos, pude ver seu rosto pálido e levemente suado quando ele retornou para o quarto.

O que aconteceu com ele quando esteve lá fora?

Um leve movimento em minha barriga me fez recordar que ele tinha reconhecido que o filho era dele. Que eu nunca o trai. Ele reconheceu sem que precisasse dizer uma só palavra para convencê-lo.

Me sequei e depois de vestir uma camisola, deitei na cama. Não conseguia relaxar, logo a traição de Xavier veio em minha mente e o choro saiu sem barreiras. Como ele pôde fazer isto comigo? Como?

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que ele não me amava mais? Já que deu o meu nome para um criminoso. Por que tinha me envolvido em seus problemas desta forma? Colocando minha vida em perigo.

Minha vida e a vida de meu pequeno bebê que ainda crescia em meu ventre. Como eu iria proteger aquela criança de criminosos? E se no meio do caminho algo acontecesse com os Stabler por tentarem me proteger?

Estremeci forte chorando. O pensamento que o criminoso queria se vingar de Abner, me fez chorar mais forte, ele também estava correndo perigo e não parecia se importar. Era claro sua preocupação comigo, mas não mostrava a mesma coisa em

PERIGOSAS ACHERON

relação a própria vida.

Meus pensamentos e questionamentos me levaram ao sono pela exaustão. Não pude lutar contra o cansaço.

— Carol?

Ouvi alguém chamando meu nome e uma mão deslizar em minha bochecha. Mas estava em um sono tão pesado que era difícil despertar.

— Ei, Carol, acorde.

Pensei que estivesse sonhando com aquela voz. *Abner*. Ele falava meu nome de forma tão carinhosa que acreditava estar sonhando. Sua mão deslizou por minha bochecha e encontrou meus cabelos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos lá, querida, acorde, quero ver esses lindos olhos.

Com muito esforço, abri os olhos e a imagem embaçada dele se formou na minha frente. Me foquei em seu rosto que ainda exibia o mesmo cansaço de antes, porém, tinha um leve sorriso.

Fiquei surpresa e ele sorriu mais abertamente.

— Acorde, está dormindo há mais de quatro horas. — Sua voz calma e baixa fez coisas estranhas com minha libido.

Principalmente quando observei o que ele vestia. Suas mãos pegaram meus braços com cuidado e me ajudou a sentar.

PERIGOSAS ACHERON

— *Gracias* — murmurei, levantar da cama sozinha estava ficando cada vez mais complicado.

Encostei na cabeceira da cama e o analisei com atenção. Pela primeira vez estava usando roupas como seus seguranças, não era comum, mas já tinha visto algumas vezes Ricardo fora do terno.

O jeans cargo preto abraçava suas pernas como se fossem uma segunda pele. Usava uma camisa de malha também preta que apertava em seus ombros e bíceps. Por cima da camisa um colete a prova de balas que o fazia parecer mais forte. Os cabelos negros e lisos caíam sobre os ombros, ainda molhados explicando o cheiro gostoso que vinha dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me olhe tanto assim. — Sua voz agora rouca me fez encarar seus olhos.

— *Perdón.*

— Não peça desculpas por isto.

Ele se calou como se não quisesse render aquela conversa. Mas uma vez me surpreendendo.

— Pode me olhar o quanto quiser — afirmou e se virou.

Só então percebi o carrinho de comida que tinha perto da porta.

— Você perdeu o almoço, pedi para fazerem um lanche bem saudável.

— *No* estou com fome.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se virou para mim com uma bandeja em mãos e fechou sua expressão.

— Carolina.

— *No* quero.

Abner respirou fundo como se buscasse por calma e, então, se aproximou. Colocou a bandeja sobre minhas pernas.

— Isto não está em discussão — afirmou. — E se reclamar que estou te dando ordens, não estou nem aí — disse firme. — Se não quer comer, então, vai receber uma ordem!

— *Dejame.*

Ergueu as sobrancelhas arrogantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou sair também, talvez, depois que coma tudo o que trouxe.

Ele se sentou de lado na cama, mostrando que não se importava com minha opinião naquele momento. Aquele era o Abner que eu conhecia, teimoso e mandão.

— Não quero brigar, Carolina, mas vou se teimar comigo — avisou.

— Estou cansada, Abner.

— Eu sei — acenou. — E acredito que também está com fome, desde que a encontrei não a vi comendo nada — observou. — Então, por favor, se alimente. Se não for por você que seja pelo bebê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei rígida.

— *No* me diga o que fazer, *yo no* preciso de um lembrete sobre o meu *hijo*.

— Nosso *filho* — protestou me desafiando.

— Meu *hijo* — retruquei. — Pelo que me lembro, até ontem você não acreditava que era nosso. *Entonces...* é meu *hijo* e *no* seu!

Ele me encarou por alguns segundos antes de desviar os olhos.

— Coma — murmurou sua ordem sem me olhar.

Meu coração se apertou por ter sido dura com ele, mas não me arrependi. Abner precisava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aprender que não podia voltar depois de tanto tempo e tomar posse de algo que desprezou.

Vi o momento em que ele apertou suas mãos na lateral do colchão para esconder o leve tremor de seus dedos. Me preocupei. Estava acontecendo algo muito grave com ele que eu não sabia dizer o que era.

— Abner?

Ele levantou o olhar e me encarou com seus lindos olhos azuis, brilhando com lágrimas contidas. O olhei surpresa, sabia que as muralhas de gelo que ele mantinha em sua volta tinham caído. Parecia que ele tentava as erguer para tentar se proteger, mas não conseguia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como está se sentindo? — perguntou com a voz rouca desviando da pergunta que pretendia fazer.

— Tentando não pensar na traição do meu irmão — respondi.

Tristeza me encheu.

— Não fique assim, vou resolver isto.

— Não é sua culpa — digo vendo que ele se culpava.

— Matsueda é meu inimigo — afirmou.

Balancei a cabeça negando.

— Não, ele é um homem atrás de vingança por você fazer o seu trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu inimigo — afirmou o óbvio.

— Um criminoso — rebati. — Que merece estar atrás das grades como o irmão. Não se culpe por fazer seu trabalho, Abner, o único culpado é Xavier... ele é o único responsável.

— Ninguém vai machucá-los.

Ele foi tão convicto em sua afirmação que fez um calafrio passar em minha coluna. Medo de que algo acontecesse com ele.

— Abner, *no* coloque sua vida em risco.

— Para chegar em você, vão ter que passar por mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta e Seis

Carolina Callejas

Antes que conseguisse protestar sobre sua afirmação, ele se levantou e apontou para o canto.

— Mande-i arrumarem suas malas enquanto dormia.

Franzi a testa olhando para minhas malas, já que Ethan disse que iríamos na manhã seguinte.

— Mudamos os planos.

— Por quê?

— Foram vistos homens de Matsueda embarcando para o Brasil — explicou. — Aqui temos pouca segurança e não podemos arriscar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Preocupação me tomou. Tive vontade de chorar, mas o engoli. Não havia tempo para lamentações, tinha que ser forte e atravessar mais aquela prova.

— Coma tudo, por favor — pediu. — Assim que saímos daqui, passaremos no hospital para que seja examinada e um helicóptero nos aguardará no heliporto do hospital — contou. — Se não estiver bem para viajar, vamos dar um jeito de montar um lugar seguro para que possamos ficar aqui.

— Caso isto aconteça, vou ficar sozinha? — hesitei.

— Não, vou ficar com você.

— Mas e o seu trabalho?

PERIGOSAS ACHERON

— Não é importante nesse momento, outro advogado pode pegar os meus casos.

Ele deu como encerrado aquele assunto e eu somente concordei. Minha cabeça estava cheia demais para dar continuidade. Por mais incômodo que fosse, sabia que ele e seus irmãos estavam se esforçando para me proteger. Não queria ser ingrata e chata. Comi tudo o que aguentei em silêncio enquanto ele me observava encostado na parede do outro lado do quarto.

Acredito que depois da nossa conversa, ou minha acusação sobre o bebê, ele queira se manter um pouco mais distante. Apesar de que se manteve no quarto o tempo todo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando terminei, ele veio até mim e pegou a bandeja. Colocou de volta ao carrinho e voltou em minha direção para me ajudar a levantar. Agradei em um murmuro e disse que tomaria um banho antes de sairmos. Acenou e me seguiu até a porta. Seu braço me barrou, apoiando sua mão no marco da porta impedindo-me de passar.

— Abner.

— Quero tanto te beijar — murmurou excitado me fazendo prender a respiração.

— *No.*

Abner abaixou seu rosto e passou seu nariz por meu cabelo me seduzindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero muito, mas vou respeitar seus limites.

Seu nariz passou por minha orelha e sua respiração fez minha pele se arrepiar.

— Eu vou te reconquistar, Carol, juro que vou.

Suspirei.

— *No* acredito que tenha como reconstruir algo entre nós dois.

— Então, vou construir algo novo.

— Abner...

— Não me impeça disto, Carol, por favor.

— *No* acho que é uma boa ideia, sempre brigamos muito.

— Prometo controlar meu temperamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *No sei se será suficiente.*

Segurou meu rosto com carinho e me olhou com determinação.

— Será suficiente, porque eu te amo — afirmou.

— Não nego o quanto fui idiota e estraguei tudo de um jeito que talvez não há mais conserto — sussurrou. — Mas eu construo outro, outro relacionamento com você para que veja que não sou mais o mesmo.

— Nenhum pouco teimoso e cabeça dura, então? — questionei.

Ele sorriu.

— Talvez não tenha mudado tanto — respondeu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda sorrindo. — Prometo o impossível para te fazer feliz, juro nunca mais te ferir com palavras. — Sua voz ficou rouca. — Não sei se pode me dar o seu perdão, mas pelo menos me deixe tentar novamente.

— Ainda estou muito ferida — murmurei.

Ele fechou os olhos pesadamente, como se a culpa estivesse sendo pesada demais para suportar.

— Sinto muito, perdoe-me.

Antes que pudesse responder, os braços dele já tinham me rodeado em um abraço cheio de sentimentos. Não resisti quando ele segurou minha cabeça contra seu peito. Seu cheiro foi um bom

PERIGOSAS ACHERON

tranquilizante e seu abraço trouxe o conforto que sempre sentia quando estava em seus braços.

— Não mereço seu perdão. — Ele murmurou alguns minutos depois.

Me afastei e ele permitiu.

Tentei encarar seus olhos, mas ele não me olhava.

— Abner?

— Não mereço.

Fiquei confusa até que consegui o olhar nos olhos. Tinha tanta tristeza em seus olhos de lobo, que partiu um pouco mais meu coração.

— Não vou mais insistir que me perdoe,

PERIGOSAS NACIONAIS

Carolina, não posso fazer isto com você — balançou a cabeça negativamente. — Como se pedir desculpas e dizer que sinto muito mudaria a forma como a machuquei.

Acenei concordando. Realmente não mudaria nada, mas o jeito duro em que ele estava se tratando me deixava sem palavras e até mesmo preocupada. Abner abaixou o olhar por um segundo antes de voltar a me encarar com seus olhos avermelhados e brilhantes.

Sorriu tristemente e beijou minha testa.

— Não precisa ter pressa, tudo bem? Tome seu banho tranquilamente, que vamos estar te aguardando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se virou e devagar caminhou até as malas. Seus ombros estavam rígidos e sua cabeça levemente abaixada. Colocou as duas em cima da cama para que eu não precisasse fazer nenhum esforço quando fosse escolher o que vestir. Então, caminhou até a porta.

— Abner?

— Sim?

Ele me encarou.

Suspirei.

— *No* posso prometer que vou te perdoar e tudo será como antes, mas *no* vou te impedir de tentar construir algo novo entre a gente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos se arregalaram de leve mostrando surpresa e depois sorriu de leve.

— Ainda estou machucada e magoada com as coisas que aconteceram — digo. — Talvez *yo* só precise de um tempo e um pouco de paz.

Dei de ombros.

— Não vai se arrepender disto, querida.

Acenei concordando e ele abriu a porta.

— Vou estar te esperando — afirmou.

Ele saiu e eu entrei para o banheiro, aguardei a banheira encher.

Ainda amava Abner, não tinha como negar tal coisa. Mas como passar uma borracha sobre o

PERIGOSAS ACHERON

passado? Como esquecer as coisas que me fez? Em me deixar grávida e sozinha. Não podia esquecer a mágoa e dor que sentia, ainda me lembrava tão facilmente suas palavras duras e cruéis.

Perdida em pensamentos, tomei um banho longo. Vesti legging preta, uma camisa de botões fina e larga que acomodava bem minha barriga. Nos pés, coloquei sapatilhas. Deixei o cabelo solto e só passei batom. Separei um casaco para a viagem e fechei as malas.

Uma leve batida na porta me fez suspirar. Queria tanto continuar minhas férias, mas as coisas mudaram drasticamente e agora voltaria obrigada.

Abri a porta e Ethan estava me aguardando com

PERIGOSAS ACHERON

um leve sorriso em seu rosto tranquilo.

— Pronta?

— *Sí.*

— Vou pegar suas malas.

— Onde está, Abner? — franzi as sobrancelhas.

— Pensei que ele viria.

Abner tinha me dado certeza de que voltaria para me buscar. Fiquei preocupada quando vi o semblante de Ethan mudar.

— Ele precisou de alguns minutos — respondeu.

— O que aconteceu?

Ethan atravessou o quarto e pegou as malas da

cama com facilidade.

— Não aconteceu nada, ele só precisou de alguns minutos — garantiu.

Parei na frente dele o impedindo de passar.

— O que está acontecendo com ele? — exige saber. — Não me esconda nada, Ethan, porque *yo* sei que ele não está bem.

— Sinto muito, Carol, mas ele é o único que pode te contar o que acontece com ele.

— Ethan...

— Gosto de você, mas sou leal ao meu irmão, entende? — questionou sério. — Não posso sair por aí contando os problemas e segredos dele para

os outros. — Ethan foi duro em suas palavras, mas sua voz era suave.

Como se não quisesse me magoar.

— Não quero que o traia, Ethan, só estou preocupada — suspirei.

— E você ainda está preocupada com ele, mesmo depois de tudo que ele te fez?

Hesitei por um segundo.

— Por que *yo no* estaria? — retruquei. — Ele me feriu e me magoou profundamente, mas ainda o amo — afirmei. — O amor não é um sentimento que a gente escolhe ou joga fora, se não der certo. Ele ainda fica enraizado lá, sem te dar a

oportunidade de fugir.

Ethan suspirou e coçou a barba.

— Diga-me, o que está acontecendo com ele, Ethan, por favor — insisti.

— Abner está passando por um momento difícil, Carol — contou. — Culpa pelas coisas que te fez e o peso do passado — fechou seu semblante. — Se quer ajudá-lo, tente fazê-lo dormir por algumas horas e já será grande coisa.

— Como assim? — questionei confusa. — Ele não está dormindo.

— Acha que conseguiu aquelas olheiras como? — retrucou. — Ele está cansado, mas não dá o

braço a torcer. Não diga que eu te contei, um dia depois que ele descobriu que realmente seria pai, procurou um psicólogo...

— Psicólogo? — perguntei com os olhos arregalados.

— Sim, eu e Elliot fomos em sua primeira sessão — suspirou preocupado. — Foi difícil sentar lá e escutar as coisas que ele disse ao doutor. Foi pior para ele ter que falar, mas parecia determinado em pedir ajuda.

Ethan se calou por um momento e seu rosto mostrou sua preocupação.

— Nada justifica a crueldade que ele fez com

PERIGOSAS NACIONAIS

você, nada, mas tenha um pouco de paciência com ele, Carol — pediu. — Não sei se ainda há chances para vocês dois, mas não o afaste.

— *No* me peça isto — murmurei.

— Sinto muito por pedir que não o afaste, Carol, mas eu não sei quanto mais ele aguenta.

— O... o que quer dizer?

— Ele pode parecer forte e durão, mas a vida já maltratou muito o Abner. — Lágrimas brilharam em seus olhos e logo foram contidas. — Não o afaste, Carol, por favor, você e o bebê estão sendo a única coisa que o faz querer esquecer as marcas do passado e o mantém são — afirmou. — Se você o

PERIGOSAS ACHERON

afastar... vai matá-lo. Posso lidar com qualquer coisa, menos em ter que enterrar o meu irmão.

— *No* diga isto, Ethan.

— Não estou falando para te pressionar, foi você quem me pediu para te dizer o que estava acontecendo com ele — lembrou-me. — Só estou tentando te mostrar o quanto cru Abner está por dentro. Não o afastar, não significa que tem que perdôá-lo e voltarem a ser um casal.

Suspirei preocupada.

O que estava acontecendo com ele? Por que precisava de um psicólogo para ajudá-lo?

— Você não precisa ficar aflita com isto, tem

PERIGOSAS NACIONAIS

outros problemas que temos que nos preocupar agora — disse suavemente. — Eu e Elliot estamos de olho no Abner, não vamos permitir que nada aconteça com ele.

— *No* vou afastá-lo — afirmei o cortando.

Não iria perdoá-lo e voltar a ser a mulher dele. Mas se ficar por perto o ajudava, não iria afastá-lo.

— Obrigado.

Saímos do quarto em silêncio.

No saguão acenei para o funcionário que me atendia e o agradei pelo trabalho. Na porta uma limusine nos aguardava. Elliot apareceu um segundo depois sorrindo de forma travessa como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre e me abraçou. Entrei no carro e os dois me seguiram, se sentaram na minha frente e ficamos aguardando Abner.

Uns cinco minutos depois ele apareceu, se sentou ao meu lado e fechou a porta. Olhei para seu rosto, estava pálido como no momento em que entrou no quarto depois que acordei do desmaio. Seus olhos estavam vermelhos e seu corpo tenso.

Olhei para Ethan, mas não me encarava. Ele e Elliot olhavam preocupados para o irmão e eu soube que era mais sério do que Ethan havia me dito.

Ele não estava bem.

PERIGOSAS ACHERON

Elliot foi o primeiro a falar e tentar descontrair o ambiente.

Por todo o caminho até o hospital Abner foi calado, respondia quando era perguntado, mas não expressou nada. Descemos no estacionamento privado do hospital e passamos por um local onde não tinha contato direto com ninguém. Logo estava dentro de um consultório com um médico. Abner foi o único a me acompanhar e os irmãos ficaram no corredor. A consulta foi rápida, porém, precisa. Fiz alguns exames e fui liberada.

Subimos para o heliporto do prédio e entramos no helicóptero. O balanço rápido fez meu estômago se revirar. Os três Stabler e Marcelo me olhavam

preocupados. Um segundo depois Abner soltou o meu cinto e me puxou para seu colo.

— Meu corpo vai inibir um pouco os movimentos do helicóptero — explicou apertando seus braços em minha volta.

Ele apoiou os pés no banco da frente ao lado de Elliot e firmou as pernas comigo em seu colo. O enjoo era tão grande que não tive tempo de me preocupar em estar tão perto do corpo dele.

Foram os trintas minutos mais longos da minha vida.

Tentava respirar devagar e com calma, o balanço me enjoava. Ficar no colo de Abner tinha

diminuído um pouco, mas não o suficiente para não fazer meu estômago se revirar.

Quando pousamos, tive que ficar uns minutos sentada aguardando o enjoo e a leve tontura passar. Depois, Abner me carregou para fora com a ajuda de seus irmãos, assim que coloquei os pés no chão suspirei aliviada, mas não por muito tempo. Avistei uma lixeira e corri até ela. Vomitei tudo o que tinha no estômago e me senti exausta.

Novamente Abner me ajudou, entramos no avião particular e todos os seguranças já estavam lá. Ele me levou até a suíte que tinha no fundo e me deu escovas de dentes novas. Tomei um pouco de água e voltei com ele para sentar ao lado de seus

irmãos.

Os dois se sentaram de frente para mim e Abner.

— Melhor? — Elliot perguntou.

— *Sí.*

— Depois da decolagem vão lhe trazer um lanche leve. — Ethan informou.

Fiz uma careta e Abner suspirou cansado.

— Deve comer, Carolina — disse baixo sem me olhar.

Ia protestar, mas o avião começou a se movimentar. Encostei a cabeça no banco e fechei os olhos. Sempre ficava tonta quando o avião decolava e fechar os olhos ajudava aliviar. Senti a

PERIGOSAS NACIONAIS

mão de Abner apertar a minha.

— Sente-se bem?

— Fico tonta com decolagens — murmurei de olhos de fechados.

Ele ficou quieto e calado.

Enquanto Elliot não tinha o mesmo problema.

— Se for vomitar novamente, mire no chão ou no Ethan — disse e riu alto.

— Por que em mim? — Ethan perguntou.

— Porque eu estou sentado bem na frente dela, não quero correr o risco. — Se justificou.

— E só por isto ela deve passar mal em mim?

— Claro, você é um bastardo. — Elliot disse.

PERIGOSAS ACHERON

— Somos Elliot, somos — respondeu. — E além do mais, ela que vomite no Abner, ele é o pai. — Ethan protestou.

— Ela não vai passar mal. — Abner disse mal-humorado. — Caso aconteça é só usar o saco de emergência que tem nas poltronas.

O mau humor não mudou também. Pensei e me segurei para não rir.

Se ele não fosse mal-humorado não seria ele.

Ethan e Elliot conversaram por um tempo. Logo eu estava me sentindo melhor e uma aeromoça me trouxe um lanche. O olhar dos três homens me dizia que não tinha discussão. Comi devagar e os

ignorei por um tempo.

Até que Abner pegou minha mão novamente.

— Carol?

— Hm.

Ele não disse o que queria, hesitou um pouco antes de jogar mais uma bomba sobre o meu colo.

— Com esta ameaça do Matsueda, você não poderá ficar na sua casa.

— O quê?

— É para sua segurança...

— *No* vou sair da minha casa — protestei.

Aquilo estava saindo dos limites.

— Carolina, não podemos arriscar.

Toda vez que me chamava de Carolina era para mostrar o quanto estava determinado sobre algo, ou tentar impor suas vontades.

— Já disse que *no*.

— Carol, sua casa não é segura. — Ethan tentou me convencer.

— Que besteira é esta de que minha casa *no* é segura? — questionei. — *Yo* vou ficar na minha casa e nem tentem me impedir.

— Carolina. — O tom duro e baixo de Abner me fez encará-lo. — Se quer ficar na sua casa, tudo bem, mas entende que é um lugar onde meus homens não terão abrigo caso aconteça algum

PERIGOSAS NACIONAIS

ataque? — questionou. — Vou colocar uma dúzia deles em seu jardim e pode acontecer qualquer tipo de merda com eles por estarem tão expostos. Suas janelas e seu carro não são blindados. Não tem muros e sistemas de câmeras.

— *No* vou sair.

Era a minha casa, minha privacidade.

Não abriria mão daquilo.

Abner suspirou e acenou para os irmãos. Eles sabiam que não iria ceder desta vez. Aquilo tinha que ter um limite, ou daqui a pouco eles estariam controlando quantas vezes eu respirava por dia só para terem a certeza de que estava bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei meus olhos mostrando que não iria discutir mais aquele assunto. Aos poucos o sono foi chegando, apaguei cansada demais para manter meus olhos abertos.

Um tempo depois senti meu corpo ser elevado e o cheiro dele invadir meus sentidos. Logo depois, fui deitada em uma cama e tive a leve consciência de estar no quarto.

— Abner — sussurrei seu nome sentindo que tirava minhas sapatilhas.

— Durma, ainda falta muito para chegarmos em casa.

Não discuti.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Horas depois despertei me sentindo confusa sobre onde estava. Sentei devagar sobre a cama e deslizei meus olhos sobre o quarto luxuoso. Logo o encontrei sentado em uma poltrona no canto encarando a escuridão através da pequena janela oval do avião.

— Abner?

Me olhou no mesmo instante.

— Você está bem?

— *Sí.*

Ele acenou e continuou me encarando, seu olhar cansado me fez lembrar do que Ethan disse.

— *No* está cansado?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou bem — afirmou.

Me levantei devagar, calcei minhas sapatilhas e me sentei na poltrona na frente dele.

— Por que *no* dorme um pouco?

— Estou sem sono.

— Abner?

— Hm.

— Estou vendo o quanto está cansado.

— Estou bem — reafirmou.

Ficamos calados por um momento.

— O que está te preocupando tanto? — perguntei.

Esfregou o rosto e voltou a me encarar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou preocupado com sua segurança —
murmurou.

— Vamos ficar bem.

Ele se inclinou para frente e segurou minhas
mãos.

— Não posso falhar mais uma vez com você,
Carolina.

— Você *no* vai.

— Tenho que manter você e o meu filho em
segurança, não posso falhar — disse aflito. — Não
me perdoaria nunca se deixasse alguma coisa
acontecer com vocês.

— *No* vai acontecer nada, vamos ficar bem —

PERIGOSAS ACHERON

garanti querendo que ele não se preocupasse tanto.

— Por que não tenta dormir um pouco? —
perguntei novamente.

— Agora não, falta pouco para chegarmos.

Concordamos em voltar a ficar perto de Elliot e Ethan, estavam todos dormindo enrolados em suas cobertas. Nos sentamos e ele entregou minha manta. Me enrolei e aos poucos voltei a dormir.

Quando desembarcamos em Nova York, uma equipe de segurança já nos aguardava, assim os que estavam conosco foram dispensados para poderem descansar. Ethan e Elliot foram com suas escoltas para casa e eu fui com Abner em direção a minha

casa. Ricardo dirigia e nós nos mantínhamos em silêncio.

Me assustei quando um caminhão dos bombeiros passou acelerado por nosso carro. Abner atendeu o celular e Ricardo diminuiu a velocidade chegando há uma quadra da minha casa. Olhei pela janela e senti o sangue fugir do meu rosto.

Uma grande nuvem de fumaça enchia o céu. Desviei meu olhar e percebi que vinha na direção da minha casa. Arregalei os olhos e Ricardo parou por não poder entrar na minha rua.

Destravei minha porta e ignorei Abner me chamando. Saí do carro e minhas pernas falharam quando vi que o incêndio era na minha casa, ou do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que sobrou dela. Meio trôpega caminhei pela calçada até onde tinha uma fita impedindo a passagem de carros e de pedestres. Olhei para as chamas ainda altas, um bombeiro pendurado em uma escada segurava uma mangueira de água tentando acabar com o fogo.

— Senhora, não pode passar.

— Minha casa — sussurrei sem saber se ele me ouviria.

— Carol!

Abner estava ao meu lado, segurando minha cintura como se soubesse que estava pronta para desabar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha casa, Abner — sussurrei em choque.

— Minha casa.

— Eu sei, querida, vamos embora.

— Minha casa.

Ele me virou para encará-lo e não o impedi.

Não tinha forças.

— Juro que vou pegar quem fez isto e fazê-lo pagar, mas precisamos ir embora daqui...

Não estava o ouvindo, voltei meus olhos para minha casa e o choro veio através do choque. Amava tanto aquela casa, tinha a comprado com a herança que recebi dos meus pais e ali reconstruído minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Braços fortes me ergueram do chão e me levaram embora sem permitir que eu olhasse para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta e Sete

Carolina Callejas

Quando consegui me acalmar, percebi que ainda estava nos braços dele sentado em uma sala desconhecida.

— Onde estamos? — murmurei.

— Em minha casa, não a usava antes, mas acredito que aqui é mais seguro do que meu apartamento.

Acenei concordando e tentei sair do seu colo.

— Fique um pouco mais — segurou-me.

— Abner.

— Você estar melhor? — questionou. — Quer

que eu te leve a um hospital? Ou chame um médico?

— *No* preciso de um médico.

— Como está se sentindo?

— Devastada.

— Sinto muito, deveria ter deixado homens vigiando sua casa — murmurou. — Não imaginei que fariam algo do tipo, iria só mandar vascular a casa antes de entrarmos.

Comecei a chorar de novo, vê-lo me olhar com tanta culpa me deixava ainda pior. Ele não era o culpado por minha casa ter virado brasas. A culpa era de Xavier. O único responsável por aquela

maldade. Minha linda casa já não existe mais.
Somente ruínas.

— Se acalme, por favor. — Abner pediu.

— Dê a ela água.

Não conhecia aquela voz. Ergui os olhos e uma senhorinha me encarava também preocupada.

— Obrigado, Cida — disse Abner.

— É água com açúcar, vai ajudar.

— Açúcar? — Ele questionou não parecendo muito feliz.

— Um pouco de açúcar não faz mal, menino, vai acalmá-la.

— Tudo bem. — Ele resmungou contrariado. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Beba, querida.

— *Gracias* — digo limpando o rosto.

Bebi um pouco da água e me aconcheguei ao peito dele.

— Seus irmãos ligaram preocupados, o que digo a eles?

— Ligo para eles assim que puder, obrigado, Cida.

— Vou fazer um chazinho para ajudá-la a se acalmar mais — disse preocupada.

— *Gracias* — digo para a senhorinha.

Ela sorriu e saiu.

— Ela vai ficar aqui conosco para nos ajudar. —

PERIGOSAS ACHERON

Abner informou.

— Já tinha planejado isto antes, *no* é mesmo?

Ele deu de ombros.

— Acreditei que talvez conseguisse te convencer a ficar aqui comigo.

— Um pouco presunçoso.

— Só a quero segura — afirmou.

— O que vou *hacer* agora? Toda minha casa...

Solucei e ele me abraçou.

— O enxoval do bebê, os presentes que ganhei... tudo em chamuscas — choraminguei.

— Não pense nisto agora, podemos comprar tudo de novo e seus amigos darão novos presentes

PERIGOSAS NACIONAIS

para o bebê.

Acenei concordando incapaz de falar.

— Uma coisa de cada vez, tudo bem? —
questionou.

Acenei novamente.

— Primeiro, quero que se acalme e descanse,
depois vamos ver o que podemos fazer.

Era um bom plano, minha cabeça estava quente demais para pensar nas coisas. No que tinha perdido. No que iria fazer. Até mesmo meu carro deve ter queimado no incêndio. Tudo aquilo por causa da covardia do meu irmão. Ele tinha mandado um criminoso atrás de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ficar com o meu quarto, é maior e mais confortável.

— *No.*

— Eu fico no de hóspedes — afirmou.

— Vou ficar com o de hóspedes — contrariei.

— Carol...

— Vou ficar com o de hóspedes — repeti e ele suspirou.

Levantei do seu colo e coloquei o copo quase vazio na mesinha de centro.

— Tudo bem, vou te mostrar o caminho.

...

Com a cabeça doendo me encolhi sobre a cama,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abner tinha me deixado ali e dito que ia buscar minhas malas. Quando ouvi a porta se abrindo novamente fechei meus olhos e diminui o ritmo da respiração. Não queria conversar agora, só precisava ficar sozinha. Ele acreditou que estava dormindo, me cobriu com o edredom e depois de beijar minha testa saiu do quarto.

Tinha sentimentos tão doloridos dentro de mim que foi impossível não chorar. Sabia que lágrimas não resolveriam meus problemas, mas não podia evitar. Sentia que estava vivendo um inferno sem fim.

Acabei dormindo, cansada demais com o rumo dos meus pensamentos. Dormi por longas horas, e

PERIGOSAS ACHERON

quando acordei estava me sentindo enjoada. Corri para o banheiro e vomitei tudo o que tinha sobrado em meu estômago.

Voltei para o quarto depois de um banho, vesti um vestido de verão longo que comprei para as férias e nem tive tempo para usar. Observei que na mesa de café no canto do quarto tinha uma bandeja com um lanche. Alguns sanduíches, salada de frutas e um grande copo de suco. Ao lado do copo tinha um cartão dobrado ao meio. O peguei e abri.

“Coma tudo e se cuide. Deixe que cuido de todo o resto, lembre-se, vou cuidar e proteger você e o nosso bebê. A. Stabler”.

Também tinha uma pequena caixa com um laço

PERIGOSAS ACHERON

delicado por cima junto de um cartão dobrado. O peguei e li.

“Espero que goste do presente, não pude compartilhar de pequenos momentos como este antes e desejo poder voltar no tempo para corrigir meus erros. Mas nem tudo o que queremos é possível. Espero que goste. A. Stabler”.

Abri a pequena caixa e fiquei surpresa ao ver um par de sapatos de lã vermelha para bebês. Uma emoção de satisfação se instalou dentro de mim, por enfim aquilo que tanto desejei estar acontecendo. Por longos meses desejei o momento em que ele reconheceria nosso filho e agora estava vivendo aquele sonho em meio um pesadelo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abner, enfim, tinha voltado atrás e aceitado o fato de que nunca o trai, mas em um momento em que minha vida estava em risco por causa dos erros do meu irmão.

Suspirei em lágrimas ao pegar o outro cartão dobrado que tinha dentro da caixa.

“Dizem que quando se compra um par de sapatinhos vermelhos para um bebê, significa boa sorte, saúde e felicidade para sempre, assim também considerado um amuleto, por um antigo costume cigano...”

Não sei se é verdade, mas desejo tudo isto ao nosso bebê, que cresça feliz e saudável. Amo você, Carol, e amo essa criança que gera em seu ventre.

PERIGOSAS ACHERON

A. Stabler”

Sentei na cadeira tentando segurar as lágrimas, os sapatinhos eram tão delicados que me encantaram. Abner podia ser um ogro mal-educado, porém, quando queria era um doce. Ele estava se esforçando para consertar as coisas, era claro. Mas eu ainda não estava pronta para perdoá-lo.

Olhar toda aquele cuidado me fazia sentir algo diferente, como se estivesse conhecendo um novo Abner. Não sabia se era possível tal coisa, mas os pequenos sapatinhos vermelhos me diziam outra coisa. Ele sabia que eu tinha perdido tudo no incêndio e correu para comprar algo para o bebê.

Lembrar do incêndio fez meu coração doer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todas as minhas coisas tinham virado cinzas. O que mais me doeu foi lembrar do enxoval e do quartinho que estavam quase prontos. Todo decorado em branco. Tantas roupinhas lindas. O berço mais lindo que já tinha visto. Tinha trabalhado dia após dia com cuidado e muito carinho para que aquele quarto ficasse perfeito. E tinha conseguido. Mas tudo foi destruído pela covardia do meu irmão.

Raiva inchou no meu peito.

Era inacreditável que meu próprio irmão tinha colocado uma sentença de morte sobre minha cabeça.

Respirei fundo me acalmando e alisei minha

PERIGOSAS ACHERON

barriga com carinho. Meu filho era o meu maior motivo para lutar. Não abaixaria a cabeça e também não me renderia ao desespero. As coisas iriam se ajeitar em algum momento, só precisava ser forte. Iria pedir que Abner me levasse ao shopping e faria compras, precisava de roupas. Essa seria a primeira coisa da minha lista. Depois que o perigo passasse investiria em um apartamento e poderia recomeçar minha vida.

Uma coisa de cada vez, como Abner disse.

Comi o lanche que estava na bandeja e depois de escovar os dentes, desci levando-a comigo para a cozinha. Não conhecia ainda aquela casa e não nego que fiquei surpresa por saber dela, era linda e

luxuosa. Não imaginava o porquê ele não queria viver nela. Encontrei a cozinha e nela estava a mesma senhorinha de antes.

— *Hola.*

— Olá, querida, como se sente? — Cida perguntou.

— Estou bem, *gracias.*

Coloquei a bandeja na mesa e ela sorriu para mim.

— Poderia me dizer onde Abner está?

— No escritório desde que retornou da rua.

— E ele comeu alguma coisa?

— Ainda não, tentei insistir, mas não existe um

Stabler mais teimoso do que aquele.

— Poderia arrumar uma bandeja para que eu leve a ele? — pedi e ela acenou concordando. — O conhece há muito tempo?

— Ajudei Isabel a criar esses meninos, eu trabalhava junto com Rose na casa deles — contou. — Mas alguns dias atrás, ele me pediu para ficar aqui e ajudá-lo a cuidar de vocês.

Enquanto trabalhava me contava sobre como ajudou a criar os irmãos Stabler. Sobre a bandeja colocou uma xícara de café puro, como ele gostava, uma taça com salada de frutas e algumas bolachas integrais de chocolate.

— Ele come só isto? — perguntei curiosa.

— Geralmente sim, nunca exagera muito, mas desde que vocês chegaram não o vi comer nada.

— Vou cuidar para que ele coma isto — garanti.

Ela sorriu agradecida e me indicou o caminho para o escritório dele. Bati de leve na porta equilibrando a bandeja em cima da barriga. E logo ele mandou que entrasse. Abri a porta devagar e com cuidado para não derrubar tudo. Ele estava sentado atrás de uma grande mesa de madeira com o telefone em seu ouvido.

— Te ligo mais tarde.

Encerrou a ligação e se levantou vindo rápido

até mim e pegando a bandeja.

— Não deveria estar carregando essas coisas, ainda mais apoiada desta forma.

— Soube que não comeu nada ainda — digo dando de ombros.

Abner indicou que deveria me sentar no sofá de couro. Acenei concordando. Ele colocou a bandeja na mesa de centro e se sentou.

— Não estou com fome — afirmou. — Como você se sente?

— *Estoy bien* — apontei para a bandeja. — Coma algo.

Ele me analisou por alguns segundos antes de

acenar e pegar a xícara de café. Olhei seu rosto e percebi que ainda não tinha descansado. Seus olhos continuavam vermelhos e tinham grandes olheiras. Sua testa estava vincada mostrando preocupação e os lábios comprimidos em uma linha fina.

Tinha mudado de roupa e vestia jeans e camisa social, dobrada até os cotovelos.

— Vou ter que aumentar a segurança — disse e bebeu um pouco do café. — Acredito que não vai gostar, mas não poderá sair sem eles.

Gemi frustrada.

— Só quero que isto acabe.

— Vai acabar, Carol, juro que vai, vou protegê-

la — garantiu.

Acenei e alisei a barriga tentando acalmar os chutes que estava levando.

— Qual o problema? — perguntou atento. —
Está se sentindo bem?

— *Sí*, estou bem. São só os chutes.

— Ele já se mexe?

Acenei concordando e fiz uma careta ao sentir o chute nas costelas. Assustei quando Abner levantou depressa. Colocou a xícara na mesa e se agachou na minha frente.

— O... o que está fazendo?

— Posso?

Indicou que queria tocar minha barriga.

— Abner...

— Só tocar, por favor.

Seu pedido pareceu tão genuíno que não soube negar.

Acenei incapaz de formar palavras. Eu tinha aceitado que me consolasse quando chegamos e algumas vezes permiti sua aproximação. Mas nada que envolvesse minha barriga, era como se fosse um limite rígido entre nós dois.

Sua grande mão pousou sobre a minha barriga saliente e alisou devagar me olhando nos olhos.

— O que você acha que vai ser? — perguntou

baixo. — Meus irmãos me disseram que você não deixou que sua médica falasse qual era o sexo.

Seu tom de voz rouco tinha uma doçura repleta de emoção que me surpreendia.

— *No* sei, seus irmãos sempre fazem um ringue quando esse é o assunto.

— Alice acredita que é menina, Elliot e Ethan acham que é menino — sorriu. — Imagino.

Me diverti ver como ele conhecia os irmãos.

— *Sí*, sempre brigam.

— Acho que é um menino.

Não falei nada, somente sorri concordando. Peguei a mão dele e levei na lateral da minha

barriga onde sentia mais os chutes. Logo o bebê se moveu sobre a mão de Abner, ele arregalou os olhos e sorriu abertamente.

— Nossa, que forte — disse impressionado.

— *Sí*, às vezes pega bem em minhas costelas ou na bexiga.

— Dói?

— Às vezes *no*, mas quando acerta em algum lugar específico dói.

Sorriu concordando e continuou a alisar minha barriga. Ficamos em silêncio curtindo aquele momento que tanto esperei. Um minuto depois percebi que ele estremeceu, seu corpo ficou rígido e

PERIGOSAS NACIONAIS

sua mão parou o carinho.

— Abner?

Ele não respondeu.

— Abner?

O chamei novamente, ele fechou os olhos e escondeu o pesar que estava sobre eles. Quando voltou a abrir me surpreendi com a raiva estampada neles. Temi que me rejeitasse novamente e me senti tensa.

Ele se ergueu com facilidade e passou as mãos pelo cabelo mostrando o quanto estava nervoso.

— Venha comigo.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não respondeu, caminhou até a estante do fundo da sala e a deslizou para o lado com facilidade. Parecia estar presa sobre um trilho e para minha surpresa, havia uma porta de aço escondida atrás daquela estante.

— O que é isto?

Levantei devagar e fui até ele.

— Este é o quarto do pânico.

Franzi a testa confusa.

— Vou te passar a senha e você tem que me prometer que vai memorizar os números.

Ia perguntar o porquê, mas ele abriu a porta e uma luz automática se acendeu dentro do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abner pegou minha mão e me guiou para dentro.

— Caso aconteça algo... alguém invada a casa — começou. — Você tem que vim correndo para este lugar, vai estar segura até que a ajuda chegue.

— Por que você tem um lugar assim?

— Medida de segurança, viemos para essa casa justamente por ter esse quarto. Ele é feito de aço e a porta não se abre sem a senha — explicou. — Assim que essa porta for aberta, eu, Ethan, Elliot e nosso pai são avisados.

O quarto tinha uma cama no canto, um frigobar, alguns armários e várias TVs com imagens de todas as câmeras de segurança da casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jure para mim, Carolina, que vai vir o mais rápido que puder para este lugar e se manter segura.

— Abner...

— Jure, mesmo que algo me aconteça — insistiu. — Minha família virá por você, não se coloque em risco por nenhum motivo, por favor.

— Nada vai acontecer com você — digo nervosa.

Ele pegou minhas mãos e ficou na minha frente.

— Jure.

— Abner...

— Por favor, querida.

— Tudo bem, juro que vou vir para este lugar

PERIGOSAS ACHERON

caso algo aconteça.

— Bom, entre e feche a porta. Só abra para alguém conhecido, ou espere que abrimos a porta por fora — instruiu.

— Ok.

— Bom. — Ele suspirou ainda preocupado.

Saímos do quarto e ele fechou a porta. Deslizou a estante de volta e o lugar estava como antes.

Capítulo Cinquenta e Oito

Carolina Callejas

Voltamos a nos sentar no sofá de couro preto.

— Coma tudo — digo me referindo as coisas da bandeja.

Ele fez uma careta olhando para o café.

— Está frio.

— Coma as frutas então, *no* pode ficar sem comer, Abner. — O repreendo.

— Não estou com tanta fome.

— E sono?

— Sono? — questionou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Sí*, quantas horas dormiu desde que chegamos?

— Não tive tempo ainda.

— Não vai conseguir me proteger se estiver doente.

Ele me encarou em silêncio, alguns segundos depois se inclinou e pegou a taça de salada de frutas. Colocou uma colher na boca e mastigou com calma.

— Não tenho conseguido dormir muito — admitiu e desviou o olhar.

— Por quê?

— Pesadelos, culpa, preocupação — disse e deu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de ombros.

— Precisa descansar um pouco.

— Vou fazer isto.

O observei comer em silêncio. Depois peguei a bandeja vazia e ele agradeceu pelo cuidado. Acenei concordando e ele me seguiu até a porta.

— Hm... Abner.

— Sim.

— *Gracias...* pelo presente.

— Não foi nada, depois vamos sair para comprar mais coisas para você e o bebê — prometeu.

— *Gracias.*

PERIGOSAS ACHERON

— Não me agradeça por isto.

Ele abriu a porta e nós dois nos assustamos ao dar de cara com um homem na porta. Seu punho estava erguido como se fosse bater na porta. Ele sorriu abertamente. Um sorriso bonito e com dentes brancos perfeitos. Rosto másculo, olhos azuis, cabelos loiros e lisos até os ombros, alto e um corpo grande escondido debaixo de um terno caro.

— Sabia que estava me aguardando, mas não imaginei que fosse tanto. — O rapaz brincou.

— Bastardo. — Abner xingou e apertou a mão do rapaz. — Brian, veio mais cedo.

— Consegui uma brecha na agenda. — Me

PERIGOSAS NACIONAIS

encarou. — Você deve ser Carolina.

— Srta. Callejas para você. — Abner disse e estreitou os olhos.

— Somente Carolina — digo e Brian sorri abertamente.

— Prazer em conhecê-la, Carolina.

— O prazer é todo meu, Brian, vou deixá-los.

Abner acenou concordando e Brian me dá passagem já que seu grande corpo ocupava todo o espaço. No meio do corredor ouvi Brian dizer a Abner.

— Deveria segui-la, pois tem dois furacões na casa procurando por uma certa mexicana grávida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh merda. — Abner resmungou.

Não tive tempo de perguntar de quem se tratava. Duas mulheres lindas apareceram na minha frente, Alice com um sorriso enorme ao me encontrar e uma senhora com olhos azuis tão bonitos como os daqueles irmãos.

— Graças a Deus você está bem. — Alice disse e se aproximou.

— Aconteceu alguma coisa? Já falou com os bombeiros? — A senhora perguntou.

Alice tirou a bandeja das minhas mãos e entregou para Abner que tinha acabado de chegar ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deus, olha o tamanho desta barriga.

— Calma, mãe. — Abner disse. — Carol, essa é minha mãe Isabel.

—Prazer em conhecê-la, senhora — digo educadamente.

— Nada de senhora, somente Isabel — disse ela.

Me abraçou com carinho e Alice fez a mesma coisa, um segundo depois fui bombardeada com perguntas. Eram tantas que mal conseguia entender. Uma atrás da outra. Alice e sua mãe Isabel, nem paravam para respirar.

— Deus! Como vocês falam! — Abner disse mal-humorado.

PERIGOSAS ACHERON

— Me respeite, menino. — Isabel se calou ao olhar no rosto de Abner. — Querido, você está bem? Eu te conheço bem, meu bebê, quando foi a última vez que dormiu?

— Mãe. — Ele gemeu frustrado e acabamos rindo.

Até mesmo Brian riu da careta que seu amigo fez por ser chamado de bebê.

— Até parece que Melissa não faz a mesma coisa com Brian, não sei porque ele está rindo. — Isabel disse um pouco brava. — E vocês quatro são meus bebês.

— Não ligo que me chame de bebê, mãe. —

Alice a confortou abraçando a mãe.

— Estou bem, mãe. — Abner garantiu e nenhum de nós acreditamos. — Vamos para a sala conversar.

Todos concordamos. Na sala, Cida apareceu trazendo xícaras de café puro. Parecia ser algo que todos naquela família apreciavam, até mesmo Brian. Não sabia quem era ele, mas parecia ser alguém próximo.

Cida levou a bandeja que eu tinha levado para Abner e nos deixou sozinhos. Todos nos acomodamos no sofá. Tive que acalmar as duas mulheres, mostrando que estava bem, mesmo depois de tudo o que tinha me acontecido.

Abner explicou as duas, que as regras de segurança estavam mais rígidas que antes. Ele não permitiria que ninguém se machucasse. Meu coração pesou ao saber que todas aquelas pessoas estavam em perigo por causa do meu irmão. Mesmo que Abner garanta que ele também tem sua parcela de culpa, por causa do seu trabalho, nada me convencia.

Pelo que entendi, Brian era sócio/dono de uma empresa de segurança pessoal, administrada por ele e seu pai. E eles eram os responsáveis pelos homens que mandavam para fazer a segurança dos Stabler.

— Brian fará sua segurança pessoal a partir de

amanhã. — Abner informou.

— Você gosta de fazer trabalho de campo. —
Isabel afirmou sorrindo.

— Sim, Isabel — acenou concordando. —
Infelizmente fico preso demais no escritório.

— Não vai te atrapalhar? — perguntei
constrangida.

Ele deixaria seu trabalho de lado somente para
ser o meu segurança.

— Nenhum pouco, meu pai dá conta sozinho e
eu posso trabalhar pelo notebook quando
estivermos aqui. — Brian disse com tranquilidade.

— Viemos para levá-la para fazer compras. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Alice disse mudando de assunto.

— Você descansou bem? — Isabel perguntou levemente preocupada.

— Estou bem — afirmei.

— Tem certeza? — Alice perguntou.

— *Sí*.

— Vocês não podem ir hoje. — Abner diz e as duas o olham bravas.

Nem mesmo se abalou sobre o olhar indignado das mulheres.

— Segurança extrema desde o incêndio — explicou ele. — E pelo que sei não informaram onde vão com antecedência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner. — Alice geme frustrada.

— Você tem certeza, filho? — Isabel questionou séria.

— Sim.

— Mas ela precisa de roupas. — Alice protestou.

— Pode usar os seus contatos e fazer as lojas virem até ela. — Abner deu a ideia.

— E qual seria a graça disto? Não poder olhar as araras de roupas...

— Posso ir com elas. — Brian disse interrompendo Alice.

— Mas sua agenda não está cheia? — Abner

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

questionou.

— Faço esse sacrifício. — Ele dramatiza e sorri.

— Meu pai pode cuidar da papelada de hoje, vamos levar as moças as compras.

— Não foi planejado. — Abner disse firme. — Não posso arriscar, Brian.

— Não vai acontecer nada, conhece minha segurança pessoal. — Brian disse despreocupado. — Nem um tanque de guerra passa por eles.

Alice choramingou e Isabel insistiu até que Abner cedeu. Claro que antes ele me perguntou se eu estava bem para ir com elas. A verdade era que precisava de uma distração tanto para os

PERIGOSAS ACHERON

sentimentos confusos, quanto para os doloridos que estavam em meu coração.

Seria bom espairer de toda aquela confusão que estava vivendo. Confirmei que estava bem para segui-las e ele pareceu indeciso em permitir, não que eu precisasse de sua permissão para alguma coisa. Mas ele estava visivelmente preocupado com a minha segurança. Brian o garantiu que iria ficar tudo bem, que nos protegeria com sua própria vida se fosse preciso e Abner cedeu. Ele não poderia ir conosco já que tinha trabalho acumulado e também alguns problemas de segurança para resolver.

Alice me arrastou de volta para o quarto, precisava trocar de roupa já que o frio na cidade

estava de congelar. Ela e sua mãe eram pessoas prevenidas e levaram roupas para mim, o que foi um alívio.

Quando estava pronta, dona Isabel parou na minha frente me olhando com preocupação.

— Você está bem, querida?

— *Sí.*

— Queria me desculpar com você pelas atitudes do meu filho, eu não o eduquei para agir daquela forma.

— *No* precisa se desculpar.

— Se você não se importa, gostaria de te dar um conselho.

— Fico feliz em ouvir.

— Não aja como ele — disse com sabedoria. — Não deixe que suas feridas te impeçam de ser feliz. Use o Abner como seu exemplo, meu menino nunca cicatrizou o passado e as marcas que foram deixadas em seu coração. — Seu olhar ficou triste. — E isto o fez magoar outra pessoa. Ele te feriu e em vez de curar o próprio coração, Abner acabou se machucando mais do que acreditou ser possível quando descobriu que foi injusto em julgá-la.

— Isabel — hesitei.

— Não estou dizendo para perdoá-lo agora, você também precisa de um tempo. Ainda mais depois de tudo que ele te fez — disse compreensiva. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Peço que não duvide do quanto ele sente muito em ter te machucado, com suas palavras cruéis. Não duvide da sinceridade dele, Carol, Abner pode ser muitas coisas, mas ele nunca foi um mentiroso.

— *Yo no* duvido, ele tem sido muito sincero comigo desde que nos encontramos no Brasil — afirmei. — Mas ainda...

— Não está pronta para perdoá-lo. — Alice disse.

Acenei para ela e sua mãe sorriu gentilmente.

— Lembre-se que feridas tem que ser curadas ou elas acabam nos matando — aconselhou Isabel. — Abner está aprendendo isto da forma mais difícil,

PERIGOSAS ACHERON

mas ele está aprendendo.

O olhar triste dela mexeu comigo. Todos sabiam o que Abner estava passando, menos eu. Não queria julgá-lo, mas também não queria aceitar que seu passado justificava suas atitudes.

Se ele estava aprendendo a curar seu passado, já era um bom começo.

Ou talvez um recomeço.

...

— Qualquer coisa que precisar é só me ligar. —
Abner me diz antes de sairmos.

— Tudo bem.

— Se elas te enlouquecerem, também me ligue.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele sussurrou me fazendo sorrir de leve.

— Pode deixar.

Ele acenou e beijou minha testa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinquenta e Nove

Carolina Callejas

Exausta.

Eu estava acabada de tanto andar pelo shopping com aquelas duas malucas. Que *Dios* me perdoe, mas as duas quase me levaram à beira da loucura.

Me fizeram de boneca por longas horas. Se eu queria me distrair, consegui. Também não me permitiram pagar pelas compras, nenhuma peça. Insisti por um tempo, mas rapidinho descobri que não adiantaria nada gastar saliva com elas. Era aquela coisa do sangue, os Stabler conseguiam ser mais teimosos do que mulas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Brian somente sorria e dizia que eu estava gastando meu tempo. Então, parei de insistir, era completamente inútil. Me carregaram de loja em loja, todas de marcas, e compraram o que acharam necessário. E elas não escolheram só roupas de grávida, diziam que logo o bebê teria nascido e eu teria que ter roupas normais.

No final, tínhamos comprado quase todo o shopping. Também passamos na loja de Alice, onde ela me empurrou um monte de roupas e disse que mandaria entregar outras peças mais tarde. Roupas que tinha desenhado para mim com e sem barriga de grávida.

Um leve chute na minha bexiga me fez ter mais

PERIGOSAS ACHERON

vontade de ir ao banheiro.

Dios mio, ainda faltava um pouco para chegarmos. Pelo menos era o que eu achava.

— Você está bem, Carolina? — Brian perguntou me tirando de meus pensamentos.

Estávamos sentados na parte de trás de um Jeep e dois seguranças enormes iam na frente.

— *Sí*, só mais um chute.

Ele acenou concordando e continuou sério, observando pela janela, parecia tenso. Sabia que todo segurança ficava daquela forma, mas ele era diferente.

— Por que tantos seguranças? Quero dizer... hm,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque você tem tantos seguranças além do fato de ter uma empresa?

— Entendi. — Ele responde sorrindo. — Sou um Watson Baleroni.

— Joias Watson? — questioneei surpresa.

— Sim, apesar de ter uma empresa de segurança, não consigo me livrar deles — respondeu.

Voltamos a ficar em silêncio e para meu alívio, logo entramos na longa propriedade da casa de Abner. Já não aguentava mais aguardar para alcançar um banheiro. O segurança mal tinha aberto a porta para mim e eu já estava andando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

depressa para dentro da casa. Nem agradei Brian pela segurança e corri.

Vou para o meu quarto e entro no banheiro.

Depois de um banho a exaustão me tomou. Meus pés estavam cansados e inchados, claro que a culpa era minha. Tinha ficado de salto, sabendo que não era recomendável. *O que podia fazer?* Amava estar sobre um belo par de sapatos de saltos.

Deitei na cama prometendo que amanhã iria ajudar Cida com as roupas. Mas no momento, só precisava dormir.

O sono chegou rápido e arrebatador.

...

PERIGOSAS ACHERON

Queria dormir mais, porém, uma fome me pegou de jeito no meio da noite. Rolei na cama de um lado para o outro procurando uma melhor posição tentando ignorar a fome. Bufei irritada. Olhei para a janela e vi que as persianas estavam fechadas, mesmo sonolenta acabei me sentando devagar na cama. Uma sombra sentada no canto do quarto me assustou.

— Sou eu. — A voz de Abner aliviou o susto.

— O que está fazendo aqui? — perguntei. —
Que horas são?

— São uma e meia da manhã.

— O que está fazendo aqui? — repeti a

pergunta.

— Te olhando dormir.

Suspirei e acendi o abajur.

— *No* quero que faça isto, Abner, *no* entre no meu quarto sem minha permissão.

Não consigo ver bem sua expressão, mas vi que acenou concordando. Apoiou os cotovelos sobre os joelhos e escondeu o rosto nas mãos.

— Saia, Abner, vá para seu quarto dormir um pouco — pedi.

Ele não me respondeu, continuou lá na poltrona com o rosto entre as mãos e seus ombros estavam tensos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fui a sua casa hoje.

Fiquei tensa com medo do que ouviria. Levantei devagar e acendi a luz. Sentei na beirada da cama, ficando mais próxima dele e aguardei que continuasse a falar.

Abner levantou a cabeça e me encarou com os olhos cheios de culpa.

— Também falei com os bombeiros, quando você saiu.

— O que eles disseram? — sussurrei sabendo o que ouviria.

— Incêndio criminal.

— *Dios mio.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi encaminhado para o departamento de investigação da polícia — contou. — Depois terá que dar seu depoimento e enfrentaremos um longo processo.

— Nunca vou perdoar Xavier, como ele pôde fazer isto comigo?

Abner suspirou e esfregou o rosto cansado.

— Sinto muito, Carol.

— Pelo quê?

— Deveria ter deixado seguranças na sua casa antes de viajar. — Sua voz era coberta de dor. — Estava tão preocupado com você que não me liguei a esse detalhe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *No* é sua culpa, *no* tinha como saber que eles fariam algo assim.

— Lido com crimes, claro que eu sabia que bandidos não tem limites! — explodiu.

Seu tom de voz tinha mudado. Não parecia mais o Abner calmo que foi me buscar. Ele estava transtornado por dentro e tentava a todo custo não explodir.

— Ainda assim, *no* é sua culpa — digo baixo.

Ele socou a poltrona com força e foi até a janela. Abriu a cortina de forma exasperada mostrando sua falta de controle.

— Não diga isto — rosnou de costas para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo isto é minha culpa.

Desta vez seu tom estava baixo e controlado, porém, cheio de pesar.

— Você deveria estar somente curtindo sua gestação e não preocupada com sua segurança — suspirou alto. — Deveria ter parado seu irmão quando eu a conheci, mas não tive tempo de investigar com o que ele andava se metendo. Xavier abriu a maldita boca, mas a raiva do Matsueda se voltou para você por minha causa. Fiz tanta confusão nos últimos seis meses que não sei mais se sou capaz de consertar.

Meus olhos encheram de lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A sinceridade de Abner era de fazer qualquer um perder o ar. Ele não se fazia de vítima, assumia os erros sem pestanejar e levava até mais do que suportava. Podia ver o quanto ele se culpava, mas aquele erro não era dele.

— Te magoei tanto por não saber lidar com meus próprios demônios — disse baixo. — A insultei e ao meu filho. Te abandonei em um momento tão delicado e importante. Como se não bastasse meus próprios erros, sua casa foi incendiada e... não quero nem imaginar se você estivesse lá dentro.

Me levantei e fiquei ao lado dele. Olhando para o horizonte pela janela.

PERIGOSAS ACHERON

— Abner?

— Hm.

— *No* é sua culpa.

Ele ia protestar, me virei e ele me encarou.

— *No* é sua culpa — insisti. — O que tem acontecido *no* é sua culpa, Abner, Xavier é o único culpado desse inferno.

Ele desviou o olhar e não me respondeu.

Suspirei cansada, queria que acabasse logo aquele problema e que eu pudesse ter um pouco de paz. Ele se moveu tirando um pequeno envelope do bolso de seu terno.

— Encontrei isto na sua casa — murmurou. —

Não sobrou muita coisa, mas fiz questão de trazer essas duas coisas para você.

Me entregou o envelope e o abri ansiosa para saber o que era. Uma foto da minha família, aquela que Abner tinha encontrado no meu closet. Tinha seguido seu conselho e a coloquei em um retrato de vidro ao lado da minha cama. As beiradas estavam um pouco queimadas, mas o vidro tinha protegido a maior parte da foto.

Lágrimas escorreram por meu rosto, emocionada que tinha restado um pouco deles para mim.

— *Gracias* — murmurei encarando a foto.

Dentro do envelope ainda tinha algo, o peguei e

PERIGOSAS NACIONAIS

vi que era um colar que também tinha sido da minha mãe. Raramente eu o usava, mas ele tinha sobrevivido ao incêndio. Abner o pegou da minha mão e o passou por meu pescoço. Tirou meu cabelo do caminho e o fechou.

— Imagino que ele seja importante para você, não o tire mais.

Acenei e limpei o rosto.

Abner me virou para encará-lo.

— Não posso mudar as coisas, Carol, mas posso tentar melhorá-las — disse em um tom de promessa. — Achei a foto no chão protegida pelo vidro e o colar foi por acaso. Sinto muito que sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa tenha sido destruída.

Não disse nada, ele limpou as lágrimas do meu rosto e me puxou para um abraço. O conforto dos seus braços acalmou meu coração, ele ainda tinha esse poder sobre mim.

— Faço qualquer coisa por você — murmurou.

— Abner — choraminguei seu nome.

— Não chore mais, vamos dar um jeito — prometeu.

Beijou meus cabelos e me abraçou mais forte antes de se afastar. Sorriu de lado e me deixou sozinha no meu quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sessenta

Carolina Callejas

Deitei sobre a cama e fiquei encarando a foto dos meus pais comigo e Xavier. Me lembrava daquele dia perfeitamente. Do sorriso perfeito de bebê do meu irmão. Do olhar apaixonado que mamãe dava para o papai. Era um dia quente, estávamos em um pequeno parque fazendo um piquenique em família. Eu e o papai andamos de bicicleta por um longo tempo. Xavier colocava tudo que achava na boca e corria para todos os cantos, tinha aprendido a andar e era difícil segurá-lo no mesmo lugar por muito tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

No final daquele dia tão divertido, tiramos uma foto. Todos sorrindo eternizando um momento tão feliz como aquele.

Por mais que quisesse ficar ali curtindo aquela saudade, a fome falou mais alto. Não podia mais adiar. Um desejo de comer algo diferente, algo que nunca tenha comido antes, mas não sabia o que poderia ser.

Calcei meus chinelos e me enrolei em um hobby de seda preta que ia até os pés. Desci devagar e me segurei no corrimão da escada, não queria tropeçar e acabar caindo por causa da minha ansiedade em comer.

Acendi a luz e abri a geladeira, vasculhei as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prateleiras com os olhos. Para minha surpresa tinha um bolo de chocolate, algo que eu sabia que Abner nunca comeria, mas que parecia tão delicioso.

Em um pote de vidro achei macarrão com queijo e minha boca encheu d'água. Tirei o bolo e o macarrão. Coloquei o pote de vidro no micro-ondas e vasculhei os armários em busca de um prato. Cortei uma fatia do bolo. Comi um pedaço e como imaginei, estava delicioso.

O micro-ondas apitou e o cheiro de queijo encheu a cozinha. Fiquei com um grande desejo de comer aquele macarrão com o bolo. Coloquei um pouco do macarrão no prato e o cheiro aumentou o desejo.

PERIGOSAS ACHERON

— *Dios mio* — murmurei ansiosa enquanto juntava os dois em um garfo.

O levei na boca e apreciei o sabor. Realmente era algo que nunca comi e nunca imaginei que seria tão bom o sabor, pelo menos para o meu paladar de grávida.

— Que delícia — digo colocando mais na boca.

Vejo Abner entrando na cozinha e por pouco não engasgo. Ele usava uma calça de moletom baixa demais em seus quadris, a visão do seu corpo fez outros desejos me incomodarem.

— O que é isto que está comendo? — Ele parou de falar e fez uma careta quando viu o que era. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Que nojo, Carol — murmurou com o nariz enrugado.

Dei de ombros mostrando que não me importava com a opinião dele naquele momento.

— Estou com desejo, *no* posso evitar.

Me encarou por um segundo e depois foi até a geladeira. Tirou uma garrafa de água e pegou um copo, se sentou do meu lado e se serviu.

— Sempre sente isto? — perguntou curioso.

— Hm?

— Desejo — explicou. — Sempre tem desejos?

— Às vezes.

— E na maioria são de comer combinações

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estranhas como essa, de macarrão e bolo? —
questionou.

Um leve sorriso se formou em seus lábios

— Às vezes — murmurei constrangida.

— Qual deles foi mais estranho? — Se mostrou
mais curioso.

— Hm... talvez, chocolate com sal ou sorvete
com pizza de anchovas.

Ele fez outra careta.

— Não sei qual deles poderia ser pior —
comentou rindo e bebeu a água. — Mas acredito
que não deva exagerar no doce, lembra que nasci
diabético? Por ser algo hereditário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei de comer e o encarei.

Não tinha me lembrado daquele detalhe enquanto me empanturrava com doces.

— Não fique preocupada, vamos até sua médica e você faz os exames necessários. — Me acalmou.
— Só não exagere com o açúcar.

Acenei concordando e acabei de comer o que tinha no prato.

Abner bebeu quase toda a água e depois esfregou o rosto. Seus olhos estavam caídos com o cansaço. Olheiras profundas marcavam sua pele clara. Sua testa com marcas de preocupação e estresse. Por mais que não quisesse, eu o conhecia bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como tem aguentado ficar assim? —
questionei.

— Assim como?

— Sem dormir direito.

— Não sei.

— Precisa se cuidar — digo e tomo o resto da
água que ele deixou.

Não me respondeu, somente acenou e ficamos
ali em silêncio por um tempo. *Eu* estava cheia
demais para dormir e ele parecia preocupado
demais para descansar.

Aquilo não poderia continuar desta forma, por
mais dura que quisesse ser com ele, meu coração

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era mole. Me levantei e ele me acompanhou com o olhar.

— Boa noite, Abner, vá descansar.

Ele segurou meu braço e se levantou lentamente. Sua outra mão vem para minha bochecha e me faz um carinho.

— Disse que não te beijaria, mas é tão difícil manter a distância de você.

— *No* faça isto, Abner — pedi.

— Amo você — sussurrou de forma dolorosa.

Acreditei que seu amor por mim lhe causava dor.

— Sinto tanto.

PERIGOSAS ACHERON

— Por me amar? — questionei um pouco irritada.

— O quê? *Oh* não, sinto tanto por tê-la machucado — explicou. — Se eu não tivesse sido um monstro com você, hoje não precisaria implorar por um simples beijo.

Ele se inclinou em minha direção, aproximando sua boca da minha.

— Deixa-me beijá-la — sussurrou.

Queria tanto ceder. Beijá-lo seria pouco para me satisfazer. Sentia falta dos seus carinhos. Dos seus toques. Da forma como venerava meu corpo.

— *No* — murmurei. — Ainda *no*, *no* estou

pronta...

Ele suspirou e beijou minha testa, depois permitiu que eu me afastasse. Não o encarei nos olhos.

— Ainda o escuto gritar comigo todas as vezes que fecho meus olhos. Ainda me lembro dos seus insultos e ofensas. Seu olhar em chamas, cheios de ódio... *No* posso.

Ele acenou e eu me apressei para sair daquela cozinha.

Capítulo Sessenta e Um

Carolina Callejas

Pela manhã, Cida apareceu com algumas peças de roupas que eu tinha comprado no dia anterior. Ela não me deixou vestir antes que lavasse, fiquei agradecida pelo seu cuidado e ela prometeu que no fim da tarde estaria tudo no closet. Disse que não precisava se preocupar, mas Cida sorriu e afirmou que seria um prazer ajudar. Teria uma ajudante e não faria nenhum trabalho pesado, disse para aliviar minha preocupação.

Não tinha dormido bem, mas mesmo assim resolvi ir trabalhar. Ter algo para fazer, ocuparia

minha mente e isto seria bom. Tomei um banho quente e vesti um vestido longo com uma jaqueta jeans e saltos nos pés. Arrumei o cabelo em um rabo de cavalo e uma maquiagem leve.

Fiz uma careta ao ver como meu nariz parecia inchado, consequências da gravidez. Não estava muito grande, mas dava para ver a diferença. Peguei minha bolsa e descii devagar as escadas.

Ia para a cozinha, mas a figura no sofá me fez parar.

Abner.

Ele estava deitado de um jeito desconfortável e ainda vestia somente a mesma calça de moletom

que vi na madrugada. Seu cabelo negro e liso caía sobre o rosto. Seus braços estavam dobrados atrás do pescoço.

Suspirei.

— Abner.

Chamei seu nome com a voz baixa, não queria assustá-lo. Um segundo depois seus olhos se abrem mostrando o sono leve.

— Dormiu no sofá?

Questionei sabendo a resposta. Ele fez uma careta quando esticou um dos braços e o colocou sobre os olhos.

— Sim, me deitei aqui e acabei ficando —

murmurou.

— Vá para cama — digo e meu tom tem um pouco de ordem.

— Cheirosa e arrumada — murmurou. — Onde pensa que vai, senhorita Callejas? — perguntou ainda com o braço tampando os olhos.

— Oras, vou trabalhar.

Aquilo o despertou de vez, se sentou e estalou o pescoço.

— Trabalhar? — perguntou e bocejou.

— *Sí.*

Bufou.

— Poderia facilitar minha vida e ficar em casa,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas a teimosia em seu sangue não permitiria tal coisa, não é mesmo? — questionou esticando os músculos tentadores.

— Que bom que sabe.

— O café da Cida é o melhor! — A voz de Brian surgiu vindo da cozinha.

Abner o olhou com uma expressão ameaçadora e depois se levantou.

— Vou tomar um banho e te deixar no trabalho.

— Ele murmurou para mim e depois olhou para Brian que se sentou no sofá, depois de desabotoar seu terno preto. — Desde quando você ficou tão folgado?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desde o dia em que me deu liberdade para quebrar sua cara. — Brian respondeu e deu de ombros, não se importando com a cara de bravo que Abner fazia.

— Fala como se alguma vez tivesse conseguido — retrucou mal-humorado.

Abner virou em seus pés e saiu sem dizer mais nada. Era claro que eles eram amigos, Brian parecia o tipo de pessoa tranquila que não se deve mexer muito. Era tão grande quanto Abner e se lutassem eram capaz de destruir o mundo.

— Bom dia, Carolina, Cida estava preparando seu café da manhã. — Brian disse.

PERIGOSAS ACHERON

— *Buen día*, Brian.

Ele acenou e seu celular tocou.

Caminhei para a cozinha, dando a ele privacidade e encontrei com Cida mexendo na geladeira.

— Bom dia, menina, sente-se e coma — ordenou. — Precisa se manter forte.

Concordei.

Em silêncio tomei meu café, dez minutos depois, Abner apareceu na cozinha. Era visível sua falta de humor. Algo característico dele. Murmurou um bom dia para Cida e encheu uma caneca grande de café *estilo Abner*, puro e sem açúcar. Colocou na

bancada e voltou para o armário. Tirou seu kit de primeiros socorros, onde guardava os aparelhos que usava para controlar sua pressão e glicose.

— Dormiu bem? — Ele murmurou a pergunta para mim depois de pegar o frasco de insulina na geladeira.

— *Sí* — menti e ele acenou com a cabeça.

Cida me ofereceu outra xícara de cappuccino, aceitei e agradei. Abner furou o dedo com uma caneta que tinha uma agulha na ponta, manchou a fita do medidor e aguardou. Olhou o resultado e sem dizer nada tirou a fita, guardou o aparelho na caixa e pegou o medidor de pressão. Respirou devagar e o colocou no pulso depois de soltar o

PERIGOSAS ACHERON

botão da camisa e terno. Fez a mesma coisa, olhou o resultado sem expressar nada e guardou o aparelho. Depois mediu a insulina na seringa e para minha surpresa, abriu o terno e puxou um pouco da camisa branca de dentro da calça. Aplicou a insulina na barriga. Franziu a testa de leve, acredito que deve ter doído desta vez.

Não perguntei nada, sabia sua resposta. Ele já havia me dito que aplicar no mesmo local por muito tempo deixava a pele e músculo levemente endurecido, e isto causava dor. Por isto sempre usava lugares diferentes.

Ele ajeitou a roupa e guardou suas coisas.

— Um planejador de móveis irá passar aqui

mais tarde — disse para Cida.

Ela o olhou com atenção, deixando de organizar sua cozinha.

— Leve-o em meu quarto, ele vai adaptar um mini freezer no meu banheiro — informou. — Depois que terminar o serviço, leve esse kit e a insulina para lá, por favor.

— Vou fazer isto, Abner.

— Obrigado.

— Me responderia se *yo* perguntasse o porquê?
— perguntei e finalizei minha bebida.

— Sim — acenou. — Gosto de cuidar disto depois que saio do banho e com pouca roupa. Usar

terno atrapalha um pouco — deu de ombros.

Acenei e desviei o olhar quando me lembrei da primeira vez que o vi fazer aquele processo pela manhã. Estávamos em seu apartamento, depois dele ter batido em Thiago, e o vi na cozinha usando somente uma toalha.

Ele tomou seu café e pareceu apreciar cada gole. A cafeína fazia isto com as pessoas, nada do que uma boa xícara para começar o dia.

E Abner não era diferente disto.

Subi para escovar os dentes e quando desci o encontrei na sala lendo um jornal. Quando me viu, me encarou por um tempo, seus olhos cansados e

lindos tinham uma intensidade hipnotizante. Desviei meu olhar do dele e encontrei Brian sentado ao seu lado, olhando alguma coisa em um tablet.

— Vamos. — Abner pronunciou depois de dobrar o jornal e o colocar de lado.

Acenei concordando e Brian se levantou junto com Abner.

Os dois tinham quase o mesmo tamanho e um contraste bonito. Abner com seus cabelos negros como a noite e lisos, Brian era loiro pálido, também liso e um pouco maior do que os de Abner. Mas os dois, lado a lado, eram de dar inveja para qualquer modelo, ou talvez deveriam estar estampados em

PERIGOSAS ACHERON

uma capa de revista.

Ao encarar os olhos duros dos dois, sabia que passarelas não era uma coisa que teriam paciência para fazer. Queria sorrir com aquela afirmação, mas me segurei.

Os acompanhei até o carro que nos aguardava do lado de fora, Ricardo esperava com a porta aberta. Os mesmos seguranças grandes que me acompanharam no dia anterior, os seguranças de Brian, estavam prontos para nos seguir.

...

— Abner?

O chamei quando percebi que não estávamos

PERIGOSAS NACIONAIS

indo em direção do meu estúdio.

— Hm.

— Você disse que me levaria para o trabalho —
digo e ele acenou concordando.

— Sim, vou te levar para o estúdio.

— Mas esse no...

Me calei quando o carro parou, reconheci o
lugar imediatamente.

— Abner, o que estamos fazendo aqui? —
pergunto baixo tentando não me estressar.

— Marquei uma consulta para você.

— E *no* pretendia me dizer? — questiono brava.

Ele respirou fundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu iria em algum momento, me esqueci de informá-la ontem.

— *Estoy bien*, no preciso de uma consulta.

Ricardo abriu a porta e saiu do carro, ficou do lado de fora aguardando e Brian continuou sentado no mesmo lugar.

— Por isto estamos aqui, quero ter certeza que está realmente bem. — Abner diz chamando minha atenção novamente.

— Para quem *no* queria me ver nem pintada de ouro, você está se importando demais! — ataquei o olhando nos olhos.

— Ei, vocês dois. — Brian nos chamou. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou adorando presenciar a *DR* de vocês, mas se querem continuar com isto esperem estar em um lugar seguro e privado.

— Você não deveria se meter, pelo que me lembro, ainda estou te pagando. — Abner disse duro e firme.

Aquele era o Abner grosseiro que eu conhecia, Brian não se abalou com os modos do amigo.

— Não me importo. — Brian o respondeu. — Vamos entrar ou não? Ficar parado em um lugar público assim é chamar atenção desnecessária.

— *No* vamos, estou bem e quando precisar de uma consulta *yo* mesmo marco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carolina.

— *No*, Abner.

Ele suspirou e esfregou o rosto.

— Não estou querendo controlar sua vida, Carolina, juro que me esqueci de dizer a você sobre a consulta.

— Abner...

— Me espere terminar.

Acenei concordando a contragosto.

— Desde que chegamos resolvi problema atrás de problema, mas a consulta não foi só por minha conta — disse baixo como se falasse com uma criança. — Lembra que o médico no Brasil disse

PERIGOSAS ACHERON

que você deveria refazer os exames aqui? Que deveria consultar com sua médica ginecologista para que tivesse uma melhor avaliação? — questionou.

Acenei novamente, me lembrava, mas não queria ceder tão fácil a ele. Sentia que estava tentando me controlar, mesmo que dissesse que não era o que queria.

— Lembrei de marcar a consulta e fiz isto, errei em não te dizer — assumiu. — Mas não foi intencional, minha mente tinha coisas demais para resolver que me esqueci. Sinto muito se continua acreditando que quero controlá-la, mas não é verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me fez mudar para sua casa.

— Porque a sua estava em chamas! — exclamou e meus olhos encheram de lágrimas.

Eu sabia que era verdade, mas a teimosia em mim não me deixava ceder, juntando com os hormônios. Enlouquecia-me.

— Carolina. — Seu tom era baixo e mediador.

— Marcou uma consulta sem me informar ou perguntar o que achava — acusou.

— Você ficou um bom tempo dormindo e depois saiu para comprar roupas — desculpou. — E quando voltei para casa depois de falar com os bombeiros e policiais, já estava muito tarde e... Não

PERIGOSAS ACHERON

vou ficar me justificando.

Ele desviou o olhar e encarou as próprias mãos. Sabia que estava sendo infantil e até mesmo injusta com ele. Sabia que desde que chegamos Abner não parou um só minuto, estava com trabalho acumulado, preocupado com a minha segurança e ainda foi pessoalmente ao que sobrou da minha casa.

— Chame Ricardo, Brian. — Abner ordenou. — Vamos deixar Carolina no estúdio.

— *No.*

Abner me olha.

Seu rosto estava endurecido e o olhar cansado.

— Vamos para esta consulta — digo e me preparo para descer.

Bato na janela e Ricardo abre a porta. Dou a volta no carro e Abner já me aguardava do outro lado. Colocou sua mão em minhas costas e me guiou para dentro do hospital. Conhecia bem o caminho, tinha o feito inúmeras vezes. A secretária da doutora Beatriz sorriu e nos disse que ela já nos aguardava.

Agradei e entramos deixando Brian e Ricardo na porta. A médica sorriu gentilmente e, então, começamos a consulta. Ela mediu minha pressão e fez uma careta ao ver que estava um pouco alta. Também mediu glicose e disse que não tinha

alteração desde a última vez que estive ali.

Para minha surpresa, Abner tinha muitas perguntas e não hesitou em fazê-las. *Inúmeras perguntas*, um interrogatório completo. Não o interrompi, deixei que ele tirasse todas as suas dúvidas, eu já tinha feito isto antes na companhia dos irmãos dele e me senti mal por ele não estar.

Naquele momento, quase não acreditei que todas aquelas perguntas eram vindas de uma preocupação e curiosidade genuína. Seu cansaço parecia ter sumido e dado lugar a dúvidas sobre minha gestação.

Quem via de fora, pensaria que era um pai e marido preocupado.

E eu não sabia o que pensar daquela mudança toda.

Depois me troquei e deitei sobre a maca, aguardei ela preparar os instrumentos do exame de ultrassonografia. Abner ficou ao meu lado e demonstrava ansiedade. Ela expôs minha barriga e um leve movimento se mostrou na minha pele.

— Tem alguém aqui ansioso igual o papai. — A médica disse e me fez prender a respiração com sua afirmação.

Abner olhou surpreso para ela e depois me encarou. Seus olhos estavam levemente arregalados, levemente tenso. Então, voltou a olhar para minha barriga saliente que novamente se

PERIGOSAS ACHERON

moveu.

— Acho que preciso me sentar. — Ele murmurou me surpreendendo.

A doutora sorriu abertamente e se levantou para pegar uma cadeira. Colocou do meu lado e Abner se sentou ainda rígido.

— É melhor se sentar mesmo, já vi muitos pais desmaiarem nesta sala. — Ela riu e ele não respondeu.

Desmaiar?

Olhei para ele agora me sentindo preocupada, mas Abner não me encarava. Olhava fixamente para minha barriga. Minha atenção se voltou para

Beatriz quando ela passou em minha pele o gel gelado. Era incômodo, mas gratificante ao ver a forma do meu bebê na tela.

Segundos se passaram parecendo uma eternidade, até que aquele som lindo encheu meus ouvidos. O som do coração batendo firme e forte.

— É o coração? — Abner perguntou com a voz rouca.

O encarei, vi que ele prendia a emoção. Acenei quando me encarou, seus olhos me prenderam com a intensidade. Havia tantos sentimentos presos naqueles mares azuis gélidos que me tiraram o ar.

— Sim, um coração forte e saudável. — Beatriz

disse. — Não vejo nenhuma anomalia ou problema desde a última consulta — informou. — Tudo na mais perfeita ordem, apesar de que sua pressão está alta, o que me preocupa.

— É um risco a pressão? — Abner perguntou tenso.

— Vai ser, se não for controlada. Vamos conversar sobre isto daqui a pouco. — Ela afirmou séria. — Hoje eu vou poder dizer qual é o sexo desse lindo bebê?

Abner me olhou com os olhos marejados, cheios de emoção contida, da mesma forma que me olhou no Brasil. Com lágrimas presas e os lábios em uma linha fina.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor — murmurou.

Meu coração bateu forte no peito. Aquele murmuro atingiu um ponto muito fraco em mim. Eu desejei tanto aquele momento, que quando chegou não sabia como reagir.

Desviei meu olhar depois de um momento e acenei para a médica, permitindo que ela revelasse o sexo do bebê.

— Daqui alguns meses vocês vão ter um lindo garoto. — Ela revelou.

— Menino. — Abner sussurrou emocionado.

— Um *niño* — digo sorrindo.

Estava gerando um menino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uau. — Abner sussurrou. — Um garoto, Ethan e Elliot vão enlouquecer — sorriu abertamente para mim.

Seu sorriso era tão bonito quanto me lembrava.

— Alice vai pirar — retribuo seu sorriso.

— Com certeza ela vai.

Ele beijou minha testa e uma lágrima dele molhou minha pele. Levantou seu rosto e me encarou sem vergonha de mostrar o quão emocionado estava.

— Não sei se agradeço por me dar um filho ou se peço perdão novamente por tudo que te fiz passar — murmurou me olhando nos olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais duas lágrimas desceram por seu rosto, meu coração se apertou e meus olhos se encheram. Não sabia o que dizer a ele, somente envolvi meus braços ao redor de seu pescoço e o abracei.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sessenta e Dois

Carolina Callejas

Tinha um bolo de emoções entaladas na minha garganta. Ainda podia sentir os braços dele me envolvendo em um abraço carinhoso, dividindo comigo aquele momento tão importante de nossas vidas. Sabia que o arrependimento dele era sincero assim como suas palavras, estava sofrendo com as consequências de seus atos. E não deixava de se mostrar abalado.

Vê-lo tão frágil daquela forma me deixou preocupada.

Se queria que ele sofresse?

Sim, com toda a certeza.

Se eu gostava de presenciar isto?

Não, partia meu coração.

Ainda mais porque ele tinha mais coisas para me contar do que imaginava. Acreditava que algo muito ruim em seu passado havia trago todo aquele gelo. *Gelo que estava derretendo aos poucos.* Dando-me brechas que nunca imaginei antes. Como a facilidade em responder minhas dúvidas e curiosidades sobre alguns de seus atos.

A forma calma e paciente de falar. O jeito como ele cedeu hoje no carro, iria permitir que eu não fosse a consulta. Se fosse em outro tempo, me

carregaria para dentro do consultório em seus ombros e não permitiria que saísse até que todas suas vontades fossem satisfeitas.

Ou o jeito como ele pediu para me beijar de madrugada, quando nos encontramos na cozinha. E como respeitou minha vontade. O Abner que eu conhecia, atacaria minha boca e arrancaria minhas roupas sem pedir autorização.

Apesar da clara mudança ainda era muito cedo para perdoá-lo.

— Se precisar de alguma coisa, diga a Brian que ele irá providenciar — informou. — Vou estar no meu escritório e talvez vá ao fórum mais tarde, se precisar falar comigo é só me ligar que venho até

PERIGOSAS ACHERON

você imediatamente.

Ele não havia dito nada depois que saímos do hospital. A médica nos deixou preocupados com a minha pressão e feito vários alertas sobre os cuidados que deveria ter.

Desci do carro e Brian me seguiu para dentro. Percebi que o segurança da porta tinha sido trocado por três homens da equipe de Abner. Não iria fazer um show sobre aquilo, mas realmente gostaria de ter sido informada. Não queria discutir e sabia que não tinha muito o que falar sobre as formas de seguranças que ele impunha.

Mal tinha chegado a sala de espera do meu escritório e fui atacada por abraços e beijos. Katia e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Max eram os mais exagerados. Porém, Jaque e Fabricio também me olhavam preocupados. Perguntas e mais perguntas foram jogadas sobre mim, até que Max e Katia começaram a brigar.

— É claro que ela está bem, não vê o monumento guardando as costas dela? — Max disse.

— Deixa de ser imbecil, apesar do cara ser um gato, não é hora para isto. — Katia o repreendeu.

— Que bom que voltou, não aguentava mais separar a briga desses dois. — Fabricio disse e suspirou.

— Eu que o diga. — Jaque bufou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só fiquei fora por uns cinco dias e vocês estão tentando se matar. — Os repreendi. — *Dios mio.*

— Ela é uma chata! — Max protestou dramaticamente.

— Vou te mostrar quem é a chata aqui quando minha mão acertar sua cara. — Katia ameaçou.

— *Dios*, parem os dois ou eu vou acertar os dois com as minhas mãos — ameacei e eles pararam para me olhar.

Um pouco surpresos pela agressividade.

— E além do mais, sou uma grávida cheia de hormônios que consomem toda a paciência que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho — aponte para saírem do meu caminho.

Passei por eles com Brian me seguindo, abri a porta e me virei.

— E todo esse estresse não faz bem ao meu *niño*.

Entrei na sala e Brian riu baixinho.

— Você fez de propósito. — Ele disse atrás de mim. — Vou ficar no seu sofá enquanto assisto aqueles loucos invadirem sua sala em menos de três segundos.

Sorri concordando.

Sentei na minha cadeira e ele se acomodou no sofá.

PERIGOSAS ACHERON

Katia e Max se espremeram na porta, novamente brigando, desta vez por quem tinha o direito de entrar primeiro.

— Você disse menino? — gritaram quando conseguiram passar.

— Deus do céu como vocês gritam. — Fabricio disse assim que entrou com Jaque.

— Cale a boca, Fabricio. — Katia ordenou.

Ele sorriu nenhum pouco afetado.

— Diga de uma vez, docinho, não me aguento de curiosidade. — Max pediu me olhando ansioso.

— CAROLINA! — Katia gritou. — Pelo amor de Deus, fala alguma coisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês *no* me deixam falar.

— Diga agora. — Ela ordenou brava.

— E também diga quem é o monumento grego no seu sofá. — Max pediu enquanto roía uma unha.

Sorri sabendo que não adiantava brigar com eles.

— *Sí, yo* disse um *niño* — confirmei. — Estou esperando um garoto.

Eles comemoraram, mesmo terem desejado e brigado tanto para que fosse uma menina.

— E o grandão ali, é o meu segurança — informo. — Xavier aprontou novamente, como tenho certeza que sabem do incêndio, Abner não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quer me deixar fora de suas vistas.

Claro que não consegui concluir o que dizia. Logo os dois voltaram a gritar e brigar, principalmente porque eu disse o nome de Abner. Ofensas e mais ofensas foram derramadas. E depois de um tempo se sentaram na minha frente e permitiram que contasse o que tinha acontecido desde que encontrei com Abner na praia.

Então, teve mais ameaças, choros e olhares cheios de preocupações. No final estava cansada, toda aquela conversa me fez lembrar de como Xavier havia me prejudicado. A traição do meu irmão conseguiu ser maior do que as palavras cruéis de Abner quando descobriu minha gravidez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pelo menos, Abner não tinha colocado uma sentença de morte sobre minha cabeça.

Mas despedaçou meu coração.

...

Dois dias depois quase não vi Abner, ele me deixava no estúdio junto com a equipe de Brian. Pela manhã me aguardava na sala, dava bom dia e perguntava como tinha passado a noite. Tomávamos café juntos e ele dizia que quando estivesse pronta, poderíamos sair.

Era um alívio ter espaço, mas algo não me agradava. No Brasil, ele disse que iria tentar consertar as coisas entre nós dois. Mas parecia que

PERIGOSAS ACHERON

estava me evitando, não precisava ser um gênio para perceber isto.

Não sabia explicar o que estava acontecendo. O Abner de cinco meses atrás, iria impor sua presença sem se importar com minha opinião. Mas aquele homem que estava me protegendo e me acolhendo em sua casa, não parecia o mesmo.

O pior de tudo era a contradição de tudo aquilo que eu sentia e queria. Fato que aumentava, e muito, minha frustração.

Desci do carro e agradei Brian pela companhia. Entrei na casa que estava começando a me sentir confortável e o encontrei no sofá falando ao telefone. Assim que percebeu minha presença,

PERIGOSAS ACHERON

desligou a chamada.

— *Hola.*

Ele sorriu de leve e guardou o celular no bolso.

— Como foi seu dia? — perguntou. — Estão bem?

Suspirei e me sentei na frente dele. Eram as mesmas perguntas dos últimos dois dias.

— Foi tranquilo, Katia não me deixa fazer muita coisa.

— E o bebê? — perguntou levemente curioso.

— *No* para de mexer, parece entediado e por isto sempre faz uma festa no meu ventre — alisei a barriga.

PERIGOSAS NACIONAIS

Desta vez ele abriu um sorriso maior, me atraindo. O vi sorrir poucas vezes e sempre me sentia encantada quando via aquele perfeito sorriso.

— Ele tem sangue Stabler, somos pessoas agitadas — disse e sorriu novamente.

Mas não perdi a tristeza de seu olhar, queria que ele falasse mais comigo. Me contasse o que tanto o afligia. Não iria insistir, esperaria o momento que se sentisse pronto para isto.

— Vou precisar sair por algumas horas — informou passando as mãos pelo cabelo. — Coma alguma coisa e descanse. Cida vai preparar uma bacia com água morna e laranjas para você colocar os pés.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os dias ele mostrava aos poucos seus cuidados comigo, eu não deixava passar despercebido seus esforços. O que me incomodava era o fato de que ele ainda parecia muito fechado e também não tentou nenhuma outra aproximação. *Será que ele tinha desistido de tentar me conquistar?* Não tinha uma resposta.

O que novamente me frustrava com a contradição dos meus sentimentos.

— Hm... Aonde você vai? — pergunto curiosa.

— Vou treinar um pouco com minha equipe, não faço isto há uma semana e não posso descuidar.

— Posso ir com você?

PERIGOSAS ACHERON

Ele me olhou surpresa.

— Você quer ir comigo?

— *Sí*, claro, se não for incomodar.

— Não vai me incomodar... Hm... Então se troque, vista algo mais confortável.

Levantei animada de fazer algo diferente. Sair um pouco da rotina seria bom. Ir em algum lugar que não fosse no estúdio.

— Vou ser rápida.

— Não tenha pressa, vá na cozinha e coma alguma coisa — pediu suavemente. — Vou estar te esperando.

Acenei concordando e fui para cozinha. Cida

estava na área de tanque trabalhando em alguma coisa. Montei um sanduíche rápido, estava realmente com fome, e me servi um copo grande de suco natural de manga.

Pego o sanduíche com um guardanapo e vou comendo para o quarto, passo pela porta de Abner e resolvo o chamar. Queria saber se ele tinha lanchado, tinha percebido sua falta de apetite e que também estava mais magro.

— Abner?

Bati na sua porta e ele não me respondeu. Abro a porta devagar e não o vejo. Comi o resto do sanduíche e tomo um pouco do suco enquanto entrava no quarto. Não ouvi o barulho do chuveiro,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então, imaginei que estivesse no closet.

— Abner?

Novamente não tive resposta.

Entrei no imenso closet decorado em cores cinzas e cheio de espelhos. Franzi a testa ao ver uma porta aberta com uma luz acesa dentro. Curiosa, fui ver o que era. Meus pés travaram na porta. Dentro, tinha um arsenal de armas. De todos os tipos, tamanhos e cores.

Meu coração acelerou e preendi a respiração.

Abner estava de costas para mim e parecia limpar uma arma preta automática. Ele se virou quando sentiu minha presença.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol? — franziu a testa. — O que está fazendo aqui?

— *Dios mio* — murmurei.

— Carol?

Não respondi, estava chocada com a quantidade de armas de fogo que via naquele pequeno quarto. Ele praguejou alguma coisa e colocou a arma que segurava de volta no lugar antes de caminhar em minha direção.

— Você está bem? — questionou preocupado.
— Está pálida.

Esfreguei a barriga em um gesto involuntário e ele pareceu ainda mais angustiado. Não tive tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de protestar, ele me pegou em seus braços e me levou de volta para o quarto. Segurei o copo de suco mais firme, com medo de que caísse. Colocou-me sobre sua cama.

— Quer que eu chame um médico? — perguntou. — Ou que te leve para o hospital? O que está sentindo?

— *Estoy bien.*

— Não minta para mim, por favor, está pálida.

Respirei fundo.

— Só me assustei com a quantidade de armas que tem.

— Beba um pouco do seu suco, talvez ajude.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acenei concordando.

— Tenho uma coleção de armas, desde que nasci precisava me defender — contou. — Armas se tornaram uma paixão em comum entre os irmãos. Sinto muito se assustou, não foi minha intenção.

— *No* se culpe, fui a única a entrar aqui sem ser convidada.

Cortei o que ele dizia, não queria que se culpasse por mais aquilo.

— *No* tenho medo de armas, te disse que meu pai foi da marinha e depois se tornou delegado — lembro.

PERIGOSAS ACHERON

Ele acenou concordando, mas ainda me olhava preocupado.

— Você precisa de alguma coisa? — foi gentil.
— Porque veio até aqui, achei que iria se trocar.

— Esqueci o que iria perguntar — murmuro envergonhada. — Desculpe entrar no seu quarto assim, o chamei, mas *no* me respondeu...

— Não precisa se desculpar — interrompeu-me.
— Está mesmo bem?

— *Sí.*

— Ainda vai comigo?

— Vou.

Me ergui com sua ajuda, a barriga tornava as

coisas comuns como levantar muito difícil.

— *No* vou demorar.

Ele acenou e eu saí do seu quarto com o coração acelerado. Apesar do susto, deitar em sua cama, me fez lembrar dos tempos em que compartilhávamos o mesmo quarto. Onde havia tanta intimidade, tanto prazer e também tantas brigas.

Tomei um banho rápido e vesti um conjunto cinza de moletom. O casaco não fechou em minha barriga, o que me deixou frustrada. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo alto e passei gloss rosa claro nos lábios.

Calcei meu tênis novo e peguei meu celular

antes de sair do quarto. A porta do quarto dele estava aberta, mostrando que já estava me aguardando na sala.

O encontrei no mesmo lugar de sempre, sentado no sofá com as pernas cruzadas. Parecia perdido em pensamentos e só me encarou quando estava bem perto. Sorri para ele e o vi franzir a testa.

— Feche seu casaco ou vai ficar com frio.

— *No* consigo fechá-lo.

— Estragou o zíper?

— Hm? Oh *no, no* — balancei a cabeça. —
Minha barriga está muito grande para fechar.

Calei quando vi ele tirando o próprio casaco. Era

PERIGOSAS NACIONAIS

um moletom preto fechado que combinava com sua calça.

— Vista o meu.

— *Oh no* precisa.

— Vou pegar outro para mim, não vou deixar que fique com frio.

O olhar determinado dele me disse que não iríamos sair, caso aquele problema não tivesse sido resolvido. Acabei acenando aceitando seu casaco. Tirei o meu e vesti o dele. Seu cheiro ainda era o mesmo, saudade apertou meu peito, mas a dor que me causou ainda estava lá. O esperei por um minuto, correu até seu quarto e voltou com um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casaco igual, porém, branco.

Pegou minha mão e fomos para fora, Brian já estava dentro do carro nos esperando.

Desta vez ele iria dirigir.

Ficamos em silêncio pelo caminho.

Todos perdidos demais em seus pensamentos.

Acredito que estávamos no meio do caminho quando Brian freou o carro de uma única vez. Apoiei minhas mãos no banco da frente e segurei com força, impedindo meu corpo de bater no banco.

— Porra, Brian. — Abner amaldiçoou.

— Caralho — resmungou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Brian não disse o que estava acontecendo. Soltou o freio e pisou no acelerador me jogando para trás no acento.

— Vou te matar, Brian. — Abner vociferou irritado e suas mãos me pegaram.

Arfei quando ele tentava me livrar do cinto de segurança.

— Que merda está acontecendo, diminua a velocidade — ordenou.

— Estamos sendo seguidos, porra, quer que eu diminua? — Brian disse irritado.

Abner ficou tenso, olhou para trás e sua expressão se fechou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aonde o caralho da sua cabeça está, Abner?

— questionou. — Porra, cara, deveria estar concentrado. — Brian o xingou.

— Inferno. — Abner esbravejou de raiva.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sessenta e Três

Carolina Callejas

O vejo se levantar e depois com cuidado me deitar no banco.

— Fique deitada, tudo bem?

O olhei confusa.

Ele se espremeu no espaço entre os bancos e puxou os três cintos de passageiros do banco. Prendeu um por baixo dos meus seios.

— O que está fazendo? — perguntei assustada.

— E que merda está acontecendo?

— Não sei — disse sério. — Só quero que fique presa caso o carro capote.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Capote? — perguntei com os olhos arregalados.

— Não vai acontecer, preciso que fique calma e segura. Tudo bem?

Prendeu o outro cinto no alto de minhas coxas e mal podia me mexer.

— Abner...

— Não tenha medo, querida, não vou permitir que ninguém te machuque.

O carro ainda estava em alta velocidade e eu não entendia o que estava acontecendo. Acenei para ele, o vi pegar uma arma debaixo do banco e pular para frente do carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos despistar eles. — Abner disse a Brian. — Comece se misturando com os carros de escolta. Graças a Deus ainda o temos. — Ele murmurou sua última frase.

Brian o xingou novamente, dizendo que não era um moleque que não sabia o que fazer. Tinha uma empresa de segurança e que não era à toa.

Estava tensa. Não via o que acontecia e ainda estava presa ao banco.

De onde estava deitada podia ver o rosto dele, estava tenso, seu maxilar trincado. Seus olhos vidrados e frios. Latia ordens em seu celular, enquanto Brian dirigia atento. Tiros foram disparados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não reduza a velocidade. — Abner ordenou e abriu a janela.

— Como se eu não soubesse o que fazer. — Brian resmungou e Abner não respondeu.

Não podia ver muito, mas sabia que Abner tinha acabado de se inclinar para fora da janela.

— *Dios mio*, Abner *no* faça isto — gritei. — Ficou louco!

— Ele não vai te responder, Carol, é melhor não olhar. — Brian disse.

— *Dios* — murmurei quase em pânico.

Estava com medo de que caísse para fora da janela ou fosse atingido. Os tiros faziam barulhos

PERIGOSAS ACHERON

altos e distintos.

Os segundos que se passavam pareciam horas. Deixando-me aflita para sair daquela situação. Cada célula do meu corpo estava tomada por medo, não só pela minha vida e do meu filho, mas também pelos homens que tentavam me proteger.

Não sei quanto tempo tinha se passado, somente me senti aliviada quando o vi voltando para dentro do carro e fechando a janela. Ainda estava tenso, mas informou que conseguiram fugir da armadilha que tinha sido preparado em nosso caminho.

Ele se virou e seus olhos encontraram os meus.

— Carol? Está tudo bem, querida — afirmou

Abner.

Soltei o ar que nem sabia que prendia. Ele passou para trás, se espremendo entre os bancos novamente e então me soltou devagar.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou preocupado. — Esta pálida e com os olhos arregalados. Diga alguma coisa.

— *Dios mio*, o que foi tudo isto? — murmurei.

— Não sei ainda, mas vou descobrir — prometeu. — Vamos chegar no galpão em dez minutos.

Ele segurou meus ombros e me ajudou a sentar, passei a mão na barriga sentindo os fortes

movimentos do bebê. Abner se sentou ao meu lado e me olhou preocupado.

— Tem certeza que está bem? — Não parecia confiante. — Podemos ir ao hospital agora mesmo.

— Estou — respondo um pouco ofegante. — É só o bebê se movendo... ai — esfrego na altura das costelas, sentia um pouco a falta de ar. — Acho que ele se assustou também — murmuro.

— Tem certeza? Podemos ir para o hospital. — Brian diz.

— Estou bem — voltei a afirmar.

Abner segurou minha mão, impedindo-me de continuar a esfregar a barriga.

— Posso? Por favor? — murmurou atento.

Queria dizer que não, não pode me tocar, não pode tocar minha barriga. Mas então, me lembrei do risco que ele correu ao se inclinar para fora da janela. Ele tinha feito aquilo somente para me proteger, do que com certeza, eram os bandidos que meu irmão colocou atrás de mim.

Acenei permitindo.

Podia me tocar no lugar onde gerava o meu filho, *ou nosso filho*. Suspirei confusa. Ele alisou minha barriga e os fortes movimentos aos poucos se acalmaram. Abner se inclinou para o meu colo.

— Ei, garoto, já passou, estão seguros agora —

disse baixinho.

Não sei se Brian ouviu, mas eu tinha ouvido muito bem. Me emocionou, era a primeira vez que ele fazia aquilo, e a forma como o bebê se acalmou me deixou admirada. Mesmo com o pouco contato, o bebê sabia que Abner era o seu pai, não tinha dúvidas disto.

Abner sorriu e massageou minha barriga mais um pouco, depois sorriu tristemente para mim com um olhar cheio de culpa. Ele estava se lembrando do que tinha me feito, de suas acusações sem fundamentos, egoístas e cruéis.

Segurou meu rosto com carinho e beijou minha testa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está tudo bem, querida, está segura.

Acenei incapaz de levar meus olhos para longe dos dele.

— Eu te amo, Carol, apesar de tudo, nunca vou permitir que alguém te machuque — prometeu. — Nem mesmo eu, nunca mais.

Suas palavras sussurradas partiram meu coração. Via o quanto se culpava e como se sentia triste. Seu olhar dizia mais do que suas palavras, ele não se achava digno de perdão. Acreditava que não merecia uma segunda chance.

E eu não era capaz de dizer algo que o fizesse pensar diferente.

PERIGOSAS ACHERON

Quando chegamos ao galpão de treinamento suspirei aliviada. Sair daquele carro ajudaria a diminuir a tensão que estava dentro daquele pequeno espaço.

Mal tinha colocado meus pés do lado de fora e aquele trio de Stabler que tanto me ajudaram nos últimos quatro meses me cercaram. Perguntas foram jogadas sobre mim, uma atrás da outra. Sem que tivesse a oportunidade de falar. Acredito que pegaram tal hábito de Max e Katia.

Enlouqueciam-me quando faziam isto.

— Parem com isto! — Abner falou alto, sobrepondo a voz dos três irmãos. — Que coisa, vocês mal a deixam falar, caramba.

— Bastardo! — Ethan, Elliot e Alice disseram juntos.

Meu coração parou ao ouvir aquela palavra.

Abner pareceu travado por um segundo, mas se recompôs rápido.

— Somos irmãos, somos. — Ele respondeu apontando para os irmãos.

— Carol, diga-nos qual é o sexo do bebê. — Alice pediu.

Olhei para ela confusa, não tinha contado a eles ainda, que tinha feito o exame com Abner.

— Abner te levou até a doutora Beatriz, mas não quis nos contar o resultado. — Ethan explicou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos lá, princesa, diga logo. — Elliot implorou ansioso.

Olhei para Abner que deu de ombros.

— Vamos ter um *niño* — conto a novidade. — Um menino.

Elliot e Ethan comemoraram batendo as palmas em cumplicidade e riram alto.

— Eu sabia! — Elliot disse e me abraçou. — Parabéns, Carol, esse garoto vai te dar muito trabalho.

— Baseando em vocês, *yo no* tenho dúvidas — digo rindo.

Ethan me abraçou e sorriu docemente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos levar esse menino para farra —
prometeu rindo.

— *Dios mio.*

Alice se aproximou com os olhos estreitados e com uma careta de quem não gostou de perder aquela aposta boba sobre o sexo do bebê. Ela se abaixou no nível da minha barriga ainda séria.

— Seu pequeno traidor, me enganou direitinho — disse ela.

Ethan e Elliot bateram as mãos novamente, afirmando que estavam certos sobre seus instintos masculinos.

— Não chame meu filho de traidor, pirralha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O olhei e me lembrei de suas palavras duras. De como me chamou de traidora e entre outras coisas absurdas. Ele me encarou fazendo nossos olhos se encontrarem, podia ver a culpa no mar azul de seus olhos. Doeui lembrar daquilo, mas foi por poucos segundos.

Alice me abraçou animada e cheia de ideias para o sobrinho. Quando se afastou me olhou travessa.

— Depois vão ter que fazer uma menininha para mim — pediu.

Eu arregalei os olhos.

— *Dios mio*, um filho de cada vez — digo não querendo muito pensar no assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não ligo, algum dos três vão ter que me dar uma sobrinha para mimar. — Ela disse dando de ombros e olhando para os irmãos.

— Não olhe pra mim, sou muito novo. — Elliot diz e faz uma careta.

— Nem para mim, sou muito novo pra isso. — Ethan concorda.

— Temos a mesma idade, seus idiotas. — Abner diz baixo.

— Você é adotado, Abner, eu não. — Elliot diz.

— É adotado. — Ethan confirma.

— Seus bastardos. — Abner murmura.

Apontaram para Abner.

PERIGOSAS ACHERON

— Somos irmãos, somos.

Ethan e Elliot respondem juntos.

— Se não me derem, eu mesmo vou fazer uma menininha então. — Alice diz chamando a atenção dos três.

— Porra nenhuma! — Os três exclamam juntos, acabo rindo da cara de ciúmes deles.

Ela encarou os irmãos, nenhum pouco afetada pelas caras de bravos que eles faziam para ela.

Olho um pouco para o lado e Brian estava perto de Abner, ele também tinha uma expressão fechada. Já tinha percebido antes a atração entre eles, quando fomos fazer compras de roupas, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

não comentei.

— Já avisei, quero uma menina para mimar — informou. — Se não me derem o que eu quero, vou fazer uma então.

— Castro o cara que tocar em você. — Abner disse baixo e ameaçador.

— Eu arranco as mãos! — Elliot se pronunciou também ameaçador.

— E eu decapito o desgraçado. — Ethan completou.

Ela sorriu fazendo cara de inocente para os irmãos.

— Que isso, meninos, sou uma santa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Piscou para eles e saiu rindo da cara de ciumentos deles.

— Volta aqui, Alice! — Abner esbraveja perdendo aquela calma que estava demonstrando antes.

— Vou vigiá-la vinte e quatro horas por dia! — Elliot prometeu.

— Eu vou prender ela em casa. — Ethan afirmou irritado.

Não aguentei segurar o riso.

Gargalhei fazendo-os me encararem com as sobrelanceiras franzidas.

— Vocês são muito engraçados — digo. — Até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parece que não sabem que ela tem sangue Stabler nas veias.

— O que quer dizer com isto? — Ethan perguntou sério.

— Que ela é tão safada quanto vocês.

— Porra nenhuma — protestaram juntos.

Revirei os olhos com impaciência.

— São um bando de safados, devassos e libertinos — acuso. — Digo isto só pela convivência, acharam o quê? Que Alice seria uma menina santa e pura? *Ah* pelo amor de *Dios*.

— Vou atrás dela! — Elliot disse.

— Eu também. — Ethan concorda.

PERIGOSAS ACHERON

Os dois se afastam falando sobre como vão fazer para impedir que qualquer *macho* se aproxime dela.

Sorrio e Abner me olha feio.

— Do que está rindo?

— De como vocês são ciumentos e cegos, nunca perceberam que ela é a mistura dos três — afirmou.

Ele puxou os cabelos, nervoso.

— Não gosto nem de pensar.

— *No* pense.

Andamos por todo o local de mãos dadas e eu não me importei. O galpão era enorme e tinha vários tipos de treinamentos. Armas, lutas, academia e um monte de outras coisas que não

PERIGOSAS NACIONAIS

saberia nomeá-los. Abner e seus irmãos treinaram alguns seguranças e depois seguiram para uma sala onde iriam discutir sobre o que aconteceu quando estávamos vindo. Tiveram três feridos da equipe, mas estão bem, pelo o que eu entendi. Preferi não ficar muito lá, deixei Abner latindo suas ordens e fui ficar com Alice.

Passamos um bom tempo conversando.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sessenta e Quatro

Abner Stabler

Passei as mãos pelo cabelo, sentindo o nervosismo aumentar.

— Diga-me mais sobre isto, Abner.

O doutor Green pediu e eu não o olhei.

— Não sei mais o que falar — respondo.

Estava sentado de costas para ele, não gostava de encará-lo enquanto falava de coisas tão pessoais.

— Você tem o que dizer, mas não quer — afirmou me irritando.

Bufei alto sentindo-me como uma criança malcriada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu a amo tanto, só não sei como fazer para que me perdoe — confessei. — O que vou fazer se não acredito que mereça uma segunda chance? — questionei.

— Responda-me com sinceridade, Abner — pediu. — Como se sentiria se nunca mais pudesse vê-la? — questionou. — Se aceitasse que ela ficaria melhor com outro homem? Que teria outro homem cuidando de seu filho?

Fiquei rígido.

— Me mataria — resmunguei.

— Você a impediria de buscar felicidade nos braços de outro homem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não — balancei a cabeça. — Mas me mataria.

— Sabe do que precisa?

— Não, por isto estou aqui — respondo irônico.

Ele ignorou meu tom de voz.

— Você precisa de um pouco de egoísmo — disse surpreendo-me. — Precisa ser forte, encarar seus erros, e reconquistar a mulher que quebrou suas barreiras.

— Eu a feri tanto.

— Algo que todo ser humano racional é capaz de fazer — retrucou. — Machucar pessoas com palavras, ser cego e idiota.

PERIGOSAS ACHERON

Me virei e o olhei. Não estava sendo tão profissional como de costume, ontem não tinha vindo ao seu encontro e também teve a perseguição de carro. A segurança de Carolina era minha prioridade. Agora precisava conversar com alguém sobre como estava me sentindo aflito e para minha surpresa, ele agia de forma diferente.

— Entenda, não vou falar só como seu terapeuta — respondeu minha silenciosa pergunta. — Vou falar como o senhor de idade que sou, que aprendeu muita coisa com essa vida, filho — alisou os cabelos brancos. — Entendo seus medos, mas as coisas não vão mudar se você não correr atrás do tempo perdido. Seja egoísta, persistente e

reconquiste essa mulher — ordenou. — Cicatrize suas feridas e as dela, apague o passado e crie momentos bons entre vocês.

Fiquei ali quieto ouvindo seus conselhos, não os de um profissional, mas os de um homem experiente.

...

Carolina Callejas

Tinha chegado do trabalho e não encontrei Abner em casa. Estava faminta, tentei esperar por ele para o jantar. Mas como demorava muito, acabei não resistindo e me servindo.

Não tínhamos conversado sobre o que aconteceu

ontem, aquela perseguição de carro me deixou preocupada. Sem contar que a realidade bateu forte, Abner não estava sendo paranoico em relação a minha segurança. As ameaças contra minha vida eram mais sérias do que imaginei e isto me afligia.

Iria tentar conversar com ele na noite anterior, mas Abner ficou extremamente calado e perdido nos próprios pensamentos. Eu não fazia ideia do que se passava em sua mente, mas não perdi o olhar preocupado de Ethan sobre ele.

Será que estava deprimido? Por isto ia a um psicólogo?

Era difícil de ler suas emoções quando estava tão fechado dentro de si mesmo, como vinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demonstrando. Não deveria ficar tão preocupada, mas não conseguia evitar. Mesmo que tivesse desejado muito que ele sofresse, agora não sabia lidar com tal coisa.

— Boa noite. — Sua voz tirou-me de meus pensamentos.

Olhei para ele e sua expressão estava tão fechada como ontem.

— *Buenas noches.*

Abner sorriu de forma desanimada, mostrando estar cansado.

— *Perdón, yo no* consegui o esperar para o jantar — digo. — Estava faminta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem problema — acenou. — Vou lavar minhas mãos e me juntar a você em um minuto.

Suspirei quando ele se afastou.

Aquela situação estava cada vez mais constrangedora. Não via a hora de poder comprar um apartamento e sair de perto dele. Precisava desta distância. Ainda muito magoada com tudo o que ele tinha me dito, também pelo fato de ter demorado quatro meses para reconhecer que estava errado.

Ficava cada vez mais difícil entender a contração de meus sentimentos.

Ele voltou um minuto depois, sentou na

PERIGOSAS ACHERON

cabeceira da mesa como de costume e serviu seu prato. Observei que colocou uma quantidade muito menor de comida, mostrando falta de apetite. Segurei outro suspiro, não queria demonstrar minha preocupação.

— Como foi seu dia? — perguntou.

— Pesado, mas tenho conseguido dar conta de tudo com ajuda de Katia.

— Bom — acenou. — E o bebê?

Levantei meus olhos e o encontrei me encarando. Havia um interesse genuíno no seu olhar cansado e talvez um pouco perdido.

— Hoje ele estava mais tranquilo, *no* me acertou

PERIGOSAS NACIONAIS

as costelas ainda.

Percebi que segurava um sorriso.

— Muito trabalho hoje? — perguntei baixo. —
Chegou mais tarde do que de costume.

Não queria ouvir uma má resposta, o conhecia, e sabia que não era de responder tantas perguntas. Principalmente quando acreditava que estava revelando muito de sua vida.

— Sim, muito trabalho — respondeu. — Saí no horário de sempre, estive em uma consulta com o psicólogo um pouco mais tarde do que de costume.

Olhei para ele surpresa, por explicar o motivo de sua demora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai a um psicólogo há muito tempo? —
perguntei curiosa.

Sabia a resposta, desde que Ethan havia me contado, mas queria que ele falasse mais comigo.

— Não muito — murmurou.

— Por que vai a um? — questionei com um tom de voz baixo e mediador.

Abner me encarou por um tempo calado e seus olhos brilharam com algo parecido próximo da dor. Não fazia ideia do que estava pensando, mas queria desesperadamente saber. Sua expressão partia meu coração, precisava descobrir o que ele tanto escondia.

PERIGOSAS ACHERON

— Porque precisava de ajuda. — Seu murmuro ganhou ainda mais minha atenção.

Não falei nada, somente deixei espaço para que ele falasse o que quisesse. Ele abaixou seu olhar, me impedindo de ver o que se passava em suas emoções e encarou seu prato não tocado.

— Não podia continuar machucando as pessoas que me rodeiam, por não saber lidar com o meu passado. — Se calou e esfregou os olhos cansados.

Eu não sabia o que dizer a ele, então, permaneci em silêncio. Abner apoiou os cotovelos na mesa e escondeu seu rosto entre as mãos.

Continuou calado por um longo tempo, o vi

engolindo em seco e suas mãos pareciam tremer de leve. Assustei quando se levantou de repente, o barulho da cadeira empurrada para trás foi extremamente alto. Murmurou um pedido de licença e um de desculpas, antes de correr para fora da sala de jantar.

Ainda bem que tinha terminado minha refeição ou teria perdido meu apetite. Olhei para o prato dele e me esforcei para não me preocupar.

Não iria me preocupar com ele.

Não iria.

Tirei a mesa sozinha e depois subi para o meu quarto. Fui direto para o banho. Meus pensamentos

me prenderam por um longo período. Mesmo não querendo me preocupar, eu me preocupava. Também me sentia desanimada pelo fato dele continuar se mantendo distante. Não sabia o que tinha mudado. O porque desistiu de me reconquistar. Mesmo magoada e ferida, meu coração bobo desejava a insistência dele.

Queria tanto entendê-lo.

Enxuguei-me e fui até o closet. Peguei uma camisola de seda preta que chegava até os meus pés. Alice tinha escolhido aquela. Suas alças finas davam delicadeza e sensualidade ao modelo.

Deitei na cama e no automático peguei o colar que Abner recuperou em minha casa. Aquela

PERIGOSAS ACHERON

pequena lembrança de minha mãe aqueceu meu coração. Sua foto estava em um porta-retrato ao lado da minha cama, sorri ao lembrar do dia em que ele a encontrou no meu closet. A forma delicada que havia me dito que deveria colocar aquela foto em um lugar onde eu poderia ver.

Sabia que por dentro daquele coração gelado havia um homem delicado. Com um bom coração. Apesar de tudo, ainda conseguia ver as coisas boas que fez para mim. Não seria injusta em dizer que Abner só tinha me causado mal.

Aos poucos o sono foi me consumindo até que me rendi.

No meio da madrugada um grito atravessou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa. Assustada, me sentei imediatamente e totalmente desperta. Não sabia o que estava acontecendo e fiquei com medo de que alguém tivesse invadido a casa. Para meu puro terror outro grito atravessou o ar.

Reconheci a voz e sabia que era de Abner.

Arfei preocupada e me levantei. Não acendi a luz com medo que tivesse bandido na casa. Abri a porta do meu quarto devagar e tentei não fazer barulho. Fiquei parada no corredor escuro e tentei ouvir alguma coisa. Não demorou muito e outro grito dele encheu meus ouvidos. Parecia com dor. *Alguém estava o machucando.* Deveria procurar por alguma arma, ou chamar Brian?

PERIGOSAS ACHERON

Dios mio, o que fazer?

Acabei na porta do quarto dele, com o coração trovejando em meu peito. Não escutei voz de ninguém a não ser alguns resmungos de Abner. Abri a porta lentamente sentindo o medo aumentar. Para minha surpresa não tinha ninguém o machucando. O quarto estava escuro e uma suave luz entrava pela janela. Acendi o abajur quando Abner gritou novamente. Um pesadelo o atormentava. Preocupada me sentei ao seu lado na cama e tentei não tocá-lo.

Não sabia o que poderia fazer se acordasse assustado.

— Abner, acorde. — O chamei por diversas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes e não obtive resposta.

Seu rosto transtornado e o corpo nu, suado. Naquele momento, não me senti atraída. Estava preocupada demais para reparar em sua nudez. Inclinei um pouco mais e toquei seu ombro.

— Abner! — exclamei alto. — Acorde!

Ele abriu os olhos arregalados e tempestuosos, arfou surpreso e sua mão segurou meu pulso com força.

— Abner, sou *yo* — digo ofegante. — Solte-me, está me machucando — pedi baixo mesmo sentindo seu aperto aumentar.

Ele me olhou em choque.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol — sussurrou.

Soltou-me.

— *Sí*, era só um pesadelo — afirmo.

— Não queria te machucar... eu só... achei...

— Está tudo bem — garanti.

Estendi minha mão e tentei tocar o braço dele, mas Abner se encolheu. Recolhi a mão um pouco assustada com sua reação.

— Por favor, não me toque — murmurou. — Não agora.

Acenei e ele se sentou, jogando as pernas para fora da cama e ficando de costas para mim. O suor brilhava em sua pele. Respirava com dificuldade.

PERIGOSAS ACHERON

Estava tenso.

— Abner? — chamei. — Você está *bien*?

Ele não respondeu.

— Vou buscar um pouco de água para você.

Já ia me levantar, quando ele disse:

— Não — pareceu engolir em seco. — Não me deixe sozinho... por favor... eu. — Se calou constrangido.

— Está tudo bem, Abner, não vou deixá-lo sozinho — afirmei.

Ele acenou ainda de costas para mim, permaneceu calado por um tempo.

— Estava sonhando com o meu passado, um

PERIGOSAS NACIONAIS

tremendo pesadelo — sussurrou.

— Quer conversar sobre isto?

Ele não respondeu de imediato. Ficou tenso. Suspirei sabendo que não falaria facilmente. Arrumei dois travesseiros e me sentei encostando as costas na cabeceira. Estiquei as pernas e aguardei.

— Estou sendo egoísta em pedir que fique... deveria estar descansando — disse baixo.

— Tudo bem — dei de ombros. — *No* é tão fácil dormir com esta barriga.

— Você está bem? — perguntou preocupado ainda sem me olhar.

PERIGOSAS ACHERON

— *Sí*, só é difícil achar uma posição confortável — disse. — Sem contar que ele não fica quieto e alguns de seus chutes me causam falta de ar.

Desta vez, Abner se virou com um olhar perturbado.

— Falta de ar? — questionou. — Você está bem? Precisa de um médico?

— *Estoy bien*, agora, você está bem?

Ele desviou o olhar por um momento antes de voltar a me encarar.

— Não, não estou bem — afirmou.

— Abner...

— Disse que lhe contaria sobre meu passado em

algum momento, acredito que chegou a hora. —
Me interrompeu.

Fiquei pasma ao ver seus olhos brilharem com lágrimas contidas. Seu rosto estava contorcido de angústia. Ele voltou a se virar, ficando de costas para mim.

Abri minha boca para dizer que não precisava ser naquele momento. Abner realmente não parecia bem. Me lembrava de quando o contei o porquê do meu medo de tempestade, tinha esperado me sentir pronta. Aguardei meu coração ficar calmo e contei quando me sentia bem suficiente para falar. Mas Abner não estava nada bem naquele momento para compartilhar algo que lhe causaria mais dor, ao

PERIGOSAS ACHERON

falar em voz alta.

— Quando tinha 17 anos. — Sua voz me impediu de protestar. — Eu e meus irmãos fomos para universidade, cada um já sabia qual profissão seguir. Eu nasci para ser advogado, acho excitante a ideia de investigar um caso, procurar os pontos fracos do outro, argumentar, ser persuasivo e principalmente buscar por justiça.

Suas mãos seguraram com força a borda do colchão.

— Então, dois anos depois eu a conheci. Era a mulher mais linda que já tinha visto... Longos cabelos ruivos e olhos castanhos, voz doce e suave — suspirou. — Não me deu bola de início, fiquei

ultrajado. Meus irmãos diziam que ela era *furada*, mas não me importei — deu de ombros. — Queria aquela mulher de qualquer jeito. Insisti até que cedeu e aceitou sair comigo em um encontro, um dia após o outro eu a conquistei. Pelo menos era o que acreditava.

Sua voz tinha uma dor misturada a nostalgia que me deixava muda.

— Começamos a namorar e eu estava apaixonado — disse rouco. — Callie era encantadora e me hipnotizou com sua beleza. Não demorou muito para que eu a levasse para minha cama, meus irmãos não gostavam dela e na época não entendia o motivo — parecia arrependido em

PERIGOSAS NACIONAIS

não ter ouvido os irmãos. — Não os escutei e continuei meu namoro. Seis meses tinha se passado e eu tentei terminar aquele namoro. Brigávamos muito, apesar que sempre acabava cedendo as suas chantagens emocionais. No dia em que tentei acabar com nosso relacionamento, ela me disse que estava grávida. Nossa! — exclamou. — Fiquei chocado. — Meu sangue gelou. — Era muito novo para ser pai e sempre usei camisinha, juro que nunca esqueci uma única vez. Meu pai sempre dizia que tínhamos que ser prevenidos, poderíamos ter o quanto de sexo quiséssemos, mas que fosse protegido. Ele conhecia os filhos que tinha. Nunca me esqueci de usar com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se calou e respirou fundo.

— Mas acreditei que pudesse ter rasgado ou furado alguma vez — deu de ombros. — Depois que o choque passou, fiquei feliz, jamais abandonaria uma mulher grávida. — Meu coração travou no peito. — Conversei com meu pai e ele me aconselhou a me manter por perto, já que o namoro não me agradava. Mas novamente acabei cedendo as chantagens emocionais dela e continuei o nosso relacionamento — suspirou alto. — Foi aí que meu inferno começou. Um mês depois cedi em morarmos juntos, realizei seu pedido, então, ela queria se casar. Não iria me casar com ela, eu não a amava suficiente para isto — afirmou. — Descobri

que ainda não tinha ido ao médico e que não cuidava da saúde e nem da gravidez. Era mais uma chantagem para que eu cedesse ao seu pedido. Não cedi. Então, ela começou a beber e fumar cigarros... tentei inúmeras vezes conversar, mas nada resolvia.

Estremeci ao sentir a raiva de sua voz. Não podia culpá-lo. Sentia a mesma ira por Callie não ter cuidado da gestação. Conseguia imaginar o fim daquela história, já que Abner não tinha nenhum filho vivo.

— Marquei algumas consultas, mas ela sumia no dia para não ir — contou. — O estopim foi quando a peguei fumando cigarros de maconha — balançou a cabeça irritado. — Aquilo foi o que

faltava para que eu explodisse. Brigamos feio, então, eu a arrastei para o consultório do médico. Obriguei que fizesse todos os exames necessários, naquele dia descobrimos que ela estava esperando gêmeos... Um casal... porém...

Ele engasgou, estava segurando o choro.

— A menininha era especial, tinha síndrome de Down — sussurrou dolorosamente. — Se Callie não se cuidasse e parasse com as bebidas e cigarros, nossa menina não resistiria. Eu fiquei em choque com aquela possibilidade — murmurou. — Callie gritou e esperneou que não queria uma filha retardada. Aquilo inflamou minha raiva, jurei que se ela fosse um homem eu tinha batido nela por

dizer tal coisa da minha filha — pareceu furioso. —
O médico nos acalmou e me disse que ela poderia estar em choque, que desse um tempo para que se acostumasse. Foi o que fiz, mas por onde ela ia, tinha um segurança em seu pé. Não dava um passo para longe dos meus olhos. Acabei prometendo me casar se caso ela se cuidasse, era importante para mim manter todos eles saudáveis e vivos.

Abracei minha barriga de forma protetora. Implorei aos céus que aquela história não piorasse. Não poderia ficar pior.

Dios mio.

— Ela prometeu se cuidar e nunca mais chamar minha filha de retardada — suspirou cansado. —

Um dia depois levei até ela um acordo pré-nupcial. Callie enlouqueceu. Eu não era burro, não me casaria sem tal coisa. Separação total de bens — afirmou convicto. — Eu era somente um estudante que trabalhava meio período em um escritório de advocacia como estagiário. Jamais permitiria que o dinheiro dos meus pais fossem para outra pessoa, por ser um idiota. Nada daquilo era meu, e não é até hoje. Tudo o que tenho foi comprado com meu dinheiro, trabalhei para isto. Então, não casaria sem um acordo. Não mesmo.

Abner fugou alto e esfregou o rosto com força.

— Quase na época dos bebês nascerem, descobri que ela não estava se cuidando. A peguei

PERIGOSAS NACIONAIS

jogando as vitaminas fora depois de fingir que as tomava na minha frente — contou baixo. — Muito cansado daquilo tudo, nem mesmo tive vontade de brigar, eu já não a tocava há muito tempo e também mal conversávamos. Estava mantendo minha palavra, mas nenhum de nós dois estávamos felizes. Ela percebeu meu cansaço e tratou de me convencer a tentar recomeçar — endureceu a voz. — Disse para que liberasse os seguranças e que saíssemos juntos, como fazíamos antes. Cansado de tantas brigas e problemas, mais uma vez cedi. Assim que me vi longe dos seguranças fomos sequestrados, ou melhor, eu fui sequestrado.

Arrepiei-me com sua afirmação. Realmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia piorar, muito mais do que queria imaginar.

— Passei um dia inteiro amarrado a uma cadeira, sem comida e água — engoliu com força.

— Amordaçado e com cordas machucando meus pulsos e tornozelos. Sentia-me um pouco tonto pela coronhada que recebi na nuca e me esforcei para

ficar acordado. — Sua voz se tornou fria. —

Preocupação me corroía por não vê-la perto de mim. Fiquei com medo por ela e pelos bebês que carregava. Algo muito ruim poderia acontecer a eles e me culpei o tempo todo por ter liberado os seguranças. Se não tivesse cedido, todos estariam em segurança. Tudo mudou quando olhei na direção da porta e a vi. Linda como sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Andando em minha direção com um sorriso maldoso nos lábios. Fiquei confuso por um único momento até ligar os pontos. Ela tinha me usado e me sequestrado. Traiu-me e quebrou meu coração.

— *Dios mio* — murmurei assustada com o rumo da sua história.

Abner riu amargurado e depois fungou.

— Fiquei furioso e, então, conheci a mulher pelo qual acreditei ter me apaixonado. Nunca questioneei seu amor por mim e até acreditava que era um pouco doentio. Mas ela não me amava, não me queria, somente o meu dinheiro e os benefícios que teria ao se casar com um Stabler — segurou a lateral da cama com força. — Afirmou com todas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as letras que assim que os bebês nascessem, ela os jogaria em qualquer lixeira em seu caminho — rosnou. — Eles não serviram para nada, já que não conseguiu me chantagear. Que só lhe causaram desconforto e a fez engordar... Me mandou assinar um documento onde eu passava minha herança para ela, mas não o fiz. Foi aí que entrou um homem alto e forte como eu. — Se calou por um longo minuto. — Começou as sessões de tortura.

Aquilo foi demais para aguentar. Percebi que estava chorando assim como ele, porém, Abner tentava disfarçar suas lágrimas. Solucei preocupada e aflita com tudo o que ouvia. Talvez, deveria ter sido melhor nunca ouvir aquela história de terror

PERIGOSAS ACHERON

que me contava.

Agora era tarde demais.

— Minha cabeça foi tombada para trás e uma toalha colocada em meu rosto. Sabia o que estava por vim quando a vi antes segurando uma jarra de água — contou baixo. — Respirei fundo e devagar. E ela tentou me afogar daquela forma. A água gelada entrou pelas minhas vias respiratórias...

— *No* conte, por favor — interrompi aflita.

Ele se calou por um momento e soluçou.

— Ela fez a mesma coisa por três vezes até que desmaiei por falta de oxigênio e a forte dor causada em meus pulmões — continuou como se não

tivesse me ouvido. — Mas ainda me lembro de como ela gargalhava, animada em me torturar. Quando acordei um tempo depois encontrei um senhor me vigiando. Ele me pediu perdão, disse que não sabia para que estava sendo contratado, mas que agora sua família estava sendo ameaçada. Não disse nada a ele. Três dias depois eu não sentia nenhuma dor mais. Ela não voltou a tentar me afogar, mas deixou que seu amante me surrasse por horas — suspirou baixo. — Rosto inchado, dois dentes arrancados e algumas costelas fraturadas.

Engatinhei sobre a cama e abracei as costas dele com certa dificuldade por causa da minha barriga. Ele tremia levemente e estava tão perdido em suas

memórias, que não sei se percebeu meu abraço. Deitei meu rosto em cima de sua tatuagem, onde sabia que tinha algumas cicatrizes, mas nunca perguntei a origem delas.

— Quando despertei no quinto dia, aquele mesmo senhor se aproximou de mim com um olhar cheio de compaixão e arrependimento. Ofereceu-me um copo de água e uma tigela de mingau de aveia — contou. — Eu não podia me mover, mas aceitei sua ajuda. Ele me ajudou a comer e beber, o que me oferecia. Fiquei sabendo que Callie e seu amante tinham saído, por isto, se arriscava me ajudando, implorou para eu não vomitasse o que me dava. Porque eles perceberiam que alguém

PERIGOSAS NACIONAIS

estava me ajudando. A humanidade daquele homem salvou minha vida. E nunca poderei ser grato suficiente por sua ajuda. Somente pude acenar concordando. — Sua voz não tinha nenhuma emoção. — Desde que tinha descoberto a verdade sobre ela, não tinha pronunciado uma única palavra. Aguentei tudo calado. Não chorei, nem gritei de dor. Cada coisa que me infligia, eu suportava calado e isto a deixava ainda mais furiosa. Ela não teria minha herança, acabaria me matando, mas eu não cederia. Passei mais quatro dias como seu prisioneiro e no final de todos os machucados que me causou... eu ainda tinha três dedos quebrados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Solucei e o abracei mais forte. Não queria ouvir mais nada, porém, Abner não se calava.

— As cicatrizes nas minhas costas foram feitas por correntes.

Beijei suas costas que agora estava molhada por minhas lágrimas.

— No décimo dia, o senhor que me ajudava disse que Callie estava furiosa. Descobriu que meu pai tinha amigos no FBI e eles estavam o ajudando a me encontrar. Também tinham descoberto que ela era a principal mandante do meu sequestro. Ele me implorou para resistir mais um pouco, que logo seria salvo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se soltou dos meus braços e se levantou devagar, mas não foi muito longe. Se encostou na parede ao lado da cama como se não conseguisse equilíbrio para o próprio corpo.

— Abner.

O chamei, não me respondeu. Levantei-me e fui até ele. Peguei sua mão e o fiz me olhar. Indiquei que era melhor que se sentasse, seu rosto estava pálido, seus olhos tempestuosos cobertos por dor e suas mãos tremiam. Ele deu dois passos vacilantes para frente e voltou a se sentar na cama, desta vez encostado na cabeceira. Me sentei ao seu lado e ele fechou os olhos como se não quisesse que eu visse tanto de suas feridas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não ia resistir mais nenhum dia naquele lugar, meu corpo não era mais tão resistente... estava entorpecido por dor e meu coração endurecido de gelo. Não cederia a ela, mas cederia a morte a qualquer momento.

— *No* diga isto, por favor.

Ele abriu os olhos cheios de lágrimas e me ofereceu um sorriso triste.

— É a mais pura verdade, Carol, não tinha forças — murmurou. — Mal conseguia levantar minha cabeça. Minhas pernas ficaram presas na mesma posição por muito tempo e eu nem as sentia mais, por causa da falta de circulação — contou aflito. — Respirar doía tanto... Mas cheguei a um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ponto de não sentir nada, fiquei anestesiado de dor... em um momento, Callie voltou com seu amante e os dois me jogaram no carro, meu pai tinha me encontrado e estava a caminho. Não consegui ficar feliz que meu pai estava indo ao meu encontro, só queria que aquele pesadelo acabasse logo, sentia-me morto por dentro e por fora. O cara ficou para limpar o local e ela acelerou para longe dali comigo. Fiquei deitado no banco de trás com os braços amarrados nas costas, não conseguia me mover, estava fraco, desidratado e muito machucado... Ela dirigia em alta velocidade e começou a gritar comigo, que tudo aquilo era minha culpa por ser tão teimoso. Não disse nada,

PERIGOSAS ACHERON

apesar da preocupação com os bebês, que eu acreditava que eram meus filhos.

— *Dios mio, no* eram? — questionei em um soluço.

Ele balançou a cabeça negando.

— Ela gritou que nem para lhe engravidar servia — respondeu. — Por sempre usar camisinha e ainda riu de mim por ter sido tão burro em acreditar nela. Os bebês eram filhos do seu amante, o bandido que a ajudou planejar toda aquela mentira, desde o primeiro dia em que a encontrei — murmurou. — Mais uma facada em meu peito com aquela revelação, tinha criado tanto amor por aquelas crianças que o sentimento de traição ficava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cada vez maior. Quanto mais nervosa e furiosa ela ficava, mais acelerava. Em algum momento ela gritou, sentiu alguma coisa, talvez uma pontada forte na barriga, não tem como dizer ao certo. Só sei o que me disseram depois, que ela entrou em trabalho de parto... Perdeu o controle do carro e capotou — disse em um tom gélido. — Fiquei preso entre os bancos do carro por ser muito grande. Foi o que salvou minha vida. Ela foi arremessada para fora e morreu na mesma hora... um tempo depois ouvi sirenes se aproximando e a voz preocupada do meu pai. Quando me tiraram do carro e me colocaram na maca, meu pai beijou minha testa chorando e implorou para que eu não

PERIGOSAS ACHERON

fechasse meus olhos. Não me lembro ao certo o que aconteceu depois disto, mas ele me contou que eu somente o olhei com um olhar quebrado, pedi desculpas e agradeci por ele não ter desistido de mim. Só, então, fechei meus olhos e quando os abri novamente já haviam se passado quinze dias. Fiquei em coma enquanto meu corpo se recuperava.

Abner não aguentou segurar mais o choro. Tampou o rosto com as mãos e derramou sua dor em lágrimas partindo meu coração. Sem poder ficar longe, engatinhei sobre ele, puxei minha camisola até a cintura e me sentei em seu colo com as pernas uma de cada lado de seu quadril. Estava ciente da

sua nudez e não me importei, nada me impediria de abraçá-lo. Puxei suas mãos de seu rosto e o fiz me abraçar. O consolei com o mesmo carinho que sempre teve comigo.

Alguns minutos depois, ele havia se acalmado um pouco, apoiei meu queixo em sua cabeça enquanto ficava deitada em meu peito.

— Quando abri meus olhos, a primeira coisa que vi foi o meu pai — continuou contando. — Ele me olhava sério e com os olhos marejados. Me repreendeu, disse que eu nunca deveria o agradecer por não ter desistido de mim. Jamais deixaria um filho seu perdido nas mãos de bandidos. Então, me abraçou, fiquei calado da mesma forma que estava

em meu cativeiro. Logo minha mãe se jogou sobre mim e me abraçou forte. — Lágrimas quentes molhavam minha pele. — Meus irmãos apareceram em seguida, cada um deles choravam enquanto me abraçavam. Quando encontrei minha voz, foi para perguntar se os bebês haviam sobrevivido. Meu pai cheio de pesar, balançou a cabeça afirmando que não. Não eram meus filhos, mas eu os amava como se fossem. Também não disse a ninguém sobre isto até a semana passada quando descobri a injustiça que fiz com você.

Ele me abraçou mais forte.

— Pedi ao meu pai que retirasse a queixa contra o senhor que me ajudou. Afirmei que ele me

PERIGOSAS NACIONAIS

ajudou. Se não fosse por aquele homem, ele teria ido buscar meu corpo morto — engasgou. — Meu pai aceitou... então... o pedi que me levasse até os bebês. Mesmo contra as ordens médicas, ele me colocou em uma cadeira de rodas e me levou até onde eles estavam — estremeceu. — Uma sala fria cheia de gavetas de metal, o necrotério do hospital. O responsável pelo local abriu duas gavetas pequenas... fiquei no meio delas vendo os dois gélidos e pálidos. Meu pai colocou a mão no meu ombro e disse que ia me deixar sozinho por alguns minutos. Acenei para ele. Com certo esforço, por causa dos meus ferimentos, peguei o pequeno menino nos meus braços. Tão pequenino e frágil. O

PERIGOSAS ACHERON

abracei com cuidado e chorei enquanto o balançava em meus braços machucados. Foi difícil soltá-lo e o colocar de volta sobre aquela superfície reta e fria da gaveta.

Abner soluçou alto e seu corpo tremeu.

— Então eu a peguei — sussurrou fraco. — Tão pequenina, que meus braços pareciam enormes quando a embalei. Não me importava se ela era especial, cuidaria e a amaria da mesma forma que seu irmão. Ela ter Down só a tornava mais especial para mim... e saber que aqueles dois anjinhos tinham morrido por causa da ganância daquela mulher me destruiu — soluçou. — Eu deveria ter cedido, dinheiro não me importava... Foi minha

culpa eles não terem resistido.

Seu choro foi tão profundo que me fez chorar do mesmo jeito. Não sabia se conseguiria consolá-lo, também queria consolo, porque naquele momento eu sentia a mesma dor que ele. Dor por aqueles dois bebês que não sobreviveram por pura maldade e ganância de uma mulher sem coração.

Capítulo Sessenta e Cinco

Carolina Callejas

Respirei fundo acalmando meu coração. Agora entendia o porquê Abner sempre tentava me afastar. Tudo o que aconteceu em seu passado o marcou muito, principalmente a morte dos bebês, ele se culpava por aquilo.

Agora compreendo porque se sentiu traído quando descobriu da minha gravidez. A raiva que demonstrou não era somente destinada a mim, ele derramou a raiva de seu passado também.

Se há perdão para isto? Eu não sei.

Só não quero continuar ouvindo sua história.

PERIGOSAS NACIONAIS

Doía demais imaginar o quanto ele foi destruído por dentro. Sofria ao pensar os motivos que o levou a criar suas paredes de gelo, impedindo que qualquer um passe por elas.

Ele levantou a cabeça e me encarou. Seu rosto molhado e seu olhar vermelho.

— Eu sinto muito, por tudo que te fiz passar — sussurrou.

Lágrimas grossas desceram por seu rosto.

— Saí do hospital um mês depois, me tranquei em meu quarto na casa dos meus pais... Ethan e Elliot iam lá a cada hora ver se eu estava bem — continuou a contar. — Alice fugia todas as noites

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para minha cama, se agarrava ao meu corpo como se tivesse medo de que fosse sumir a qualquer momento. Quando Elliot e Ethan descobriram o que ela fazia, eles passaram a fazer a mesma coisa. Se espremiam em minha cama, mesmo estando com dor eu não me importava com a invasão — fungou alto. — Nossos pais sabiam que isto acontecia e não fizeram nada para impedir. Sabiam que tínhamos uma conexão muito forte por sermos irmãos, principalmente trigêmeos... Mesmo com todo o apoio — engasgou de leve. — Eu não saí do quarto por três meses. Tranquei-me lá dentro, depressivo, sentia-me morto. Havia dentro de mim tantos sentimentos difíceis que estavam me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

matando aos poucos. Um dia meu pai, me arrancou de lá — sorriu tristemente. — Disse que não ficaria me assistindo definhando dentro daquele quarto. Levou-me para um galpão de treinamento e me colocou para lutar com Brian. O pai dele, Bernardo Baleroni, é amigo do meu pai há muitos anos e ele cuidava e cuida da nossa equipe de segurança até hoje — explicou. — Brian era um pouco mais novo do que eu, ainda assim era grande. Tive que treinar dia após dia, para não perder dele no ringue. Meu orgulho não permitiria tal coisa. A tatuagem nas minhas costas foi ideia de Elliot, nós três fizemos e assim eu tampava a maioria das minhas cicatrizes. Respirava somente pela minha família. A dor do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que passei me moldou, arrancou meus sorrisos e me tornou um homem frio. Nunca confiei em outra mulher. Vivi por oito anos desta forma. Hoje com vinte e oito anos, conheci você e é a única responsável por me salvar de mim mesmo.

— Abner.

— Fui tão cruel quanto Callie... tornei-me um homem cruel igual a ela.

— *No* diga mais nada — repreendi. — Você não é igual a ela, Abner.

— Eu a feri tanto — suspirou. — Por não saber lidar com meu próprio passado. — Seus ombros pareciam derrotados. — Quando li o resultado do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

teste de gravidez no seu quarto, surtei... misturei o passado com o presente e — hesitou. — Descarreguei oito anos de raiva em você. Sinto muito. Não merecia tal coisa, Carol.

Limpou o rosto.

— Agora *yo* te entendo, não diga nunca mais que é igual a ela.

— Aqueles bebês morreram por minha teimosia — insistiu. — E eu te machuquei por causa do homem que me tornei.

— *No* é sua culpa, não repita mais isto. Por favor!

— Pare de chorar, querida... e não me olhe

PERIGOSAS ACHERON

assim com pena.

— *No* estou com pena de você, estou com raiva.

— Raiva?

— ergueu as sobrancelhas.

— É! Raiva! — exclamei. — Raiva daquela mulher ter feito tudo o que fez, por todo mal que te causou e continua causando. Pelos bebês que não mereciam tal destino, sei que teria os amado imensamente.

— Eu os registrei como meus filhos antes de enterrá-los. — Ele murmurou. — Conteí aos meus pais e meus irmãos recentemente tudo o que aconteceu naqueles dias em que fiquei em cárcere

privado. Nunca havíamos falado sobre o que aconteceu lá, eles sabiam que fui torturado, mas não a extensão das coisas — esfregou a nuca. — E depois procurei um psicólogo, porque não consigo mais lidar com minhas próprias emoções sozinho. Na minha última consulta, doutor Green me disse para ser egoísta, cicatrizar minhas feridas e as suas. E então depois reconquistá-la porque nós dois merecíamos ser feliz. Mas eu não posso — hesitou.

— Não pode o quê? — questionei tremendo por dentro.

— Não posso ser egoísta, não mais — disse firme. — Já fui e lhe causei muito mal por causa do meu egoísmo e orgulho. Eu te amo, amo você mais

do que minha própria vida, mas não posso fazer isto contigo. — Dor marcava sua voz. — Você merece alguém muito melhor do que eu. Alguém que nunca vá te ferir e que tenha um coração inteiro para te oferecer. Nesse momento, eu não sou esse cara, estou destruído pelo passado e pelo que fiz com você no presente. Estou lutando contra uma depressão, e não posso te oferecer nada — sussurrou. — Porque neste momento eu sou isto, me sinto assim, um nada.

Meu coração parou ao ouvir suas palavras, não esperava por aquilo. Tinha percebido sua distância, mas não imaginei que ele estivesse realmente lutando contra uma depressão. Para piorar, nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

cogitei que abriria mão de mim.

— Um ninguém — sussurrou e fechou os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sessenta e Seis

Abner Stabler

Um vazio se arrastava por meu peito. Dizer aquelas palavras foi a coisa mais difícil que tive que fazer. Não poderia continuar a causar tanto mal a ela. Carol merecia uma nova oportunidade, com alguém que realmente fosse a fazer feliz. Mesmo que isto me matasse, *e iria*, mas eu preferia viver infeliz do que correr o risco de magoá-la novamente.

Senti suas mãos suaves em meu rosto e seus dedos limparem minhas bochechas.

— Seja egoísta — pediu.

Abri meus olhos chocado com seu pedido.

— O quê?

— Seja egoísta uma última vez.

— Carol...

— *No me abandones* — implorou. — *No abandone a nuestro hijo.*

— Não entendi, querida, traduz — pedi.

— Não me abandone, por favor, não abandone nosso filho — repetiu.

— Nunca mais eu os abandonaria, mas abro mão de tudo para que possa ser feliz, Carolina.

Limpei seu rosto e ela me encarou aflita.

— Não tenho nada para te oferecer, a não ser

PERIGOSAS NACIONAIS

meu coração quebrado e meu costumeiro mau humor — sorri desanimado. — Você merece algo melhor, muito melhor do que eu.

— Vou amar cada pedacinho do seu coração quebrado igualmente, desde que eles me amem de volta — prometeu. — *No* preciso de mais nada.

— Está dizendo isto só porque te contei sobre o meu passado.

— Deveria ter me contado antes.

— Não quero que me queira por causa...

— *Yo* sempre o quis, porque me apaixonei por você desde o momento em que nos esbarramos naquele prédio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não diga isto.

Estremeci nervoso.

— Eu não mereço seu amor e nem seu perdão, não...

— *Yo* te amo.

— O quê? — sussurrei com os olhos arregalados.

— Te amei desde que seus olhos de lobo se prenderam em meus pensamentos — confessou. — Te amei quando me ajudou a passar por cada tempestade. Te amei por cuidar de mim. Te amei por cada momento bom que passamos juntos — disse firme. — E sofri muito por não ter acreditado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em mim, por ter me abandonado, mas mesmo assim continuei te amando — admitiu. — Desejando que *no* preferisse ficar longe, um dia após o outro, quis que reconhecesse seu erro. *Yo no* vou ser feliz com outro homem, porque o meu amor por você é muito maior do que qualquer ferida que tenha me causado — declarou. — *No* vou permitir que nossos erros nos impeçam de sermos feliz. Vamos nos curar juntos. Sempre juntos. Mas, Abner, não abra mão de mim, do meu amor e do seu amor.

Não tinha palavras para responder depois de tudo o que ouvi. Sua declaração me deixou chocado demais para agir.

Até que ela soluçou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não chore mais, por favor.

— Abner...

— Não vou ser capaz de fazê-la feliz, e isto me mataria.

— *Yo* só preciso que me ame incondicionalmente, que ame nosso filho e que seja fiel sempre — pediu. — *No* preciso de mais nada.

Suas palavras foram sussurradas entre soluços.

— Carol... Você tem certeza? — hesitei. — Eu sou um homem quebrado.

— Amo você do jeito que é...

Ela se calou quando eu a deitei sobre minha cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não chore mais, não mereço suas lágrimas —
murmurei limpando seu rosto.

— *No* se puna tanto, *yo* te amo.

— Eu te amo mais — sussurrei a olhando nos
olhos. — Cada célula do meu corpo ama você.
Sempre vou te amar e sempre vou me culpar por
tudo, por esses últimos meses. A culpa sempre
estará comigo.

— *No*...

— Mas nunca vou deixar de te amar — jurei. —
Jamais ouvirá minha voz alta, porque nunca mais
gritarei com você. Prometo que em nenhuma
hipótese irei ofendê-la novamente. Ou não dá-la o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

direito da dúvida e defesa. Meus erros foram os mais duros ensinamentos que tive em minha vida. Vou superar meu passado, cicatrizar todas as feridas que me causaram, e nunca mais te afastarei, juro.

— *No* me abandone nunca mais.

— Nunca mais — sussurrei em promessa.

Eu estava muito abalado para qualquer coisa. Minhas emoções estavam longe do meu controle. Logo meus olhos se encheram de lágrimas novamente e de tristeza. Tinha a ferido tanto e ela ainda estava ali, dizendo que me amava. Que me queria. E suas únicas exigências eram que eu a amasse e nunca mais a deixasse.

PERIGOSAS ACHERON

Não merecia aquele amor.

— *No* se perca no vazio de sua alma, Abner.

Fiz um carinho no seu rosto sem saber como agir pela primeira vez na vida.

— Sem o passado entre nós dois, por favor, esqueça, porque será isto que *yo* vou fazer.

A encarei e quase não conseguia vê-la por causa de meus olhos inundados de lágrimas.

— Somente o presente. — Ela pediu.

Fechei meus olhos fazendo com que as lágrimas escapassem de minhas pálpebras.

— Abner.

Voltei a abrir os olhos e a encontrei me olhando

preocupada. Sorri de leve para acalmá-la.

— Somente o presente — prometi com a voz rouca. — Será que eu posso te beijar agora?

Sabia que tinha prometido nunca beijá-la sem sua permissão. E não quebraria uma promessa agora, em um momento tão importante para nós dois, como aquele.

— *Sí.*

Meus lábios encontraram os dela e a beijei com a delicadeza de uma pluma. Ela merecia todo amor que tinha dentro de mim. Por causa de Carolina, tinha me tornado um novo homem. Ainda estava aprendendo a lidar com aquelas emoções tão

devastadoras, mas no final tudo valeria a pena se eu pudesse fazê-la feliz.

Não sabia se seria capaz, mas morreria tentando.

Sabia que se tivesse feito tudo diferente, não teria cometido tantos erros. Acreditava que naquele momento eu não poderia desistir. Não poderia deixar o fim nos encontrar. Não queria ser egoísta, porém, não era possível que eu não seria feliz depois de tudo que enfrentei. Em algum momento a felicidade tinha que vim ao meu encontro.

Ela era a minha felicidade.

Aos poucos aprofundei o beijo, tornando novo e especial cada segundo que minha boca dançava

sobre a dela. Também foi ficando para trás cada dor, tormenta e mágoa. Nada mais parecia ser importante. Minhas lágrimas se misturaram com as dela e antes que percebesse, sua camisola já tinha deixado sua pele fazendo seu corpo vir de encontro ao meu.

Sexo acabara de tomar um significado totalmente novo para mim. *Tinha sabor de liberdade, de renascimento, de entrega.* Havia derretido qualquer barreira que tinha dentro de mim e feito meu coração quebrado se render totalmente a ela.

Unir meu corpo ao seu, só me mostrou o quanto a amava. Tinha nascido para ser dela e ela para ser

PERIGOSAS NACIONAIS

minha. Perdi a conta de quantas vezes tentei afastá-la, das vezes que agi sem pensar. De como não queria amar, de lutar para não me render.

Era um amor perigoso, mas que não pude ficar longe. Corri atrás dela todas as vezes que não conseguia me imaginar sem ela ao meu lado. E agora estava completamente rendido e domado por um sentimento que não posso controlar. Tinha me apaixonado pelo seu olhar, seu sorriso, por tudo que vinha dela.

A saudade fazia com que cada toque fosse mais intenso do que o anterior. Eu a amei e venerei. Dei a ela tudo de mim sem querer nada em troca. Lhe entreguei minha alma perdida e meu coração

PERIGOSAS ACHERON

quebrado. O único pedaço inteiro que tinha do meu coração. Era tudo o que tinha para oferecer. Ela tinha se tornado a única razão do meu viver. Meu oxigênio. Meu destino. Morreria longe dela, mas se a fizesse feliz, abriria mão de tudo, por ela.

Por sua felicidade.

Cada vez que meu corpo foi de encontro ao dela, sussurrei promessas. Promessas que nunca seria capaz de quebrar. Jamais desperdiçaria a chance que me dava. E sempre a amaria com o mais profundo do meu ser.

Percebi que estar com ela trazia o que há muito tempo tinham me roubado. A vontade de viver. Tê-la em meus braços me fazia querer lutar e sorrir,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

somente por ela. Nada mais tinha importância e tudo perderia a cor se não pudesse mais tê-la.

Venerei cada toque dividido. Venerei cada sensação. Venerei meu corpo unido ao seu. Venerei seu olhar, sua boca, sua pele. Venerei sua voz, suas lágrimas entre seus sorrisos.

Ela era tudo o que eu precisava e ao olhar nos seus olhos percebi que eu era tudo o que ela queria. Não existia mais nada que a impedisse de me ver como realmente era. E agora minha única missão era fazê-la feliz.

Quando o prazer se tornou demais para suportar nos rendemos a ele. Meu corpo em chamas e ao mesmo tempo anestesiado pela sensação de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrega, levou-me ao limite. Apoiei minha testa suada sobre a dela e admirei seu olhar nublado. Porém, quando ela me encarou e sorriu, *foi demais para suportar*. Aquela sensação de pânico que senti quando descobri a injustiça que tinha feito a ela, voltou com força total. Não conseguia respirar direito e mesmo tentando esconder o que sentia, ela foi rápida em visualizar minhas emoções.

— Abner. — Seu sussurro preocupado me abateu.

Escondi meu rosto na curva do seu pescoço e a senti me abraçar. Meu corpo tremeu com força, mas não consegui segurar aquela emoção por muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— Está tudo *bien*, Abner, não tenha vergonha de me mostrar como está se sentindo — disse carinhosa. — Lembra-se? Juntos sempre.

Mordi meu lábio inferior por um instante, então, me quebrei nos braços dela.

Capítulo Sessenta e Sete

Abner Stabler

Estava quase amanhecendo, mas eu ainda estava acordado. Depois que consegui me acalmar, tinha abraçado Carolina até que adormecesse. Ainda sentia aquele mesmo vazio de antes, ainda depressivo e queria muito ficar sozinho.

Manter todos distante, viver no automático.

Mas quando eu a encarava, enroscada no meu corpo em busca de uma posição confortável para dormir. Sentia uma determinação diferente. Ela me dava forças para encarar a realidade e lutar por tudo. Precisava fazê-la feliz e fazer valer sua

confiança em mim.

Desci minha mão para sua barriga deixando leves carinhos, aguardando que ele se movesse um pouquinho. Não demorou acontecer, uma suave ondulação passou por minha palma. Não parei meu carinho. Um desejo de que ele nascesse logo veio em minha mente. Queria pegá-lo nos braços e sentir seu calor. Algo que não senti quando carreguei os gêmeos.

Estremeci com minha linha de pensamentos, mas jurei que meu filho viveria e seria tudo diferente. Ainda me sentia entorpecido por tudo o que tinha acontecido nesta noite. Talvez precisasse de um tempo para que o vazio de minha alma fosse

PERIGOSAS NACIONAIS

preenchido. Teria que continuar indo no doutor Green e aceitar sua ajuda.

Eu precisava de ajuda.

Um movimento mais forte debaixo de minha palma tirou-me de meus pensamentos. Sorri de leve, meu filho e minha mulher seriam minha melhor ajuda. Não chegaria a lugar nenhum sem eles, sabia disto, e o bebê parecia ouvir meus pensamentos.

Permaneci quieto apesar de estar desconfortável, mas era assim que ela conseguiu dormir. Aos pouco o cansaço do meu corpo e mente foram me derrubando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei algumas horas depois sentindo que algo faltava. Abri meus olhos e me vi sozinho na cama. Chamei o nome dela e não tive resposta. Sentei devagar, ainda lento por causa do sono. Fui até o closet, depois de conferir que ela não estava, vesti uma boxer e calcei meus chinelos antes de sair.

Esfreguei o rosto cansado e passei as mãos pelo cabelo. Fui até o quarto de hóspedes e não a encontrei. Fiquei um pouco alarmado, acreditando que tinha se arrependido... Estremeci tentando não seguir por aquele caminho.

Cheguei a cozinha e a encontrei, vestida com sua camisola, debruçada sobre a ilha. Parecia estar dormindo, preocupado, cheguei mais perto.

PERIGOSAS ACHERON

— Carol? — chamei baixo. — Você está bem?

Ela levantou a cabeça e me encarou.

Congelei no lugar ao ver seu olhar cheio de lágrimas. Ela realmente tinha se arrependido da nossa noite. Abaixei meus olhos, incapaz de manter contato visual, um pouco tenso e sem saber o que dizer.

— Estou com desejo.

Seu murmuro chegou aos meus ouvidos, mas demorei alguns segundos para entender. Nem segurei o suspiro aliviado quando entendi o que ela queria dizer, me aproximei e a abracei.

— Diga-me o que quer, que vamos dar um jeito

PERIGOSAS NACIONAIS

— digo fazendo carinho em seu rosto.

— Pêssegos.

Não sabia se tinha, mas acreditava que Cida deveria ter comprado pelo menos uma lata. Já que quando pedi que ela ficasse comigo para cuidar de Carol, ela fez compras sabendo que Carolina adora doces. Não me agradava muito, mas por ela valia a pena comprar alguns.

— Vou olhar se tem alguma lata...

Ela se afastou um pouco e me olhou feio. Travei por um segundo sobre seu olhar. *Afinal, o que eu tinha feito de errado?*

— *No* quero de lata.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas você disse que queria pêssegos.

Seu olhar irritado me deixou ainda mais confuso.

— *Sí, sí* — gesticulou com as mãos. — Mas não aquela coisa horrível enlatada. Quero comer a fruta com pelinhos e caroço. Tinha somente uma na fruteira, *dios mio*, como quero outro.

Coço a barba, eram seis da manhã e ela queria pêssegos, mas não enlatado. Que na minha opinião era a mesma coisa, só que com calda. Seu olhar cheio de lágrimas como se fosse o fim do mundo não ter mais a fruta me deixou calado. Callie ignorava qualquer sintoma da gravidez, e também, isto tinha sido há muitos anos. Não sabia mais lidar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma mulher grávida, apesar de me lembrar das constantes mudanças de humor.

Prezando pelo momento calmo, não iria argumentar que pêssegos em lata *ainda eram pêssegos*.

— Cida deve estar vindo, vou ligar para ela passar em alguma feira no caminho...

— Ela vai demorar — protestou me interrompendo.

— É a melhor opção para o momento, eu poderia ir, mas demoraria mais — digo — Ela já está vindo para o trabalho, economizaríamos alguns minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela parou para pensar e depois de um minuto cedeu. Peguei-a pela mão e voltamos para o quarto, liguei para Cida e pedi que comprasse pêssegos para Carol. Claro que tive que colocar no viva-voz para que ela acreditasse em mim, a desconfiança em seu olhar era fácil de ver. Isto me fez rir. Seu desejo era realmente grande.

A convenci de dormir um pouco mais enquanto esperávamos por Cida. Ela se deitou de costas para mim e me pediu para abraçá-la. Fiz o que pediu com o maior prazer.

— Senti muito sua falta — murmurou.

— Também senti muito a sua falta, querida, nunca mais ficarei um dia longe de você — jurei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pareceu mais tranquila depois que ouviu minha promessa e sua respiração diminuiu pouco depois.

Acabei dormindo também, estava exausto.

Rolei sobre a cama e percebi sua falta novamente, abri meus olhos pesados e a cama estava vazia. Encontrei o celular debaixo do travesseiro e vi que era sete da manhã ainda. Carol deve ter ido encontrar com Cida.

Suspirei, era sábado e eu desejava um pouco de descanso. Mesmo querendo ficar mais na cama, me sentei. O celular tocou antes que me levantasse.

— O que quer a esta hora, Elliot?

— Seu humor pela manhã é um merda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diga logo ou eu vou desligar.

Ele bufou do outro lado da linha parecendo contrariado.

— Conversei com Marco sobre a perseguição de carro de quinta-feira.

— Ia ligar para ele em algum momento.

— Fiz isto por você, ele estará colocando a equipe dele atrás de Matsueda.

— Bom.

— Ele está chegando muito perto, precisamos prendê-lo antes — disse cauteloso.

— Ou matá-lo.

— Não faça besteiras, Abner.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei.

— Não vou fazer.

— Vem para o café?

— Não sei, talvez.

Ele resmungou mais algumas coisas até que desligou. Estalei o pescoço antes de sair do quarto novamente, desci direto para a cozinha. Lá, encontrei Carolina abraçada a Cida, chorando.

— O que aconteceu? — perguntei preocupado.

Carol soltou Cida e me olhou brava.

— Você prometeu!

Fiquei confuso, olhei para Cida e ela deu de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não encontrei pêssegos em fruta para comprar, passei por três mercados e nenhum tinha — explicou. — Não é época da fruta.

Esfreguei o rosto sem saber o que fazer. O olhar frustrado de Carolina me deixava ainda mais nervoso. *Onde iria encontrar pêssegos?* Ela se aproximou e abraçou minha cintura. Beije seus cabelos e ela suspirou alto.

— Tudo bem, como aquela coisa horrível enlatada — dramatizou.

— Vamos dar um jeito nisto — afirmo.

Estava cansado, mas se ela queria pêssegos, os teria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vem, vamos tomar um banho e sair.

— Aonde vamos?

— Na casa dos meus pais — informo. —

Obrigado, Cida, vamos passar o dia fora.

Cida acenou concordando e eu puxei Carolina de volta para o quarto. Deixei ela no de hóspedes para que pudesse se vestir, já que suas coisas ainda estavam lá. Tomei um banho rápido e vesti jeans, camisa de mangas com um moletom grosso por cima e coloquei uma touca por causa do frio.

Esperei por ela na porta do seu quarto e tentei não rir da forma ansiosa que me olhava. Peguei sua mão e beijei sua boca com carinho. O vestido azul

PERIGOSAS ACHERON

longo a deixava linda, por cima colocou uma jaqueta preta. Incrivelmente bonita, mas me preocupava com o frio que sentiria. Seu olhar determinado me desafiava a falar alguma coisa, fiquei calado.

Ricardo estava do lado de fora nos aguardando. Queria dirigir um pouco, por isto ele deixou meu carro pronto. Tinha liberado Brian pelo fim de semana, mas caso houvesse uma emergência, ele me alcançaria em dois minutos. Conhecia sua eficiência, por isto, não me importava de liberá-lo quando eu mesmo poderia cuidar de Carol.

Fiquei em silêncio por todo o caminho. Ainda não tinha a levado na casa dos meus pais, por não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

querer pressioná-la. Conhecia a família que tinha e eles a sufocariam em menos de cinco minutos com muitas perguntas. Meu pai tinha entendido quando disse que a levaria em algum momento.

— Você está bem, Abner?

Sabia que ela estava falando do momento em que desmoronei depois de fazer amor com ela. Voltei minha atenção para o trânsito e olhei os retrovisores para ver as escoltas.

— Estou bem — afirmei não querendo muito falar sobre o assunto.

Sua mão pousou em minha coxa e não pude olhar para ela por causa da velocidade do carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Juntos, lembra? — questionou.

— Sim.

— Como se sente? — perguntou curiosa.

Acreditava que sua curiosidade nunca poderia ser saciada. Ontem viu minha alma e ainda queria mais, poderia sorrir se não fosse pelo rumo daquela conversa.

— Vazio. Oco. Uma casca — murmurei e parei no sinal vermelho.

Ela apertou minha coxa fazendo-me encará-la.

— Por que se sente assim?

— Não sei, Carol, não sei — suspirei. — Talvez seja porque ainda não acredito que mereça mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma chance sua, ou tê-la ao meu lado depois de tudo que a fiz passar...

— *No* pense nestas coisas.

— Impossível — resmunguei.

— Pense somente no amor que sente por mim e acredito que vai ficar bem.

— Como pode ter tanta certeza disto?

— Porque foi nisto que pensei durante os quatro meses que ficamos separados — afirmou deixando abatido. — Ou deixaria o ódio entrar no meu coração e talvez nunca mais pudesse me livrar desse sentimento.

Acelerei o carro quando o sinal abriu, fiquei

PERIGOSAS ACHERON

calado pelo resto do caminho. Pensando no que tinha me dito, ela escolheu o amor em vez do ódio. E eu não poderia me sentir mais envergonhado do que estava. Carolina superou os obstáculos de sua vida com amor e eu com frieza, rancor, raiva.

Não superei nada.

Aquilo me deixava pior.

Como superaria?

— *No* se esqueça, Abner.

Olhei para ela e parecia ler minha mente.

— Juntos — afirmou. — Vamos superar isto juntos.

Acenei, mas por dentro ainda não me sentia

PERIGOSAS NACIONAIS

digno de ter uma mulher tão maravilhosa como aquela ao meu lado.

Parei na porta ao lado do carro de Ethan, sua Ferrari branca destacava-se ao lado da vermelha de Elliot. Claro que ele tinha que ter a cor mais chamativa, era característico dele gostar de atenções.

— Espero que tenha pêssegos aqui — digo vendo-a ficar ansiosa.

Seus olhos ainda estavam vermelhos pelo choro por causa da fruta. Beijeí sua testa com carinho e saímos do carro. Peguei sua mão e juntos entramos na casa dos meus pais. Fui logo para a cozinha, sabia que os encontraria lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estavam todos ao redor da mesa, comendo e conversando, mas se calaram quando me viram de mãos dadas com Carol. Minha mãe foi a primeira a se levantar e vim na minha direção. Beijou minha bochecha e depois encarou o rosto de Carolina.

— Andou chorando. — Ela afirmou e me olhou feio. — O que Abner fez?

Oi?

O que eu tinha feito? Fiquei chocado com sua pergunta, assumiu facilmente que eu tinha feito alguma coisa para Carolina chorar. Antes que pudesse me defender, Elliot veio trazendo os outros juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que ele fez, princesa? — perguntou sério.

Como assim, princesa? Ciúmes encheu meu peito. Que merda era aquela de princesa?

Fechei minha expressão e o cansaço de antes pareceu ainda maior, agora que teria que enfrentar um longo interrogatório.

— Eu bato nele se fez alguma coisa. — Ethan prometeu ameaçador.

— Eu ajudo. — Alice afirmou.

— Olá, Carolina, sou Miguel, pai deste bastardo.

— Se apresentou. — Querida, agora nos diga o que Abner aprontou para que eu possa dar uma surra nele.

PERIGOSAS ACHERON

Soltei a mão de Carolina e esfreguei meu rosto. Meu temperamento estava prestes a explodir e eu precisava me controlar.

— Não fiz nada — digo baixo e irritado.

Queria gritar com eles por suas suposições absurdas de que fiz alguma coisa. Pareciam que não me viram nos últimos dias. Que não tinham o conhecimento de que nunca mais eu iria feri-la. Ethan e Elliot me olhavam de forma acusadora, como se não tivessem me visto mostrar minha alma para um psicólogo. Meus pais me encaravam sérios, como se não acreditassem em minha palavra.

— Ele não fez nada. — Carol disse parecendo

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco preocupada quando me encarou.

Acenei para que estava tudo bem e ela não pareceu convencida.

— O que aconteceu, então? — Alice perguntou ainda desconfiada.

— Ela está com desejo de pêssegos, chorou por isto — explico.

— Vou pegar uma lata para você. — Elliot se prontificou.

— Não é de lata — digo.

— Não?

Todos perguntaram juntos.

— Não, tem que ser a fruta — balanço a cabeça

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

negativamente. — Tinha somente uma na minha casa e Cida não encontrou para comprar.

Todos me olharam tensos e com um olhar de arrependimento por suas acusações. Não falei nada a respeito, somente desviei meu olhar. Não podia lidar com mais aquilo naquele momento.

Minha prioridade era Carolina e ela estava com desejo.

— Rose, diga que temos pêssegos. — Ethan pediu quebrando o clima pesado.

Todos se viraram para ela, que corou um pouco pela atenção.

— Não tem, não é época da fruta — respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carolina choramingou e eu suspirei. Não era possível que não encontraríamos a maldita fruta.

— Tem certeza que não pode ser de lata? —
Ethan pergunta e ela concorda.

— Abner — choramingou meu nome como se eu tivesse a solução por não termos pêssegos.

Passei meus braços sobre ela e a abracei sem saber o que fazer.

— Vamos comprar. — Meu pai afirmou e os outros concordaram.

Alice e minha mãe gritam, assustando-me.

— Vocês se acertaram? — Mamãe pergunta animada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner! — Alice grita e bate palmas sem conter sua animação.

— Pêssegos primeiro, minha vida pessoal depois — digo e elas me olham bravas.

— Estamos juntos. — Carol confirma me deixando surpreso também. — Agora podemos voltar para os pêssegos?

— Missão pêssego! — Elliot diz e bate a mão contra a de Ethan.

Não tinha como serem mais idiotas.

Nos separamos por região com a ajuda de Rose, que nos dizia onde ficava os mercados e feiras.

Antes de sair abracei e beijei os lábios dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou buscar pêssegos para você, mas nada de chorar — pedi. — Tudo bem?

— *Sí.*

— Bom, volto daqui a pouco.

Ela acenou e eu a deixei com a minha mãe e Alice.

Do lado de fora meus irmãos me aguardavam junto ao nosso pai. Franzi a testa confuso por ainda estarem ali.

— Abner.

Quando Ethan se pronunciou, entendi o que estava acontecendo. Eles queriam falar sobre suas acusações quando cheguei. Ergui minha mão o

impedindo de continuar.

— Não quero falar sobre isto. — Os cortei.

— Filho, sinto muito, acreditamos...

— Que eu a tinha feito chorar — completei e meu pai acenou concordando.

— Não temos o direito de te julgar. — Elliot disse sério.

— Esqueçam isto, o importante agora é encontrar pêssegos para matar o desejo dela — digo indo até meu carro.

Abri a porta e meu pai veio atrás de mim. Segurou meu ombro e me olhou nos olhos.

— Não quero que se diminua por nada nesse

mundo, não é menos importante por causa dos seus erros ou do seu passado. Não deixe que ninguém te julgue, mesmo que seja sua família — disse firme.

— Ninguém tem esse direito, Abner.

— Pai...

— Mantenha a cabeça erguida, Abner — interrompeu-me. — Desde o dia em que veio aqui e se abriu, eu o vejo mais do que imagina. Carolina merece um homem forte e confiante, você é assim. Mas está se abatendo. — Preocupação espreitou em seu olhar. — Deixando que a culpa o consuma, não foi sua culpa os gêmeos não terem sobrevivido ao acidente. Não é sua culpa a traição que sofreu. Não é sua culpa a ganância dos outros. Não é sua culpa

PERIGOSAS NACIONAIS

ter guardado por tantos anos só para você o inferno que passou. — Me encarou sério. — Claro que isto não te dá o direito de ser um idiota como foi, mas ainda assim, não pode deixar a culpa te consumir. Ela te perdoou no momento em que o aceitou de volta, supere seus medos e pecados, então, seja feliz. Você não merece nada menos do que a felicidade.

Quando ele se calou meus olhos estavam vidrados por causa das lágrimas presas. Não choraria de novo. Precisava ser forte e controlar minhas emoções. Meu pai sorriu e me abraçou, retribui seu abraço e entrei no meu carro.

Fechei a porta e o vi indo até Ethan e Elliot que

PERIGOSAS ACHERON

tinham ouvido tudo o que me disse. Coloquei a chave na ignição e senti as mãos tremerem. Meu pai foi para o carro dele onde o segurança já o aguardava. E meus irmãos ficaram parados me encarando dentro do carro. Não queria pedidos de desculpas, eles não fizeram nada demais se comparasse com os meus erros.

Dei ré no carro, não podia continuar encarando-os. Carolina era minha prioridade.

...

Voltei uma hora depois, tinha entrado em todos os mercados e feiras na região que fiquei de procurar. Somente encontrei em um local, porém, no meio das que tinha, só encontrei cinco frutas

PERIGOSAS NACIONAIS

boas. Comprei aquele pouquinho mesmo assim, apesar de ter a certeza de que não a satisfaria.

Quando entrei na sala encontrei todos os homens juntos. Até mesmo alguns seguranças tinham se prontificado em ajudar, mas os únicos que encontraram foram meu pai e eu. Ethan e Elliot ficaram contrariados por não achar.

Entreguei para Rose as sacolas, ela lavaria as frutas. Depois eu iria levar até Carolina que estava na área de lazer com minha mãe e Alice. Sentei no sofá esperando por Rose e fechei meus olhos cansado.

— Qual foi a última vez que dormiu uma noite inteira? — Ethan perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei — resmunguei sem o olhar.

Precisava de algumas horas de descanso.

— Por que não tomou o remédio que o doutor Green passou? — Elliot perguntou me fazendo suspirar.

— Não quero.

— Abner. — Ethan me repreendeu.

— Não vou tomar — levantei meu rosto e encarei os dois. — Vou dormir quando quiser e não por estar dopado, não preciso disto.

Sabiam que não adiantaria discutir comigo naquele momento. Meu cansaço deixava meu humor bem pior. Não queria ser grosso, mas em

PERIGOSAS ACHERON

hipótese nenhuma iria tomar medicação para dormir. Considerava aquilo um ultraje. Uma hora os pesadelos e a culpa teriam que me dar uma folga.

— Como conseguiu convencê-la a te perdoar?

— Elliot perguntou curioso mudando de assunto.

— Não fiz isto — murmurei.

Voltei a encostar minha cabeça no sofá e fechei meus olhos. Sabia que eles queriam que eu falasse, mas não queria. Ansiava ficar quieto e sozinho, porém, com dois irmãos insistentes era difícil.

Suspirei me rendendo.

— Tive um pesadelo durante a noite —

murmurei e segurei para não estremecer.

Lembrava-me perfeitamente do pesadelo, era uma lembrança do momento em que meus dedos foram quebrados. No dia, apesar da imensa dor, tentei não reagir gritando, chorando ou implorando que parasse. Mas na noite anterior o cenário tinha mudado, cada pequena fratura me fez gritar de dor. Tentei acordar muitas vezes, mas não consegui.

Abri meus olhos e olhei para minha mão esquerda, o dedo anelar, o do meio e o indicador ainda eram um pouco tortos. Callie tinha deixado seu amante os quebrar já que eu escrevia com a direita. Lembro-me bem de como doeu, do estalo do osso quebrando e da risada animada dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para meus irmãos e eles me olhavam sérios. Sabiam com que eu tinha sonhado. Ao olhar para a mão acabei dizendo sem precisar de palavras. Seus olhos estavam cheios de raiva e eu não podia culpá-los por isto. Fechei minha mão com força e ira.

— Carolina me ajudou a acordar quando ouviu meu grito — murmurei envergonhado.

Tinha aguentado toda a tortura sem dizer uma palavra ou dar um grito. Mas um pesadelo me fez gritar de dor e pânico.

— Acabei contando a ela sobre o meu sequestro. Conversamos muito e acabamos nos acertando.

PERIGOSAS ACHERON

Resumi sem querer me expor muito, para o meu alívio eles não fizeram mais perguntas. Rose voltou me entregando um prato com as frutas e uma faca pequena.

Agradei e fui para onde ela estava. Encontrei minha mãe e Alice falando baixinho. Ao lado delas, Carol estava deitada em uma das espreguiçadeiras, dormindo.

— Que bom que encontrou. — Minha mãe diz assim que me vê.

— Somente alguns — respondi.

Assim que ela ouviu minha voz, abriu os olhos me procurando. Sorri ao ver seu olhar animado em

ver as frutas no prato.

— *Dios mio, gracias.*

Ela se sentou, lhe entreguei o prato e sorriu agradecida. Sentei-me ao seu lado e logo a família se reuniu ao nosso redor. Todos conversaram sobre assuntos aleatórios e eu somente a observava calado. Carol comeu cinco pêssegos, um atrás do outro, e depois sorriu para mim satisfeita como se eu tivesse salvado seu mundo.

Mas acreditava que não tinha feito nada demais, porém, o olhar feliz e animado dela aqueceu meu coração. Tomei café e a levei para o meu antigo quarto para que descansasse um pouco, nossa noite tinha sido muito agitada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiramos nossos sapatos e deitamos sobre a cama.

Quando ia puxá-la para deitar em meu peito, ela se negou. Franzi minha testa confuso, então, ela me puxou devagar para seus braços.

— Agora é você quem vai descansar — disse bem mandona.

Sorri ainda um pouco confuso e deitei minha cabeça sobre o seu peito. Carol tirou minha touca e me abraçou. Fiz carinho em sua barriga e o bebê se moveu.

— Ele está animado por não nascer com cara de pêssegos — brinquei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela riu.

— *Sí*, mais tarde vou querer mais.

Seus dedos entraram nos meus cabelos fazendo cafuné e foi difícil brigar com o sono.

— Você também precisa de cuidados, Abner, sei que *no* dorme bem... mas se ajuda, vou abraçá-lo sempre que precisar de algumas horas de descanso — prometeu.

— Amo você — murmurei sonolento.

Queria agradecê-la pelo carinho e talvez até dizer que não o merecia. Sou eu quem deveria cuidar dela e não o contrário. Mas me lembrei do, *juntos, sempre juntos*.

PERIGOSAS ACHERON

Suas mãos continuaram fazendo carinho em meus cabelos tornando impossível não dormir.

— *Yo* também te amo.

Capítulo Sessenta e Oito

Carolina Callejas

Aos poucos ele foi diminuindo o ritmo de sua respiração e se rendendo ao sono, devido ao cansaço. Suspirei enquanto mexia em seus cabelos, desde que o encontrei gritando em sua cama por causa do pesadelo, ele parecia pior do que antes de me contar sobre o seu passado. Foi duro escutar tudo aquilo. Mais do que imaginava.

Ouvi-lo abrir mão dos seus sentimentos por mim, para que outra pessoa pudesse me fazer feliz, foi um choque. Porém, me mostrou o quão sincero era.

O quanto a culpa pesava em seus ombros.

Entregar-me a ele novamente foi a única forma que encontrei de não fazê-lo se sentir tão mal. De não desistir. Sem contar que ansiava por aquilo. Minhas feridas causadas por ele mesmo, pareceram muito pequenas para o tamanho da dor que carregava. Era fácil dizer que ele se culpava pela morte dos gêmeos, crianças que não eram seus filhos, mas que amava com a mesma intensidade de um pai.

Ouvir como Abner foi machucado e mesmo assim resistiu a tudo, me mostrou o homem ferido que era por dentro. Não justificava seus erros. Mas me fazia sofrer com ele, por ele. Podia ver que

estava aberto para receber ajuda, o quanto queria cicatrizar o passado. Apesar de não esconder o quão difícil era.

Ver sua família o acusando hoje quando chegamos, partiu meu coração. Eles não lhe deram a oportunidade de explicar, relembrando-me o jeito que Abner me tratou quando acusou-me de traição.

Não me senti satisfeita com aquilo, não depois de vê-lo sem nenhuma barreira. Não depois de ver sua alma e coração destruídos com aquele passado sombrio.

Abner não demonstrou nenhuma reação quando foi acusado de me fazer chorar, apesar de parecer um pouco surpreso. Como Ethan uma vez mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia dito, ele não merecia ser crucificado por seu passado e erros.

Ninguém merecia.

Compaixão encheu meu peito.

Aconcheguei ele mais em meus braços e depois deixei o sono me pegar.

...

Acordei horas depois, Abner ainda dormia em um sono pesado. Tinha virado para o outro lado da cama e estava de bruços. Levantei, usei o banheiro e depois fui me encontrar com o restante dos Stabler. Estavam na sala conversando, juntei-me a eles e o tempo passou rápido.

PERIGOSAS ACHERON

Logo Rose veio avisar que o almoço estava quase pronto.

— Poderia chamar Abner? — Isabel me pediu.

Fiz uma leve careta, ele não dormia bem há algum tempo. Queria deixá-lo dormir mais.

— Entendo que ele deveria dormir mais, porém, não quero que fique sem o almoço.

Acenei concordando.

Voltei para o quarto e o encontrei deitado da mesma forma. O chamei duas vezes e não tive resposta. Algo que não era comum para ele. Um único barulho o fazia acordar. Tinha dormido toda a manhã e ainda parecia estar com um sono pesado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentei na cama e fiz um carinho em seu rosto. Estava um pouco mais magro do que antes. Desde que o encontrei no Brasil, parecia carregar o mundo nos ombros.

— Abner.

— Hm.

— Vamos lá, acorde, está na hora do almoço.

Ele não me respondeu, rolou para o outro lado da cama e tampou o rosto com o travesseiro.

— Abner! — protestei rindo.

— Mais meia hora, amor.

— Você poderá fazer isto depois de comer.

Não me respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Engatinhei sobre a cama e puxei o travesseiro.

— Estou com fome e não vou comer sem você ao meu lado.

Ele levantou a cabeça e abriu os olhos avermelhados. Seu rosto estava inchado e com algumas marcas de travesseiro.

— Disse isto só para que eu levante, nunca a deixaria com fome — apontou. — Sabe disto.

Segurei um sorriso com sua acusação.

— Hm... Talvez.

Ele deixou a cabeça cair com força no colchão e bocejou. Depois voltou a me encarar com olhos sonolentos, meu coração mole quis ceder a ele mais

PERIGOSAS ACHERON

cinco minutos. Porém, sabia que ele não ficaria feliz com pouco tempo, precisava de mais algumas horas de descanso.

Assustei quando Abner me puxou para baixo e inclinou seu corpo sobre o meu. Não consegui acreditar que tinha saído tão facilmente do seu estado de sonolência. Agora seus olhos me encaravam de forma astuta e tinha um brilho de excitação sobre eles.

— Você é a mulher mais linda que já conheci — murmurou rouco.

Borboletas encheram meu estômago.

— Duvido muito.

Ele sorriu de leve, me hipnotizando.

— Você é a mais linda — afirmou.

Fez um carinho no meu rosto e ele me olhou com amor.

— Durante esse tempo... Hm... que ficamos separados... — Não sabia como perguntar, mas queria.

— Se eu fiquei com outra? — completou ainda sorrindo.

Era o sorriso mais lindo que já tinha visto. Acenei concordando e ele se aproximou mais.

— Não toquei em outra mulher, só queria você.

Não respondi, se ele me quisesse mesmo,

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia ter me procurado antes e evitado muitas coisas.

— Sou um homem orgulhoso, Carolina, mas hoje não me orgulho disto — disse com se pudesse ouvir meus pensamentos. — Estava com raiva, minha mente se sentia traído e meu coração só queria você. Apesar de tudo, ainda tem dois batons seu no meu banheiro do apartamento. Não fui capaz de tirá-los de lá, era uma pequena recordação de como fui feliz com você em meus braços.

— Nunca o trairia — murmurei e vi seu olhar se entristecer.

— Hoje eu sei disto — acenou. — Lembra-se que fiquei três dias sem vê-la?

PERIGOSAS ACHERON

— *Sí*, gritou comigo e me mandou embora de seu apartamento.

— Sinto muito por isto, mas eu queria muito ficar sozinho. — Honestidade brilhava em seus olhos. — Fazia mais um ano da morte dos gêmeos, mais um ano do dia do meu resgate. Foi um dia difícil e acreditei que era melhor ficar longe de todos. Mas quando me vi sozinho... Desejei muito que não tivesse sido um idiota com você, mas não a procurei. Não queria magoá-la ainda mais com meu temperamento idiota.

— *Yo* teria ficado com você o tempo que quisesse, só tinha que confiar em mim e se abrir.

— Hoje eu sei isto, mas não queria que mais

PERIGOSAS ACHERON

ninguém soubesse como me senti naqueles dias — suspirou. — A humilhação não é algo fácil de compartilhar, Carol, não tinha acesso a um banheiro, não podia tomar banho, fedia como um rato de esgoto e cada centímetro de pele estava machucada.

Meus olhos lacrimejaram.

— Nunca deveria ter passado por isto, é tão cruel, ser torturado por causa de sua herança.

— Ainda não é fácil falar sobre isto, o gosto da humilhação ainda está presente cada vez que fecho os olhos — confessou. — E com isto me lembro do que fiz a você, lembro que me disse que todas as vezes que fecha os olhos me escuta gritando

contigo. Sinto tanto, fui tão vil quanto...

— *No, no* diga mais nada, Abner — interrompi.

— Vamos cicatrizar o passado juntos, por favor, pare de se culpar tanto.

Ele me olhou cheio de tristeza e sorriu desanimado.

— Vou te pedir perdão todos os dias da minha vida e ainda assim nunca será suficiente — garantiu.

Levantei meu rosto e beijei sua boca com carinho. Não queria continuar com aquela conversa, iríamos superar o passado. Disto eu tinha certeza, mas não sabia como faria para que ele não

se culpasse tanto. Todos nós somos propensos ao erro, o que nos diferencia é a forma como o consertamos. Só de ver era sincero, já bastava para mim. Esforçaria para esquecer suas palavras cruéis e gostaria que ele fizesse o mesmo com a culpa que carregava.

Sua boca correspondeu ao meu beijo. Dançamos delicadamente em um beijo cheio de sentimento. Não queria que ele pensasse em mais nada além do prazer de nos tocar. Desejava a mesma intensidade em que fez amor comigo de madrugada.

Sem passado. Sem mágoa. Sem dor. Sem reservas.

E foi desta forma que ele amou meu corpo. A
PERIGOSAS ACHERON

cada investida lenta, sussurrava em meu ouvido que me amava. Entre um beijo e outro, declarava promessas de como se esforçaria para me fazer feliz. Sua entrega me fazia chorar, emocionada demais com o amor de cada toque.

Ele olhou dentro dos meus olhos e beijou minhas pálpebras.

— Amo você — sussurrou tão baixo que mal pude ouvir.

Estávamos perdidos com a intensidade do momento. Era como se nada mais importasse. Tudo perdia a cor e a razão, somente existia nós dois e o amor que nos envolvia. Eu o amava muito e palavras não pareciam suficientes para definir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele sentimento.

Estar nos braços dele fazia tudo perder o sentido.

Toda vez que sussurrava que me amava, apagava um pouco mais das lembranças de seus gritos e acusações cruéis. Ele repetiu tantas vezes que ficou rouco. Parecia que almejava que eu esquecesse tudo e me lembrasse somente do quanto me amava.

E acredito que deu certo, mesmo quando não me dizia, o escutava me dizer que me amava.

Só precisávamos disto, do amor, para superar qualquer obstáculo que havia.

PERIGOSAS ACHERON

...

Um toque na porta nos fez encará-la.

— Abner! — A voz de Isabel me fez sorrir. —

Largue Carolina e venham almoçar.

— Estamos indo, mãe. — Ele respondeu sorrindo.

— Acho bom, ou vou entrar aí dentro e levá-los nus para fora — disse autoritária.

— Sua mãe é um amor — sussurro rindo.

Ele dá uma baixa risada concordando. Amava ouvir aquele som, e desejava podê-lo ouvir mais vezes.

— Dona Isabel é o general desta casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amo te ver sorrir — digo e ele me encara.

Sua expressão ficou séria, então, um leve sorriso se abriu novamente.

— Meus sorrisos são somente para você, amor.

— Amo quando me chama assim.

— Você é o meu amor — afirmou. — O que mais ama em mim?

— Um monte de coisas que conto depois, precisamos ir.

— Amo você, Carolina, mais do que minha própria vida.

Sua mão pousou na minha barriga nua e fez um carinho.

PERIGOSAS ACHERON

— E amo esse filho com tudo de mim, daria minha vida por vocês.

Queria me preocupar com sua declaração, sabia que ainda corríamos muitos riscos, mas no momento somente felicidade me encheu. Estava feliz em ouvir suas palavras sinceras, tão sinceras que poderiam perfurar minha pele com a verdade nelas.

Não o respondi, somente o beijei.

...

Foi difícil sair da cama, mas era melhor isto do que o constrangimento de sermos pegos por minha sogra. Cinco minutos depois que ela tinha batido na

porta, Elliot apareceu com toda inconveniência possível que tinha. Gritou que estava com fome e qualquer outra besteira que veio em sua mente, que não vale a pena lembrar agora. Tomamos um banho rápido e nos arrumamos em um piscar de olhos.

O almoço foi tranquilo e divertido, apesar de que Abner ficou boa parte em silêncio, mas parecia relaxado. O observei por um tempo e não deixei de perceber que ainda parecia cansado. Seu olhar vago dizia mais do que ele queria esconder. A culpa ainda o consumia por dentro. O peso em seus ombros eram mais do que poderia suportar.

Fiquei preocupada, sabia que ele lutava contra o

PERIGOSAS NACIONAIS

início de uma depressão. Então prometi a mim mesma que não sairia do lado dele nenhum segundo. Nem mesmo se pedisse. Sempre estaria por perto e o ajudaria a superar o passado que tanto o machucava.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sessenta e Nove

Abner Stabler

Voltamos da casa dos meus pais depois do café da tarde. Por mais que minha mãe insistiu para que ficássemos para o jantar, declinei do convite. Precisava de algumas horas de descanso e depois de olhar para Carolina, sabia que ela também necessitava da mesma coisa.

Apesar de que a primeira coisa que ela fez quando chegamos em casa, foi ir para cozinha comer mais pêssegos. Tentei não sorrir da forma ansiosa que Carol olhava para as frutas que tínhamos trago da casa dos meus pais. Quase que

impossível. Liguei para Marcelo e pedi para que desse um jeito de conseguir mais frutas, tinha a sensação de que aquele desejo por pêssegos não passaria tão facilmente.

Depois, a peguei pela mão e a levei para o meu quarto, que a partir de agora seria nosso. Ela tentou argumentar, mas eu não estava disposto a abrir mão daquilo. Queria que estivesse comigo por todo o tempo e isto significava, dormir e acordar com Carolina ao meu lado.

Ela trocou de roupa e deitou na cama. Logo estava dormindo um sono profundo, *sono de grávidas*. Algo que ainda não tinha me acostumado. Sentei-me próximo a janela e me lembrei de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando estávamos juntos antes que eu descobrisse da gravidez. Recordei de como ela ficou dorminhoca de uma hora para a outra. Já era meu filho em seu ventre mexendo com seus hormônios.

Olhei para o céu e vi que faltava pouco para anoitecer. Por mais que quisesse me deitar com ela e dormir, não conseguiria. Meus demônios estavam presentes em minha mente, perturbando-me. Todos tinham um lado escuro, o problema era como lidar com aquilo.

Falar com Carolina sobre meu passado me deixou aliviado e depressivo. O vazio preenchia minha alma e parecia mais presente, fazendo com que me sentisse uma casca oca.

PERIGOSAS ACHERON

Suspirando, peguei meu celular e disquei para o doutor Green.

Ele atendeu no terceiro toque.

— Green.

— Doutor, é o Stabler.

— Abner.

— Sim.

Ouvi algumas pessoas conversando, risadas e uma música baixa tocando.

— Você tem cinco minutos para me falar comigo?

— Sim, espere um pouco.

Ouvi ele falando com alguém, mas não dei

PERIGOSAS NACIONAIS

importância. Olhei para trás e vi que Carol continuava a dormir em um sono pesado. Encarei as primeiras estrelas no céu e suspirei.

— Pronto, Abner, diga-me o que está acontecendo ou sentindo.

— contei a ela sobre o meu passado e estamos nos entendendo — informei.

— E por que não parece tão animado, por voltar com a mulher que ama? — questionou observador.

— O que sente depois de ter contado a ela?

— Vazio.

— Isto não é muito bom — resmungou.

Não respondi.

PERIGOSAS ACHERON

— Diga-me porque se sente assim e aproveite que não vou colocar esses cinco minutos nos meus honorários — brincou.

Sorri de leve, Green era um psicólogo diferente. Não era apegado ao extremo profissionalismo e sempre tinha um jeito leve de falar. Seus cabelos brancos mostravam o tamanho de sua experiência. Às vezes, acreditava que ele não prestava atenção em nada do que dizia, mas o homem era mais observador do que imaginava.

— Culpa, eu não a mereço. Como vou fazê-la feliz? — questionei. — Sinto-me tão perturbado por cada palavra que disse a ela sobre o meu passado. Sobre cada coisa que a acusei e a

PERIGOSAS NACIONAIS

abandonei — suspirei. — Como poderia merecer um amor tão puro como o dela? Como vou olhar para o nosso filho e não me lembrar que o reneguei?

Fiquei em silêncio por um tempo e senti minhas mãos tremerem.

— Como vou superar meu passado? — insisti.
— Cicatrizar feridas tão profundas? Esquecer que aquelas crianças não tiveram uma oportunidade de vida por causa da minha teimosia — calei sentindo a dor em meu peito vir mais forte. — Sou culpado de tantas coisas que nem mesmo poderia enumerá-las.

— Abner, escute-me bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei tenso esperando pelo o que ele tinha a me dizer.

— Você precisa levar um dia de cada vez, com calma.

— Nasci sem calma — retruquei no automático.

Costumava falar aquilo para meus irmãos.

— Já tinha percebido isto — respondeu rindo.

— Mas o segredo, por enquanto, para você é um dia de cada vez. Não dê um passo maior do que suas pernas. Não coloque pesos demais em seus ombros se não consegue carregá-los — aconselhou.

— O principal você já fez, procurou por ajuda, reconheceu seus erros e *assume* mais culpa do que

PERIGOSAS ACHERON

realmente merece.

Ele suspirou do outro lado da linha.

— Viva o amor, Abner — recomendou. — É o sentimento mais bonito que pode ter, quando tudo estiver demais para suportar lembrar-se dele, *do amor* — disse suavemente. — O amor supera mais barreiras do que poderia imaginar. Carolina te ama, não desmereça isto. Você tem sintomas de depressão, mas quero que lute contra o vazio de sua alma. Não se deixe tomar por isto.

— Como vou fazer isto? — murmurei a pergunta.

Estava sentindo-me aflito.

— *Levando um dia de cada vez* — repetiu calmamente. — Toda vez que deitar em sua cama e abraçar a sua mulher, lembre-se que venceu mais um dia — aconselhou. — Poderia te receitar alguns remédios para ansiedade depressiva que está sentindo, mas acredito que ainda não é o momento. Você é mais forte do que acredita, depois de ouvir tudo o que enfrentou, posso afirmar isto — souo firme. — Você tem um espírito valente, força e determinação que muitos não têm. Sem contar a teimosia, use ela para se ajudar, seja teimoso e não deixe essa depressão tomar você por completo.

Fiquei calado.

— Seus cinco minutos acabaram, te espero no

meu consultório na segunda.

Não respondi e desliguei.

As palavras dele rondaram minha mente. Minha teimosia tinha que servir para alguma coisa afinal. Precisava tentar a todo custo ficar bem, agora uma mulher e uma criança dependiam de mim. Não poderia me render a qualquer depressão ou sentimento de vazio.

Fiquei mais um tempo olhando para o nada fora da janela. Quando o cansaço começou a ser demais para aguentar, fechei as persianas e me deitei ao lado dela. Logo virei seu travesseiro. Parecia procurar por uma posição confortável para dormir. Sua barriga estava bem grande para ser somente de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cinco meses, mas a doutora Beatriz disse que nosso filho era um bebê grande. Assim como eu e meus irmãos fomos. Brigávamos por espaço na barriga da minha mãe e ela precisou de uma cesárea para se livrar de nós três.

O garoto no ventre da mulher que eu amava, seria tão grande quanto eu. Meu peito se encheu de orgulho. Não via a hora de tê-lo em meus braços e poder sentir o calor de seu corpo. Tremia por dentro com ansiedade, quando me lembrava do corpo frio dos anjinhos. Aquilo não se repetiria com meu filho. Enchia-me de medo. Porém, também de determinação, iria protegê-lo a qualquer custo.

PERIGOSAS ACHERON

...

Senti a falta do corpo dela em algum momento na madrugada. Olhei a cama fazia e suspirei, acreditei de início que Carolina estaria na cozinha atacando qualquer besteira que encontrasse na geladeira. Sentei na cama lutando contra o sono. Então, percebi a luz do banheiro acesa. Esperei por um minuto para ver se ela voltava.

Preocupei-me de imediato quando não percebi nada vindo do banheiro. Levantei-me e fui até lá. A encontrei dentro da banheira de hidromassagem, e para minha surpresa, estava dormindo.

— Carol?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não respondeu.

Ceguei mais perto e segurei seu rosto.

— Ei, querida, acorde.

— Abner.

— O que está fazendo na banheira a esta hora?

Ela suspirou parecendo cansada.

— Ele se mexe muito e a água quente parece ajudá-lo a relaxar — explicou.

— Deveria ter me chamado.

— *No* queria acordá-lo, sei que *no* dorme muito.

— Não importa, Carol, é perigoso dormir na banheira, poderia se afogar.

— Só precisava de um tempo aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Está pronta para voltar para cama?

Acenou que não.

Suspirei.

Aproveitei que estava nu e entrei na banheira. A água ainda quente, foi boa a sensação relaxante que passou pelo meu corpo. Puxei Carol para os meus braços e a segurei com carinho.

Sua cabeça descansou em meu ombro.

— Vou ficar aqui com você, durma mais um pouco.

— *Gracias.*

— Não me agradeça por cuidar de você — beijo seus cabelos. — Prometa que não vai mais vim

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui para dormir sozinha, não quero que nada aconteça com vocês.

Ela acenou concordando. O sono era mais forte do que sua disposição para responder com palavras. Quando amanhecesse, iria fazê-la me prometer não vir novamente dormir na banheira. Se ajudava a ambos relaxar para dormir, não me importava, mas não queria que fosse sozinha. Preocupava-me que algo ruim pudesse acontecer com eles bem debaixo do meu nariz.

Fiquei com ela por mais meia hora. Saí com cuidado da banheira e com certa dificuldade consegui pegar uma toalha. Voltei para o quarto, molhando todo o chão, e a deitei sobre a cama.

PERIGOSAS ACHERON

Enxuguei seu corpo devagar e com carinho para não acordá-la. Coloquei um travesseiro entre suas pernas para que ficasse mais confortável, algo que tinha lido em um livro, e a cobri. Sequei-me, voltei no banheiro para desligar a hidromassagem, apaguei a luz e me deitei ao lado dela. Abracei seu corpo e deixei o sono me levar novamente.

Estava deitado de bruços com um braço pendurado para fora da cama quando abri meus olhos. Minhas pálpebras estavam pesadas com as horas de sono e sentia que podia ficar ali por mais meia hora. Olhei para o relógio de cabeceira e me assustei ao ver que eram duas da tarde. Não precisei olhar para o lado para saber que Carol não

estava ali. Ficar deitada e quieta por muito tempo não era de seu feitio.

Bocejei e levantei devagar. Fui até o banheiro. Olhei no espelho e meu rosto inchado de sono mostrava o quanto tinha dormido. Um pouco das olheiras tinham sumido e ficaram algumas marcas de travesseiro na minha bochecha. Escovei os dentes sentindo-me lento. Esperava que por todos os santos que Carolina não tivesse saído. Ricardo iria me acordar caso algo acontecesse e eu comeria o rabo de Marcelo se tivesse permitido que ela saísse sem me avisar.

Tomei um banho rápido e fiz uma careta quando penteie os cabelos. Estavam grandes e embolariam

PERIGOSAS NACIONAIS

se não penteasse. Cuidei da minha pressão, glicose e tomei insulina. Tinha ficado perfeito o mine refrigerador no meu banheiro. Não precisava descer até a cozinha para cuidar daquilo. Vesti uma calça de moletom e não coloquei cueca. Sabia que em algum momento tiraria a roupa de Carolina e estaria muito fácil se livrar das minhas.

Baguncei os cabelos, não querendo deixá-los com a aparência de que minha mãe tinha os arrumado e saí do quarto depois de calçar chinelos. Desci as escadas e ouvi risadas vindo da sala de cinema da casa. Nunca tinha a usado, sem contar que não tinha tempo para tal coisas.

Fiquei frustrado ao reconhecer as vozes lá

PERIGOSAS ACHERON

dentro. Não teria um momento íntimo com Carolina porque meus irmãos invadiram minha casa em um pleno domingo.

— Cale a boca, Elliot, não consigo ouvir com você falando. — Alice xingou no exato momento que entrei.

O local tinha uma longa tela plana, na verdade enorme. E o sofá era uma grande cama onde todos estavam deitados juntos. Para minha surpresa meus pais estavam no meio da bagunça também. Não reconheci o que eles assistiam, mas Carol parecia estar muito concentrada vendo, alheia a conversa em sua volta.

— A bela adormecida acordou. — Elliot gritou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos olharam para mim, mas a única pessoa que tinha minha atenção era a linda mulher com olhos como esmeraldas. Ela me encarou no mesmo instante e sorriu abertamente. Era o sorriso mais lindo de todos que já tinha visto.

— Achei que precisaria de um beijo para acordá-lo. — Ethan brincou.

— Quase mandamos Carol lá para beijá-lo. — Alice afirmou.

Não dei ouvidos a eles.

— Ainda bem que não fizemos isto, você não deixaria que ela saísse do quarto. — Elliot disse fazendo todos rirem e concordarem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminhei até minha mulher que estava no meio do sofá, entre Elliot e Alice. Assim que me aproximei, claro que escolhi o lado que aquele folgado estava, ele se afastou sorrindo.

— Seu ciúmes de mim é lindo. — Elliot disse.

— Cala a boca, idiota — murmurei. — Bom dia, querida.

Beijei minha mulher e me deitei ao lado dela.

— Boa tarde você quis dizer. — Ethan falou.

— Deixem seu irmão em paz. — Nossa mãe os repreendeu fazendo-me sorrir de leve para Carol.

— Como vocês estão? — perguntei fazendo carinho em sua barriga.

PERIGOSAS ACHERON

— *Bien*, estamos bem — respondeu sorrindo.

Segurei o gemido frustrado, queria estar sozinho com ela e poder fazer dela minha mais uma vez. Talvez, por toda a tarde. Porém, as possibilidades eram nulas devido ao tamanho do atrevimento e folga daqueles que tinham o mesmo sangue do que eu.

— O que estão assistindo? — perguntei confuso ao olhar para a tela.

— Chaves. — Carol respondeu.

Senti-me ainda mais confuso do que antes.

— Seriado infantil mexicano. — Meu pai explicou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei surpreso.

— E é bom?

— Eu gostei. — Alice responde e joga algumas pipocas na boca.

— *Yo amo*. — Carol disse vidrada na tela.

— Eu me sinto como o Chaves, toda culpa sempre cai em cima de mim. — Elliot diz sério e depois gargalha.

— Você é adotado, não conta. — Alice falou.

— Ethan e Abner também são adotados, temos a mesma cara — protestou.

— Eu não. — Ethan e eu protestamos juntos.

— Eles não são adotados. — Minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

afirmou rindo.

— Todos meus filhos, apesar de serem uns bastardos. — Meu pai falou e deu de ombros.

Minha mãe bateu no braço dele nos fazendo rir.

A tarde passou tranquila. Claro que algumas vezes tentamos bater no Elliot, pelo simples fato de nunca calar a boca e por ser um bastardo idiota. Por exemplo, quando ele apertou minha bunda. *Deus*, como desejava matá-lo. Como poderia uma pessoa ser tão importuno como ele? Não sei, mas queria quebrar sua cara. Assim como Ethan, já que não mediu esforços para irritá-lo também.

O bom foi que Elliot estava entre nós dois e

assim pudemos dar alguns socos nele. Mas ele sempre apelava para nossa mãe para defendê-lo. Ela acabava o ajudando, já que era mais fácil concordar com Elliot do que lidar com sua versão dramática.

Carolina parecia feliz e tranquila em meus braços. O bebê mexia um pouco para nos lembrar de sua presença. E eu estava relaxado curtindo aquele momento em família, sentindo-me leve como nunca antes.

Acredito que as palavras do doutor Green fizeram algum efeito em mim. Ainda sentia-me aflito e vazio, a culpa era pesada demais. Porém, quando a olhava sorrindo era impossível esquecer o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto a amava.

Então, ela me olhava e suas esmeraldas brilhavam com o seu amor por mim. Nada mais tinha tanta importância para mim, somente aquele olhar feliz e repleto de amor.

Um dia de cada vez.

Foquei-me nisto e esperava que desse certo, porque não podia perdê-la.

Não poderia perdê-los.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Setenta

Carolina Callejas

Tinha se passado um mês que estava morando com Abner. Aos poucos as coisas foram tomando seu lugar e se ajeitando. A única preocupação era que Xavier ainda não tinha aparecido assim como o tal Matsueda. Não houve mais ataques ou perseguição de carro, e isto me deixava nervosa. O silêncio de um inimigo nunca poderia significar boa coisa.

Terminei de me arrumar rapidamente, estava atrasada. Tinha dormido muito e Abner não havia me acordado. O que me fez querer matá-lo, ou

PERIGOSAS NACIONAIS

talvez um chute nas bolas. *Sei lá*, algo que causasse dor.

— Não corra na escada. — Sua voz me fez parar para encará-lo.

O tom de ordem e repreensão estava lá em sua voz calma, deixando-me ainda mais irritada.

— Atrasada.

— Não quero que se machuque.

Respirei fundo para não brigar com ele. Não gritava ou bradava mais. Porém, continuava um bastardo controlador que me colocou em uma bolha de vidro. Não poderia reclamar de seus cuidados, mas Abner me deixava louca com tanta atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava sendo uma vadia por ficar irritada, o bom que poderia culpar meus hormônios e ficaria tudo bem.

O mês que tinha se passado não brigamos nenhuma vez e não queria começar agora.

— Tudo bem, vamos.

— Tome café antes. — Ele se calou quando coloquei minhas mãos na cintura.

Estava atrasada porque não me chamou, não tive sexo matinal e agora ele queria me dar ordens.

— Atrasada — repeti.

— Adoro essas suas DR's. — Brian disse do sofá em que estava sentado.

PERIGOSAS ACHERON

Abner nem se quer o olhou, respirou fundo e devagar mantendo a calma.

— Vou mandar entregar um café da manhã para você.

— Ótimo.

— Agora posso te beijar, senhora irritada?

— Se não me beijar, vai precisar de uma bolsa de gelo para as bolas.

Ele sorriu de leve, segurou meu rosto e me beijou.

Amava senti-lo.

Abner era calmo e paciente comigo. O que não significava que era da mesma forma com as outras

peessoas. Seu mau humor continuava o mesmo e isto pelo jeito não mudaria nunca. Durante o mês que se passou, ele vinha se esforçando para não pensar no passado. Continuava com as sessões de terapia todos os dias. E diversas vezes o encontrei sentado perto da janela, olhando para o nada. Mas quando seus olhos encontravam os meus, eu via toda dor que tentava superar. Partia meu coração vê-lo sofrer. Um dia o encontrei lutando contra o pânico, era madrugada e ele não conseguia dormir como das outras vezes. Porém, aparentava mais perturbado, os pesadelos daquela noite foram mais cruéis do que suas lembranças.

Não conseguia respirar direito e tremia tão forte,

PERIGOSAS NACIONAIS

que me deixou muito preocupada. O ajudei a controlar a respiração e depois o abracei até que conseguisse dormir novamente. Não seria uma coisa fácil de superar, mas acreditava que conseguiria.

Ele sorriu de leve para mim quando se afastou e juntos fomos para o carro. Pelo caminho pediu-me para lembrá-lo de bater em Brian no próximo treino que teriam juntos. Disse que nunca deveria ter dado a ele tanta liberdade. E lá estava o mesmo Abner mal-humorado de sempre.

Eu o amava.

Claro que Brian não se importou. Sorriu e disse que só precisava marcar um dia e um horário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descemos em meu estúdio que tinha mais seguranças do que de costume. Brian entrava comigo para o escritório e deixava um homem do tamanho da porta a guardando do lado de fora. Ele ficava em um canto da sala, sentado no sofá e trabalhava em seu notebook.

Tive duas reuniões seguidas e logo após um dos homens de Abner entrou trazendo um café da manhã, tamanho família, para mim. Katia, Max e Fabricio aparecerem dois minutos depois com uma falsa desculpa. Somente para desfrutarem do meu café. Falamos sobre alguns contratos enquanto comíamos e quando eles saíram um forte desejo me pegou.

PERIGOSAS ACHERON

Mas não era qualquer desejo.

Não era comprado em uma lanchonete ou supermercado.

Meu desejo tinha nome e sobrenome.

Abner Stabler.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem para ele. Perguntei onde estava e me respondeu que tinha acabado de chegar no seu escritório. Peguei minha bolsa e Brian me seguiu para fora.

— Não me disse que pretendia sair —
resmungou em minhas costas.

— Preciso ir até Abner — digo e dou de ombros.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês mulheres são tão teimosas — reclamou. — Custava dizer antes para que eu deixasse a equipe pronta? — perguntou quando abriu a porta do carro.

Levantei uma sobrancelha para ele, que sorriu sabendo que não ganharia aquela conversa.

— Não precisa responder — bufou. — Sua sorte que quer ir até aquele bastardo controlador.

— E se *no* fosse? — questionei petulante.

— Se não fosse, iria ficar com seu traseiro preso na cadeira até que estivesse tudo pronto — afirmou arrogante.

— Acho que Abner *no* é o único bastardo

PERIGOSAS ACHERON

controlador aqui.

Ele estreitou os olhos para mim. Entrei no carro e ele fechou a porta. Brian era uma pessoa boa, mas era tão controlador quanto Abner. Nunca estava distraído e sempre tinha alguém guardando suas costas. Fazia seu trabalho tão bem, que ainda não tinha visto nenhuma falha. Tinha acesso a todas câmeras de segurança dos lugares pelo qual passaríamos. Homens disfarçados nos seguindo. E cada segurança tinha uma arma maior do que a outra. Apesar de sempre apresentar um bom humor, eu o vi algumas vezes latindo ordens para seus homens. E vi aqueles seguranças enormes tremerem ao detectar fúria nos olhos do belo loiro.

Por todo o caminho, fui perdida em meus pensamentos.

Até que ele entrou no estacionamento privado do prédio. Saímos do carro e seguimos para o elevador. Fiquei ansiosa quando as portas se fecharam. Estava com tanto desejo por sexo que cada segundo que passava ficava mais excitada.

Comecei a balançar uma perna, batendo meu salto no chão. O barulho era irritante, mas me distraía um pouco.

— Você está bem?

Olhei para Brian e seu olhar sério.

— *Sí* — respondi e continue fazendo a mesma

coisa.

Cada andar que passava parecia demorar uma eternidade até o próximo. Sabia que Brian continuava me olhando, talvez um pouco irritado com o barulho e suspirei.

— Impaciente, essa gravidez tirou tudo o que restava da minha paciência — digo e ele sorriu relaxando.

— Minha irmã parecia uma bomba explosiva quando ficou grávida.

— Tem uma irmã? — perguntei surpresa.

A família Watson Baleroni era conhecida, mas eles sempre se mantinham discretos demais. Nunca

se expunham mais do que o necessário, a única pessoa que mais aparecia na mídia era a mãe de Brian, Melissa Watson Baleroni. E mesmo assim com muita discrição e poucas vezes.

— Não uma, duas — balançou a cabeça. — Irmãs gêmeas.

— Você é o mais velho?

— Não, elas são, apesar de não aceitarem isto com tanta naturalidade.

Ri do seu comentário.

Faltava ainda cinco andares para chegar no de Abner e eu voltei a bater o salto do sapato no chão com impaciência. Ele não disse mais nada e eu

fiquei aliviada por isto, só precisava alcançar meu Abner.

Quando as portas abriram, suspirei e caminhei rápido para fora. Dispensei com um aceno de mão as mulheres que vinham em minha direção. Elas eram responsáveis pelos casacos. Fui até a secretária, a mesma que me olhou de forma superior quando estive ali na primeira vez.

Ela me olhou da mesma forma e me irritou. Detestava pessoas assim.

— Quero falar com Abner.

— Tem horário marcado?

— *No*.

— Ele não atende sem horário marcado.

— Ele está em alguma *reunión*?

— Não...

— *Entonces...* vou falar com ele.

Dei um passo à frente e ela se levantou. Olhou-me novamente de forma superior e fechou sua expressão.

— Quem pensa que é para entrar aqui sem autorização?

— Sou a mulher dele — afirmei e franzi a testa.

Ela riu debochada.

Fechei minhas mãos em punho, a raiva começou a ferver meu sangue e eu queria muito acertar

aquele nariz dela.

— Abner não tem mulher, muito menos uma grávida.

Ia responder, mas Brian ficou do meu lado e falou primeiro. Ela o olhou surpresa, parecia que não tinha notado a presença dele antes.

— Senhorita, acredito que não queria ofender a Srta. Callejas — disse sério.

— Senhor Baleroni, ela deve estar querendo dar o golpe da barriga — afirmou. — Isto é ridículo.

Meu sangue ferveu.

— Olha aqui, sua secretária ridícula, se tentar me ofender mais uma vez, eu vou quebrar sua cara.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carolina, fique calma, não pode se estressar.

— Brian pediu.

— Calma um caramba — respondi irritada.

— Vou chamar os seguranças para tirarem essa mulher daqui junto com esse bastardo que carrega.

Brian deu um passo à frente antes que eu pudesse reagir. Seu olhar era furioso e parecia ainda maior.

— Eu sou o segurança dela, se tem algum problema com isto questione o seu chefe — disse ameaçador. — E não tente nunca mais ofender um herdeiro Stabler.

Ele se calou quando a porta do escritório de

PERIGOSAS ACHERON

Abner abriu e ele apareceu. Seu rosto mostrou surpresa ao me ver, mas logo percebeu que tinha algo errado.

— O que está acontecendo aqui? — Ele perguntou firme.

Sua secretária não respondeu, agora estava pálida depois de ouvir as palavras de Brian.

Eu também não falei nada, dei um passo à frente e com raiva bati no rosto da mulher. *Quem ela pensava que era para me ofender e ao meu filho?* A força que usei fez com que ela desse dois passos para trás.

— Carolina! — Abner exclamou surpreso e um

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco preocupado.

— *No* chame meu *hijo* de bastardo, sua vadia — disse furiosa.

Iria bater nela novamente, mas Brian me segurou.

— Acalma-se, Carolina — pediu.

— Você fez o quê? — Abner rosnou indo em direção a sua secretária.

— Senhor, eu... eu...

— Não gagueje, você fez o quê? — ordenou.

Ela ficou ainda mais pálida e não o respondeu.

— Te fiz uma pergunta e exijo uma resposta! —

Ele exclamou puto da vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele era o Abner que eu conhecia. Grosso e sem controle da própria raiva.

— Achei que... ela estivesse mentindo... dando um golpe da barriga... sei lá... senhor, eu não tive a intenção.

— E você acha que ela subiria até aqui com toda facilidade se estivesse me dando um golpe? Não seja absurda — disse duramente. — Como se não bastasse toda essa besteira que disse, ainda ofendeu minha mulher e meu filho? Ficou louca? — A voz firme dele me causava arrepios.

Estava furioso e eu sabia o quanto poderia ser ofensivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhor, eu... eu... não sabia.

— Está demitida — rosnou.

Ela arregalou os olhos assustada.

— Senhor...

— Saia da minha frente agora! — gritou puto da vida.

A secretária pulou alarmada e correu para longe do alcance dele. Quando Abner me olhou, fiquei um pouco travada, a raiva em seu olhar me trouxe algumas lembranças. Ele acenou para Brian e estendeu a mão para mim.

— Venha, amor.

Demorei um segundo para me lembrar que ele

PERIGOSAS ACHERON

não estava com raiva de mim. Segurei sua mão e dei um passo em sua direção. Ele beijou minha testa e respirou fundo e devagar. Guiou-me para dentro e fechou a porta.

— Você está bem? — perguntou assim que me sentei no seu sofá.

— *Sí.*

— Parece um pouco pálida, tem certeza?

— *Sí*, aquela mulher me irritou.

— Sinto muito por isto, jamais permitiria que alguém te ofendesse ou ao nosso filho.

Respirei devagar.

— *Gracias.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que está me agradecendo?

— Por nos defender.

— Não me agradeça por isto — franziu a testa.

— Nunca me agradeça por defendê-los.

Acenei concordando.

— Posso saber o motivo da visita? — perguntou um pouco preocupado.

Sorri de leve lembrando o motivo que me levou até ele.

— Estava com desejo — digo e ele franze a testa.

— Diga-me o que quer e vou mandar buscar para você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você.

— Hm?

— Morta de desejo de você — expliquei.

Ele sorriu de forma cafajeste.

— Ninguém mais poderia me satisfazer — digo e ele acena concordando.

— Ninguém — afirmou possessivo.

Levanto e o puxo por sua gravata.

Ele sorriu gostando do jogo e me seguiu até sua cadeira. Estava pronta para desarrumar aquele homem todinho. Seu olhar ainda me lembrava os de um lobo, azul e frio. Aquilo só me fazia querê-lo ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

Abner se sentou e me observou. Tirei o casaco devagar e depois abri o zíper do vestido. O barulho pareceu extremamente alto em seu escritório, o que deixou tudo mais excitante. Desci as alças devagar e depois que o vestido passou por minha barriga, caiu sobre meus pés. Usava uma lingerie branca de renda e saltos.

Soltei o nó da gravata dele e a joguei no chão. Sentei no seu colo e suas mãos me agarraram de forma possessiva. Sorri animada e comecei a desabotoar a camisa dele.

— Deixou-me dormir muito hoje e não fez amor comigo — acusei olhando em seus olhos.

— Desculpe-me, vou consertar isto e fazer amor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com você agora. — Sua voz rouca me causou arrepios.

— *No* quero que faça amor comigo.

— Não?

— *Oh no*, quero que me foda... *hm...* com um pouco de amor talvez...

Ele sorriu animado e me hipnotizou com a beleza daquele sorriso. Amava quando sorria.

Abner se esticou colocando o notebook de lado e depois jogou todo o resto que estava em sua mesa no chão. Foi rápido em me colocar sentada na mesa ficando entre minhas pernas e me beijou forte. Seu beijo me deixou ainda mais louca. Sua boca

PERIGOSAS ACHERON

começou a descer por meu queixo e pescoço. Mordiscou meu ombro e soltou meu sutiã com pressa. Com a gravidez, meus seios estavam muito mais sensíveis e Abner aproveitava disto. Sua boca me levou à insanidade em segundos.

Quando afastou dos meus seios gemi frustrada e ele sorriu. Beijou minha barriga saliente de seis meses e se sentou na cadeira. A arrastou para mais perto e puxou minha calcinha para fora do meu corpo.

Logo seu rosto estava entre minhas pernas. Foi impossível não gemer. A boca dele era incrivelmente habilidosa.

Assustei-me quando a porta foi aberta de

PERIGOSAS ACHERON

repente, não olhei para trás para não me expor, mas reconheci a voz.

— Abner, aquele processo... Seus safados.

— Saia daqui, Elliot.

— Sexo no horário de trabalho.

— Elliot. — Abner rosnou em tom de aviso.

— ... Também quero.

Elliot riu alto e minhas bochechas coraram.

Abner pegou algo que tinha sobrado em cima da mesa e jogou em Elliot. Fez um barulho alto quando bateu na porta, mas logo depois ele voltou a abrir.

— Aproveitem e se divirtam por mim. — Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

gargalhou.

— Filho da puta, saia! — Abner disse furioso.

A porta fechou e eu também queria matar o Elliot. *Dios mio*, ele não poderia somente ter saído? Claro que não, ele era a pessoa mais inconveniente que conhecia.

— Vou matá-lo por ter te visto nua, droga.

— Ele só viu minhas costas — tentei amenizar.

— Muito.

Ciúmes brilhava em seus olhos me fazendo sorrir.

— Não ria disto, não tem graça.

— Concordo, *no* tem a menor graça você parar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora.

— Quem disse que iria parar? — questionou arrogante. — Veio até aqui com desejo do meu corpo tomando o seu e é isto que vai ter — sorriu. — Mas depois vou matar o Elliot — prometeu.

— Depois — murmurei excitada.

Vê-lo com ciúmes deixava-me ainda mais molhada.

Abner me atacou.

Acabei rindo animada com sua possessividade, mas por pouco tempo. Logo ele nos levou à loucura. Não tive como reclamar. Ele me deu o que realmente queria, ou até mais. Nossos corpos se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontraram com pressa e urgência.

...

— Você me deixa insano. — Ele resmungou assim que voltou a se sentar na cadeira.

Não o respondi, precisava de ar. Puxei o ar sentindo-me ofegante e suada demais. Ainda estava sentada na mesa dele completamente nua. Enquanto ele usava sua camisa toda aberta e sua calça e a boxer estavam presas em suas coxas musculosas.

Apoiei minhas mãos um pouco atrás e inclinei minha cabeça. Arrepiei quando senti a boca dele deixar um beijo na minha barriga.

— Amo vocês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorri abraçando o pescoço dele.

— Também te amamos, papai — digo e ele me olhou um pouco emocionado.

— Precisamos de um nome para ele.

Acenei concordando, já tinha pensado em um nome, mas não comentei. Esperei o momento em que conversaríamos sobre o assunto. E parecia que aquele era o momento.

— Pensei em Arthur.

Ele beijou minha barriga mais algumas vezes antes de me olhar.

— Gosto do nome — sorriu. — Ei, Arthur, o que está aprontando hoje, *hein*?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre ficava uma boba emocionada quando Abner falava com a minha barriga.

— Hoje ele está quietinho.

— Mexeu suficiente durante a noite — observou.

— *Sí*, adora fazer festa quando quero dormir.

— Ele é um Stabler, querida, amamos aprontar.

— Vou ficar com cabelo branco antes que ele faça vinte anos.

— Bem provável — disse e riu alto. — Ainda mais tendo Elliot e Ethan como tios.

— *No* esqueça de quem ele é filho — provoqueei.

— Claro que não, vamos dar um pouquinho de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalho para a mamãe, não é mesmo, Arthur?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Setenta e Um

Abner Stabler

Esfreguei o rosto sentindo-me muito cansado, ainda não tinha encontrado Xavier e nem Matsueda. Não poderia descansar, precisava prender ambos. Xavier para que não fizesse mais besteiras e Matsueda por suas ameaças contra minha família. Sua gangue tinha se espalhado depois que Marco Antônio, cunhado de Brian e delegado da Federal, começou a prender todos envolvidos com o japa.

Ele estava nos ajudando nas buscas, mas o japa tinha sumido no mundo. E era exatamente isto que

PERIGOSAS NACIONAIS

me preocupava. Quando um inimigo fica calado demais, nunca é boa coisa. E isto começou a tirar o meu sono, ele estava aprontando alguma coisa e eu não poderia relaxar.

Acreditava que esperava que me distraísse, ao acreditar que ele desistiu de sua vingança, para então me pegar. Machucaria minha família e me mataria depois de vê-los sofrer.

Não poderia falhar em proteger Carolina e Arthur, agora com sete meses de gestação deixava tudo mais delicado. Não queria stressá-la ou preocupá-la. No entanto, Carol sabia que minha preocupação aumentava a cada dia que se passava.

Estava exausto, me levantei e saí do meu

PERIGOSAS ACHERON

escritório.

Carolina continuava com a libido alta, não podia me ver que queria sexo. Não que esteja reclamando, mas com minha rotina, tenho ficado acabado. Trabalho atrás de trabalho, vivendo em alerta com a segurança, acordando de madrugada para comprar as coisas mais loucas que poderia existir para satisfazer os desejos estranhos dela. Ou, então, sendo atacado por sexo pela manhã, no banho, no trabalho, na cozinha, no quarto, em algumas madrugadas.

E pior, ainda ter que suportar as piadas de Elliot ao ver minha exaustão.

Amava sexo com Carol, jamais reclamaria e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre me esbaldaria em seu corpo, porém, hoje eu queria algumas horas a mais de sono.

Fui até a cozinha e Cida ainda estava lá.

— Já deveria ter ido para casa — murmurei mal-humorado.

Ela deu de ombros e não se importou em me ver somente de boxer. Ajudou minha mãe e estava acostumado a nos ver com pouca roupa, ou no caso de Elliot, sem roupa nenhuma.

— Minha menina estava com desejo de comer um bolo de chocolate com muita calda e recheio, resolvi já deixar pronto para amanhã quando ela acordar — explicou.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela não deveria comer tanto doce — resmunguei sabendo que era voto vencido sobre aquele assunto.

— Não posso deixá-la com desejo de comer algo que eu poderia fazer — protestou.

— Sei que não, também não deixaria — digo me servindo um copo com água.

Carol continuava com desejos e o principal deles eram os pêssegos. Já tinha comprado todos os pêssegos da cidade e não sabia mais onde encontraria. Uma vez ela me xingou por não ter encontrado como se a culpa fosse minha. E, então, abriu uma lata de pêssegos em calda, furiosa, e gritou que comeria aquela *porcaria enlatada*

PERIGOSAS ACHERON

porque eu não me esforcei suficiente para encontrar as frutas. Na hora não achei nada engraçado, mas depois demos algumas risadas. Fiquei aliviado quando deu época de pêssegos, alguns dias depois as feiras e mercados estavam cheios da fruta, e pude satisfazer o desejo compulsivo da minha mulher.

— Estou usando chocolate meio amargo, não vai ficar tão doce — aliviou minhas preocupações.

— Bom.

Sabia que Carol amava doces, mas não queria que ela ou Arthur adquirissem diabetes por não se cuidarem. Ninguém merecia passar por tudo o que eu passei, a vida toda regrado. Uma infância sem

PERIGOSAS ACHERON

balas, pirulitos ou chocolates. Quando ganhava algum doce, era muito pouco e raro. Assim como meus irmãos, que se esforçavam para que eu não ficasse triste por não poder comer.

Não queria que meu filho passasse por aquilo.

Sorri de leve, Carolina o encheria de doces e isto me deixava um pouco feliz, sabendo que Arthur teria algo que eu não pude ter.

Tomei minha água e disse para Cida ficar em um dos quartos, de hóspedes ou de empregados. O que ela preferisse. Mas eu sabia que ela iria embora assim que terminasse, a conhecia há anos e ela sempre dizia que não havia lugar melhor do que a própria casa. Estava certa, porém, sempre tento

PERIGOSAS ACHERON

mostrá-la que é bem-vinda na minha.

Subi para o quarto e depois de escovar os dentes me deitei ao lado de Carol. Estava acordada lendo um livro. Deitei minha cabeça em suas pernas e ela começou a mexer nos meus cabelos com uma mão, enquanto a outra segurava o livro.

Amava quando ela fazia isto, logo estaria dormindo se continuasse.

Acalmava-me.

Assim que meus olhos pesaram ouvi meu celular tocar. Suspirei. Levantei e o peguei. Não conhecia o número, então desliguei a chamada e voltei a deitar sobre as pernas dela. Sua mão voltou para o

PERIGOSAS NACIONAIS

meu cabelo e o celular tocou de novo.

— Porra.

— Atenda.

— Não conheço o número — murmurei e voltei a desligar.

Queria dormir um pouco essa noite, os pesadelos ainda estavam presentes. E tudo o que mais queria naquele momento era uma noite com longas horas de sono.

O celular tocou de novo. Xinguei e atendi.

— O que é? Porra.

— Que demora para atender essa merda, mano.

— Gregory.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arrependi um segundo depois de dizer o nome daquele infeliz. Carolina ficou tensa e eu me sentei.

— O que quer? — perguntei enquanto Carol me olhava tensa.

Merda do caralho.

— Achei Xavier.

— Quero ele.

— Foi o que pensei, por isto estou ligando.

— Leve-o até o meu galpão de treinamentos no sul da cidade.

— Porra nenhuma.

— Está com medo? — provoqueei.

— Não, só não vou levar ele lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai, e vai entrar sozinho.

— Porra nenhuma — protestou. — Acha que sou burro?

— Entrar no meu prédio de segurança máxima e me afronta sentando na minha cadeira pode, mas não tem coragem de entrar no meu galpão? — questionei já impaciente. — Mesmo eu te dando autorização.

— Não vou entregá-lo desta forma.

— Mando buscar. — O afrontei.

— Vai ser recebido com fogos e vai dançar, quando balas caírem aos seus pés.

Levantei, impaciente demais para ficar quieto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E você acha que eu tenho medo? — perguntei com frieza. — Eu tenho um exército de caras grandes treinados para a guerra! — exclamei puto. — Acha mesmo que uma ameaça tão ridícula como essa os impediria de ir buscar o que quero?

— Porra!

— O que você tem aí? Meia dúzia de caras com uma 38? — provoquei. — Ou talvez alguns fuzis? Eu tenho uma equipe grande, com francos atiradores.

Ele ficou em silêncio me irritando.

— Ainda quer competir ou vai me entregá-lo do jeito e da forma que eu quero?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caralho, me passe a merda do endereço! —
vociferou. — Porra.

Sorri ao vencer aquela conversa idiota. Assim
que desliguei, ele tinha prometido levar Xavier
imediatamente para lá.

Olhei para Carolina, que me encarava ansiosa.

— O que Greg queria com você?

Merda.

— Estou esperando sua resposta, Abner.

Porra.

— O que ele queria? O que estavam
negociando? Quem ele tem que te entregar?

Respirei fundo antes de responder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Xavier.

Seu rosto ficou levemente pálido deixando-me preocupado.

— Amor...

— Xavier, *Dios mio*, Greg o encontrou?

— Sim.

— Quero vê-lo — disse determinada.

Esfreguei o rosto e me sentei ao lado dela.

— Amor...

— *No* me negue isto. — Me interrompeu.

— Carolina, acredito que não seja um bom momento para isto — digo com cautela. — Não pode ficar nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero que me leve até aquele traidor de uma figa! — exclamou.

— Acalme-se.

— *No*, até que esteja na frente do meu irmão!

Levantei nervoso e comecei a andar pelo quarto. *Furioso*. Com tudo naquele momento. Não queria que ela ficasse mais nervosa, mas o que faria para que mudasse de ideia?

— Abner, leve-me até ele — implorou.

— Não.

— Abner...

— Pelo amor de Deus, Carolina, você precisa de descanso e paz — digo impaciente. — Não é uma

boa ideia ir até ele.

Ela se levantou determinada e veio na minha direção.

— Se não me levar até aquele traidor, *yo* vou arrumar uma forma de encontrá-lo — prometeu.

— Só estou preocupado com você nervosa.

— *Yo* já estou nervosa! — gritou. — Nervosa desde o dia em que ele colocou bandidos atrás de mim. Desde o dia que minha casa virou cinzas e fomos perseguidos por carros.

— Carol...

— *No* peça para que me acalme — interrompeu-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não viveria se algo acontecesse com vocês, por favor, se acalme.

Estava furioso por dentro, mas acima de tudo, preocupado com ela. Encarou-me por um segundo antes de suspirar.

— Por favor, Abner.

Agora foi minha vez de suspirar, não iria ganhar mais aquela briga. Parecia que nunca ganharia uma, aquela em si me deixava puto da vida. Principalmente quando lágrimas começaram a surgir em seus lindos olhos. Não sabia quem queria matar primeiro, Xavier por ser um traidor de merda, Gregory por ligar em uma hora nada boa, ou a mim mesmo por ter dito a ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Promete ficar calma?

— Abner — choramingou.

— Se não prometer, eu não vou levá-la.

— Prometo.

— Não quero que se sinta mal, por favor, mantenha-se calma — pedi. — Se eu ver que quebrou sua promessa, que Deus me ajude, Carolina, porque vou levar seu traseiro para o primeiro hospital que estiver no meu caminho — jurei. — E não sairá de lá até que esteja calma e bem!

Ela acenou concordando.

Beijei seus lábios e a abracei sabendo que

PERIGOSAS ACHERON

precisava de um pouco de conforto.

...

Uma hora depois, eu estava estacionando na porta do galpão. Era uma área muito grande, com muros altos e francos em pontos específicos. Descemos do carro e no caminho encontramos meus irmãos. Ethan, Elliot e Alice. Tinha ligado para eles no caminho, se Carolina se sentisse mal eu precisaria de ajuda. O apoio deles seria essencial. Seguimos em silêncio até uma sala, mas parei na porta.

Olhei para ela buscando em seu rosto qualquer coisa que me fizesse levá-la para longe dali. O olhar determinado em seu rosto levemente pálido

dizia-me que não desistiria facilmente.

Abri a porta e ela entrou primeiro. Meus irmãos ficaram do lado de fora e eu a segui para dentro. Fechei a porta e vi que ela estava travada no meio do caminho. A sala era pequena e tinha um colchão no canto. Mas Xavier estava sentado em uma cadeira amarrado a ela. Um olho roxo, lábios cortados e mais magro do que antes.

Pensei em levar Carolina para fora, aquilo não era bom para ela. Antes que me movesse, ela caminhou na direção dele. Furiosa. E deu o primeiro tapa. Ele nem teve tempo de dizer alguma coisa. Seu rosto virou para o lado com a força que usou.

— Carol...

Ele tentou falar, mas ela o acertou de novo e de novo. Fiquei um pouco surpreso, mas não chocado. Os hormônios dela e sua personalidade forte a deixavam agressiva. Fiquei feliz por não ser o receptor daqueles tapas. Ela não parou, bateu nele tantas vezes que não pude nem contar.

Caminhei até ela e a segurei.

— *Dejame.*

— Não, lembra-se do que eu disse? — questionei. — Se acalme ou vou arrastá-la para fora daqui.

Fui firme com minhas palavras e até um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

duro, mas Carol precisava entender que tinha que se acalmar.

— Quero bater nesse idiota até a morte! — exclamou furiosa.

— Pare, Carol. — Ele pediu e preocupação brilhava em seus olhos.

— Parar? *Yo no* vou parar até que sinta toda raiva e medo que passei esses meses — disse furiosa. — Entendeu?

— *Perdón...*

— Nunca, nunca me peça isto — vociferou. — Você entregou a minha vida e a do meu *hijo* em uma bandeja para bandidos. Seu desgraçado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei feliz por não conversarem em espanhol ou ficaria no escuro sobre o que estava sendo dito.

— Ele iria me matar! — gritou ele de volta com ela. — E *no* sabia que estava grávida!

Carolina estremeceu de raiva em meus braços.

— Que morresse, então! — Ela gritou. — Era melhor enterrar um irmão fiel do que olhar para a cara de um traidor como você!

Eu a soltei, sabia que quando estamos com raiva e ficar preso só aumentava o estresse.

Experiência própria.

— Deveria ter sido homem pelo menos uma vez na sua vida, Xavier — acusou. — Assumissem seus

PERIGOSAS ACHERON

erros. Se responsabilizasse por eles. E não jogá-los em mim mais uma vez, caramba. Seus amigos queimaram minha casa.

Xavier ficou pálido.

— Imagine se *yo* estivesse lá dentro? — questionou. — O que seria de mim e meu *hijo* além de cinzas? *Dios mio*, amava aquela casa. Comprei com a herança de nossos pais, era tudo o que *yo* tinha. *No* me restou nada, você destruiu tudo. Até mesmo meu amor por você.

— Carol, por favor...

— Aonde foi que errei com você? — Não permitiu que ele falasse. — Quando deixei que

PERIGOSAS NACIONAIS

passasse fome, frio ou ficasse sozinho? Cuidei e o criei com todo amor de irmã que tinha para te oferecer! — exclamou. — Matei-me de trabalhar para que tivesse comida, roupa e uma boa escola. Nunca te deixei faltar nada, superei a morte deles sozinha para que você não sofresse com a minha angústia. Quantas vezes te coloquei para dormir e lhe contei histórias? Tudo isto para não receber nada em troca, nunca quis nada além do seu amor e respeito.

Ela chorava e seu irmão também, mas ele escutava calado.

— Tudo o que trouxe para mim foram problemas e preocupações. *No* te amei suficiente?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol...

— Cale a boca! — Ela gritou. — O que *nuestro Padre* diria em se vê-lo agora? Estaria com vergonha e nojo do homem que você se tornou, porque é assim que me sinto.

— Carol, chega — digo e ela me olha.

A dor em seus olhos partia meu coração.

— Está muito nervosa, vamos embora.

Ela acenou concordando e voltou a olhar para Xavier. Deu um passo à frente e cambaleou. Soltou um grito forte de dor e se encurvou segurando a barriga. No automático, me movi e já a peguei nos braços desmaiada.

PERIGOSAS ACHERON

E fiquei assim por todo o longo caminho até o hospital. Ouvia meus irmãos falando comigo, mas não os escutava.

A minha vida dependia dela.

Não podia perdê-los.

Capítulo Setenta e Dois

Abner Stabler

Não sabia quando tempo eles a levaram de mim. Assim que cheguei no hospital médicos e enfermeiros, arrancaram Carolina dos meus braços com a promessa de que fariam tudo para que os dois ficassem bem.

Minha Carol e meu pequeno Arthur.

Comecei a andar de um lado para o outro completamente abalado e quase louco com o tamanho do medo que estava sentindo.

Não poderia perdê-los, repeti em minha mente como um mantra.

PERIGOSAS NACIONAIS

A sala de espera privada logo encheu, minha família estava ali e também os amigos de Carolina junto com seus tios. Todos preocupados.

Katia parou na minha frente e começou a gritar comigo como uma louca. Max e Fabricio a seguravam enquanto ela me acusava de fazer mal para sua amiga. Para ser sincero, não ouvi nem a metade das coisas que disse. Raiva e medo borbulhavam em minhas veias me deixando surdo para qualquer outra coisa.

Desviei dela e soquei a parede mais próxima.

Uma, duas, três, quatro vezes.

Meus dedos sangraram e a dor foi bem-vinda

PERIGOSAS ACHERON

naquele instante. Estava enlouquecendo sem saber dela. Duas mãos pesadas pousaram em meu ombro. Uma de cada lado. Não precisava me virar para saber quem era. Eu os conhecia bem.

— Abner, ela vai ficar bem. — Elliot disse baixo.

— Não posso perdê-los — sussurrei derrotado.

— Você não vai. — Ethan garantiu.

Estava começando a entrar em pânico. Sentia meu corpo tremer, minha respiração ficar cada vez mais difícil e minha mente se encher de desespero.

— Sinto muito, Abner, não deveria ficar gritando com você sem saber direito o que

aconteceu. — Katia disse nas minhas costas.

Não a respondi. Não poderia.

Me acostumei em ser julgado pelas pessoas todas as vezes que viam Carolina com lágrimas nos olhos. Agora não era diferente. Quem não sabia o que tinha realmente acontecido, me culpava. Não me preocupava com o que pensavam de mim, a única coisa que me importa é a minha mulher e meu filho.

Mais nada valia a pena.

Eu só os queria em meus braços novamente.

Quando ouvi alguém chamar pelos familiares de Carolina Callejas, senti minhas pernas bambas.

Mas caminhei até o médico, ele me olhou por um segundo e me reconheceu.

— Senhor Stabler, a senhorita Callejas teve um pequeno deslocamento de placenta e estava com a pressão muito alta quando chegou — explicou. — Conseguimos reverter a situação e a médica dela já está a caminho para melhor avaliação da gestante.

— Ela está bem? Eles estão bem? — perguntei com a voz rouca pela emoção.

— Sim, os dois estão bem.

Suspiros de alívio encheram a sala.

Fechei meus olhos também aliviado, *eles estavam bem*. Voltei a abrir os olhos e encarei o

médico.

— Posso vê-la?

— Sim, neste momento está dormindo devido a medicação.

Acenei concordando.

— Um de cada vez e caso ela acorde, tentem não stressá-la.

Acenei novamente e o segui para dentro dos corredores do hospital. Apontou o quarto em que minha mulher estava e eu andei ansioso até lá. Entrei no quarto e a encontrei deitada sobre a cama hospitalar. Seu rosto pálido e respirava devagar.

Beijei sua testa e me sentei ao seu lado. Culpa

me encheu, não deveria ter cedido em levá-la até Xavier.

Segurei sua mão e encostei minha cabeça na cabeceira. Estava exausto, aquela noite parecia que nunca ia ter fim. Eu só desejava uma noite de sono sem perturbação e o que ganhei foi mais uma noite infernal. Tanto eu quanto Carolina precisávamos de um pouco de paz e tranquilidade.

Sou tirado do lado dela quando Dra. Beatriz chega para avaliá-la. Fico do lado de fora do quarto e aguardando ansiosamente pela médica. Perdi a conta das vezes que implorei aos céus de que ela estivesse bem.

Quando a porta abriu e a médica de meia idade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saiu, meu coração bateu forte. Ela me olhou séria e eu fiquei tenso.

— Carolina está bem, agora.

— O que...

— Ela precisa de repouso absoluto a partir de hoje e não se estressar — interrompeu-me. — Entenda, senhor Stabler, que toda vez que ela se exalta faz mal aos dois. Não sei o que aconteceu para Carolina chegar aqui neste estado, mas recomendo que não volte a acontecer. A pressão alta também está sendo muito arriscado pelo estado elevado da gestação. Minha função e obrigação é manter mãe e filho bem, você entende?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais do que imagina — murmurei cansado.

— Assim que ela receber a alta hospitalar, deve ficar presa na cama — ordenou. — Não permita que se levante sem necessidade. Pela manhã vou passar aqui e darei mais algumas recomendações necessárias.

— Tudo bem, obrigado.

Ela acenou para mim e se retirou.

Eu iria enfrentar um inferno para mantê-la deitada o tempo todo. Mas valeria a pena se os dois ficassem bem no final.

Deixei que todos a visitassem por alguns minutos antes de voltar a me sentar ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peguei sua mão e a beijei de leve. Ficaria tudo bem.

Era o que eu queria acreditar. Fiquei ali velando o sono dela por longas horas, até que o cansaço forçou meus olhos a se fecharem.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Setenta e Três

Carolina Callejas

Sabia que algo muito grave tinha acontecido quando abri meus olhos. O teto branco era desconhecido. Olhei em volta do quarto e descobri que estava em um hospital, suspirei sem me lembrar direito o que havia acontecido. Uma figura deitada de mal jeito na poltrona chamou minha atenção. *Abner*. Parecia estar tão desconfortável. Suas roupas bagunçadas e seu cabelo uma confusão.

Fechei devagar os olhos quando as lembranças da noite anterior vieram em minha mente. *Xavier*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha o visto, batido e gritado com ele. Lembro da forte dor que senti na barriga. Abri meus olhos assustada, se algo acontecesse com o Arthur, nunca me perdoaria. Tinha sido imprudente em não escutar Abner e ir até o meu irmão, sabendo que ficaria estressada.

Aliviada, coloquei as mãos sobre minha barriga. Ele ainda estava em meu ventre. Seu leve movimento acalmou meu coração, como se soubesse do que precisava.

— Abner — choraminguei seu nome.

Ele não acordou.

Lágrimas encheram meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner — sussurrei e ele abriu os olhos assustado.

Seu rosto se encheu de alívio quando me viu acordada e depois de preocupação quando viu meus olhos marejados.

— Amor, que bom que acordou.

Se levantou e deitou ao meu lado. Aconcheguei-me ao seu corpo, ele tinha o encaixe perfeito para o meu. Seus braços me rodearam e ele me consolou.

— Está tudo bem, querida, vocês estão bem.

Acenei incapaz de falar algo, tristeza me encheu. Encontrar com Xavier fez com que a traição dele fosse mais real. Não havia desculpas para amenizar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a gravidade da situação. O criei com tanto amor, nunca o mimei demais, sempre fiz tudo o que pude para ajudá-lo. E a única coisa que recebo em troca eram seus problemas, muito deles.

— Não chore, por favor.

Não o respondi, se abrisse a boca o choro seria pior.

— Olhe para mim.

Não olhei.

— Carolina, olhe para mim.

A ordem em sua voz baixa me vez encará-lo. Apesar do rosto sério, seus olhos estavam inundados de preocupação.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai ficar tudo bem, eu prometo — sussurrou.
— Mas agora precisa se acalmar, não pode se estressar de forma alguma entendeu? O Arthur depende disto, se não se manter calma pode acontecer uma tragédia com os dois e isto me mataria. Não posso mais viver sem vocês, são meu ar, meu oxigênio. Por favor.

Sua voz carinhosa e suplicante me fez acenar concordando. Não queria preocupá-lo ainda mais. Deitei a cabeça em seu peito e ele me abraçou forte. Respirei devagar, tinha que erguer minha cabeça e resolver uma coisa de cada vez. Como Abner havia me dito um dia.

Escolhendo pelas prioridades, minha saúde e

PERIGOSAS ACHERON

bem-estar venceu. Meu pequeno Arthur necessitava disto e eu nunca faria algo para colocá-lo em risco. Precisava ficar calma e não me abalar com o meu irmão. Depois do parto veria o que fazer com Xavier.

Ficamos abraçados por um longo tempo, não sei quanto. Mas o consolo e amor dos seus braços trouxeram a calma que precisava. Logo estava dormindo de novo e ele também. *Ficaria tudo bem.*

Dra. Beatriz apareceu algumas horas depois, passou inúmeras recomendações e exigências. Daquele momento em diante estaria presa na cama por uma longa semana. Não protestei. Não reclamei. Se era daquilo que precisava para manter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu filho quietinho em meu ventre, então, era o que faria.

Claro que enlouqueceria no segundo dia, mas me manteria na cama.

As visitas começaram assim que a médica saiu. Meus cunhados, sogros, amigos e tios. Todos com flores. Alegraram meu dia com sua presença. Elliot divertiu todos com as besteiras que saíam de sua boca sem controle. Apesar de ser um inconveniente de primeira, ele me fez rir e toda aquela tristeza foi esquecida.

Ganharia alta na manhã seguinte, a minha médica queria me manter em observação e também ter a certeza de que ficaria de repouso por pelo

PERIGOSAS ACHERON

menos vinte e quatro horas. Abner foi embora arrastado pelos irmãos. Não foi fácil convencê-lo a ir. Mas sua família tinha um grande poder de persuasão sobre ele. Claro que não ficou feliz. Prometeu ir tomar um banho e que voltaria antes que eu dormisse. Sabia que ele voltaria em menos de duas horas, tinha a certeza que logo estaria de volta ao meu lado.

Todos foram embora menos o meu sogro. Ele prometeu ao filho cabeça dura dele, que não sairia do meu lado até que voltasse. Foi o que o convenceu a ir tomar um banho e fazer uma refeição decente.

— Nunca te agradei por tudo o que fez pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

meu filho. — A voz de Miguel tirou-me de meus devaneios.

O olhei um pouco confusa e ele se levantou da poltrona, caminhou em minha direção e se sentou na borda da cama.

— Antes de você, eu nunca soube o que realmente aconteceu com ele quando foi sequestrado — contou. — E muito menos o que se passava no coração e na mente dele.

— *Yo no* fiz nada — murmurei.

Ele sorriu.

— Fez mais do que imagina — garantiu. — Abner estava perdido na escuridão de sua alma,

PERIGOSAS ACHERON

nada o fazia reagir a isto. Nunca se afastou de nós fisicamente, mas sua mente e coração raramente estavam presentes — disse em um tom baixo. — Mudou depois do que aconteceu, sempre calado, frio, discreto. Ia para o café em família obrigado. Nunca sabíamos o que se passava por dentro dele além do que víamos. Mas, então, um dia, ele entrou dentro de casa e me encontrou no caminho. — Tristeza encheu seus olhos. — Pálido como um fantasma, voz falhando, punhos fechados e tremendo. Quando perguntei o que estava acontecendo, ele somente perguntou onde estava sua mãe.

Miguel parou de falar por um tempo e sorriu de

forma triste.

— Fiquei pasmo quando vi que ele pegou o elevador para o andar de cima, nunca o usou — arregalou os olhos como se ainda se surpreendesse com o fato. — O segui pela escada e quando entrei no meu quarto, lá estava o meu garoto. De joelhos no chão, chorando tudo o que não havia chorado por longos oito anos. Partiu meu coração vê-lo daquela forma. Só não foi pior de quando o resgatei, estava todo machucado e sujo. Barba grande, rosto magro, e o que me partiu ao meio foi o olhar dele. Quebrado. Como se não tivesse mais esperança para a vida, pronto para se entregar a morte.

Lágrimas encheram meus olhos. Ouvir de mais alguém aqueles relatos era difícil.

— Sabia que tinha sido torturado, mas ele nunca contou uma única palavra — piscou contendo sua emoção. — Nada. Era como se não tivesse acontecido. Todos respeitavam isto. Não queríamos afligi-lo tocando no assunto. Então, depois de contar as coisas que te fez passar... Ele derramou cada segundo que passou como prisioneiro, cada tortura que sofreu e como a dor era demais para suportar. Disse o quão orgulhoso foi em não reclamar, gritar ou chorar nenhuma vez. Como fechou os olhos com força quando seus dedos foram quebrados... E principalmente como foi duro,

carregar o corpo frio daqueles bebês que não eram seus filhos, mas que os amava como se fossem. Meu coração de pai se partiu ainda mais.

Ele se calou e limpou as lágrimas que desceram pelo seu rosto.

— Aqueles três *bastardos idiotas* sempre serão meus bebês. Meus meninos. Meus pestinhas — disse e riu alto me fazendo rir também. — Deus, como foram bagunceiros! — exclamou. — Aprontavam todas e nos deixavam de cabelos em pé. Todos os três são safados e libertinos — balançou a cabeça rindo. — Não podiam ver uma garota que babavam. Uma vez tive que pedir desculpas aos pais de uma menina, porque Elliot

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apertou a bunda dela. Pensei que não aconteceria novamente, pelo menos acreditava que a bronca que recebeu seria suficiente. Mas descobri que os três faziam cada coisa muito pior, beijando garotas nos jardins, nas festas, nos passeios, atrás da escola. Pensei que seria avô antes dos trinta anos de idade — riu. — Aqueles garotos só precisavam saber como fazer um filho e eu estaria perdido. Um sempre acobertando o outro.

— Fazem isto até hoje — digo sorrindo.

Fungo segurando as lágrimas e ele concordou.

— Sim — acenou. — Orgulho-me disto, sabe?

A união deles, sempre será a coisa mais bonita que há entre eles.

PERIGOSAS ACHERON

— *Sí.*

— Ver como Abner era quebrado, me deixou imensamente triste, Carolina. Mas também orgulhoso, meu filho é um homem determinado. Cheio de força. Aguentou todos esses anos toda aquela dor reprimida e não se tornou um homem amargurado. Apesar dos erros, foi capaz de reconhecê-los e correr atrás do seu perdão. Isto me orgulha. A forma sincera e verdadeira dele. Nunca se faz de vítima. Sempre foi capaz de pedir desculpas quando estava errado. Encara os problemas de frente. Sei que ele deve ter dito em algum momento que não merecia seu perdão, Abner sempre foi muito rígido, conhecia seus

limites e nunca aceitou nada que não fosse merecido.

Acenei concordando. Ele realmente tinha me dito que não merecia o meu perdão e nem o meu amor. Não depois de tudo o que havia feito.

— Somente o seu amor o curou, Carolina, não sei dizer como anda o processo de cicatrização do passado — disse com genuíno carinho. — Mas sei que está no caminho certo. Toda semana dou um jeito de passar um momento com cada um deles. Elliot adora esportes radicais, sempre escalamos juntos, ciclismo, corridas ou qualquer outra coisa que aquela mente perturbada quer — diz e rir alto. — Ethan prefere um almoço, calmo e sem muita

agitação. Conversamos por algumas horas e relaxamos com algumas cervejas. Alice ama me fazer de modelo para suas roupas, não que eu goste muito, mas passo duas horas com ela para que sempre saiba que estou por perto, que a amo. Além do fato de sempre me ter preso ao seu dedo mindinho.

Amei ouvir tudo aquilo. Miguel era um pai incrível. Sorri, Alice tinha todos eles presos ao seu dedo mindinho. Mas percebi que ele não falou de Abner.

— E Abner?

Ele sorriu de um jeito doce para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abner gosta de silêncio — contou.

Franzi a testa não entendendo muito como ele passaria seu tempo de paz com o filho.

— Geralmente as quinta-feira eu o encontro no terraço do prédio Stabler, às vezes pela manhã, outras na hora do almoço, e alguns dias no fim da tarde.

— Como sabe que ele vai estar lá? — perguntei curiosa.

— Marcelo, ele me informa o horário e eu vou correndo para lá — disse com um olhar astuto. — Ele fica parado e de braços cruzados olhando para o horizonte desta cidade linda.

PERIGOSAS ACHERON

Sorri, era a cara do Abner aquilo.

— Fico ao seu lado, também olhando para o horizonte em silêncio, por quanto tempo ele quiser — contou. — Desde a primeira vez, descobri que o passado o perturbava muito, por isto precisava de alguns momentos de paz e tranquilidade. Um mês depois de vocês terem voltado o encontrei lá em cima mais uma vez para o nosso momento de silêncio semanal. — Sua voz ficou rouca de emoção. — Um minuto depois que fiquei ao seu lado, ele puxou conversa comigo. Claro que fiquei surpreso, mas tão feliz. Tinha tantos anos que fazíamos aquela mesma coisa de ficar parado em silêncio que fiquei chocado com a mudança. Que

PERIGOSAS NACIONAIS

foi muito bem-vinda, claro. Ele não falou muito na primeira semana, mas a cada quinta ele parecia ter um pouco mais para me falar. Me contar. Pedir conselhos. Ou às vezes só derramar o que tanto o atormentava.

Ele pegou minhas mãos e me olhou com gratidão.

— Você o salvou dele mesmo — disse suavemente. — Nunca poderei ser grato suficiente por isto.

— *No* me agradeça, o amo, nunca poderia ficar longe dele — afirmei. — Nós dois nos salvamos.

Miguel sorriu e me abraçou com o carinho de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pai.

— Acho que a partir de agora vou começar a procurar um momento em sua agenda para passarmos algumas horas juntos.

— Ficaria muito feliz e honrada com isto.

Vinte minutos depois Abner apareceu, terno limpo e sem gravata. Abraçou o pai em despedida e me olhou de um jeito ansioso. Queria saber se estava bem. Claro que estava. Depois de ouvir tudo o que Miguel me disse, não haveria mais nada na vida que eu quisesse além de fazer o meu Abner feliz.

Ele merecia toda a felicidade do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

E eu me esforçaria para isto.

...

Abner Stabler

Respirei fundo e devagar depois de estacionar meu carro no galpão de treinamentos. Xavier ainda estava ali, depois que Carolina passou mal não gastei meu tempo pensando sobre o que fazer com esse imbecil. Tinha três dias que ela saiu do hospital e estava em repouso absoluto na cama. Claro que não muito feliz depois do segundo dia, mas estava sendo obediente e não colocando a vida dela e do nosso pequeno Arthur em risco.

Deixava Brian e Cida como suas babás quando

PERIGOSAS NACIONAIS

não podia ficar perto. E agora era o momento de acertar as contas com o irmão dela. Saí do meu carro e passei direto por todos homens que estavam no meu caminho. Não cumprimentei e nem falei com ninguém. Eles já não se importavam, estavam acostumados com o meu jeito e não se metiam onde não eram chamados.

Na porta do quarto onde Xavier estava tinha um segurança.

— Relatório — digo ao homem.

— Nada novo, senhor — informou. — Continua quieto e calado, comeu sem reclamar e não ofereceu nenhum problema.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom. Chame um médico, ele vai precisar de um depois que eu sair.

O segurança acenou com a cabeça e abriu a porta para mim. Xavier estava deitado no colchão que tinha no chão. Vestia roupas limpas e parecia melhor do que a última vez que o vi. O quarto tinha um pequeno banheiro e pelo jeito ele estava melhor ali do que qualquer outro lugar que ficou escondido nos últimos meses. Ele não era meu prisioneiro, mas precisaria de proteção até que Matsueda fosse preso ou morto. Por mais que eu não gostasse de ajudar aquele infeliz, jamais poderia suportar a dor que causaria em Carolina se perdesse o irmão também.

PERIGOSAS ACHERON

Ela poderia estar magoada e com raiva, com toda a razão. Mas eu sabia que o amava.

Xavier levantou a cabeça assim que fechei a porta. Ficou tenso me encarando e se sentou. Encostei na parede e cruzei meus braços o encarando de volta. Tinha tanta raiva daquele moleque que meu sangue fervia. Ele só tinha vinte anos e já fez tanta besteira na vida. Carolina cuidou dele desde que tinha cinco anos de idade, quando ela era só uma criança de doze anos. Ela só tem vinte e sete anos agora e precisava lidar com toda aquela merda que chamava de irmão.

Eu tinha um conceito totalmente diferente de irmão. A prova disto era o meu relacionamento

PERIGOSAS NACIONAIS

com os meus.

Cumplicidade. Companheirismo. Amor.
Proteção.

Coisas que Xavier não tinha a menor noção do que significava. O olhar de medo em seus olhos enquanto me encavara dizia-me muito. Conhecia aquele olhar. Ele tinha medo do que eu poderia fazer para ele. Assim como um dia eu tive medo do que fariam para mim, quando fui sequestrado e torturado.

Ele tinha sido torturado, pelo que Gregory me disse. Não era uma boa sensação.

A humilhação e a dor nunca eram.

PERIGOSAS ACHERON

— Como... como... ela está?

Sua pergunta não me surpreendeu. Via a preocupação nos olhos dele quando falou. A lembrança do que passei com Carolina naquele hospital deixou-me ainda mais irritado. Descruzei meus braços e caminhei na direção dele. Abaixei-me e o levantei pelos ombros. Estava assustado me olhando. Não podia culpá-lo. Meu rosto e olhar, assustaria até o inferno.

O primeiro soco foi no queixo dele. Tropeçou para trás no colchão, mas não deixei que caísse. O joguei no rumo da parede e suas costas baterem nela.

— Como ela está? — questionei. — Isto é tudo
PERIGOSAS ACHERON

que tem para perguntar?

Outro soco, agora no seu estômago. Ele se encurvou e eu não o larguei.

— Você quase a matou e ao meu filho também.

— Desculpe... *no* sabia que estava grávida...

Não deixei que ele terminasse de falar, seu nariz foi o meu próximo alvo. Sangrou de imediato. Queria bater nele até a morte como Carolina mesmo disse.

— Grávida ou não, ela ainda era sua irmã — rosnei. — Devia protegê-la.

Minha voz saía como um rosnado perigoso. E, naquele momento, sentia-me como um animal

mesmo.

Um animal furioso e louco por sangue.

Não podia matá-lo, mas soquei seus ombros e estômago algumas vezes. Se acertasse seu rosto mais uma vez, não sabia se seria capaz de parar até que ele não respirasse mais.

Quando me afastei, ele caiu no chão, arfando e gemendo de dor.

— Xavier — rosnei seu nome.

Ele levantou a cabeça e seu nariz continuava a escorrer sangue.

— Essa é última vez que te aviso — apontei um dedo em sua direção. — Se fizer mais uma única

PERIGOSAS NACIONAIS

besteira, dou um jeito de que seja preso por tráfico ou enterrado.

Comecei a andar de um lado para o outro tentando me acalmar.

— Vou te mandar para um apartamento, pequeno, muito pequeno — contei. — E terá um emprego para se manter, ainda não sei onde. Também se prepare para sessões de terapias, *muitas delas*, e nunca mais usará nenhum tipo de drogas — digo bem autoritário. — Nem cigarros ou bebidas com álcool. Se quer ser um merda de um viciado, que seja por outra coisa. Vá se viciar em sexo, limpeza, comida, ou qualquer outro tipo de coisa que te mantenha longe de problemas.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me olhava surpreso enquanto segurava o nariz sangrando. *Infelizmente não podia matar o desgraçado.* Ainda era um garoto perdido e fodido. Precisava de ajuda. E eu tinha prometido que ficaria tudo bem para Carolina.

— É sua única e última chance — afirmei. — Se desperdiçá-la será deixado a própria sorte. Isto se eu não o matar por quebrar o coração da minha mulher.

Ele não disse nada, caminhei para a porta.

— Começará a trabalhar depois que Matsueda for pego ou morto — informei. — Falta muito pouco para isto. Não se acostume ao conforto, não terá isto por muito tempo. Não saia do apartamento

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca, até que a poeira tenha abaixado. E depois disto, ficará por conta própria — avisei. — Pagará suas contas com seu salário e vai aprender a amar sua irmã como ela merece. Chega de trazer problemas, chega de suas merdas. Erga a porra da cabeça e conserte seus erros. — Era o certo a fazer por Xavier e Carolina. Mesmo que ele merecesse a cadeia ou a morte.

Abri a porta e o médico já estava ali aguardando. Acenei que entrasse e caminhei para fora. Eu estava tremendo de raiva e com dificuldade para respirar. Precisava de um momento para relaxar. Encostei minha testa na parede do corredor e tentei me acalmar.

PERIGOSAS ACHERON

Minha cabeça doía e meu corpo estava cansado. Uma mão pousou em meu ombro e um segundo depois outra pesou no outro ombro. Não precisava ser um gênio para saber quem era.

— Você está bem? — Ethan perguntou preocupado.

— Diga-me que não o matou? — Elliot perguntou e eu sabia que ele estava rindo.

Era o seu jeito de descontrair o ambiente.

— Não o matei — afirmei.

— Ufa, detestaria te visitar no presídio em um macacão laranja.

— Bastardo — resmunguei e me virei para olhá-

los.

— Somos irmãos, somos.

O sorriso travesso dele era o que eu precisava para me distrair da raiva. O senso de humor irritante de Elliot salvava qualquer um do inferno.

— Como souberam que eu estava aqui?

— Bola de cristal. — Ethan brincou.

— No meu caso, bolas de cristal. — Elliot disse.

— Tenho duas e as uso muito bem.

— Bastardo. — Ethan o xingou.

— Ele só deve ter uma. — Elliot o provocou.

— Não sou aleijado, seu maluco! — Ethan protestou e eu tive que rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era ridículo quando eles começavam com essas discussões bestas.

— Sério, se não tivéssemos a mesma cara, iria ter certeza que vocês dois foram adotados — digo e começo a caminhar para fora.

— Eu não — protestaram juntos.

— Como me encontraram? — voltei a perguntar.

— Cordão umbilical imaginário? — Elliot perguntou rindo.

— Sexto sentido de trigêmeos? — Ethan perguntou.

— Bastardos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Riram e apontaram para mim.

— Somos irmãos, somos — responderam juntos.

— Talvez Brian tenha dito alguma coisa. — Ethan falou fazendo cara de paisagem.

— Algo do tipo, que você estava pronto para cometer assassinato. — Elliot completou.

— Eu não o matei, talvez precise de alguns dias de cama — digo e dou de ombros.

— Você é o meu orgulho, Abner. — Elliot me provocou.

— Como Elliot consegue ser tão idiota? — Ethan me perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, ele é adotado — digo.

— Nem adianta, não sou adotado. — Elliot protestou. — Ou nós três somos.

— Vamos embora, Alice já me ligou quinze vezes só hoje por sua causa, Abner. — Ethan falou. — Porra de mulher sem paciência — passou as mãos pelo cabelo.

— Ela é a versão feminina de Abner, olha aí, o bastardo nasceu sem paciência. — Elliot provoca.

— Não vou nem te responder, Elliot — digo.

— Melhor assim, você é nervosinho demais. — Ele retruca.

Parei e estreitei meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já bati em um hoje, não me importo em bater em você também se continuar me provocando — ameacei.

Ele deu alguns passos à frente como se não se importasse e depois me olhou.

— Se me bater, eu vou contar para a Carol — continuou a me provocar. — E ela vai ter que beijar todos meus machucados.

— Elliot. — Ethan o avisou que estava ultrapassando os limites.

— Quê? — Se fez de desentendido. — Ainda vou dizer o quanto você foi mal comigo para a gostosa da sua mulher. — Elliot disse e correu um

PERIGOSAS ACHERON

pouco para frente, colocando distância entre nós dois. — Ela é gostosa mesmo, e aquela bunda? — gritou de longe e gargalhou. — *Dios mio*. — A imitou me irritando ainda mais.

— Vou matar esse idiota por ficar reparando na minha mulher — rosnei puto da vida.

Olhei para Ethan e ele acenou concordando.

— Vamos pegá-lo — disse antes de correremos atrás do bastardo folgado pelo qual dividimos uma placenta.

Capítulo Setenta e Quatro

Carolina Callejas

Uma semana presa na cama. *Dios mio*. Estava enlouquecendo. Todos estavam me vigiando. Não podia respirar de forma diferente que tentavam me arrastar de volta para o hospital.

Cida e Brian me faziam surtar a qualquer momento.

Cida me enchia de comidas e vivia vindo ao quarto ver se eu não estava em pé. Já Brian, se esgueirava pela casa, tendo a certeza de que eu não fugiria da prisão que meu quarto se tornou. Ele teve mais tempo para cuidar dos próprios negócios,

aproveitando que eu estava de repouso absoluto.

Abner vivia me rodeando e seu jeito controlador estava ligado, ativado e funcionando perfeitamente.

Dios mio, que homem controlador.

Para piorar, eu não conseguia dormir bem as noites. Não encontro uma posição confortável com a barriga enorme de mais de sete meses. E o Arthur se mexe muito. Água quente não ajuda mais com que ele se acalme. E isto me faz xingar Abner, a culpa era dele por nosso menino ser tão inquieto. Era o sangue Stabler nele, não havia outra explicação.

Meu humor também não era um dos melhores.

Queria matar pelo menos uns três para ver se conseguia melhorar aquele humor do cão. Culpa do Abner também. O homem tinha um mau humor terrível e era contagioso.

Ficar deitada e quieta a semana toda também me deu tempo para pensar sobre Xavier. Ele partiu meu coração com sua traição, mas ainda me preocupava com ele. Abner tinha me dito que o colocaria em um lugar seguro enquanto Matsueda estivesse solto. Ainda era uma ameaça para a vida do meu irmão. E logo depois arrumaria um emprego para ele. Estaria livre e por conta própria.

Não nego que fiquei ansiosa, com medo de que Xavier voltasse a fazer más escolhas. Mas fiquei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

feliz por Abner o ter ajudado. Sabia que não fazia por ele, o ajudava por mim. Eu não estava pronta para perdoar meu irmão. Talvez nunca estivesse, mas torcia em silêncio para que tomasse um novo rumo na vida. Que encontrasse bons caminhos, bons amigos. Que fosse feliz. Já era hora de deixar seus traumas para trás e viver uma vida nova.

Cansada de ficar deitada durante todo o dia, me levantei devagar, vesti o roupão de seda que combinava com minha camisola e calcei meus chinelos. Seria maldição se não conseguisse pelo menos ficar um pouco no jardim.

Estava surtando.

Saí do quarto andando devagar e fui até o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elevador. Nunca o tinha usado. Achava ridículo aquilo, mas fazia parte da casa. Desci até a sala para evitar as escadas.

Caminhei para fora e antes que chegasse no sofá da sala de visitas, o encontrei. Brian me encarava com uma expressão fechada e com os braços cruzados.

— Mulher teimosa do caralho — acusou.

— Você tem uma boca suja igual o Abner.

— Carolina, o que está fazendo aqui em baixo?

— questionou irritado. — Posso pelo menos saber?

— Preciso de ar puro, pelo amor de *Dios*.

— Vai ter ar puro no seu quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Se aproximou de mim e com facilidade me pegou no colo. Resmungou algumas maldições e foi em direção da escada.

— Brian, por favor.

— Não.

Gemi frustrada.

— Você conhece as regras, Carolina, não saia da cama. Simples assim.

— Odeio vocês, malditos homens controladores.

Ele não respondeu.

Levou-me de volta para o quarto e me colocou sobre a cama.

— Não saia dela até segunda ordem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Argh.*

— Cida virá em dez minutos trazer um presente de Abner e lhe ajudará no que for preciso — informou. — Não seja irresponsável.

Virou as costas e saiu sem me dar a oportunidade de perguntar sobre o que ele estava falando.

Cida apareceu vinte minutos depois, estava completamente ansiosa e a mulher ainda demorava. Sorriu para mim e me repreendeu por ter saído do quarto. Entregou-me uma caixa e antes de abri-la, meu celular tocou. Era uma mensagem de voz de Abner. Pressionei o botão para ouvi-lo.

PERIGOSAS ACHERON

“Oi, amor, espero que esteja de volta na cama. Brian já me informou de sua travessura. Não faça mais, ouviu-me? Não posso nem pensar no que poderia acontecer com vocês. Não sobreviveria sem o seu amor e nosso Arthur. Acredito que Cida já tenha deixado uma caixa com você, use o que tem dentro dela... espero não me arrepender por ter confiado em Alice para escolhê-las... enfim... Tome um banho com a ajuda de Cida e se prepare, pois Brian irá trazê-la para mim. Te amo mais do que poderia contar, amo você mais do que a mim mesmo. Estou te esperando.”

Meus olhos estavam cheios de lágrimas, não sabia o que ele estava aprontando. Mas tinha a

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza de que amaria tudo. Queria ligar de volta e dizer que também o amava muito. Sorri ao imaginar o que poderia ter dentro, Alice não o daria uma folga.

Abri a caixa e encontrei um estojo de veludo preto em cima de um vestido preto dobrado. Abri e um lindo colar de esmeraldas, junto com um par de brincos brilharam para mim. Era linda, elegante e feita com exclusividade pela joalheria Watson's.

Abner estava conseguindo se superar.

O vestido e o par de sandálias eram incrivelmente lindos. Apesar que Abner iria enfartar depois de ver o vestido que a irmã dele me enviou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tomei banho com ajuda de Cida, mesmo que tendo certeza de que não precisava. Ela sempre insistia. Depois apareceu uma mulher a mando de Alice e arrumou meus cabelos e fez uma maquiagem que realçava meus olhos. Estava amando aquilo. Só de poder sair da mesma rotina que tive por toda a semana, já valia a pena.

O vestido encaixou em meu corpo como uma luva. Um corte lindo no decote, com alças metálicas que desciam pelo longo decote das costas. Justo até os joelhos e deixava minha barriga ainda mais evidente.

As sandálias eram de salto, mas eu tinha a certeza que não daria um passo em cima delas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cida só me deixou calçá-las quando me sentei na cama, ela mesmo abotoou as tiras nos meus tornozelos. Depois mandou que eu não me atrevesse a levantar. Saiu do quarto e me deixou sozinha.

Dois minutos depois Brian entrou.

— Pelo menos obedeceu Cida — disse quando me viu sentada.

Revirei os olhos com impaciência.

— Como se *yo* tivesse alguma escolha.

— Você está pronta? — perguntou mudando o assunto.

Bufei inconformada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou.

Ele se aproximou, passou um braço por baixo de meus joelhos e o outro nas minhas costas.

— O que...

— Ordens do chefe, nada de andar, principalmente de saltos — explicou me interrompendo. — Vou levá-la até o carro carregada — disse saindo do quarto. — Abner vai matar Alice quando ver seu vestido — brincou descendo as escadas comigo em seus braços.

— Ninguém manda ele dar corda para ela — dei de ombros.

— Ela é tão bastarda quanto ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E você gosta dela — afirmei para provocá-lo.

Ele não me respondeu.

— Diga-me, por que ainda não fez nada a respeito? — insisti.

— É complicado.

— Medo dos Stabler?

Ele me colocou no carro e bufou.

— Tenho bolas, Carolina, não tenho medo daqueles bastardos.

— Então ainda não se aproximou dela? Ou se fez...

— Como disse, é complicado.

Bufei.

PERIGOSAS ACHERON

— Evasivo, mas tudo bem.

Por todo o caminho, ele não falou mais nada. Queria tocar no assunto só para irritá-lo, para aprender a não ser chato e mandão comigo. Mas fiquei calada. Todos tinham seus demônios e ninguém tinha o direito de se meter na vida dos outros. Acreditava que mais para frente, algo sério aconteceria entre eles e não poderiam mais negar o que sentiam.

O carro parou no estacionamento privado de um hotel seis estrelas. Tentei andar até o elevador, mas Brian não permitiu. Colocou-me em seus braços novamente e caminhou até o elevador. Outro segurança esteve conosco e apertou o botão do

PERIGOSAS NACIONAIS

andar que iríamos. Demorou uma vida até chegamos ao nosso destino, pelo qual era a cobertura do prédio. O elevador abriu as portas e quando olhei para o hall de entrada. Meus olhos o encontraram. Parado no caminho com as mãos no bolso do terno azul claro, feito sob medida, somente para ele. Seus olhos se estreitaram um pouco e eu sabia que era de ciúmes. Veio ao nosso encontro e Brian me passou para os braços dele.

Acenou para Brian e se virou.

Sentou no sofá comigo em seu colo e a primeira coisa que disse foi:

— Vou matar Alice, bem devagar ou prendê-la dentro de casa por toda a vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorri sabendo que ela tinha feito de propósito.

— Não se atreva a achar isto divertido —
repreendeu-me.

— Achei que diria o quanto estou bonita.

— Você é linda de qualquer forma, amor —
disse rouco. — Mas Alice não deveria ter feito um
vestido tão justo e faltando tanto pano assim. Vou
matá-la, juro.

Gargalhei.

E depois puxei seu rosto e o beijei.

— Não quero falar de ninguém, quero saber o
motivo de toda essa surpresa — mudei o assunto.

— Ansiosa como sempre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele voltou a me beijar.

Desta vez mais necessitado. Explorou minha boca com sua língua e só se afastou para que pudéssemos recuperar o fôlego.

— Amo você.

— *Yo* também te amo.

Ele se levantou e me carregou até a área aberta do local. Tinha uma mesa posta para dois e um céu estrelado acima de nós. Colocou-me sentada na cadeira e se sentou na minha frente.

— Primeiro vamos jantar — informou. — Tudo bem?

— *Sí*.

PERIGOSAS ACHERON

Um rapaz apareceu segundos depois e nos serviu. O jantar estava maravilhoso. Apreciei tudo, feliz demais por estar fora do quarto e principalmente porque Abner parecia tão feliz quanto eu.

Conversamos por todo o tempo. Como sempre fazíamos em casa. Falávamos sobre todos os tipos de assuntos, fazendo com que nos sentíssemos cada vez mais leve e íntimos. Quando acabamos de jantar, logo foi servido uma sobremesa. Para minha surpresa, Abner aceitou um pedaço da torta, pequeno, mas aceitou. Comemos juntos novamente e ele apreciou seu doce. Disse-me que quase nunca comia, como eu sabia, mas abriria uma exceção

para aquela noite.

Franzi a sobancelha quando ele se levantou e se ajoelhou na minha frente. Só fui entender o que estava acontecendo quando ele tirou do bolso uma pequena caixa e a abriu. Um anel de noivado. O mais lindo que já tinha visto.

— Não sou bom em declarações — disse e fez uma leve careta. — Queria fazer desse momento especial.

— Todo momento ao seu lado é especial.

Ele sorriu abertamente para mim. Somente para mim que sorria daquela forma. Não havia mais nada tão especial quanto seus sorrisos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo o que eu faço, ou poderia fazer, parece sempre muito pouco perto daquilo que realmente merece — alegou. — Dar-me seu amor e confiança, é algo que eu nunca saberia como agradecer suficiente. Prometi a mim mesmo que minha missão nesse mundo seria te fazer feliz. Às vezes, ainda acredito que não sou digno do seu amor, do seu perdão. Mas quando te vejo sorrir, tudo muda — declarou. — Seu sorriso e seus lindos olhos brilhantes são o que me dão força para enfrentar mais um dia. Lutar por mais um dia ao seu lado.

Lágrimas caíram nas minhas bochechas e ele se apressou para limpá-las.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não gosto que chore — murmurou.

— São de felicidade — garanti.

— Nem mesmo assim — retrucou. — Quero sempre que sorria, e agora gostaria de pedir que aceite ser minha esposa. Poderia até mesmo implorar pelo seu sim... para que aceite se casar comigo.

— *No* precisa implorar, claro que aceito me casar com você.

Ele sorriu de forma tão doce que me deixou ainda mais feliz. Deslizou o anel em meu dedo e depois me beijou como se não houvesse o amanhã. Pegou-me em seus braços e me levou para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deitou-me sobre a cama e disse que consultou a doutora Beatriz se poderíamos fazer sexo, já que tinha uma semana que isto não acontecia. Ela respondeu que sim, desde que fosse com muito amor e carinho.

Quando olhei em seus olhos sabia que ele não tinha outra coisa para me oferecer além de muito amor e muito carinho.

Me entreguei a ele sem medo ou reservas.

Era o meu amor. Minha vida. Meu ar.

Não seria nada sem ele ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Setenta e Cinco

Abner Stabler

Observo cada detalhe do rosto dela. As pálpebras fechadas com os cílios alongados da maquiagem. As bochechas rosadas. Os lábios inchados dos meus beijos. Meus olhos desceram pelo seu pescoço e encontraram seus seios nus. Estavam grandes e arredondados por causa da gestação. Dois chupões marcavam sua delicada pele, não consegui me sentir arrependido daquelas marcas que deixei. Depois de uma semana sem sexo, eu me comportei muito bem.

Sua barriga estava encantadoramente linda,

PERIGOSAS NACIONAIS

esticada e redonda. Gerando e guardando nosso pequeno Arthur.

— *Deje de mirarme así* — murmurou.

— Traduz, querida.

Mexo em seus cabelos e ela abre os olhos. Sorri para mim e me faz sentir o homem mais sortudo do mundo.

— Pare de me olhar assim.

— Eu gosto de te olhar — afirmo.

— *Así me deja avergonzada.*

— Amo seu sotaque, querida, mas não entendo porra nenhuma.

— Disse que assim me deixa envergonhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fique com vergonha de mim, amor.

— Seu olhar é muito avaliador.

— Amo te observar, não tem nada que eu não goste.

— Deveria aprender algumas frases em espanhol
— brincou. — Nunca vou deixar de falá-lo.

Franzi o nariz em desgosto. Sabia que ela gostava de manter o sotaque para se lembrar de seus pais. Mas ter que falar, não era algo que me agradava. Quando eu e meus irmãos começamos a estudar línguas, nenhum de nós achamos interessando o espanhol. Fizemos diversos idiomas, mas nada de espanhol. Algo que realmente me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrepentia agora. Não teria problemas de conversação com minha mulher. E principalmente, saberia o que ela diz quando está furiosa e a praguejar em sua língua natal. Claro que quando ela me xingava em espanhol era só para me deixar mais frustrado.

Essa semana em que passou de repouso, me xingou algumas vezes e eu não entendi nada. Fiquei puto da vida por isto, mas o olhar dela de desafio me fazia retroceder.

Não gostava de brigar com ela.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— *Yo* acho uma ótima ideia.

PERIGOSAS ACHERON

Ergueu um pouco a cabeça e me olhou determinada.

— Se quiser fazer amor comigo amanhã vai ter que aprender a falar três frases — desafiou-me.

— Você está brincando? — perguntei pasmo.

— *No*.

— Carolina.

Aquilo só poderia ser uma brincadeira.

— Três frases ou nada de *Carolina* para você — garantiu.

— Não pode me privar de tocá-la! — exclamei meio puto.

— Posso e vou, se não fizer o que *yo* estou

pedindo.

— Você nasceu para foder comigo, não foi?

— Não vou foder com você amanhã se não tiver três frases em espanhol na ponta da língua.

— Mulher maldita.

Ela deu de ombros e voltou a se deitar como se não se importasse.

— Vai ver o que tenho na ponta da língua, agora — digo sério. — Teimosa do caralho.

Era riu alto quando a ataquei. Sabia que não podia fazer sexo bruto, mas podia ter sexo.

Beijei todo seu corpo e a levei a loucura quando minha língua entrou no meio de suas pernas. Só

PERIGOSAS NACIONAIS

pela afronta, impedi que gozasse cedo demais. A gravidez deixou-a muito sensível. Gozava com facilidade. Esta foi minha forma de puni-la pelo desafio que me impôs. Claro que amanhã eu teria três frases prontas para ela, faria qualquer coisa por essa mulher e ela sabia disto. Mas não podia mostrar que aceitava assim tão facilmente.

Afinal, onde colocaria meu orgulho masculino que ela tanto pisava?

Depois que amei seu corpo mais uma vez, eu lhe entreguei outro presente. Dois macacões de coala. *Eu sei, eu sei, é ridículo.* Mas sabia que ela amava aquela coisa feia. Alice procurou para mim quando a pedi, e para me fazer sofrer, também comprou um

PERIGOSAS ACHERON

tamanho infantil para Arthur.

Mal ela sabia que meu filho não usaria aquilo. Pelo menos era o que eu queria acreditar. Sabia que bastava Carol dizer que sim e eu me renderia.

Fácil assim.

...

Carolina Callejas

Sentei na cama sentindo falta de ar. Arthur tinha me acertado tão forte desta vez que me acordou. Respirei devagar, ou pelo menos tentei. Amava meu filho, porém, não via a hora dele sair de dentro de mim. Os desconfortos só aumentavam no avançar dos meses.

Olhei para o lado e Abner dormia de bruços. Meus olhos passaram por suas costas musculosas e se fixaram no STABLER gravado em sua pele. Amava olhar aquela tatuagem. Mostrava o tamanho do orgulho daqueles rapazes pela família que eram.

Ouvi o celular de Abner vibrar debaixo de seu travesseiro. Sempre o deixava lá, fácil de pegar e ouvir. Ele se mexeu e pegou o celular. Olhou quem era e atendeu.

— Que Deus me ajude, porque se não tiver uma boa razão para me ligar, eu vou parti-lo em dois, Elliot — ameaçou com a voz rouca de sono.

O Abner grosso e mal-humorado nunca dava folga para os outros. Isto me excitava, amava vê-lo

PERIGOSAS ACHERON

emburrado com as pessoas. Sua pose grosseira e voz firme era de acelerar o coração.

— Que merda aconteceu? ... Porra, tem certeza? Te encontro no hospital, droga.

Fiquei tensa ao ouvir que algo sério tinha acontecido. Fiquei com medo por sua família, acreditando que algo tinha acontecido com eles. Abner rolou na cama e ficou surpreso em me ver sentada e acordada. Logo me olhou com preocupação.

— Você está bem?

— *Sí*, chute e falta de ar.

— Esse Arthur não tem jeito — murmurou e

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriu.

— O que aconteceu? — perguntei preocupada.

Ele suspirou.

Passou a mão em minha barriga e depois se sentou.

— Um amigo sofreu acidente de moto e perdeu um pedaço da perna.

Arregalei os olhos chocada.

— Ele trabalhou na nossa equipe de segurança por muito tempo, mas depois foi trabalhar no FBI. Vou encontrar com meus irmãos no hospital, acreditamos que ele precisa de um pouco de apoio agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou com você.

— Não.

— Abner.

— Você tem que ficar deitada — lembrou-me.

— Andar um pouquinho não vai me fazer mal

— protestei e ele suspirou ao ver que estava determinada.

Sabia que me carregaria até o carro, no hospital andaria pouco e logo ele me obrigaria a sentar.

— Por favor, Abner — apelei para o emocional.

— Tudo bem, merda de mulher teimosa.

Beijou me fazendo rir com seu temperamento.

Ele me olhou feio e depois me entregou a troca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de roupa que Alice tinha preparado para mim. Para o alívio de Abner, não era nada indecente, apesar do decote nos seios. O vestido longo e florido, fazia-me sentir bem e a vontade. Ela mandou sandálias rasteirinhas e Abner abotoou as laterais para mim. Não consigo me abaixar e alcançar meus pés com aquela barriga gigante.

Ele vestiu um terno limpo e escuro. Carregou-me até o carro e parecia tenso por todo o caminho. Não queria pensar em como seu amigo se sentia, imagino ser um homem muito ativo. Pois trabalhar como segurança e depois para o FBI, não era para qualquer um. Perder uma perna ou parte dela não é algo fácil de aceitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na porta do hospital, encontramos com meus cunhados. Alice estava junto a eles e também parecia preocupada. Brian nos alcançou um segundo depois.

— Ela não deveria estar em casa de repouso? — Elliot perguntou depois de beijar minha bochecha.

— Não pergunte — foi a única coisa que Abner respondeu.

Eu tinha que ficar de repouso sim, por uma semana, e essa infernal semana já tinha passado. Acredito que não deveria abusar, mas andar um pouquinho não me faria mal. Andamos pelo local devagar, acredito que por minha causa, mas não disse nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No elevador, por puro milagre coube todos. Aqueles homens eram grandes demais para a saúde mental de uma mulher. O conjunto de músculos com terno era para enfiar qualquer uma. Eu e Alice ficamos na frente deles para não sermos esmagadas.

Saímos do elevador com Elliot reclamando o quanto os outros ocupavam todo o espaço. *Elliot sendo Elliot*. Paramos na porta de um quarto e Brian bateu.

— Vá embora. Porra, não quero ver ninguém. —
A voz forte veio de dentro como um trovão.

Elliot deu um passo à frente e abriu a porta com petulância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem se for para o juiz mais lindo e jovem desta cidade?

— Você não é lindo — retrucou. — Vá embora.

Ethan empurrou Elliot para dentro e entrou.

— Ele não é lindo. — Ethan disse. — Eu sou. Bastardos.

Aquela era a forma de descontrações dos Stabler. Abner pegou minha mão e entramos juntos.

— Vocês são ridículos. — Abner disse mal-humorado.

— Eu sou o mais bonito. — Brian falou firme e todos olharam para ele. — Os loiros sempre ganham estas competições idiotas de beleza. Se for

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para alguém ser o mais bonito, que seja eu.

— Bastardo. — Todos o xingaram.

O rapaz sobre a cama tinha uma expressão carrancuda, mas era bonito, apesar de estar um pouco pálido. Cabelos e barba castanha. Olhos duros e quase frios, típico de seguranças. Mas agora também era algo comum para alguém que estaria enfrentando o desafio que o destino jogou em suas mãos.

— Ninguém é mais bonito do que você. — Alice disse fazendo sua entrada presente. — Como vai o segurança mais lindo que os Stabler já tiveram?

PERIGOSAS ACHERON

Brian foi o primeiro a fechar a expressão. *É loirinho, se não correr atrás, essa morena vai deixá-lo somente chupando os dedos, pensei segurando o riso.*

— Não sou mais o mesmo. — Ele resmungou e desviou o olhar.

— Para mim está ainda mais bonito do que me lembrava. — Alice o provocou e sentou do lado da cama dele. — O FBI fez muito bem para você.

— Alice. — Ele tentou protestar.

Ela se inclinou para frente e beijou a bochecha dele.

— Porra de um gato, se quiser me caso com

PERIGOSAS NACIONAIS

você amanhã — brincou. — Afinal, desde quando ficou tão belo assim?

— Porra nenhuma. — Seus irmãos gritaram.

— Fique longe da minha irmã, Douglas. —
Abner disse em tom de ameaça.

— Não dê ouvidos a eles, Dô. — Alice provoca e o rapaz sorri pela primeira vez desde que chegamos.

Ele se inclina para frente e beija a bochecha dela.

— Assim que consegui me manter de pé nos casamos — prometeu.

— Combinado. — Alice disse sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O caralho que vão. — Ethan fala.

— Vou te castrar antes. — Elliot diz calmo.

— Nem nos teus sonhos chega perto do meu pau. — Douglas falou rindo.

Brian se encostou em um canto e tinha uma expressão fechada. Abner e seus irmãos pareciam não perceber o que acontecia bem debaixo do nariz deles.

Revirei os olhos quando Abner me puxou até a poltrona do quarto.

— Não adianta me olhar feio, amor — resmungou. — Deve ficar sentada e quieta.

— Amor? — Douglas perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nosso irmão deixou Carolina colocar uma coleira nele. — Ethan informou.

— De quatro igual um cachorrinho. — Elliot provocou.

O assunto rendeu mais um pouco. Claro, com algumas ameaças e xingamentos. Porém, distraiu o rapaz de seus próprios problemas. Quando saímos, ele não parecia tão mal-humorado como quando chegamos.

E antes que eu pudesse reclamar, fui arrastada de volta para minha prisão e ameaçada de ser amarrada a cama caso fosse desobediente.

No dia seguinte, tive mais uma consulta com a

PERIGOSAS ACHERON

Dra. Beatriz. Fiquei aliviada em ouvir coisas boas dela. Não precisava mais ficar tanto tempo deitada. Só teria que ser cuidadosa. Ficar calma e não me esforçar muito. Foi um grande alívio.

De madrugada senti um desejo forte, deixei Abner na cama e fui para cozinha. Na fruteira encontrei o que queria. Limão. Peguei dois e sentei na bancada. Descasquei como laranja e chupei feliz da vida pelo sabor azedo.

Aqueles desejos pareciam que nunca iam passar. Quando ia pegar o segundo, alguém o pegou primeiro.

— Vou algemar seu braço ao meu — prometeu.
— Quando for aprontar, vai ter que arrastar meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo morto.

— Abner — gemi frustrada.

— Não, Carolina.

— Estava com desejo.

— Deseje outra coisa, não podemos brincar com sua pressão.

— *No* estava comendo com sal.

— Nem vou discutir, vem, vamos para cama.

Fechei os olhos implorando para os dias passarem rápido. Precisava carregar meu bebê nos braços e poder comer o que quisesse. Iria enlouquecer.

Levou-me de volta para o quarto. Depois que

PERIGOSAS NACIONAIS

escovei os dentes novamente, deite-me ao seu lado.

Ele se inclinou sobre mim e seu corpo nu me mostrava o quanto estava excitado.

— *No*.

O parei.

— Não? — perguntou pasmo.

— *No*, acha que me esqueci que *no* disse as frases em espanhol? — questionei. — *No* me esqueci nada.

Ele gemeu frustrado.

— O que eu faço com você?

— Vai descobrir depois que recitar as três frases em espanhol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele segurou minhas mãos acima da cabeça e me beijou com força. Sua boca desceu pelo meu pescoço e parou em meu ouvido.

— *Soy muy apasionado por ti.*

(Sou completamente apaixonado por você.)

Mordeu minha orelha e voltou a beijar minha pele. Sua próxima frase veio como um sussurro rouco.

— *Te necesito.*

(Preciso de você)

Ergueu sua cabeça e me olhou nos olhos.

— *Me encanta estar a tu lado, tú y nuestro hijo son mi vida.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

(Amo estar ao seu lado, você e nosso filho são
minha vida.)

Sua boca foi de encontro a minha e nossos
corpos se amaram sem reservas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Setenta e Seis

Carolina Callejas

Era o momento de montar o quarto do Arthur.

Eu e Abner fomos em diversas lojas diferentes. As paredes do quarto já tinham sido pintadas de azul claro. O closet estava montado e faltava as roupinhas. *Na verdade, faltava tudo.* Ele não tinha quase nada, além de alguns presentes que ganhou depois do incêndio.

Ethan, Elliot e Alice, continuavam comprando presentes. Um atrás do outro. Coisas que Arthur não usaria tão cedo. Como por exemplo, os três carrinhos de controle remoto que Elliot comprou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan trouxe um helicóptero de controle remoto e uma lancha.

Meu filho não brincaria com aquelas coisas tão cedo. A não ser que a ideia seja que eles brinquem. Miguel, meu sogro, trouxe uma piscina de bolinhas. E Isabel comprou um urso quase do meu tamanho.

Não queria ver a expressão frustrada deles quando percebessem que Arthur demoraria muito para brincar com aquelas coisas. Que nos primeiros meses, ele só vai querer dormir e mamar. A última do Elliot foi um skate. Afirmou com todas as letras que seu sobrinho serial radical.

Eu iria envelhecer de preocupação cada vez que os tios levassem meu filho para passear. Só faltava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um deles estacionar um carro na frente da casa e dizer que era do Arthur. *Dios mio*, podia sentir os cabelos brancos começarem a sair de minha cabeça.

O ruim, ou péssimo, de sair com Abner era o fato de todas as mulheres no caminho o olharem como se fosse um pedaço suculento de carne. Aquilo me irritava. As vendedoras se jogavam no caminho dele a todo momento. Sem contar a disposição de explicar as funções de cada coisa, nos mínimos detalhes.

Para minha sorte, Abner não era paciente e também não dava atenção a elas. As cortava e dizia que se ele compraria era porque conhecia as funções. Curto e grosso. Aquele era o meu Abner.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Brian ficava um passo atrás, cobrindo nossas costas. As mulheres também se jogavam no caminho dele. Mas o homem não estava de bom humor. Parecia ter comido limão, daqueles muito azedo, e não gostou. Toda vez que uma mulher vinha em seu caminho, ele segurava a arma de sua cintura e lhes davam um olhar de desafio. Elas derretiam, mesmo assustadas se afastavam ao ver que ele não era um bom ouvinte no momento.

Cada roupinha que escolhíamos, me sentia mais apaixonada por meu filho. Abner queria sempre uma de cada cor, dizia que tinha gostado de todas e as comprava sem se importar com o exagero. Eu somente revirava os olhos, às vezes ele era

PERIGOSAS ACHERON

impossível e não adiantava discutir.

O pior foi quando parei para pegar algumas chupetas. Ele me olhou puto da vida. Tomou as embalagens da minha mão e colocou de volta na prateleira.

— Abner! — protestei.

— Meu filho não vai chupar essa porra!

— São só chupetas, *Dios mio*.

— Não tô nem aí, filho meu não chupa chupeta.

— Poderia me dizer o porquê? — coloquei as mãos na cintura.

— Essa merda parece um mini pau.

— Abner! — exclamei pasma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É verdade — afirmou. — Arthur não vai ter uma, nunca.

— Brian? — chamei o loiro.

— Diga, Carolina.

— Dê um soco no nariz desse idiota para mim — pedi irritada.

— Não posso.

Olhei para Brian brava.

— Essa merda parece um mini pau. — Ele afirmou e deu de ombros.

Bando de homens machistas!

— Vocês são um bando de bastardos! — exclamei irritada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Brian sorriu de lado concordando e depois voltou para sua expressão carrancuda.

— Arthur não vai chupar essa merda — afirmou Abner. — Se você comprar, eu vou colocar fogo em uma por uma — disse determinado, ou talvez até puto.

Ele pegou minha mão e me levou para longe daquela sessão. Teve a audácia de dizer que se eu quisesse uma chupeta, me daria uma quando voltássemos para casa. Mas que não me atrevesse a comprar *aquela merda para o filho dele*.

Para o filho dele. *Dios mio!*

Ainda o matava por ser tão bastardo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Setenta e Sete

Carolina Callejas

Não passei bem a noite. Arthur estava inquieto e Abner com um sono leve. E eu tinha uma sensação ruim no peito. Como se sentisse que algo muito ruim, trágico, aconteceria. Mal dormi, minha barriga de oito meses não deixava que eu encontrasse uma posição confortável. E os chutes de Arthur deixavam-me sem ar. Estavam mais frequentes do que de costume.

Abner me levou para a banheira e ficamos lá por algumas horas, mas não resolveu. Ele estava visivelmente preocupado comigo. E eu estava

preocupada com alguma coisa que ainda não sabia o que era.

Somente quando estava amanhecendo que consegui dormir. Ainda com o coração apertado, mas o cansaço daquela noite me derrubou por algumas horas. Quando acordei, quase na hora do almoço e Abner tinha saído. Deixou um recado avisando que voltava em algumas horas.

Assustei quando a porta do meu quarto foi aberta com força, levantei a cabeça e vi Brian lá me encarando.

— Não faça barulho e venha comigo — ordenou baixo.

— O que aconteceu?

— Carolina. — O tom de aviso dele me disse que não era hora de explicação.

Seu rosto estava fechado e ele carregava uma arma automática na mão. Cida veio logo atrás dele. Ela correu para me ajudar a levantar e ele guardou a porta. Não tive tempo de calçar os chinelos. Segui eles para fora do quarto vestindo somente uma camisola de seda branca. Brian abriu a porta do elevador e nos mandou entrar.

Meu coração batia tão forte que achei que pularia para fora do meu peito. Assim que chegamos no andar de baixo, ele ficou tenso quando a porta abriu. Apontou sua arma para fora e

PERIGOSAS ACHERON

depois fez sinal para que o seguissemos.

Nervosa, segurei a barriga enquanto caminhava rápido atrás de Brian. Entramos no escritório e ele correu para tirar a estante da parede. Digitou a senha da porta de aço e nos mandou entrar.

Alguém estava invadindo a casa. Era fácil de saber. Só pelo motivo dele nos colocar ali dentro.

— Fiquem aqui e não se atrevam a sair. — Brian rosnou.

— Fique aqui também, Brian — pedi aflita.

— Não posso.

— Por favor — implorei.

Ele não me respondeu. Fechou a porta sem me

PERIGOSAS NACIONAIS

dar a oportunidade de insistir. Caminhei até as telas onde mostravam as imagens de dentro e fora da casa e encontrei alguns homens se esgueirando pelas paredes.

Encontrei os seguranças caídos no chão e me preocupei de que estivessem mortos. Procurei por Brian nas telas e implorei aos céus de que ele ficasse bem. O encontrei lutando contra dois homens, nenhum deles estavam armados, assim como Brian. Tinha perdido o que aconteceu, mas fiquei aliviada em ver que ele batia mais do que apanhava. Conseguiu pegar sua arma em um momento e disparou acertando o peito dos homens que o enfrentavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Comecei a sentir falta de ar. Ficar naquele lugar fechado piorava as sensações.

— Precisa ficar calma, menina.

— Cida, se acontecer algo com Brian nunca vou perdoar Xavier.

Dios mio, o homem parecia uma máquina. Batia e atirava nos homens que vinham na sua direção. Estava sozinho enfrentando todos aqueles bandidos.

Onde estava sua equipe?

Dios, não permita que estejam mortos.

— Cuidado — sussurrei para a imagem de Brian.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei as demais telas, tentando contar quantos homens tinham entrado na casa. Não sabia como eles conseguiram, mas estavam todos lá a procura da minha cabeça. Meus olhos se arregalaram quando o encontrei, sua expressão era de dar medo e a dos seus irmãos não era diferente. Todos de preto e com um fuzil nas mãos, Abner se preparava para entrar. Percebi que estavam acompanhados dos federais. Dava para ver as siglas em seus coletes.

Tome cuidado, Abner, por favor.

Assustada, os acompanhei entrar na casa, desarmavam alguns homens, outros eram alvejados, enquanto avançavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abner, imprudente, vinha na frente abrindo caminho. Eles se espalharam e Abner foi em direção oposta. Ele estava sozinho quando um homem apareceu nas costas dele. Apontava sua arma para sua nuca, mas antes que disparasse, Brian surgiu na frente de Abner e atirou, acertando o homem que ameaçava a vida do meu amor.

Uma pontada debaixo do ventre me fez encurvar. Gritei de dor e pânico. Cida me socorreu e guiou-me até a cama do quarto. Mal conseguia respirar e me dei conta de que estava sangrando. Gritei novamente quando a dor foi demais para suportar.

Cida tentava me acalmar, mas eu não podia

PERIGOSAS ACHERON

ouvi-la. Medo se alastrou e dominou cada célula do meu corpo. Estava perdendo meu filho.

Abner, por favor, ajuda-me. Implorei em pensamentos.

Não sei quanto tempo passou, desde que comecei a sangrar e sentir dor. Mas em um momento meu pedido foi atendido. A porta de aço foi aberta e Abner correu para dentro. Nossos olhos se encontraram e ele perdeu a cor ao ver que eu não estava bem.

Capítulo Setenta e Oito

Abner Stabler

Digito a senha da porta o mais rápido que meus dedos conseguem. Precisava vê-la e ter a certeza de que está bem. Puxei a porta com força e entrei. Meus olhos encontraram os dela e a angústia que encontrei me fez ficar pálido.

Desci o olhar pelo seu corpo deitado na cama e a vibrante mancha vermelha manchava sua camisola branco. Estava perdendo nosso filho. Sem tempo para ficar em pânico, corri até ela e a peguei em meus braços.

— Abner — choramingou.

— Vai ficar tudo bem, amor.

Pelo menos era o que eu queria acreditar.

— *No* deixe que *yo* o perca — pediu chorando.

— Não vou deixar — afirmei.

Daria minha vida pela deles. Meus irmãos saíram do meu caminho enquanto corria para fora com ela nos braços. Tentei não me assustar quando percebi que a cabeça dela pendurou para trás.

Tinha desmaiado.

Brian estava jogado no sofá e se levantou imediatamente quando me viu. Perguntou o que aconteceu, mas eu não podia responder. Não sabia onde encontrar minha voz. Do lado de fora, meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pai esperava dentro de um carro já ligado. Entrei com ela no banco de trás e ele acelerou para fora.

Ethan estava no banco da frente e Elliot atrás comigo. Não sei se eles falaram alguma coisa, eu só conseguia ouvir meu sangue pulsando forte em meus ouvidos.

Não podia perdê-los.

Assim que o carro parou na frente do hospital, Elliot me ajudou a tirá-la de dentro. Logo alguém a arrancou dos meus braços e correram para dentro com ela. Seguimos a maca e fui barrado em uma porta. Cheio de raiva soquei a porta e queria bater no enfermeiro que me barrou também.

PERIGOSAS ACHERON

— É a minha mulher, o meu filho — gritei.

Ele não se abalou.

Ethan e Elliot me seguraram com força. Eu só queria ficar com eles, só precisava disto. Todos pediam que eu me acalmasse, mas como faria isto? Eles eram a minha vida e estavam em risco.

Deus, por favor, não os leve de mim. Implorei assim que me soltaram.

Andei de um lado para o outro. Aflito. Angustiado.

Doutora Beatriz logo apareceu no meu caminho, com uma expressão séria disse que Carol tinha acordado e que eles iniciariam uma cesariana de

emergência. Pedi para entrar, ela não deixou de início. Então, fiz o que sei fazer muito bem, *gritei e ameacei*. Ninguém tinha o direito de me impedir de ficar com minha mulher.

Ela não queria ceder, mas meu pai se meteu na conversa. A persuadiu de aceitar e disse que eu não iria me acalmar enquanto não estivesse com Carolina. Graças a Deus ela deixou, ou eu seria capaz de bater naquela mulher. Arranquei o colete a prova de balas do meu corpo e o joguei no chão antes de segui-la.

Ela me deu ordens claras, deveria me manter calmo e não assustar ainda mais Carolina.

— O que aconteceu para ela ficar assim?

Olhei para aquela médica com impaciência. Ela culpava-me com o olhar. Terminei de lavar minhas mãos e braços, uma enfermeira me ajudou a vestir uma roupa esterilizada.

— Invadiram nossa casa, armas, lutas e tiros — resumi. — Eles a queriam, mas agora estão no inferno por tentarem tocar no que é meu.

Não esperei para ouvir qualquer resposta dela, coloquei a máscara sobre meu nariz e boca e segui na direção onde sabia que Carolina estava. A sala de cirurgia estava cheia de enfermeiros e mais dois médicos ajudariam a Dra. Beatriz. Fui direto para a mulher pálida sobre a maca.

Assim que me viu, lágrimas desceram por seu

PERIGOSAS ACHERON

rosto.

— Abner — sussurrou.

— Vai ficar tudo bem, querida, vocês vão ficar bem.

Quis gritar e obrigar que ficasse bem. Mas fiquei firme e mostrei confiança a ela. Limpei as lágrimas de suas bochechas e me sentei na cadeira que colocaram ao lado dela para mim.

Meu coração estava apertado, ela usava oxigênio e tinha um olhar cheio de medo.

— Não vou perdê-los, vai ficar tudo bem — digo baixo e firme.

Ela acenou concordando. Seguro sua mão e

PERIGOSAS NACIONAIS

encaro seus olhos o tempo todo. A cirurgia começou cinco minutos depois. Fiquei ali, fazendo carinho em seu rosto e tentando ser confiante. Enquanto por dentro estava em pânico. O medo já me tinha por completo.

A colocaram de lado e o anestesista fez o seu trabalho com eficiência. O tecido erguido me impedia de ver a cirurgia. Fiquei grato por isto, não saberia lidar com a imagem de alguém cortando a barriga da minha mulher.

O tempo passava tão devagar que acredito que me enlouqueceria. Mas precisava manter Carol tranquila. Sussurrei para ela o tempo todo o quanto eu a amava.

PERIGOSAS ACHERON

Um choro forte me fez arregalar os olhos. Carolina sorriu emocionada e um minuto depois um bebê vermelho e com ótimos pulmões foi colocado em meus braços. Seu choro irritado acalmou meu coração. O embalei nos braços emocionado por sentir o calor de seu pequeno corpo. Olhei para minha mulher e ela chorava feliz.

O coloquei em seu peito e ela beijou a cabeça cabeluda do nosso pequeno Arthur.

— Nosso bebê — disse emocionada.

— Sim, nosso filho.

Ela sorriu e o beijou novamente.

Uma enfermeira se aproximou e disse que

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava pegá-lo. Concordamos e Carol sorriu feliz para mim. Seus olhos piscaram com lentidão, mas parecia feliz.

— *Yo amo vocês* — sussurrou.

Fiquei alarmado ao ouvir os apitos das máquinas de monitoramento.

— Carol? Amor?

Ela me olhou de novo e sorriu de um jeito cansada.

— Sempre vou amar — sussurrou e fechou os olhos.

— Carolina? Abra os olhos! — ordenei em pânico. — Pelo amor de Deus, não faça isto

PERIGOSAS ACHERON

comigo.

Ela não me respondeu.

— Senhor, precisa sair.

— Não.

Tentei protestar, mas num piscar de olhos fui empurrado para fora. Se eu não estivesse em pânico, teria colocado aqueles enfermeiros no chão por me impedirem de ficar ao lado dela. No entanto, não consegui reagir.

Minhas pernas me levaram até a sala de espera. Minha família, os amigos de Carol e seus tios estavam ali. Todos me olharam ansiosos.

— Abner? — Minha mãe chamou minha

atenção.

— Diga-nos como eles estão. — Meu pai pediu.

Dei mais um passo à frente e senti que cairia no chão. Mãos fortes me agarraram. Elliot e Ethan me colocaram sentados em uma cadeira.

— Arthur está bem? — Elliot perguntou.

Acenei concordando.

— Carolina? Ela está bem? — Ethan perguntou.

Comecei a tremer, tirei a máscara e a touca cirúrgica que ainda usava. Acenei que não e todos ficaram tensos.

Alice se jogou sobre mim e me abraçou com força. Meu corpo tremeu mais forte, estava em

completo pânico com medo de perdê-la.

Não retribui o abraço de Alice, mas comecei a chorar como um garoto perdido. Não poderia viver sem ela. Ela precisava resistir. Não podia me deixar para trás. Não podia. Alice soluçou alto, então, a abracei.

Quando ela se acalmou, me abraçou mais forte e deixou que meus irmãos ficassem comigo. Saiu do meu colo e foi de encontro a Brian. Ele estava sentado e calado do outro lado da sala. Tinha as roupas sujas de sangue e alguns machucados. Jamais poderia ser grato o suficiente pelo o que ele fez hoje por mim. Além de proteger minha mulher, ele salvou minha vida. Eu estava muito irritado

para pensar. Precisava salvar minha mulher e acabei colocando minha vida em risco.

Fabricio consolava Katia. Minha mãe estava agarrada ao meu pai. E os tios de Carolina estavam abraçados. Todos estavam com medo do que poderia acontecer. Levantei aflito e comecei a gastar minha energia caminhando de um lado para o outro.

Se eu ficasse parado, iria enlouquecer. Não conseguia dizer quanto tempo tinha passado. Mas pareciam horas ou até mesmo dias.

Encostei minha testa na parede fria e fechei meus olhos. Logo os dela brilharam em minha mente. As esmeraldas mais lindas que já tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

visto. Brilhantes e intensos. Seu rosto tão belo e seus cabelos bagunçados sobre nossa cama. O sorriso jovial que me dava todas as manhãs.

Não podia perdê-la.

Sua voz doce e decidida. Sua pele macia e bronzeada.

Não me esquecia de um único detalhe que pertencia a ela.

Assim como não me esquecia do choque que senti quando me celular tocou com uma mensagem. O quarto do pânico tinha sido ativado. Fiquei louco. Estava com a equipe de Marco em uma pista falsa para prender Matsueda. Era uma armadilha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para me afastar dela. Aquele homem queria tirar minha vida sem me matar, quando algo acontecesse a minha mulher e meu filho, eu estaria morto por não saber lidar com a perda.

O desespero estava me atingindo tão forte, que pensei que cairia sobre meu maldito traseiro.

— Vai ficar tudo bem, Abner. — Ethan disse ao meu lado.

— Não posso perdê-la — murmurei derrotado.

— Você não vai. — Elliot afirmou.

Não disse mais nada, fiquei ali encostado naquela parede como se minha vida estivesse por um fio.

PERIGOSAS ACHERON

Um tempo depois ouvi doutora Beatriz chamar por mim. Não queria ouvi-la dizer que eu tinha perdido a mulher da minha vida. Sentia a dor se espalhar por meu corpo, envolvendo-me como uma manta.

— Abner! — Minha mãe disse preocupada.

Virei-me e encarei aquela mulher, mal podia enxergá-la por causa das lágrimas contidas em minhas pálpebras.

— Arthur está perfeitamente bem e saudável — disse de início.

Acenei concordando. Sabia que ele estava bem desde o momento que o peguei em meus braços

PERIGOSAS NACIONAIS

chorando com toda sua força. Ela respirou fundo e devagar antes de falar da minha mulher.

— Carolina perdeu uma quantidade significativa de sangue — disse com suavidade. — Não consegui facilmente fazer com que o útero dela se contraísse depois do parto. Isto fez com que ela perdesse a consciência e uma queda drástica de pressão.

Ouvia cada palavra atentamente.

— Foi difícil, mas consegui reestabelecer os sinais vitais dela. Porém, por tudo que enfrentou, seu corpo precisou achar um meio de se manter. E esse meio foi o coma, ela entrou em coma, senhor Stabler.

PERIGOSAS ACHERON

Coma.

Mal consegui respirar depois que ouvi isto.

— É um mecanismo de defesa do corpo...

Fechei meus olhos incapaz de ouvir o que aquela mulher dizia. Nada mudaria o fato de que ela estava em coma. Eu não era um idiota, sabia que tinha a possibilidade dela acordar amanhã ou daqui um ano.

Ou nunca.

O tremor que passou pelo meu corpo foi tão forte que achei que meus ossos quebrariam. Minhas pernas estavam tão bambas que comecei a deslizar pela parede incapaz de me manter em pé. Mãos me

PERIGOSAS NACIONAIS

agarraram e eu sabia que eram Ethan e Elliot.

Meu coração batia tão forte no peito. Não fui capaz de responder os chamados da minha família. Fui levantado e colocado em uma maca um tempo depois. Não estava desmaiado, estava em pânico. Não conseguia respirar e com o choro ficou tudo ainda pior.

Ela era o meu oxigênio.

Sem ela, sentia-me afogando com meu próprio ar.

Sabia que minha família estava toda dentro daquele quarto enquanto minha alma se partia. Ela não estava morta, mas as possibilidades de que não

PERIGOSAS ACHERON

acordasse nunca mais estavam presentes.

Ouvi doutora Beatriz dizendo que iria me dar um calmante, mas meu pai a proibiu. Fiquei grato por isto. Não queria me acalmar. Não queria dormir. Eu queria minha mulher bem e saudável ao meu lado.

Não tinha noção de tempo, mas aos poucos fui me acalmando. E tristeza encheu meu peito. Quando voltei a abrir meus olhos encontrei meus irmãos sozinhos no quarto. Estavam escorados ao lado da porta e tensos.

Sentei-me incapaz de encará-los. Puxei as roupas cirúrgicas do meu corpo e as joguei no chão.

Minha cabeça doía tanto que pensei ser possível

que meu cérebro saísse pelo nariz. Encarei meu jeans cargo sem muita emoção.

Como voltaria para casa sem ela? Como deitaria em nossa cama sem abraçar seu corpo depois de fazer amor? Como respiraria sem o meu oxigênio?

Eu estava condenado.

Pulei para fora da cama determinado a ir vê-la. Elliot abriu a porta, ele e Ethan sabiam o que eu ia fazer sem que precisasse dizer.

Eles me seguiram para fora, Ethan mostrou o caminho e logo a encontrei. O quarto tinha uma parede de vidro, ela ficaria ali em observação pelas primeiras vinte e quatro horas ou mais. Doutora

PERIGOSAS NACIONAIS

Beatriz estava naquele andar e quando me encarou, não perdi a compaixão em seu olhar.

Ela me disse que eu poderia ir dentro do quarto por alguns minutos, mas depois precisava ficar do lado de fora. Carolina tinha acabado de sair de uma cirurgia e não seria bom se pegasse alguma infecção. Concordei com a cabeça incapaz de formar palavras. Ela me levou até uma área de higienização e me fez lavar as mãos e os braços. Deu-me outro par de roupas esterilizadas e deixou que entrasse no quarto.

Minhas pernas se moveram automaticamente para perto de Carol. Pálida sobre aquela cama ligada a inúmeros aparelhos. Eu me sentia fraco.

PERIGOSAS ACHERON

Peguei sua mão e o leve calor dela aliviou um pouco meu coração.

Implorei em pensamentos que se recuperasse logo. Que seus olhos se abrissem e que ela falasse comigo. Que teimasse e me irritasse com sua petulância.

Segurei um soluço, queria ter disposição para falar com ela. Mas se eu abrisse minha boca, iria desmoronar novamente.

Fiquei ali pelos vinte minutos que me foi permitido. Uma enfermeira me chamou e disse que não poderia mais permanecer no quarto. Beije a testa de Carolina antes de, relutantemente, sair.

Meus irmãos estavam ainda do lado de fora,

observando minha mulher pelo vidro.

Três poltronas foram colocadas na frente da parede de vidro do quarto dela, sentei na do meio. Tirei aquela roupa esterilizada e a joguei sobre meus pés. Apoiei meus cotovelos nos joelhos e escondi meu rosto nas mãos. Respirei devagar e com calma, não podia entrar em pânico novamente. Precisava ser forte, cuidar do Arthur, e aguardar ansiosamente o momento em que ela acordaria.

Era só um momento difícil, mas passaria e voltaríamos a sermos felizes.

Senti alguém se abaixando a minha frente. Olhei e vi Ethan pegando as roupas que tinha jogado no chão. Ele as levou até o lugar de descarte. Elliot se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentou ao meu lado e depois Ethan ocupou o outro assento.

— Alice? — perguntei baixou.

— Foi embora com os nossos pais. — Ethan respondeu.

— Cacete de mulher teimosa, não queria ir, mas insistimos. Mamãe também teimou, mas desistiu depois de um tempo. — Elliot falou.

— Convencemos as duas de irem arrumar outra casa para vocês. — Ethan disse e eu me senti grato.
— Acreditamos que depois de tudo não querem ficar mais naquela.

Acenei concordando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Venda àquela e compre outra.

— Papai vai cuidar disto. — Ethan informou.

— Brian?

— Inteiro. — Ethan respondeu.

Acenei concordando.

— Vão para casa descansar — digo baixo sabendo que eles não iriam.

— Eu não vou, estou à procura de uma enfermeira gostosa em um uniforme curto e um quarto vazio. — Elliot disse e deu de ombros.

— Bastardo. — Ethan o repreendeu.

Voltamos a ficar em silêncio enquanto velávamos o sono da minha mulher. Elliot não fez

PERIGOSAS ACHERON

nenhuma piada, mostrando o quão estava abalado com tudo aquilo. Ethan ficou quieto com uma expressão de preocupação. E eu não desviei meus olhos dela, esperando pelo momento em que acordaria.

O dia passou tão lento como poderia. Não consegui comer nada, nem mesmo com a insistência dos meus irmãos. Não poderia. Ninguém se atreveu a tentar nos tirar dali, sabia que meu pai tinha dado um jeito de que nos permitissem ficar sentados ali por quanto tempo fosse preciso.

Observei as enfermeiras entrarem no quarto dela, cuidarem dos medicamentos e anotarem

algumas coisas. Um médico também passou por lá durante a madrugada. Não me disse nada. Eu também não perguntei. Sabia que ela não tinha mudado nada, continuava da mesma forma. Pálida e deitada sobre aquela cama tentando se manter viva.

Em algum momento o sono me pegou, estava exausto e quando acordei fiquei puto. A cabeça de Elliot estava no meu ombro e a de Ethan encostada na minha.

— Porra nenhuma! — xinguei.

Eles acordaram assustados.

— Querem colo, porra? — questionei. — Vão

PERIGOSAS NACIONAIS

para casa e para suas camas, cacete.

Começaram a rir baixo por causa do horário e local em que estávamos.

— Bastardos.

— Somos irmãos, somos — responderam.

Voltamos a encará-la pelo vidro e todo humor se foi. Meu coração ficou tão pesado que não achei ser possível aguentar. Suspirei e voltei a velar seu sono, assim como meus irmãos. O cansaço me pegou novamente um tempo depois, quando acordei já tinha amanhecido. O barulho de enfermeiras e médicos correndo me assustou, mas eles iam em direção contrária. Alguém em um dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quartos tinha falecido naquele momento. Olhei para Carolina e fiquei grato por ela ainda lutar pela vida.

Meus irmãos não estavam do meu lado e eu esperava que não estivessem aprontando no hospital com alguma enfermeira. Levantei sentindo as costas doer, encostei no vidro do quarto e fiquei observando-a. Meus olhos se encheram com lágrimas contidas. Meu peito inflou com tristeza.

— Abner?

— O que foi, Elliot?

Olhei para os dois e vi que tinham tomado banho. Usavam ternos pretos e seguravam um copo de café.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arrumamos um quarto para você tomar um banho. — Ethan disse e me entregou o café.

Acenei concordando.

Precisa de um banho para despertar e relaxar um pouco o corpo. Olhei novamente para ela e suspirei antes de me virar e seguir meus irmãos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Setenta e Nove

Abner Stabler

Terminei o nó da minha gravata, o banho e as roupas limpas realmente ajudaram a espantar um pouco do meu cansaço. Estava me sentindo bem por fora, mas por dentro tão cru de uma forma que nunca estive antes. Sem dizer nenhuma palavra, puxei o terno por meus braços e ajeitei nos meus ombros. O terno preto igual ao dos meus irmãos, nos deixava ainda mais parecidos. Ele também mostrava meu estado de humor no momento.

Juntei todas as minhas coisas na bolsa e acenei que deveríamos sair.

— Pedimos para uma enfermeira preparar o Arthur para você vê-lo. — Ethan disse me surpreendendo.

Não pretendia ir vê-lo agora, queria continuar vigiando Carol. Mas acenei concordando.

— Ela o levará para uma sala de amamentação e terá privacidade, podemos ficar todos lá — informou.

Novamente acenei.

Saímos juntos do quarto e na porta entreguei a bolsa para Ricardo. Caminhamos para o elevador e fomos para o berçário. Ethan acenou para uma pessoa e a mulher disse que a enfermeira já estava

nos aguardando na sala. Antes de abrir a porta já podíamos ouvir o choro aborrecido do meu filho.

Abri a porta um pouco irritado, acreditando que a enfermeira não estava cuidando bem dele. Entrei puto e pronto para brigar com aquela mulher. Uma senhora de meia idade o balançava nos braços enquanto ele gritava. Seu rostinho estava vermelho por causa do esforço e meu coração se encheu de amor ao vê-lo tão bem, apesar do choro.

— Qual o problema? — perguntei ríspido.

— Ele não quer mamar. — Ela respondeu calma.

Com Carolina em coma ele teria que usar

PERIGOSAS NACIONAIS

mamadeiras. Era um ótimo motivo para fazer aquele escândalo todo.

Sem pedir permissão, peguei meu bebê da enfermeira. Ela não se abalou com meu jeito, e eu não tinha paciência para educação naquele momento. O aconcheguei ao meu peito sentindo uma emoção estranha. Arthur ainda chorava alto, mas eu o embalei em meus braços.

— Ei, Arthur, é o papai, se acalme — murmurei em seu ouvido.

— Tente tirando o terno e a camisa, o calor dos pais são ótimos calmantes. — A enfermeira disse conseguindo minha atenção.

PERIGOSAS ACHERON

Acenei concordando e ela o pegou de volta. Fui rápido para me livrar do meu terno, gravata e camisa. Quando a senhora devolveu meu filho, ela também o havia despido, deixando Arthur somente de fralda. O coloquei em meu peito um pouco em pé e com cuidado o apertei em meus braços.

Sentir o calor do seu pequeno corpo me abalou. Ele estava vivo e chorando em plenos pulmões, dando-me a certeza de que ficaria bem. Beijeí sua cabeça cheia de cabelos finos negros e o balancei enquanto murmurava que estava tudo bem. Tinha o direito de chorar por não ter aquilo que merecia. Tinha toda a razão de chorar por falta do abraço de sua mãe. E com toda certeza tinha razão em chorar

por querer estar com ela.

Eu mesmo tinha feito aquilo. Chorado como um bebê quando a notícia sobre o seu coma chegou aos meus ouvidos. Aos poucos ele se acalmou, soluçou algumas vezes. Fiquei de frente para a grande janela que tinha naquela sala, beijei novamente seus cabelos e afaguei suas costas. Olhei para seu rosto enrugado de recém-nascido e encontrei seus pequenos olhos me encarando. Tão verde quanto os de Carolina. Seus pequenos e perfeitos lábios tremiam por causa do choro e do soluço.

— Está tudo bem, filho — murmurei para ele.

— Eu também a quero.

O balancei mais um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan e Elliot vieram ficar ao meu lado, e em silêncio olhamos para a imensidão dos prédios a nossa frente.

— Você é um bom pai, Abner. — Elliot disse sério.

Não respondi, continuei ali apreciando o momento.

— O que está pensando, Abner? — Ethan perguntou.

Não o respondi de início, um pouco do passado estava presente na minha mente. Lembro exatamente do momento em que carreguei o corpo frio daqueles anjinhos. Hoje eles poderiam estar

PERIGOSAS ACHERON

entrando na adolescência e me deixando de cabelos brancos com travessuras.

Desejava que de onde eles estavam, que estivessem bem.

— Em como sinto o calor do corpo dele — murmurei e senti as lágrimas se formarem em meus olhos.

Ethan pegou meu ombro devagar e me fez encará-lo. Seus olhos também brilhavam.

— Seu Arthur, está muito bem e sempre vai estar — disse suavemente. — Vai poder abraçá-lo sempre que quiser e sentirá o calor dele. Não se torture mais com lembranças do passado, os

gêmeos estão bem, e agora você tem uma família para cuidar — aconselhou.

Acenei concordando e Elliot ficou ao meu lado, sorriu de forma travessa como sempre fazia e disse:

— Se ele continuar chorando assim, como um autêntico Stabler, irá sentir também dor de cabeça e sono quando começar a gritar de madrugada.

— Bastardo. — Eu e Ethan o xingamos.

— Somos irmãos, somos — respondeu rindo.

Afrouxou a gravada e a tirou.

— Por que está tirando a roupa, idiota? — Ethan o perguntou.

— Também quero carregá-lo desta forma —

respondeu enquanto tirava o terno. — Estou meio em dúvida se ele é realmente filho de Abner, o garoto é minha cara.

Segurei o impulso de revirar os olhos com impaciência.

Elliot sendo Elliot.

— Não sei se percebeu, mas somos trigêmeos.
— Ethan disse tirando a gravata. — Ele também é minha cara.

— Não vou respondê-los — digo e eles riem.

A enfermeira continuava na sala, estava calada e quieta, mas segurava o riso. Elliot foi o primeiro a tomar Arthur dos meus braços. Meu filho

choramingou e seu pequeno queixo tremeu. Mas meu irmão o balançou devagar enquanto dizia a ele que era *o tio mais lindo* que tinha. Elliot realmente não conhecia o sentido da palavra limites quando o assunto era o tamanho do seu ego. Mas Arthur se aquietou apreciando o carinho que recebia.

Ethan foi o próximo, o pegou como se fosse quebrar, não podia julgá-lo. Sentia-me assim também quando o colocava em meus braços. Éramos muito grandes para segurar um bebê tão pequeno como o Arthur, mas nada nos impedia de fazê-lo.

Ethan ninou seu sobrinho com o carinho de um pai. Olhando para meus irmãos, eu sabia que eles

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre amariam e cuidariam do meu filho como se fossem seu. Não tinha como expressar minha gratidão. Sentei na maior poltrona que tinha e observei *minhas cópias* competirem pela atenção do pequeno Arthur. Falavam baixo, mas competiam quem seria o melhor tio.

Um tempo depois, meu filho começou a choramingar novamente. A enfermeira informou que ele estava com fome. Pedi que me desse a mamadeira, que tentaria fazê-lo tomar. Ethan me entregou ele e eu coloquei a pequena mamadeira nos lábios de Arthur. Ele se interessou por um momento e, então, fez uma careta ameaçando chorar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filho, é o que tem para o momento.

Tentei novamente e ele virou o rosto chorando.

— Arthur, precisa ficar forte para quando a mamãe acordar — insisti. — Vamos lá, garoto, só um pouquinho.

Ele fez outra careta e para minha surpresa começou a mamar.

Acabei sorrindo ao perceber que consegui convencê-lo. Não sabia se ele me entendia, mas acreditei que naquele momento sabia que era o melhor a se fazer. Ficaria aflito e preocupado sabendo que meu filho estava passando fome. Jamais permitiria, mesmo sem saber o que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Esse lindo menino tem sorte em tê-lo como pai. — A enfermeira disse.

Acenei para ela e voltei a olhar meu filho.

...

Foi difícil devolvê-lo para a enfermeira, porém, fui obrigado a fazer. Ele ficaria ali por mais um tempo em observação, a pediatra disse que queria fortalecer mais seu imunológico. Como nasceu de oito meses, precisaria de um pouco de atenção. Não era nada alarmante, uma precaução. Eu somente concordei, não teria o que fazer a respeito.

Meu celular vibrou com uma mensagem, fiquei puto com o que li, mas resolvi ir ao encontro de

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcelo. Ethan e Elliot me acompanharam até o consultório onde alguém me aguardava, na porta Marcelo fez cara de paisagem para mim.

Não lhe dei atenção, abri a porta e entrei deixando todos do lado de fora.

Xavier se virou para me olhar.

Encostei na porta em silêncio, não estaria naquele hospital se ele não tivesse colocado a irmã em perigo. Seus olhos estavam vermelhos mostrando que esteve chorando. Tinha engordado um pouco e parecia diferente do moleque que levou uma surra minha.

Nos encaramos em silêncio. Ordenei que ele não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saísse do apartamento e ele insistiu em vir até o hospital depois que soube que a irmã estava em coma.

Ele suspirou e levantou a camisa até o peito. Sem entender, olhei para o seu dorso. Tentei não demonstrar nada em meu rosto quando vi a quantidade de cicatrizes que tinha em sua pele pálida. Várias marcas de queimadura em um formato arredondado. Eram grandes demais para serem de cigarros, acredito que sejam de charutos. E também quatro cortes de uns cinco centímetros cada. Todos em processo final de cicatrização.

Ele apontou para a cicatriz, que provavelmente era de alguma faca, na região das costelas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa foi a última facada que levei —
murmurou.

Levantei meu olhar e encarei seus olhos.

— Matsueda me torturou por quinze dias —
contou. — *Yo no* aguentava mais nada e *no* queria
morrer — abaixou a camisa.

Não sabia onde Xavier queria chegar com
aquela conversa, mas fiquei quieto esperando que
continuasse.

— Nada justifica o que fiz, mas quando recebi
esse último ferimento... sentia-me incapacitado de
pensar — disse baixo e conciliador. — Acreditei
que estava ficando louco por causa de tanta dor.

PERIGOSAS ACHERON

Havia dias que não comia ou bebia um único copo de água — contou com o rosto endurecido para não mostrar suas emoções. — Acabei falando sobre você e Carol na tentativa de me salvar, porque acreditei que você poderia mantê-la segura.

Ele abaixou o olhar.

Eu não me importei, sabia que estava sendo sincero. Antes de Carolina me perdoar, eu sempre abaixava o olhar para que ela não visse o quão cruentia-me por dentro. Meus olhos eram fáceis de ler naqueles momentos de tamanha fragilidade.

Xavier fazia o mesmo do que eu, evitava se mostrar mais do que o necessário. Ainda existia algum orgulho dentro dele. Compartilhar sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tanto sofrimento e humilhação nunca era fácil, eu sabia disto.

— Ele poupou minha vida, jogou-me em um beco e deixou-me lá para morrer sozinho com todos aqueles ferimentos — continuou. — Um rapaz me encontrou e me ajudou, a humanidade daquele homem me salvou.

Conhecia algo parecido ligado à minha própria história.

Engoli em seco.

— Mandeí uma mensagem para Greg assim que pude e pedi para que ele te informasse — contou. — Minha irmã precisaria de muita segurança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desejei poder voltar no tempo e ter sido morto nas mãos daquele homem e nunca ter colocado a vida dela em perigo — engoliu com dificuldade. — Cortes, queimaduras, socos, afogamento, algumas costelas quebradas... foram o mínimo que ele me causou. Tirou-me a dignidade — calou-se.

Fechei os olhos quando ele não conseguiu concluir sua frase.

Tirou-me a dignidade, repeti em minha mente.

Ele tinha sido estuprado, constatei rapidamente com pesar. Aquilo realmente me desestabilizou. Ninguém merecia passar por isto, por tamanha humilhação. Ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

Quando voltei a olhar para ele, Xavier não me encarava, olhava para os próprios pés e tremia de leve.

— Gostaria de vê-la uma última vez — sussurrou. — Prometo nunca mais perturbá-la — jurou. — A culpa sempre estará comigo e será castigo suficiente. *No* mereço o perdão da minha irmã, mas *yo* só... só...

— Venha comigo — interrompi.

Foi a única coisa que eu disse antes de sair do consultório. Passei por meus irmãos e segui para o elevador com Xavier a dois passos atrás de mim. Entramos juntos e ficamos calados até o andar em que ela estava internada.

Fui direto até a primeira enfermeira que vi depois que saí do elevador. Ela me encarou assustada de início, mas depois relaxou.

— Leve-o para se preparar para visitar Carolina Callejas. — A ordem na minha voz não deixou brechas para ela contestar.

Acenou concordando e pediu para que ele a seguisse. Fiquei na frente do quarto encarando minha mulher deitada sobre aquela cama hospitalar com o coração apertado. Depois de tudo que ouvi de Xavier, sabia que mais do que nunca ele precisava de ajuda para superar tudo o que passou. Ele estava visitando doutor Green uma vez por semana, pago por mim, escoltado por meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguranças para que Matsueda não tivesse a oportunidade de pegá-lo. Agora com o homem morto, não precisaria mais de escolta. Precisaria de ajuda para encontrar seus próprios caminhos. Para deixar para trás tudo o que enfrentou sendo torturado, para esquecer toda humilhação.

Por mais que eu o odiasse por ter colocado Carolina em perigo, agora sentia como se estivesse olhando para mim mesmo anos atrás. Fui forte em suportar toda aquela tortura, mas minha teimosia levou a morte dos gêmeos. Xavier suportou por um longo tempo, até mais do que eu, enfrentou toda humilhação e se rendeu no fim acreditando que eu poderia proteger sua irmã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não era melhor do que ele. Apesar das circunstâncias diferentes, nós dois tínhamos experimentado extrema dor, colocamos alguém importante em perigo e carregamos o peso da culpa.

Percebi quando ele parou do meu lado.

Acenei que entrasse.

— *Gracias* — murmurou.

Ele hesitou em empurrar a porta de vidro e depois entrou devagar. Parou ao lado da irmã e seu corpo tremeu de leve. Podia ver seus ombros rígidos estremecendo. Pegou com carinho a mão de Carolina e ficou ali parado por dez minutos.

PERIGOSAS ACHERON

Depois se virou para sair de cabeça baixa. Passou pela porta, acenou para mim, ainda sem levantar sua cabeça e caminhou para longe. Observei ele descartar suas roupas esterilizadas e depois entrar no elevador sem tirar seus olhos do chão.

Suspirei e voltei para minha vigília. Sentei-me e fiquei perdido em meus próprios pensamentos. Percebi quando meus irmãos se sentaram ao meu lado um tempo depois. Vigiamos ela por toda a noite novamente e quando amanheceu, Carolina foi levada para alguns exames e depois para outro quarto.

Tinha completado com eficiência o pós-

PERIGOSAS ACHERON

operatório. Não teve nenhum agravante e agora só precisava acordar.

Só dependia, unicamente, dela.

Não saí do seu lado um único instante, por longos quatro dias velei seu sono. Murmurei até a rouquidão tudo o que sentia em seu ouvido. Chorei agarrado a sua mão diversas vezes, enquanto descarregava em palavras toda aquela dor que sentia. A saudade estava sufocando-me a cada minuto que Carol passava perdida dentro do próprio corpo.

Tentava não perder as esperanças, mas era tão difícil mantê-la viva dentro de mim. Também passei bastante tempo com Arthur, fazia questão de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estar presente e amamentá-lo. Meus irmãos também marcaram presença tanto com Carolina, quanto com Arthur. Assim como minha família, os amigos dela e seus tios. Todos ansiosamente presentes aguardando o momento em que ela abriria seus lindos olhos esmeraldas e nos daria o alívio em ouvir sua voz novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Oitenta

Carolina Callejas

A primeira coisa que vi quando abri meus olhos foi o teto branco. Não lembrava direito do que tinha acontecido. Não entendia o que estava acontecendo, mas sentia-me sufocada com um tubo que entrava em minha garganta. Percebi que era um hospital.

Tentei não me desesperar ou entrar em pânico. Olhei ao redor do quarto e vi lindas rosas de diversos tons diferentes enfeitando cada canto que olhava. Meus olhos passearam por todo o quarto e parou sobre a figura sentado de costas para mim na

ponta da cama. Mexia em alguma coisa e seus ombros tremiam.

Abner.

Ele soluçou baixo e eu não entendia o que estava acontecendo. Preocupada, senti minha respiração agitar e o barulho da máquina foi extremamente alto. O barulho fez minha cabeça doer.

Abner se virou rápido e surpreso, me encarou. Deu um pulo se erguendo depressa de onde estava sentado.

— Carolina... amor... Oh meu Deus! — Ele engasgou, o pânico se alastrou em mim.

Por não conseguir falar ou me expressar.

— Fique calma, por favor, só... fique calma...

Respirei fortemente, tentando me controlar, estava ficando sufocada com a quantidade de ar que sugava. Comecei a tossir.

Ele apertou um botão acima da cama e logo um médico entrou. Seu rosto estava tenso, parecia com medo de que algo grave estivesse acontecendo comigo. O médico suspirou aliviado ao encontrar meus olhos abertos. Junto com Abner ajudou que eu me acalmasse. Disse que tiraria o tubo e eu só fui capaz de acenar concordando.

— Não vai conseguir falar agora, precisará de algumas horas antes que suas cordas vocais voltem a funcionar perfeitamente — informou o médico.

Acenei concordando.

Abner segurou minha mão quando o médico tirou o aparelho que me ajudava a respirar. Ele me examinou rapidamente e me explicou algumas coisas, antes de sair e me deixar com Abner.

Senti os braços dele me rodearem em um abraço sufocante, mas totalmente reconfortante.

— Eu te amo muito, graças a Deus você acordou
— murmurou enquanto chorava na curva do meu pescoço.

O abracei de volta, mesmo com meus movimentos lentos, e o confortei. Não sabia o porquê, mas sentia uma saudade inexplicável dele.

Nós dois nos confortamos por um longo tempo. Quando ele ergueu o olhar, seus olhos estavam vermelhos e seu rosto molhado de lágrimas. Sentia-me completamente grata de poder experimentar um amor tão puro e forte como aquele que havia entre nós dois.

Arthur.

Arregalei meus olhos quando percebi que não o sentia se mexer na minha barriga. Fiquei agitada, olhei na direção do meu abdômen e não achei a minha barriga de grávida. A cor fugiu do meu rosto e eu queria gritar de pânico. Abner foi rápido em entender o que estava acontecendo comigo. Segurou meu rosto com firmeza e fazendo-me

encará-lo.

— Ele nasceu e está completamente bem.

Fechei meus olhos e deixei o pânico sair. Lembrei-me de tudo nesse exato momento. A invasão na nossa casa. Brian lutando com vários bandidos. Abner quase morreu por um tiro pelas costas. Ele entrando no quarto do pânico e me prometendo que não perderíamos nosso pequeno Arthur. Depois era vago, mas lembrava-me de vê-lo carregando nosso filho e sorrindo emocionado para mim.

Meu bebê estava bem.

Quando abri meus olhos, o vi me encarando

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupado. Sorri e ele me beijou. Depois abraçou-me fortemente.

— Pensei que fosse perdê-la.

Neguei com a cabeça, ele nunca me perderia. Olhei em volta do quarto, tentei falar, mas a voz não veio. Fiquei frustrada.

— Quer saber o que são todas essas rosas? — perguntou.

Acenei que sim.

— Eu estava perdido sem você, praticamente morei nesse hospital essa semana, desde que a trouxe — contou. — Como não acordava, comecei a comprar rosas, uma atrás da outra. Cortei os talos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e Alice trouxe os vasos. Era isto o que eu estava fazendo antes de você acordar, preparando mais algumas flores para enfeitar o seu quarto... Te daria o mundo se fosse possível... Acreditei que as rosas fariam seus dias menos monótonos.

Segurei seu rosto e o beijei devagar. Era minha forma de agradecer e dizer o quanto o amava. Não era beijo de língua, só selinhos muito demorados. Naquele momento, aquilo me bastava.

Afastei quando lágrimas molharam o meu rosto. Não eram minhas e sim dele. Acenei que não deveria mais chorar. Mas ele não fez questão de me atender. Deitou sua cabeça no meu peito e chorou ainda mais forte. Não aguentava vê-lo assim. O

PERIGOSAS ACHERON

abracei com o máximo de força que tinha e deixei que liberasse toda aflição que sentia.

O amava tanto.

Ficamos abraçados por um longo tempo. Ele se acalmou, mas não me largou. Voltei minha atenção para a porta e sorri ao ver Elliot e Ethan me encarando surpresos.

— H..ola... — forcei a voz e a encontrei rouca.

Elliot foi o primeiro a sorrir, Ethan logo abriu seus lábios em um bonito sorriso.

— Estava quase te beijando para ver se acordava. — Elliot disse ainda sorrindo.

Neguei com a cabeça sem conseguir esconder o

sorriso. Ele sempre seria impossível.

— Graças a Deus! — Ethan exclamou com os olhos brilhando de emoção.

Pisquei para eles. Se aproximaram, mas Abner não me largou. Continuou com o rosto deitado em meu peito e tremia de leve. Fiz um carinho em seus cabelos e ele levantou o olhar para mim. Seus olhos brilhavam com algumas lágrimas, mas também tinha um brilho único. Um brilho que derreteu toda a frieza sempre daquele olhar.

— Eu te amo — disse baixo.

Sorri para ele.

— Yo... tam..bém ... o amo

Abner suspirou parecendo aliviado e se ergueu deixando seus irmãos se aproximarem. Meus cunhados beijaram minha testa e não paravam de sorrir.

— Quan.to.. tem.po...

— Seis longos dias. — Abner respondeu.

— Arthur.

Consegui falar o nome do meu filho sem falhar.

— Lindo e saudável. — Ethan garantiu.

— O moleque é minha cara. — Elliot afirmou e riu alto.

Abner bateu na nuca dele.

— Não chame meu filho de moleque —

repreendeu.

Elliot riu concordando e eu voltei a olhar para Abner.

— Vou buscá-lo para ficar com você. — Ele prometeu.

Acenei concordando hipnotizada por seu sorriso.

Amava quando ele sorria para mim.

— E eu vou avisar a família que nossa bela adormecida despertou. — Ethan disse.

Fiquei sozinha com Elliot.

Ele sorriu com seu jeito de menino travesso e se sentou ao meu lado.

— Estou muito feliz em vê-la acordada, Carol.

Acenei, ainda estava difícil formar palavras.

— Você não corre nenhum perigo mais — informou. — Matsueda foi morto. Seu filho nasceu bem e saudável. E, graças a Deus, você despertou de um coma — sorriu jovial. — Apesar de tudo isto, o fato que mais me alegra é ver o brilho de volta nos olhos do meu irmão. Abner sofreu muito durante essa semana com o medo de que você nunca mais acordasse.

O tom baixo e sério de Elliot era novo para mim. Mas pude ver o homem que tem por trás de suas brincadeiras bobas e seu bom humor. Talvez até mesmo o juiz renomado que era.

— Talvez seja como Alice sempre diz, um
PERIGOSAS ACHERON

cordão umbilical imaginário ainda nos liga — brincou levemente. — Mas eu e Ethan sentimos o mesmo tamanho da dor que ele sentiu. O acompanhamos a cada segundo em que passou de vigília sobre você e também as vezes que esteve com Arthur. Você ficará impressionada ao ver como ele é um bom pai, nasceu para isto.

Sorri emocionada.

A cada segundo, Abner provava o quanto me amava. Jamais poderia duvidar. E todo aquele sentimento me aquecia, me fazia feliz, dava-me forças. Eu o amava de volta com a mesma intensidade.

— Acredito que a partir de hoje, só terá motivos

PERIGOSAS NACIONAIS

para sorrir — garantiu. — Nem vou pedir que faça meu irmão feliz, não sou cego, você o faz feliz desde o primeiro momento em que estiveram juntos — sorriu. — Abner e você não merecem nada menos que a felicidade. Tenho certeza de que ele será um pai e um marido incrível.

— Também tenho certeza.

Ele sorriu abertamente e me abraçou com carinho. Seu abraço era reconfortante, dando-me a certeza de que poderia contar com ele sempre. Ethan e Alice pensavam da mesma forma. Assim como meus sogros e o homem que abalou meu mundo. Sempre poderia contar com os Stabler, eram minha família agora.

PERIGOSAS ACHERON

A porta se abriu e Ethan entrou seguido de Abner.

Ele tinha nos braços um pequeno embrulho azul, nossos olhos se encontraram e sorrimos emocionados. Elliot se afastou e deixou seu irmão se sentar onde estava.

— Olhe a mamãe, filho. — Abner disse com carinho para o pequeno embrulho.

Ansiosa, inclinei-me para poder ver o rostinho do meu bebê. Seus pequenos olhos verdes estavam abertos encarando o pai. Era fácil visualizar a cumplicidade que já existia entre eles. Abner sorriu para mim e com cuidado passou nosso filho para meus braços. Emocionada, o aconcheguei ao meu

PERIGOSAS ACHERON

peito. Olhava-me atento e meu sorriso aumentou.

Era difícil conter a emoção. Tinha criado uma vida. Aquele pequeno menino tão perfeito. Um pedacinho meu e de Abner. Eternizando o amor entre nós.

Cheirei seu cabelinho negro e o beijei de leve.

A porta se abriu e algumas pessoas entraram. Meus sogros e Alice. Meus amigos, Katia, Max, Fabricio, Jaque e Brian. E meus tios, Carlos e Solange.

Sorri para eles que me olhavam com lágrimas nos olhos.

Voltei a olhar para o meu filho e me senti a

pessoa mais feliz do mundo. Nunca mais estaria sozinha a mercê da solidão. A prova disto era o pequeno em meus braços e a família que me rodeava. Faltava Xavier, mas ele seria uma preocupação para outro momento.

— Meu *hijo* — sussurrei emocionada.

Arthur fechou os olhos, dormindo no berço dos meus braços.

Abner se inclinou para frente e beijou minha testa demonstrando seu carinho e proteção. Então, nós dois olhamos para aquela pequenina vida que criamos.

O amor era um sentimento que compartilhamos

mesmo no meio de inúmeras dificuldades. E esse mesmo sentimento nos ajudou a superar cada barreira que a vida nos impôs, mostrando-se forte suficiente para tornar aquela relação possível. Fazendo com que fôssemos felizes depois de uma jornada tão longa e difícil. E o mais importante de tudo, cicatrizamos o passado e criamos o fruto de um amor tão intenso.

Nosso pequeno Arthur.

Fim.

Epílogo

Abner Stabler

Dois meses tinham se passado desde o nascimento do Arthur. Nos mudamos para a casa nova que foi preparada por minha família. Carolina se recuperou totalmente. E a cada segundo que se passava, eu ficava ainda mais apaixonado pela família que agora tinha.

Quando respirava, sentia-me leve. Quando fechava meus olhos, sentia-me leve. Quando dormia, sentia-me leve.

Essa leveza era produto da felicidade que sentia.

Eu era um homem feliz.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de tudo tinha encontrado minha felicidade e nada nesse mundo poderia me tirar aquela sensação de leveza. Quando carregava meu filho no colo sempre me emocionava ao sentir o calor de seu corpo. Amava quando ele me encarava e sorria ao me reconhecer. Não gostava muito quando golfava em mim, ou nas vezes que tentei trocar sua fralda ele me molhava com urina. Realmente não era divertido.

Mas eu amava aquele garotinho, minha pequena cópia.

Minha vida.

Meu filho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora o segurando em meus braços, sentia-me ansioso diante de todos os convidados na igreja. Segurava Arthur para conseguir me manter calmo. Ou eu iria atrás dela. Arrastaria até o altar e me casaria com ela em menos de cinco segundos.

Sentia-me quase aflito com a sua demora.

Alice parou na minha frente com uma expressão de brava.

— Se acalme.

Ela tomou Arthur dos meus braços, ia protestar, mas ela fechou a expressão para mim.

— Ela já está a caminho, fique calmo e pronto para dizer sim.

PERIGOSAS ACHERON

— Bastarda.

Sorriu inocente.

— Somos irmãos, somos.

Sorriu docemente como se não tivesse me afrontado e saiu para ficar ao lado de Ethan e Elliot no altar. Fiquei ainda mais impaciente em não ter o que fazer com as mãos. Pelo menos antes Arthur me distraía.

Olhei para o fundo da igreja e o encontrei sentado no último banco. Xavier. Ele me pediu para assistir à cerimônia. Não neguei. Desde o dia que nos encontramos no hospital, eu o via com outros olhos. Tinha ficado afastado como prometido. Mas

PERIGOSAS NACIONAIS

eu contei para Carol um pouco do que ele tinha compartilhado. Não queria expor a ela tudo, mas ainda não estava pronta para perdoá-lo. Disse que seria muito difícil porque ele não colocou somente ela em perigo, mas nosso filho também. Não poderia discordar, mas hoje eu me via nele.

Não era capaz de julgá-lo.

Sentado no canto, mantinha a cabeça baixa. Isto era o peso da culpa, sabia como estava se sentindo. No último mês, ele estava trabalhando em uma lanchonete no centro. Recebia um salário e vivia no apartamento que disponibilizei. Estava se esforçando. Recebia relatórios diários sobre tudo o que fazia. No trabalho ia bem, se mantinha quieto e

PERIGOSAS ACHERON

fazia tudo o que pediam. Depois ia direto para casa e permanecia lá até o próximo dia de trabalho. Nos fins de semana ou folga, se trancava dentro do apartamento. Saía para ir ao doutor Green todas as terças. E a única vez que saiu foi para ir ao cemitério visitar o túmulo dos pais. Espero que em algum momento ele encontre algo que o distraísse da culpa, que não o faça mal, mas que o ajude.

Acreditava que em algum momento Carolina iria perdoá-lo, só precisava de tempo e ver que ele tinha mudado.

Fiquei tenso quando os músicos começaram a tocar. Olhei para a porta de entrada, que estava fechada, mas que se abriu como num passe de

PERIGOSAS ACHERON

mágica.

E lá estava ela.

Exuberante, envolta em seu vestido de noiva. Claro que era justo e o decote tentadoramente sensual. Obra de Alice. Mas não me importei. Contava cada passo que dava na minha direção.

Ansioso.

Perdi-me quando sorriu para mim na metade do caminho. Era a mulher mais linda de todo o mundo. Ninguém poderia superá-la. E muito menos pôr a prova o amor que nos envolvia. Impaciente, caminhei até ela, estragando o que já tinha ensaiado antes onde eu teria que esperar pacientemente por

ela no altar.

Porra nenhuma.

Como se eu tivesse alguma calma em meu sangue.

Ou fosse um homem submisso que aceitaria esperar ou acatar ordens.

Ignorei o protesto de minha mãe e Alice. Fui tão rápido até ela, como um animal em direção a sua presa. Parei na sua frente e seu tio Carlos sorriu para mim.

— Cuide bem dela, rapaz — disse tentando soar ameaçador.

— Sempre — garanti.

Apertei sua mão e ele virou voltando para o fundo da igreja.

— *No* era assim que tínhamos ensaiado. — Ela sussurrou sorrindo.

— Não consegui evitar.

Ela sorriu mais abertamente. Seus olhos estavam ainda mais destacados com sua maquiagem. Seus lábios rosados. O brilho no seu olhar era o que me mantinha vivo. A felicidade estampada em suas esmeraldas.

— Linda.

— *Gracias.*

Deus, eu precisava casar com essa mulher e

transar com ela. Pensei ansioso.

Tinha dois meses que não fazíamos nada. Completamente nada. Queria beijá-la até o ar faltar, bagunçá-la toda, mas aquele não era um bom lugar e momento para isto. Respirei fundo e devagar, segurei o rosto dela e beijei sua testa.

— Eu te amo — sussurrei.

Ela sorriu e seus olhos lagrimejaram.

— *Yo* também o amo.

— Você é minha vida.

Desci minha mão por seu pescoço e a segurei pela nuca, debaixo do seu penteado e tomando cuidado para não desarrumá-la.

— Vamos lá, Abner, não temos o dia todo. —
Elliot gritou do altar fazendo os convidados rirem.

Ouvi minha mãe o repreendê-lo.

Beijei de leve os seus lábios e me afastei rápido antes que meu irmão falasse mais uma vez. Peguei a mão da minha futura esposa e a levei para frente do altar. A cerimônia deu início e eu não posso garantir que ouvi tudo o que o padre disse. Estava unicamente focado na mulher que tinha ao meu lado. Apesar de toda doçura dos meus sentimentos, naquele momento não conseguia pensar em nada doce. Minha mente estava unicamente focada em como tiraria o vestido do corpo dela. Como a carregaria para o nosso quarto. Principalmente para

PERIGOSAS ACHERON

descobrir o que vestia por baixo daquele elegante vestido branco.

Somente me concentrei quando tive que responder ao padre.

Ficamos um de frente para o outro e eu peguei suas mãos. Estavam suadas, estava tão nervosa e ansiosa quanto eu. Levei suas mãos aos meus lábios e beijei uma de cada vez, sem tirar meus olhos dela.

— Abner Stabler, aceita Carolina Callejas como sua esposa, para amá-la e respeitá-la até o fim da sua vida?

— Aceito.

— Carolina Callejas, aceita Abner Stabler como

PERIGOSAS NACIONAIS

seu marido, para amá-lo e respeitá-lo até o fim da sua vida?

— Aceito.

— Repita os votos.

Acenei concordando.

— Eu, Abner Stabler, recebo-te por minha esposa, a ti prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e doença, por todos os dias de nossa vida. — Minha voz saiu rouca pela emoção.

Ela sorriu.

Como eu amava aquele sorriso.

— Eu, Carolina Callejas, recebo-te por meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marido, a ti prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e doença, por todos os dias de nossa vida. — Sua voz suave recitando aqueles votos acalmam meu coração ansioso.

— Alguém nessa igreja tem algo a dizer que impeça esse casamento? Diga agora ou cale-se para sempre. — O padre diz.

Quem tivesse tal ousadia, seria jogado para fora em menos de um minuto. Todos ficaram em silêncio e quando o padre tentou retornar a cerimônia alguém gritou.

— Eu! — A voz de Elliot ecoou na igreja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu e Carolina olhamos para Elliot, ela pasma e chocada, eu furioso e muito puto.

Iria matá-lo!

Sua única sorte no momento era que estava carregando meu filho em seus braços. Em algum momento socaria aquela *cara bonita dele*. Meu pai foi o primeiro a reagir, deu um tapa na nuca dele.

— Ai, eu só estava brincando — resmungou Elliot.

Um coro na igreja o repreende.

Volto o olhar para minha noiva e ela ria.

— Não ria, isto vai ter troco.

— Vou ajudá-lo, alguém tem que pará-lo —

PERIGOSAS ACHERON

prometeu.

O padre dá uma risadinha antes de voltar a falar.

— Então, como não há nada que impeça essa união, eu vos declaro marido e mulher.

Aplausos e assovios enchem a igreja. Assinamos alguns papéis da nossa união e depois de mãos dadas, caminhamos para fora. Olho na direção onde Xavier estava e o vejo saindo por uma porta lateral, Carol não tinha percebido sua presença.

— Abner? — A voz do padre nos faz parar no meio do caminho.

Voltamos a olhá-lo e ele riu animado. Franzi a testa confuso.

— Pode beijar Carolina pela primeira vez como sua esposa.

Sorri, estava com pressa de acabar logo a cerimônia que não me lembrei do beijo.

— Isto que é pressa para a lua de mel! — Ethan brinca fazendo os outros rirem.

Segurei sua cintura de forma possessiva, ela enlaçou meu pescoço com seus braços, segurei seu rosto e a beijei.

Aquele beijo selou nossa união. De agora em diante ela era minha de todas formas, e carregar meu nome era a última delas. Nossos lábios dançavam calmos e sensuais. Sabiam a quem

pertenciam. Quem os completava. Elliot gritou que eu deveria largá-la e risos ecoaram na igreja.

A largaria naquele momento. Mas aquela mulher pertencia, unicamente, a mim.

— Minha esposa — sussurrei.

— Sua.

Jim

Capítulo Bônus

Xavier Callejas

Quatro anos depois.

Sentei-me ofegante em minha cama. Fechei as mãos em punhos para fazer o tremor passar. Minha pele estava tão quente que parecia pegar fogo. O suor cobria cada centímetro do meu corpo. Minhas cicatrizes pareciam dilatar, lembrando-me da dor que senti ao ganhar cada uma delas.

Peguei meu celular e vi que ainda eram quatro da manhã. Suspirei. Levantei e fui em direção do meu banheiro. Agora um pouco maior do que do outro apartamento que morava. O local pago por

Abner Stabler. Tinha conseguido sair de lá há seis meses e adquirido meu próprio apartamento.

Depois de dois anos trabalhando em uma lanchonete, reencontrei o homem que me ajudou quando Matsueda jogou-me em um beco qualquer para morrer. Ele me ofereceu um emprego em sua empresa de segurança. Por sorte, Samuel, não se importou com os meus erros. Fiquei surpreso quando ele me ofereceu o emprego e muito grato.

Tirei a boxer que usava e entrei debaixo da ducha fria. Precisava acalmar meu coração acelerado e resfriar minha pele em chamas.

Samuel deu-me a vaga de assistente do seu hacker principal. Sempre fui bom com

PERIGOSAS ACHERON

computadores e a oportunidade veio em uma boa hora. Apreendi muita coisa e ganhei um salário muito melhor. Vendi o meu antigo apartamento, o que comprei com a herança dos meus pais, e com mais um valor que juntei consegui pagar quase todo o valor do meu lugar novo.

Era algo só meu, que me esforcei para conseguir. Agradei a Abner pela ajuda e me mudei. Vivia bem melhor do que antes e dava muito valor a cada coisa que adquiria. Saí de debaixo do chuveiro, enxuguei-me e fui atrás de uma roupa. Coloquei um conjunto de moletom e tênis de corrida.

Desde a surra que Abner me deu, nunca me

PERIGOSAS ACHERON

esquecia de suas palavras.

“Se quer ser um merda de um viciado, que seja por outra coisa. Vá se viciar em sexo, limpeza, comida, ou qualquer outro tipo de coisa que te mantenha longe de problemas.”

Então, nunca mais coloquei um cigarro na boca, nenhuma gota de álcool ou qualquer outro tipo de drogas. Mas me viquei em exercícios físicos, era a única coisa que mantinha minha cabeça no lugar e esgotava minhas energias.

Peguei minha chave e saí do prédio. Acenei para o porteiro da madrugada e comecei a correr pelas ruas. Hoje era um daqueles dias onde me sentia tentado a usar alguma droga. Era meu aniversário

PERIGOSAS ACHERON

de vinte e quatro anos. Nunca me senti tão só na minha vida quanto hoje quando acordei depois de mais um pesadelo. Tinha se passado quatro anos, mas para mim parecia que foi ontem. Não tinha mais uma família por perto. A morte dos meus pais me levou a loucura enquanto crescia. Mas colocar Carolina em perigo me matou por dentro. Acreditei que ela ficaria segura tendo os Stabler a protegendo.

Deveria ter morrido naquele dia.

Nunca mais seria o mesmo, além da culpa, não foi fácil lidar com meu próprio corpo depois de quinze dias sendo torturado e abusado.

Demorei um ano e meio para ter coragem de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tocar em uma mulher. Não conseguia me imaginar praticando sexo com ninguém. Foi bom me libertar e ter uma mulher em meus braços. Apesar que depois quando fui embora, sentia-me perturbado. Mas superei aquela noite e consegui ter outros encontros.

Sexo se tornou o meu segundo vício.

Não era mais tão magro como antes e isto atraía a atenção feminina. Além de correr um pouco todos os dias, posso usar a academia da empresa que trabalho e há dois anos malho como um louco. Meu corpo esquelético tomou forma, muitos músculos bem distribuídos. Também comecei a praticar artes maciais no trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo isto me mantém longe de qualquer confusão e minha cabeça no lugar.

Ofegante, retornei para o meu prédio uma hora depois. Subi para minha casa e comecei a me preparar para o trabalho. Não tinha um carro, apesar de ter conseguido a licença para dirigir no mês anterior, então, precisava sair cedo para pegar o metrô. Não poderia comprar um agora, mas continuaria a juntar minhas economias.

Depois de mais um banho, vesti uma camisa social branca e calça preta. Não tinha dinheiro para ternos e muito menos me via vestindo um. Calcei meus sapatos pretos bem engraxados. Peguei minha mochila e saí de casa. Fechei o portão e travei

quando vi o Jeep preto na frente do prédio. O segurança saiu do banco do motorista e eu o reconheci. Era um dos homens dos Stabler. Ele abriu a porta de trás e Abner saiu. Vestido com um dos seus ternos caros e um óculos escuro, ele parou na minha frente.

Um segundo depois, um pequeno saiu do carro conseguindo minha atenção.

Arthur, meu sobrinho.

Abner o trazia para passar um tempo comigo uma vez por mês a pedido da minha irmã. Ela ainda não tinha me perdoado, mas era generosa o bastante para não me privar de vê-lo. Também tinha a pequenina Amy, mas eu só a tinha visto duas vezes

PERIGOSAS NACIONAIS

desde que nasceu. Ainda era muito pequena para ficar longe de sua mãe.

— Tio — disse com sua voz infantil e sorriu para mim.

Abaixei ficando do seu nível e ele abraçou meu pescoço como sempre fazia. O conforto daquela inocência partia-me por dentro. Eu quase o matei com meu egoísmo. *Ele e sua mãe*. Não fazia ideia que ela estava grávida, mas nada justificava. Levantei com ele em meus braços.

— Como vai, rapazinho?

— Compramos um presente para você — disse me surpreendendo.

PERIGOSAS ACHERON

Um presente para mim?

Olhei para Abner, ele deu de ombros.

— Arthur ouviu Carolina dizendo que hoje era o seu aniversário.

Eu estava tenso, ela ainda se lembrava mesmo mantendo-se longe. Acenei concordando e pus Arthur no chão quando pediu. Puxou uma sacola de dentro do carro e sorridente me entregou.

— Fui eu quem escolhi — disse orgulhoso.

Ele não tinha nenhuma dificuldade de fala, surpreendia por sua idade.

— Obrigado, tenho certeza que vou gostar.

Ele acenou e pediu ao pai o celular para jogar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abner o entregou e depois voltou a me encarar.

— Tem uns minutos para tomar um café? — Ele perguntou.

Tinha que trabalhar, mas depois de tudo o que ele fez para me ajudar não soube negar. Acenei, ele carregou Arthur e caminhamos para o café que tinha do outro lado da rua.

Entramos e ele pediu um café puro. Arthur viu uma torta de morango na vitrine e quis um pedaço, Abner fez uma careta de quem não gostava da preferência do filho por doces. Soube que o marido da minha irmã era diabético e evitava açúcar a todo custo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pedi um cappuccino, o mais simples e barato. Não podia gastar muito por causa das últimas prestações do meu apartamento. Precisava sempre economizar. Arthur comeu feliz sua torta com a ajuda do pai para limpar seu rosto toda vez que se sujava.

Esperei para saber o que queria comigo.

Observou-me por alguns segundos, era típico dele, ficar calado analisando ou tentando intimidar alguém. Já não me intimidava com seu olhar, já não era mais aquele jovem covarde e inconsequente.

— Como vai o trabalho? — perguntou.

Franzi a testa para sua pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem — respondi.

Ele acenou e deu atenção para algo que Arthur disse. Depois voltou a me olhar.

— Deve estar achando estranho que eu o chamei para um café.

Acenei concordando.

Abner suspirou e coçou a barba.

— Depois que Arthur decidiu que queria vim vê-lo, percebi que mesmo depois de todos os seus erros, não merece mais essa solidão que tem vivido.

Não o respondi.

Não queria falar com ninguém sobre isto.

Já era obrigado a ir toda semana no doutor

PERIGOSAS ACHERON

Green, no início não gostava do homem tentando saber o que se passava em minha mente. Mas depois me acostumei. Além do doutor, não sabia falar com mais ninguém sobre aquilo.

— Não sei se você se pergunta porque te ajudei, a verdade é que me via em todos seus erros — contou. — Assim como você, eu também não gosto de falar sobre isto e muito menos que toquem no assunto — surpreendeu-me. — Também fui torturado por alguns dias, dez para ser exato, sequestrado e quase morto. — Seu olhar endureceu. — E no final duas vidas inocentes morreram e a culpa sempre será minha. Fui teimoso em não ceder minha herança para os meus sequestradores e dois

bebês morreram. Crianças que eu acreditava serem meus filhos, mas fui enganado por uma mulher.

Estava pasmo por ouvi-lo falar tanto e também pelo que ouvia.

— Apesar de ter a minha família sempre comigo, estava morto e frio por dentro — continuou. — Machuquei pessoas com minha frieza, inclusive sua irmã, mas ela foi capaz de me perdoar... enfim... Tenho acompanhado seu progresso, seu crescimento, suas mudanças e posso afirmar que me orgulho do homem que se tornou, Xavier.

Desviei o olhar.

Não gostava que ele pudesse me ler com tanta facilidade. E como disse antes, hoje não era um bom dia para mim. Não sentia-me bem depois do pesadelo e da solidão que sentia.

Para minha sorte, Arthur nos interrompeu e começou a me contar sobre sua irmãzinha. Era visível o amor dele por ela. Contava animadamente como ela ria de suas caretas, ou como ela adorava puxar seus cabelos.

Tive que encerrar aquele inesperado encontro vinte minutos depois, precisava ir trabalhar. Abner tentou pagar o meu café, não permiti. Tinha meu orgulho, poderia pagar pelo menos o meu próprio café. Ele aceitou e me ofereceu uma carona até meu

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalho. Isto eu não neguei, estava atrasado, já tinha perdido o metrô.

Ele dispensou o segurança dizendo que iria dirigir. Depois de prender Arthur na cadeirinha, entramos no carro e ele me deixou na porta do trabalho. Agradei e me despedi deles.

O dia de trabalho foi longo, mas tentei me manter entretido o tempo todo. Quando finalizei meu expediente fui para academia que tinha no quinto andar do prédio. Troquei minhas roupas e malhei até a exaustão. Era o que eu precisava para desmoronar em minha cama. Tomei banho no vestiário e fui para a estação de metrô.

Uma hora depois cheguei em casa.

PERIGOSAS ACHERON

Sentei no meu sofá, no escuro da minha sala e fiquei assim por um longo tempo. Perdido naquela escuridão. Só me movi quando a campainha soou. Segurei um gemido de frustração, esperava não ser nenhum problema já que o porteiro não informou que alguém estava subindo. Levantei e olhei no olho magico. Fiquei surpreso em ver Carolina do outro lado.

Estremeci ansioso. Acendi a luz da sala e abri a porta. Ela também parecia ansiosa, carregava uma cesta de piquenique e me encarava com olhos marejados.

— O que aconteceu? — perguntei alarmado.

Não conversava com ela há quatro anos, a

PERIGOSAS ACHERON

última vez ela me estapeou tantas vezes que nem pude contar. E depois passou mal deixando minha culpa ficar ainda maior.

— *Sólo quería pasar el cumpleaños de mi hermano, con él.*

(Só queria passar o aniversário do meu irmão, com ele.)

O espanhol em sua voz me fez estremecer novamente. Não falava em espanhol há quatro anos, nenhuma única palavra. Era algo que fazia parte de quem eu era. E depois de todo desgosto que causei a Carolina e a memória dos nossos pais, não quis mais utilizar aquele idioma, como se ofendesse aqueles que tanto amava. Acreditei que

PERIGOSAS NACIONAIS

não merecia fazer parte desta família depois de causar tantos danos.

— Carol.

— *Yo te perdono a Xavier. Vamos a sanar el pasado.*

(Eu te perdoo, Xavier. Vamos cicatrizar o passado.)

Deixou sua cesta no chão.

Antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, ela me abraçou com força. Demorei um segundo para compreender suas palavras e reagir ao seu abraço. Envolvi meus braços ao redor dela e estremeci quando senti uma emoção me sufocar.

PERIGOSAS ACHERON

Não merecia o seu perdão, mas não conseguia pedir para que ela fosse embora.

— *Todo está bien, Xavier* — sussurrou. — *Está todo bien.*

Percebi que estava chorando e soluçando alto. Sentia tanto por fazê-la sofrer que me matava por dentro a cada palavra de consolo que me dizia.

Quando nos afastamos, ela sorriu para mim e limpou minhas bochechas. Fiz a mesma coisa com as delas e beijei sua testa. Ela pegou sua cesta e entrou sem precisar ser convidada. Fomos para a bancada da cozinha que a separava da sala e ela tirou tudo o que tinha dentro. Uma garrafa de suco de uva. Salgados folheados com recheio de frango e

PERIGOSAS ACHERON

queijo. E dois enormes pedaços de uma torta de chocolate. Disse que foi sua ajudante de casa que preparou tudo, Cida.

Comemos juntos e conversamos sobre diversas coisas. Ela falou mais do que eu, mas ouvi-la depois de quatro anos valia a pena.

Nunca teria imaginado que um dia tão ruim como o meu, terminasse de forma surpreendente.

E eu valorizaria cada pequeno momento.

A handwritten signature in a cursive script, appearing to read 'Jim', is positioned in the lower right area of the page.

PERIGOSAS NACIONAIS



Sobre a autora

Erika Martins, nasceu em São Domingos do Prata, mas ainda na infância mudou-se para João Monlevade com a família. Formada em contabilidade, resolveu trocar os números pelas letras. Apaixonada por romances, começou a escrever em um aplicativo para autores independentes, onde já alcançou a expressiva marca

PERIGOSAS ACHERON

de mais de 3 milhões de páginas lidas. Viciada em sorvetes, filmes e séries, passa boa parte do seu tempo escrevendo, acompanhada de uma boa música e seu inseparável Chá Mate.

Redes sociais:

Facebook: Erika Martins Autora

(<https://www.facebook.com/erikamartins.autora>)

Grupo Facebook :

<https://www.facebook.com/groups/577293462798038/?ref=bookmarks>

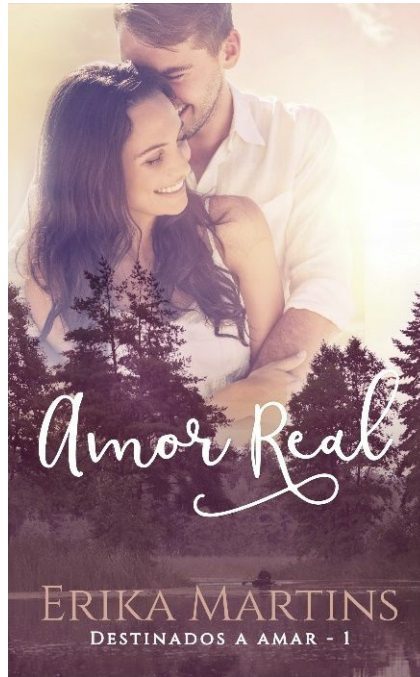
Instagram: @erikamartinsautora

Wattpad: @ErikaMartins20

PERIGOSAS NACIONAIS

*Conheça outros livros da
autora*

PERIGOSAS ACHERON



Sinopse

O quão real é o amor para você?

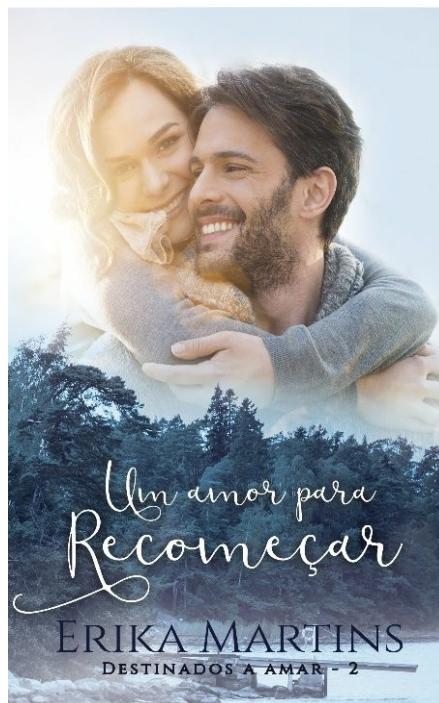
Já amou alguém em que pode afirmar com todas as letras que aquele sentimento era real?

Vitor e Sofia se encontram por acaso, talvez por obra do destino. Destino este, que os mostrou que estavam destinados a amar. O casal mostra todo o romantismo possível para um relacionamento verdadeiro, autêntico.

Sem muito drama e com uma grande parcela de humor, traz uma delicada história de amor e cumplicidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Sinopse

Já chegou ao ponto de desistir de encontrar sua outra metade? A acreditar que não existisse uma pessoa que se encaixasse perfeitamente a você e simplesmente desistiu?

Guilherme e Letícia desistiram, mas não esperavam que fossem marcados pelo destino para amar.

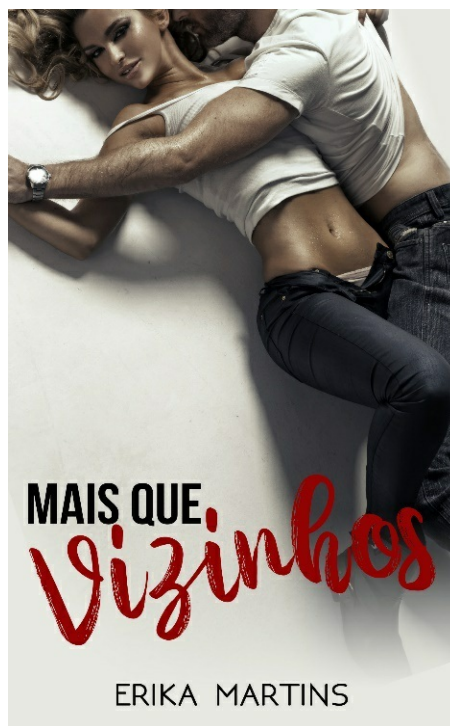
Mesmo sobre circunstâncias difíceis, os mais puros e belos sentimentos floresceram. E tudo o que eles precisavam fazer era aceitar aquele amor inesperado, aquela oportunidade de ter um amor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para recomeçar.

PERIGOSAS ACHERON



Sinopse

O que eles tem em comum? Salvam vidas.

Ela médica. Ele bombeiro.

Vizinhos.

Tudo começa com uma boa parcela de brigas, até o primeiro beijo. Aquele beijo que derruba barreiras que nem mesmo sabiam que existia. Um beijo que roubou todo o fôlego, deixou as pernas bambas e o coração acelerado.

Fred e Emma começam uma amizade seguida por um romance cheio de altos e baixos que os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

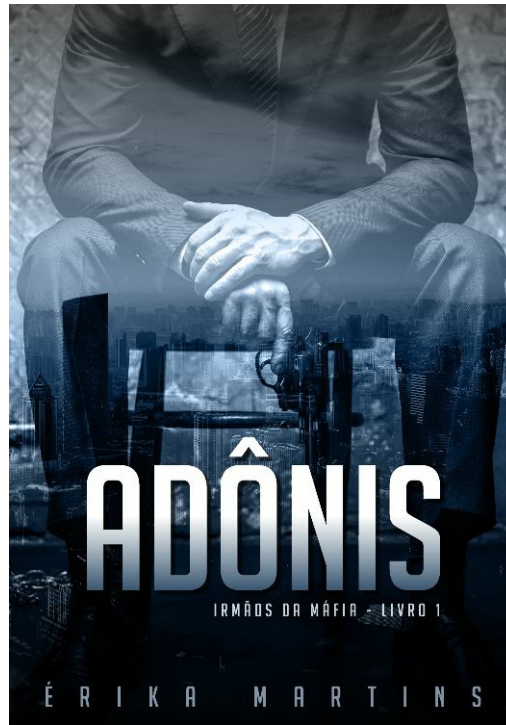
deixaram mais forte, mais unidos.

Afinal, quem resiste ao amor?

Quem sabe o mais tolo dos teimosos, no entanto, teimosia não mantém o cúvido longe. Isto foi o que eles descobriram ao decorrer de cada capítulo.

Venha conferir!

PERIGOSAS ACHERON



Sinopse

Nada mais seria da mesma forma depois que Adônis Albertini colocou seus olhos sobre a pequena ruiva, que agora era sua prisioneira. Ele não saberia explicar o que sentiu quando seus olhos encontraram os dela. A única certeza que tinha, era que nunca poderia machuca-la. Quando pela primeira vez em sua vida experimentou um sentimento chamado, compaixão.

O medo e a fragilidade que exibia de forma tão crua o atraiu. Era como se seu demônio interior

PERIGOSAS NACIONAIS

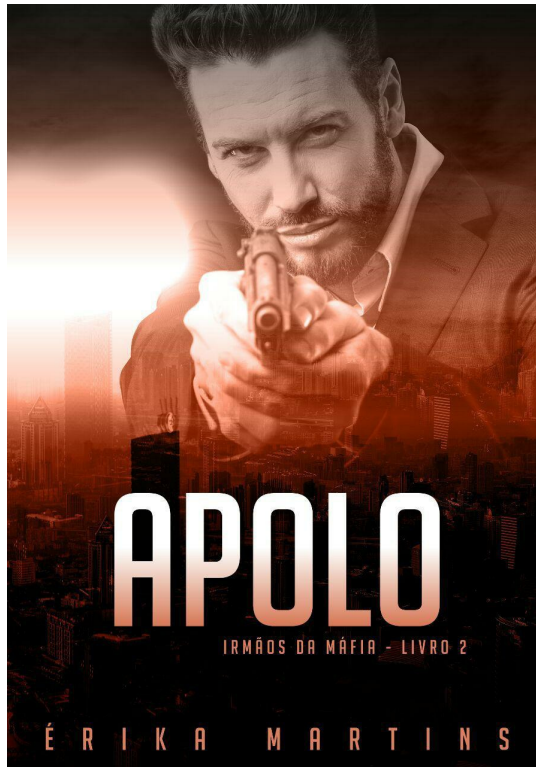
estivesse hipnotizado pela beleza natural e pura que ela ostentava. Giulia. Sua nova e única protegida.

Quem a machucasse enfrentaria o pior dele.

Adônis sempre teria inimigos, mas sua única preocupação era se render aos sentimentos que pela primeira vez experimentava.

E o maior deles era o amor.

PERIGOSAS ACHERON



Sinopse

Seu sorriso e o ar de despreocupado eram sua marca de perigo.

Apolo acredita que não nasceu para amar, para ter família. A fera que o habitava estava sempre a superfície, fazendo-o cruel e vil. Acreditava que nunca iria se apaixonar, que morreria sozinho e sem ninguém para ama-lo. Pretendia seguir com esses planos por toda a vida, pois não desejava submeter terceiros no mundo em que dominava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, a vida estava pronta para prova-lo o contrário. Que todos tinham a oportunidade de serem amados. O único problema era conseguir manter esses sentimento acima de qualquer diferença.

Depois de um erro.

Um pequeno erro.

Apolo se viu perdido e descontrolado.

Seu maior medo tinha se tornado realidade e não existia a menor possibilidade de fugir. Ele tentou, mas não era homem de correr de problemas.

O único jeito era ficar e enfrentar aquilo que mais temia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

OBRIGADA!

PERIGOSAS ACHERON